



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

CONTRIBUIÇÕES PARA A RECONSTRUÇÃO DO PROTOPÁNO

BRASÍLIA
2014

SANDERSON CASTRO SOARES DE OLIVEIRA

CONTRIBUIÇÕES PARA A RECONSTRUÇÃO DO PROTOPÁNO

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

Coorientador: Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues.

BRASÍLIA
2014

SANDERSON CASTRO SOARES DE OLIVEIRA

CONTRIBUIÇÕES PARA A RECONSTRUÇÃO DO PROTOPÁNO

Esta tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília.

Brasília, 28 de fevereiro de 2014.

Professora e orientadora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Dra. (Presidente)
Universidade de Brasília

Beatriz Carreta-Corrêa-da-Silva, Dra. (Membro efetivo)
Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da UnB

Profa. Enilde Leite de Jesus Faulstich, Dra. (Membro efetivo)
Universidade de Brasília

Prof. Andrébio Márcio Silva Martins, Dr. (Membro efetivo)
Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Terrence Kaufman, Dr. (Membro efetivo)
Pittsburgh University

Profa. Pilar Valenzuela Bismarck, Dra. (Suplente)
Chapman University

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central
da Universidade de Brasília. Acervo 1015802.

O48c Oliveira, Sanderson Castro Soares de.
Contribuições para a reconstrução do Protopáno /
Sanderson Castro Soares de Oliveira. - - 2014.
491 f. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de
Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas
Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.

Inclui bibliografia.

Orientação: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral ;
Coorientação: Aryon Dall'Igna Rodrigues.

1. Linguística histórica. 2. Índios da América do Sul –
Línguas. I. Cabral, Ana Suelly A. C. - (Ana Suelly Arruda
Câmara). II. Rodrigues, Aryon Dall'Igna. III. Título.

CDU 809.8

Aos povos indígenas, que me fizeram ver a pré-história de outro modo. E, em especial, aos Korúbo, por serem um símbolo de resistência e luta, marca da história dos povos indígenas.

À minha mãe, que, “desde que me entendo por gente”, fez tudo para me dar condições de chegar aqui e me ensinou a ser autônomo e livre.

A Aryon Dall'Igna Rodrigues (*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Muito embora, nesta etapa, eu tenha optado por fazer um trabalho bastante distinto do que havia feito no mestrado, a ideia de que qualquer trabalho é fruto de um esforço coletivo permanece. E por mais que tenha sido um trabalho bastante diferente do primeiro, a vivência em campo, o convívio diário com povos distintos e a experiência com línguas e culturas diversas estiveram presentes em boa parte da trajetória desta tese. Deixarei, talvez, de agradecer a pessoas que me ajudaram de forma indireta a chegar aos resultados desta tese. Por outro lado, incluirei pessoas a quem já agradeço, pois o resultado desse trabalho é uma consequência do que realizei no mestrado e também da iniciação científica na graduação.

À professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, para quem me faltam sempre a palavra e a forma certa de agradecer. Antes de qualquer coisa, a admiração pela pesquisadora incansável, comprometida a entender as línguas indígenas e a pré-história dos povos que as falam. Agradeço-lhe o convite para ingressar no Laboratório de Línguas Indígenas, em 2002, quando eu ainda era “um menino de cabelo comprido”, como ela mesma diz. A ela agradeço ainda por sempre acreditar em meu potencial e por me abrir portas; pela indicação de meu nome para realizar trabalho junto aos Korúbo, fato que me faz chegar à tese aqui apresentada; por me levar ao Acre, oportunidade em que pude conhecer um pouco mais das línguas Páno, e, finalmente, pela dedicação e apoio na fase final do trabalho, momento em que tudo estava ainda mais difícil e ela, mesmo assim, não deixou de acreditar em mim.

Ao professor Aryon Dall’Igna Rodrigues, por todos os ensinamentos ao longo de vários anos; pela sua serenidade e paciência ao ensinar jovens afoitos, quando esses ainda engatinhavam no fazer linguístico; pelos trabalhos apaixonantes que me inspiraram (e inspiram) e que me fizeram optar pela linguística histórica.

A ambos, pela convivência diária no Laboratório de Línguas Indígenas e pelo espírito livre que me possibilitou dedicar longos períodos à aprendizagem em campo. Agradeço ainda por me permitirem ver o debate, a reformulação ou, simplesmente, o nascimento de hipóteses.

Ao povo Korúbo, que me permitiu entender um pouco de sua língua, de sua cultura e de sua história; por me fazer entender que a história não está em um pedaço de papel, mas no que carregamos em nossas mentes e passamos aos nossos filhos; por ter me permitido entrar em suas vidas. Waxman, jamais me esquecerei dos momentos que passamos quando Tëkpa adoeceu. Takvan Tsusivo e Wanka, como não me emocionar ao lembrar do momento em que, quando Wanka estava doente, pai e filho me aceitaram como intérprete e confiaram em mim de tal forma que me sinto ainda agradecido. A Maya, Xikxu, Takvan Vakwë, Manis, Malu, Txitxopi, Luni, Vompa, Lëyo, Seatvo, Vali, Muna, Takvan, Tsamavo Vakwë, Pëkwin, Tosé, Toxi, Malevo, Lalanvet, Txitxopi Vakwë, Nanë e Tsamavó, obrigado por me fazerem conhecer outro mundo.

Aos indígenas Marúbo, Matís e Mayorúna, com quem pude conviver bem proximamente de 2007 até hoje, por tudo o que me ensinaram e, principalmente, por poder compartilhar, ainda que parcialmente, esses três mundos cobertos por essas línguas.

A Celso e Francisca Kaxararí, pela paciência com que me ensinaram aspectos de sua língua e pelo companheirismo de ambos no trabalho em Brasília.

À minha mãe, que me ensinou o valor do trabalho árduo. Mulher incansável, nunca teve medo de lutar pelos filhos e fez o seu máximo para nos dar sempre o melhor. Agradeço a ela, também, pela compreensão e respeito quanto às minhas decisões, que muitas vezes nos afastaram fisicamente.

Aos meus irmãos, Anderson Castro Soares de Oliveira, Eilson Castro Soares de Oliveira e Roselívia Soares Castro de Oliveira, e ao meu sobrinho João Vitor Martins Oliveira, que me acompanharam, me alegraram e me apoiaram em todos os momentos difíceis, mesmo a distância.

A Patrícia do Rosário Reis, por sempre se fazer presente e ser uma companheira exemplar, colocando-se, literalmente, ao meu lado durante vários momentos da escrita desta tese; por me lembrar de sempre manter o foco; por me dar a alegria de ser pai, no meio de uma tese. Agradeço também à nossa Manu, que nem nasceu e já nos traz alegria.

Ao amigo Pino, que, com seu jeito quieto e reservado, me fez entender que coragem não é dizer, é fazer.

Aos amigos Thiago Ribeiro e Thiago Moutinho, por terem cuidado da minha vida em Brasília durante os trabalhos de campo.

Ao amigo André Piaulino Cidade, pelo apoio no desenvolvimento desta tese, principalmente na qualificação e por uma conversa na biblioteca, que me fez tomar uma série de decisões quanto aos rumos do trabalho que apresento.

Ao amigo Fernando Orphão de Carvalho, por sempre estar disposto a discutir questões linguísticas e pelo incentivo, mesmo a distância; também por ter me ajudado a obter alguns textos.

À amiga Eliete de Jesus Bararuá Solano, que não só me acompanhou durante toda a graduação e parte do mestrado, como também me deu todo apoio em minha qualificação e que se fez presente até o final desta tese.

Aos amigos de biblioteca, Raíssa Menezes de Oliveira e Leandro de Melo Félix, com quem compartilhei horas de estudo e sem os quais essas horas teriam sido muito mais aborrecidas.

Ao amigo Jorge Lopes, pelas várias ajudas em momentos difíceis. Em especial, agradeço por ter conseguido recuperar uma versão anterior do apêndice desta tese, quando quase perco o arquivo ainda na metade do trabalho e por ajudar-me a formatar a versão final da tese.

Aos amigos do Laboratório de Línguas Indígenas, em especial a Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá, sempre disposto a discutir questões sobre sua língua e de me ensinar um pouco. Também a Suseile Andrade Sousa, pelo apoio logístico e burocrático nos momentos em que eu estava distante.

À professora Pilar Valenzuela Bismarck, por ter aceitado participar das bancas de qualificação e de defesa de minha tese, e pelas valiosas sugestões feitas em ambas as ocasiões; pelo incentivo constante para a realização desse trabalho; por sempre compartilhar conhecimentos e materiais e por ter me acompanhado a uma viagem a Pucallpa, onde pude conhecer um pouco sobre alguns povos Páno do Peru.

A Paul Hegartty, por ter aceitado participar de minha banca de qualificação e pelas valiosas sugestões que fez ao meu trabalho.

A Terrence Kaufman, Andérbio Márcio Silva Martins, Enilde Leite de Jesus Faulstisch e Beatriz Carretta Corrêa-da-Silva, por aceitarem participar da banca de defesa da tese e pelas valiosas contribuições que fizeram para a versão final do trabalho. Um agradecimento especial a Beatriz Carretta Corrêa-da-Silva, por ler algumas versões anteriores de parte do trabalho e pelas sugestões.

À Universidade do Estado do Amazonas, por conceder-me uma licença de 6 meses para a conclusão desta tese.

Aos professores do curso de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, Adriana Aparecida das Neves de Queiroz, Ana Letícia Ferreira de Carvalho, Elisabeth Costa, Gabriel da Cunha Pereira, Ilma Marques Obando, Josyane Malta Nascimento, Rocilange Salles Cabral e Sebastiana Fernandes Barros, que me apoiaram e aprovaram a minha saída para a conclusão do doutorado. Agradeço especialmente às professoras Adriana, Ilma e Rocilange, por aceitarem assumir minha carga horária para a minha saída, e também à professora Elisabeth Costa, que me apoiou desde antes de minha chegada ao Centro.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pela bolsa PROCAD, que me possibilitou o intercâmbio de ideias com a professora Márcia Maria Dâmaso Vieira.

À professora Márcia Maria Dâmaso Vieira, por ter me recebido no Rio de Janeiro e por ser tão aberta e paciente, por ter me ensinado questões de sintaxe que me proporcionaram uma melhor compreensão de fenômenos que ocorrem em línguas Páno.

Aos amigos de Tabatinga, sempre presentes e a me lembrar que “há uma tese para terminar”. Agradeço a Leonardo Peixoto, Pedro Rapozo, Raiana Ferrugem, Gisele Brito, Mariza Quércio, Patrícia Carvalho e Jean Echassoux, pelo companheirismo e pelos vários momentos alegres em Tabatinga. A Leopoldo Dias e Hermísia Pedrosa, por serem sempre animadores.

Aos amigos de república, das várias épocas, Rodolfo Carvalho, Eky Barradas, Fernando Marim, Rafael França, pelo companheirismo na jornada.

A Marcelo Jolkesky, a Thiago Chacon e a David Fleck, por terem me ajudado com material bibliográfico.

Aos funcionários da FUNAI de Tabatinga, em especial à senhora Idinilda Obando, que sempre me ajudou nos períodos em campo.

Aos funcionários da SESAI e da FPEVJ, que atuam ou atuaram no SEPE – Ituí-Itaquaí, em especial a Rieli Franciscato, Fabrício Amorim, Bernardo e Gustavo.

Aos funcionários da CGIIRC, em Brasília, que, desde 2007, têm possibilitado o meu trabalho junto aos Korúbo; em especial a Elias Biggio, Antenor Vaz, Wellington Figueiredo.

*Txai é fortaleza que não cai
Mesmo se um dia a gente sai,
Fica no peito essa dor.*

*Txai, este pedaço em meu ser
Tua presença vai bater
E vamos ser um só.*

*Lá onde tudo é e apareceu
Como a beleza que o sol te deu
É tarde longe também sou eu.*

*Txai, a tua seta viajou,
Chamou o tempo e parou
Dentro de todos nós.*

*Já vai, ia levando o meu amor
Para molhar teus olhos
E fazer tudo bem,
Te desejar como o vento,
Porque a tarde cai.*

*Txai é quando sou o teu igual,
Dou o que tenho de melhor
E guardo teu sinal.*

*Lá onde a saudade vem contar
Tantas lembranças numa só,
Todas metades, todos inteiros,
Todos se chamam txai.*

*Txai, tudo se chama nuvem,
Tudo se chama rio,
Tudo que vai nascer.*

*Txai, onde achei coragem
De ser metade todo teu,
Outra metade eu
Porque a tarde cai
E dona lua vai chegar
Com sua noite longa,
Ser para sempre txai.*

(Milton Nascimento/Lô Borges).

*Guaicurus, Caetés, Goitacazes
Tupinambás, Aimorés
Todos no chão
Guajajaras, Tamoios, Tapuias
Todos Timbiras, Tupis
Todos no chão
A parede das ruas
Não devolveu
Os abismos que se rolou
Horizonte perdido no meio da selva
Cresceu o arraial.*

*Passa bonde, passa boiada
Passa trator, avião
Ruas e reis
Guajajaras, Tamoios, Tapuias
Tupinambás, Aimorés
Todos no chão
A cidade plantou no coração
Tantos nomes de quem morreu
Horizonte perdido no meio da selva
Cresceu o arraial.*

(Lô Borges/Márcio Borges/
Milton Nascimento).

*Se muito vale o já feito,
Mais vale o que será
Mais vale o que será
E o que foi feito é preciso
Conhecer para melhor prosseguir*

(Milton Nascimento/Fernando Brant).

RESUMO

O objetivo desta tese é contribuir para a ampliação do conhecimento do que teria sido o Protopáno, língua provavelmente falada pelo povo que deu origem às diversas línguas classificadas como pertencentes à família linguística Páno atualmente. A primeira proposta de reconstrução do Protopáno foi feita por Shell (1975) e serviu-nos de marco referencial para a ampliação dos dados e dos conhecimentos sobre as línguas da família Páno faladas no Brasil e na Bolívia e para a elaboração de novas hipóteses reconstrutivas de aspectos da protolíngua. Para alcançarmos os objetivos da presente tese, selecionamos um conjunto representativo de línguas da família Páno, as quais foram a base da presente comparação, e apresentamos uma discussão detalhada de diversas propostas de classificação interna da família linguística Páno, situando as línguas comparadas com relação à sua representatividade nas diversas propostas. Realizamos, em seguida, uma revisão da fonologia das 19 línguas comparadas, com ênfase em alguns aspectos fonéticos que julgamos relevantes para a nossa proposta reconstrutiva. Revisamos o Páno reconstruído de Shell e propusemos a inclusão de 3 novos protofonemas (*ɾ, tʂ e *h), além de reanalisarmos a natureza sonora de um fonema *r (proposto por Shell como sendo *n) e de identificarmos nova distribuição para alguns sons da protolíngua. Assim, a partir de uma nova definição de formas longas e curtas de morfemas da família Páno, propomos a hipótese de que, na protolíngua, teria havido consoantes em final de palavra. Por fim, discutimos a hipótese de reconstrução de 2 morfemas casuais distintos para Protopáno, um morfema ergativo e um morfema “genitivo-locativo-instrumental”. Em resumo, esta tese traz como contribuição novos elementos para os estudos históricos das línguas da família Páno e para as hipóteses reconstrutivas do que seria o Protopáno.

Palavras-chave: Família linguística Páno. Reconstrução linguística. Protopáno.

ABSTRACT

The proposal of this dissertation is to contribute to the expansion of knowledge of what would have been the Proto-Páno, which would have been spoken by the people that gave rise to diverse languages classified as belonging to the Panoan linguistic family today. The first proposal for the reconstruction of Proto-Páno was made by Shell (1975) and served us as a reference point for the expansion of data and knowledge about the languages of the Panoan family spoken in Brazil and Bolivia and for the development of new reconstructive hypotheses of the proto-language aspects. To achieve the objectives of this thesis, we selected a representative set of languages from Panoan family, which were the basis of this comparison and present a detailed discussion of several proposed internal classifications of the Panoan linguistic family, placing the languages compared for their representation in the various proposals. We reviewed the phonology of 19 languages compared, with emphasis on some phonetic aspects that we consider relevant to our reconstructive proposals. We reviewed the Shell reconstructed Páno and proposed to include three new proto-phonemes (*ɾ , *h and *tɕ) and we also propose a new phonetic nature for a phoneme *r (that was proposed by Shell as *n), and we identified new distributions for some sounds of proto-language. From a new definition of long and short forms of the Panoan morphemes, we propose the hypothesis that, in the proto-language, would have been consonants in the final of the word. Finally, we discuss the possibility of reconstruction of two distinct casual morphemes for Proto-Páno, one ergative morpheme and one “genitive-locative-instrumental” morpheme. This dissertation brings as a new contribution elements to the historical study of the Panoan languages and a reconstructive hypotheses about what would have been the Proto-Páno.

Keywords: Panoan family. Linguistic reconstruction. Proto-Páno.

RESUMEN

El objetivo de esta tesis es ampliar el conocimiento de lo que habría sido el Proto-Páno, lengua probablemente hablada por el pueblo del cual se originaron las diversas lenguas actualmente clasificadas dentro de la familia lingüística Páno. La primera propuesta de reconstrucción del Proto-Páno, la hizo Shell (1975) y sirvió como referencia para la ampliación de los datos y del conocimiento sobre las lenguas de la familia Páno habladas en Brasil y Bolivia y para la elaboración de nuevas hipótesis reestructivas de aspectos de la proto-lengua. Para alcanzar los objetivos de la presente tesis, se seleccionó un conjunto representativo de lenguas de la familia Páno como base de comparación, y se presenta una discusión detallada de diversas propuestas de clasificación interna de ésta familia lingüística, encontrando las más representativas de las lenguas comparadas. Se llevó a cabo una revisión de la fonología de las 19 lenguas comparadas, con énfasis en algunos aspectos fonéticos que se consideraron relevantes para la propuesta reestructiva. Se revisó el Páno reconstruido por Shell y se propuso la inclusión de 3 nuevos proto-fonemas (*ɬ, tʂ e *h), además, se reanalizó la naturaleza sonora de un fonema *r (propuesto por Shell como *n) y se identificó una nueva distribución para algunos sonidos de la proto-lengua. Basados en una nueva definición de formas largas y cortas de morfemas de la familia Páno, se propuso la hipótesis de que en la proto-lengua habría consonantes al final de la palabra. Finalmente, se discutió la hipótesis de reconstrucción de 2 morfemas casuales distintos para Proto-Páno, un morfema ergativo y un morfema ‘genitivo-locativo-instrumental’. Esta tesis contribuye con nuevos elementos para los estudios históricos de las lenguas de la familia Páno y para las hipótesis reestructivas de lo que sería el Proto-Páno.

Palabras Clave: Familia lingüística Páno. Reconstrucción lingüística. Proto-Páno.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DA FAMÍLIA PÁNO (ERIKSON, 1992)	29
FIGURA 02 – MODELO ARBÓREO DE CONSTITUIÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA PÁNO SHELL, 1975)	67
FIGURA 03 – MODELO ARBÓREO DE CONSTITUIÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA PÁNO, SEGUNDO SOTO (1990)	74
FIGURA 04 – SEPARAÇÃO DAS LÍNGUAS COMPARADAS POR D’ANS (1975)	92
FIGURA 05 – MODELO DE DISPERSÃO E CENTRO DE ORIGEM DE LÍNGUAS DENTRO DA FAMÍLIA PÁNO COMPARADAS POR D’ANS (1975)	93

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – CORRESPONDÊNCIAS IDENTIFICADAS POR DE LA GRASSERIE (1890)	47
TABELA 02 – RESUMO DAS INOVAÇÕES COMPARTILHADAS, SEGUNDO SHELL (1975, P. 106)	61
TABELA 03 – INOVAÇÕES COMPARTILHADAS POR KAXINAWÁ, AMAWÁKA E MARINÁWA (SHELL, 1975)	63
TABELA 04 – INOVAÇÕES COMPARTILHADAS POR SHÍPIBO-KÓNIBO, KAPANÁWA E CHÁKOBO (SHELL, 1975)	66
TABELA 05 – INOVAÇÕES COMPARTILHADAS PROPOSTAS POR SHELL, SEGUNDO KIMBERLY SOTO (1990, P. 7)	72
TABELA 06 – INOVAÇÕES COMPARTILHADAS PROPOSTAS POR SOTO (1990, P. 12)	73
TABELA 07 – EVIDÊNCIAS LEXICAIS DE INCLUSÃO DA LÍNGUA CANAWARY NA FAMÍLIA PÁNO (BRINTON, 1891)	75
TABELA 08 – EVIDÊNCIAS LEXICAIS DE RELAÇÃO GENÉTICA DA LÍNGUA MANITENERY COM A FAMÍLIA ARAWAK (BRINTON, 1891)	76
TABELA 09 – COGNATOS QUE APRESENTAM CORRESPONDÊNCIAS COM VOGAIS MÉDIAS DO MATSÉS APRESENTADAS EM LANES (2005, P. 91)	99
TABELA 10 – POSSÍVEIS COGNATOS QUE REPRESENTAM A CORRESPONDÊNCIA /ε/ : /I/, SEGUNDO LANES (2005, P. 226)	99
TABELA 11 – FORMAS TRISSILÁBICAS, SEGUNDO SHELL (1975)	352
TABELA 12 – PALAVRAS TRISSILÁBICAS RECONSTRUÍDAS POR SHELL (1975), CUJA TERCEIRA SÍLABA INICIAVA-SE EM CONSOANTE NASAL, MAS SEM ESPECIFICAÇÃO DA REALIZAÇÃO FONÉTICA DA SÍLABA NA PROTOLÍNGUA	353
TABELA 13 – PALAVRAS TRISSILÁBICAS RECONSTRUÍDAS POR SHELL (1975), CUJA TERCEIRA SÍLABA INICIAVA-SE EM CONSOANTE NASAL, MAS SEM ESPECIFICAÇÃO DA REALIZAÇÃO FONÉTICA DA SÍLABA NA PROTOLÍNGUA	355
TABELA 14 – PALAVRA TRISSILÁBICA RECONSTRUÍDA PARA PROTOPÁNO SEM REFLEXO TRISSILÁBICO EM CHÁKOBO	355
TABELA 15 – FORMAS CURTAS COM CONSOANTE FINAL	361

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – LISTA DAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS DOS DADOS UTILIZADOS NA COMPARAÇÃO	40
QUADRO 02 – NÚMEROS DE COGNATOS COMPARTILHADOS POR LÍNGUAS DA FAMÍLIA PÁNO COMPARADAS POR RIVET E TASTEVIN (1927)	81
QUADRO 03 – RELAÇÕES ENTRE AS LÍNGUAS DA FAMÍLIA PÁNO COMPARADAS POR RIVET E TASTEVIN (1927)	82
QUADRO 04 – EXEMPLOS DE COGNATOS PROPOSTOS POR LANES (2005)	94
QUADRO 05 – CORRESPONDÊNCIAS SONORAS PROPOSTAS POR LANES (2005)	95
QUADRO 06 – CORRESPONDÊNCIA SONORA ENVOLVENDO DESNASALIZAÇÃO PROPOSTA POR LANES (2005)	95
QUADRO 07 – PRONOMES POSSESSIVOS EM KAXARARÍ, SHÍPIBO E MATÍS	97
QUADRO 08 – CORRESPONDÊNCIAS ENVOLVENDO VOGAIS MÉDIAS DA LÍNGUA MATSÉS (LANES, 2005, P. 92)	98
QUADRO 09 – EXEMPLIFICAÇÃO DO MODELO UTILIZADO POR AMARANTE RIBEIRO (2005)	102
QUADRO 10 – PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA PÁNO (AMARANTE RIBEIRO, 2005)	103
QUADRO 11 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KASHÍBO, SEGUNDO ZARIQUIEY (2011)	124
QUADRO 12 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KASHÍBO SEGUNDO ZARIQUIEY (2011)	125
QUADRO 13 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA SHÍPIBO-KÓNIBO, SEGUNDO VALENZUELA, MARQUES PINEDO E MADIESON (2001)	127
QUADRO 14 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA SHÍPIBO-KÓNIBO, ADAPTADO DE VALENZUELA, MARQUEZ PINEDO E MADDIESON (2001)	127
QUADRO 15 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KAPANÁWA, ADAPTADO DE ULLOA (2006)	130
QUADRO 16 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KAPANÁWA, ADAPTADO DE ULLOA (2006)	130
QUADRO 17 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA MARÚBO, BASEADO EM KENNEL JR. (1978) E COSTA (2000)	132
QUADRO 18 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA MARÚBO BASEADO EM KENNEL JR. (1978) E COSTA (2000)	132
QUADRO 19 – SÍNTESE DO SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA CHÁKOBO	134
QUADRO 20 – SÍNTESE DO SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA CHÁKOBO	134

QUADRO 21 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KAXARARÍ, SEGUNDO CABRAL E MONSERRAT (1987)	136
QUADRO 22 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KAXARARÍ, SEGUNDO MONSERRAT E CABRAL (1987)	136
QUADRO 23 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA YAMINÁWA, BASEADO EM FAUST E LOOS (2002)	143
QUADRO 24 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA YAMINÁWA, BASEADO EM FAUST E LOOS (2002)	144
QUADRO 25 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA SHARANÁWA	146
QUADRO 26 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA SHARANÁWA	146
QUADRO 27 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA SHARANÁWA	148
QUADRO 28 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA SHARANÁWA	148
QUADRO 29 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA SHANENAWÁ, BASEADO EM CÂNDIDO (1998)	151
QUADRO 30 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA SHANENAWÁ, BASEADO EM CÂNDIDO (1998)	151
QUADRO 31 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KATUKINA, BASEADO EM BARROS (1987)	153
QUADRO 32 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KATUKÍNA, BASEADO EM BARROS (1987)	154
QUADRO 33 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA POYANÁWA, BASEADO EM PAULA (1992)	160
QUADRO 34 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA POYANÁWA, BASEADO EM PAULA (1992)	160
QUADRO 35 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA AMAWÁKA, ADAPTADO DE OSBORN (1948)	161
QUADRO 36 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA AMAWÁKA, ADAPTADO DE OSBORN (1948)	162
QUADRO 37 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA AMAWÁKA, ADAPTADO DE KENSINGER (1963)	164
QUADRO 38 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KAXINAWÁ, ADAPTADO DE KENSINGER (1963)	165
QUADRO 39 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA MARINÁWA, BASEADO EM SHELL (1975)	167
QUADRO 40 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA MARINÁWA, BASEADO EM SHELL (1975)	167
QUADRO 41 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA YAWANAWÁ, BASEADO EM PAULA (2004)	168

QUADRO 42 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA YAWANAWÁ, BASEADO EM PAULA (2004)	168
QUADRO 43 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KORÚBO, SEGUNDO OLIVEIRA (2009)	171
QUADRO 44 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KORÚBO, SEGUNDO OLIVEIRA (2009)	171
QUADRO 45 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA MATÍS, SEGUNDO FERREIRA (2005)	175
QUADRO 46 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA MATÍS, SEGUNDO FERREIRA (2005)	175
QUADRO 47 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA MAYORÚNA, SEGUNDO FLECK (2003)	178
QUADRO 48 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA MATÍS, SEGUNDO FLECK (2003) ...	178
QUADRO 49 – SÍNTESE DAS CORRESPONDÊNCIAS ENVOLVENDO R, r, D, TJE †	227
QUADRO 50 – SISTEMA CONSONANTAL PROPOSTO PARA PROTOPÁNO	349
QUADRO 51 – SISTEMA VOCÁLICO PROPOSTO PARA PROTOPÁNO	349
QUADRO 52 – SISTEMA CONSONANTAL PROPOSTO PARA PROTOPÁNO	385
QUADRO 53 – SISTEMA VOCÁLICO PROPOSTO PARA PROTOPÁNO	385

LISTA DE ABREVIATURAS

'	acento
:	corresponde a
>	muda para
*	forma hipotética
#	silêncio ou pausa
+	fronteira de morfema
/	no ambiente
[]	representação fonética
/ /	representação fonológica
()	elemento opcional
N	consoante nasal
F	fricativa
.	fronteira de sílabas
-ant	menos anterior
-alt	menos alta
-nas	menos nasal
1SG	1ª pessoa do singular
3P	3ª pessoa
1PL	1ª pessoa do plural
1/2P	1ª ou 2ª pessoa
3PL	3ª pessoa do plural
V	vogal
Û	vogal nasal
C	consoante
CV ₃	terceira sílaba
n.d.a.	nos demais ambientes
DS/A/O	sujeito e objetos diferentes
S/A>A(PE)	sujeito ou agente da oração principal correferente ao agente da oração subordinada, evento dependente prévio
S/A>A(SE)	sujeito ou agente da oração principal correferente ao agente da oração subordinada, evento dependente simultâneo
A	agente
ABL	ablativo
ABS	absolutivo
AUX	auxiliar

CMPL	completivo
COM	comitativo
DES	desiderativo
ERG	ergativo
EV	evidencial
FOC	foco
GEN	genitivo
IMPF	imperfectivo
INST	instrumental
INTEN	intensivo
LOC	locativo
NAR	registro narrativo
NEG	negação
O	objeto de transitiva
PAS	passado
PASS.N.REC	passado não recente
PASS.REC	passado recente
PL	plural
PRCT	particípio
PREV.SLA	evento da oração marcado é prévio ao evento da oração matriz, sujeitos idênticos, orientação semântica ao A
REP	reportativo
REM.PAST	passado remoto
PA:A	concordância de participante com o agente
PROX	próximo ao ouvinte
NMLZ	nominalizador
TEMP	locativo temporal
S	sujeito
SE	evento dependente simultâneo
SIM.SLS	evento da oração marcada é simultâneo ao evento da oração matriz, sujeitos idênticos, orientação ao S
VM	voz média

LISTA DE ABREVIATURAS DE LÍNGUAS INDÍGENAS

A	Amawáka
Ch	Chákobo
Chan	Chanináwa
Kap	Kapanáwa
Kat	Katukína
Kax	Kaxararí
Kn	Kaxinawá
Ko	Korúbo
Ksh	Kashíbo
Mar	Marúbo
Mt	Matís
My	Mayorúna
Poy	Poyanáwa
PP	Protopáno
PT	Prototakána
Shan	Shanenáwa
Shar	Sharanáwa
SK	Shípibo-Kónibo
Yam	Yamináwa
Yaw	Yawanáwa

SUMÁRIO

0. INTRODUÇÃO	27
0.1 A FAMÍLIA PÁNO	28
0.2 A METODOLOGIA DO TRABALHO	30
0.2.1 <i>Por que o método histórico-comparativo?</i>	30
0.2.2 <i>Procedimentos para aplicação do método histórico-comparativo</i>	32
0.2.3 <i>Correspondência</i>	33
0.2.4 <i>Reconstrução</i>	34
0.2.5 <i>Evidências gramaticais</i>	35
0.2.6 <i>Crêterios para classificaçãõ genética</i>	36
0.3 ETNÔNIMOS	37
0.4 DADOS E FONTES	39
0.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE	42
1. REVISÃO DAS CLASSIFICAÇÕES DA FAMÍLIA PÁNO	44
1.1 INTRODUÇÃO	44
1.2 TRABALHOS COMPARATIVOS	45
1.2.1 <i>De la Grasserie (1890)</i>	46
1.2.2 <i>Shell (1975)</i>	48
1.2.2.1 Subgrupos com base em McQuown (1955)	50
1.2.2.2 Subclassificação com base em inovações compartilhadas	61
1.2.2.2.1 <i>Kashibo</i>	62
1.2.2.2.2 <i>Kashinawá-Amawáka-Marináwa</i>	63
1.2.2.2.3 <i>Shípibo-Kónibo-Kapanáwa-Chákobo</i>	65
1.2.2.3 Ampliando a classificaçãõ	67
1.2.2.4 Síntese	69
1.2.3 <i>Soto (1990)</i>	71
1.3 CLASSIFICAÇÕES QUE AJUDARAM A SEDIMENTAR A CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA PÁNO, SEM PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO INTERNA	74
1.3.1 <i>Brinton (1891)</i>	75
1.3.2 <i>Rivet (1910)</i>	77
1.3.3 <i>Crequi-Monfort e Rivet (1913)</i>	79
1.4 CLASSIFICAÇÕES DE BASE GEOGRÁFICA	81
1.4.1 <i>Rivet e Tastevin (1927)</i>	81
1.4.2 <i>Mason (1950)</i>	84
1.5 CLASSIFICAÇÕES DE BASE QUANTITATIVA	88
1.5.1 <i>D'Ans (1973, 1975)</i>	88
1.5.2 <i>Lanes (2005)</i>	93
1.5.2.1 Desnasalizaçãõ da consoante alveolar nasal	95
1.5.2.2 Africada palatal em Kaxararí	98
1.5.2.3 Correspondências vocálicas	98
1.5.2.4 Diferenciaçãõ interna da família Páno	100
1.5.3 <i>Amarante Ribeiro (2005)</i>	101

1.6 CLASSIFICAÇÃO ANTROPOLÓGICA	105
1.6.1 Erikson (1992)	105
1.7 CLASSIFICAÇÕES COM BASE NA REVISÃO DOS ESTUDOS ANTERIORES	107
1.7.1 Loos (1999)	107
1.7.2 Valenzuela (2003)	110
1.7.2.1 Ucayali	110
1.7.2.2 Purus	111
1.7.2.3 Southern (do Sul)	112
1.7.2.4 Southwestern (Sudoeste)	112
1.7.2.5 Western ou Preandine (Oeste)	112
1.7.2.6 Northern (Norte)	113
1.7.3 Fleck (2013)	114
1.8 CONSIDERAÇÕES PARA A CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA PÁNO	118
1.9 LÍNGUAS CONSIDERADAS NESTE ESTUDO	121
2. SISTEMAS FONOLÓGICOS	124
2.1 KASHÍBO	124
2.1.1 Observações sobre a fonologia Kashíbo	125
2.2 SHÍPIBO-KÓNIBO	127
2.2.1 Observações sobre a fonologia Shípibo-Kónibo	127
2.3 KAPANÁWA	129
2.3.1 Observações sobre a fonologia da língua Kapanáwa	130
2.4 MARÚBO	132
2.4.1 Observações sobre a fonologia Marúbo	132
2.5 CHÁKOBO	134
2.5.1 Observações sobre a fonologia da língua Chákobo	134
2.6 KAXARARÍ	135
2.6.1 Observações sobre a fonologia da língua Kaxararí	136
2.7 YAMINÁWA	143
2.7.1 Observações sobre a fonologia da língua Yamináwa	144
2.8 CHANINÁWA	146
2.8.1 Observações sobre a fonologia da língua Chanináwa.	146
2.9 SHARANÁWA	148
2.9.1 Observações sobre a fonologia da língua Sharanáwa	148
2.10 SHANENAWÁ	150
2.10.1 Observações sobre a fonologia da língua Shanenawá	151
2.11 KATUKÍNA	153
2.11.1 Observações sobre a fonologia da língua Katukína	154
2.12 POYANÁWA	159
2.12.1 Observações sobre a fonologia da língua Poyanáwa	160
2.13 AMAWÁKA	161
2.13.1 Observações sobre a fonologia da língua Amawáka	162
2.14 KAXINAWÁ	164
2.14.1 Observações sobre a fonologia da língua Kaxinawá	165
2.15 MARINÁWA	167
2.15.1 Observações sobre a fonologia da língua Marináwa.	168
2.16 YAWANAWÁ	168

2.11.1	<i>Observações sobre a fonologia da língua Yawanawá</i>	169
2.17	KORÚBO	170
2.17.1	<i>Observações sobre a fonologia da língua Korúbo</i>	171
2.18	MATÍS	175
2.18.1	<i>Observações sobre a fonologia da língua Matís</i>	175
2.19	MAYORÚNA	178
2.20	OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE A FONOLOGIA DAS LÍNGUAS PÁNO	181
2.20.1	<i>Vogais nasais X consoante nasal subjacente</i>	181
2.20.2	<i>Fricativas</i>	182
2.20.3	<i>Africadas</i>	182
2.20.4	<i>Oclusivas velares labializadas</i>	182
2.20.5	<i>Sistema vocálico</i>	183
3.	CORRESPONDÊNCIAS	184
3.1	INTRODUÇÃO	184
3.2	CONSOANTES	186
3.2.1	<i>Oclusivas</i>	186
3.2.1.1	<i>*p</i> oclusiva bilabial surda	186
3.2.1.2	<i>*t</i> oclusiva alveolar surda	188
3.2.1.3	<i>*k</i> oclusiva velar surda	194
3.2.1.4	<i>*kw</i> oclusiva verlar surda labializada	200
3.2.1.5	<i>*ʔ</i> oclusiva glotal surda	203
3.2.2	<i>Nasais</i>	211
3.2.2.1	<i>*m</i> nasal bilabial sonora	211
3.2.2.2	<i>*n</i> nasal alveolar sonora	218
3.2.3	<i>Tepes</i>	227
3.2.3.1	<i>*ɽ</i> tepe retroflexo sonoro	227
3.2.3.2	<i>*r</i> tepe alveolar sonoro	231
3.2.4	<i>Africadas</i>	236
3.2.4.1	<i>*ts</i> africada alveolar surda	236
3.2.4.2	<i>*tʃ</i> africada alveopalatal surda	241
3.2.4.3	<i>*tʂ</i> africada retroflexa surda	243
3.2.5	<i>Fricativas</i>	244
3.2.5.1	<i>*β</i> fricativa bilabial sonora	244
3.2.5.2	<i>*s</i> fricativa alveolar surda	250
3.2.5.3	<i>*ʃ</i> fricativa palatal surda	260
3.2.5.4	<i>*ʂ</i> fricativa retroflexa surda	262
3.2.5.5	<i>*h</i> fricativa glotal surda	272
3.2.6	<i>Aproximantes</i>	275
3.2.6.1	<i>*w</i> aproximante bilabial sonora	275
3.2.6.2	<i>*y</i> aproximante palatal sonora	279
3.3	VOGAIS	283
3.3.1	<i>Vogais orais</i>	283
3.3.1.1	<i>*i</i> Vogal anterior alta não arredondada oral	283
3.3.1.2	<i>*i</i> vogal central alta não arredondada oral	301
3.3.1.3	<i>*a</i> vogal central baixa não arredondada oral	311
3.3.1.4	<i>*o</i> vogal posterior alta arredondada oral	330

3.3.2	<i>Vogais nasais</i>	343
3.3.2.1	*ĩ vogal anterior alta não arredondada nasal	343
3.3.2.2	*ĩ̃ vogal central alta não arredondada nasal	344
3.3.2.3	*ã vogal central baixa não arredondada nasal	345
3.3.2.4	*õ vogal posterior alta arredondada nasal	347
3.3.2.5	Fronteira de morfema	348
3.4	SISTEMA FONOLÓGICO RECONSTRUÍDO	349
4.	CONSOANTES EM FINAL DE PALAVRA EM PROTOPÁNO	351
4.1	INTRODUÇÃO	351
4.2	FORMAS TRISSILÁBICAS RECONSTRUÍDAS POR SHELL (1975)	351
4.3	FORMAS LONGAS E CURTAS EM LÍNGUAS PÁNO	356
4.3.1	<i>Reconstrução de consoantes em margem direita de sílaba em Protopáno</i>	359
4.3.2	<i>Natureza fonética das consoantes em margem direita de sílaba</i>	367
4.3.2.1	Reflexos de *t e *ʔ em final de palavra	367
4.3.2.2	Reflexos de *m, *n e *r em final de palavra	369
4.3.3	<i>As formas longas e curtas em Kaxararí</i>	371
5.1	INTRODUÇÃO	373
5.2	ALGUNS SUFIXOS CASUAIS EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA PÁNO	373
5.2.1	<i>Sistema de marcação de caso em Chákobo</i>	375
5.2.2	<i>Sistema de marcação de caso em Kaxararí</i>	378
5.2.2.1	O caso ergativo em Kaxararí	379
5.2.2.2	O caso genitivo em Kaxararí	380
5.2.2.3	O caso instrumental e o caso locativo em Kaxararí:	381
5.3	RECONSTRUÇÃO DOS CASOS ‘ERGATIVO’ E ‘GENITIVO-LOCATIVO- INSTRUMENTAL’	382
5.4	A QUALIDADE DAS VOGAIS NOS ALOMORFES *VN E *VR	383
5.5	ALGUNS SUFIXOS CASUAIS EM TAKÁNA	383
5.6	CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO	384
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	385
	REFERÊNCIAS	388
	APÊNDICE	395

0. INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado apresenta uma revisão da reconstrução de aspectos do Protopáno, língua ancestral hipotética reconstruída a partir dos reflexos observados nas línguas atuais, as quais se teriam desenvolvido a partir dessa protolíngua.

A primeira reconstrução de aspectos do Protopáno, contudo, foi feita por Shell (1975[1965]),¹ que propôs a reconstrução do sistema fonológico da língua, assim como a reconstrução da forma fonológica de 512 dos seus itens lexicais² e de um morfema de Referência Transitiva. Trabalhos reconstitutivos posteriores foram os de autoria de Valenzuela (2003) e Zariquiey (2006), os quais reconstruíram morfemas gramaticais para a protolíngua³.

Em sua reconstrução do Protopáno, Shell (*op. cit.*) utilizou dados de 7 línguas (Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá e Marináwa), além de considerar também alguns dados de mais 21 línguas. No entanto, a própria Shell (*op. cit.*) observou em seu trabalho que “futuras investigações nos países de Bolívia e Brasil poderiam prover novos dados para a reconstrução” do que ela chamou de “um Páno mais primitivo”, do que poderia ser reconstruído à sua época com os dados até então existentes.⁴

A presente tese foi motivada, portanto, pela sugestão de Shell (*op. cit.*) de que poderíamos avançar com novas hipóteses reconstitutivas sobre o Protopáno, se considerássemos dados de outras línguas que não haviam sido estudadas até a época em que a autora realizou o seu trabalho. Iniciamos, então, o nosso projeto de tese considerando o trabalho já realizado por Shell (1975[1965]) e os dados por ela reunidos das 7 línguas, utilizados na sua reconstrução – Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá e Marináwa – e acrescentamos novos dados de outras quatro línguas que também foram consideradas pela autora em seu estudo, mas cujos dados, à época, se resumiam a listas de palavras – Marúbo, Yawanawá, Yamináwa e Mayorúna – e, finalmente, incluímos dados de 8 novas línguas – Katukína, Shanenáwa, Poyanáwa,

¹ O trabalho de Shell (*op. cit.*) foi publicado em inglês, em 1965, e traduzido para o espanhol pela mesma autora, em 1975, como só tivemos acesso a este último trabalho, nos referiremos sempre ao trabalho com esta última data.

² Nessa dissertação, utilizamos o termo *forma* e também *palavra* de uma forma um tanto arbitrária, referindo-se muitas vezes a morfemas gramaticais, a raízes e a temas. Somente quando necessário, diferenciamos raízes de temas e morfemas gramaticais de morfemas lexicais.

³ Valenzuela (2003) propõe 6 morfemas gramaticais adicionais para o Protopáno e Zariquiey (2006) apresenta uma proposta de reconstrução do sistema pronominal da protolíngua Páno.

⁴ “Tal vez futuras investigaciones en los países de Bolivia y Brasil podrían proveer datos para un pano más primitivo que el que podría ser reconstruido tomando como base los presentes datos” (SHELL, 1975, p. 11).

Kaxararí, Chanináwa, Sharanáwa, Korúbo e Matís –, que só vieram a ser documentadas após a década de 1970.

Os resultados que apresentamos nos capítulos 3, 4 e 5 desta tese comprovam que Shell (1975[1965]) estava certa, uma vez que esta autora sugeria que um novo estudo que contasse com a inclusão de novos dados levaria, como foi o caso do presente estudo, a uma revisão das suas hipóteses reconstrutivas com contribuições significativas ao que teria sido o Protopáno. Dentre essas contribuições adiantamos as seguintes:

- a) Ocorrência na protolíngua dos sons *t, *n, *m, *k, em final de palavra, antes de silêncio;
- b) Existência, na protolíngua, dos fonemas *r e *n, não reconstruídos por Shell;
- c) Revisão das formas trissilábicas propostas por Shell (op. cit.), que teriam sido, na realidade, formas terminadas em consoantes;
- d) Existência de dois morfemas casuais, um morfema *-Vr ‘ergativo’ e um morfema *-Vn ‘genitivo-locativo-instrumental’.

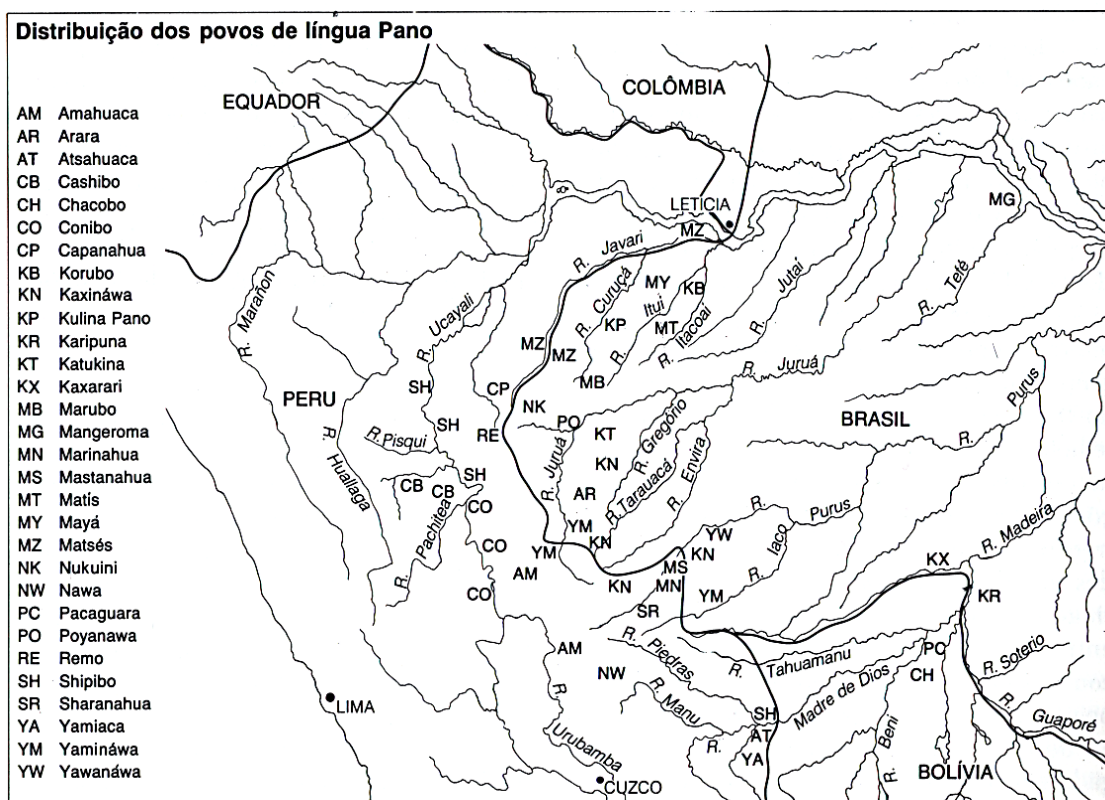
No tocante à comparação, baseamo-nos no método histórico-comparativo, conforme apresentado em Jeffers e Lehist (1979), Kaufman (1990) e Campbell (1997, 1998). Esse modelo teórico considera que as línguas mudam ao longo do tempo e que elas podem se diferenciar gradualmente, dando origem a novas línguas geneticamente relacionadas. Ao longo do tempo, essas línguas se diferenciam estruturalmente, mas conservam correspondências em todos os níveis gramaticais (fonológico, morfológico, sintático e lexical), o que nos permite identificar as relações genéticas entre elas e reconstruir aspectos gramaticais do que teria sido a protolíngua, a partir da qual teriam se diversificado.

0.1 A FAMÍLIA PÁNO

A família Páno é um agrupamento genético proposto inicialmente por Raoul de la Grasserie (1890), e que, hoje, é concebido como sendo composto por, aproximadamente, 30 línguas, faladas no Brasil (Amazonas, Acre e Rondônia), no Peru (Loreto, Huánuco, Madre de Dios e Ucayali) e na Bolívia (Loreto e Pando), como podemos ver no seguinte mapa (FIGURA 01), extraído de Erikson (1992, p. 242).

A família linguística Páno é considerada uma unidade genética bem estabelecida, embora a sua constituição interna ainda seja objeto de debate ativo entre os pesquisadores da área, como veremos no capítulo 1.

FIGURA 01 – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DA FAMÍLIA PÁNO (ERIKSON, 1992)



Há também uma série de propostas que relacionam a família Páno a outros agrupamentos genéticos (cf. GREENBERG, 1960; KEY, 1963; SUAREZ, 1969, 1973; GIRARD, 1971; FABRE, 1995). Dessas propostas, consideramos neste estudo apenas as propostas de Key⁵ (1963) e de Girard (1971), que relacionam a família Páno à família Takána. Ressaltamos que, com relação à proposta de Key (op. cit.), consideramos apenas a sua proposta pioneira de uma relação genética entre Páno e Takána, mas as reconstruções que consideramos neste trabalho foram as propostas por Girard (op. cit.).

⁵ Segundo Valenzuela (2003, p. 58), as primeiras menções à relação entre línguas da família Pano e a família Takana remontam aos fins do século XIX. Segundo Navarro (1903, p. 172 apud VALENZUELA, 2003, p. 58), Armentia (1887) seria o primeiro a propor a relação entre Shipibo, Konibo, Xetebo e Kashibo, de um lado, e Pakawara e Araona, de outro, sendo esta última uma língua da família Takana. A relação entre essas duas famílias também teria sido apresentada em Schuller (1930 apud VALENZUELA, 2003).

0.2 A METODOLOGIA DO TRABALHO⁶

O presente estudo, conforme mencionado acima, baseia-se no método histórico-comparativo (cf. JEFFERS; LEHISTE, 1979; KAUFMAN, 1990; CAMPBELL, 1997, 1998). Segundo Kaufman (op. cit., p. 15), o principal objetivo da “linguística histórico-comparativa é a identificação de grupos de línguas geneticamente relacionadas, a reconstrução de seus ancestrais e o traçar do desenvolvimento histórico de cada uma das línguas membro”.⁷ Este estudo focaliza principalmente a reconstrução da língua ancestral que teria dado origem às línguas atuais da família Páno, mas, sempre que possível, apresentamos também hipóteses sobre o desenvolvimento dos reflexos nas diversas línguas. Apresentamos, a seguir, algumas observações sobre aspectos do método histórico-comparativo que guiaram a realização do trabalho.

0.2.1 Por que o método histórico-comparativo?

O método histórico-comparativo, segundo Campbell (1998, p. 108), é “o mais importante dos vários métodos e técnicas que nós usamos para recuperar a história linguística”. Kaufman (1990, p. 14), em seu artigo, chega a afirmar que “a ‘arte’ da linguística diacrônica é o método, em qualquer caso: o método comparativo”. Se seguimos este último autor, não temos outra opção senão utilizar o método histórico-comparativo. No entanto, notamos que Campbell (op. cit.) abre outras possibilidades.

De fato, ao lado do método histórico-comparativo, há outros métodos empregados para o estudo histórico de línguas. Os dois métodos alternativos mais difundidos são a lexicostatística (SWADESH, 1950) e a comparação multilateral (GREENBERG, 1987). McMahan e McMachon (2005) apresentam outros métodos como, por exemplo, a “cladística computacional” e os “modelos de rede”. Estes outros métodos permitem gerar hipóteses de agrupamento, mas não a avaliação criteriosa dessas propostas.

Antes, porém, de continuar a discussão sobre o método histórico-comparativo, teceremos algumas considerações acerca dos métodos propostos por Swadesh (op. cit.) e Greenberg (op. cit.).

⁶ No presente capítulo, não apresentamos revisão exaustiva sobre o método e sobre a história de sua consolidação. Para leitores de língua portuguesa interessados no assunto, recomendamos os estudos de Correa-da-Silva (2011) e o de Martins (2011), que apresentam boa revisão sobre o método e sobre o histórico de sua consolidação, bem como sobre a terminologia padrão nessa área.

⁷ “The central job of comparative-historical linguistics is the identification of groups of genetically related languages, the reconstruction of their ancestors, and the tracing of the historical development of each of the member languages.” (KAUFMAN, 1990, p. 15).

O método lexicostatístico pressupõe que as línguas têm uma taxa constante de perda lexical, o que permitiria avaliar o grau de distanciamento ou proximidade entre línguas relacionadas (SWADESH, 1950; CAMPBELL, 1998), semelhante ao que ocorre com a perda de carbono nos materiais orgânicos. Ademais, pressupõe que há uma parte do vocabulário que seria mais resistente às perdas e inovações, o que se convencionou denominar “vocabulário básico” (CAMPBELL, 1998; McMAHON; McMACHON, 2005). O problema com este método é que não há, de fato, uma taxa de perda e, muito menos, de retenção lexical entre as línguas. Por outro lado, não há vocabulário que não seja passível de empréstimo (ainda que haja alguns vocábulos que sejam menos propensos a isso) e muito menos livre de influências culturais (CAMPBELL, op. cit.). Após longa discussão, Campbell (1998, p. 186) conclui que “todos os pressupostos básicos [do método lexicostatístico] foram severamente criticados” e que “ele não deve ser aceito; deve ser rejeitado”. No presente trabalho não nos baseamos em método lexicostatístico por estarmos de acordo com Campbell (1998) e por considerarmos que este método não é capaz de separar coincidências fonológicas, morfológicas e sintáticas em um grupo de línguas de verdadeiras correspondências que seriam resultado de herança de uma língua comum. No entanto, como veremos no capítulo 1, este método tem sido bastante utilizado para sugerir propostas de subagrupamento no interior da família Páno.

Quanto à comparação multilateral, esta foi utilizada pelo próprio Greenberg (1987) para propor um grande agrupamento linguístico denominado “Gê-Páno-Karíb”.⁸ Seu método visava principalmente o que Campbell (1998) chamava de “relações genéticas distantes”. Kaufman (1990, p. 16-17) considera que o método de Greenberg gera apenas “classificações probabilísticas” e que seu uso deve se limitar a “gerar hipóteses sobre relações genéticas”. A comparação multilateral não possibilita a exclusão de coincidências por puro acaso e também acaba por comparar línguas que não são, de fato, geneticamente relacionadas (CAMPBELL, 2004). Nesse estudo, apesar das relações internas na família Páno, consideramos apenas a relação entre esta família e a família Takána, proposta por Key (1968) e por Girard (1971), baseada no método histórico-comparativo.

Optamos pelo método histórico-comparativo por este ser o único a possibilitar a reconstrução (ou avaliação de reconstruções) de aspectos da protolíngua, o que é o

⁸ A constituição interna das famílias Jê, Páno e Karíb, na proposta de Greenberg, são bem diferentes do que normalmente se apresenta e inclui línguas que não são consideradas pela maioria dos outros autores.

objetivo central desta tese. Segundo Thomason e Kaufman (1988 apud KAUFMAN, 1990, p. 15):

[...] o Método Comparativo é [...] um meio pelo qual uma hipótese de relação genética é demonstrado através dos seguintes tipos de evidência: não apenas (1) o estabelecimento de correspondências fonológicas em palavras com significados iguais ou relacionados, incluindo muito do vocabulário básico, mas também (2) a reconstrução do sistema fonológico, (3) o estabelecimento de correspondências gramaticais e (4) a reconstrução do sistema gramatical, sempre que possível. Quando mais de duas línguas estão envolvidas, uma exploração mais minuciosa do Método Comparativo também inclui (5) construção de modelos de subagrupamento para as línguas e (6) a elaboração de modelos de diversificação.

Como será visto no capítulo 1, partimos da hipótese amplamente aceita de uma família Páno e selecionamos o maior número de línguas possíveis para comparação. Ou seja, buscamos demonstrar a hipótese de relação entre o máximo de línguas possíveis consideradas como pertencentes à família Páno. Muito embora a semelhança entre algumas dessas línguas seja tão evidente, que sua inclusão na família Páno não seja contestada, dentro do método histórico-comparativo há a necessidade de demonstração por meio das etapas 1 a 4, evidenciadas por Thomason e Kaufman (1988 apud KAUFMAN, 1990). A comparação e o estabelecimento de novas correspondências no interior da família nos possibilitaram novas hipóteses reconstitutivas, que geraram modificações no sistema fonológico e em aspectos do sistema gramatical do Protopáno.

O trabalho não estabelece, todavia, a construção de modelos de subagrupamento ou de diversificação, conteúdos estes que pretendemos desenvolver em trabalhos posteriores, considerando algumas inovações compartilhadas propostas em Shell (1975 [1965]) e também as que aqui propomos. O que apresentamos no capítulo 1 são algumas observações sobre como tratamos, inicialmente, as relações da família, no entanto, esta hipótese serviu apenas para orientar a seleção das línguas e a forma como consideramos algumas inovações ao longo do estudo.

Nas seções seguintes, apresentaremos brevemente alguns aspectos metodológicos que orientaram este trabalho.

0.2.2 Procedimentos para aplicação do método histórico-comparativo

A aplicação do método histórico-comparativo, em sentido *stricto*, deve ser precedida, segundo Kaufman (1990, p. 17-18), pela preparação dos dados, ou seja, deve-se

incluir rigorosa análise fonológica das línguas em comparação, pois isso permite “descobrir regularidades e sub-regularidades que se relacionam não apenas ao estado atual das línguas, mas também a estados passados” (KAUFMAN, op. cit., p. 17).

Além da análise fonológica, o linguista deve também estabelecer exaustiva análise morfológica do material a ser comparado (KAUFMAN, op. cit., p. 17). No presente estudo, apresentamos, no capítulo 2, a análise fonológica das várias línguas comparadas, de forma a estabelecer os padrões fonológicos que serão considerados nos capítulos 3, 4 e 5. As considerações sobre aspectos morfológicos são apresentados apenas quando houver necessidade, a fim de evidenciar aspectos comparados, principalmente nos capítulos 4 e 5.

No caso de fontes que apresentavam apenas dados em forma ortográfica, buscamos sua interpretação para depreender o máximo possível de seus padrões fonológicos e morfológicos. Neste caso, trabalhamos com os princípios da filologia, de acordo com Campbell (1998, p. 328), que a estabelece como “uma atividade que tenta tomar informação sistemática sobre uma língua a partir de registros escritos”.

0.2.3 Correspondência

Uma vez selecionados e analisados os dados, o passo seguinte é o do estabelecimento de correspondências fonológicas entre as várias línguas comparadas, o que fazemos no capítulo 3 desta tese. A correspondência fonológica é um pressuposto básico para o agrupamento de línguas e, poderíamos dizer, a evidência inicial. Identificadas as correspondências sonoras, esperamos também identificar padrões que se correspondam nos demais níveis linguísticos. A existência de correspondência sistemática e regular entre línguas é o que leva a pressupor que um fonema, um morfema, uma palavra ou um padrão sintático é originário de uma língua ancestral e, por isso, tem reflexos regulares nas diversas línguas (cf. JEFFERS; LEHISTE, 1979; KAUFMAN, 1998; CAMPBELL, 1998).

A título de ilustração, apresentamos uma correspondência entre as línguas comparadas nesse estudo. Antes, porém, é necessário esclarecer o que é, de fato, correspondência e não semelhança ou coincidência. No caso abaixo, observamos que, quando Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Marúbo, Chákobo, Yamináwa, Shanenawá, Katukína, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Yawanawá, Matís e Mayorúna têm *n*, Kaxararí tem *l*, enquanto Chanináwa, Sharanáwa têm *n*, mas com a variação [n] ~ [d] e Poyanáwa tem $\check{V}d$.

/ V_V

Ksh n : SK n : Kp n : Mar n : Ch n : Kax l : Yam n : Chan n [d ~ n] : Shar n [d ~ n]
: Shan n : Kat n : A n : Kn n : M n : Yaw n : Poy Ũd : Mt n : My n.

167. *kara ‘esp. de arara’ : Ksh kana : SK kana : Kp kana : Mar kana
(CESARINO, 2008) : Ch kana : Kax kala [ka'la] ‘arara azul’
(VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar kana, kanan
‘guacamayo de color azul y amarillo’ : Shan -- : Kat kana [ka'na?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A kana I : Kn kana ‘esp. de guacamayo’ : M
kana : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My kana ‘guacamayo’.
185. *kiri ‘buraco, orificio’ : Ksh kini : SK kini : Kp kini : Mar kini [kĩni]
‘buraco’ (COSTA, 1992) : Ch kini : Kax ki'li [ki'li] ‘buraco’ (COUTO,
2005) : Yam kini, kiñi ‘hueco, cueva’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar kini,
kinin ‘cueva, hueco en la tierra’ : Shan -- : Kat kini : Poy -- : A kini I : Kn
kini : M kini : Yaw kini : Ko -- : Mt kini ‘buraco ou orificio’ : My --.
293. *rorom ‘pato’ : Ksh nonõ : SK nonõ : Kp nonón : Mar -- : Ch no'noma,
no'no ‘pato’ (ZINGG, 1998), nonóma : Kax lulu'ma : Yam -- : Chan nono :
Shar nonon, nonoman : Shan nunun : Kat nunun : Poy nũnũ : A nõnõ I : Kn
nũnũ : M nõnõ : Yaw nunun : Ko -- : Mt -- : My --.

Ademais, não é o simples fato de existir uma correspondência n : l : Ũd, mas de haver também correspondência entre os demais segmentos da palavra comparada e os significados das palavras a serem relacionados. A correspondência é considerada sistemática por ocorrer em diversas palavras no mesmo contexto fonológico. Às palavras que apresentam, comprovadamente, esses tipos de correspondência fonológica e semântica denominamos *cognatos*, que conformam uma etimologia (cf. JEFFERS; LEHISTE, 1979; KAUFMAN, 1998; CAMPBELL, 1998). Essas correspondências serão a base para a reconstrução, que discutiremos na seção seguinte.

0.2.4 Reconstrução

A partir do estabelecimento de correspondências sistemáticas, é possível reconstruir aspectos da protolíngua que deu origem às diversas línguas comparadas. As formas a serem reconstruídas devem explicar, portanto, os vários reflexos nas línguas

atuais. Alguns critérios como direcionalidade, traços comuns, plausibilidade tipológica, plausibilidade do sistema, entre outros, devem ser considerados (CAMPBELL, 1998). No entanto, os critérios devem ser considerados em conjunto e sempre ponderados a cada caso específico.

Uma reconstrução é uma hipótese sobre como teria sido a língua ancestral de origem das diversas línguas consideradas geneticamente relacionadas, mas isso não a torna irreal:

Uma reconstrução lhe permite recuperar os fatos das línguas em que se baseia. A protolíngua pode ser tão realística quanto uma língua atestada (ou devido a lacunas na reconstrução da árvore familiar a reconstrução que é possível pode ser uma versão altamente truncada da protolíngua real). Apenas porque uma protolíngua é inferida e hipotética, não significa que uma reconstrução tem necessariamente um grau relativo mais baixo de segurança do que dados de uma língua atestada (KAUFMAN, 1990, p. 20)⁹

Na presente tese apresentamos novas propostas reconstrutivas para a fonologia do Protopáno e também para alguns aspectos da sua morfossintaxe. As hipóteses reconstrutivas realizadas são passíveis de revisão na mesma medida em que uma proposta analítica de um aspecto de uma língua falada atualmente pode ser revisada.

0.2.5 Evidências gramaticais

Como mencionado acima, além de correspondência em termos gramaticais, línguas geneticamente relacionadas devem também apresentar correspondências morfológicas e sintáticas (cf. JEFFERS; LEHISTE, 1979; KAUFMAN, 1990; CAMPBELL, 1998). Shell (1975 [1965]) apresentou a reconstrução de vários morfemas gramaticais que, em sua maioria, confirmamos em nosso trabalho, mas também aprofundamos o estudo com a reconstrução de um padrão morfossintático bastante particular e que se manifesta de forma muito semelhante nas diversas línguas. Este tipo de evidência gramatical é de importância especial por reduzir as chances de as línguas se relacionarem por contato e apresentarem padrões que são resultados de empréstimo. No caso de contato, duas línguas podem apresentar padrões semelhantes, mas que não ocorrem nos diversos níveis linguísticos (cf. THOMASON; KAUFMAN, 1988).

⁹ “A reconstruction allows you to recover the facts of the languages it is based on. A protolanguage can be as realistic as any attested language (or due to gaps in the family tree the reconstruction that is possible may be a highly truncated version of the real protolanguage. Just because a protolanguage is inferred, and hypothetical, does not mean that a reconstruction has a necessarily relatively lower degree of reliability than data from attested languages.”

0.2.6 Critérios para classificação genética

Segundo Campbell (1998, p. 170), “o único critério geralmente aceito para subagrupamento é a inovação compartilhada”. No entanto, como mencionamos acima, há propostas de agrupamento com base em outros critérios. Uma inovação compartilhada é uma mudança em algum aspecto da língua que é comum a um subgrupo de línguas dentro de uma família (CAMPBELL, op. cit., p. 170). A ideia básica é a de que as línguas que apresentam uma mesma mudança, ou seus reflexos, estavam juntas (eram uma mesma língua) em uma etapa intermediária situada entre o momento da separação inicial da protolíngua que deu origem à família e os dias atuais (cf. JEFFERS; LEHISTE, 1979; KAUFMAN, 1990; CAMPBELL, 1998).

Neste estudo, não apresentamos a classificação interna da família, mas apenas uma hipótese inicial que serviu para orientar a seleção das línguas comparadas. Por outro lado, estabelecemos uma série de correspondências fonológicas que devem ser avaliadas em trabalhos posteriores para a consideração das inovações compartilhadas e de um modelo de diversificação da família Páno. Muito embora apresentemos trabalhos de outros autores que consideram outros critérios, como a inteligibilidade mútua para a classificação interna da família, em nenhum momento assumimos esses critérios como base para estudos de classificação genética. Ainda que não apareça explicitamente em todo o texto, estamos de acordo com Campbell (1998), pois consideramos também que o critério para classificação interna deve ser a inovação compartilhada.

No desenvolvimento do presente estudo, observamos as etapas obrigatórias do método histórico-comparativo: estabelecemos um conjunto de correspondências sonoras nas línguas comparadas, a partir de um número significativo de etimologias; buscamos, a partir dessas etimologias, reconstruir protoformas, por meio das quais as formas atuais das diversas línguas pudessem ser derivadas; tentamos explicar as mudanças ocorridas nas diversas línguas e, finalmente, buscamos também promover a reconstrução de alguns morfemas e de alguns padrões sintáticos da protolíngua (cf. JEFFERS; LEHISTE, 1979; KAUFMAN, 1990; CAMPBELL, 1997; 1998).

Ressaltamos que o presente estudo se beneficiou enormemente do trabalho anterior realizado por Shell (1975[1965]), o qual consideramos não somente como ponto de partida, mas também como referência principal, e sem o qual não teríamos chegado aos resultados desta tese.

0.3 ETNÔNIMOS

As denominações utilizadas para cada entidade étnica, no presente estudo, são as mais recorrentes na literatura linguística e antropológica atual em língua portuguesa. Não apresentamos revisão dos etnônimos e das denominações atribuídas a esses povos, embora reconheçamos que há divergência entre etnônimos e denominações externas, como muito bem observa Erikson (1992, p. 243):

De modo geral, os Páno recusam a designação pela qual são reconhecidos, por um lado devido a seu caráter exógeno (costuma ser imposta por um grupo pano vizinho) e por outro devido ao seu caráter geralmente pejorativo. O morfema *kaxi-*, atribuído tanto aos Kaxinawá quanto aos Kashíbo, por exemplo, significa “vampiro”, ao passo que o nome dos Marúbo deixa entender que seriam “carecas” (maru) [...]

Erikson (op. cit.) observa ainda que há autores que sugerem o uso de uma suposta autodenominação, que, na realidade, significa “humano, parente” ou também “gente”. Concordamos com Erikson (op. cit.) em manter, em princípio, as denominações já estabelecidas na literatura linguística e antropológica tradicional. Entretanto, há casos como o do termo Mayorúna, que alguns autores preferem utilizar em seu lugar o termo Matsés, no caso do Brasil¹⁰ (e.g. MATOS, 2009). Ressaltamos que o povo conhecido no Brasil como Matís também se denomina Matsés (‘gente’), o que cria ambiguidades quando se opta por usar um ou outro etnônimo. Nas palavras de Erikson (op. cit.):

Manteremos, contudo, as designações tradicionais por três razões básicas. Em primeiro lugar por sua comodidade, já que só elas permitem ao leitor localizar-se nas obras aqui recenseadas. Além disso, as soluções de substituição levariam à confusão num trabalho comparativo, dada a semelhança linguística entre as várias línguas Páno: até os especialistas poderiam ter dificuldade em distinguir entre *huni*, *honi*, *oni*, *odi* e outros *uni* frequentemente propostos como alternativa. Finalmente, porque embora as recusem para si mesmos, os Páno utilizam tais designações para seus vizinhos, porque seus etnólogos “estrangeiros” que são, não deveriam fazer o mesmo?

Reconhecemos, entretanto, a importância de trabalhos que buscam sistematizar os diversos etnônimos existentes e relacioná-los aos povos atuais ou a povos de que se tem conhecimento histórico seguro. Dos trabalhos a que tivemos acesso, ressaltamos a importância do trabalho de Fleck (2013), que apresenta uma revisão abrangente dos etnônimos das línguas da família Páno, separando-as em dois grupos, as línguas para as quais há dados linguísticos e as línguas que são mencionadas em trabalhos diversos, mas

¹⁰ Refiro-me apenas aos estudos em língua portuguesa, pois parece-me que, nos trabalhos em espanhol, é mais convencional se utilizar Matsés para denominar este grupo.

cujos dados linguísticos não são apresentados. Córdoba, Valenzuela e Villar (2011) apresentam importante discussão sobre as distintas denominações dos grupos que constituem o subgrupo que eles denominam Páno Meridional ou Páno Sul Oriental. Destacamos, também, o trabalho de Coutinho Jr. (1993), que, ao apresentar uma etno-história Mayorúna, demonstra como o termo Mayorúna teria mudado através dos tempos, indo de uma categoria abrangente que denominava vários povos da família Páno até tornar-se a designação de apenas um povo.

Os etnônimos apresentados por meio das classificações não só em Shell (op. cit.) são um desafio para os estudiosos de línguas Páno. Segundo Erikson (1992, p. 240), o número de denominações para os diferentes povos Páno é tão grande que as denominações listadas no *Handbook of South American Indians*, chegam a “82 línguas Páno diferentes para não falar das inúmeras denominações de subgrupos que se poderiam repertoriar na literatura”.

Para dar conta da redução do número de línguas atuais, estimado por vários autores (cf. LOOS, 1999; VALENZUELA, 2003) em mais ou menos 30, Erikson (1992, p. 240) considera fatos como a extinção de alguns grupos, a fusão de outros em um só grupo (caso dos Shípibo, Kónibo e Shétebo), a redução populacional e também “o conhecimento mais detalhado de que dispomos hoje, que permite reagrupar sob um mesmo rótulo grupos antigamente apresentados como totalmente distintos”. Observamos ainda que também é possível o contrário, como no caso de Marúbo e Mayorúna, que Shell (1975 [1965]) comenta que poderiam ser dialetos de uma mesma língua, mas que hoje sabemos que se trata de duas línguas completamente diversas.

Ainda sobre os etnônimos, Erikson (1992, p. 242), ressalta que os etnônimos são “reagrupamentos efetuados por estrangeiros, que, sem dúvida, correspondem a uma incontestável realidade empírica, mas que são pouco compatíveis com a visão indígena tradicional do que se poderia chamar de ‘etnotaxonomia social’”. Das observações de Erikson (op. cit.), podemos ressaltar dois fatos importantes presentes no trabalho de Shell (1975 [1965]) e que vão também aparecer nas classificações seguintes: a) etnônimos como Shípibo e Kaxinawá não são autodenominações e os povos assim denominados não se reconhecem por esses rótulos, muito embora alguns grupos assumam atualmente estas denominações (cf. VALENZUELA, 2008); b) há denominações que aparecem na literatura linguística e antropológica, que podem ser, de fato, nomes de parcialidades ou grupos internos do que interpretamos como etnia.

Para a grafia dos nomes étnicos, utilizamos uma combinação da *Convenção para a grafia de nomes tribais* (ABA, 1954) com convenções utilizadas por estudiosos da família Páno. Dessa forma, seguindo a *Convenção para a grafia de nomes tribais*, não utilizamos flexão de gênero ou número para esses nomes e representamos graficamente acento, segundo a pronúncia comum dessas palavras.¹¹ Por outro lado, utilizamos dois grafemas para sons idênticos em português devido ao uso já consolidado por especialistas dessa família linguística de *x* para algumas línguas (e.g. Kaxinawá) e *sh* para outras (e.g. Kashíbo). No capítulo 1, em que apresentamos as diversas propostas de classificação das famílias, conservamos as grafias apresentadas nos trabalhos originais sempre que as recompilamos.

0.4 DADOS E FONTES

Os dados utilizados para a comparação das 18 línguas da família Páno, objeto desse estudo, são de fontes diversas. Os que já haviam sido incluídos na comparação de Shell (1975 [1965]) foram mantidos, mas atualizamos a sua representação fonológica utilizando símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Quando Shell (op. cit.) não apresenta o dado de uma língua ou quando este diverge de outras fontes pesquisadas, inserimos um novo, mas observando a sua fonte. Nos casos em que os dados estão escritos ortograficamente nas fontes, realizamos sua interpretação fonológica, a partir dos estudos linguísticos existentes. Há alguns casos em que possuíamos dados próprios que nos serviram para entender melhor a realidade fonética das línguas comparadas, embora tenhamos optado, nesses casos, por utilizar os de autores que possuíam mais conhecimento da língua. Em último caso, quando não encontramos dados nas fontes pesquisadas, mas os possuíamos a partir de trabalhos nossos, lançamos mão de dados próprios.

Na tabela seguinte, apresentamos as fontes pesquisadas para cada língua. Não citaremos Shell (1975 [1965]), embora enfatizemos que seu trabalho foi a principal fonte dos dados das 7 línguas utilizadas por ela em seu trabalho reconstrutivo pioneiro (Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá e Marináwa). No caso da língua Marináwa, Shell (op. cit.) é a única fonte a que tivemos acesso. Não listaremos também os trabalhos dos quais utilizamos as análises fonológicas, mas não os dados para comparação.

¹¹ A pronúncia comum não é necessariamente a pronúncia dos falantes nativos, mas aquela que é convencional na língua portuguesa ou espanhola.

QUADRO 01 – LISTA DAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS DOS DADOS UTILIZADOS NA COMPARAÇÃO

Amawáka	<p>HYDE, S. <i>Diccionario Amahuaca</i>. Yarinacocha: Ministerio de Educación e Instituto Lingüístico de Verano, 1980.</p> <p>OSBORN, H. Amahuaca phonemes. <i>International Journal of American Linguistics</i>, v. 14, n. 3, 1948.</p> <p>SPARING-CHÁVEZ, M. <i>Aspects of Amahuaca Grammar: an endangered language of the Amazon Basin</i>. 2012.</p>
Chákobo	<p>CORDOBA; VALENZUELA; VILLAR. <i>Las lenguas de los panos meridionales</i>. 2011. mimeo.</p> <p>ZINGG, P. <i>Diccionario Chacobo-Castellano</i>. La Paz: Ministerio de Educación, Cultura y Deportes y Confederación de Pueblos Indígenas Bolivia, 1998.</p>
Chanináwa	<p>VALENZUELA, P. M. Dados de trabalho de campo. 2001. mimeo.</p>
Kashíbo	<p>SHELL, O. A. <i>Vocabulario Cashibo Cacataibo</i>. Yarinacocha, Pucallpa: Instituto Lingüístico de Verano, 1987.</p> <p>ZARIQUIEY, R. <i>A grammar of Kashíbo-Kakataibo</i>. 2011. Tese (Doutorado em Linguística), La Trobe University, Bundoora, Victoria, 2011.</p>
Kapanáwa	<p>LOOS, E.; LOOS, B. <i>Diccionario Capanahua Castellano</i>. Yarinacocha, Pucallpa: Instituto Lingüístico de Verano, 1998.</p>
Katukína	<p>AGUIAR, Maria Suelí. <i>Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano</i>. 1994. 308f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.</p> <p>BARROS, L. G. <i>A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukína (Páno)</i>. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1987.</p> <p>MENDES, H. C. Os direcionais em Katukína. 1996. mimeo.</p> <p>CABRAL, A. S. A. C.; OLIVEIRA, S. C. S. Dados de pesquisa de campo. 2009. mimeo.</p>
Kaxararí	<p>BÉKSta, Pe. Casimiro. <i>Kaşarari: subsídios para alfabetização na língua tribal. Situação dos falantes Kaşarari. Pesquisa fonética-fonológica. Sugestão: cartilha e leituras</i>. Vila Abunã, T. F. de Rondônia: Prelazia do Porto Velho, 1977.</p> <p>LANES, Elder José. <i>Aspectos da mudança lingüística em um conjunto de línguas Amazônicas: as línguas Pano</i>. 2005. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.</p> <p>PICKERING, Wilburg. Vocabulário. 1962. (versão eletrônica)</p> <p>SOUSA, Gladys Cavalcante. <i>Aspectos da fonologia da lingual Kaxarari</i>.</p>

	<p>2004. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.</p> <p>COUTO, Alexandre. <i>Ortografia Kaxarari</i>: uma proposta. Porto Velho, 2005. (versão eletrônica)</p> <p>VALENZUELA, P. M.; OLIVEIRA, S. C. S. Dados de pesquisa de campo. 2012. mimeo.</p>
Kaxinawá	<p>MONTAG, Susan. <i>Diccionario Cashinahua</i>: Tomo I. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1981.</p> <p>MONTAG, Susan. <i>Diccionario Cashinahua</i>: Tomo II. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1981.</p> <p>MONTAG, Susan. <i>Lecciones para el aprendizaje de la gramática pedagógica en Kashinawa</i>. Lima: Ministerio de Educación e Instituto Lingüístico de Verano, 2008.</p>
Korúbo	<p>OLIVEIRA, S. C. S. Dados de pesquisa de campo. jul. 2007-ago. 2012.</p>
Marúbo	<p>CESARINO, P. N. <i>Oniska</i>: A poética da morte e do mundo entre os Marubo da Amazônia ocidental. 2008. 469f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.</p> <p>COSTA, R. G. R. <i>Aspectos da Fonologia Marubo (Pano)</i>: Uma visão não-linear. 2000. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.</p> <p>COSTA, R. G. R. <i>Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Páno)</i>. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.</p> <p>CABRAL, A. S. A. C.; OLIVEIRA, S. C. S. Dados de pesquisa de campo. 2009. mimeo.</p> <p>MNTB. Dados de campo. s/d. Acervo de Loos.</p>
Matís	<p>FERREIRA, Rogério Vicente. <i>Língua Matis (Pano)</i>: uma descrição gramatical. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.</p> <p>SPANGHERO, V. R. <i>Estudo lexical da língua Matis</i>: Subsídios para um dicionário bilingüe. 2005. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.</p>
Mayorúna	<p>FLECK, David. <i>A grammar of Matses</i>. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), Rice University, 2003.</p> <p>FLECK, David. <i>Diccionario Matses Castellano</i>. 2010. (versão eletrônica)</p> <p>FLECK, D. W.; BËSO, F. S. U.; HUANÁN, D. N. J. <i>Diccionario Matsés-Castellano</i>. Editora Tierra Nueva. 2012. (versão eletrônica)</p>

Poyanáwa	PAULA, Aldir Santos de. <i>Poyanáwa, a língua dos índios da aldeia Barão: aspectos fonológicos e morfológicos</i> . 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.
Shanenáwa	CÂNDIDO, Gláucia Vieira. <i>Aspectos fonológicos da língua Shanenawá (Páno)</i> . Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998. CÂNDIDO, Gláucia Vieira. <i>Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)</i> . 2004. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.
Sharanáwa	SCOTT, M. <i>Vocabulário Sharanahua-Castellano</i> . Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2004.
Shípiho-Kónibo	VALENZUELA, P. M. <i>Transitivity in Shipibo Konibo Grammar</i> . 2003. Tese (Doutorado em Linguística), University of Oregon, Oregon, 2003. LORIOT, J.; LAURIAULT, E.; DAY, D. <i>Diccionario Shipibo-Castellano</i> . Yarinacocha, Pucallpa: Ministerio de Educación del Perú e Instituto Lingüístico de Verano, 1993.
Yamináwa	FAUST, N.; LOOS, E. <i>Gramática del Idioma Yaminahua</i> . Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 2002. EAKEN, L. <i>Lecciones para el aprendizaje del idioma yaminahua</i> . Yarinacocha, Pucallpa: Instituto Lingüístico de Verano, 2008. CABRAL, A. S. A. C.; OLIVEIRA, S. C. S. Dados de pesquisa de campo. 2009. mimeo.
Yawanawá	PAULA, Aldir Santos DE. <i>A língua dos índios Yawanawa do Acre</i> . 2004. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004. CABRAL, A. S. A. C.; OLIVEIRA, S. C. S. Dados de pesquisa de campo. 2009. mimeo. SOUZA, L. C. S. T. <i>Fonologia, morfologia e sintaxe das expressões nominais em Yawanawá (pano)</i> . 2013. 156f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

0.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE

A presente tese está organizada em 5 capítulos. Na introdução, apresentamos o objetivo, a justificativa e o método de trabalho utilizado, considerações sobre a família Páno, os etnônimos encontrados na literatura linguística e antropológica e os dados e fontes utilizados. No capítulo 1, apresentamos uma revisão das propostas de classificação interna

da família Páno a que tivemos acesso, estabelecendo uma classificação para essas propostas, segundo a metodologia usada em cada uma delas e, ao final, discorreremos acerca do status que as línguas comparadas têm nas diversas classificações. No capítulo 2, realizamos a revisão do sistema fonológico de cada uma das línguas comparadas, com base nos autores que as descreveram. No capítulo 3, apresentamos a revisão da proposta de reconstrução fonológica realizada por Shell (1975 [1965]) e os sons que teriam constituído o Protopáno. No capítulo 4, discutimos a reconstrução do que teriam sido as consoantes finais de palavras na protolíngua e as implicações dessa proposta. No capítulo 5, apresentamos as evidências para a reconstrução dos morfemas **Vr* ‘ergativo’ e **-Vn* ‘genitivo, locativo, instrumental’ para o Protopáno. O capítulo 6 resume as conclusões a que chegamos. Ao final do trabalho, apresentamos as referências usadas, seguidas de um apêndice com as etimologias reconstruídas e os dados que embasam cada uma delas.

1. REVISÃO DAS CLASSIFICAÇÕES DA FAMÍLIA PÁNO¹²

1.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentamos uma revisão das propostas linguísticas de classificação interna da família Páno. Nesse sentido, consideramos como marco inicial dos estudos classificatórios desta família linguística o trabalho de Raoul de la Grasserie (1890), por ser o primeiro a reunir dados que demonstram a validade desse agrupamento genético. Além dessa obra, integram o conjunto de obras pioneiras sobre a família Páno os estudos de Brinton (1891), Rivet (1910), Crequi-Monfort e Rivet (1913), Rivet e Tastevin (1927), Mason (1950) e, com destaque especial, o estudo de Olive Shell (1975 [1965]), que é, sem dúvida, um marco na história dos estudos comparativos sobre o agrupamento genético Páno.

Devido à importância do trabalho de Shell (op. cit.), damos a ele atenção especial, discutindo-o detalhadamente e fazendo considerações sobre as justificativas que apresenta para cada um dos subagrupamentos internos que propõe.

Consideramos ainda estudos mais recentes que argumentam em favor da validade de subagrupamentos internos, como os de Soto (1990), Erikson (1992), Loos (1999) e Valenzuela (2003), assim como estudos que propõem a mensuração temporal para subagrupamentos no interior da família, como os de D'Ans (1973; 1975), Lanes (2005) e Amarante Ribeiro (2005).

Avaliamos o estudo realizado por Soto (op. cit.)¹³ como de grande importância no contexto dos estudos histórico-comparativos da família Páno por apresentar uma revisão da classificação de Shell (1975 [1965]), com uma avaliação produtiva das inovações consonantais identificadas pela primeira, e também por considerar a possibilidade de reconstrução de um novo fonema para o Protopáno.

Já o trabalho de Erikson (1992), embora não seja um trabalho histórico-comparativo *stricto sensu*, é o primeiro a propor um subgrupo Mayorúna, incluindo as

¹² Este capítulo é uma versão revisada do que apresentamos como parte do exame de qualificação e incorpora parte das sugestões feitas pela banca. Agradeço a Ana Suely Arruda Câmara Cabral, Paul Heggarty e Pilar Valenzuela pela leitura atenta e pelas sugestões. Agradeço também a Beatriz Carretta Corrêa-da-Silva, que também se dispôs a ler uma versão preliminar deste capítulo e contribuiu com sugestões para melhorar sua estruturação.

¹³ O estudo realizado por Soto (op. cit.), embora praticamente desconhecido, é uma importante contribuição aos estudos histórico-comparativos da família Páno. Trata-se de trabalho de disciplina, realizado sob a orientação de Terrence Kaufman, no Departamento de Linguística da Universidade de Pittsburgh, PA, em 1990.

línguas Matís, Korúbo e Kulína, hipótese esta que vem se fortalecendo a partir de trabalhos mais recentes como os de Fleck (2003; 2013), Fleck e Ferreira (2005), Ferreira (2005), Spanghero-Ferreira (2005) e Oliveira (2009).

Já o estudo de Lanes (2005) foi incluído como referência deste trabalho principalmente por incluir dados das línguas Mayorúna e Kaxararí, ausentes em trabalhos anteriores.

No presente capítulo, organizamos as seções de acordo com a metodologia ou orientação que nos parecia semelhante a cada subconjunto de trabalhos, de forma que cada seção agrupa trabalhos que apresentam uma orientação ou metodologia comum. Na seção 1.2, apresentamos os trabalhos baseados no método histórico-comparativo, com destaque para o trabalho de Shell (1975 [1965]); na seção 1.3, incluimos trabalhos que foram importantes para a constituição da família com o número de línguas que hoje conhecemos; na seção 1.4, há os trabalhos baseados na localização atual das línguas; na seção 1.5, consideramos os estudos que se baseiam em métodos quantitativos; na seção 1.6, está a classificação de Erikson, que consideramos uma classificação antropológica; na seção 1.7, apresentamos as classificações que consideram as análises anteriores para a sua classificação e que também têm alguma base linguística; na seção 1.8, apresentamos um comentário geral sobre as diversas propostas e sobre algumas convergências que observamos; finalmente, na seção 1.9, apresentamos as línguas consideradas na comparação que realizamos nesse estudo e fazemos algumas observações sobre suas relações e como as consideramos nesse estudo.

1.2 TRABALHOS COMPARATIVOS

Na presente seção, apresentamos as classificações da família Páno que tiveram por base o método histórico-comparativo e que estabeleceram correspondências fonológicas e inovações compartilhadas como base para a classificação da família.¹⁴

Neste conjunto está o primeiro trabalho a demonstrar formalmente a existência de uma família Páno (DE LA GRASSERIE, 1890) e também o principal trabalho sobre a classificação interna da família realizado até o presente (SHELL, 1975 [1965]). A estes

¹⁴ Segundo Campbell (1998, p. 170), “o único critério geralmente aceito para o subagrupamento é inovação compartilhada”, o que torna este tipo de trabalho de relevo especial para os estudos de subagrupamento linguísticos. Outros métodos podem resultar em agrupamento por semelhança e não necessariamente por filogenia.

dois, somamos o trabalho de Soto (1990), que apresenta uma reanálise parcial dos critérios apresentados em Shell (op. cit.)

1.2.1 De la Grasserie (1890)¹⁵

O trabalho apresentado por Raoul de la Grasserie, durante o *Congrès des Américanistes* em 1888 e publicado em 1889, em Berlim, *De la Famille Linguistique Pano*, é considerado o primeiro trabalho linguístico sobre a família Páno, por vários dos estudiosos dessa família (SHELL, 1975 [1965], p. 16; VALENZUELA, 2003, p. 42; FERREIRA, 2005, p. 5; OLIVEIRA, 2009, p. 28). O trabalho de De la Grasserie tem ainda o mérito de ser pioneiro no uso do método histórico-comparativo no âmbito dos estudos de uma língua indígena sul-americana, como salienta Campbell (1997, p. 53).

De la Grasserie (1890) apresenta 80 cognatos de 8 línguas da família Páno, a saber: Maxuruna (SPIX), Mayouruna Domestiqué (CASTELNAU), Mayorúna Fera (CASTELNAU), Caripuna (NATERRER apud MARTIUS), Pano (CASTELNAU), Kónibo (MARCOY), Pacavara (Kansas city review) e Kulino (SPIX). Os conjuntos de cognatos estão distribuídos por campos semânticos, da seguinte forma: 25 nomes referentes a partes do corpo, 8 nomes referentes a termos de parentesco, 11 nomes referentes a animais, 9 nomes referentes aos vegetais e 23 nomes referentes a objetos inanimados (incluindo nomes de objetos culturais e nomes de elementos da natureza), 5 verbos, 3 adjetivos (todos referentes a cores) e os numerais de 1 a 4.

De la Grasserie (1890) não utiliza comparação gramatical para demonstração de relações genéticas entre as 7 línguas por ele estudadas, devido à limitação de dados à época, muito embora entenda o valor das “provas as mais importantes, as provas morfológicas” (DE LA GRASSERIE, op. cit., p. 1)¹⁶ e menciona alguns aspectos de gramática da língua Páno (Pánobo ou Wariapáno), notando que “todas as informações gramaticais faltam sobre as línguas congêneres” (DE LA GRASSERIE, op. cit., p. 12).¹⁷ Em suas notas, o autor busca identificar pronomes (pessoais, possessivos e relativos), tempos verbais (presente do indicativo, futuro e imperfeito) e modo imperativo, além da

¹⁵ Sobre o trabalho de De la Grasserie, cf. Oliveira (2010).

¹⁶ “[...] preuves les plus importantes, les preuves morphologiques [...]” (DE LA GRASSERIE, op. cit.).

¹⁷ “[...] tous renseignements gramatical manque sur les langues congêneres [...]” (DE LA GRASSERIE, op. cit.).

conjugação para o verbo *ter*. No entanto, nessas mesmas notas, o autor observa incorretamente que “não existe nenhum caso”¹⁸ (DE LA GRASSERIE, op. cit., p. 11).

O autor apresenta um quadro em que mostra o que ele qualifica como um tipo de fonética comparada dessas línguas¹⁹ (DE LA GRASSERIE, op. cit., p. 10), que permite a observação de “permutação de sons” e a “regularidade desta transmutação de uma língua a outra”²⁰, o que para ele representa evidências de relações genéticas entre as línguas (op. cit., p. 8). Reproduzimos, no quadro seguinte, as correspondências identificadas por De la Grasserie:

TABELA 01 – CORRESPONDÊNCIAS IDENTIFICADAS POR DE LA GRASSERIE (1890)

	Maxuruna	Mayorúna	Kulino, Pano
Labial	p	b (v)	v (b)
Dental	t	d	r
Gutural	k	gh	ts, tsch
Sibilante	sch tsch	h s	h s

Chama-nos a atenção, principalmente, a correspondência entre as dentais, uma vez que, em estudos mais recentes (LOOS, 1999; CABRAL, RODRIGUES, KAXINAWÁ, OLIVEIRA e PAULA, em preparação), constatou-se que a ocorrência do fonema oclusivo alveolar sonoro é rara na família Páno e que, das línguas que apresentam este fonema (Kaxinawá, Mayorúna, e Matís), duas delas (Matís e Mayorúna) pertencem ao subgrupo denominado Páno do Norte (VALENZUELA, 2003, p. 54-55) ou Mayorúna (ERIKSON, 1994, FLECK; FERREIRA, 2005; VALENZUELA, 2003, p. 55).

Observa-se, no trabalho de De la Grasserie (op. cit.), que alguns elementos importantes estão ausentes, como a segmentação morfológica de dados, e também que algumas propostas de correspondências não se mantêm como, por exemplo, a correspondência max. *k* cul. *p*, que se deve a uma não segmentação das palavras max.

¹⁸ “Il n’existe point de cas.” (DE LA GRASSERIE, op. cit.)

¹⁹ “Une sorte de fonétique comparée de ces langues.” (DE LA GRASSERIE, op. cit.)

²⁰ No original: “permutation des sons” e “la régularité de cette transmutation d’une langue à l’autre” (DE LA GRASSERIE, op. cit.).

mesky cul. *mispy*.²¹ Entretanto, esses problemas não comprometem o fundamental do trabalho de De la Grasserie (op. cit.), pois apenas refletem o estado do conhecimento das línguas à época, que não permitia o desenvolvimento de análises definitivas sobre correspondências por meio das línguas.

O fundamental do estudo de De la Grasserie (op. cit.) é que, embora baseado em material bastante limitado, marca o início dos estudos histórico-comparativos da família Páno de forma adequada, dando uma contribuição única e uma opção metodológica forte para o estudo desse grupo de línguas. No entanto, a metodologia por ele explicada, enfatizando principalmente as correspondências sonoras sistemáticas e as leis fonéticas, parecem ter sido esquecidas por muito tempo pelos estudiosos das línguas da família Páno, tendo sido retomada por Shell (1975 [1965]) e por Soto (1990). Talvez seja importante lembrar que “este meio de controle pode ser aplicado com sucesso às sete línguas que nós agrupamos” (DE LA GRASSERIE, 1890)²² e também a todas as línguas Páno conhecidas atualmente, sendo o único método eficaz para o subagrupamento de línguas (cf. CAMPBELL, 1997).

1.2.2 Shell (1975)

Após o trabalho de De la Grasserie (1890), Shell (1975 [1965]) foi a primeira autora a realizar um trabalho comparativo envolvendo línguas da família Páno.

Nesse estudo, ela propôs correspondências sonoras, reconstrução de protoformas e inovações compartilhadas.²³ Trata-se, sem sombra de dúvida, do mais importante e mais influente trabalho para os estudos histórico-comparativos da família Páno. A autora não só reconstruiu 512 formas para o que ela chamou de “Pano reconstruído” (o Protopáno), como também estabeleceu os protofonemas, identificou as inovações compartilhadas que permitiriam propor os subgrupos dentro da família Páno, os traços suprasegmentais e o traço gramatical da referência transitiva do que seria o Protopáno e as suas estruturas de sílabas e palavras.

²¹ As palavras comparadas por De la Grasserie são compostas de mais de um morfema. No caso, apenas a sílaba *me-* e *mi-* (provavelmente *mí* em ambos os casos) são cognatos e fazem parte dos jogos de prefixos conhecidos atualmente como “prefixos parte do corpo” nos estudos Páno.

²² “[...] ces moyens de controle peuvent être appliqués avec succès aux sept langues que nous groupons” (DE LA GRASSERIE, op. cit.).

²³ Originalmente escrito em inglês, esse trabalho foi traduzido para o espanhol em 1975, pela própria autora.

No entanto, Shell (op. cit.) reconhece que seu trabalho possui algumas limitações, principalmente pela falta de dados à época, o que a leva a preferir o termo Pano reconstruído no lugar de Protopáno:

A reconstrução não pretende ser a última palavra a respeito. Talvez futuras investigações nos países de Bolívia e Brasil poderiam prover dados para um pano mais primitivo que o que poderia ser reconstruído tomando como base os presentes dados. Portanto, neste estudo se usa o termo “pano reconstruído” (PR) em vez de “proto-pano”, reservando o termo mais amplo para um uso posterior, embora não se espere que o “proto-pano” difira muito do PR apresentado aqui. (SHELL, 1975 [1965], p. 11)²⁴

A cautela de Shell (op. cit.), ao reconhecer a possibilidade de que a reconstrução poderia não ser definitiva, é digna de atenção e nos parece bastante louvável. No entanto, apesar de também entendermos que uma reconstrução, como a proposta por ela e também a revisão que propomos nos capítulos seguintes, possa ser parcial, entendemos que uma reconstrução é uma protolíngua. Dessa forma, nos capítulos seguintes, usaremos sempre o termo Protopáno, inclusive para nos referirmos ao que Shell (op. cit.) denominou “Páno reconstruído”. Acreditamos também, como Shell, que as soluções apresentadas nos capítulos seguintes podem não ser definitivas, mas que representam mais um avanço rumo ao entendimento da protolíngua Páno.

Voltando ao trabalho de Shell (1975 [1965]), ela considera, de fato, dados de 21 línguas da família Páno: Amawáka, Atsawáka, Arazaire, Chákobo (Chákobo de Prost, Chákobo de Cardús e Chákobo de Nordenskiöld), Kashinawá, Kapanáwa, Kashíbo, Kulíno, Iskonáwa, Karipuná, Marináwa, Marúbo (Marobo), Mayorúna (Mayorúna Civilisé, Mayorúna Sauvage, Mayorúna de Martius, Mayorúna de Hawkins, Mayorúna de Fields), Nokamán, Pakaguara (Pakaguara de d’Orbigny, Pakaguara de Heath, Pakaguara de Armentia), Poyanáwa, Shípibo-Kónibo, Tutxinaua, Wariapáno (Páno de Navarro, Páno de Tessmann, Wariapáno de Shell), Yamiáka (Y1 de investigador desconhecido, Yamiaka de Nordenskiöld), Yamináwa. No entanto, acreditamos que, pela grande diferença de qualidade das diversas fontes, apenas 7 línguas (Amawáka, Kapanáwa, Kashíbo,

²⁴ “La reconstrucción no pretende ser la última palabra al respecto. Tal vez futuras investigaciones en los países de Bolívia y Brasil podrían proveer datos para un pano más primitivo que el que podría ser reconstruido tomando como base los presentes datos. Por lo tanto, en este estudio se usa el término “pano reconstruido” (PR) en vez de “proto-pano”, reservando el término más amplio para un uso posterior, aunque no se espera que el “proto-pano” difiera mucho del PR presentado aquí.” (op. cit.)

Kashinawá, Chákobo, Marináwa, Shípibo-Kónibo)²⁵ são utilizadas para o que ela chama de reconstrução básica, ou seja, para a reconstrução do sistema fonológico e das formas lexicais propostas para seu Protopáno e, conseqüentemente, para a classificação interna dessa família. Doze dessas línguas (Arazaire (Arasa), Atsawáka, Karipúna, Kulíno (Curina), Yamináwa (Jaminahua), Yawanawá (Jauanaua), Pakawára (Pacaguara), Páno, Poyanáwa (Poianaua), Remo, Tuchinaua, Yamiáka) são utilizadas apenas como dados informativos em notas de rodapé, não tendo sido utilizadas diretamente na reconstrução. Nesse segundo grupo de línguas, constam línguas cujos dados utilizados foram obtidos, geralmente, a partir de fontes antigas.

No entanto, devemos ressaltar que Shell (1975 [1965]), a partir de observações sobre inteligibilidade mútua e análise dos dados à disposição, busca de forma muito detalhada constituir possíveis subgrupos internos à família Páno. É, inclusive, digno de nota o esforço da autora (op. cit.) em, apesar da escassez de dados, estabelecer inovações compartilhadas como critério para seus subgrupos e tentar representar da melhor forma possível a diversidade dessa família. Julgamos, entretanto, necessário analisar os subgrupos propostos pela autora, antes de considerarmos a sua classificação como um todo.

Shell (1975 [1965]) toma o trabalho de McQuown (1955) como hipótese inicial de subagrupamento da família, para tentar representar da melhor forma possível os diversos subgrupos em sua reconstrução. A classificação de McQuown (1955) é a mesma de Mason (1950), com exceção da grafia de alguns nomes e da forma de apresentar alguns subagrupamentos. Como o trabalho de McQuown (op. cit.) serve de referência inicial para o de Shell (1975 [1965]), iniciamos por analisar as considerações da autora sobre a classificação de McQuown.

1.2.2.1 Subgrupos com base em McQuown (1955)

A partir de suas próprias observações e, provavelmente, das informações que Shell (1975 [1965]) conseguiu pessoalmente ou por meio de outros linguistas que realizaram trabalho de campo, a autora reinterpreta os subgrupos propostos por McQuown (op. cit.). A maior parte das observações de Shell (op. cit.) baseia-se em informações sobre

²⁵ O Shípibo e o Kónibo são listados como línguas separadas, mas consideradas como uma única língua na comparação e na reconstrução.

inteligibilidade mútua,²⁶ no entanto, ela usa estas informações apenas como uma hipótese inicial, para uma melhor orientação de que línguas deveriam estar representadas em seu trabalho comparativo. Apresentamos, aqui, a classificação de McQuown (1955), para podermos verificar as apreciações de Shell (op. cit.) sobre esta proposta.

Classificação de McQuown (1955)

Q1	Pano(na) Central
Q1A	Chama (Ucayali)
Q1Aa	Conibo(an)
Q1Aa1	Conibo
Q1Aa2	Xipibo(an)
Q1Aa2a	Sinabo(an)
Q1Aa2aa	Caliseca † ??
Q1Aa2ab	Sinabo ??
Q1Aa2b	Manamabobo(an)
Q1Aa2ba	Manamabobo † ?
Q1Aa2bb	Manava † ?
Q1Aa2c	Xipibo
Q1Aa3	Setebo(an)
Q1Aa3a	Sensi(an)
Q1Aa3aa	Casca
Q1Aa3ab	Runubu
Q1Aa3ac	Inubu
Q1Aa3ad	Barbudo
Q1Aa3ae	Tenti
Q1Aa3af	Managua ??
Q1Aa3ag	Sensi
Q1Aa3b	Panobo(an)
Q1Aa3ba	Pano
Q1Aa3bb	Pelado
Q1Aa3bc	Caxiboyano
Q1Aa3bd	Panobo
Q1Aa3be	Manoa
Q1Aa3c	Setebo
Q1Ab	Caxibo(an)
Q1Ab1	Cacataibo
Q1Ab2	Caxinyo
Q1Ab3	Runyo

²⁶ Muito embora informações sobre inteligibilidade mútua venham sendo utilizadas como critério para classificação interna, elas não são um critério seguro de classificação (cf. CAMPBELL, 1997). Estamos de acordo sobre a utilização desse tipo de informações para gerar hipóteses iniciais para o trabalho comparativo, mas não como critério exclusivo de classificação de línguas.

Q1Ab4	Buninahua
Q1Ab5	Carapacho † ? ??
Q1Ab6	Puchanahua
Q1Ab7	Xirino
Q1Ab8	Caxibo
Q1B	Culino (Curina) †
Q1C	Capanahua(n)
Q1Ca	Capanahua
Q1Ca1	Capanahua
Q1Ca2	Busquipani
Q1Cb	Remo(an)
Q1Cb1	Remo
Q1Cb2	Sacua
Q1Cc	Maspo(an)
Q1Cc1	Maspo † ?
Q1Cc2	Epetineri
Q1Cd	Cuianaua(n)
Q1Cd1	Nucuini
Q1Cd2	Cuianaua
Q1Ce	Niaragua ??
Q1Cf	Puyamanahua † ?
Q1D	Amahuaca(n)
Q1Da	Amahuaca
Q1Da1	Cachinaua(n)
Q1Da1a	Cachinaua
Q1Da1b	Cheminaua
Q1Da2	Inuvaqueu
Q1Da3	Viuivaqueu
Q1Da4	Amahuaca
Q1Db	Pichobo(an)
Q1Db1	Pichobo
Q1Db2	Soboibo(an)
Q1Db2a	Soboibo
Q1Db2b	Runagua †
Q1Db3	Mochobo(an)
Q1Db3a	Mochobo † ?
Q1Db3b	Comobo † ?
Q1E	Pano(an) (Catuquina)
Q1Ea	Arara(n)
Q1Ea1	Arara

Q1Ea2	Chauanaua
Q1Eb	Ararapina
Q1Ec	Araraua
Q1Ed	Saninaua(n)
Q1Ed1	Saninaua
Q1Ed2	Saninauaca
Q1Ee	Catuquina
Q1F	Pano(an) (Juruá-Purús)
Q1Fa	Poianaua
Q1Fb	Chipinaua
Q1Fc	Aranaua ?? (=Araraua)
Q1Fd	Jauavo
Q1Fe	Jaminaua
Q1Ff	Runanaua †
Q1Fg	Contanaua
Q1Fh	Jauanaua
Q1Fi	Pacanaua
Q1Fj	Jumbanaua
Q1Fk	Jura
Q1Fl	Tuchinaua
Q1Fm	Marinaua
Q1Fn	Espino
Q1Fo	Manaua
Q1Fp	Canamari
Q2	Pano(an) (sul-occidental)
Q2A	Arazaire † ? (=Arasa)
Q2B	Atsahuaca(n)
Q2Ba	Atsahuaca † ?
Q2Bb	Yamiaca
Q2C	Arauá ??
Q3	Pano(an) (sul-oriental)
Q3A	Pacaguara(n)
Q3Aa	Chácobo
Q3Ab	Caripuna(n)
Q3Ab1	Caripuna
Q3Ab2	Jacaria †
Q3Ac	Capuibo
Q3Ad	Sinabo (=Gritones)
Q3Ae	Pacaguara
Q3B	Zurina ??

Shell (1975 [1965]) subdivide o Páno-Central (Q1) de McQuown (1955) em três subgrupos sem, necessariamente, apresentar alguma relação deles com um agrupamento maior, diferentemente da proposta inicial de McQuown (op. cit.).

No primeiro grupo, denominado pela autora Shípiho-Kóniho, Shell inclui Kóniho (Q1Aa1), Shípiho (Xípiho (Q1Aa2)), Sensi (Q1Aa3a) e Shétebo (Setebo (Q1Aa3c)). Ela considera o Shétebo (Setebo) e o Sensi(an) como “tentativamente incluídos” (op. cit., p. 25). Em outro trecho de seu trabalho, Shell (op. cit.) acrescenta que Shípiho e Kóniho são denominações de caráter geográfico e não refletem diferenças linguístico-culturais. O Shétebo (Setebo), por outro lado, seria uma variedade divergente, mas ainda compreensível pelos Shípiho-Kóniho. Esta posição é também defendida por Valenzuela (2003). O Sensi ou Jintsi, não seria mais que uma denominação dos Shípiho e Shétebo a um grupo “absorvido culturalmente” (SHELL, 1975 [1965]) por esses últimos e que não podiam ser diferenciados dos Shétebo, a partir da lista de palavras de Tessman (1930 apud SHELL, 1975 [1965]). O Shípiho-Kóniho de Shell (op. cit.) inclui vários subgrupos de McQuown (1955), como observamos abaixo, mas, das observações acima, podemos dizer que o subgrupo pode ser reduzido a Shípiho, Kóniho e Shétebo.

Q1Aa1	Kóniho (Cuniba)	Peru (*)
Q1Aa2	Xipibo(an)	
Q1Aa2a	Sinabo(an)	
Q1Aa2aa	Caliseca † ??	Peru
Q1Aa2ab	Sinabo ??	Peru
Q1Aa2b	Manamabobo(an)	Peru
Q1Aa2ba	Manamabobo † ?	Peru
Q1Aa2bb	Manava † ?	Peru
Q1Aa2c	Xipibo	Peru (*)
Q1Aa3a	Sensi(an)	
Q1Aa3aa	Casca	Peru
Q1Aa3ab	Runubu	Peru
Q1Aa3ac	Inubu	Peru
Q1Aa3ad	Barbudo	Peru
Q1Aa3ae	Tenti	Peru
Q1Aa3af	Managua ??	Peru
Q1Aa3ag	Sensi	Peru
Q1Aa3c	Setebo	Peru

O subgrupo Panobo(an) (Q1Aa3b) é considerado por Shell (1975 [1965]) como um subgrupo independente do Shípibo-Kónibo, uma vez que não é mutuamente inteligível com as línguas Shípibo (Q1Aa1) e Kónibo (Q1Aa2) e não se conhece a relação deste subgrupo com Shétebo (Q1Aa3a) e Sensi (Q1Aa3c). No trabalho comparativo, o Wariapáno representa este subgrupo. Ademais, Shell (op. cit., p. 27) acrescenta que Manoa (ou Cushabatay), Kashiboyáno, Pelado e Páno são denominações distintas para Pánobo, baseados em características físicas ou geográficas, ou seja, pode-se considerar como subgrupo de membro único. No entanto, mesmo tratando esse conjunto como um subgrupo separado, Shell (op. cit.) reconhece que, apesar do Wariapáno não ser mutuamente inteligível com Shípibo-Kónibo, não é possível demonstrar que não haja uma relação mais próxima entre Wariapáno e Shétebo, como propõe Mason (1950).

Q1Aa3b	Panobo(an)	
Q1Aa3ba	Pano	Peru (**)
Q1Aa3bb	Pelado	Peru
Q1Aa3bc	Kashíboyano	Peru
Q1Aa3bd	Panobo	Peru
Q1Aa3be	Manoa	Peru

A língua Kashíbo representa todo o subgrupo Kashíbo(an) (Q1Ab), sendo que Shell (op. cit.) considera que as línguas desse subgrupo não são mutuamente inteligíveis com as línguas Wariapano (Q1Aa3b) ou Shípibo-Kónibo (Q1Aa1, Q1Aa2, Q1Aa3a e Q1Aa3c). Baseando-se em Tessmann (1930), Shell observa que Caliseca e Manamabobo são denominações distintas para Kashíbo e que apenas a língua Puchanahua não é observada por Tessmann (op. cit.) como denominação para algum dos subgrupos do povo Kashíbo. A própria autora observou em campo que havia três dialetos entre os Kashíbo. O primeiro seria o dos Kashíbo propriamente, o outro seria o dos Kakataíbo, que não aceitavam ser identificados como Kashíbo, e havia ainda os Kámano. Além desses subgrupos, a autora acrescenta o Nokamán, que cogita ser uma denominação variante de Kámano, mas que seguramente seria do subgrupo Kashíbo.

Q1Ab	Kashíbo(an)	
Q1Ab1	Cacataibo	Peru (*)
Q1Ab2	Caxinyo	Peru
Q1Ab3	Runyo	Peru

Q1Ab4	Buninahua	Peru
Q1Ab5	Carapacho † ? ??	Peru
Q1Ab6	Puchanahua	Peru
Q1Ab7	Xirino	Peru
Q1Ab8	Kashíbo	Peru (*)

Segundo Shell (1975 [1965]), a língua Kulíno (ou Curina (Q1B)) estaria extinta e as listas de palavras existentes não seriam suficientes para determinar o grau de inteligibilidade com outras línguas ou dialetos. Esta língua foi primeiramente classificada por De la Grasserie (1890) e depois por Rivet (1910) como pertencente à família Páno. Shell (op. cit.) acredita que seria uma mesma língua apresentada por Martius,²⁷ mas ela não teve acesso aos dados dessa língua.

Q1B	Kulino (Curina) †	Br. (**)
-----	-------------------	----------

O Kapanáwa (Q1Ca) representa, na comparação de Shell (1975 [1965]), o grupo Kapanáwa(an). Baseada em informações de Loos,²⁸ Shell (op. cit.) supõe que há inteligibilidade parcial entre o Shípibo-Kónibo e o Kapanáwa. No entanto, não haveria inteligibilidade, ainda que parcial, entre Kapanáwa e Wariapáno ou Kashíbo, que são os representantes dos outros dois subgrupos apresentados pela autora (SHELL, 1975 [1965]). Ou seja, apesar de Shell (op. cit.) considerar Kapanáwa e Shípibo-Kónibo como subgrupos separados, poderia haver uma relação mais próxima entre esses dois subgrupos. Quanto aos ramos Q1Cb, Q1Cc, Q1Cd, Q1Ce e Q1Cf, Shell (op. cit.) observa apenas que havia contato com um grupo Iskonáwa que poderia ser Remo. Shell (op. cit.) observa ainda que, segundo Tessmann (1930), Busquipani seria sinônimo de Amawáka, o que poderia levar à retirada de Busquipani desse subgrupo. A autora duvida que haja grupos tribais com os nomes Maspo (Q1Cc), Cuianaua (Q1Cd), Niargua (Q1Ce) e Puyamanahua (Q1Cf). Mas, quanto ao Remo, ela observa que um grupo de 18 pessoas, contatadas naquela época, denominado Iskonáwa, poderia ser “resíduo” do grupo antes conhecido como Remo, embora considere também que esse grupo poderia ser um “resíduo” do grupo Jintsi. De toda forma, trata-se de um grupo inegavelmente Páno.

²⁷ A autora não faz referência ao trabalho, apenas cita o nome do autor. Martius também não aparece em sua bibliografia.

²⁸ Lembramos que Shell possuía informações de campo e interlocução com outros pesquisadores, nesse caso, acreditamos tratar-se de comunicação pessoal.

Q1C	Kapanáwa(n)	
Q1Ca	Kapanáwa	
Q1Ca1	Kapanáwa	Peru (*)
Q1Ca2	Busquipani	Peru
Q1Cb	Remo(an)	
Q1Cb1	Remo	Peru (** ??)
Q1Cb2	Sacua	Br.
Q1Cc	Maspo(an)	
Q1Cc1	Maspo † ?	Peru
Q1Cc2	Epetineri	Peru
Q1Cd	Cuianaua(n)	
Q1Cd1	Nucuini	Br.
Q1Cd2	Cuianaua	Br.
Q1Ce	Niaragua ??	Peru
Q1Cf	Puyamanahua † ?	Peru

O grupo Kaxinawá formaria um grupo independente, por não apresentar mútua inteligibilidade com Shípibo-Kónibo, Wariapáno, Kashíbo ou Kapanáwa. Shell (1975 [1965]) observa que Kaxinawá também não é mutuamente inteligível com Amawáka, que estão representados dentro de um mesmo subgrupo em McQuown (1955); no entanto, ela não menciona a relação existente entre o Kaxinawá e as línguas restantes do grupo Q1D.

Q1Da1	Cachinaua(n)	
Q1Da1a	Cachinaua	Br. (*)
Q1Da1b	Cheminaua	Br.

Segundo Shell (1975 [1965]), Amawáka forma um subgrupo com todas as outras línguas do agrupamento Q1Da, excluindo-se desse subgrupo apenas o Kaxinawá. No entanto, em uma segunda parte de seu trabalho, Shell (op. cit.) propõe que o Kaxinawá e o Amawáka estariam dentro de um mesmo grupo. Talvez o Inuvakeu (Inuvaqueu) possa ser, segundo Shell (op. cit.), uma denominação para um subgrupo masculino dentro do Kaxinawá, mas as outras denominações em Q1Da são desconhecidas para a autora.

Q1Da	Amawáka	
Q1Da1	Cachinaua(n)	
Q1Da2	Inuvaqueu	Br.

Q1Da3	Viuivaqueu	Br.
Q1Da4	Amawáka	Peru, Br. (*)
Q1Db	Pichobo(an)	
Q1Db1	Pichobo	Peru
Q1Db2	Soboibo(an)	
Q1Db2a	Soboibo	Peru
Q1Db2b	Runagua †	Peru
Q1Db3	Mochobo(an)	
Q1Db3a	Mochobo † ?	Peru
Q1Db3b	Comobo † ?	Peru

O grupo Katukína (Q1E), localizado no Brasil, não está representado nos dados de Shell (1975 [1965]). No entanto, a autora reconhece que há uma lista de 17 palavras de Rivet (1920) e que esse autor agrupa Katukína e Kanamarí em um mesmo subgrupo.

Q1E	Pano(an) (Catuquina)	Br.
Q1Ea	Arara(n)	
Q1Ea1	Arara	Br. ²⁹
Q1Ea2	Chauanaua	Br.
Q1Eb	Ararapina	Br.
Q1Ec	Araraua	Br.
Q1Ed	Saninaua(n)	
Q1Ed1	Saninaua	Br.
Q1Ed2	Saninauaca	Br.
Q1Ee	Catuquina	Br.

O Marináwa representa o grupo de línguas Páno (Juruá Purús), que não é mutuamente inteligível com o Shípibo-Kónibo, Wariapáno, Kashíbo, Kapanáwa, Kaxinawá e Amawáka. Naquela época, além dos dados do Marináwa utilizados por Shell (op. cit.), apenas Poyanáwa, Yamináwa e Tuchináwa possuíam listas de palavras, mas estas não permitiam determinar o grau de inteligibilidade mútua entre elas. Shell (op. cit.) duvida que todas as denominações que aparecem nesse subgrupo sejam línguas distintas, e observa que, apesar de haver algumas línguas também no Peru, esse grupo está majoritariamente localizado no Brasil.

²⁹ A classificação numérica de MCQuown (1955) para o Arauá é Q1Ca1, o que a colocaria no grupo Kapanáwa. A numeração é, obviamente, um erro, o qual é retificado aqui (SHELL, 1975 [1965]).

Além dos grupos apresentados em McQuown (1955), Shell (op. cit.) acrescenta ainda o Marúbo (Marobo), falado próximo da fronteira brasileira, no estado do Amazonas, e também o Mayorúna, representado em seu trabalho como May-F, mas cujos dados são de Fields (s/d) e não são incluídos na reconstrução. Notamos que a inserção dessas duas línguas não é clara e que, seguindo Mason (1950), Shell (op. cit.) também chega a considerar que as duas pudessem ser variantes dialetais. Notamos, no entanto, que hoje possuímos conhecimento suficiente sobre o Marúbo e o Mayorúna para afirmar que não se tratam de dialetos de uma mesma língua, mas sim de duas línguas bastante diferentes entre si. Não nos parece claro se essas duas línguas seriam inseridas no subgrupo Q1F, onde aparecem textualmente, ou se poderiam formar subgrupos independentes ou ainda estar dentro de outro subgrupo Q1.

Q1F	Pano(an) (Juruá-Purús)	Br.
Q1Fa	Poianaua	Br. (**)
Q1Fb	Chipinaua	Br.
Q1Fc	Aranaua ?? (=Araraua)	Br.
Q1Fd	Jauavo	Br.
Q1Fe	Jaminaua	Br. (**)
Q1Ff	Runanaua †	Br.
Q1Fg	Contanaua	Br.
Q1Fh	Jauanaua	Br. (**)
Q1Fi	Pacanaua	Br.
Q1Fj	Jumbanaua	Br.
Q1Fk	Jura	Br.
Q1Fl	Tuchinaua	Br. (**)
Q1Fm	Marinaua	Br.
Q1Fn	Espino	Br.
Q1Fo	Manaua	Peru
Q1Fp	Canamari	

Quanto ao grupo Sul-ocidental, haveria apenas listas de palavras. Shell (1975 [1965]) considera como pouco provável a existência de falantes dessas línguas, questiona a existência de um Arawá dentro da família Páno e aceita a subdivisão do Atsawáka em Yamiáka e Atsawáka.

Q2	Pano(an) (sul-ocidental)	Peru
Q2A	Arazaire † ? (=Arasa)	Peru (**)
Q2B	Atsawáka(n)	
Q2Ba	Atsawáka † ?	Peru (**)
Q2Bb	Yamiaca	Peru (**)
Q2C	Arauí ??	Peru

Shell (op. cit.) afirma que o Chákobo, representante desse subgrupo em sua comparação, não é reciprocamente inteligível com nenhuma das línguas agrupadas por McQuown (1955) como Páno Central (Q1), das quais se dispunha de material suficiente. Além dos dados do Chákobo, a autora também utilizou listas de palavras do Pakawára (Pacaguara) e do Karipúna, mas que não foram utilizados em sua reconstrução. Ela acrescenta em outro ponto que esse subgrupo poderia ser denominado Pacawára (Pacaguara) e questiona a inclusão do Zurina nesse subgrupo.

Q3	Pano(an) (sul-oriental)	Br. Bol.
Q3A	Pacaguara(n)	
Q3Aa	Chákobo	Bol. (*)
Q3Ab	Caripuna(n)	
Q3Ab1	Caripuna	Br. (**)
Q3Ab2	Jacaria †	Br.
Q3Ac	Capuibo	Bol.
Q3Ad	Sinabo (=Gritones)	Bol.
Q3Ae	Pacaguara	Bol. Br. ? (**)
Q3B	Zurina ??	Br.

Dada a escassez de dados, quando da publicação do trabalho de Shell (1975 [1965]), ressaltamos a intenção da autora em realmente fazer uma subclassificação de toda a família e não apenas das sete línguas que foram utilizadas em sua reconstrução, devido à qualidade do material. No entanto, temos que notar também que as informações eram ainda muito deficitárias e que isso poderia proporcionar alguns equívocos ou falta de clareza em seus subgrupos, como é o caso de Marúbo e Mayorúna, ou da relação entre Kapanáwa e Shípibo-Kónibo.

A revisão de subgrupos, discutida acima, é indiretamente influenciada por Rivet e Tastevin (1927), que foram os primeiros autores a estabelecer a divisão em três

subgrupos geográficos, como vemos na seção 1.4.1, adiante. A partir do trabalho desses dois autores, notamos que vários outros mantêm sempre uma divisão com três grandes grupos e com alguma base geográfica, incluindo Mason (1950) e McQuown (1955), que servem de base para Shell (1975 [1965]).

1.2.2.2 Subclassificação com base em inovações compartilhadas

A discussão apresentada em Shell (op. cit.) sobre McQuown (1955), que resumimos acima, é tomada como base para determinar quais línguas deveriam ser consideradas na comparação que embasaria a reconstrução da protolíngua. Determinadas as línguas e realizada a comparação, Shell (op. cit.) chega a uma proposta de diversificação arbórea em que podemos distinguir três grupos, a partir de inovações compartilhadas, reproduzidas no quadro abaixo:

TABELA 02 – RESUMO DAS INOVAÇÕES COMPARTILHADAS, SEGUNDO SHELL (1975, P. 106)

		Fusões		SC	Cp	Csh	Cn	A	M	Ch
I	1.	* k^w	k	X	X		X	X	X	X
	2.	* sf	f	X	X		X	X	X	X
	3.	* $s\zeta$	f	X	X		X	X	X	X
	4.	* fts	tf	X	X		X	X	X	X
II	5.	* ρ	\emptyset/V_C	X		X	X	X	X	X
	6.	* ρ	\emptyset/V_V	X		X	X		X	
	7.	# ρ	\emptyset				X		X	
III	8.	* w	$\beta/\#_V[-ant, -alt]$			X	X		X	
	9.	* w	$\beta/\#_-$				X		X	
	10.	* w	\emptyset/V_i			X		X		
	11.	* w	\emptyset/V_V					X		
	12.	* β	w					X		
IV	13.	* CV_3	\emptyset/\sim	X	X	X	X	X	X	
	14.	* sV_3	\emptyset	X	X	X	X	X		
	15.	* $-S/CV_3$	V_2	X	X	X				
V	16.	* \tilde{V}	$V/_s$		X		X		X	X

	17.	* \check{V}	V/_C						X	X
	18.	* $\beta >$	p/_s				X			X
	19.	* V_V	\emptyset				X		X	
	20.	* \emptyset	?/_#	X	X		X	X		X
	21.	* tf	t/_f	X	X	X		X	X	X

As inovações de 1 a 17 estão agrupadas em 5 conjuntos de isoglossas (SHELL, 1975 [1965]), que são considerados por ela para sua subclassificação da família. As inovações de 18 a 21 são consideradas como individuais, cada qual constituindo uma “isoglossa” independente. Além do esquema arbóreo que representaria a diversificação interna da família, Shell (op. cit.) também apresenta outro esquema que refletiria os agrupamentos, considerando apenas a participação ou não de uma língua dentro de uma isoglossa.

É importante observar que suas observações nem sempre são convergentes. Por isso, mesmo se considerássemos apenas as observações de Shell (op. cit.), outros esquemas classificatórios seriam possíveis. Veremos adiante, em Soto (1990), uma revisão do trabalho de Shell (op. cit.), que apresenta uma classificação alternativa das línguas classificadas por esta última autora.

1.2.2.2.1 *Kashíbo*

O primeiro grupo estabelecido por Shell (1975 [1965]) conteria apenas o Kashíbo e seria justificado pelo fato de que, em todas as outras línguas estudadas, ocorreram as inovações de 1 a 4 (1. $*k^w > k$, 2. $*sf > f$, 3. $*s\check{s} > \check{s}$ e 4. $*fts > tf$). Shell (op. cit.) observa que o Kashíbo também apresenta a inovação $*ai > /e/$ e $*a > /ɔ/$ ³⁰. Notamos, entretanto, que as inovações de 2 a 4 não podem ser consideradas como critério de subagrupamento, pois, como veremos no capítulo 3, não há evidências para a reconstrução das sequências $*sf$, $*s\check{s}$ e fts (cf. também SOTO, 1990; GIRARD, 1971) e, muito menos, de mudança sistemática nas várias línguas. Outras características singulares do Kashíbo, que a autora não pontua como inovação ou retenção, são: o sufixo $/-s/$ para marcar o sujeito do verbo intransitivo nas formas pronominais, a ausência de $/-a/$ nas formas pronominais de segunda e terceira pessoa objeto e palavras como $/t\check{f}ona/$ ‘mono

³⁰ Esta mudança ocorreu apenas com a quando precedido ou seguido por w .

maquisapa’, /sano/ ‘esposa’, /atsĩ/ ‘entrar’, /noito/ ‘corazón’, /ʔspa/ ‘estrella’, /mitsol/ ‘ustedes, vosotros’, /ui/ ‘quien’, /noōsi/ ‘plátano’. Shell (op. cit., p. 108) considera que “as palavras com esse significado em outras línguas teriam derivado obviamente de palavras de origem diferente”.³¹

Com exceção das palavras para ‘coração’, ‘banana’ e ‘entrar’, é possível encontrar formas e significados semelhantes em línguas do subgrupo do Norte (ou Mayorúna). As formas objetivas com terminação *-a* não são observadas nas línguas desse subgrupo, mas as línguas desse subgrupo também apresentam vogais /e/ e /o/, mas que, como veremos no capítulo 3, não parecem ter a mesma origem das vogais médias *e* e *o* da língua Kashíbo. Também é possível observar a existência do fonema **k^w* nas línguas Korúbo, Matís e Mayorúna (cf. também o capítulo 3). Nesse caso, trata-se de retenção e não de inovação compartilhada e não serve como evidência para subagrupamento.

1.2.2.2.2 Kashinawá-Amawáka-Marináwa

O segundo subgrupo de Shell (op. cit.) inclui o Kashinawá, o Amawáka e o Marináwa. A autora considera as fusões de 8 a 12 (8. **#w-i > β*, 9. **#w > β*, 10. **V^wi > ∅*, 11. **VwV > ∅*, 12. **β > w*) como evidência para separar Kashíbo, Kashinawá, Amawáka e Marináwa das demais línguas. Todavia, ela considera que o desenvolvimento da língua Kashíbo é independente das outras três línguas. Ela argumenta ainda que apenas em Kashíbo houve a mudança **w > ∅#_i*, enquanto nas demais línguas os reflexos de **β* e **w* se fundiram, como mostrado na tabela abaixo:

TABELA 03 – INOVAÇÕES COMPARTILHADAS POR KAXINAWÁ, AMAWÁKA E MARINÁWA (SHELL, 1975)

			SK	Kp	Ksh	Kn	A	M	Ch
8.	<i>*w</i>	<i>β / #_i</i>			X	X		X	
9.	<i>*w</i>	<i>β / #_</i>				X		X	
10.	<i>*w</i>	<i>∅ / V_i</i>			X	X		X	
11.	<i>*w</i>	<i>∅ / V_V</i>			X		X		
12.	<i>*β</i>	<i>w</i>					X		

³¹ “[...] las palabras con estos significados en las otras lenguas se han derivado obviamente de palabras de origen diferente” (SHELL, 1975, p. 1965)

Note-se que Kaxinawá e Marináwa apresentam *b* e *β* como reflexo de **w* diante de *i*, o que também ocorre em Kashíbo, que não é considerado como pertencente a este subgrupo. Por outro lado, Amawáka, que está incluído neste subgrupo, não apresenta este reflexo.

Para dar conta da inovação compartilhada por Kashíbo e Amawáka **w > ∅ / V_V*, mas mantendo sua proposta de um subgrupo sem Kashíbo, Shell (1975 [1965]) argumenta também que apenas em Kashíbo o “alofone” **w*, nesse ambiente, influenciou a mudança de **a* para *ɔ* (**a > ɔ/w_ e *a > ɔ/_wa*).

Um fato importante é que, embora Shell (op. cit.) apresente dados do Amawáka que evidenciam a mudança de Protopáno **w > y*,³² no ambiente *i_í*, ela não nota essa significativa mudança. Também não consideramos esta mudança, pois pode tratar-se de um glide de transição, foneticamente realizado entre *i* e *a*.

Outra mudança não observada por Shell (op. cit.) é a mudança **w > ∅ / V_i*, que ocorreu em Kaxinawá, Kashíbo e Marináwa, mas não em Amawáka. Shell (op. cit.) apenas observa que não há como determinar se os reflexos de **w* em Amawáka estão ou não relacionados com os reflexos das línguas Kaxinawá e Marináwa. Ela considera ainda as inovações 6, 7 e 19 como evidências para agrupar Kaxinawá e Marináwa no mesmo subgrupo. Contudo, a inovação 6 (*? > ∅ / V_V*) é compartilhada também com Shípibo-Kónibo e Kashíbo, o que torna essa associação questionável.

Uma das justificativas apresentadas por Shell para o agrupamento Kaxinawá-Amawáka-Marináwa são inovações lexicais ou semânticas. Ela observa que */ípa/* ‘pai’ ocorre nas três línguas, que Cn */íwa/* ‘mãe’, M */íwá/* ‘mãe’ e A */í?a/* ‘minha mãe’ e Cn */bí?pi/*, A */wéxpí/* e M */fí?mi/* ‘pestanda’ são formas cognatas que representam inovações nessas três línguas. Além disso, notou também outras inovações lexicais compartilhadas apenas por Kaxinawá e Marináwa, como */mānākiri/* e */mānākírí/* ‘águas acima’, que têm uma mesma origem, e o empréstimo */takara/* ‘galinha’, que, em seus dados, ocorre somente em Kaxinawá e Marináwa, mas que hoje sabemos que ocorre em mais línguas, como Marúbo, Korúbo e Matís, por exemplo. Mudanças semânticas ocorridas nessas línguas, como de **kíyo-* ‘terminar’ para ‘morder’ e de **sašo* ‘pilão’ para ‘canoa’, só ocorreriam, segundo Shell (op. cit.), nessas duas línguas.

³² A mudança de *w* para *y* não é incomum. Em um estágio anterior à diferenciação do “Proto-Tupí-Guaraní” e do “Proto-Awetí”, os reflexos do “Proto-Tupí” **w* mudaram para *y*, como demonstra Rodrigues (2007).

Entretanto, é importante observar que as formas apresentadas para ‘pai’ e ‘mãe’, assim como o empréstimo /takara/ ou formas relacionadas têm uma ocorrência muito maior dentro da família Páno do que o sugerido por ela.³³

Pelo que discutimos acima, parece-nos que há evidências que evidenciam o agrupamento de Kaxinawá e Marináwa em um mesmo subgrupo, mas não para Amawáka. Uma questão importante a se considerar é que as inovações compartilhadas consideradas por Shell (op. cit.) são também compartilhadas por Kashíbo, que não está dentro deste subgrupo.

1.2.2.2.3 *Shípibo-Kónibo-Kapanáwa-Chákobo*

Ao propor um subgrupo formado pelas línguas Kaxinawá, Marináwa e Amawáka e outro, de membro único, formado pela língua Kashíbo, Shell (op. cit.) argumenta que isso levaria a considerar Shípibo-Kónibo, Kapanáwa e Chákobo como um terceiro subgrupo. A autora considera, então, que o Chákobo (junto com Arazaire, Atsawáka e Yamiáka) teria sido a primeira língua a se separar desse subgrupo. Postula, em seguida, que a perda da terceira sílaba Protopáno teria ocorrido em Shípibo-Kónibo e Kapanáwa após a separação do Chákobo. No entanto, como mostraremos adiante e também no capítulo 4, Shell (op. cit.) se apoia em dados que representam formas em apenas alguns contextos sintáticos, quando os mesmos dados em outros contextos mostram a perda do que ela denomina de terceira sílaba também em Chákobo (ver também GIRARD, 1971).

Shell (op. cit.) argumenta que a perda de *n no dado 491 (*yaʎanĩ: SK yaã; Kp yaʎán; Ksh ñãĩ; Kn yanã; A yanã I; M yánã; Ch yaʎánĩ ‘garrapata’) seria uma evidência para o agrupamento de Shípibo-Kónibo e Chákobo, apesar de reconhecer que a mudança *n > ∅ só ocorre em um dado. Ainda assim, a autora reconsidera a mudança 5 (*VʎC ∅) e subdivide-a em duas mudanças distintas, como vemos abaixo:

³³ Valenzuela (em comunicação pessoal) observou que -wa é usado em Shípibo com o significado de ‘mãe’, como em ronon+wa ‘boa (esp. de cobra)’, que literalmente significa ‘mãe das cobras’.

TABELA 04 – INOVAÇÕES COMPARTILHADAS POR SHÍPIBO-KÓNIBO, KAPANÁWA E CHÁKOBO (SHELL, 1975)

			SC	Kp	Ksh	Kn	A	M	Ch
5a.	*ʔ	∅/V_N	X		X (?) ³⁴				X
5b.	*ʔ	∅/V_C[-nas]	X		X				X
5c.	*ʔ	∅/V_C				X	X	X	

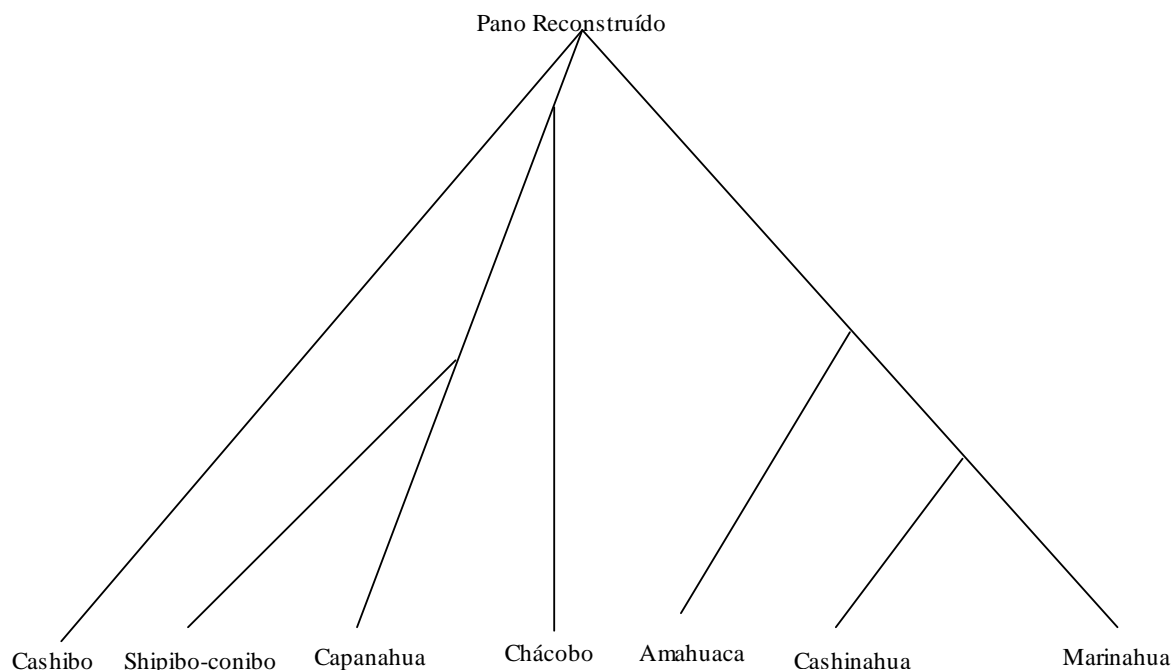
Da mesma forma que para os outros subgrupos, Shell (op. cit.) busca também inovações lexicais e/ou semânticas, que justifiquem esse subgrupo. Ela sugere que SK /wĩã/ ‘enseada’, Kp /wíán ʔani/ ‘enseada grande’ e Ch /ani/ ‘aumentar, grande’ sejam evidências de uma inovação antiga. Além de termos compartilhados por Kapanáwa e Shípibo-Kónibo, como SK /kĩfo/ Kp /kĩʔso/ ‘agudo’, o significado ‘manhã’ na etimologia 156 (*βaʔkifi: SK βakíf; Kp βaʔkíf ‘ayer, mañana’; Ksh βakif- ‘oscurecerse’; Kn βakif ‘oscuro, negro’; M φákifi ‘oscuro’; Ch βakífi ‘oscuro, noche’), o significado ‘vomitar’ na etimologia 58 (*aná-: Kp hanán- (también kinán-); Ksh aná-; Cn hanā-; A hanā-; M ánā-; Ch hana- ‘vomitar’ (SK kinã- ‘vomitar’), o uso de /-nĩ/ de /ĩnĩ/ ‘água’ em palavras compostas como em 133 (*ĩnĩ ʔno: SK nĩno; Kp nĩno; Ksh βakáino (‘tigre del río’); Kn hĩnĩnu; A hĩnĩno II; M ĩnĩ másáró; Ch hĩnĩno ‘tigre de água, nutria’), o significado SK ‘mosquiteiro’ e Kp ‘cama’, possivelmente relacionados, na etimologia 58 (*batfi: SK batfi ‘mosquiteiro’; Kp batfi ‘cama’; Ksh batfi ‘mosquiteiro’; Kn batfi ‘falda’; A watfi I ‘falda, tela’).

Há ainda um fonema /n/ mencionado por Shell (op. cit.), que ocorre em meio de palavra na etimologia 271 (*nĩs[n]ĩsĩ: SK nĩsnĩs; Kp nĩsnĩs; Ksh nĩsĩs; Kn nĩsĩs; A nĩxĩxĩ; M nĩsĩsĩ ‘pájaro “shansho”’).

Com base nas considerações acima, Shell (op. cit.) apresenta o seguinte modelo arbóreo para a dispersão das línguas comparadas por ela.

³⁴ Segundo Shell (op. cit.), os padrões de mudança do Kashíbo são diferentes dos verificados em Shípibo-Kónibo e Chácobo.

FIGURA 02 – MODELO ARBÓREO DE CONSTITUIÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA PÁNO (SHELL, 1975)



1.2.2.3 Ampliando a classificação

Apesar de considerar os dados de outras línguas não utilizadas diretamente na reconstrução como de “valor fonético incerto”, Shell (op. cit.) faz algumas observações sobre como essas outras línguas se ajustariam ao seu “sistema isoglótico”.

O Wariapano é agrupado junto com o Shípiho-Kónibo e o Kapanáwa por considerar que seus fonemas são “paralelos aos do Shípiho-Kónibo em forma, distribuição e desenvolvimento” (SHELL, op. cit., p. 110).³⁵

O Mayorúna, segundo Shell (op. cit.), possuiria um vocabulário cheio de palavras não cognatas com as demais línguas, o qual deveria ser resultado de empréstimo. Ela também observa que o Mayorúna não apresentaria as inovações 1 ($*kw > k$), 2 ($*sf > f$) e 3 ($*s_s > s$). Demonstramos, no capítulo 4 desta tese, que a língua Mayorúna, assim como Matís e Korúbo, mantém k^w como reflexo regular de $*k^w$, mas as protoformas $*sf$ e $*s_s$ não são reconstruíveis.

Já as glotais, presentes no sistema fonológico do Mayorúna atual, de acordo com Shell (op. cit.), não são reflexos do protofonema $*ʔ$, e, portanto, a língua teria mudado os antigos reflexos do Protopáno $*ʔ$ em conformidade com as inovações 5 ($ʔ > \emptyset/V_C$), 6

³⁵ “Los fonemas del War corren paralelos a los de SC en forma, distribución y desarrollo.” (SHELL, op. cit.)

(ʔ > Ø/V_V) e 7 (ʔ > Ø/#_), o que aproximaria o Mayorúna do subgrupo Shípiibo-Kóniibo-Kapanáwa-Chákobo. De fato, como veremos no capítulo 2, o Mayorúna possui consoantes oclusivas glotais ʔ fonéticas, alofones de *k* (cf. FLECK, 2003).

Para Shell (op. cit.), o Mayorúna teria perdido a terceira sílaba das palavras trissilábicas reconstruídas por ela, o que o afastaria da língua Chákobo. Entretanto, segundo a análise de Shell (op. cit.), isso poderia ser uma evidência de aproximação do Mayorúna ao Shípiibo-Kóniibo e ao Kapanáwa. Como discutiremos mais detidamente no capítulo 4, diferentemente de todas as outras línguas da família Páno, as línguas do subgrupo Mayorúna apresentam uma consoante final na forma objetiva das palavras reconstruídas por Shell (op. cit.) como trissilábicas, como em Matís /*kapid*/ ‘jacaré’, Matís e Mayorúna /*awad*/ ‘anta’ e Matís e Mayorúna /*kamon*/ ‘onça’. Quando em posição de sujeito de oração transitiva, essas línguas apresentam formas trissilábicas como em Matís /*kapidɨn*/ ‘jacaré’, Matís e Mayorúna /*awadɨn*/ ‘anta’ e Matís /*kamunɨn*/ ‘onça’. No capítulo 4 desta tese, apresentamos evidências de que a origem e a história do desenvolvimento dessas consoantes e dos demais reflexos considerados por Shell (op. cit.) como terceira sílaba são diferentes do proposto em seu trabalho.

O Mayorúna, segundo a autora, teria retido os reflexos de **w* e **b* e também alguns termos que seriam comuns ao Kashíbo. Entretanto, os reflexos de **w* e **b*, em Mayorúna, são diferentes dos reflexos de Kashíbo, apesar de haver alguns pontos convergentes entre as duas línguas, fato este também observado por Zariquiey (2006). Estas semelhanças poderiam ser retenções, o que não justificaria o agrupamento das línguas do subgrupo Mayorúna junto à língua Kashíbo.

Outro fato não observado por Shell (op. cit.) é o de que as línguas do subgrupo Mayorúna apresentam vogais médias *e* e *o*, como na língua Kashíbo. Mostraremos, todavia, no capítulo 4, que o desenvolvimento de *e* e *o* em Matís, Korúbo e Mayorúna deve ser independente do desenvolvimento em Kashíbo.

O Marúbo é agrupado junto com Kaxinawá, Amawáka e Marináwa, pois, segundo Shell (op. cit.), essas línguas apresentariam as inovações 1 (**kw* > *k*), 2 (**sf* > *f*), 3 (**sʂ* > *ʂ*), 4 (**fts* > *tʃ*), 5 (ʔ > Ø/V_C), 6 (ʔ > Ø/V_V), 7 (ʔ > Ø/#_), 8 (*w* > β/#_[-ant, -alt]), 9 (*w* > β/#_), 10 (*w* > Ø/_i), 11 (*w* > Ø/V_V), 12 (β > *w*), 13 (CV3 > Ø/_~), 14 (*sV3* > Ø) e 15 (-*s*/CV3 > V2). Os dados envolvendo os reflexos **w* e **β* da língua Marúbo, incluídos no capítulo 4, mostram que a língua não apresenta os mesmos reflexos de

Kaxinawá, Marináwa e Amawáka. Ademais, como argumentamos acima, as inovações de 2 a 4 não podem ser consideradas como critério de inovação.

O Poyanáwa, o Kulíno e o Tuchináwa não são agrupados devido à insuficiência de dados. No entanto, Shell (op. cit.) considera que o Tuchináwa apresenta as inovações 1 ($*kw > k$), 2 ($*sf > f$) e 3 ($*sʂ > ʂ$).

O Nokoman é considerado como paralelo ao Kashíbo e apresentaria as inovações 8 ($w > \beta/\#[-ant, -alt]$), 9 ($w > \beta/\#_$), 10 ($w > \emptyset/_i$), 11 ($w > \emptyset/V_V$), 12 ($\beta > w$), e, talvez, 5 ($? > \emptyset/V_C$), 6 ($? > \emptyset/V_V$), 7 ($? > \emptyset/\#_$), 13 ($CV3 > \emptyset/_\sim$), 14 ($sV3 > \emptyset$) e 15 ($-s/CV3 > V2$).

A autora considera que o Iskonáwa apresenta as inovações 1 ($*kw > k$), 2 ($*sf > f$), 3 ($*sʂ > ʂ$) e 4 ($*fts > tf$), e que, provavelmente, apresente as inovações 8 ($w > \beta/\#[-ant, -alt]$), 9 ($w > \beta/\#_$), 10 ($w > \emptyset/_i$), 11 ($w > \emptyset/V_V$), 12 ($\beta > w$), 13 ($CV3 > \emptyset/_\sim$), 14 ($sV3 > \emptyset$) e 15 ($-s/CV3 > V2$), mas não o inclui em nenhum de seus grupos anteriormente propostos.

As línguas Sul-orientais (Chákobo, Pakawára e Karipúna) e as línguas Sul-ocidentais (Arazaire, Atsawáka e Yamiáka) são consideradas como dois subgrupos separados, apesar de compartilharem as inovações 1 ($*kw > k$), 2 ($*sf > f$), 3 ($*sʂ > ʂ$), 4 ($*fts > tf$), 5 ($? > \emptyset/V_C$), 6 ($? > \emptyset/V_V$) e 7 ($? > \emptyset/\#_$), e de, provavelmente, não apresentarem as inovações 8 ($w > \beta/\#[-ant, -alt]$), 9 ($w > \beta/\#_$), 10 ($w > \emptyset/_i$), 11 ($w > \emptyset/V_V$) e 12 ($\beta > w$), o que seria comum aos dois subgrupos. Apenas as línguas Sul-orientais (Chákobo, Pakawára e Karipúna) apresentam a inovação $s > \emptyset/_t$ e a “perda da nasalização da vogal”. Shell (op. cit.) considera provável que apenas uma língua Sul-oriental (Karipúna) apresente as inovações 13 ($CV3 > \emptyset/_\sim$), 14 ($sV3 > \emptyset$) e 15 ($-s/CV3 > V2$).

1.2.2.4 Síntese

Em resumo, podemos dizer que Shell (op. cit.) considera a existência de: um subgrupo I, em que estariam incluídos Kashíbo e Nokoman; um subgrupo II, em que estariam incluídos Kaxinawá, Amawáka, Marináwa e Marúbo; e um subgrupo III, em que estariam incluídos Shípibo-Kónibo, Kapanáwa e Wariapáno. A língua Chákobo é considerada como pertencente a esse último subgrupo, mas teria sido a primeira a se separar e estaria agrupada junto com Pakawára e Karipúna, em um conjunto menor,

pertencente a esse subgrupo. Um quarto grupo seria constituído pelas línguas Arazaire, Atsawáka e Yamiáka, o qual formaria um grupo separado dos demais. E, por fim, restaria ainda um conjunto de línguas não agrupadas, que seriam o Kulino, o Poyanáwa, o Tuchináwa, o Mayorúna e o Iskonáwa.

Subgrupo I:

Kashíbo
Nokoman

Subgrupo II:

Kaxinawá,
Amawáka,
Marináwa
Marúbo

Subgrupo III:

Subgrupo III-A:

Shípibo-Kónibo
Kapanáwa
Wariapáno

Subgrupo III-b (Sul-oriental)

Chákobo
Pakawára
Karipúna

Subgrupo IV (Sul-Occidental)

Arazaire
Atsawáka
Yamiáka

Línguas não agrupadas:

Kulíno
Poyanáwa
Tuchináwa
Mayorúna
Iskonáwa

Outras observações apresentadas por Shell (op. cit.), com base em critérios de mútua inteligibilidade e de análise de vocabulário poderiam ser adicionadas para acrescentar mais línguas à sua classificação. No entanto, como não nos parece que o resultado do subagrupamento com base em inovações compartilhadas seja convergente com suas observações iniciais, preferimos não tentar acrescentar mais línguas a essa classificação.

É importante ressaltar que a classificação de Shell (op. cit.) inclui 20 línguas da família Páno e que, apesar das suas limitações devido principalmente à escassez de dados, é impressionante o trabalho e o cuidado que a autora teve para estabelecer critérios fonológicos, lexicais e semânticos para uma hipótese de constituição interna dessa família.

1.2.3 Soto (1990)

Kimberly Soto (1990) faz uma revisão da comparação de Shell (1975 [1965]), baseando-se nas inovações compartilhadas. Considerando apenas os dados apresentados no trabalho de Shell (op. cit.), Soto (op. cit.), nessa análise, limita-se às mudanças no sistema consonantal das línguas, abordando cada língua individualmente – e não o grupo de línguas, como faz Shell (op. cit.) –, por meio de comparação lexical e de informações sobre inteligibilidade mútua.

Nesse sentido, Soto (op. cit., p. 3) considera que as correspondências que envolvem **f_s* (10), **f_t* (11), **s_f* (12), **s_s* (13 e 14) e **∅* (31), estabelecidas por Shell (op. cit.), podem não ser correspondências válidas, devido à falta de evidências presentes no conjunto de cognatos. Soto (op. cit.) observa também que as correspondências de 10 a 14 apresentam baixa ocorrência no *corpus* de Shell (op. cit.) e que existem correspondências não identificadas por Shell (op. cit.). Soto (op. cit.) conclui, enfim, que a hipótese de Shell (op. cit.) para as fricativas pode estar correta, mas fica por ser demonstrada.

Quanto ao fonema **∅*, Soto (op. cit.) afirma que há “argumentos fonéticos plausíveis” que podem levar a considerar um proto **h*, que teria se perdido em todos os ambientes em Kashíbo e Marináwa e que teria se mantido em início de palavra nas demais línguas. A autora observa ainda que há evidências de *h* em meio de palavras em algumas línguas comparadas. Considerando esses dois argumentos, a autora chega à conclusão de

que o “status de h não está claro até o presente e não pode ser considerado como uma inovação compartilhada” (SOTO, op. cit., p. 4).³⁶

Após tecer outras considerações e rever mais correspondências apresentadas em Shell (op. cit.), Soto (op. cit.) resume as inovações compartilhadas da seguinte forma:

TABELA 05 – INOVAÇÕES COMPARTILHADAS PROPOSTAS POR SHELL, SEGUNDO KIMBERLY SOTO (1990, P. 7)

	Changes	SC	Cp	Csh	Cn	A	M	Ch
1	$*k^w > k$ everywhere	x	x		x	x	x	x
2	$*\emptyset > h / \# _$	x	x		x	x		x
3	$*\beta$ merges with $*w / \# _ [i]$			x	x		x	
4	$*\beta$ merges with $*w$ everywhere				x		x	
5	$*\beta > p / \{s, \xi\}$				x			x
6	$*w > \emptyset V_ [i]$			x	x	x		
7	$*w > \emptyset V_ V$			x		x		
8	$*\rho > \emptyset V_ C$	X		x	x	x	x	x
9	$*\rho > \emptyset V_ V$	X		x	x		x	
10	$*\rho > \emptyset$ everywhere				x		x	
11	$*\emptyset > w / [o] _ [f]$		X			x	x	
12	$*n > \emptyset \rho _$ $V_ V$	X		x				x
13	$*m/nV_3 > V_2 / _ \#$	X	X	x	x	x	x	
14	$*m/nV_3 > V_2 / _ \#$	X''	X	x				

As inovações em 1 ($*k^w > k$ em todos os ambientes) e em 2 ($*\emptyset > h / \# _$) não são consideradas por Soto (1990) como evidência para um subagrupamento, e a mudança em 3 (β funde-se com $w / _ i$), em Kashíbo, não é considerada uma inovação relacionada às outras línguas. Soto (op. cit.) considera que as mudanças em 3 ($*\beta$ funde-se com $*w / \# _ [i]$) e em 4 ($*\beta$ funde-se com $*w$ em todos os ambientes) são uma inovação compartilhada entre Kaxinawá e Marináwa. A mudança número 5 ($*\beta > p / \{s, \xi\}$) é considerada uma inovação que pode ser utilizada como critério para subagrupamento, e as inovações 6 ($*w > \emptyset V_ [i]$) e 7 ($*w > \emptyset V_ V$) são consideradas um desenvolvimento compartilhado por

³⁶ “[...] the status of h is unclear at this time, it should not be used as a shared innovation in developing a subgrouping model.” (SOTO, 1990, p. 4)

Kashíbo e Amawáka, mas não tem certeza de que esta mudança seja também compartilhada pelo Kaxinawá ou se ela teria se desenvolvido por difusão. As mudanças de 8 a 10 ($*ʔ > \emptyset V_C$, $*ʔ > \emptyset V_V$, $*ʔ > \emptyset$ em todos os ambientes) são tratadas em conjunto como etapas diferentes de uma mesma mudança compartilhada. A mudança 11 ($*\emptyset > w/[o]_[\text{í}]$) é considerada um desenvolvimento compartilhado para as línguas Kapanáwa, Amawáka e Marináwa, mas pode também ser um caso de “empréstimo entre fronteiras lingüísticas” (SOTO, 1990, p. 9). As mudanças 13 ($*m/nV_3 > V_2/_ \#$) e 14 ($*m/nV_3 > V_2/_ \#$) também são consideradas uma inovação compartilhada, mas que são de difícil avaliação (SOTO, op. cit.). Após todas essas considerações, Soto (op. cit.) reformula o quadro de inovações com algumas pequenas modificações:

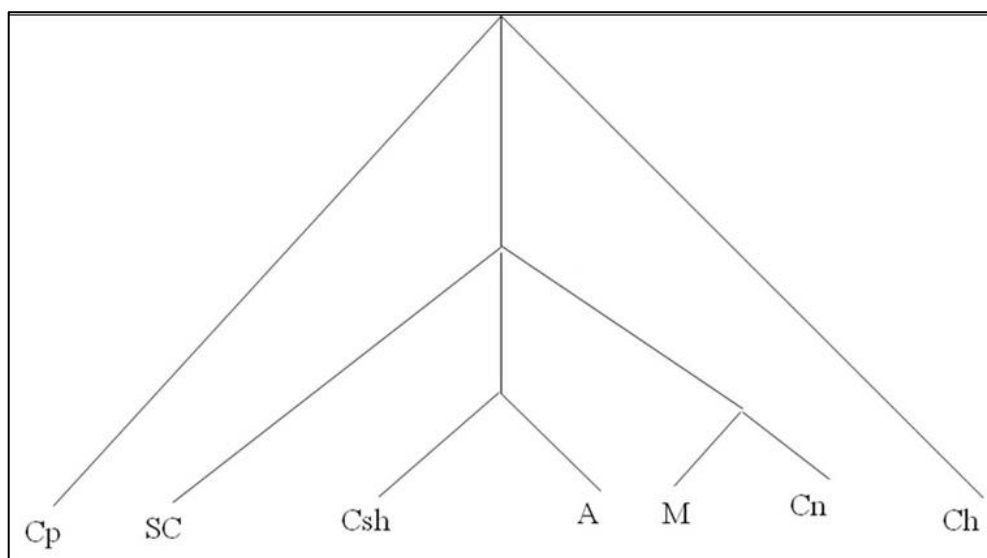
TABELA 06 – INOVAÇÕES COMPARTILHADAS PROPOSTAS POR SOTO (1990, P. 12)

	Changes	SC	Cp	Csh	Cn	A	M	Ch
1	*β merges with *w				x		x	
2	*β > p/ {s, ʃ}				x			x
3 ^a	*w > $\emptyset V_ [i]$			x	x	x		
3b	*w > $\emptyset V_ V$			x		x		
4 ^a	*ʔ > $\emptyset V_ C$	x		x	x	x	x	x
4b	*ʔ > $\emptyset V_ V$	x			x		x	
4c	*ʔ > \emptyset everywhere				x		x	
5	* $\emptyset > w/[o]_ [í]$		x			x	x	
6	*n > $\emptyset ʔ_ V_ V$	x		x				x
7 ^a	*m/nV ₃ > V ₂ /_ #	x	x	x	x	x	x	
7b	*m/nV ₃ > V ₂ /_ #	x	x	x				

Soto (op. cit.) reduz de 14 para apenas 11 as inovações compartilhadas consideradas para a família linguística Páno e essa modificação traz implicações significativas para a organização interna da família. Segundo Soto (op. cit., p. 11), o Kashíbo, que antes era considerado a primeira língua a se desmembrar, passa a fazer parte de um subgrupo da família linguística Páno. O Kapanáwa e o Chákobo podem ser considerados, cada um deles, membros únicos de subgrupos, enquanto o Shípibo-Kónibo, o Kashíbo, o Amawáka, o Marináwa e o Kaxinawá são considerados membros de um só

subgrupo, mas com graus diversos de proximidade entre eles. Dessa forma, o Shípibo-Kónibo seria o mais isolado dentro desse subgrupo, o Kashíbo e o Amawáka seriam bem próximos e o Marináwa e o Kaxinawá seriam mais relacionados entre eles, o que pode ser visto no gráfico seguinte:

FIGURA 03 – MODELO ARBÓREO DE CONSTITUIÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA PÁNO, SEGUNDO SOTO (1990)



Apesar de Soto (op. cit.) trazer importantes contribuições para a discussão sobre as inovações a serem consideradas como critério de classificação dentro da família Páno, seu modelo arbóreo de diversificação parece-nos pouco plausível, pois separa línguas que são bastante semelhantes, como Shípibo-Kónibo e Kapanáwa, e agrupa línguas bastante divergentes, como Kashíbo e Amawáka. Por outro lado, parece-nos importante que Marináwa e Kaxinawá apareçam dentro de um mesmo subgrupo tanto na proposta de Soto (op. cit.) quanto na de Shell (op. cit.). Outro fato a se considerar é a divergência quanto ao Kashíbo nos trabalhos das duas autoras, pois aparece como um subgrupo isolado e o mais distante na proposta de Shell (op. cit.) e dentro de um grande subgrupo na proposta de Soto (1990).

1.3 CLASSIFICAÇÕES QUE AJUDARAM A SEDIMENTAR A CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA PÁNO, SEM PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO INTERNA

Nesta seção, apresentamos trabalhos que, por mais que não contenham nenhum modelo de classificação interna ou de diversificação da família Páno, contribuíram, ao

longo do tempo, para a ampliação do número de línguas dentro deste agrupamento genético e ajudaram a consolidar o que consideramos, hoje, a família Páno.

1.3.1 Brinton (1891)

Em *The American Race*, a primeira “classificação compreensiva das línguas nativas da América”, segundo Campbell (1997: 55)³⁷, Brinton (1891) classifica as línguas da família Páno baseado em outros trabalhos, principalmente no de De la Grasserie. A família Páno é apresentada como pertencente à região denominada pelo autor de “The Upper Amazonian Basin”. Região esta que seria a mais confusa de toda a América do Sul, de acordo com Brinton (op. cit., p. 278).

Segundo Brinton (op. cit.), os povos Páno teriam uma origem a norte do Ucayali, região onde eles foram encontrados, quando da chegada dos primeiros missionários. Brinton (op. cit.) observa que os Páno pertencem a uma família independente, como demonstrado por De la Grasserie (1890), que não faz parte do tronco Tupí, como relatado pelos “primeiros escritores” (BRINTON, op. cit., p. 289). Da mesma forma, Brinton (op. cit.) observa que os Pakawáras (Pacaguaras ou Pacavaras) pertencem ao grupo Páno, e que não formam um grupo independente como classificado anteriormente por D’Orbigny (1839, p. 262 apud BRINTON, 1891, p. 289). Além disso, apresenta evidências lexicais para demonstrar que a língua Canawary falada no Purús também pertence à família Páno e que a língua Manitenery, apontada por Chandless,³⁸ como pertencente à família Páno, pertenceria, na verdade, à família Arawak (BRINTON, op. cit., p. 290-291).

TABELA 07 – EVIDÊNCIAS LEXICAIS DE INCLUSÃO DA LÍNGUA CANAWARY NA FAMÍLIA PÁNO (BRINTON, 1891)

	Pano	Pacaguara	Canawary
Sol	<i>Bari</i>	<i>Uari</i>	<i>Wari</i>
Fogo	<i>Chi</i>	<i>chi-i</i>	<i>chi-i</i>
Água	<i>Uaca</i>		<i>Waka</i>

³⁷ “He (Brinton) competed with Powell to present the first comprehensive classification of Native American languages” (CAMPBELL, op. cit.)

³⁸ O trabalho de Chandless a que se refere Brinton (1891) é W. Chandless, Jour. of the Royal Geog. Soc., Vol. XXXIX., p. 302; Vol. XXXVI., p. 118.

TABELA 08 – EVIDÊNCIAS LEXICAIS DE RELAÇÃO GENÉTICA DA LÍNGUA MANITENERY COM A FAMÍLIA ARAWAK (BRINTON, 1891)

	Manitenery	Arawak Stock
Sol	<i>cashi</i>	<i>Catche</i>
Lua	<i>siri</i>	<i>Casiri</i>
Fogo	<i>chi-chi</i>	<i>Chichi</i>
Água	<i>huni</i>	<i>Uni</i>

A partir de suas observações, Brinton (op. cit., p. 291-292) apresenta uma lista em ordem alfabética e sem qualquer classificação interna com 18 línguas que, segundo ele, pertenceriam à família Páno. Note-se que há um acréscimo de 9 línguas àquelas incluídas no trabalho de De la Grasserie (1890). Por outro lado, notamos que esta não é uma classificação linguística e que não acrescenta critérios para a classificação interna da família. A inclusão de novas línguas é feita de forma bastante arbitrária, simplesmente nomeando-as, mas sem apresentar evidências que suportem a hipótese.

Família Linguística Páno³⁹

Barbudos (no Marañon)

Callisecas⁴⁰ (no alto Ucayali †)⁴¹

Canawarys (no Rio Purus)

Caripunas (próximo às cachoeiras (cataracts) do Rio Madeira)

Kashíbos (no Rio Pachitea e Aguaitia)

Chamicuros (na margem (bank) oeste do rio Huallaga)

Cochivuinás (uma subtribo dos Mayorúnas)

Kónibos (no alto Ucayali)

Kulinos (no rio Juvary)

Jaunavos (Caripunas)

Mayorúnas (no rio Tapichi e Rio Javari)

Maxorunas (próximo ao rio Tapichi)

Panos (no alto Ucayali)

³⁹ As informações e a ortografia seguem exatamente o que está em Brinton (1891), muito embora, haja informações que não correspondam ao que se sabe hoje. As línguas Calliseca, Páno e Remo são localizadas geralmente no baixo Ucayali e a língua Chamicuro seria da família Aruák.

⁴⁰ Em nota de rodapé, Brinton (1891) argumenta que há evidência para identificar os Callisecas com o grupo conhecido à época como Setibo. No entanto, demonstra que há também contra-argumentos de que seriam os Kashíbos.

⁴¹ Chamados também de Mananagua “Montanheiros” e que poderiam ser os Manoas (BRINTON, op. cit., p. 292).

Pacaguaras (no rio Beni)
 Remos (no Ucayali, do Abayan ao Chanchaguaya)
 Sencis (margem (bank) direita do Ucayali acima do Saraycu)
 Setibos (Setevos) (no alto Ucayali †.)
 Sipibos (no alto Ucayali)

A classificação de Brinton (1891) é importante por ampliar o número de línguas da família Páno, proposto inicialmente por De la Grasserie (1890), ademais o autor exclui a língua Manitenery (provavelmente Manxinéri) da família Páno. Como vemos, não há novas propostas de correspondências fonológicas, mas o autor mostra alguns dados lexicais para propor a inclusão de, pelo menos, duas línguas. Mesmo levando em consideração o contexto em que o trabalho foi publicado, e ele tenha, sem dúvida, validade, acreditamos que as evidências que o autor apresenta são insuficientes para fundamentar hipóteses de relação genética.

1.3.2 Rivet (1910)

Rivet (1910) apresenta um trabalho comparativo do léxico das línguas Arazáire e Yamiáka com outras línguas Páno, a partir dos vocabulários disponíveis à época. Segundo o autor, o povo Yamiáka seria uma subtribo dos Huaráyos e sua língua seria uma língua Páno mesclada (*melangé*) com palavras Takána, mas com um fundo certamente Páno.

Rivet (op. cit.) considera os Arazáire como os mesmos que Arasás de Nordenskiöld (1905), cujo vocabulário demonstraria que essa língua pertenceria à família Takána, com um certo número de empréstimos Páno. No entanto, ele considera não só que o vocabulário de Llosa (1906) demonstra afinidades Páno indiscutíveis, mas também que possa haver duas línguas, uma Páno e outra Takána, em uso pelos Arazáire. Sua comparação é baseada no vocabulário de Llosa (1906), mas reproduz também as palavras Arasá de Nordenskiöld (1905).

Muito embora essa primeira publicação de Rivet (op. cit.) sobre línguas Páno não seja uma classificação das línguas da família conhecidas à época, o autor apresenta uma bibliografia que busca apresentar todas as publicações sobre línguas consideradas como

pertencentes à família. Listamos abaixo as várias línguas e as fontes citadas por Rivet (op. cit.):⁴²

Amawáka (STEINEN, 1904),
 Atsawáka (NORDENSKIÖLD, 1905),
 Canawary (CHANDLESS, 1866),
 Caripuna ou Jaun-avo (MARTIUS, 1863),
 Chacobo (CARDUS, 1886),
 Kónibo, Kunibo (SAINT CRICQ, 1853; MARCOY, 1864; ORTON, 1875; CARRASCO, 1901; REICH, 1903; STEINEN, s.d.),
 Kulino (MARTIUS, 1863),
 Jamináua (STEGELMAN, 1903),
 Kaschinawa (STEGELMAN, 1903),
 Mayorúna, Maxuruna (CASTELNAU, 1851; MARTIUS, 1863),
 Pacaguara, Pacavara (ORBIGNY, 1838-1839; HEATH, s.d.; 1883),
 Pano (CASTELNAU, 1851; CARDUS, 1886; NAVARRO, 1903),
 Sipibo, Chipibo, Shípibo (STEINEN, 1904; CARRASCO, 1901; ALEMANY, 1906),
 Yamiaca (NORDENSKIÖLD, 1905).

Entre a lista de Brinton (1891) e a de Rivet (1910) há várias diferenças, a primeira a ser notada é a quantitativa. Enquanto Brinton (op. cit.) inclui 17 línguas, Rivet (op. cit.) apresenta 15. No entanto, nem todas as línguas que estão na lista de Rivet (op. cit.) aparecem no trabalho de Brinton (op. cit.).

Além das línguas que são apresentadas pelos dois autores (Canawary, Caripuna, Kónibo, Mayorúna,⁴³ Pacaguara, Pano e Sipibo), Rivet (op. cit.) inclui o Amawáka, o Atsawáka, o Chácobo, o Kulíno, o Jamináwa, o Kaxinawá e o Yamiaka. No entanto, ele não menciona as línguas Barbudo, Calliseca, Cochivuina, Jaunavo, Rémo, Sensi (Senci) e Shétebo (Setibo), todas estas listadas por Brinton (op. cit.). Todavia, devemos lembrar que Rivet (op. cit.) apresenta, antes de tudo, uma bibliografia das línguas Páno e não uma proposta de classificação das línguas pertencentes a essa família. Se considerarmos as diferenças entre as duas listas apresentadas por Brinton (op. cit.) e Rivet (op. cit.), chegaríamos a um total de 24 línguas.

⁴² Seguimos aqui a ortografia e as informações de Rivet (1910).

⁴³ Quanto ao Mayorúna, há uma pequena diferença, pois, enquanto Brinton apresenta Mayorúna e Maxuruna como línguas diferentes, Rivet apresenta-as como nomes diversos para uma mesma língua.

Por fim, observamos que Rivet (op. cit.) traz importante contribuição para os estudos da família linguística Páno ao inserir a língua Arazáire e levantar a hipótese de proximidade entre esta e a língua Arasá. Esta relação entre Arazáire e Arasá é mantida também por Shell (1975 [1965]) e aparece nas classificações até hoje.

1.3.3 Crequi-Monfort e Rivet (1913)

Em 1913, Crequi-Monfort e Rivet publicam um artigo sobre a classificação das línguas Páno faladas na Bolívia. Esse estudo talvez seja, em ordem cronológica, o primeiro a propor uma classificação que considera subgrupos na família Páno, embora não se ocupe de toda a família. Crequi-Monfort e Rivet (1913, p. 19-22) apresentam, então, uma classificação dessas línguas em dois grupos geograficamente bem estabelecidos, apresentados a seguir nas listas elaboradas com base nas informações dos autores:⁴⁴

Grupo Ocidental:

Arazaires ou Arasa (rio Marcapata, afluente esquerda do Inambari)

Yamiakas (rio Yaguarmayo, afluente da direita do Inambari)

Atsawáka (rio Atsahuaka ou Kamara, afluente da esquerda do Tambopata)

Grupo Oriental:⁴⁵

Pakaguara (Beni, baixo Madre de Dios, Mamoré, Madera e Abuná)

Karipuná (Cachoeira do Madeira)

Cacobo (entre o Mamoré e o lago Rogoaguado)

Sinabo (Mamoré, na região Los Armendrales)

Kapuibo (Bacia do Rio Biata)

Crequi-Monfort e Rivet (op. cit., p. 22) ressaltam que estas línguas estão separadas por tribos falantes de línguas Takána, mas observam a presença dos falantes da língua Kanawary, que também seria uma língua Páno. Em nota de pé de página, os autores observam que Rivet (1910) já havia classificado a língua Arazáire como Páno e a língua Arasá como uma língua Takána, mas supõem que os povos Arasá e Arazáire falariam duas línguas, uma Takána e outra Páno.

⁴⁴ As ortografias e informações seguem o original.

⁴⁵ Os autores consideram os Karipuná, os Cacobo, os Sinabo e os Kapuibo como subtribos dos Pakaguara (CREQUI-MONFORT; RIVET, 1913, p. 21).

Quanto às línguas incluídas como pertencentes à família Páno, não há, nesse caso, nenhuma inovação, principalmente pelo fato de os autores considerarem todas as línguas do Grupo Oriental como subtribos do Pakawára (Pacaguara). No entanto, ressaltamos mais uma vez a importância desse trabalho por propor, pela primeira vez, a existência de subgrupos na família Páno, embora não considere todas as línguas da família.

Após a apresentação de sua classificação e de uma bibliografia atualizada sobre as línguas Páno da Bolívia, eles buscam então descrever as “particularidades dos dialetos pano da Bolívia” (CREQUI-MONFORT; RIVET, 1913, p. 24), a partir de um “estudo comparativo” (op. cit. 42) dos seus vocabulários. Eles apresentam observações sobre gênero, nomes, pronomes pessoais, adjetivos possessivos, pronomes possessivos, prefixos, sufixos, diminutivos, composição, auxiliares verbais, conjugação, adjetivos, interrogação e negação, dentro do que lhes é possível, a partir de suas fontes. Notamos que a maior parte dos exemplos dos autores é das línguas Atsawáka, Pakawára (Pacaguara) e Karipúna. As línguas Arazáire e Arasá são pouco representadas em seu estudo.

Os autores apresentam também duas correspondências fonológicas vocálicas, no entanto, essas correspondências se dão tanto entre línguas do mesmo grupo, quanto entre línguas de grupos diversos. De toda forma, Crequi-Monfort e Rivet (1913) notam uma correspondência entre *e*, *i* de um lado e *a*, *ay* de outro, observando que *ay* só ocorre nas línguas do grupo ocidental. Eles observam também a correspondência entre *ö*, *o*, *u*, de um lado, e *a*, *a*, de outro (op. cit., p. 42-44).

Quanto às consoantes, os Crequi-Monfort e Rivet (op. cit., p. 44) observam uma correspondência entre *č*, *š*, *ts* e *s*, de um lado, e *šr*, *sr*, *rs* e *rš*, de outro, o que parece estabelecer uma correspondência entre fricativas e africadas planas e fricativas retroflexas, uma vez que a sequência *r* é fricativa, pode ser uma forma de notar fricativas retroflexas. Em estudos posteriores sobre a família Páno, essas correspondências não são observadas.

Das classificações apresentadas anteriormente, o único acréscimo é o da língua Arazáire, uma vez que os autores, ao considerarem as línguas Karipuná, Cacobo, Sinabo e Kapuábo, parecem considerá-las como variantes de uma mesma língua. Nesse caso, o número de línguas da família Páno permaneceria 24, pressupondo que o Cacobo seria uma variante do Pakawára (Pacaguara).

1.4 CLASSIFICAÇÕES DE BASE GEOGRÁFICA

1.4.1 Rivet e Tastevin (1927)

No artigo “Les dialects Pano du haut Juruá et du haut Purús”, Rivet e Tastevin (1927) propõem, pela primeira vez, a subdivisão da família Páno em três subgrupos geográficos, sendo um grupo da Amazônia e do Ucayali, localizado em um território contínuo na região do alto Juruá e alto Purús; outro do Inambari e o último do Mamoré-Beni-Madeira, composto pelos Kapuibo, Chákobo (Čakobo), Sinabo, Pakawára (Pakaguara) e Karipuná ou Jau-navo (RIVET; TASTEVIN, op. cit., p. 811).⁴⁶

Dessa forma, a principal contribuição desses autores para os estudos da família Páno concentra-se nas línguas do Juruá e Purus e compreende um vocabulário comparativo, incluindo dados recolhidos por um dos autores sobre as línguas Kaxinawá (Kasinawa), Kapanáwa (Kapanawa), Katukína (Katukina (do Gregório)) e Náwa (Nawa), e por outros autores, como os pequenos vocabulários Yamináwa (Yaminawa), Kaxinawá (Kasinawa) e Amawáka (Amahuaka de Stegelman) e mais algumas palavras Kanawary coletadas por Chandless (1866 apud RIVET; TASTEVIN, 1927).

Eles utilizam uma metodologia quantitativa para estabelecer relações entre as línguas comparadas e os grupos de línguas estabelecidos por eles. Essa metodologia é semelhante ao modelo lexicoestatístico, apesar de ser anterior ao estabelecimento deste modelo.

QUADRO 02 – NÚMEROS DE COGNATOS COMPARTILHADOS POR LÍNGUAS DA FAMÍLIA PÁNO COMPARADAS POR RIVET E TASTEVIN (1927)

		Kapanawa	Yaminawa	Kašinawa	Katukina	Nawa	Kanawary	Amahuaka
Grupo do Mamoré	Pakaguara	117	20	143	105	7	2	56
	Cakobo	29	10	37	31	4	2	26
	Karipuná	55	12	68	52	3	3	35
Grupo do Inambari	Arazaire	36	6	46	32	4	3	28
	Atsawáka	61	11	76	57	3	3	35
	Yamiaka	40	10	51	38	5	3	27

⁴⁶ À semelhança do trabalho de Tastevin (1910), os autores apresentam uma lista de trabalhos sobre línguas consideradas como pertencentes à família Páno.

Grupo do Ucayali	Sipibo	199	36	276	145	24	3	81
	Pano	174	33	233	130	19	2	76
	Kulino	71	20	97	63	2	2	36
	Mayorúna	55	12	73	49	3	3	32
	Konibo	107	22	144	91	8	4	59

A comparação das línguas do Juruá com as línguas agrupadas por Rivet e Tastevin (1927) não refletem a classificação proposta pelos mesmos autores. Por exemplo, Kulino aparece como a 5ª língua com relação das línguas do Juruá, mas pertence ao mesmo subgrupo do Shípiro (Sipibo), que aparece como a língua mais próxima das línguas do Juruá. Por outro lado, o Pakawára (Pakaguara) aparece como a 3ª ou 4ª língua mais próxima das línguas do Juruá, apesar de pertencer a um subgrupo distinto do Shípiro (Sipibo). Observamos que a maior aproximação entre as línguas do Alto Juruá-Purús e as línguas Shípiro (Sipibo) e Páno pode ser resultado da qualidade do material disponível sobre essas duas línguas e não necessariamente refletir uma proximidade genética.

QUADRO 03 – RELAÇÕES ENTRE AS LÍNGUAS DA FAMÍLIA PÁNO COMPARADAS POR RIVET E TASTEVIN (1927)

	Kapanawa	Yamináwa	Kaşinawa	Katukina	Amahuaka
1º	Sipibo	Sipibo	Sipibo	Sipibo	Sipibo
2º	Pano	Pano	Pano	Pano	Pano
3º	Pakaguara	Konibo	Konibo	Pakaguara	Konibo
4º	Konibo	Pakaguara	Pakaguara	Konibo	Pakaguara
5º	Kulino	Kulino	Kulino	Kulino	Kulino
6º	Atsahuaka	Mayorúna	Atsahuaka	Atsahuaka	Atsahuaka
7º	Mayorúna	Karipuná	Mayorúna	Karipuná	Karipuná
8º	Karipuná	Atsahuaka	Karipuná	Mayorúna	Mayorúna
9º	Yamiaka	Cakobo	Yamiaka	Yamiaka	Arazaire
10º	Arazaire	Yamiaka	Arazaire	Arazaire	Yamiaka
11º	Cakobo	Arazaire	Cakobo	Cakobo	Cakobo

É necessário, entretanto, ressaltar que os autores estão mais interessados em demonstrar o parentesco das línguas do alto Juruá e Purús com as outras línguas da família

Páno, do que em demonstrar um subagrupamento de línguas. Os próprios autores reconhecem que os vocabulários utilizados não são uniformes, ou seja, “os vocabulários que nós possuímos de cada uma delas não encerram as mesmas palavras nem a mesma quantidade de palavras” (RIVET; TASTEVIN, 1927, p. 816).⁴⁷

Ao comparar os vocabulários Kaxinawá (Kašinawa) de Capistrano, de Tastevin e de Stegelmann, os autores notam que estes “diferem notavelmente” (op. cit., p. 816). No entanto, eles observam que há uma grande semelhança entre o Kaxinawá (Kašinawa) de Stegelmann, o Yamináwa e o Amawáka (Amahuaka), pois estas três línguas apresentariam pré-nasalizadas (*nd* e *mb*) e também fricativas glotais, que corresponderiam a *b* no Kaxinawá (Kašinawa) de Capistrano. Por outro lado, segundo os autores, o Kaxinawá (Kašinawa) de Tastevin, se assemelha mais ao Mayorúna e ao Kulino, mas com “um grande número de palavras que lhe parecem particulares” (op. cit., p. 818)⁴⁸. Das observações feitas, Rivet e Tastevin (op. cit., p. 818) concluem que o “dialeto” Kaxinawá (Kašinawa) deve ter variações dialetais ou “sub-dialetos”, que se diferem da mesma forma que “os outros dialetos Páno diferem entre eles”. De toda forma, os autores não rejeitam a possibilidade de haver um erro sobre o nome das tribos observadas pelos coletadores, ainda que acreditem ser isso “pouco provável” (op. cit., p. 818).

Quanto às correspondências fonológicas, eles chamam atenção para o fato de *l*, *ʃ*, *r*, no início, tornarem-se *d*, no “Kašinawa de Abreu e de Tastevin, e, excepcionalmente, em Kapanawa e em Mayorúna” (op. cit., p. 818). Rivet e Tastevin (op. cit.) apresentam 19 possíveis cognatos para ilustrar esse fato. Por outro lado, eles também apresentam a correspondência do “*r* do Kašinawa de Abreu a uma aspirada (*x*, *h*) ou mesmo a uma gutural de outros dialetos pano” (op. cit., p. 819), apresentando 8 possíveis cognatos com essa correspondência. Tais correspondências apresentadas pelos autores não aparecem no trabalho de Shell (1975 [1965]), como já demonstrado.

Logo, conforme mencionado acima, este é o primeiro trabalho a apresentar uma classificação em três grandes grupos para a família Páno e a considerar a correlação destes com as bacias de rios onde estão localizadas as línguas estudadas pelos autores. Apesar das diferenças nas constituições internas das classificações propostas por autores

⁴⁷ “[...] les vocabulaires que nous possédons sur chacun d’eux ne renferment pas les mêmes mots ni le même nombre de mots.” (op. cit.)

⁴⁸ “[...] un grand nombre de mots qui lui semblent particuliers.” (RIVET; TASTEVIN, op. cit.)

posteriores a Rivet e Tastevin (1927), notamos que, a partir de então, passa-se a sempre apresentar 3 grupos dentro da família.

1.4.2 Mason (1950)

Mason (1950, p. 158, 252) lista a família Páno entre as línguas de “presumida independência do norte das terras baixas tropicais”.⁴⁹ Ele inicia sua classificação sobre a família Páno questionando a origem setentrional da família, uma vez que não havia, à época, nenhuma proposta de relação entre a família Páno e qualquer outra família; no entanto, reconhece que Rivet (1924) já havia considerado que o grupo Takána apresentava uma “considerável semelhança com Pano” (MASON, op. cit., p. 262-263).

Mason (op. cit.) considera, por conseguinte, que a família Páno ocupa “quatro áreas homogêneas isoladas a leste dos Andes e do extremo oeste do Brasil” (op. cit., p. 263). Segundo esse autor, o grupo principal ou central seria formado por um conjunto de tribos ou subtribos, que deviam falar línguas variantes ou dialetos. Dada a falta de dados, uma vez que não havia sequer vocabulários sobre a maioria das línguas, não havia também classificações além das de base geográfica. No entanto, ele considera possível uma classificação com base no fato de que “grupos adjacentes e grupos afiliados são mais intimamente relacionados que grupos mais distantes”,⁵⁰ mas reconhece que esta é uma “dangerous assumption” e os “agrupamentos [são] altamente tentativos” (MASON, 1950, p. 263).⁵¹

Apresentamos, em seguida, a classificação proposta por Mason (op. cit.):⁵²

I. Central

A. Chama (Ucayali)

1. Kónibo

a. Kónibo

b. Shípibo

⁴⁹ “[...] Northern tropical Lowland families of presumed independence.” (RIVET ; TASTEVIN, op. cit.)

⁵⁰ A afirmação de Mason não é fundamentada em princípios do método histórico-comparativo e é possível haver línguas bastante próximas geograficamente que sejam geneticamente mais distantes do que línguas geograficamente distantes. Esse é o caso, por exemplo, de línguas da família Tupí-Guaraní, se comparadas com línguas de outras famílias do tronco Tupí que podem estar num mesmo espaço geográfico, como é o caso das línguas faladas em Rondônia.

⁵¹ Mason observa a terminação na denominação do que ele considera como os dois principais grupos dentro da família Páno, sendo que os grupos do Ucayali possuem denominações terminadas em *-bo* e os do Juruá e Purús têm denominações terminadas em *-nawa*. Este fato também é notado por Loos (1999).

⁵² A ortografia e as informações apresentadas na classificação seguem o original de Mason (1950).

- a. Calliseca, Sinabo (?)
- b. Manamabobo, manava
- c. Setebo
 - a. Sensi: Casca, Runubu, Ynubu, Barbubo, Tenti, Mananawa (?)
 - b. Panobo: Pano, Pelado, Manoa, Kashíboyano

2. Kashíbo (Camabo)

- a. Cacataibo
- b. Cashiño
- c. Ruño
- d. Buninawa
- e. Carapacho (?)
- f. Puchanawa
- g. Shirinó

B. Curina (Kullino)

C. Capanawa

- 1. Capanawa
 - a. Buskipani
- 2. Remo
 - a. Sacuya
- 3. Maspo
 - a. Epetineri (Impenitari)
- 4. Nucuini
 - a. Cuyanawa
- 5. Niarawa
- 6. Puyamanawa (?)

D. Amawaca (Amenguaca)

- 1. Amawaca
 - a. Cashinawa
 - a. Sheminawa
 - b. Soboibo
 - a. Ruanawa
 - c. Mochobo
 - a. Comobo

E. Catukina

- 1. Arara
 - a. Shawanawa
- 2. Ararapina
- 3. Ararawa

4. Saninawa
 - a. Saninawacana

F. Juruá-Purús

1. Povanawa
2. Shipinawa
3. Ararawa
4. Yauavo
5. Yaminawa
6. Rununawa
7. Contanawa
8. Yawanawa
9. Pacanawa
10. Yumbanawa
11. Yura
12. Tushinawa
13. Marinawa
14. Espinó
15. Manawa
16. Canamari

II. Southwest

A. Arasaire

B. Atsawaca

1. Atsawaca
2. Yamiaca

C. Arauá (?)

III. Southeast

A. Pacavará

1. Chacobo
2. Caripuná
 - a. Jacariá
 - b. Pamá (Pamaná)
3. Capuibo
4. Sinabo

B. Zurina (?)

Mason (op. cit.) apresenta, além da família Páno propriamente dita, outro grupo denominado Mayorúna, o qual seria considerado como Páno por Brinton (1891), Rivet (1924),⁵³ Krickeberg (1922),⁵⁴ Schimidt (1926),⁵⁵ Nimuendajú (mapa e index) e por Steward e Métraux (1946),⁵⁶ mas considerado como não pertencente à família Páno por Tessmann (1930),⁵⁷ que os via como um misto de “Arawak e Tupí”, e por Loukotka (1935),⁵⁸ que dava um *status* independente ao grupo. Por prudência, o autor prefere deixar como não classificado, uma vez que “os dados linguísticos são pobres” (MASON, op. cit., p. 270).

Mason (op. cit.) observa ainda que as duas subtribos reconhecidas dentro deste grupo seriam Maruba e Chirabo (Čirabo, Tširabo), mas reconhece que as opiniões sobre as possíveis subdivisões são muito contraditórias. Em ambos os casos, tanto Marúbo (Maruba) quanto Chirabo também eram consideradas por outros autores como Mayorúna (Mason, op. cit., p. 270). Notamos que a palavra *tfidabo* [tʃirabo]⁵⁹ significa mulher em Matís (SPANGHERO-FERREIRA, 2005, p. 182), língua intimamente relacionada à língua Mayorúna e falada em região muito próxima da localização histórica e atual do povo Marúbo. Constatamos ainda que os povos Marúbo e Mayorúna eram confundidos como um mesmo povo até bem pouco tempo (ANÔNIMO, 1975; OLIVEIRA, 2009), mas que são bastante diferentes tanto do ponto de vista antropológico quanto do ponto de vista linguístico (e.g. ERIKSON, 1992; LOOS, 1999; VALENZUELA, 2003).

Ademais, Mason (op. cit.) indica outros possíveis grupos Páno na bibliografia consultada por ele, mas prefere não classificá-los devido à falta de dados ou de concordância quanto a essa classificação. São eles:⁶⁰

Itucale

Itucale

Urarina

⁵³ RIVET, Paul. Langues américaines III: Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (Ed.). *Les langues du monde*. Paris: Collection Linguistique, 1924. V. 16. p. 639-712.

⁵⁴ KRICKEBERG, Walter. Die Völker Südamerikas. In: BUSHAN, G. H. Th. (Ed.). *Illustrierte Völkerkunde*. Stuttgart, 1922. V. 1. p. 217-423.

⁵⁵ SCHMIDT, Wilhelm. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1926

⁵⁶ STEWARD, J. H.; METRAUX, A. Tribes of the Peruvian and Ecuadorian Montana. In: STEWARD, J. H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1946. V. 3. p. 51-59, 290-347.

⁵⁷ TESSMANN, Günter. *Die Indianer Nordost-Perus*. Hamburg, 1930.

⁵⁸ LOUKOTKA, Čestmír. *Clasificación de las lenguas sudamericanas*. Praga: Tipografia Josef Bartl, 1935.

⁵⁹ A palavra para mulher em Mayorúna (Matsés) é *tfido* [tʃiro] (FLECK, 2003).

⁶⁰ A ortografia e as informações seguem o original de Mason (op. cit.).

Shimacu
 Chambira
 Singacuchusca
 Arucui

Aguano

- A. Aguano proper
 - 1. Seculusepa
 - a. Chilicawa
 - 2. Melikine
 - a. Tivilo

Cutinana
 Maparina

Chamicuro (Chamicura, Tschamicuro)

Como comparamos as classificações de Mason (1950) e de McQuown (1955), e consideramos que a do segundo é a mesma do primeiro, não reproduzimos aqui a classificação de McQuown, uma vez que ela já aparece também na revisão que fizemos acima sobre o trabalho de Shell (1975 [1965]). Como já discutimos detalhadamente a classificação de McQuown (op. cit.), com base em Shell (op. cit.), optamos por não acrescentar observações ao trabalho de Mason.

1.5 CLASSIFICAÇÕES DE BASE QUANTITATIVA

Nesta seção, apresentamos as classificações que se baseiam em métodos quantitativos para o modelo de diversificação interna da família ou de parte da família. Em alguns casos, os autores adicionam observações de outros autores ou de possíveis correspondências fonológicas que possam dar base às suas classificações.

1.5.1 D'Ans (1973, 1975)⁶¹

Andrés Marcel D'Ans (1973) realiza um trabalho de glotocronologia utilizando a lista de 100 palavras de Swadesh, comparando dez línguas da família Páno, denominadas por ele da seguinte forma: Panavarro,⁶² Amawáka, Kashinawá, Yaminahua, Shípibo,

⁶¹ O artigo foi publicado originalmente em espanhol, no ano de 1973, pela UNMSM, de Lima, e, posteriormente, o autor publicou uma versão ampliada em francês.

⁶² Refere-se à língua Páno, mas o autor prefere utilizar esse outro termo para evitar a confusão entre Páno (família) e Páno (a língua). Ao mesmo tempo, este nome é uma homenagem ao Missionário R. P. Navarro, que organizou um dicionário com 3.000 termos da língua (D'ANS, 1973, p. 350).

Kashíbo, Kapanáwa, Iskonáwa, Sharanahua e Chákobo. É necessário notar que o autor trabalha com um número muito pequeno de dados ao optar pela reduzida lista de Swadesh como base para a comparação.

Inicialmente ele tece algumas considerações sobre etnônimos, inteligibilidade e separação entre línguas. Em seguida, comenta que alguns consideram o Iskonáwa como um subgrupo Remo, mas que este termo é estranho aos Iskonáwa. Sobre o Panavarro, apenas menciona que Shell (1975 [1965]) haveria recolhido um léxico que ela teria identificado com o Páno de Navarro, mas o autor não teria tido acesso a esses dados, limitando-se ao léxico de Navarro. Considera o Yamináwa (Yaminahua) e o Sharanáwa (Sharanahua) como mutuamente inteligíveis, mas também o Chanináwa (Chaninahua), Mastanáwa (Mastanahua) e Marináwa (Marináwa). Todos seriam compreensíveis entre si, de forma que ele considera a existência de um grupo Pano-Purús. Quanto ao Kaxinawá, conclui que não há diferenças internas, o que não está de acordo com pesquisas recentes (cf. KAXINAWÁ, 2011). O autor é também bastante claro quanto às fontes utilizadas em cada caso e à localização de cada povo (cf. D'ANS, 1973, p. 349-353).

Quanto à análise propriamente dita dos resultados, D'Ans (op. cit.) chega a uma conclusão contraditória, quando compara as datas de separação das línguas das Cabeceiras das línguas Ucayalinas. Ele considera que as línguas das Cabeceiras se separaram entre 10 e 13 séculos das Ucayalinas, mas as línguas das Cabeceiras apresentam datas de separação de 10 a 15 séculos entre si. A sua separação do Kashíbo (Pré-Andino) teria ocorrido entre 17 e 18 séculos. Dessa forma, o autor tenta explicar o problema postulando uma grande variação dialetal e pouca unidade na protolíngua:

Estas cifras demonstram que as proto-línguas das cabeceiras não se separaram das proto-línguas ucayalinas como haveria feito um subgrupo coerente. Essas populações proto-pano se desmembraram, literalmente: não só se separaram do grupo proto-ucayalino, mas também se isolaram mutuamente. Isto explica que as datas de diferenciação destas línguas entre si não sejam em nenhum caso inferiores às da sua divergência com respeito às línguas ucayalinas. Se suas datas de diferenciação interna são um pouquinho mais elevadas que as datas de diferenciação do Ucayalino, isto é atribuível a divergências dialetais prévias a separação histórica do Ucayalino.

Seria utópico tratar de representar graficamente a história da diversificação das línguas pano por uma árvore única que remontasse um Proto-Páno hipotético. Mas, ainda tendo em conta os adiantos da sociolinguística moderna e a necessidade de relativizar nossas noções sobre a “unidade-língua”, não há nenhuma razão válida para postular uma proto-língua Páno única com pouco mais de 2.000 anos, data máxima a que chegamos com nossos cálculos glotocronológicos. É infinitamente

mais verossímil supor a existência, em dita época, de um proto-grupo linguístico Pano composto de várias falas com intercompreensão limitada, concatenadas em um conjunto relativamente coerente, mas no qual algumas pontes tinham já uma relação mais marcada com umas ou outras partes do conjunto⁶³ (D'ANS, 1973).

Se compararmos, por exemplo, as datas de separação do Panavarro (Ucayalino) e do Amawáka (Cabeceiras), temos uma profundidade temporal de 1.288-0.831, mas se compararmos a separação do Amawáka (Cabeceiras) com o Iskonáwa (Cabeceiras), segundo D'Ans (1973), a profundidade temporal seria de 1.782-1.278. Ou seja, duas línguas de agrupamentos distintos separaram-se há menos tempo do que duas línguas que pertencem a um mesmo subgrupo.

Por outro lado, D'Ans (1973, p. 362) observou que todas as línguas do subgrupo Ucayalino apresentam uma profundidade temporal muito pequena e coesa. No entanto, apesar de os agrupamentos Beniano, Ucayalino e Preandino serem claros, a relação entre estes e o agrupamento das Cabeceiras parece ser o mais difícil, segundo as datações apresentadas pelo autor.

Em sua classificação, D'Ans (1973) acrescenta também línguas que não foram incluídas em sua comparação, como o Mayorúna, que é classificado em um grupo distinto dos demais. A classificação a que chega o autor é a seguinte:⁶⁴

I. Pano Ucayalino

A. Ucayalino A

1. Shípibo-Kónibo

a. Shípibo

b. Kónibo (?)

⁶³ “Estas cifras demuestran que las proto-lenguas de las cabeceras no se han separado de las proto-lenguas ucayalinas como lo habría hecho un subgrupo coherente. Esas poblaciones proto-pano se han, literalmente, desmembrado: no sólo se separaron del grupo proto-ucayalino, sino que también se aislaron mutuamente. Esto explica que las fechas de diferenciación de estas lenguas entre sí, no sean en ningún caso inferiores a las de su divergencia respecto a las lenguas ucayalinas. Si sus fechas de diferenciación interna son un poquito más elevadas que las fechas de diferenciación del Ucayalino, esto es atribuible a divergencias dialectales previas a la separación histórica del Ucayalino.

Sería utópico tratar de representar gráficamente el historial de la diversificación de las lenguas pano por un árbol único que se remontara a un hipotético proto-Pano. Pero, aun teniendo en cuenta los adelantos de la socio-lingüística moderna y la necesidad de relativizar nuestras nociones acerca de la ‘unidad-lengua’, no hay ninguna razón valedera para postular una proto-lengua pano única hace un poco más de 2000 años, fecha máxima a que llegamos con nuestros cálculos glotocronológicos. Es infinitamente más verosímil suponer la existencia, en dicha época, de un proto-grupo lingüístico pano compuesto de varias hablas con intercomprensión limitada, concatenadas en un conjunto relativamente coherente, pero en el cual algunas pontes tenían ya una relación más marcada con unas u otras partes del conjunto.” (D'ANS, 1973, p. 362-363)

⁶⁴ Assim como nos demais casos, mantivemos as ortografias propostas pelo autor original e as informações conforme o que se apresentava no texto.

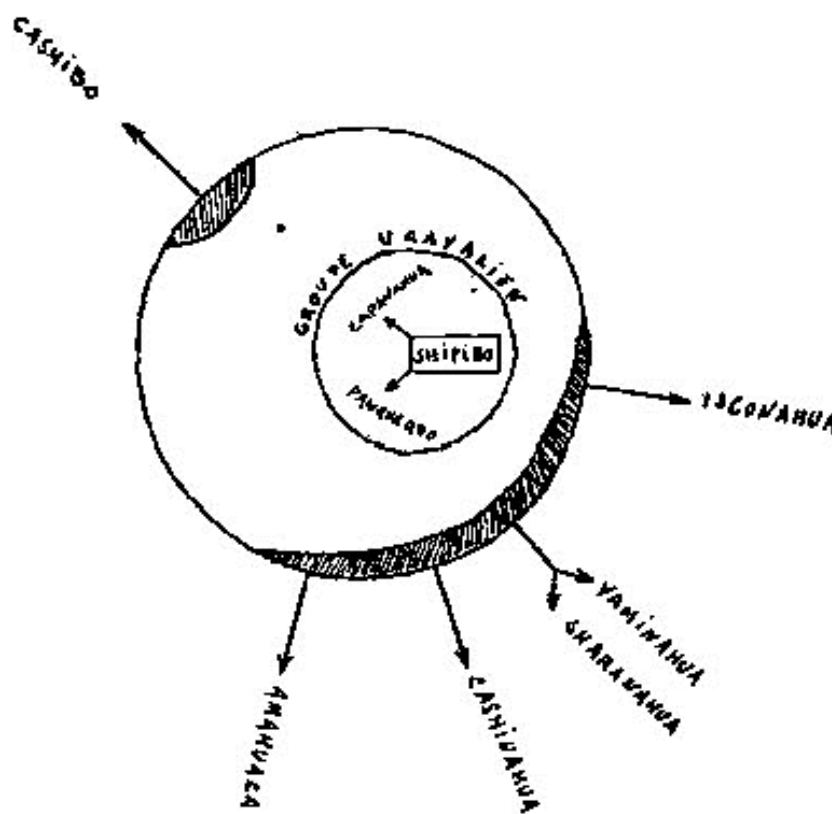
- 2. Kapanáwa
 - a. Kapanáwa
- B. Ucayalino B
 - a. Panavarro
 - b. Shetebo (??)
 - c. Wariapano (??)
- II. Pano Preandino
 - a. Kashíbo
 - b. Cacataibo
- III. Pano de las cabeceras
 - A. Iskonáwano
 - a. Iskonáwa
 - B. Amawákano
 - a. Amawáka
 - C. Kashinawáno
 - a. Kashinawá
 - D. Pano-Purus
 - a. Yaminahua
 - b. Sharanahua
 - c. Marináwa (?)
 - d. Chaninahua (?)
 - e. Mastanahua (?)
 - f. Yahuanahua (??)
- IV. Pano Beniano
 - a. Chacobo
 - b. Pacagauara (??)
- V. Pano do Norte (??)
 - a. Mayorúna (??)

Quanto às semelhanças com outros trabalhos, notamos que D'Ans (1973), assim como Shell (1975 [1965]), também classifica Kapanáwa e Shípibo-Kónibo como línguas muito próximas e a elas aproxima-se Wariapano. Esta classificação do Pano-Ucayalino é exatamente a mesma da autora (SHELL, op. cit.). Apesar de haver inclusão de várias outras línguas, notamos também que Kaxinawá, Marináwa e Amawáka encontram-se dentro de um mesmo subgrupo, o que também está de acordo com a classificação de Shell (op. cit.).

O Chákobo, por sua vez, aparece dentro de um subgrupo diferente dos subgrupos das demais línguas comparadas por Shell (op. cit.). E o Mayorúna aparece no último subgrupo, o que significa que está separado de todas as demais línguas.

Em ambos os artigos, D’Ans (1973, 1975) tece alguns comentários sobre o centro de origem dos povos Páno. Apesar de não ser conclusivo, o autor cogita a possibilidade de um centro de dispersão no Ucayali, onde o povo falante da língua Protopáno teria condições para praticar uma agricultura extensa. D’Ans (1975) ressalta que sua ideia está em desacordo com as ideias de Lathrap, para quem os povos Páno teriam chegado ao Ucayali há aproximadamente 800 séculos atrás e teriam substituído populações Aruák (cf. D’ANS, 1975, p. 95-97).

FIGURA 05 – MODELO DE DISPERSÃO E CENTRO DE ORIGEM DE LÍNGUAS DENTRO DA FAMÍLIA PÁNO COMPARADAS POR D’ANS (1975)



1.5.2 Lanes (2005)

Elder Lanes, em sua tese intitulada *Aspectos da mudança lingüística em um conjunto de línguas Amazônicas: as línguas Pano* (2005), apresenta uma “comparação de línguas da família Pano faladas nos Estados do Acre e do Amazonas (Vale do Javari)”.⁶⁶ Para tanto, utiliza dados das línguas Yamináwa (Jaminawa), Yawanawá, Kaxararí,

⁶⁶ Pode-se dizer que a tese de Lanes é um desenvolvimento do seu trabalho de mestrado, intitulado *Mudança fonológica em línguas da família Páno*.

Kaxinawá, Shanenawá, Katukína, Arara, Poyanáwa, Matsés, Marúbo e Matís (Lanes, op. cit.), todas faladas no Brasil.

O autor utiliza, a um só tempo, métodos de análise acústica e lexicostatística, mas também busca discutir aspectos de mudança lingüística. Devemos ter em mente que o autor escolhe trabalhar apenas com as línguas Páno faladas no Brasil e não apresenta nenhuma proposta de classificação interna da família Páno, seja com base em seus dados ou com base em revisão bibliográfica. Ou seja, as línguas utilizadas na comparação não refletem a constituição da família lingüística Páno.

Além da escolha das línguas para sua comparação, o autor, apesar de utilizar a noção de cognatos, não considera as correspondências através das línguas e inclui não cognatos em suas etimologias, como em 24 e em 152, da seguinte tabela:

QUADRO 04 – EXEMPLOS DE COGNATOS PROPOSTOS POR LANES (2005)

		Jaminawa	Yawanawa	Kaxarari	Kaxinawa	Matses
24	Carne	[da·bi]	[na·miʔ]	[la·mi]	[na·mi]	[pẽ·bitʔ \ tʃu·ʃu]
152	Unha	[bi·tʃis]	[mi·tʰis]	[mi·tʰisi]	[mĩtis] [hũtis]	[tẽtis]

O autor considera [pẽbitʔ] como cognato de [nami] ou [dabi], mas desconsidera que *p* não corresponde a *n* e *d*, além do que a língua Mayorúna possui a palavra /nami/. Como o autor não percebe que não são cognatos, esse erro o leva a postular um processo de “desnasalização consonantal” e um processo de “harmonia consonantal” em Matsés (Mayorúna), descrito da seguinte forma (cf. LANES, 2005, p. 221):

- 1- desnasalização consonantal de /n/ e /m/;
- 2- propagação à próxima oclusiva à esquerda de traços articulatorios de uma oclusiva. O segundo processo constituiria uma espécie de harmonia consonantal e não necessitaria ser dependente do primeiro – o que poderia ser sustentado, no próprio Matses, por um dado como 152, referente a 'unha' (152 'unha' /taNtis/). No caso da desnasalização consonantal, essa não afetaria uma vogal nasalizada por uma consoante nasal na coda, como se vê no item 24.

No entanto, o que ocorre é que em Mayorúna a forma para unha da mão inicia-se em *mĩ* e para unha do pé em *ta-*, ou seja, /mĩntsis/ ‘unha da mão’ e /tantsis/ ‘unha do pé’ (cf. FLECK, UAQUÍ e JIMÉNEZ, 2011, p. 125, 191). Não há, portanto, nenhum dos dois processos descritos por Lanes em Matsés.

Há, contudo, algumas observações feitas por Lanes que gostaríamos de considerar neste capítulo. Primeiramente, ele observa cinco “mudanças linguísticas” consonantais, apresentadas abaixo. As correspondências de 1 a 3 são bastante consistentes e também estão consideradas no capítulo 4 desta tese, mas com uma interpretação bastante distinta da de Lanes (2005).

QUADRO 05 – CORRESPONDÊNCIAS SONORAS PROPOSTAS POR LANES (2005)

	Jmi	Ywa	Kxa	Kxi	Mtes	Ktu	Ara	Sha	Mar	Mtis
1	d, n	n	l, n	n	n	n	d, n	n	n	n
2	b, m	m	m	m	m	m	b, m	m	m	m
3	r	r	tʃ	d, r	d	r	r	r	r	d
4	∅	tʃ, ∅	tʃ	tʃ, h	ts	∅	tʃ, ∅	ts, ∅	∅	ts, ∅
5	∅	∅	X	∅, h	∅	∅	∅	∅	∅	∅

Apresentamos, nas seções seguintes, alguns aspectos apresentados em Lanes (2005) que nos parecem relevantes e que serão discutidos por nós, com base em novos dados e comparação independente e mais abrangente, no capítulo 4 desta tese.

1.5.2.1 Desnasalização da consoante alveolar nasal

Reproduzimos o primeiro conjunto de correspondências apresentado por Lanes (2005, p. 220) entre “nasal [coronal], oclusiva [coronal], [+sonora] e lateral.”, no anexo I. A partir da análise dos dados, o autor propõe as correspondências, que podemos resumir na seguinte tabela:

QUADRO 06 – CORRESPONDÊNCIA SONORA ENVOLVENDO DESNASALIZAÇÃO PROPOSTA POR LANES (2005)

	Jmi	Ywa	Kxa	Kxi	Mtes	Ktu	Ara	Sha	Mar	Mtis
	d, n	n	l, n	n	n	n	d, n	n	n	n

O autor não inclui o Poyanáwa na sua comparação, embora o inclua em suas etimologias, e apenas lembra, em nota de rodapé, que, caso essa língua possua *d* fonológico, ela se alinharia ao Yamináwa e ao Arara. De Paula (2004) considera que *d* é

um fonema na língua Poyanáwa e que possui um alofone [n], quando precede uma consoante nasal. Em todos os dados apresentados por Lanes (op. cit.) em que há uma oclusiva alveolar não nasalizada em meio de sílaba, a vogal anterior está nasalizada ou há uma consoante nasal precedendo a oclusiva alveolar nas línguas Poyanáwa e Arara, mas não há qualquer nasalidade precedendo a consoante em Yamináwa.

Por outro lado, sempre que há uma consoante nasal em Yamináwa, Arara e Poyanáwa, há um ambiente nasal. Ou seja, as nasais não se desnasalizaram nessas línguas quando havia uma vogal nasal à direita da consoante, seja ela contígua ou não. O único caso em que houve desnasalização em Yamináwa e não ocorreu nas outras duas línguas foi no dado 24, mas isso deve estar relacionado à desnasalização da consoante oclusiva bilabial sonora nasal, que em Yamináwa não nasalizou a vogal à esquerda.

Quanto ao Kaxararí, esta é a única língua descrita da família Páno que possui a lateral correspondendo à nasal em outras línguas. Além disso, há também *n* em Kaxararí que corresponde a *n* em outras línguas. Diferentemente das línguas Yamináwa, Poyanáwa e Arara, a nasalidade da vogal à direita não condiciona a nasalidade ou ausência de nasalidade da consoante, como pode ser observado nos dados apresentados na tabela do Anexo I.

Lanes (op. cit., p. 240) considera que houve “uma ampliação do contexto da desnasalização consonantal em Kaxararí, se considerada a nasal coronal”, ou seja, o processo de desnasalização em Kaxararí seria um desenvolvimento do mesmo processo que se deu em Yamináwa, Arara e Poyanáwa. No entanto, como demonstramos no capítulo 4, o reflexo *l* em Kaxararí não se relaciona ao mesmo processo mais geral de desnasalização que ocorreu em Yamináwa, em Poyanáwa e em Arara, como defendido por Lanes (op. cit.). Ademais, as línguas Poyanáwa, Yamináwa e Arara também apresentam processo de desnasalização da consoante oclusiva nasal bilabial, observado por Lanes (op. cit., p. 222-223), processo que não ocorreu em Kaxararí.

Por fim, resta-nos dizer que Lanes (op.cit., p. 39-40, 239-240) considera a presença de uma lateral⁶⁷ como marca de ergatividade em Kaxararí e também como uma ampliação do processo de desnasalização nessa língua, no sentido de que seria o mesmo processo que ocorre nas outras línguas acima mencionadas. No entanto, o que o autor não considera é que há segmento nasal em estruturas possessivas do Kaxararí, que

⁶⁷ A marcação de caso ergativo por uma lateral foi também observada por Béksta (1977) e Sousa (2004)

correspondem à marca nasal de genitivo ou de possessivo em outras línguas da família Páno:⁶⁸

QUADRO 07 – PRONOMES POSSESSIVOS EM KAXARARÍ, SHÍPIBO E MATÍS

	Kaxararí (BEKSTA, 1977b)	Shípibo (VALENZUELA, 2003)	Matis (FERREIRA, 2005)
1sg	ĩ	<i>nokon</i>	<i>nukun</i>
2sg	<i>mĩ-</i>	<i>mi-n</i>	<i>min</i>
3sg	<i>háy-</i>	<i>hawĩn</i>	<i>awĩn</i>
1pl	<i>luĩ ~ lu? ~ lũ</i>	<i>no-n</i>	<i>nukin</i>
2pl	<i>matũ</i>	<i>mato-n</i>	<i>mitson</i>
3pl	<i>hátũ</i>	<i>hato-n ~ habaon ~ haboan ~ haboon</i>	<i>aton</i>

Das observações acima, podemos concluir que o processo que resultou em uma consoante lateral no Kaxararí é independente do processo que resultou na desnasalização das outras línguas apresentadas por Lanes (2005). Esse fato será melhor discutido nos capítulos 3 e 5 desta tese.

Além disso, se considerarmos a mudança em Kaxararí como independente da mudança nas línguas Yamináwa, Poyanáwa e Arara, a desnasalização da nasal alveolar e da nasal labial, nessas três últimas línguas, seria resultado de um mesmo processo de mudança, sem o inconveniente de termos uma análise ambígua para o Kaxararí. Lanes (op. cit., p. 239-240), diferentemente de nós, considera que o Kaxararí deve ser agrupado junto com as línguas Poyanáwa, Yamináwa e Arara, pois trata o processo de desnasalização como uma inovação compartilhada por essas línguas. Por outro lado, se o critério de agrupamento for a desnasalização da labial, o Kaxararí deveria ser agrupado junto com as línguas Yawanawá, Kaxinawá, Matís, Katukína, Shanenawá e Marúbo, (cf. LANES, 2005).

⁶⁸ Embora a língua Shípibo-Konibo tenha sido analisada como possuindo uma consoante nasal não especificada em coda (cf. VALENZUELA, 2003), consideramos que essa língua não possui consoantes nasais foneticamente realizadas em coda; diferentemente da língua Matis, que possui consoante nasal alveolar em margem direita de sílaba.

1.5.2.2 Africada palatal em Kaxararí

Segundo Lanes (2005, p. 223-224) há também correspondência entre uma africada palato-alveolar em Kaxarari e um tepe em Yamináwa, Yawanawá, Katukína, Arara, Shanenawá e Marúbo, e uma oclusiva alveolar em Matís e Mayorúna. No capítulo 4, apresentamos esta correspondência dentro de um contexto mais geral, com dados de outras línguas não consideradas por Lanes (2005).

1.5.2.3 Correspondências vocálicas

Ao discutir as vogais das línguas Páno, Lanes (2005, p. 91-95) observa que, entre as línguas estudadas, as únicas que possuem um sistema com mais de 4 vogais são as línguas do subgrupo Mayorúna (Matís e Mayorúna (Matsés)).⁶⁹ No entanto, por trabalhar com dados fonéticos e considerar a análise fonológica de Ferreira (2001) e Spanghero-Ferreira (2001), apresenta um sistema de 7 vogais para o Matís, mas esta língua possui um sistema de 6 vogais, conforme revisão da fonologia apresentada em Ferreira (2005).

De toda forma, o que se sobressai no trabalho de Lanes (op. cit.) são as possíveis correspondências entre Matsés (Mayorúna) por um lado, e Yamináwa e Yawanawá de outro, conforme apresentado abaixo:

QUADRO 08 – CORRESPONDÊNCIAS ENVOLVENDO VOGAIS MÉDIAS DA LÍNGUA MATSÉS (LANES, 2005, P. 92)

	Jaminawa	Yawanawa	Matsés
1	i a'u	i aɔ	ɔ ɔ
2	a	a	ɔ
3	i	i	ɛ
4	i	i	ɛ
5	ai	a	ɛ
6	i		ɛ

Muito embora algumas das correspondências estejam corretas, discutimos abaixo a viabilidade de algumas correspondências vocálicas postuladas por Lanes (2005).

⁶⁹ O autor não teve acesso a dados do Korúbo e não menciona línguas de índios ainda sem contato permanente com a sociedade envolvente.

TABELA 09 – COGNATOS QUE APRESENTAM CORRESPONDÊNCIAS COM VOGAIS MÉDIAS DO MATSÉS APRESENTADAS EM LANES (2005, P. 91)

		Jaminawa	Yawanawa	Matsés
1.	‘Asa’	[pitaːu]	[piːtaɔ]	[pɔːtɔ]
2.	‘Branco’	[uʂuːpa]	[ɔʂuːpa]	[uʃũːbɔ]
3.	‘Chuva’	[uːri]	[ɔːri]	[ˈɔɛ]
4.	‘Comer’	[piː]	[ˈpiː]	[ˈpɛʔ]
5.	‘Dormir’	[uːʂaɪ]	[ɔːʂaʔ]	[uːʃɛʔ]
6.	‘Podre’	[piːsi]		[piseʔˈnaʔ]

Primeiramente, no conjunto para ‘asa’ é possível um processo de harmonia vocálica no dado apresentado em Matsés, o que põe dúvidas sobre a correspondência Yamináwa *i* : Yawanawá *i* : Matsés *ɔ*. No dado apresentado para ‘branco’, é possível que o sufixo *-mbo* em Matsés não seja cognato de *-pa* das outras línguas, uma vez que todas as línguas do subgrupo Mayorúna possuem um sufixo *-pa*, e, ademais, Korúbo possui um intensificador *kimbo* e Matis *kimon*, que parecem ser cognatos de Matsés *-mbo*. No conjunto apresentado para ‘podre’, o cognato seria *pisi* ‘mal olor’ (FLECK, 2010, p. 101). Ou seja, apenas a correspondência da sílaba final no dado 1 e as correspondências 3, 4 e 5 parecem ser correspondências sustentáveis.

A partir dos dados de Lanes (op. cit.) não é possível estabelecer uma correspondência entre a vogal média posterior do Matsés e as vogais das outras línguas. Talvez, por isso, o autor considere apenas a correspondência vocálica Matsés /ɛ/ : outras línguas /i/, em suas considerações sobre a mudança fonológica em línguas da família Páno (LANES, 2005, p. 226-227), como vemos adiante:

TABELA 10 – POSSÍVEIS COGNATOS QUE REPRESENTAM A CORRESPONDÊNCIA /ɛ/ : /i/, SEGUNDO LANES (2005, P. 226)

	Jmi	Ywa	Kxa	Kxi	Mtis	Ktu	Ara	Sha	Mar	Mtis
35	[piː]	[ˈpiːʔ]	[piːxi]	[ˈpiː]	[ˈpɛʔ]	[piːˈiː]	[piːˈpai]	[piːˈpai]	/ˈpi-a/	pe-
37	[ũiːti]	[ʃiːnɛʔ]	[hiːya]	[huĩːti]	[ɔĩːtɛ]	[oĩːndiː]	[ũiːti]	[uĩːti]		uinte

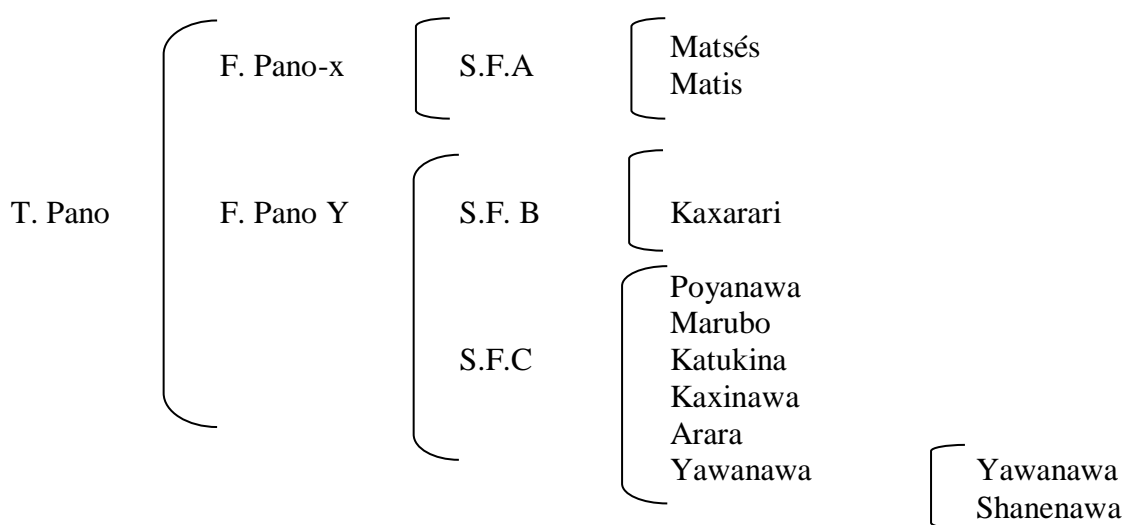
44	[u'ʂai]	[o'ʂaʔ]	[uʂa'fi]	[u'ʂa]	[u'ʂεʔ]	[uʂa ^s 'i']	[uʂa'i]	[u'ʂa]	/'uʂa/	uʂ-
119	[pi:'si] [tʂa'pɔ]	[tʂa'pɔʔ]	[patsa'ki]	[tʂa'pu]	[piseʔ'naʔ]	[pi'si']	[tʂa'pu]	[pi'si]	/iʂ'na- ya/	pisidapa

O dado 119 não apresenta a correspondência, uma vez que, como indicado acima, o cognato em Mayorúna (Matsés) seria /pisi/ (FLECK, 2010, p. 101). Por outro lado, o dado 44, em que o autor não inclui o Matis como possuindo a correspondência, poderia ser considerado se o autor utilizasse a forma flexionada, como faz para outras línguas, que em Matis é /uʂek/ (cf. FERREIRA: 2005). Entretanto, é necessário observar que não parece claro se a flexão nas outras línguas seria *-ai* ou *-i*. Portanto, apenas as correspondências em 35 e 37 podem ser consideradas.

1.5.2.4 Diferenciação interna da família Páno

Lanes (2005, p. 73-74) apresenta a seguinte proposta de relação interna entre as línguas comparadas. Esta talvez seja a primeira proposta a considerar que:

[...] o Matis pode ser incluído no ramo mais afastado do conjunto Pano – ramo que, conforme dados disponíveis e análise até então efetuada, continha apenas o Matsés; a língua Marubo surge como mais um integrante do ramo a que pertencem Poyanawa, Katukina, Kaxinawa, Jaminawa, Arara, Yawanawa.



Muito embora existam várias propostas de agrupamentos maiores incluindo a família Páno, nenhum outro autor considera o subgrupo Mayorúna (F. Pano-x de Lanes)

como uma família separada das outras línguas da família Páno.⁷⁰ As estimativas temporais de separação do Matsés com relação a outras línguas (entre 4.560 e 3.664) são muito altas e não condizem com a uniformidade fonológica e gramatical em toda a família, observada por outros autores como Loos (1999). No mais, Lanes (2005) está de acordo com Valenzuela (2003), Erikson (1992) e Amarante Ribeiro (2005),⁷¹ que acentuaram a maior proximidade entre Matsés e Matís.

1.5.3 Amarante Ribeiro (2005)

Lincoln Almir Amarante Ribeiro escreveu, em 2005, um artigo intitulado *Uma proposta de classificação interna das línguas da Família Páno*, em que busca, por meio de métodos estatísticos, obter uma “classificação interna puramente linguística das línguas Pano” (AMARANTE RIBEIRO, 2005, p. 157). Para tanto, o autor utiliza dados de 34 línguas para formar conjuntos, com base na lista de Swadesh (1950 apud AMARANTE RIBEIRO, op. cit.). Além do limitado número de cognatos que o autor utiliza, também reconhece que o que chama de cognato em seu trabalho “é, na realidade, um ‘cognato aparente’”. No mesmo trecho reconhece ainda que:

[...] estão sendo considerados somente itens que apresentam semelhança fonológica. Assim, não há como, embora se tente evitar esse procedimento, considerar como cognatas verdadeiras, palavras semelhantes por chance, empréstimos, resultados de universais ou de patologias verbais (por exemplo, tabus) entre outros. (AMARANTE RIBEIRO, op. cit., p. 169).

De toda forma, temos que reconhecer que Amarante Ribeiro (op. cit.) também considera em seu trabalho a reconstrução de Shell (1975 [1965]), mas, nesse caso, não explicita os procedimentos analíticos que usa.

Ele baseia seu estudo em métodos análogos aos da classificação em biologia, considerando o táxon da linguística um determinado conjunto de significados, da mesma forma que, em biologia, um conjunto de genes determinaria uma espécie ou táxon. Em consequência, o autor considera um significado específico como o análogo de um alelo de um gene para um biólogo. Sempre que, para um significado, uma língua apresentar um

⁷⁰ Mason (1950) não classifica a língua Mayorúna como pertencente à família Páno, mas nos parece muito mais uma medida de precaução devido à falta de dados.

⁷¹ É importante, entretanto, notar que o subgrupo de Amarante Ribeiro (2005) diverge bastante do proposto por Erikson (1992) e por Valenzuela (2003), uma vez que o autor considera-o como um subgrupo, dentro do grupo IV.

cognato, ela será marcada com 1 e sempre que não apresentar, será marcada com 0 (AMARANTE RIBEIRO, op. cit., p. 170).

Embora o autor se baseie na lista de 100 palavras de Swadesh, chega a um número de 302 “alelos”, o que equivale a uma coluna. Isso se deve ao fato de que um significado pode ter mais de um conjunto de cognatos dentro de uma família, seguindo o método utilizado por ele.

Por exemplo, para as línguas Shanenawa (táxon 1), Yawanawa (táxon 2), Kapanáwa (táxon 3) e Shípiho (táxon 4) o significado ‘canoa’ tem as formas şaşu, şaşu, nunti e nunti, respectivamente. Já para o significado ‘cabeça’, as formas são iguais a mapu em todas as quatro línguas. (AMARANTE RIBEIRO, 2005, p. 160).

Nesse caso, o autor (op. cit.) considera-os como três conjuntos de cognatos, como exemplificado abaixo:

QUADRO 09 – EXEMPLIFICAÇÃO DO MODELO UTILIZADO POR AMARANTE RIBEIRO (2005)

Significado	Canoa		Cabeça
	A (;şaşu)	B (nunti)	
Cognatos			C
Shanenawa	1	0	1
Yawanawa	1	0	1
Kapanawa	0	1	1
Shípiho	0	1	1

Após montar sua Matriz, com 302 colunas (referente a cada língua) e 34 colunas (referente a cada grupo de cognatos), o autor aplica alguns métodos estatísticos e probabilísticos para verificar qual das possíveis árvores geradas por seu conjunto de dados seria a que melhor explicaria o seu conjunto de dados. Após aplicação do Método de Verossimilhança e de simulação computacional, Amarante Ribeiro (2005) chegou a uma amostragem efetiva de 1000 árvores, que resultou em uma “árvore de consenso”,⁷² ou seja, o modelo arbóreo que melhor explica o conjunto de dados (a sua matriz). A partir do modelo arbóreo obtido, ele propõe o seguinte subagrupamento para a família Páno:

⁷² Termo utilizado em estatística.

QUADRO 10 – PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA PÁNO
(AMARANTE RIBEIRO, 2005)

Grupo I		Amawaka			
Grupo II	Subgrupo II-1	Kashíbo			
		Nokaman			
	Subgrupo II-2	Shípibo			
		Kapanawa			
Panobo					
Grupo III	Subgrupo III-1	Iskonawa			
		Kaxinawa			
	Subgrupo III-2	Subgrupo III-2-1	Nukini		
			Remo		
		Subgrupo III-2-2-1	Kanamari		
			Katukina		
			Marubo		
			Subgrupo III-2-2-2	Mastanawa	
				Tuxinawa	
				Yoranawa	
		Sharanawa			
		Shanenawa			
		Arara			
		Yawanawa			
		Subgrupo III-2-3	Xitonawa		
Yaminawa					
Kaxarari					
Poyanawa					
Grupo IV	Subgrupo IV-1	Kapishto			
		Matsés			
		Kulina			
		Matis			
	Subgrupo IV-2	Atsawaka			
		Arazaire			
		Yamiaka			
	Subgrupo IV-3	Karipuna			
		Chacobo			
		Pakawara			

Uma questão interessante, notada pelo próprio autor, é que há várias semelhanças entre os subgrupos propostos por ele e por outras classificações.

De modo geral, vários subgrupos da classificação exposta na Figura 2 estão presentes em outras classificações. Por exemplo, o Subgrupo IV-3 corresponde àquele chamado por D'Ans (1973) de subgrupo Pano Beniano. O Grupo III é denominado pelo mesmo autor como Pano das Cabeceiras, enquanto que o III-2-2-2 é chamado de Pano Purus. O Subgrupo II-2 é o Pano Ucayalino de d'Ans (1973) e o subgrupo IV-1, o Pano do Norte. O grupo II é o grupo Purus de Valenzuela (2000),⁷³ o subgrupo IV-3 o subgrupo Sul dessa autora. O subgrupo I-2 é o grupo do Ucayali, o subgrupo IV-1 o do Norte, o subgrupo I-1 o Oeste/Preandino e o subgrupo IV-2 o Sudoeste da mesma autora. Os Subgrupos IV-2 e IV-3 formam o Grupo do Chákobo de Loos (1999). O subgrupo II-2-2-2 também se identifica com o subgrupo do Yaminawa de Loos (1999), exceto pela presença do Amawaka e do Kaxinawa. É um tanto inesperada a presença do Poyanawa e do Kaxarari no mesmo subgrupo, embora com somente 66% de presença nas árvores. Essas duas últimas línguas, à parte alguma semelhança no léxico, partilham uma inovação caracterizada pelo processo de transformação da fricativa retroflexa na glotal ($\text{ʂ} > \text{h}$) e da álveo-palatal ($\text{j} > \text{h}$). Este é, porém, um argumento muito fraco para uma subclassificação, já que se trata de uma mudança fonológica bastante comum nas línguas naturais. Notemos a posição isolada do Amawaka. Nos nossos dados, esta posição não resulta de uma diferença léxica relevante em relação às outras línguas; isso ocorre porque cada uma das outras línguas compartilha com ela um pouco de seu vocabulário básico. Seria como se, em termos de léxico, a língua Amawaka fosse a melhor representante das línguas Pano. Valenzuela (2000) já havia advertido para o fato de que o Amawaka deveria ser tratado separadamente do grupo Purus e d'Ans (1973) a classificou isoladamente. (op. cit., p. 174-175)

Ressaltamos que, contrariamente ao que propõe Amarante Ribeiro (2005), não há nos dados observados por nós evidências de mudança $*\text{ʂ} > \text{h}$ ou $*\text{j} > \text{h}$, em Kaxarari. Observe-se, por exemplo, os dados abaixo, comparados com as protoformas apresentadas em Shell (1975 [1965]):

* <i>tfaço</i>	Kax	/tʂaʂu/	‘veado’ (LANES, 2005)
* <i>ʂki</i>	Kax	/ʂki/	‘milho’ (COUTO, 2005; LANES, 2005)
* <i>ʂaço</i>	Kax	/ʂaʂu/	‘pedra’ (PICKERING, 1962)
* <i>finã</i>	Kax	/finãhi/	‘pensar’ (PICKERING, 1962)
* <i>kafi</i>	Kax	/kafiwa/	‘morcego’ (SOUSA, 2004; COUTO, 2005)
* <i>fino</i>	Kax	/filuʔa/ ⁷⁴	‘macaco’ (SOUSA, 2004)

Em suas considerações finais, Amarante Ribeiro observa a “ausência de uma raiz (a árvore não apresenta uma raiz da protolíngua)” (op. cit., p. 177). No entanto, em

⁷³ O trabalho referido por Amarante Ribeiro como Valenzuela (2000), na verdade se refere ao trabalho Valenzuela (2003), *Transitivity in Shípiibo-Konibo Grammar*.

⁷⁴ Encontramos também as formas *filowa* (Lanes) e *filuwa* (Pickering).

nosso entendimento, a sua proposta teria quatro subgrupos, sendo três deles subdivididos em agrupamentos menores (grupos II, III e IV) e um subgrupo com membro único (grupo I). Acreditamos ser possível apresentar uma raiz para a origem das diversas línguas, uma vez que todas têm origem na mesma protolíngua.

Por fim, resta-nos dizer que a classificação proposta por Amarante Ribeiro não substitui, de forma alguma, o estudo baseado em correspondências nos vários níveis linguísticos, uma vez que “somente uma classificação final, feita com base em aspectos fonológicos e morfossintáticos, poderá resultar em uma classificação definitiva dessas línguas” (AMARANTE RIBEIRO, 2005, p. 177; cf. também McMAHON; McMACHON, 2005).

1.6 CLASSIFICAÇÃO ANTROPOLÓGICA

1.6.1 Erikson (1992)⁷⁵

A classificação da família Páno proposta por Erikson (1992) tem sido considerada nos trabalhos linguísticos recentes (cf. FERREIRA, 2005; FLECK, 2003; SPANGHERO-FERREIRA, 2005; LANES, 2005; OLIVEIRA, 2009; VALENZUELA, 2003), devido, principalmente, à proposta de um subgrupo Mayorúna. Segundo o autor, seu trabalho está baseado em “critérios essencialmente linguísticos” (ERIKSON, 1992, p. 240). No entanto, ele apresenta apenas algumas observações sobre inteligibilidade⁷⁶ e indica algumas variações dialetais. A seguir, apresentamos sua proposta, que subdivide a família Pano em 8 subgrupos:⁷⁷

1. Línguas Páno meridionais:

Chacobo
Pacaguara
Karipuna
Kaxarari

2. Shípiibo-Kónibo-Shetebo

Shípiibo-Kónibo⁷⁸

⁷⁵ Outra versão dessa classificação é apresentada em Erikson et al. (1994). Pelo que está citado em outros trabalhos como Fabre (2008), há pequenas diferenças, mas não tivemos acesso à versão de 1994.

⁷⁶ Como observado anteriormente, a inteligibilidade entre línguas não deve ser um critério para classificação de línguas, muito embora possa servir de hipótese inicial.

⁷⁷ A ortografia para o nome de línguas segue o que está apresentado no trabalho de Erikson (1992).

⁷⁸ O autor considera Shípiibo-Kónibo e Shetebo como uma mesma língua, referindo-se, em seu texto sobre o subgrupo, apenas ao Shípiibo-Kónibo e considerando que há 5 dialetos mutuamente inteligíveis (ERIKSON, 1992, p. 241).

3. Yaminawa
 - Yaminawa
 - Parquenawa (Yora ou Nawa)
 - Sharanawa
 - Marinawa
 - Mastanawa⁷⁹
4. Amawáka
 - Amawáka
5. Kaxinawa
 - Kaxinawa
6. Kashíbo
 - Kashíbo (Cacataibo)⁸⁰
7. Línguas Pano medianos
 - Poyanawa
 - Capanawa
 - Katukina (Waninawa, Shanenawa)
 - Yawanawa
 - Remo (Nukuini, Iskonawa)
8. Mayorúna⁸¹
 - Matsés
 - Matis
 - Korúbo
 - Kulina-Pano
 - Maya

Erikson diverge da maioria dos autores por separar Kapanáwa de Shípi-bo-Kónibo, classificando-os em subgrupos distintos. Mas concorda com alguns autores em separar Amawáka e Kashíbo das demais línguas, como membros de subgrupos separados de membros únicos. Karipúna, Pakawára (Pacaguara) e Chákobo aparecem juntos, como em outras classificações, mas a esses se adiciona Kaxararí.

Erikson (1992) concorda com D'Ans (1973) em propor um subgrupo Mayorúna, mas modifica a proposta deste último autor ao ampliar o número de línguas nesse subgrupo. Nesta classificação, nota-se a ausência de Wariapáno (ou Páno).

⁷⁹ Erikson considera também outros grupos não listados, dentre os quais os grupos que ele denomina “arredios” (op. cit., p. 241).

⁸⁰ Erikson sugere que estão divididos em três ou quatro “entidades” e que a mais conhecida dessas seja a Cacataibo (op. cit., p. 242).

⁸¹ Segundo o autor, todos os povos incluídos nesse subgrupo falariam “dialetos mutuamente inteligíveis” (op. cit., p. 242).

1.7 CLASSIFICAÇÕES COM BASE NA REVISÃO DOS ESTUDOS ANTERIORES

Os trabalhos apresentados nesta seção caracterizam-se por incorporar às suas classificações critérios utilizados por outros autores e, principalmente, por serem influenciados pelo trabalho de Shell (1975 [1965]).

Nota-se uma grande convergência quanto aos subgrupos propostos, mas há especificidades que consideraremos ao discutirmos os estudos.

1.7.1 Loos (1999)

Segundo Loos (1999, p. 227), a família Páno é constituída por não mais do que 30 línguas e é possível que algumas dessas línguas sejam, na realidade, dialetos de outras línguas, possibilidade a ser averiguada em estudos posteriores. O autor subdivide a família Páno em três grupos, além de algumas línguas não agrupadas. Contudo, nesse artigo, não apresenta nenhuma das inovações compartilhadas que justificam os três subagrupamentos. Em seguida, reproduzimos a proposta de agrupamento Páno de autoria de Loos (1999), seguindo a numeração, a quantidade de falantes e os países em que as línguas são faladas, usados pelo autor:⁸²

1. Subgrupo Yaminawa:

- 1 Yaminawa 500 P, Br
- 2 Amawaca 200 P
- 3 Cashinawa/Honikoin 500 P, Br
- 4 Sharanawa/Shanindawa/ Chanindawa/Inonawa/ Marinawa 300 P
- 5 Yawanawa 200 Br
- 6 Chitonawa 35 P
- 7 Yoranawa/Nawa/Parquenawa 200 P
- 8 Moronawa 300 Br
- 9 Mastanawa 100 P

No subgrupo 1, observamos que Kaxinawá está junto com Yamináwa e Amawáka, o que não é comum a outras classificações recentes. Observamos, entretanto,

⁸² A ortografia de cada uma das línguas e as informações que aparecem na classificação de Loos (1999) são apresentadas tais como no original.

que Amawáka e Kaxinawá são classificados em um mesmo subgrupo por Shell (1975 [1965]).

2. Subgrupo Chacobo

- 10 Chacobo 400 Bo
- 11 † Arazaire P
- 12 † Atsawaca P
- 13 † Yamiaka P
- 14 Katukina/Camannawa/Waninnawa 300 Br
- 15 Pacawara 12 Bo

Das línguas consideradas no subgrupo 2, apenas Chákobo e Pakarawára, por um lado, e Arazaire, Atsawáka e Yamiáka, por outro, são considerados como um mesmo subgrupo na maioria das classificações.

3. Subgrupo Capanawa

- 16 Capanawa/Pahenbakebo 400 P
- 17 Shípiibo/Kónibo/Shetebo 8.000 P
- 18 † Remo Br
- 19 Marubo 400 Br
- 20 † Wariapano/Panobo/Pano P
- 21 Isconawa 30 P
- 22 Canamari/Taveri/Matoinahã Br

Este subgrupo apresenta Kapanáwa, Shípiibo-Kónibo e Wariapáno em um mesmo subgrupo, como proposto por Shell (op. cit.). Marúbo, considerado por esta última autora como próximo de Kaxinawá e Marináwa, encontra-se aqui associado a Kapanáwa, Shípiibo-Kónibo e Wariapáno.

4. Línguas não agrupadas

- 23 Kashíbo/Cacataibo/Comabo 100 P
- 24 † Kulino Br
- 25 Karipuná Br
- 26 Kaxariri⁸³ 100 Br
- 27 Matses/Mayorúna 2.000 P, Br

⁸³ Provavelmente Loos se refere à língua Kaxararí, falada no Brasil, na fronteira de Rondônia com o Acre.

28 † Nokamán Br

29 † Poyanáwa Br

30 † Tutxinawa

Após apresentar sua classificação, Loos (1999) passa então a comentar alguns aspectos da fonologia e da gramática das línguas Páno, os quais considera como inovações compartilhadas. Embora Loos (op. cit., p. 227) considere que sua classificação esteja baseada em “características fonológicas e morfológicas compartilhadas e – em grau limitado – [em] vocabulário compartilhado”,⁸⁴ não nos parece que as características apresentadas impliquem, necessariamente em inovações compartilhadas. Abaixo, discutimos alguns dos aspectos da fonologia segmental apresentados no trabalho desse autor.

Assim como Shell (op. cit.), ele apresenta um sistema de apenas 4 vogais para o Protopáno e considera que o Matsés (Mayorúna) tem também uma vogal média arredondada *e*, mas não considera a vogal média posterior não arredondada *ɔ*, como descrito em Fleck (2003). Considera ainda que, na língua Kashíbo, a sequência *ai* do Protopáno resultou em *e* e que a sequência *aw* resultou em *ɔ* (LOOS, 1999, p. 230). Note-se que, nesse caso, teríamos duas línguas de agrupamentos distintos que apresentariam uma mesma inovação, a presença de vogais médias, muito embora o autor não identifique a origem das vogais médias da língua Mayorúna. Ele também não menciona a possibilidade de haver vogais médias em Kaxararí, como na análise de Sousa (2004), que discutiremos no próximo capítulo.

Loos (op. cit., p. 230) considera que os reflexos da oclusiva glotal **ʔ* e da fricativa glotal **h* se conservaram nas línguas Amawáka, Chákobo, Kapanáwa e Pakanáwa, que em Yamináwa, Shípibo e Wariapáno conservou-se apenas a fricativa glotal *h* e que em Kamanáwa (Camannawa) conservou-se apenas a oclusiva glotal *ʔ*. Nesse caso, as línguas Amawáka, Chákobo e Kapanáwa estão em subgrupos distintos e, ademais, o autor está tratando de retenção e não de inovação compartilhada.

As línguas do grupo Yamináwa teriam desnasalizado o **n*, resultando em *d*. Sharanáwa e Kaxinawá fundiram os reflexos de proto **f* e **s*, em alguns ambientes, os quais o autor não especifica. Por fim, a bilabial **β* resultou em *ϕ* nas línguas Sharanáwa,

⁸⁴ “[...] shared phonological and morphological characteristics and – to limited extent – shared vocabulary.” (op. cit.)

Yamináwa, Chitonáwa, e Yoranáwa (LOOS, op. cit., p. 231). Esse é o único caso em que as línguas que mudaram estão no mesmo subgrupo. No entanto, trata-se, antes, de uma parte das línguas dentro de um subgrupo do que necessariamente de uma característica de todo o subgrupo.

Devemos ainda destacar que o trabalho de Loos (1999) é muito semelhante à introdução de seu dicionário da língua Kapanáwa e, como o próprio autor observa, a maioria de seus exemplos vêm desta língua. De toda forma, reconhecemos que, dos estudiosos de línguas Páno, Loos talvez seja o autor que mais teve contato com línguas da família, possuindo um rico acervo com dados de várias delas.⁸⁵

1.7.2 Valenzuela (2003)

Valenzuela (2003), a partir da avaliação das propostas de subagrupamento de Shell (1975 [1965]), de D'Ans (1973)⁸⁶ e de Loos (1999), e também a partir de suas próprias observações, propõe seis diferentes agrupamentos para a família Páno e nomeia-os baseada na localização relativa destes, mas, ainda assim, algumas línguas permanecem com uma classificação apenas tentativa.

1.7.2.1 Ucayali

Fariam parte desse subgrupo o Shípibo-Kónibo, o Wariapáno, o Kapanáwa, o Marúbo (Marobo), o Remo, o Iskonáwa e o Kanamarí⁸⁷. Segundo Valenzuela (op. cit., p. 52), todas as propostas cotejadas por ela concordam em agrupar as três primeiras línguas, especialmente o Shípibo-Konibo e o Wariapáno, este último parecendo ser mais próximo do Shípibo-Konibo do que do Kapanáwa. Ela observa que “Shell (op. cit.), Navarro (1903, p. 173)⁸⁸, Parker (1994, p. 95) e Valenzuela (2000, nota 10)⁸⁹ notam o significativo grau de similaridade estrutural e/ou mútua-inteligibilidade entre Wariapano e SK”. No entanto, a

⁸⁵ Loos tinha acesso a rico acervo do Instituto Lingüístico de Verano. Conseguimos acesso a parte de seu acervo digitalizado, contendo manuscritos seus e de outros membros do SIL (Brasil), do MNTB e do ILV.

⁸⁶ D'ANS, Marcel. Reclasificación de las lenguas pano y datos glotocronológicos para la etnohistoria de la Amazonía peruana. *Revista del Museo Nacional*, tomo XXXIX, p. 349-369, 1973.

⁸⁷ Entretanto, a autora (op. cit., p. 56) conclui que as línguas Marúbo, Katukína e Iskonáwa ainda carecem de classificação dentro dos subgrupos propostos por ela.

⁸⁸ NAVARRO. *Vocabulario castellano-quechua-pano, con sus respectivas gramáticas quechua y pana*. Lima: Imprenta del Estado, 1903.

⁸⁹ VALENZUELA, P. Ergatividade escindida en wariapano, yaminawa y Shípibo-konibo. Paper presented at the 49th International Congress of Americanists. In: VOORT, Hein van der; KERKE, Simon van de (Eds.). *Indigenous languages of Lowland South America*. [Indigenous Languages of Latin America (ILLA)], n. 1, p. 111-128, 2000b [1997]. Leiden, The Netherlands: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies, University of Leiden.

demonstração da inclusão das demais línguas nesse subgrupo fica por ser realizada. Além disso, há discordância entre as propostas analisadas quanto à inclusão do Iskonáwa no subgrupo Ucayali.⁹⁰

Ucayali:

Shípiibo-Kónibo

Wariapáno

Kapanáwa

Maróbo (??)

Rémo (??)

Iskonáwa (??)

Kanamarí (??)

1.7.2.2 Purus

Nesse caso, Valenzuela (op. cit.) parte do fato de que D’Ans (1973) e Loos (1999) concordam quanto à inclusão do Yamináwa, Sharanáwa, Marináwa, Chanináwa, Mastanáwa e Yawanawá neste subgrupo e parece aceitar os acréscimos de Loos (op. cit.), que adiciona Chitonáwa, Yoranáwa e Moranáwa. Por fim, ela acrescenta ainda o Kashinawá e o Amawáka⁹¹, com base na classificação de Loos (1999) e na observação de Shell (op. cit.), de que estas compartilhariam com o Marináwa as inovações relativas aos reflexos de *xx⁹² e *w (sic.).

Purus

Yaminawa

Sharanawa

Marinawa

Chaninawa

Mastanawa

Yawanawa

Chitonawa

Yoranawa

⁹⁰ Como nos demais casos, apresentamos a classificação de Valenzuela (2003), seguindo a ortografia apresentada pela autora e conservando algumas convenções do original, como é o caso dos pontos de interrogação que marcam dúvida quanto à classificação.

⁹¹ Embora Valenzuela (op. cit.) inclua o Amawaca, ela considera importante “tratar o Amawaka separadamente de outras línguas Purus”.

⁹² Infelizmente, na versão que consultamos, não aparece a forma, por isso anotamos dessa maneira.

Moranawa
 Kashinawa
 Amawaca (??)

1.7.2.3 Southern (do Sul)

Valenzuela (op. cit.) ressalta que as línguas Chákobo e Pakawára estão dentro de um mesmo subgrupo em todas as classificações. No entanto, Shell (op. cit.) inclui o Karipúna e Erikson et al. (1994), o Karipúna e o Kaxararí. Valenzuela (op. cit.) observa que o Kaxarari compartilha com o Chákobo, a retenção da terceira sílaba de palavras monomorfêmicas, mas que não há nenhuma inovação compartilhada. Diferentemente de Valenzuela (op. cit.) e de Shell (op. cit.), consideramos que as palavras trissilábicas reconstruídas por Shell (op. cit.) são, na verdade, palavras morfologicamente flexionadas em funções sintáticas específicas, de forma que não haveria retenção nesse caso. Estas questões serão mais bem discutidas no capítulo 4 desta tese. Por fim, Valenzuela (2003) inclui o Katukina, com base na classificação de Loos (1999), mas observa que esse acréscimo não foi demonstrado.

Southern

Chákobo
 Pakawara
 Karipuna
 Kaxarari (??)
 Katukina (??)

1.7.2.4 Southwestern (Sudoeste)

Valenzuela (2003, p. 54) considera possível que as línguas Yamiáka, Atsawáka e Arazáire constituam um subgrupo separado do Southern Pano.

Southwestern

Yamiaka
 Atsawaka
 Arazaire

1.7.2.5 Western ou Preandine (Oeste)

Segundo Valenzuela (2003, p. 54), a classificação do Kashíbo e Nokamán em um subgrupo separado baseia-se na evidência de Shell (op. cit.) de que o Kashíbo seria a

primeira língua a separar-se dos outros membros do grupo, assim como do Nokamán, por apresentar inovações fonológicas paralelas ao Kashíbo. Valenzuela (op. cit.) pondera que, ademais, há convergência com as propostas de D'Ans (1973) e de Erikson et al. (1994).

Western ou Preandine

Kashíbo

Nokaman

1.7.2.6 Northern (Norte)

Segundo Valenzuela (2003, p. 54-55), as línguas incluídas nesse subgrupo Matsés (Mayorúna), Matís, Korúbo, Mayá, Kulína-Páno e outros não contactados (cf. ERIKSON et al., op. cit.) não estão representadas nos trabalhos de Shell (op. cit.) e de D'Ans (1973), apesar de este último autor classificar a língua Mayorúna como membro único de um subgrupo. As línguas desse subgrupo estão entre as línguas não classificadas no trabalho de Loos (1999), como visto anteriormente. Para Valenzuela (2003, p. 55) esse fato “sugere a existência de um agrupamento Norte separado”.

Northern

Matses (Mayorúna)

Matis

Korubo

Kulina-Pano

É também de interesse para os estudos histórico-comparativos o capítulo 20, no qual a autora trabalha, sob uma perspectiva histórica, um traço que considera geral na família Páno. Trata-se da concordância de participante (*Participant Agreement*). Nesse capítulo, Valenzuela (op. cit.) tece alguns comentários sobre a família Páno em geral e acrescenta mais alguns “novos proto-morfemas” às reconstruções de Shell (op. cit.), baseada em dados das línguas Chákobo, Yamináwa, Amawáka, Shípibo-Kónibo, Kashíbo-Kakatáibo e Matsés, que representam cada um dos subgrupos estabelecidos pela autora no capítulo 1 de sua tese.

Baseando-se no trabalho de reconstrução fonológica de Shell (op. cit.), Valenzuela (2003, p. 886) apresenta algumas considerações sobre reflexos de protofonemas nas línguas que ela utilizou. Ela considera que o protofonema * ξ tem como reflexo / s / em Chákobo, Yamináwa, Shípibo-Kónibo e Kashíbo Kakatáibo, / x / em

Amawáka e /ʃ/ em Matsés, mas não considera, como Fleck (2003),⁹³ que esta última língua também possua o fonema /s/. Propõe como uma característica da língua Chákobo a perda da nasalização nos marcadores de concordância de participante que indicam controle ou orientação agentiva (“A-orientation”). Por fim, observa que *i tem como reflexo /i/ e /e/ e que *o tem como reflexo /o/ e /u/ em Matsés e em Kashíbo-Kakatáibo. Nesse caso, observamos apenas que é possível que houvesse um proto *e e um proto *u, que se opunham a um proto *o, dada a existência desses fonemas em pelo menos três línguas que podem ser classificadas em subgrupos diversos da família Páno, como comentado anteriormente em 1.12, e como veremos mais detalhadamente em 2.1.2.

A autora reconstrói para o Protopáno 7 protomorfemas (*-so, *-ʔa, *-ki, *-no, *-n, *s e *-∅) e apresenta uma hipótese de desenvolvimento da concordância de participantes na protolíngua, que envolve os marcadores de casos argumentais.

1.7.3 Fleck (2013)

A última revisão e a mais abrangente que consultamos é a de Fleck (2013). No estudo, o autor divide a família Páno em dois grandes grupos. O primeiro grande grupo, denominado ramo Mayorúna, é subdividido em dois subgrupos A e B. O segundo grande grupo, denominado ramo Principal, é subdividido em três subgrupos. Dentro do ramo principal, o subgrupo A é constituído da língua Kaxararí, já o subgrupo B possui apenas a língua Kashíbo e seus dialetos. Na sequência, apresentamos a proposta de Fleck (2013) exatamente como apresentado no trabalho original.

I. Mayoruna branch (4 extant and 4 documented extinct languages)

A. Mayo group

i. Matses subgroup

a. **Matses** (3 dialects):

Peruvian Matses; Brazilian Matses

†Paud Usunkid

b. ***Kulina** of the Curuçá River (3 dialects):

*Kapishtana; *Mawi

*Chema

c. †**Dēmushbo**

⁹³ Note-se, por exemplo, que a língua Matses (Mayorúna) apresenta /niʃ/ como reflexo de Protopáno *niʃa (dado 279, de Shell (op. cit.)) e /tʃaʃu/ como reflexo de Protopáno *tʃaʃo (dado 124, de Shell (op. cit.)), o que mostra que há reflexos de *ʃ que resultaram em /s/ em Mayorúna. Notamos, entretanto, que Valenzuela (2003) se baseava no trabalho de Kneeland, que não apresentava a diferença entre /s/ e /ʃ/ e também que trabalhos anteriores de Fleck não apresentavam a oposição que aparece apenas em Fleck (2003).

ii. Korubo (2 dialects):

Korubo

***Chankueshbo**

iii. Matis subgroup (most similar to Mainline branch)

a. **Matis** (most divergent from other extant Mayoruna languages)

b. †**Mayoruna of the Jandiatuba River**

c. †**Mayoruna of the Amazon River** (2 dialects):

†Settled Mayoruna of the Amazon River

†Wild Mayoruna of the Amazon River

B. †**Mayoruna of Tabatinga** (the phonologically most divergent Mayoruna unit)

II. Mainline branch (about 14 extant and about 10 documented extinct languages)

A. **Kasharari** (most divergent Mainline language)

B. **Kashíbo** (4 dialects; similar to Nawa group due to contact with Shipibo)

Kashíbo (Tessmann's "Kaschinō")

Rubo; Isunubo

Kakataibo

Nokaman (formerly thought to be extinct)

C. Nawa group (subgroups ordered from most to least divergent)

i. Bolivian subgroup

a. **Chákobo/Pakawara** (2 dialects of 1 language)

b. †**Karipuna** (may be a dialect of Chákobo/Pakawara)

c. †**Chiriba** (?)

ii. Madre de Dios subgroup

a. †**Atsawaka**/†**Yamiaka** (2 dialects of 1 language)

b. †**Arazaire**

iii. †**Remo of the Blanco River**

iv. †**Kashinawa of the Tarauacá River**

v. Marubo subgroup

a. **Marubo** (of the Javari Basin)

b. **Katukina**

Katukina of Olinda; Katukina of Sete Estrelas

†Kanamari

c. †**Kulina of São Paulo de Olivença**

“Central Panoan Assemblage”: evidently there has been areal influence among neighboring languages, such that the boundaries among subgroups vi–viii are somewhat blurred.

vi. Poyanawa subgroup

a. ***Poyanawa**

b. ***Iskonawa** (very close to Poyanawa, but also resembles Shipibo-Konibo-Kapanawa and Amawaka)

c. ***Nukini**

d. ***Nawa** (of the Môa River) (tentatively classified due to lack of useful linguistic data)

e. †**Remo of the Jaquirana River**

vii. Chama subgroup

a. **Shipibo-Konibo** (3 dialects of 1 language)

Shipibo; Konibo (currently fused)

*Kapanawa of the Tapiche River

b. ***Pano**

†Pano

*Shetebo;

*Piskino

c. †**Sensi** (see Fleck to be published)

viii. Headwaters subgroup

a. **Kashinawa of the Ibuçu River**

Brazilian Kashinawa

Peruvian Kashinawa

†Kapanawa of the Juruá River

†Paranawa

b. **Yaminawa** (large dialect complex)

Brazilian Yaminawa (probably represents 2 or more dialects)

Peruvian Yaminawa

Chaninawa

Chitonawa

Mastanawa

Parkenawa

Shanenawa

Sharanawa; *Marinawa

Shawannawa (= Arara)

Yawanawa

*Yaminawa-arara(very similar to Shawannawa/Arara)

†Nehanawa

c. **Amawaka**

Peruvian Amawaka (intermediate between this subgroup and Chama subgroup, perhaps as a result of areal contact)

†Nishinawa (= Brazilian Amawaka)

†Yumanawa (also very similar to Kashinawa of the Ibaçu River)

d. †**Remo of the Môa River** (resembles Amawaka)

e. †**Tuchiunawa** (resembles Yaminawa dialects)

O autor emprega algumas nomenclaturas utilizadas anteriormente por outros autores, como “*Headwaters subgroup*”, usada também por D’Ans (1973), ou “Central”, usada por Mason (1950) e também por Girard (1971). Outra denominação empregada anteriormente por Mason é “Chama”, que é usada para o subgrupo onde está incluído Shípiibo, mas que se trata de uma denominação pejorativa (cf. VALENZUELA, 2008)⁹⁴ e não tem porque ser retomada, uma vez que há várias outras denominações para este agrupamento que já se encontram em uso pelos estudiosos de língua Páno.

No estudo de Fleck (2013), são classificadas 32 línguas (as denominações que aparecem em negrito), mas notamos que o autor acrescenta também os dialetos e denominações alternativas para cada uma das línguas. Além da classificação que reproduzimos aqui, que se baseia, segundo o autor, em dados linguísticos, ainda que sejam listas de palavras, Fleck (op. cit.) também apresenta uma lista que busca ainda classificar as línguas para as quais não há dados linguísticos.

Apenas no trabalho de Fleck (2013), há menção a duas línguas Kaxinawá. Da mesma forma, ele é o único a classificar Kapanáwa como um dialeto de Shípiibo-Kónibo e a considerar Shétebo como uma língua separada. Diferentemente de Shell (1975 [1965]) e de Valenzuela (2013), Fleck (op. cit.) considera Marúbo como pertencente a um subgrupo diferente de Shípiibo-Kónibo e Kapanáwa. Entretanto, Fleck (op. cit.) trata a língua Marúbo como mais intimamente relacionada à língua Katukína. Segundo os indígenas Marúbo com quem conversamos, Katukína seria a língua que eles consideram como mais semelhante à sua língua.

Fleck (2013) apresenta também uma discussão sobre a origem e a dispersão da família Páno, observações tipológicas sobre a fonologia e a morfologia das línguas da família Páno e uma revisão abrangente dos estudos que ajudaram a constituir essa família.

⁹⁴ Segundo Valenzuela (comunicação pessoal), a rejeição dos Shípiibo ao termo “Chama” é tão grande que chegaram a queimar um pequeno bar em frente ao aeroporto de Pucallpa porque consideravam o seu nome, “Chama”, insultante.

1.8 CONSIDERAÇÕES PARA A CLASSIFICAÇÃO INTERNA DA FAMÍLIA PÁNO

Os estudos histórico-comparativos das línguas Páno, iniciados há mais de um século, incluem propostas que deixam de lado parte das línguas, enquanto outras não se pautam no método histórico-comparativo, portanto, apresentando resultados inconsistentes com a ideia de relações genéticas entre línguas. D'Ans (1973, 1975) e Amarante Ribeiro (2005) falham no propósito de classificar internamente a família Páno. D'Ans (op. cit.) por apresentar uma incongruência visível: não possui evidências para postular um subgrupo das Cabeceiras e também por apresentar datas contraditórias para a separação desses subgrupos. Além disso, D'Ans (1973, 1975) trabalha com dados de 10 línguas, mas classifica 18. No caso de Amarante Ribeiro (2005), como ele mesmo nota, seu trabalho não substitui o estudo feito por meio de correspondências sistemáticas nos vários níveis linguísticos, além de não apresentar os dados de seu trabalho e de, no único caso de correspondência que o autor discute, estar claro que a evidência levantada por ele não se sustenta.

A pesquisa desenvolvida por Shell (1975 [1965]) é, sem sombra de dúvida, o principal trabalho sobre a constituição interna da família Páno realizado até o presente. Notamos que a autora tenta, a partir do conhecimento que estava disponível, selecionar as línguas para representar todos os subgrupos que se consideravam à época. Também levanta uma série de inovações compartilhadas que podem sugerir subgrupos dentro da família e que permitem a novos pesquisadores ter, pelo menos, hipóteses verificáveis que se podem aplicar a novas línguas inseridas posteriormente à família, ainda que notemos que algumas modificações podem ser feitas a partir da observação de línguas não consideradas por Shell (op. cit.).

Soto (1990) é muito importante por ser a única autora, após Shell (op. cit.), a utilizar o método histórico-comparativo para verificar subagrupamentos no interior da família e por reavaliar quais devem ser as inovações consideradas como critérios de subagrupamento. Mas, diferentemente de Shell (op. cit.), Soto (1990) se concentra apenas nas línguas utilizadas para a reconstrução dos conjuntos cognatos de Shell. Outra questão a se observar é que o resultado da classificação de Soto (op. cit.) é bastante diferente dos demais e a classificação apresentada por ela para Kapanáwa e Shípibo-Kónibo não seria

aceitável pelos pesquisadores de línguas Páno, pois estas são consideradas como línguas muito semelhantes (cf. VALENZUELA, 2003).

Lanes (2005), por sua vez, falha na seleção das línguas e na seleção de cognatos, embora, como tenhamos salientado anteriormente, contribui com hipóteses de processos fonológicos ocorridos na história de parte das línguas Páno.

Já Valenzuela (2003) não apresenta dados que possam justificar suas propostas de subagrupamento, mas apresenta interessante revisão de algumas propostas anteriores e baseia-se, sobretudo, em critérios formulados por Shell (op. cit.), principalmente.

Não podemos deixar de comentar também a influência de Rivet nas diversas classificações, pois foi ele, junto com Tastevin, o primeiro autor a considerar a existência de três subgrupos dentro da família Páno, o que é semelhante a diversas outras propostas. Ademais, Crequi-Monfort e Rivet (1913) foram os primeiros a estabelecer os grupos Oriental e Ocidental, que, embora com nomes diversos, aparece em praticamente todas as outras propostas, com certa consistência em sua composição.

As diversas propostas apresentam divergências significativas entre si, mas notamos também que os trabalhos comparativos reiteram algumas hipóteses substanciais sobre a constituição interna da família Páno, como resumimos em seguida.

Kapanáwa, Shípibo-Kónibo e Wariapáno estão relacionadas em várias das propostas estudadas (SHELL, 1975[1965]; LOOS, 1999; VALENZUELA, 2003; AMARANTE RIBEIRO, 2005; FLECK, 2013). Entretanto, em D'Ans (1973), Wariapáno e Shétebo, por um lado, e Shípibo-Kónibo e Kapanáwa, por outro, aparecem como subgrupos dentro de um grupo. Em Erikson (1992), Pánobo não está mencionado e Shípibo-Kónibo e Shétebo formam uma língua, mas que está em subgrupo separado de Kapanáwa. No trabalho de Soto (1990), a língua Kapanáwa é a mais distante de todas as línguas estudadas, não apresentando qualquer relação especial com Shípibo-Kónibo, que está dentro de um subgrupo onde estão dois outros subgrupos menores, Kashíbo-Amawáka e Marináwa-Kaxinawá. Muito embora a revisão das correspondências realizada por Soto (op. cit.) seja de grande valor, sua classificação é pouco plausível.

Chákobo, Pakawára e Karipúna aparecem em um mesmo subgrupo nos trabalhos de Shell (op. cit.), Erikson (op. cit.), Valenzuela (op. cit.) e Amarante Ribeiro (op. cit.). Já nos trabalhos de D'Ans (1973, 1975) e de Loos (1999), Chákobo e Pakawára são considerados como membros de um mesmo agrupamento. No trabalho de Soto (1990)

não há nenhuma relação especial com qualquer outra língua, e as línguas Pakawára e Karipúna não são consideradas em sua revisão de Shell (op. cit.). Chákobo, Pakawára e Karipúna são ainda considerados por Cordoba, Valenzuela e Villar (2011) como pertencentes a um subgrupo.

Atsawáka, Arazáire e Yamiáka são línguas que figuram como formando um subgrupo consistente nas propostas de Crequi-Monfort e Rivet (1913), Shell (op. cit.) e Valenzuela (op. cit.) e Fleck (2013). Para Loos (1999), Atsawáka, Arazáire e Yamiáka seriam parte de um mesmo subgrupo, mas onde estariam incluídas outras línguas. Amarante Ribeiro (2005), por sua vez, classifica estas três línguas em um subgrupo dentro de seu grupo IV. Não há menção a estas línguas nos trabalhos de D'Ans (1973) e de Erikson (1992).

As línguas Kaxinawá, Amawáka e Marináwa aparecem relacionadas dentro de um mesmo subgrupo em Shell (op. cit.), Loos (op. cit.) e Valenzuela (op. cit.). No entanto, em Amarante Ribeiro (2005), Marináwa não está representado e Amawáka aparece como membro único de um subgrupo, enquanto Kaxinawá está relacionado com Iskonáwa. Também em Erikson (1992), essas línguas não apresentam qualquer relação especial. No trabalho de Soto (1990), Marináwa e Kaxinawá são as duas línguas mais proximamente relacionadas e estão dentro de um subgrupo maior, onde está incluído Kaxinawá, mas este seria mais intimamente relacionado com Amawáka. Em Fleck (2013), essas línguas estão dentro, cada uma delas, de um subgrupo diferente e não apresentam relação especial.

A língua Kashíbo, também considerada como Kashíbo-Kakatáibo, está agrupada junto com Nokamán em Shell (op. cit.), Valenzuela (op. cit.), Amarante Ribeiro (op. cit.) e em Fleck (op. cit.). Kashíbo aparece como membro único de um subgrupo em Erikson (1992) e em D'Ans (1992), que não incluem Nokamán em seus trabalhos. A língua Kashíbo não é classificada por Loos (op. cit.). Diferentemente de todos os outros autores, Soto (1990) considera que Kashíbo está mais intimamente relacionado com Amawáka e que essas duas línguas ainda estariam relacionadas a Marináwa, Caxinawá e Shípibo-Kónibo, em um nível mais distanciado. Ressaltamos, mais uma vez, que os resultados da classificação de Soto (op. cit.) parece-nos de difícil aceitação.

As línguas Matís, Mayorúna e Kulína (e em alguns casos também Korúbo e Kapishto) estão em um mesmo subgrupo, segundo Erikson (op. cit.), Valenzuela (op. cit.), Amarante Ribeiro (op. cit.) e Fleck (op. cit.). Ademais, a língua Mayorúna aparece em

D'Ans (op. cit.), como membro único de um subgrupo, enquanto Loos (op. cit.) não classifica a língua Mayorúna (Matsés).

Podemos verificar, portanto, que há línguas que estão mais consistentemente classificadas como geneticamente mais próximas nos diversos trabalhos. Esta observação pode nos ajudar na formulação de hipóteses, que poderão ser verificadas por estudiosos da história das línguas da família Páno, no sentido de provar ou de refutar a existência de tais agrupamentos. Por outro lado, notamos que isso pode fazer parte de um programa de pesquisa que contribua para o conhecimento das relações internas da família Páno.

Cabe ressaltar ainda a importância dos estudos descritivos sobre a língua Kaxararí e a necessidade de maior aprofundamento do conhecimento sobre os subgrupos Chákobo (CÓRDOBA; VALENZUELA; VILLAR, 2011) e Mayorúna (ERIKSON, 1992; FLECK 2003; FERREIRA, 2005; FLECK; FERREIRA, 2005; OLIVEIRA, 2009), para um maior conhecimento do Protopáno e para o estabelecimento de critérios de classificação interna dessa família. Ressalto, a título de exemplo, a correspondência envolvendo a lateral // do Kaxarari e /n/ em outras línguas da família Páno e a correspondência envolvendo a africada palatal do Kaxarari /tʃ/, que indicam que essa língua é bastante diferenciada das demais (cf. capítulos 3, 4 e 5 desta tese).

Alguns fenômenos da língua Chákobo, como a alternância entre formas longas e curtas em funções sintáticas distintas das demais línguas da família e, por outro lado, a manutenção das oclusivas /d/ ou /t/, /n/ e /k/, no subgrupo Mayorúna, também podem nos levar a considerá-las como peças-chave no aprofundamento do conhecimento que temos sobre a família-Páno.

1.9 LÍNGUAS CONSIDERADAS NESTE ESTUDO

No presente estudo buscamos representar não só a maior quantidade de subgrupos, conforme os autores consultados e apresentados neste capítulo, mas também representar o maior número de línguas possível dentro de cada subagrupamento. A decisão baseou-se na relativa falta de dados para várias línguas e também na existência de línguas que devem ser consideradas isoladamente devido a características singulares que possuem, mesmo estando classificadas dentro de um subgrupo.

A língua Kashíbo é considerada, pela maioria dos autores estudados, como pertencente a um subgrupo de membro único e foi assim considerada por nós. Sua relação

com os demais subgrupos ainda não parece clara, pois ela possui grandes semelhanças com o subgrupo do Norte (ou Mayoruna), que é bastante divergente, mas também com línguas do que Fleck (2013) denomina grupo Náwa.

As línguas Shípibo-Kónibo e Kapanáwa são consideradas por nós como membros de um mesmo subgrupo, mas notamos que Kapanáwa apresenta algumas características que são importantes para a reconstrução de Protopáno. A estas duas línguas poderia se relacionar de forma mais distante o Marúbo (cf. VALENZUELA, 2003), mas isto ainda não é certo.

Chákobo é representante de um subgrupo onde estão incluídos também Pakawára e Karipúna. É possível que Kaxararí se relacione mais proximamente com as línguas desse subgrupo, mas essa inclusão é tentativa. De toda forma, Kaxararí deve estar representado em qualquer trabalho histórico-comparativo, devido a suas peculiaridades.

Seria possível ainda que o subgrupo que inclui o Chákobo fosse mais intimamente relacionado ao subgrupo onde estão Shípibo-Kónibo e Kapanáwa. Notamos que todas as línguas desses subgrupos, com exceção do Kaxararí, possuem um padrão acentual bastante semelhante, mas não sabemos ainda se seria uma retenção ou uma inovação dessas línguas.

Mayorúna, Matís e Korúbo são, sem sombra de dúvida, um subgrupo bastante diferenciado dos demais. A coesão deste grupo é bastante forte, mas notamos que há também peculiaridades – tanto fonológicas quanto morfológicas – entre as línguas e, por isso, preferimos considerar dados das três línguas.

Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa conformam também um subgrupo. É possível que Chanináwa e Sharanáwa sejam dialetos de uma mesma língua. Parecem também se relacionar com estas três línguas, o Shanenáwa e, com menos clareza, o Katukína. De fato, o Katukína parece bastante próximo ao Shanenáwa, mas não necessariamente com as demais línguas. De forma mais distante ainda parecem se relacionar entre si e com as demais línguas citadas neste parágrafo, as línguas Poyanáwa e Amawáka. Esta última, sem sombra de dúvida, é a mais divergente. Quanto ao Poyanáwa, há poucos dados, mas são sugestivos de uma relação com o Amawáka e com as demais línguas arroladas neste bloco.

Kaxinawá, Marináwa e Yawanawá são considerados por nós como membros de um subgrupo. São bastante parecidos entre si, muito embora Yawanawá também

compartilhe algumas características com as línguas consideradas no parágrafo anterior. É possível que este subgrupo se relacione de forma mais distante com o subgrupo onde estão Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa, e também com as demais línguas que consideramos com um relacionamento mais distante a estas três.

Hipótese inicial de relação entre as línguas consideradas no presente estudo⁹⁵.

<i>Grupo I</i>	Kashíbo
<i>Grupo II</i>	Shípibo-Kónibo Kapanáwa
	Marúbo (?)
<i>Grupo III</i>	Chákobo
	Kaxararí (?)
<i>Grupo IV</i>	Yamináwa Chanináwa Sharanáwa
<i>Grupo V</i>	Shanenáwa Katukína
<i>Grupo VI</i>	Poyanáwa (?)
	Amawáka
<i>Grupo VII</i>	Kaxinawá Marináwa
	Yawanawá
<i>Grupo VIII</i>	Mayorúna Matís Korúbo

⁹⁵ As línguas que aparecem dentro de uma mesma célula são consideradas como mais proximamente relacionadas e as que aparecem dentro de um mesmo grupo, mas em células diferentes, como agrupamentos mais tentativos.

2. SISTEMAS FONOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos uma síntese dos sistemas fonológicos de cada uma das línguas comparadas neste estudo, dando ênfase aos quadros fonológicos das vogais e das consoantes dessas línguas. Esta apreciação da fonologia das línguas é uma etapa obrigatória para o estudo histórico-comparativo, uma vez que “os dados a serem usados em comparações linguísticas precisam ser acordados” (KAUFMAN, 1990, p. 17). Busca-se, então, evidenciar não só os fonemas das línguas, mas também suas principais alofonias ou padrões fonológicos, além de alguns aspectos que nos parecem relevantes para as análises apresentadas nos capítulos subsequentes.

Nas seções seguintes, apresentamos, portanto, os quadros fonológicos das vogais e das consoantes, que sintetizam a fonologia segmental de cada língua. Quando se trata de uma língua que já tenha sido objeto de análise de mais de um linguista, ressaltamos os pontos divergentes. Esclarecemos ainda que as informações fonológicas sobre cada língua são seguidas de considerações sobre as escolhas analíticas dos autores dos estudos; que apresentamos apenas as alofonias descritas pelos autores e que, para os fonemas que possuem apenas uma realização fonética, comentamos apenas os casos em que há características excepcionais.

2.1 KASHÍBO⁹⁶

Para o Kashíbo, consideramos a análise de Zariquiey (2011) e as observações que Shell (1975, 1987) faz sobre a pronúncia de alguns dos sons língua.

De acordo com Zariquiey (op. cit., p. 73-74), o Kashíbo apresenta 15 consoantes e 6 vogais, conforme se pode ver nos quadros 10 e 11, adaptadas com base nas informações do mesmo autor:

QUADRO 11 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KASHÍBO, SEGUNDO ZARIQUIEY (2011)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/			/k/ /k ^w /	/ʔ/
Nasal	/m/	/n/	/ɲ/			
Flepe		/ɾ/				
Africada		/ts/	/tʃ/			
Fricativa		/s/	/ʃ/	/ʂ/		
Aproximante	/β/					

⁹⁶ Neste capítulo, as línguas são apresentadas considerando-se o grau de proximidade ou distanciamento genético entre elas, conforme descrito na última seção do capítulo 1.

QUADRO 12 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KASHÍBO SEGUNDO ZARIQUIEY (2011)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/i/	/u/
Média	/e/		/o/
Baixa		/a/	

2.1.1 Observações sobre a fonologia Kashíbo

O fonema nasal alveopalatal /ɲ/ da língua Kashíbo, considerado por Shell (1975 [1965]) uma inovação apenas dessa língua, quando comparada às outras línguas – Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá e Marináwa – não é uma característica de todos os dialetos da língua, segundo Zariquiey (2011, p. 11-20).⁹⁷ Isso nos leva a pensar que o fonema /ɲ/ não pode ser reconstruído para estágios anteriores da língua Kashíbo e que se trata de uma inovação recente e parcial. Essa observação trás implicações para os critérios de subagrupamento, pois, se considerarmos a mudança *y > ɲ como um critério de subagrupamento, poderíamos estar separando dialetos de uma mesma língua.

Zariquiey (2011) usa o símbolo /β̣/ para representar um som aproximante que, segundo ele, tem distribuição similar à de uma oclusiva, particularmente de p. Neste estudo, usaremos o símbolo β para representar o fonema /β̣/ do Kashíbo, como o fez Shell (op. cit.).

A vogal posterior alta /u/ é descrita por Zariquiey (op. cit., p. 103-104) como apenas levemente arredondada. Esta vogal está transcrita nos dados de Shell (op. cit.) como uma “vogal posterior média fechada variando a alta e arredondada”. A vogal posterior média /o/ também é descrita como levemente arredondada, em Zariquiey (op. cit.). Em Shell (op. cit.), esta aparece transcrita como [ɔ], de onde se conclui que para a autora trata-se de uma vogal posterior média aberta.

A vogal anterior média /e/ é descrita por Zariquiey (op. cit., p. 44) como uma vogal não arredondada, e, segundo Shell (1950), seria também aberta.

Já as vogais médias do Kashíbo /e/ e /o/ são, para Zariquiey (op. cit., p. 101, 104), de rara ocorrência nessa língua, o que pode ser observado nos dados fornecidos por

⁹⁷ Segundo Zariquiey (op. cit.), apenas os dialetos do Baixo Aguaytía e de San Alejandro apresentam o fonema η. Os dialetos do Alto Aguaytía e Sugaroyacu possuem não apresentam o fonema ɲ.

Shell (op. cit.). Zariquiey (op. cit.) observa ainda que a vogal média posterior /o/ é mais frequente que a vogal média anterior /e/.

Quanto ao padrão silábico do Kashíbo, Zariquiey (op. cit.) o descreve como sendo (C)V(C), a vogal constituindo o único elemento obrigatório. Quanto à constituição interna das palavras, observa que elas têm minimamente uma sílaba, mas, quando é este o caso, a vogal sofre alongamento equivalente ao tempo de duas sílabas:

Exemplos extraídos de Zariquiey (2011):

(139)	βi ‘mosquito’	>	[βi:]	/bí.i/
	βa ‘egg, larva’	>	[βâ:]	/bá.a/
	βi ‘hair’	>	[βû:]	/bú.u/

Quanto ao acento, Zariquiey (2011) postula que o seu correlato fonético em Kashíbo é o alongamento vocálico, o qual é obrigatório e não sensitivo ao peso silábico. No nível do pé, o acento recai sempre na sílaba mais à esquerda, mas, no nível da palavra, o autor faz uma diferenciação entre predicados e não predicados. Nos predicados, o acento recai no pé, mais à direita, e, nos não predicados, o acento recai no pé, mais à esquerda. Em palavras dissilábicas, o acento recai sempre na sílaba mais à esquerda.

Por outro lado, o autor observa que há também um sistema de tom, segundo o qual o tom alto ocorre na sílaba mais proeminente da palavra, que pode ser uma sílaba acentuada ou uma sílaba fechada. Em palavras dissilábicas, o tom recai na sílaba acentuada, quando não há sílaba fechada à direita (ex. a. e b.). Quando isso ocorre, o tom recai sobre esta sílaba, mas o acento primário (que envolve alongamento vocálico) recai sobre a sílaba à esquerda (ex. c.).

- a. [βá.ka] ‘river’
- b. [‘imi] ‘blood’
- c. [‘maşás] ‘stone’

Ainda segundo Zariquiey (op. cit.), há um conjunto de palavras que foge a esta regra e para as quais se postula uma consoante subjacente em final de palavra, quando ocorrem em suas formas ergativas. Estas palavras estão relacionadas às formas reconstruídas com três sílabas em Shell (op. cit.).

2.2 SHÍPIBO-KÓNIBO

Segundo Valenzuela (2003, p. 9-11), a língua Shípiibo ou Shípiibo-Kónibo é a língua falada pelos que, antes, eram considerados três grupos étnicos distintos – Shípiibo, Kónibo e Xétebo. Esses grupos eram proximamente relacionados linguisticamente e culturalmente e hoje conformam um mesmo grupo étnico.

A fonologia aqui apresentada baseia-se em Valenzuela (2003) e em Valenzuela, Marquez Pinedo e Maddieson (2001). Os dados acrescentados no Apêndice I são oriundos de Lorient, Lauriault e Day (1993) e do trabalho de Valenzuela (op. cit.).

A língua Shípiibo-Kónibo apresenta, segundo Valenzuela (op. cit., p. 93), 4 vogais e 15 consoantes, que apresentamos nos quadros abaixo:

QUADRO 13 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA SHÍPIBO-KÓNIBO, SEGUNDO VALENZUELA, MARQUES PINEDO E MADDIESON (2001)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	(ʔ)
Nasal	/m/	/n/					
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/		/ʂ/		/h/
Aproximante	/w/			/y/	/r/		

QUADRO 14 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA SHÍPIBO-KÓNIBO, ADAPTADO DE VALENZUELA, MARQUES PINEDO E MADDIESON (2001)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/ɨ/	
Média			/ɔ/
Baixa		/a/	

2.2.1 Observações sobre a fonologia Shípiibo-Kónibo

Abaixo apresentamos alguns dos principais processos de alofonia e a realização fonética de alguns fonemas que julgamos mais importantes, baseados nos trabalhos citados. Por nos parecer mais econômico, apresentamos alguns dos processos representados por fórmulas e a forma apresentada na entrada é a indicada pelos autores como de maior ocorrência.

/k/ oclusiva velar surda

/k/ [ɣ] /V_V

/β/ fricativa bilabial sonora:

/β/ [b] ~ [bβ] /#_(V)

[β] ou permanece [β] /V_V

Esta consoante está fonemizada como β tanto em Valenzuela (2003) quanto em Shell (1975), como mostram os dados apresentados no apêndice.

/w/ consoante aproximante bilabial sonora:

/w/

[w̃] /_Ṽ

[ɥ] /_[i, ĩ]

[ɯ] /_[u, ũ]

[w] /_[a, ã]

/y/ consoante aproximante palatal sonora

/y/ [ỹ] /_Ṽ

/Ṽ_

/y/ [ɲ] /_Ṽ

/Ṽ_

/r/ consoante aproximante retroflexa:

/r/ se realizava como [ɾ], [z], [dz], [dɾ], [ɹ], [r]

Nesse caso, como os autores não demonstraram a distribuição dos alofones de /r/, apenas apresentamos os vários alofones. Mais detalhes podem ser vistos em Valenzuela, Marquez Pinedo e Maddieson (2001).

/ɯ/ vogal posterior alta não arredondada

/ɯ/

[i̯] /_C_[+coronal]

[ɯ] /_C_[+velar], C_[+labial]

No caso desta vogal, é importante notar que ela foi fonemizada por Valenzuela (op. cit.) como uma vogal central alta não arredondada [i̯] e que assim está representada no

Apêndice desta tese. Ademais, a variante posterior não arredonda é previsível, pois as consoantes que geralmente o condicionam são graves (JAKOBSON; FANT; HALLE, 1952).⁹⁸

$$V \ [\tilde{V}] \quad / _C_{[+aproximante]}\tilde{V}$$

$$\quad \quad \quad / _ \tilde{V}$$

$$V.V \quad V_{[-silábico]}V$$

Observamos que Valenzuela, Marquez Pinedo e Maddieson (2001) reconhecem a existência de vogais nasalizadas subjacentemente, o que está de acordo com a fonemização de Shell (1975), que apresenta vogais nasais em seus dados.

O padrão geral de acentuação do Shípiho-Kónibo pode ser classificado, segundo Valenzuela (2003), como trocaico, com acento proeminente na penúltima sílaba à direita. Por outro lado, quando a segunda sílaba é fechada, esta é a que recebe o acento. Há um conjunto de palavras em que o acento recai na segunda sílaba e para as quais se postula uma consoante final subjacente, quando a palavra está em sua forma absoluta. É importante notar que estas palavras são, a princípio, reflexos de formas reconstruídas como trissilábicas por Shell (op. cit.), as quais discutiremos mais detidamente no capítulo 4 desta tese.

A sílaba mínima em Shípiho-Kónibo, de acordo com Valenzuela (op. cit., p. 104-105), é constituída de apenas uma vogal, mas que se alonga por um princípio de condição mínima da palavra, realizando-se, portanto, como [V:]. Os padrões silábicos em Shípiho-Kónibo podem ser representados pela forma (C)V(C), sendo apenas o núcleo obrigatório, e todas as consoantes podem ocupar a margem esquerda de sílaba, mas apenas as seguintes consoantes podem ocorrer na margem direita: /s, j, ʃ, n/. Notamos, entretanto, que o que Valenzuela (op. cit.) trata como uma consoante nasal em posição de coda só se realiza como vogal nasal. Por fim, observamos ainda que Valenzuela (op. cit., p. 98) estabelece que “a sequência /Vn/ é realizada como uma vogal nasalizada”.

2.3 KAPANÁWA

Para uma síntese da fonologia da língua Kapanáwa, baseamo-nos em Loos (1969) e Ulloa (2006). A língua Kapanáwa possui, segundo Ulloa (op. cit.), 16 consoantes e 4 vogais, que estão apresentadas nos quadros abaixo:⁹⁹

⁹⁸ Agradeço a Fernando Orphão de Carvalho, por me chamar atenção para este fato.

QUADRO 15 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KAPANÁWA, ADAPTADO DE ULLOA (2006)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	/ʔ/
Nasal	/m/	/n/					
Flepe					/r/		
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/		/ʂ/		/h/
Aproximante	/w/			/y/			

QUADRO 16 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KAPANÁWA, ADAPTADO DE ULLOA (2006)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/i/	/u/
Média			
Baixa		/a/	

2.3.1 Observações sobre a fonologia da língua Kapanáwa

Para Ulloa (2006, p. 162), a vogal /u/ é uma vogal posterior alta levemente arredondada, análise que difere da descrição de Loos (1969), uma vez que este a especifica como uma vogal variando de média fechada a alta aberta e a fonemiza como /o/. Nos dados que apresentamos no Apêndice, seguimos a fonemização de Shell (1975 [1965]) e sempre a representamos como /o/.

Quanto à vogal central alta /i/, Ulloa (op. cit., p. 162) a descreve como uma vogal central alta, tratamento que difere tanto da fonemização de Shell (op. cit.) quanto da de Loos (1969). Ambos descrevem este fonema como posterior alto não arredondado. No Apêndice desta tese, representamos este fonema de acordo com Ulloa (op. cit.).

Ulloa (op. cit.) estabelece que todas as vogais têm uma contraparte longa, que ocorre apenas em monossílabos e em sílabas pares.

Na posição de coda ocorrem apenas as consoantes /s, ʃ, ʂ, n, ʔ/. É importante notar que, para Ulloa (op. cit.), ocorre, de fato, uma consoante /n/ em margem direita de sílaba, que nasaliza a vogal precedente, diferentemente da representação em Shell (op. cit.), em que as vogais aparecem sempre nasalizadas, sem consoante nasal em margem

⁹⁹ A análise de Loos (op. cit.) é basicamente a mesma.

direita de sílaba. Nos dados de Shell (op. cit.), mantivemos a representação feita pela autora, mas nos dados acrescidos a partir do dicionário de Loos e Loos (1998), mantivemos as nasais finais.

As palavras em Kapanáwa tendem, segundo Ulloa (op. cit.), a ser bissilábicas, muito embora o autor reconheça que haja trissilábicas e que também haja tetrassilábicas, mas estas últimas são polimorfêmicas. Sílabas ímpares ocorrem obrigatoriamente com consoante à esquerda, enquanto sílabas pares podem ocorrer com ou sem consoante em margem esquerda (cf. ULLOA, op. cit.).

O fato de todas as palavras iniciarem por consoante levou Loos (1969) a questionar o *status* fonológico do segmento /h/ e, com menos ênfase, também o segmento /ʔ/. Notamos, entretanto, que tais segmentos nos parecem fonológicos, uma vez que não podem ser apagados, estabelecem contraste e não apresentam flutuação com outros segmentos.

Loos (op. cit.) e também Ulloa (op. cit.) notam também que há inserção de uma consoante oclusiva glotal em fronteira de morfemas sempre que a raiz termina por vogal e o morfema se inicia por vogal, de forma que não há sequência VV em fronteira de morfemas. A consoante glotal ocorre também em margem direita da sílaba, mais à esquerda na palavra, de forma não previsível (cf. ULLOA, op. cit.).

Para Loos (op. cit.), as aproximantes /w/ e /y/ são realizações fonéticas das vogais /o/ e /i/. Notamos, entretanto, que nos dados no Apêndice, mantivemos as transcrições de Shell (1975 [1965]) e também, nos dados que adicionamos, a partir do dicionário (LOOS; LOOS, 1998), mantivemos a fonemização com uma aproximante [w].

Há, para Ulloa (op. cit.), dois padrões acentuais coexistentes em Kapanáwa, um padrão iâmbico e outro trocaico. De forma geral e bastante simplificada, podemos dizer que a acentuação em Kapanáwa considera o peso silábico, sendo predominantemente trocaico, mas tendo acento jâmbico quando há sílaba fechada mais à esquerda. As sílabas são contadas da esquerda para a direita. Notamos ainda que Ulloa (op. cit.) ressalta a similaridade entre o sistema acentual Kapanáwa e o Shípiho-Kónibo, que revisamos na seção anterior.

2.4 MARÚBO

Com relação ao Marúbo, consideramos os trabalhos de Kennel Jr. (1978), Costa (2000) e também algumas observações nossas de dados obtidos em campo. No geral, os autores concordam uns com os outros quanto aos fonemas, muito embora possa haver divergências quanto a alguns detalhes fonéticos destes. Costa (2000) não apresenta a fricativa retroflexa, apresentada em Kennel Jr. (1978), resolvemos considerá-la aqui, mas nos foi impossível diferenciá-la sistematicamente da fricativa alveopalatal nas diversas fontes utilizadas no Apêndice da tese.

QUADRO 17 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA MARÚBO, BASEADO EM KENNEL JR. (1978) E COSTA (2000)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar
Oclusiva	/p/	/t/				/k/
Nasal	/m/	/n/				
Tepe		/r/				
Africada		/ts/	/tʃ/			
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/		/ʂ/	
Aproximante	/w/			/y/		

QUADRO 18 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA MARÚBO BASEADO EM KENNEL JR. (1978) E COSTA (2000)¹⁰⁰

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/ ỹ/	/ɨ/ ỹ/	/ʊ/ ỹ/
Baixa		/a/ ỹ/	

2.4.1 Observações sobre a fonologia Marúbo

As alofonias apresentadas abaixo tomam como base os trabalhos de Kennel Jr. (1978) e Costa (2000). Entretanto, não especificamos as fontes de cada uma das fórmulas.

/k/oclusiva velar surda

/k/ [ŋg] /ỹ_

/m/ nasal bilabial sonora

[mb] ~ [m]

¹⁰⁰ No trabalho de Costa (2000), é assumido que não há vogais nasais em Marúbo. A autora propõe, então, uma consoante nasal sem especificação para ponto de articulação.

/n/ nasal alveolar sonora

/n/ [nd] ~[n]

/β/ Fricativa bilabial sonora

/β/ [β] / _V_[-central, -alta]

[β^w] / _i

/s/ fricativa alveolar surda

/s/ [z] / _m

/ʃ/ fricativa alveopalatal surda

/ʃ/ [ʒ] /N_

/ʂ/ fricativa alveopalatal retroflexa surda

/i/ vogal anterior alta fechada oral

/i/ [e] /((C)a(C).C₋)¹⁰¹

[j] /C_[+oclusiva, -sonora]

/ɨ/ vogal central alta oral não arredondada

/ɨ/ [u]

/ũ/ vogal posterior alta fechada nasal não arredondada

/u/ [e] /((C)a(C).C₋)¹⁰²

/a/ vogal central baixa aberta oral não arredondada

/a/ [ã] /k_t

/ã/ vogal central baixa aberta nasal não arredondada

¹⁰¹ Em Costa (1992), este fenômeno é interpretado como um caso de harmonia vocálica, mas Kennel Jr. (1978) apenas descreve uma variante média elevada em sílaba final átona.

¹⁰² Em Costa (1992), este fenômeno é interpretado como um abaixamento da vogal por harmonia vocálica, mas Kennel Jr. (1978) fonemiza esta vogal como /o/, refere-se a alteamento da vogal e estabelece o condicionamento como a presença de /tʃ/ ou /y/ em margem esquerda de sílaba.

2.5 CHÁKOBO

Diferentemente das análises fonológicas mencionadas até aqui, não conseguimos acesso a uma descrição mais detalhada da análise fonológica da língua Chácobo e a proposta abaixo está baseada na fonemização apresentada em Prost (1965), nas observações sobre o alfabeto Chácobo de Zingg (1998) e nas observações de Shell (1975 [1965]). A partir desses trabalhos, chegamos aos seguintes quadros-síntese:

QUADRO 19 – SÍNTESE DO SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA CHÁKOBO

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	/ʔ/
Nasal	/m/	/n/					
Vibrante		/r/					
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/		/ʂ/		/h/
Aproximante	/w/			/y/			

QUADRO 20 – SÍNTESE DO SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA CHÁKOBO

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/i/	/u/
Média			
Baixa		/a/	

2.5.1 Observações sobre a fonologia da língua Chácobo

O fonema que representamos por β no quadro acima é representado tanto por Prost (1965) quanto por Shell (1975 [1965]) como um *b* cortado, símbolo do alfabeto *Lepsus*, e que está descrito por Shell (op. cit., p. 38) como uma fricativa bilabial sonora.

O fonema que apresentamos aqui como uma vibrante /r/ é descrito por Shell (op. cit.) como uma vibrante simples sonora, mas aparece representado por Prost (op. cit.) como /ř/, o que nos leva a crer que era interpretado por este autor como uma vibrante múltipla.¹⁰³

¹⁰³ Valenzuela (comunicação pessoal) observa que poderia também representar uma vibrante retroflexa, como este símbolo é utilizado em algumas tradições para o Castelhana Andino e para o Quechua.

Quanto aos demais fonemas consonantais, acreditamos que não há qualquer dúvida se considerarmos os símbolos apresentados em Prost (op. cit.) e as observações feitas por Shell (op. cit.) e Zingg (1998). É interessante notar, entretanto, que a ortografia de Zingg (op. cit.) distingue /ʃ/ <sh> de /ʂ/ <x>¹⁰⁴ e também as aproximantes que aparecem como <hu> /w/ e <y> /y/.¹⁰⁵

Quanto às vogais, tanto Prost (op. cit.) quanto Shell (op. cit.) fonemizam a vogal posterior da língua Chákobo como uma vogal média /o/. Shell (op. cit.) a descreve como uma vogal posterior média arredondada, mas que possui uma variante alta e com variação livre entre [o] ~ [u] em posição final de palavra, quando precede as semivogais /w/ e /y/. A vogal aqui representada por /i/ está fonemizada por Prost (op. cit.) e por Shell (op. cit.) como i e descrita por esta última autora como alta posterior não arredondada, podendo também ser representada por [u]. Notamos, entretanto, que a autora não observa nenhum processo de alofonia.

A língua Chákobo possui um sistema de acento e tom, mas que não nos parece ainda claro. Para Prost (op. cit.) trata-se de um mesmo suprasegmento, mas Córdoba, Valenzuela e Villar (2011) observam que “acento e tom costumam coincidir”, o que nos faz acreditar que poderia tratar-se de dois suprasegmentos autônomos. Valenzuela e Iggesen (2007) descrevem também um marcador de caso suprasegmental que relaciona acento e tom na língua Chákobo.

2.6 KAXARARÍ

Sobre a fonologia da língua Kaxararí, tivemos acesso a três trabalhos que buscam descrevê-la. O primeiro trabalho foi realizado por Monserrat e Cabral (1987) e trata-se de um trabalho fonêmico segmental da língua. O segundo trabalho é uma dissertação de mestrado que apresenta uma fonologia segmental da língua e aspectos fonológicos como sílaba, acento e alguns processos, mas também alguns aspectos morfológicos (SOUSA, 2004). Por fim, o terceiro trabalho que nos parece mais completo sobre a fonologia da língua é o de Couto (2005), que aborda muitos detalhes da fonologia da língua.

¹⁰⁴ Em Córdoba, Valenzuela e Villar (2011), é apresentado um par mínimo de /ʃ/ <sh> de /ʂ/ <x>, *xára* ‘adentro’ : *shára* ‘mosca’.

¹⁰⁵ O par mínimo *wapa* : *yapa* é também apresentado em Córdoba, Valenzuela e Villar (op. cit.), como evidência de oposição entre *w* e *y*.

Os três trabalhos citados acima concordam em muitos pontos, mas também apresentam divergências. O Kaxararí possui sons que são de alta importância para os estudos comparativos da família Páno, razão pela qual daremos especial atenção à sua fonologia.

A língua Kaxararí possui, de acordo com Monserrat e Cabral (1987), 19 fonemas consonantais e 8 fonemas vocálicos (4 orais e 4 nasais), o que apresentamos nas tabelas seguintes.

QUADRO 21 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KAXARARÍ, SEGUNDO CABRAL E MONSERRAT (1987)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/ /k ^w /	/ʔ/
Nasal	/m/	/n/					
Tepe ¹⁰⁶		/r/					
Africada		/ts/	/tʃ/		/tʂ/		
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/		/ʂ/		/h/
Lateral		/l/					
Aproximante	/w/ ¹⁰⁷			/y/			

QUADRO 22 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KAXARARÍ, SEGUNDO MONSERRAT E CABRAL (1987)

	- posterior	+ posterior
Alta	/i/ /ĩ/	/u/ /ũ/
Baixa	/í/ /ĩ/	/a/ /ã/

2.6.1 Observações sobre a fonologia da língua Kaxararí

Além desses quadros que sintetizam os segmentos fonológicos da língua, Monserrat e Cabral (1987) apresentam ainda uma série de alofonias, que comentaremos abaixo, acrescentando observações dos demais autores citados e também nossas próprias observações, a partir de um trabalho com falantes de Kaxararí.¹⁰⁸

¹⁰⁶ Couto (2005) a descreve como uma vibrante, mas, durante trabalhos com falantes Kaxararí, notamos que se trata de uma vibrante simples, o que nos leva a classificá-la como tepe, para não confundi-la com a vibrante múltipla.

¹⁰⁷ A autora considera este fonema como “lábio velar”.

¹⁰⁸ O trabalho, realizado em parceria com Pilar Valenzuela Bismarck no âmbito do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da UnB, não teve como foco a fonologia da língua.

/t/

Montserrat e Cabral (op. cit.) sugerem que o fonema /t/ poderia possuir um alofone palatalizado [tʲ], pois não há contraste entre [ti] e [tʲi]. Couto (2005), por sua vez, considera que há contraste entre [t] e [tʲ], ou seja, considera-os como fonemas distintos, mas não apresenta contraste entre palatalizada e a sequência [ti]. Acreditamos que a hipótese de [tʲ], enquanto uma realização fonética da sequência [ti], seja mais plausível e a analisaremos desta maneira.

/k/ oclusiva velar surda

/k/ [kʲ]

Assim como nos demais casos, consideramos [kʲ] como a realização fonética da sequência /ki/, conforme proposta de Montserrat e Cabral (op. cit.). Couto (op. cit.) descreve um som [kʲ], mas o considera como fonema. Notamos que, segundo Montserrat e Cabral (op. cit.), não há contraste entre [kʲ] e [ki].

/kʷ/

Este som não é considerado um fonema em nenhuma das três análises mencionadas. Notamos, entretanto, que Couto (op. cit.) considera que há em Kaxararí um fone oclusivo velar surdo labializado [kʷ], que seria resultado de uma de assilabificação /ku/ → [kw] e [kw] → [kʷ], ou seja, a realização [kʷ] seria resultante da reinterpretação de u como uma aproximante em margem de sílaba, e de uma posterior interpretação de kw como um único segmento, uma vez que, segundo o autor, não há o padrão CVV em Kaxararí, então, a língua interpreta kwV como CV.

/m/

/m/ [mʲ]

A palatalização de m está descrita em Montserrat e Cabral (op. cit.), mas não em Couto (2005) e Sousa (2004). Como nos demais casos de palatalização, as autoras (op. cit.) cogitam a hipótese de [mʲ] ser alofone de /m/, mas deixam a questão em aberto.

/n/

/n/ [nʲ]

Interpretamos [n^y] como a realização fonética da sequência constituída pela consoante alveolar nasal mais a vogal anterior alta, ou seja, /ni/, conforme sugerido por Monserrat e Cabral (op. cit.). Notamos, entretanto, que Couto (op. cit.) considera [n^y] como um fonema.

/r/ tepe alveolar sonoro
/r/ [r^y]

Esta consoante palatalizada também está descrita apenas em Monserrat e Cabral (op. cit.) e consideramos como a realização fonética da sequência [ri], uma vez que não se verifica o contraste entre [r^y] e [ri]. Couto (op. cit.) e Sousa (op. cit.) não observam esta variante.

/l/ consoante lateral alveolar sonora
/l/ [ɫ] /_i

A consoante lateral alveolar se palataliza, segundo Couto (op. cit.), quando antecede uma vogal anterior alta /i/. Monserrat e Cabral (op. cit.) observam uma palatalização de l, representada como [ɫ] e também consideram a ideia de tratar-se de uma consoante palatalizada.

/tʃ/ africada alveopalatal surda
/tʃ/ [tʃ̥] /_i

Há, de acordo com Couto (op. cit.), uma regra de neutralização de africadas em Kaxararí que faz com que /tʃ/ realize-se foneticamente como [tʃ̥] antes de vogal central alta. No entanto, notamos que os exemplos dados pelo autor não ocorrem no interior de palavras não segmentáveis e acreditamos que a generalização poderia ser a de que tʃ não ocorre antes de i.

/tʃ̥/ africada retroflexa surda.
/tʃ̥/ [tʃ̥̥] /_i

Da mesma forma que para a africada alveopalatal surda, Couto (op. cit.) postula uma outra regra de neutralização em que /tʃ̥/ realiza-se foneticamente como [tʃ̥̥] diante da vogal anterior alta i. Semelhante ao que ocorre na regra de neutralização apresentada acima, acreditamos que uma generalização de que /tʃ̥/ não ocorre diante de i

explica melhor os dados, uma vez que não há morfemas terminados em /tʂ/ que ora realizam-se como [tʃ] ora como [tʂ].

/β/ fricativa bilabial sonora

/β/ [β^y], [bⁱ]

[^oβ] / #_

[b]

Monserrat e Cabral (op. cit.) acreditam haver variação livre entre [β] e [b], o que as leva a considerar as duas formas como realizações fonéticas do fonema [β], o que está de acordo também com Sousa (op. cit.), que apresenta apenas /β/ como fonema. Couto (op. cit.) considera que há dois fonemas /β/ e /b/, mas notamos também durante nosso trabalho que os dois falantes não apresentavam qualquer problema em representar os dois sons como um só fonema.

Uma vez que ambos os sons são considerados como um só fonema, notamos que Monserrat e Cabral (op. cit.) descrevem um som [β^y], que poderia ser a realização fonética da sequência [βi]. Por outro lado, Couto (op. cit.) descreve um som [bⁱ], que ele considera como fonema. Em nosso estudo, consideramos [β^y] e [bⁱ] como alofones de /β/.

Outro som descrito apenas por Couto (op. cit.) é [^oβ], que o autor trata como uma variante opcional de /β/, portanto, um alofone deste fonema.

/ʃ/ fricativa palatal surda

/ʃ/ [ʃ] / _i

Semelhante ao que vimos sobre as africadas, Couto (op. cit.) postula uma regra de neutralização em que /ʃ/ seria realizado foneticamente como [ʃ], quando antecedendo a vogal central alta [i]. Notamos, entretanto, que, nos dados de Couto (op. cit.), não há exemplos de /ʃ/ em junção de morfema em que houvesse alternância entre [ʃ] e [ʂ], o que nos leva à generalização mais simples de que /ʃ/ não ocorre diante de /i/.

/ʂ/ fricativa retroflexa surda

/ʂ/ [ʃ] / _i

Couto (op. cit.) postula uma regra de neutralização entre fricativas também para a fricativa retroflexa surda [ʂ], que seria realizada como [ʃ] diante de i. Percebemos, no entanto, que a generalização pode ser captada dizendo-se simplesmente que /ʂ/ não antecede /i/, pelos mesmos motivos que expusemos para a outra consoante fricativa.

/i/ vogal anterior alta não arredondada oral

/i/ [i] ~ [ɪ]

Este fonema está descrito em todos os três trabalhos consultados, porém, os detalhes de sua realização fonética variam de acordo com os autores. Monserrat e Cabral (op. cit.), e também Sousa (op. cit.), não descrevem alofones para este fonema. Couto (op. cit.) descreve /i/ como um fonema com duas realizações fonéticas em variação livre [i] e [ɪ].

ĩ/ vogal anterior alta não arredondada nasal

Couto (op. cit.) descreve um fonema /ĩ/ que possui duas realizações fonéticas [ĩ] e [ĩ̃]. Já Monserrat e Cabral (op. cit.) não descrevem alofones para esta vogal. Sousa (op. cit.), por sua vez, analisa a vogal /ĩ/ como um alofone de /i/, que é nasalizado quando precedendo uma consoante nasal em coda.

/i/ vogal central alta não arredondada oral

Todos os autores consultados descrevem uma vogal central alta em Kaxararí. Monserrat e Cabral (op. cit.) descrevem duas variantes alofônicas de /i/, [i] e [ê], que alternam livremente. Couto também descreve dois alofones em variação livre, com a diferença que o alofone [ə] não é descrito como mais alto, como o fazem Monserrat e Cabral (op. cit.).

ĩ/ vogal central alta não arredondada nasal

Monserrat e Cabral (op. cit.) e Couto (op. cit.) descrevem uma vogal nasal para o sistema da língua Kaxararí. No entanto, Couto (op. cit.) a descreve com duas realizações fonéticas em variação livre [ĩ] e [ĩ̃], enquanto que as autoras mencionadas descrevem uma única realização para a vogal nasal. Sousa (op. cit.) analisa o som [ĩ] como um alofone de /i/, quando precedendo consoante nasal.

/a/ vogal central baixa não arredondada oral

[a] e [ɛ] são, de acordo com Monserrat e Cabral (op. cit.), alofones de [a], o segundo ocorrendo após contóide palatalizado e o primeiro, nos demais ambientes. Couto (op. cit.), descreve [a] e [ɐ] como alofones não condicionados de /a/. No entanto, este

último autor postula uma regra de coalescência em fronteiras morfêmicas em que a sequência /i/ + /a/ é realizada foneticamente como [ɛ]. Couto (op. cit.) postula também outra regra de coalescência em que /i/ + /a/ também resulta em [ɛ]. Destacamos, entretanto, que o autor cita um exemplo [pistɛ], em que, segundo ele, a palavra é monomorfêmica, mas há ocorrência de [ɛ].

Couto (op. cit.) postula também regras de coalescência envolvendo os fonemas /u/ e /o/. Segundo esse autor, as vogais /u/ e /o/, em fronteira de morfemas, são realizadas como [ɔ].

/ã/ vogal central baixa não arredondada nasal

Monserrat e Cabral (op. cit.) descrevem uma vogal central baixa não arredondada nasal /a/ com apenas uma realização fonética. No entanto, Couto (op. cit.) descreve dois alofones, [ã] e [ẽ], em variação livre para este fonema. Sousa (op. cit.) analisa [ã] como uma variante fonética de /a/ seguida de uma consoante nasal.

/u/ vogal posterior alta arredondada oral

A vogal posterior alta arredondada /u/ é, segundo Monserrat e Cabral (op. cit.), foneticamente realizada como [u], [ʊ] e [ô], que se encontram em variação livre. Já para Couto (2005), a vogal /u/ possui apenas dois alofones [u] e [ʊ], mas que também estariam em variação livre.

/ũ/ vogal posterior alta arredondada nasal

A vogal /ũ/ possui apenas uma realização, segundo Monserrat e Cabral (op. cit.), mas, Couto (op. cit.) acredita que ela possui duas variantes fonéticas não condicionadas, [ũ] e [õ]. Para Sousa (op. cit.), o fone [ũ] é a realização fonética de /u/, quando seguido de consoante nasal.

Quanto à estrutura silábica, Monserrat e Cabral (op. cit.) estabelecem três tipos silábicos em Kaxararí: V, CV e CVC. Contudo, tanto Sousa (op. cit.) quanto Couto (op. cit.) estabelecem 4 tipos silábicos em Kaxararí: V, VC, CV e CVC. Couto (op. cit.) observa ainda que o padrão CV é o mais recorrente. Monserrat e Cabral (op. cit.), por sua vez, não descrevem quais as consoantes que ocorrem em margem direita de sílaba, mas observam que há restrição de ocorrência nesta posição. Com relação às consoantes /ʀ/, /l/,

/s/, /f/, /ʃ/ e /h/, elas ocorrem, segundo Couto (op. cit.), em margem direita de sílaba, e qualquer consoante pode ocorrer em margem esquerda. Já Sousa (op. cit.) estabelece que somente /l/, /s/, /f/ e /ʃ/ ocorrem em margem direita de sílaba, mas concorda que todas as consoantes ocorrem em margem esquerda. Couto (op. cit.) observa que apenas a consoante lateral /l/ ocorre em final de palavra.

Quanto ao acento, Monserrat e Cabral (op. cit.) apenas observam que “dependendo do falante e da velocidade do enunciado, esse acento pode ocorrer: na última sílaba, na penúltima e na antepenúltima”. As autoras observam também que, nos dados analisados por elas não foi possível o contraste de acento entre pares de palavras. Já Sousa (op. cit.) analisa o acento como não previsível em Kaxararí e postula dois grupos de palavras, um com acento na última sílaba (CVCV) e outro com acento na penúltima sílaba (CVCV). Couto (2005), por sua vez, analisa o acento como previsível e que este “recai sobre a última sílaba em dissílabos e trissílabos, e na antepenúltima e última sílabas, como primário e secundário subsequentes em polissílabos”. No entanto, o que o autor chama de acento previsível deve ser considerado como uma tendência ou como o padrão mais geral, uma vez que ele também observa “pares mínimos em contraste mudando o significado”. Couto (op. cit.) apresenta os seguintes pares mínimos que contrastam segundo o acento:

[βa'wa]	‘papagaio’
[βawa]	‘besouro’
[bi'li]	‘bola’
[bi]	‘girino’
[pa'la]	‘coceira’
[pala]	‘largo’
[hi'ʔi]	‘muçum’
[hiʔi]	‘rugido’
[tʃu'tə]	‘fruta’
[tʃutə]	‘esteiodacasa’
[wa'hi]	‘chuva’
[wahi]	‘roçado’

[wa'ka]	‘água’
[waka]	‘timbó’
[i'ja]	‘cheirode urina’
[fija]	‘pimenta’

Por fim, uma última regra postulada por Couto (2005), e que nos parece importante, é o que o autor denomina “redução silábica”. Segundo ele:

Palavras trissilábicas em Kaxarari, opcionalmente, sofrem um processo de queda, tanto em uso diário da fala como em cânticos tradicionais: (1) da última sílaba como um todo; (2) da vogal da última sílaba; (3) da consoante da última sílaba – como visto anteriormente, os padrões VC e CVC, quando ocorrem em final de palavra, têm como consoante em posição de coda apenas a lateral alveolar [l].

Seguem exemplos de queda de última sílaba da palavra.

[nima'nu]	→	[ni'ma∅]	‘embaixo’
[šaba'ka]	→	[ša'ba∅]	‘tipo de envireira’
[kuna'lə]	→	[ku'na∅]	‘seringueira’
[awa'tʃa]	→	[a'wa∅]	‘anta’

Exemplo de queda da vogal da última sílaba.

[pana'la]	→	[pa'nal∅]	‘açai’
-----------	---	-----------	--------

Exemplo de queda de consoante da última sílaba.

[binu'ni]	→	[bi'nu∅]	‘buriti’
-----------	---	----------	----------

2.7 YAMINÁWA

Sobre a fonologia da língua Yamináwa, tivemos acesso a poucos materiais. As observações e os quadros sinóticos apresentados aqui estão baseados na *Gramática Pedagógica*, escrita por Faust e Loos (2002).

QUADRO 23 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA YAMINÁWA, BASEADO EM FAUST E LOOS (2002)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	
Nasal	/m/	/n/					
Vibrante		/r/					
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa	/ɸ/	/s/	/ʃ/		/ʂ/		/h/
Aproximante				/y/			

QUADRO 24 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA YAMINÁWA, BASEADO EM FAUST E LOOS (2002)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/		/u/
Média			/o/
Baixa		/a/	

2.7.1 Observações sobre a fonologia da língua Yamináwa

Como observado anteriormente, não contamos com outras fontes para a fonologia da língua senão Faust e Loos (2002), portanto, nos baseamos nesses autores para as observações apresentadas abaixo.

/k/ [k] /_C

/#_

[ʔ] /V._V

/m/ nasal bilabial sonora

/m/ [m] ocorre em contexto nasal

[b] ~ [ᵐb] ocorre em contexto oral

Não é claro o condicionamento apresentado por Faust e Loos (2002), que observam a ocorrência de variante nasal apenas em palavras com nasalidade, e de variantes oral e pré-nasalizada nos demais ambientes. No entanto, não podemos saber se a nasalidade ocorre contígua ao seguimento em questão ou se há outros condicionamentos.

/n/ nasal alveolar sonora

/n/ [n]

[d] ~ [ᵐd]

/r/ vibrante múltipla sonora

/r/ [r]

[l]

No caso desse fonema, só temos a indicação de que há as duas realizações apresentadas acima, mas não há indicação se são variantes livres ou se há algum

condicionamento. Ademais, a interpretação de que seria uma vibrante é nossa, considerando o símbolo fonético utilizado pelos autores para representá-lo [ř].

/ɸ/ fricativa bilabial surda

/ɸ/	[w ^h]	/_a
	[x]	/_o
	[ɸ] ~ [w ^h]	/_V _[+anterior]
	[w̃]	/_Ṽ

/y/ aproximante palatal sonora

/y/

[ɲ] /_Ṽ

[y] /_V

/ɪ/ vogal anterior alta aberta não arredondada oral

/ɪ/ [ɪ]

[i]

Faust e Loos (2002) não apresentam condicionamentos para essa alofonia.

/ɯ/ vogal posterior alta não arredondada oral

/ɯ/ [ɯ]

[ɨ]

/o/ vogal posterior média oral

/o/ [o]

[u]

Além dos fonemas acima, os autores apresentam também 4 vogais nasais, mas não está claro se são ou não fonemas da língua. Acreditamos tratar-se de 4 fonemas, pois determinam a realização fonética de algumas consoantes, como indicado acima.

Sobre o acento, Faust e Loos (op. cit.) apenas dizem que verbos transitivos recebem acento e tom alto nas duas primeiras sílabas, o que parece indicar que há verbos acentuados na primeira e outros, na segunda. Verbos intransitivos são acentuados unicamente na primeira sílaba. Por fim, observam que a primeira sílaba da frase nominal também é acentuada. Temos que observar, entretanto, que os autores não explicitam se as

sílabas são contadas da direita para a esquerda ou em sentido inverso (cf. FAUST; LOOS, 2002).

2.8 CHANINÁWA

Para a fonologia da língua Chanináwa, não encontramos estudos, no entanto, apresentamos um quadro dos possíveis fonemas da língua e breves comentários com base nos dados a que tivemos acesso, os quais nos foram gentilmente cedidos por Pilar Valenzuela Bismarck e encontram-se registrados em forma ortográfica.

Serviu-nos também de referência a fonologia da língua Sharanáwa, com a qual a língua Chanináwa possui relação genética muito próxima (cf. capítulo 1).

QUADRO 25 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA SHARANÁWA

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	
Nasal	/m/	/n/					
Vibrante		/r/					
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa	/ɸ/	/s/			/ʂ/		/h/
Aproximante	/w/			/y/			

QUADRO 26 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA SHARANÁWA

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/ɨ/	
Média			/o/
Baixa		/a/	

2.8.1 Observações sobre a fonologia da língua Chanináwa.

/m/ nasala bilabial sonora

Consideramos que há uma consoante nasal bilabial, mas que também se realiza como uma oclusiva bilabial sonora /b/. Nos dados da comparação, ambos os símbolos são utilizados, de forma que se evidenciem os contextos em que ocorre flutuação.

/n/ nasal alveolar sonora

Da mesma forma que para a nasal bilabial, assumimos que o fonema nasal alveolar sonoro /n/ apresenta dois alofones um [d] e outro [n].

/ɸ/ fricativa bilabial surda

A fricativa bilabial surda está representada pelo grafema <f>, nesse caso, nos baseamos principalmente nos correlatos de outras línguas próximas, como o Sharanáwa e o Yamináwa.

/ʃ/ fricativa palatal surda

Este fonema está representado ora pelo grafema <sh> ora por <ssh>. Já o som representado por <x> foi considerado neste estudo como sendo correspondente a uma fricativa retroflexa.

/h/ fricativa glotal surda

A fricativa glotal está representada nos dados de Valenzuela com o grafema <j>, que é comumente utilizado para representar este som em ortografias de outras línguas Páno no Peru e na Bolívia.

/w/ aproximante bilabial sonora

A aproximante bilabial é representada pelo grafema <hu> nos dados de Valenzuela, e que corresponde à grafia de Espanhol /w/.

/y/ aproximante palatal sonora

A aproximante bilabial está representada pelo grafema <y> nos dados de Valenzuela.

/i/ vogal central alta não arredondada oral

Esta vogal está representada com o grafema <e>, uma tradição em várias outras línguas Páno, que têm um sistema vocálico de 4 vogais. No caso de línguas com sistema de 6 vogais, diferencia-se na ortografia /e/ de /i/ com os grafemas <e> e <ë>, respectivamente. Assumimos que se trata de uma vogal central alta, mas poderia também ser uma vogal posterior alta não arredondada, como está descrita para o Sharanáwa.

/o/ vogal posterior alta arredondada oral

No caso da vogal posterior, simplesmente assumimos a representação grafêmica que o simboliza como <o> e não como <u>.

2.9 SHARANÁWA

No caso da língua Sharanáwa, apresentamos a fonologia segmental da língua com base em Scott (2004), mas também em dados coletados em trabalho de campo em Pucallpa, por mim e por Pilar Valenzuela Bismarck, no ano de 2012. Embora o trabalho tenha sido realizado em conjunto, as observações aqui apresentadas são de minha responsabilidade.

QUADRO 27 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA SHARANÁWA

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	
Nasal	/m/	/n/					
Vibrante		/r/					
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa	/ɸ/	/s/			/ʂ/		/h/
Aproximante	/w/			/y/			

QUADRO 28 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA SHARANÁWA

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/		/u/
Média			/o/
Baixa		/a/	

2.9.1 Observações sobre a fonologia da língua Sharanáwa

/m/ nasal bilabial sonora

/m/ [ᵐb] /_V

[m] /_Ṽ

O condicionamento para os alofones de /m/, apresentados acima, estão de acordo com Scott (2004). No entanto, além da realização de [m] em contexto nasal, observamos também variação livre entre [b] e [m], em alguns casos em contexto não nasal,

assim como a realização de algumas palavras sistematicamente com [m], sem vogal nasal à direita.

/n/ nasal bilabial sonora

/n/ [ʰd] /_V
 [n] /_Ṽ
 [n] ~ [d] em contexto oral

Assim como para a bilabial nasal, observamos, além do condicionamento descrito por Scott (2004), variação entre a realização nasal e a plenamente oral, como em [nani] ~ [dadi].

/r/

/ϕ/ fricativa bilabial surda

/ϕ/ [h] /_u
 [ϕ] ~ [ϕʷ] /_u
 [ϕ] n.d.a.

Os alofones [h] e [ϕ] foram observados por Scott (2004), no entanto, o alofone [ϕʷ] foi observado somente por nós. Importante observar que a interpretação do alofone [h] foi feita por nós, uma vez que a autora indica que /ϕ/ é realizado como f diante de u em espanhol, embora devamos considerar a possibilidade de um [h], uma vez que, no dialeto amazônico regional, pode-se pronunciar “fui” como [hu’i].

Há mais dois alofones importantes que não foram observados por Scott (2004). A fricativa bilabial surda parece variar livremente com a sua contraparte sonora, muito embora a primeira seja de maior ocorrência em nossos dados. Ademais, ela também ocorre como uma oclusiva [b] em variação livre com [ϕ].

[ϕ] ~ [β]
 [ʃaϕaβitsã] ~ [ʃaβaβitsa]

[β] ~ [b]
 [ϕwidaβari] ~ [ϕwidabarista]

/ʒ/ fricativa retroflexa surda

Diferentemente da maioria das línguas da família Páno, a língua Sharanáwa está descrita sem uma fricativa palatal [ʃ], sendo que todo [ʃ] de outras línguas corresponde a [ʂ] em Sharanáwa. Considerando-se isso, esta língua teria fundido [ʃ] e [ʂ].

/y/ aproximante palatal sonora

/y/ [ɲ] /_Ṽ

[y] n.d.a.

Esta variação que aparece em nossos dados não foi mencionada por Scott (2004).

/i/ vogal anterior alta não arredondada oral

/i/ [i] ~ [e]

Embora não tenha sido observado por Scott (2004), em nossos dados aparece uma variação livre entre [e] e [i].

/u/ vogal posterior alta fechada não arredonda oral

Pelas observações de Scott (2004), trata-se de uma vogal posterior alta não arredondada, como já vimos para outras línguas. No entanto, em nosso trabalho de campo, percebemos este fonema como uma vogal central alta não arredondada oral. Como se trata de um detalhe pequeno e de difícil definição se considerado apenas de oitiva, decidimos utilizar o que nos parece mais próximo da análise de Scott (2004), uma vez que o autor teve longa experiência com a língua.

/o/ vogal posterior média arredondada oral

/o/ [o] ~ [u]

Esta variação foi observada tanto por Scott (2004) quanto por nós.

2.10 SHANENAWÁ

Segundo Cândido (1998, 2004), a língua Shanenawá possui 14 fonemas consonantais e 4 fonemas vocálicos. Nas tabelas a seguir, apresentamos os fonemas da língua:

QUADRO 29 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA SHANENAWÁ, BASEADO EM CÂNDIDO (1998)

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/		/t/				/k/	
Nasal	/m/		/n/					
Tepe			/ɾ/					
Africada			/ts/	/tʃ/				
Fricativa		/f/	/s/			/ʂ/		/h/
Aproximante	/w/ ¹⁰⁹				/y/			

QUADRO 30 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA SHANENAWÁ, BASEADO EM CÂNDIDO (1998)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/i/	/u/
Baixa		/a/	

2.10.1 Observações sobre a fonologia da língua Shanenawá

Nesta seção, apresentamos os alofones e também algumas observações sobre padrão acentual, silábico e estrutura da palavra Shanenawá, segundo Cândido (1998, 2004).

/k/ oclusiva velar surda

/k/ [q] /_[u]
 /_[o]
 [c] /_[i]
 [k] n.d.a.

/n/ nasal alveolar sonora

/n/ [ɲ] /_[c]
 /_[j]
 [ɲ] /_[k]
 [N] /_[q]
 [n] n.d.a.

¹⁰⁹ A autora considera este fonema como “lábio velar”.

/r/ tepe alveolar sonoro

/r/ [r] ~ [d] /#_
[r] n.d.a.

/f/ fricativa labiodental surda

/f/ [f] ~ [v]

/ʃ/ fricativa retroflexa surda

/ʃ/ [ʃ] /_i
[ʃ] n.d.a.

/w/ aproximante labiovelar sonora

/w/ [w] ~ [β] /_V_[+central]
/V_[+central]_

/y/ aproximante palatal sonora

/y/ [y] ~ [dʒ] /#_

/i/ vogal anterior alta oral

/i/ [i]
[ĩ] /_N
[i] ~ [e] /_#

/i/ vogal central alta oral

/i/ [ĩ]
[ĩ] /_N

/u/ vogal posterior alta oral

/u/ [u]
[ũ] /_N
[u] ~ [o]

/a/ vogal central baixa oral

/a/ [a]

[a] ~ [æ] /_y

[ã] /_N

O padrão silábico da língua Shanenawá pode ser resumido, segundo Cândido (2004), como (C)V(C) e apenas V é obrigatório, sendo possível, portanto, 4 tipos silábicos: V, CV, VC e CVC. Todas as consoantes podem ocorrer em margem esquerda de sílaba, mas apenas as fricativas /s/ e /ʃ/, as aproximantes /y/ e /w/ e a nasal alveolar /n/ podem ocorrer em margem direita de sílaba. A fricativa /s/ em margem direita de sílaba ocorre apenas no interior da palavra e a fricativa /ʃ/ ocorre majoritariamente em interior de palavra, mas ocorre também em final de palavra no morfema /aʃ/.

Quanto ao padrão acentual, Cândido (2004) observa que o acento recai sempre na última sílaba (a sílaba mais à direita), não importando a quantidade de sílabas da palavra ou se ela é morfologicamente complexa ou simples. Ela observa ainda que as palavras tendem a ser dissilábicas, principalmente se são monomorfêmicas, mas que também há monossílabos tônicos e palavras com três ou mais sílabas, que, em sua maioria, são formadas de mais de um morfema.

2.11 KATUKÍNA

Para a fonologia da língua Katukína, foram considerados os trabalhos de Barros (1987) e Aguiar (1994). Os seguintes quadros resumem as consoantes e vogais da língua.

QUADRO 31 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KATUKINA, BASEADO EM BARROS (1987)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	/ʔ/
Nasal	/m/	/n/					
Tepe		/r/					
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/		/ʂ/		
Aproximante	/w/			/y/			

QUADRO 32 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KATUKÍNA, BASEADO EM BARROS (1987)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/ ǐ/	/ɨ/ ǧ/	/u/ ǫ/
Baixa		/a/ ǣ/	

2.11.1 Observações sobre a fonologia da língua Katukína

Abaixo, apresentamos os alofones da língua Katukína, segundo Barros (1987) e também algumas considerações sobre a palavra e os padrões silábicos. Ademais, consideramos ainda algumas observações de Aguiar (1994).

/p/ oclusiva bilabial surda

/p/ [b] /ǩ_

/t/ oclusiva alveolar surda

/t/ [d] /ǧ_

/k/ oclusiva velar surda

/k/ [g] /ǧ_

/ʔ/ oclusiva glotal surda

/ʔ/ [ʔ]

Barros (op. cit., p. 41-43) reconhece a realização deste fonema em início de sílaba, no início e no meio de palavra, e também no final de sílaba, no meio e no final de palavra.

Todavia, as realizações fonéticas desse fonema, como oclusiva glotal propriamente, sempre possui um alofone [∅] e pode ser considerado como não fonológico, sendo previsível, principalmente em início e final de palavra. Neste trabalho, consideramos a oclusiva glotal proposta por Barros (1987) como não fonológica.¹¹⁰ A fonemização dos dados em Aguiar (1994) parece estar de acordo com a nossa análise.

¹¹⁰ Barros (1987) chega a considerar que há oposição entre /ʔ/ e ∅ em meio de palavra, na posição inicial de sílaba. No entanto, há também dados que indicam a variação livre nesse ambiente. Aguiar, por outro lado, não considera fonêmico este segmento.

Barros (1987) considera [h] e [x] como alofones de /ʔ/, entretanto, consideramos que há um fonema fricativo glotal /h/, que será discutido mais adiante.

/m/ nasal bilabial sonora

Ocorre apenas em início de sílaba.

/n/ nasal alveolar sonora¹¹¹

/n/

[ɲ] /V_.
/(C)i._V
/_dz
/_dʒ

[n] /_V

[ŋ] /V_.k

[m] /V_.p

/r/ tepe alveolar sonoro

Ocorre sempre em início de sílabas e pode ser apagado em interior de enunciado, em posição inicial de palavra.

/ts/ africada alveolar surda

/ts/ [dz] /Ṽ_
/_Ṽ
/N_
/_N

[ts] ~ [tθ] n.d.a. (Essa variação talvez seja dialetal)

¹¹¹ A análise de Barros (op. cit.) não é clara, pois, ao mesmo tempo em que apresenta várias alofones condicionados para a consoante nasal alveolar, reconhece a existência de vogais nasais e considera esses alofones nasais como resultado da nasalidade da vogal. Ademais, a autora apresenta alguns poucos exemplos em que essas variantes condicionadas ocorreriam em posição final de palavra.

/tʃ/ africada alveopalatal surda

/tʃ/ [dʒ] /Ṽ_
 /_Ṽ
 /N_
 /_N

/β/ fricativa bilabial sonora

/β/ [v] /_V_[-posterior]
 [β] /_V_[+posterior]

/s/ fricativa alveolar surda

/s/ [z] /Ṽ_
 /_Ṽ
 /N_
 /_N

/ʃ/ fricativa palatal surda

/ʃ/ [ʒ] /Ṽ_
 /_Ṽ
 /_N
 /N_

/ʂ/ fricativa retroflexa surda

Ocorre em início e final de sílaba, mas, segundo Barros (1987, p. 33), não foi observada em posição final de sílaba, em meio de palavra, mas ocorreria com maior frequência que a fricativa palatal surda [ʃ] em posição final de palavra, em margem direita de sílaba.

/h/ fricativa glotal surda

/h/ [h] ~ [x]

Este fonema ocorre apenas em margem esquerda de sílaba em início de palavra. Segundo Barros (1987), seria um alofone de /ʔ/. No entanto, esta autora não apresenta nenhuma variação envolvendo [ʔ] e [h], que justifiquem sua análise. Além disso,

a fricativa glotal pode não ser pronunciada em interior de enunciado (BARROS, 1987, p. 42).

/w/ aproximante bilabial sonora

Ocorre em início e final de sílaba

/y/ aproximante palatal sonora

Ocorre em início e final de sílaba

/y/ [y]

[ɲ] /_V_[+nasal, +baixa]

/i/ vogal anterior alta não arredondada oral

/i/ [i]

/i/ se realiza como [i] em sílabas átonas e tônicas, independente da qualidade da vogal da sílaba que o precede ou o sucede.

Pode também se realizar como [e] em sílabas átonas e tônicas, dependendo da qualidade da vogal da sílaba vizinha. /i/ não se realiza como [e] quando a vogal da sílaba vizinha for realizado foneticamente como [u], mas sim se a realização for [o].

Quando a vogal das duas sílabas contíguas é /i/, há uma tendência à realização fonética [i] ou [e]. Já em sílaba tônica, há uma tendência a /i/ se realizar como [e]. Contudo, se a vogal da sílaba tônica é realizada como [e], a vogal da sílaba átona pode ser realizada como [i] ou como [e]. Não há registros de ocorrência contígua de [e] em sílaba átona e [i] em sílaba tônica em Katukina (cf. BARROS, 1987).

ĩ/ vogal anterior alta não arredondada nasal

ĩ/ [ĩ]

[ẽ]

A vogal posterior média [ẽ] ocorre, de acordo com Barros (1987), em apenas um de seus exemplos em sílaba tônica seguida de sílaba átona com vogal [õ]. O fonema [ĩ] é, portanto, o de maior ocorrência nos demais ambientes. A autora postula uma regra de harmonia vocálica para a vogal anterior média nasal, mas com base em apenas um

exemplo. O alofone [ẽ] estaria condicionado à ocorrência de um vocóide médio posterior [õ] em sílaba átona e só ocorreria em sílaba tônica.

/u/ vogal posterior média fechada arredondada oral

/u/ [o]

[u]

Assim como a vogal anterior média, a vogal posterior do Katukina tende a realizar-se com a mesma altura da vogal das sílabas vizinhas, ou somente [o] ou somente [u] dentro de uma mesma palavra. No entanto, em sílaba tônica, tende a se realizar como [o]. Se na sílaba tônica a vogal é realizada como [u], na sílaba átona a vogal será necessariamente realizada como [u], mas, no caso de realizar-se como [o] na sílaba tônica, podem ocorrer tanto [u] quanto [o] na sílaba átona.

[o] ocorrerá se a sílaba vizinha possuir [i] ou [e], mas [u] ocorrerá somente se a sílaba vizinha for [i].

Para mais considerações sobre os alofones da vogal anterior e da vogal posterior do Katúkina, ver Barros (1987).

/ũ/ vogal posterior alta arredondada nasal

/ũ/ [ũ]

[õ]

[ũ] e [õ] ocorrem, segundo Barros (1987, p. 57-60), em sílabas átonas, se na sílaba tônica ocorrer um dos seguintes vocóides [o], [a] ou [i]. Se na sílaba átona ocorrer [ẽ], então [õ] ocorreria na sílaba tônica, mas esta regra está baseada em apenas um exemplo. Se na sílaba átona ocorrer [ĩ] ou [i], apenas [ũ] ocorre.

Sobre as vogais, é importante notar que Barros (op. cit.) apresenta inicialmente um sistema com apenas dois graus de abertura, como apresentado acima. No entanto, após as considerações sobre a alofonia das vogais posterior e anterior, ela propõe um novo quadro assimétrico, em que a vogal posterior é média [o] e a vogal anterior é alta [i]. Ela propõe também que o sistema poderia possuir vogais média anterior [e] e posterior [o], e apenas uma alta central [ĩ] e uma baixa central [a].

Outra observação importante quanto às vogais é que a distribuição das vogais posterior e anterior médias nasais parece menos clara do que a distribuição de suas

contrapartes orais. A autora observa ainda que as consoantes poderiam determinar a distribuição dos alofones nasais das vogais posterior e anterior, mas não desenvolve essa ideia.

As palavras na língua Katukína, segundo Barros (1987, p. 67), tendem a ser dissilábicas e apresentaria a seguinte estrutura para uma palavra básica (C)V(C).(C)V(C). O acento, de acordo com a autora, recai sempre na última sílaba (mais à direita, como podemos ver na representação proposta por ela e reproduzida anteriormente). Ela observa, entretanto, que há palavras com mais de duas sílabas na língua e que, nessas palavras, o acento pode recair na última sílaba (mais à direita), na penúltima (isto é, na segunda, contada da direita para a esquerda) ou ainda na antepenúltima. Barros (1987) demonstra que há palavras de 4 e de 3 sílabas, mas que a maioria delas é morfologicamente complexa (compostos ou palavras derivadas). Ainda nas palavras de 3 ou 4 sílabas, a tendência é que o acento recaia na última sílaba, mas há alguns casos observados pela autora em que este padrão não se verifica.

Aguiar (1994), por outro lado, estabelece que todas as palavras em Katukína são dissilábicas e que o acento é rítmico,¹¹² sendo que o acento primário recai na última sílaba (a mais à direita). Sobre a palavra e o padrão acentual, há ainda outros detalhes em Aguiar (1994) e Barros (1987), não tratados aqui.

Quanto ao padrão silábico, Barros (1987) postula que as sílabas podem ser V, CV, VC e CVC. Este padrão silábico está de acordo com o apresentado também em Aguiar (1994). Barros (op. cit.) observa que não há restrições na distribuição das sílabas dentro da palavra e que não há sequências consonantais ou vocálicas tautossilábicas. Fonologicamente, apenas as fricativas ou as aproximantes ocorrem em margem esquerda de sílaba (cf. BARROS, 1987). Na análise de Aguiar (1994), entretanto, além das fricativas e das aproximantes, também ocorreriam em posição de coda /r/ e /n/.

2.12 POYANÁWA

Segundo Paula (1992), a língua Poyanáwa possui 14 fonemas consonantais, 4 fonemas vocálicos orais e 3 fonemas vocálicos nasais.

¹¹² Aguiar (1994) postula um padrão rítmico alternado, forte-fraco, ou forte-fraco-forte, mas, por questão de brevidade, não entraremos nesses detalhes aqui.

QUADRO 33 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA POYANÁWA, BASEADO EM PAULA (1992)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/ /b/	/t/ /d/			/k/	
Tepe		/r/				
Africada		/ts/	/tʃ/			
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/			/h/
Aproximante	/w/ ¹¹³			/y/		

QUADRO 34 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA POYANÁWA, BASEADO EM PAULA (1992)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/ ỹ/	/i/	/u/ ũ/
Baixa		/a/ /ã/	

2.12.1 Observações sobre a fonologia da língua Poyanáwa

As observações aqui apresentadas baseiam-se em Paula (1992). Importante observar que esta é uma língua já praticamente extinta e que já se encontrava obsoleta e em vias de extinção na época de sua documentação por Paula (op. cit.).

/b/ oclusiva bilabial sonora

/b/ [m] /_Ṽ
[b] /_V

/d/ oclusiva alveolar sonora

/d/ [d] /_V
[n] /_Ṽ

/β/ fricativa bilabial sonora

/β/ [β] ~ [v]

¹¹³ A autora considera este fonema como “lábio velar”

/i/ vogal

/i/ [e] /' [t]_
 /' [d]
 [i] n.d.a.

/u/ vogal posterior alta arredondada oral

/u/ [u] ~ [o]

Paula (1992) observa que [u] e [o] estão em “flutuação” e nós constatamos que nos dois exemplos apresentados por esse autor a flutuação ocorre em sílaba tônica.

O acento na língua Poyanáwa, segundo Paula (op. cit.), recai sempre na sílaba mais à direita da palavra e seu correlato fonético é a intensidade. Esse mesmo autor acredita que pode ocorrer em Poyanáwa 4 tipos silábicos V, CV, VC e CVC, o que é resumido por ele na seguinte fórmula C_1VC_2 . A posição C_1 é ocupada por qualquer consoante da língua, mas a posição C_2 só pode ser ocupada pelas fricativas /h/, /s/, /ʃ/ e pelos semivocóides /w/ e /y/. Todos os padrões silábicos foram observados em todas as posições dentro da palavra. Para mais detalhes sobre restrições fonotáticas ou mesmo sobre outros aspectos fonológicos, recomendamos a leitura do trabalho de Paula (1992).

2.13 AMAWÁKA

A fonologia segmental básica da língua Amawáka está descrita em Osborn (1948) e foi nesta análise que nos baseamos principalmente, mas também nas observações feitas em Shell (1975). A língua Amawáka possui, de acordo com Osborn (op. cit.), 14 fonemas consonantais e 8 vocálicos, como apresentados no quadro abaixo:

QUADRO 35 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA AMAWÁKA, ADAPTADO DE OSBORN (1948)

	Bilabial	Interdental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/		/t/			/k/	/ʔ/
Nasal	/m/		/n/				
Vibrante			/r/				
Africada				/tʃ/			
Fricativa		/θ/	/s/	/ʃ/		/x/	/h/
Aproximante	/w/				/y/		

QUADRO 36 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA AMAWÁKA, ADAPTADO DE OSBORN (1948)

	Anterior	Central	Posterior	
			Não arred.	Arred.
Alta	/i/ /ĩ/		/u/ /ũ/	/u/ /ũ/
Média				
Baixa		/a/ /ã/		

2.13.1 Observações sobre a fonologia da língua Amawáka

Por questão de clareza e brevidade, apresentamos as observações, sempre que possível, por meio de fórmulas simplificadas. Abaixo elencamos apenas as alofonias que consideramos relevantes para o trabalho.

/p/ oclusiva bilabial surda

/p/ [b] /Ṽ+_{#}
[Ṃb] /Ṽ_{V}

/t/ oclusiva alveolar surda

/t/ [d] /Ṽ+_{#}
[Ṇd] /Ṽ_{V}

/k/ oclusiva velar surda

/k/ [g] /Ṽ+_{#}
/ʔ_{V}
/+_{V}_{[+ vozeado]}
[Ṇk] /Ṽ_{V}
[k] n.d.a.

/θ/ fricativa interdental surda

/θ/ [Nθ] /Ṽ_{V}

/x/ fricativa velar surda

/x/ [x¹] /F_{_}
/V_{.V}

[x^h] ~ [x] /_o#

/s/ fricativa alveolar surda (“é formada posicionando-se a ponta da língua contra os dentes inferiores e levantando-se a parte central da língua contra a arcada alveolar” (OSBORN, 1948)).

/s/ [+anterior] /(i)_ (i)

/m/ nasal bilabial sonora

/m/ [mb] /(C)V_V

/n/ nasal alveolar sonora

/n/ [nd] /(C)V_V

/w/ aproximante bilabial sonora

/w/ [β] /_i

/h/ glotal espirante que tem o timbre da vogal que a segue (à sua direita).

Todas as consoantes ocorrem em margem esquerda de sílaba, mas a oclusiva glotal /ʔ/ ocorre apenas no interior da palavra, enquanto /h/ ocorre apenas em início de palavra. A oclusiva glotal ocorre em margem esquerda de sílaba no interior da palavra com valor fonêmico, mas ocorre de forma previsível e considera-se como não fonêmica no final de enunciados. Apenas as consoantes fricativas ocorrem em margem direita de sílaba.¹¹⁴ A oclusiva glotal /ʔ/ pode ser seguida de /w/, /y/, /θ/, de consoantes oclusivas e de nasais.

/i/ vogal anterior alta aberta oral não arredondada

/i/ [i] ~ [ɪ]

/a/ vogal central baixa aberta oral não arredondada

/o/ vogal posterior média arredondada

/o/ [o] ~ [ʊ]

¹¹⁴ Segundo Osborn (1948, p. 189), “os seguintes padrões VC e CV não ocorrem nos dados: itʃ, ãtʃ, ʃtʃ, ôtʃ, tʃõ, tʃĩ, oh, ãh, ʃh, ʃk, õr, õs, si, sã, sõ, sĩ, xõ, xĩ, xĩ, yi, yĩ, yĩ, oθ, θõ.

/u/ vogal posterior alta não arredondada

Esta vogal varia livremente, segundo Osborn (1948), com um alofone mais aberto. No entanto, analisando o sistema vocálico da língua em tela, parece-nos difícil precisar qual a realização fonética dessa variante aberta. O fonema é descrito com as mesmas características por Shell (1975 [1965]), mas, como ela não diferencia em sua representação entre vogal posterior alta não arredondada e vogal central alta não arredondada, preferimos representar o fonema por meio de [i] no apêndice.

Sobre as consoantes nasais, Osborn (1948) apenas cita que elas ocorrem nas mesmas posições das orais. O autor observa ainda que as vogais podem ocorrer em sílabas abertas à direita ou à esquerda e que todas as vogais podem se combinar com quaisquer consoantes, observadas as restrições da nota de rodapé número 3.

Os seguintes clusters vocálicos são identificados por Osborn (op. cit.): oi, ii, ãi, ãĩ, õi, ãĩ, ãĩ, oa, ia, ãa, ãã, ao, ãõ, ai, ãi, ãĩ, ãĩ.

O acento, de acordo com Osborn (op. cit.), é distintivo e ocorre na última, na penúltima e na antepenúltima sílabas (mais à direita da palavra). Há palavras com acento fixo e palavras que mudam o acento conforme os morfemas com os quais se combinam.

2.14 KAXINAWÁ

Há em Kaxinawá, segundo Kensinger (1963), 15 consoantes que apresentam contrastes entre si, 4 vogais orais e 4 vogais nasais, que também contrastam entre si. Estes fonemas são apresentados nos quadros a seguir:

QUADRO 37 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA AMAWÁKA, ADAPTADO DE KENSINGER (1963)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/ /b/	/t/ /d/				/k/	
Nasal	/m/	/n/					
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa		/s/	/ʃ/		/ʂ/		/h/
Aproximante	/w/			/y/			

QUADRO 38 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KAXINAWÁ, ADAPTADO DE KENSINGER (1963)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/ /ĩ/		/u/ /ũ/
Média			/ʌ/ /ã/
Baixa		/a/ /ã/	

2.14.1 Observações sobre a fonologia da língua Kaxinawá

Todas as observações apresentadas abaixo são baseadas em Kensinger (1963), mas também, sempre que necessário, recorreremos a outros autores. Em alguns casos, as alofonias são apresentadas de forma mais simplificada e recomenda-se a consulta ao autor acima referido para uma ideia mais detalhada da fonologia dessa língua.

/p/ oclusiva bilabial surda

/p/ [mp] /Ṽ_
/ início de oração

/b/ [mb] /Ṽ_
/ início de oração

[β] /V_V (quando não ocorre em núcleo frasal)

/t/ [nt] /Ṽ_
[nt] /_(início de oração)

/d/ [nd] /Ṽ_
/ início de oração
[r] seguindo o núcleo frasal
CV.CVC
[d] ~ [r] n.d.a.

/k/ [ŋk] /Ṽ_início de oração (ver símbolo)
[g] não ocorre contíguo a núcleos frasais
[ɣ] não ocorre contíguo a núcleos frasais

/m/ [mb] /_V

/n/ [nd] /_V

/ʃ/ [y] /_i
 /_u

/y/ tem uma variante lenis seguindo uma sílaba terminada em i.

/a/ vogal anterior baixa não arredondada oral

/a/ [ə] sílabas finais de frase
 [a] n.d.a.

/a/ vogal anterior baixa não arredondada nasal

/ã/ [ã̃] sílabas finais de frase
 [ã] n.d.a.

/i/ vogal anterior alta não arredondada oral

/i/ [iy] /_V

/ĩ/ vogal anterior alta não arredondada nasal

/i/ [ĩy] /_V

/u/ vogal posterior alta arredondada oral

/u/ [o] ~ [u]
 [uw] /_V

Sobre este fonema, Kensinger (1963) nota que, em alguns morfemas, uma das vogais é preferida.

/u/ vogal posterior alta arredondada nasal

/ũ/ [õ̃] ~ [ũ̃]
 [ũw] /_V

/Λ/ vogal posterior média não arredondada oral

/Λ/

[Λʏ] /_V

[Λ] ~ [ʉ]

/Λ̃/ vogal posterior média não arredondada nasal

/Λ̃/ [Λ̃] ~ [ũ]

[Λ̃ʏ] /_V

Segundo Kensinger (1963), o padrão silábico da língua Kaxinawá é (C)V(C), sendo apenas o núcleo obrigatório. Todas as vogais ocorrem como núcleo e todas as consoantes ocorrem em margem esquerda, mas apenas /s/, /ʃ/ e /ʂ/ ocorrem em margem direita. Não há registro das sequências /yi/ /wu/, /ʂi/ e /ʃΛ/. Por fim, as sequências /ai/ e /ãĩ/ podem ser realizadas, respectivamente, como /e/ e /ẽ/ (cf. KENSINGER, 1963).

2.15 MARINÁWA

As poucas informações que temos sobre o sistema fonológico da língua Marináwa são de Shell (1975 [1965]). Abaixo, apresentamos as tabelas com a síntese da análise fonológica proposta por essa autora.

QUADRO 39 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA MARINÁWA, BASEADO EM SHELL (1975)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	
Nasal	/m/	/n/					
Vibrante		/r/					
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa	/ɸ/	/s/	/ʃ/		/ʂ/		/h/
Aproximante	/w/			/y/			

QUADRO 40 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA MARINÁWA, BASEADO EM SHELL (1975)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/ /ĩ/		/u/ /ũ/
Média			/Λ/ /Λ̃/
Baixa		/a/ /ã/	

2.15.1 Observações sobre a fonologia da língua Marináwa.

/ɸ/ fricativa bilabial surda

/ɸ/ [ɸ^w] quando precede [i], [ĩ], [o], [õ]

[ɸ] n.d.a.

Segundo Shell (1975 [1965]), os padrões V e C₁V ocorrem em todas as posições da palavra – inicial, medial e final. No entanto, o padrão C₃C₂V ocorre apenas em posição final ou medial de palavra. A língua possui um padrão CVC, sendo apenas o núcleo obrigatório, como ocorre com as demais línguas da família.

2.16 YAWANAWÁ

A língua Yawanawá possui, de acordo com Paula (2004), 15 fonemas consonantais e 4 fonemas vocálicos (cf. também SOUZA, 2013). Esses fonemas são apresentados a seguir:

QUADRO 41 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA YAWANAWÁ, BASEADO EM PAULA (2004)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	/p/	/t/				/k/	
Nasal	/m/	/n/					
Tepe		/r/					
Africada		/ts/	/tʃ/				
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/		/ʂ/		/h/
Aproximante	/w/ ¹¹⁵			/y/			

QUADRO 42 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA YAWANAWÁ, BASEADO EM PAULA (2004)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/ĩ/	/u/
Baixa		/a/	

¹¹⁵ A autora considera este fonema como “lábio velar”.

2.11.1 Observações sobre a fonologia da língua Yawanawá

As observações sobre variantes alofônicas, estrutura silábica, acento e palavra baseiam-se, principalmente, em Paula (2004), mas consideramos também alguns detalhes observados em Souza (2013).

/n/ nasal alveolar sonora

/n/	[ŋ]	/_k
	[n]	n.d.a.

/β/ fricativa bilabial surda

/β/ [β] ~ [f]

Paula (op. cit.) considera que estes alofones estão em variação livre, mas Souza (op. cit.) considera que esta flutuação ocorre seguindo uma fricativa [s] ou [ʃ]. Nesse caso, o condicionamento seria:

/β/	[f] ~ [β]	/s_
		/ʃ_

Os exemplos que ilustram o processo nos dois autores são os mesmos:

[aʃ.βa] ~ [aʃ.fa]	/aʃ.βa/	‘boca’
[ris.βĩ] ~ [ris.ĩ]	/ris.βĩ/	‘corda’

Os tipos silábicos da língua Yawanawá, conforme Paula (op. cit.), se resumem na seguinte fórmula (C)V(C), de onde se conclui que apenas V é um elemento obrigatório. Os tipos silábicos podem, portanto, ser V, CV, VC e CVC. Todas as consoantes podem ocorrer em margem esquerda de sílaba e todas as vogais podem ocorrer em núcleo. Em margem direita de sílaba, ocorrem apenas fricativas /s/, /j/, /ʃ/, /h/ e a nasal /n/. Apesar de analisar inicialmente os fonemas /w/ e /y/ como consonantais, Paula (op. cit.) considera-os, depois, como variantes das vogais /u/ e /i/, respectivamente, e não como consoantes. Segundo esse autor, a nasal, quando em margem direita de sílaba, se realiza apenas como nasalização da vogal antecedente. Quanto ao acento, Paula (op. cit.) observa que este

ocorre sempre na sílaba mais à direita da palavra, mesmo quando há acréscimo de morfologia.

Já fricativa palatal /j/, em margem direita de sílaba, conforme observação de Souza (op. cit.), precede sílabas iniciadas pelas consoantes /k/, /t/ e /m/, mas não pela consoante oclusiva /p/. A fricativa alveolar /s/ não foi observada antecedendo a nasal alveolar /n/ (SOUZA, op. cit.), mas ocorre em margem direita de sílaba precedendo sílabas iniciadas por /k/, /p/, /t/ e /m/.

Diferentemente de Paula (op. cit.), Souza (op. cit.) analisa as aproximantes /w/ e /y/ como consoantes e não variantes alofônicas das vogais /u/ e /i/. Isto leva a autora (op. cit.) a analisar as aproximantes como segmentos que ocupam as margens das sílabas.

Quanto ao acento, Souza (op. cit.) também apresenta diferenças em relação à análise de Paula (op. cit.). Souza (op. cit., p. 70) analisa a língua Yawanawá como uma língua de “padrão iâmbico de acentuação”. Além disso, a autora apresenta dados divergentes dos de Paula (op. cit.), em que o acento recai na penúltima sílaba (segunda da direita para a esquerda), em palavras trissilábicas morfologicamente complexas. Por essa razão, ela conclui que a língua Yawanawá constrói moras da esquerda para a direita e que a sílaba mais à direita não conta mora para efeitos de acentuação. Dessa forma, em palavras dissilábicas o acento recai na sílaba mais à direita, mas, em palavras trissilábicas, o acento recai na segunda sílaba (da esquerda para a direita). Há outros detalhes sobre o acento, contudo, acreditamos que para este estudo os comentários acima são suficientes.

Por fim, há de se observar que Souza (2013) concorda com Paula (2004) quanto à existência de uma nasal latente em final de palavra, que nasaliza a vogal antecedente, postulando, no entanto, a existência de nasais intrínsecas que ocorrem também no interior da palavra.

2.17 KORÚBO

A fonologia da língua Korúbo foi descrita de forma preliminar por Oliveira (2009). Em estudos posteriores, ele reanalisou não só a possibilidade de haver um fonema /ɕ/ na língua, mas também as distribuições de /o/ e /u/. No entanto, ainda não foi possível definir com clareza o status fonológico do primeiro segmento e a distribuição dos últimos. Dessa forma, a análise aqui apresentada é a de Oliveira (op. cit.), segundo a qual a língua

Korúbo possuiria 14 fonemas consonantais e 6 fonemas vocálicos, como apresentados nos quadros abaixo.

QUADRO 43 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA KORÚBO, SEGUNDO OLIVEIRA (2009)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar
Oclusiva	/p/	/t/			/k/ /k ^w /
Nasal	/m/	/n/			
Africada		/ts/	/tʃ/		
Fricativa	/β/	/s/	/ʃ/		
Fricativa lateral		/ʎ/			
Aproximante	/w/			/y/	

QUADRO 44 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA KORÚBO, SEGUNDO OLIVEIRA (2009)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/i/	/u/
Média	/e/		/o/
Baixa		/a/	

2.17.1 Observações sobre a fonologia da língua Korúbo

/p/ oclusiva bilabial surda

/p/ [p̚] /_#
[p] n.d.a.

O alofone não explodido ocorre apenas em final de palavra no alomorfe do morfema -ʎapa, que também pode ser realizado como -ʎap.

/t/ oclusiva alveolar surda

/t/ [t̚] /_#
[t̚] /(C)V_
[t] n.d.a.

/k/ oclusiva velar surda

/k/ [k] ~ [ʔ] /#_

	/._V
[k]	/_#
	/(C)V_.
[g]	/_VN

A realização sonora só foi encontrada em dois dados em fala rápida.

/k^w/ oclusiva velar surda labializada

/k ^w /	[g ^w]	/N_
[k ^w] ~ [ɣ ^w]	/#_	
	/._V(C)	

/m/ nasal bilabial sonora

Ocorre tanto em margem esquerda quanto em margem direita de sílaba, mas só pode ocorrer nesta última posição se precede uma consoante bilabial.

/n/ nasal alveolar sonora

Ocorre tanto em margem esquerda quanto em margem direita de sílaba, mas pode ser apagada nesta última posição, deixando como sua realização fonética apenas a nasalização da vogal precedente.

/β/ fricativa bilabial sonora

/β/	[β] ~ [ϕ]
-----	-----------

/s/ fricativa alveolar surda

/s/	[s ^h]	/i._
	[s]	n.d.a.

/ʃ/ fricativa palatal surda

/ʃ/	[ʃ]
	[ʒ]

O alofone de maior ocorrência parece ser a realização surda, mas também foram registradas algumas ocorrências da fricativa sonora.

Embora se tenha optado pela análise de alofones de um fonema, pode tratar-se de dois fonemas [ʃ] e [ʒ]. No entanto, ainda estão sendo analisadas as ocorrências de [ʒ], e é possível que [ʒ] seja alofone de ʒ e não de /ʃ/.

/ʎ/ fricativa lateral alveolar surda

/ʎ/ [ʎ] ~ [ɰ] ~ [l] /#_
 [ʎ] ~ [ɰ] /_V_[+anterior]
 [ɰ] ~ [l] ~ [ʎ] ~ [ʎ] ~ [ʎ] ~ [ʎ] ~ [ʎ] n.d.a.

/y/ aproximante palatal sonora

/y/ [ỹ] /_N
 [y] n.d.a.

A variante nasalizada foi observada em apenas um exemplo.

/i/ vogal anterior alta não arredondada oral

/i/ [ĩ] /_N.
 /_N#
 [i] n.d.a.

/i/ vogal central alta não arredondada oral

/i/ [ĩ] /_N.
 /_N#
 [ĩ] ~ [ə] n.d.a.

/u/ vogal posterior alta arredondada oral

/u/ [ũ] /_N.
 /_N#
 [u] ~ [u] n.d.a.

/e/ vogal anterior média não arredondada oral

/e/ [ẽ] /_N.
 /_N#
 [e] n.d.a.

/o/ vogal posterior média arredondada oral

/o/ [õ] /_N.
 /_N#
 [o] ~ [ɔ] n.d.a.

Os valores fonéticos dos alofones de /o/ ainda devem ser mais bem estudados, uma vez que, após o estudo de 2009, foi constatado que a vogal posterior alta parece ter um escopo maior de realização do que o inicialmente estipulado, e a posterior média parece ser sempre associada a uma realização mais aberta.

/a/ vogal central baixa não arredondada oral

/a/ [ẽ] /_N.
 /_N#
 [a] n.d.a.

Como se pode observar acima, a consoante nasal pode ser apagada, mas deixa como vestígio a nasalização da vogal, o que está descrito em Oliveira (2009). Além desse processo, também é importante observar a lenização do fonema oclusivo alveolar /t/, que muda para /t̪/, quando em fronteira de morfema diante de vogal (cf. OLIVEIRA, 2009).

Quanto ao padrão silábico da língua, Oliveira (op. cit.) observa que a sílaba mínima é constituída de apenas V, mas também são observados os padrões CV, VC e CVC, o que levou a estabelecer (C)V(C) como sílaba canônica do Korúbo (OLIVEIRA, op. cit.). Ademais do que foi descrito no trabalho já citado, observamos que todas as consoantes ocorrem em margem esquerda de sílaba, mas que apenas as fricativas /s/ e /ʃ/, as nasais /m/ e /n/ e as oclusivas /p/, /t/ e /k/ ocorrem em margem direita de sílaba. As fricativas, por sua vez, ocorrem em margem direita de sílaba tanto internamente quanto em final de palavra. Já a nasal bilabial /m/ ocorre em margem direita de sílaba, apenas no interior da palavra, e a nasal alveolar /n/ ocorre nessa posição no interior e no final de palavras. Com relação às oclusivas /t/ e /k/, elas ocorrem em margem direita no interior e no final de palavra, mas a oclusiva bilabial /p/ foi observada em margem direita, apenas em final de palavra, ocorrendo em apenas um morfema, quando da queda da vogal final do morfema *-lapa*, realizado foneticamente como *-lap*. Por fim, ao tratar do acento, conclui que até o presente só foi possível estabelecer que a língua possui como correlato fonético de acento a intensidade e que este costuma cair na sílaba mais à direita da palavra, logo,

ainda são necessários mais estudos para determinar outros padrões acentuais e também para estabelecer as questões prosódicas dessa língua.

2.18 MATÍS

A fonologia da língua Matís foi descrita por Spanghero-Ferreira (2000) e Ferreira (2001, 2005). Notamos que há pequenos detalhes que diferenciam os trabalhos de Spanghero-Ferreira (2000) e Ferreira (2001) do de Ferreira (2005). Os quadros e as observações aqui apresentados são baseados na análise deste último autor. Segundo Ferreira (2005), a língua Matís possui 15 fonemas consonantais e 6 fonemas vocálicos.

QUADRO 45 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA MATÍS, SEGUNDO FERREIRA (2005)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar
Oclusiva	/p/ /b/	/t/ /d/				/k/
Nasal	/m/	/n/				
Africada		/ts/	/tʃ/		/tʂ/	
Fricativa		/s/	/ʃ/		/ʂ/	
Aproximante	/w/			/y/		

QUADRO 46 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA MATÍS, SEGUNDO FERREIRA (2005)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/i/	/u/
Média	/e/		/o/
Baixa		/a/	

2.18.1 Observações sobre a fonologia da língua Matís

As observações aqui apresentadas baseiam-se, principalmente, em Ferreira (2005), no entanto, também foram levadas em consideração algumas observações de Spanghero-Ferreira (2000), que não constam no trabalho de Ferreira (op. cit.).

/p/ oclusiva bilabial surda

/p/ [p̚] /_#
[p] n.d.a.

O alofone não explodido ocorre apenas quando há redução do morfema enfático -dapa [-dapa ~ tapa ~ dap̃ ~ tap̃], ocorrendo a queda da vogal /a/.

/b/ oclusiva bilabial sonora

/b/	[β]	V_V
	[b]	n.d.a.

Apesar de Ferreira (2005) apresentar o condicionamento acima para a ocorrência da fricativa bilabial [β], ele também apresenta um exemplo em que [β] ocorre depois de uma consoante fricativa, como em [iʃβun] ‘palha’. É possível, portanto, que o alofone fricativo bilabial tenha uma distribuição mais ampla.

/d/ oclusiva alveolar sonora

/d/	[r]	/V_V
	[d̃]	/V_.C
	[t̃]	/V_#
	[t]	/s+_
		/ʃ+_
	/ʃ+_	/k+_
		/d+_
	[d]	n.d.a.

A oclusiva alveolar em final de palavra, que se realiza foneticamente como [t], muda-se para [r], quando se acrescenta morfologia iniciada por vogal à palavra, mas, quando o morfema é iniciado por [t], a consoante mantém sua qualidade.

/k/ oclusiva velar surda

/k/	[k̃]	/V_.C
	[g]	/n_
	[ŋ]	/_N
	[k]	n.d.a.

/m/ nasal bilabial sonora

/ʃ/	[∅]	/s_
		/ʃ_

/e/ vogal anterior média fechada não arredondada oral

/e/	[ɛ]	/_s
		/_ʃ
	[e]	n.d.a.

/o/ vogal posterior média fechada não arredondada oral

/o/	[o]
	[ɔ]

A realização de [o] ou [ɔ], segundo Ferreira (2005), depende da estrutura da sílaba mais à direita da palavra. Se esta sílaba é fechada, a vogal se realizará como [o] em toda a palavra, se houver. No caso da sílaba à direita ser aberta, a vogal se realizará como [ɔ], tanto nessa sílaba, como no restante da palavra, se houver.

/a/ vogal central baixa fechada não arredondada oral

Todas as vogais, segundo Spanghero-Ferreira (2000), podem ocorrer nasalizadas quando há uma consoante nasal na margem direita da sílaba onde ocorrem.

Quanto à estrutura silábica, Ferreira (2005) estabelece os seguintes tipos silábicos para a língua Matís V, CV, CVV, CVC e CVVC. Notamos que os padrões estabelecidos para a língua Matís diferem dos da maioria das línguas vistas até agora. Em parte, este padrão se deve à análise das aproximantes como realizações fonéticas das vogais /u/ e /i/. Por outro lado, Ferreira (2005) analisa como ditongos, sequências que nos parecem heterossilábicas.¹¹⁶ Todas as consoantes ocorrem em margem esquerda de sílaba, mas apenas as consoantes /p/, /d/, /k/, /s/, /ʃ/, /ʒ/ e /n/ ocorrem em margem direita de sílaba. Das consoantes que ocorrem em margem direita de sílaba, apenas a oclusiva bilabial não ocorre no interior e no final de palavra; todas as demais ocorrem em ambas as posições. Como já observado anteriormente, assim como em Korúbo, a oclusiva bilabial ocorre em apenas um morfema.

Finalmente, observamos que, de acordo com Ferreira (2005), quando o acento de intensidade recai sobre a sílaba mais à direita da palavra, a vogal da sílaba imediatamente à esquerda da sílaba em que o acento recai também se alonga.

¹¹⁶ A nossa observação de que algumas sequências analisadas como tautossilábicas por Ferreira (2005) poderiam ser, de fato, heterossilábicas, baseia-se no conhecimento adquirido sobre a língua durante 4 anos de convivência com falantes da língua Matís.

2.19 MAYORÚNA¹¹⁷

QUADRO 47 – SISTEMA CONSONANTAL DA LÍNGUA MAYORÚNA, SEGUNDO FLECK (2003)

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Retroflexa	Velar
Oclusiva	/p/ /b/	/t/ /d/				/k/
Nasal	/m/	/n/				
Africada		/ts/	/tʃ/		/tʂ/	
Fricativa		/s/	/ʃ/		/ʂ/	
Aproximante	/w/			/y/		

QUADRO 48 – SISTEMA VOCÁLICO DA LÍNGUA MATÍS, SEGUNDO FLECK (2003)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/	/ɨ/	/u/
Média	/e/		/o/
Baixa		/a/	

/d/ oclusiva alveolar sonora

/d/ [r] /V_V

[dʰ] /_.,#

[s] /_s

[ʃ] /_ʃ

[ʂ] /_ʂ

[t] /s+_

/ʃ+_

/ʂ+_

/k+_

/d+_

[d] n.d.a.

¹¹⁷ A língua Mayorúna é também conhecida, principalmente do lado peruano, como Matsés. Este nome é muito utilizado para referir-se apenas aos Mayorúna, mas é também a autodenominação do povo Matís.

Fleck (2003) observa que o alofone [r], que ocorre intervocalicamente, realiza-se foneticamente como um flepe retroflexo, e que o alofone [d] é mais posterior do que o fonema /d/ do inglês.

/k/ oclusiva velar surda

/k/	[ʔ]	/_#, .
	[k]	n.d.a.

/m/ nasal bilabial sonora

/n/	[m]	/_.p
	[ŋ]	/_.k
	[n]	n.d.a.

/ts/ africada alveolar surda

/ts/	[s] ~ [ts]	/#_
------	------------	-----

Esta variação, segundo Fleck (op. cit.), é sociolinguística, mas apenas em algumas poucas palavras.

/ʃ/ fricativa palatal surda

/ʃ/	[s]	/_s
	[ʃ]	n.d.a.

/ʂ/ fricativa retroflexa surda

/ʂ/	[s]	/_+s
		/s_
		/_tʃ
	[ʃ]	/_+ʃ
	[ʂ]	n.d.a.

/e/ vogal anterior média oral

/e/	[e]	/_k.
		/_#
		/_d.
		/_#

[y]	/_+a
	/_+o
	/a+_
[e]	n.d.a.

A forma como apresentamos os alofones do fonema /e/ é uma simplificação do que está apresentado em Fleck (2003), uma vez que o autor estabelece um contínuo de realizações de mais abertas a mais fechadas, conforme a sílaba seja aberta ou fechada, ou conforme a qualidade da consoante que ocorra na margem direita da sílaba seguinte.

/ɣ/ vogal posterior média não arredondada oral

/ɣ/	[w] ~ [ɣ]	/_a
		/_e
		/a_

/a/ vogal central baixa oral

Uma sequência de vogais idênticas, de acordo com Fleck (2003), é reduzida a apenas uma vogal, o que ele sistematizou na seguinte fórmula: $V_i + V_i \Rightarrow V_i$. Ainda segundo o mesmo autor, há redução de algumas sequências vocálicas não homorgânicas, dentre as quais uma das mais comuns é [ai] \Rightarrow [ɛ]. Em sequências trissilábicas, o autor estabelece as seguintes regras, que levam à redução de vogais, mas que são opcionais:

/iai/	[jaɨ] ~ [je]	/aie/	[aie] ~ [aj]
/uai/	[waɨ] ~ [we]	/ioe/	[joe] ~ [je]

Há também sequências tetrassilábicas, mas não entraremos em detalhes sobre a redução ou a queda de vogais nesse contexto.

O correlato do acento em Mayorúna, segundo Fleck (op. cit.), são o alongamento e o *pitch*. Esse autor faz uma diferenciação entre acento no âmbito da palavra e em outros ambientes. Na palavra, há dois padrões rítmicos de acento, acentuação em sílabas pares e acentuação em sílabas ímpares, contando-se da esquerda para a direita. O padrão predominante, nesse contexto, é o de sílabas pares acentuadas. Contudo, o acréscimo de morfologia a raízes pode gerar mudança no padrão acentual, segundo Fleck

(op. cit.), e há também algumas formas que fogem aos padrões mais gerais da língua, mas não nos deteremos a esses detalhes aqui.

Quanto ao padrão silábico da língua Mayorúna, Fleck (op. cit.) divide os tipos silábicos dessa língua em dois conjuntos: o primeiro não considera a ocorrência de glides em margens de sílabas e o segundo considera glides nessas posições. Limitando-se apenas os tipos silábicos sem considerar-se a ocorrência de glides, o autor chega aos seguintes tipos: V, CV, VC, CVC, CVV, CVVC e CVVVC. Todavia, ao considerar a ocorrência de glides em margens de sílabas como vogais, o autor chega aos seguintes tipos silábicos: VV, CVV, VVC, CVVC e CVVVC. Fleck (op. cit.) apresenta longa discussão e argumentos contra e a favor da análise dos glides como vogais e acaba optando por esta análise, por considerá-la mais econômica e também por não haver processos fonológicos que o levem a considerar glides como consoantes. Dessa forma, a sílaba mínima em Matsés é V e os tipos silábicos são V, CV, VC, CVC, CVV, VVC, CVVC e CVVVC.

A análise da fonologia da língua Mayorúna apresentada em Fleck (op. cit.) é bastante rica, detalhada e extensa, de forma que não é possível neste resumo incorporar todos os detalhes apresentados. Apresentamos, nesta seção, os aspectos que nos parecem de interesse para o trabalho, mas assim como nos demais casos, recomendamos a leitura do trabalho do autor, para maiores detalhes.

2.20 OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE A FONOLOGIA DAS LÍNGUAS PÁNO

Após a apresentação da fonologia das 19 línguas comparadas, observamos que há alguns pontos de interesse que merecem especial atenção. Alguns desses aspectos serão alvo de análise detalhada em seções posteriores, no entanto, discutimos brevemente aqui cada um deles.

2.20.1 Vogais nasais X consoante nasal subjacente

Em, praticamente, todas as línguas que foram estudadas neste capítulo, as vogais nasais são analisadas como vogais nasalizadas e postula-se uma consoante nasal em margem direita de sílaba. Em algumas análises, um dos argumentos em favor da consoante nasal em margem direita de sílaba é a realização de uma consoante nasal que se ressilabifica, quando há acréscimo de morfemas iniciados por vogal a raízes terminadas por vogal nasal.

Do ponto de vista comparativo, é fácil perceber que a consoante nasal ainda se realiza como consoante em margem direita de sílaba em Korúbo, Matís e Matsés, e que estas três línguas possuem um número maior de consoantes em margem direita de sílabas do que as demais línguas. Esta questão pode, portanto, estar relacionada com o padrão silábico da protolíngua e com seus reflexos nas línguas atuais. Discutiremos esta questão no capítulo 3, em que revisaremos a reconstrução de fonemas da protolíngua, e também no capítulo 4, em que revisaremos, especificamente, o que Shell (1975 [1965]) considerou como nomes trissilábicos em Páno Reconstruído.

2.20.2 Fricativas

Como pudemos observar, há casos em que a fricativa retroflexa /ʂ/ e a fricativa palatal /j/ são consideradas como um mesmo fonema (e.g. Shanenawá, Sharanawá, Korúbo). Por outro lado, há casos, como a língua Marúbo, em que alguns autores descrevem dois fonemas /j/ e /ʂ/, mas outros descrevem um fonema. Nesses casos, acreditamos que ainda seja necessário realizar mais estudos para determinar o *status* fonológico desses segmentos. Por fim, há também línguas como Chákobo e Shípibo, em que há exemplos claros que comprovam que se tratam de 2 fonemas.

2.20.3 Africadas

A consoante africada retroflexa /tʂ/ foi descrita apenas para Mayorúna, Matís e Kaxararí. Para a língua Mayorúna, Fleck (2003) apresenta exemplos de contraste em ambiente idêntico como [tʂukú] ‘wet’ e [tʂukú] ‘muscle’, que comprovam a análise. Para o Matís, Ferreira (2005) também apresenta pares mínimos como [tʂan.pi] ‘gafanhoto’ : [tʂan.pi] ‘mulher, menina, filha’. No caso do Kaxararí, nem todas as fontes distinguem sistematicamente a africada alveopalatal [tʃ] da africada retroflexa [tʂ].

2.20.4 Oclusivas velares labializadas

Das línguas comparadas, apenas Kashíbo, Kaxararí e Korúbo foram descritas com uma consoante oclusiva velar labializada *kw*. Notamos, entretanto, que há línguas como Matís e Mayorúna que possuem oclusivas velares labializadas do ponto de vista fonético, mas os pesquisadores que investigaram essas línguas as fonemizaram como uma sequência de consoante mais vogal: *ku*. É possível que tenha ocorrido, na maioria das

línguas, uma reanálise da sequência *kw* como *ko*, mas acreditamos que seja de interesse mais pesquisas sobre essas sequências nas diversas línguas da família.

2.20.5 Sistema vocálico

A maioria das línguas da família apresenta um sistema de apenas 4 vogais /i/, /a/, /ɨ/, /u/, com exceção de Kashíbo, Korúbo, Matís e Mayorúna, sendo as três últimas pertencentes a um mesmo subgrupo. No capítulo seguinte, veremos também que as vogais médias /e/ e /o/, que ocorrem em Kashíbo, em sua maioria, não são correspondentes às vogais médias /e/ e /o/ de Matís, Korúbo e Mayorúna.

A vogal central alta /ɨ/ ocorre na maioria das línguas (Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Marúbo, Chákobo, Kaxararí, Chanináwa, Shanenawá, Katukína, Poyanáwa, Yamináwa), no entanto, nos dados de Shell (1975 [1965]), ela apresenta a fonemização de uma vogal posterior alta não arredonda /u/. Notamos que ainda para línguas como Kashíbo, Kapanáwa e Shípibo-Kónibo, que possuem descrições com a vogal central alta /ɨ/, Shell (op. cit.) opta por uma fonemização /u/. Nas análises que apreciamos, apenas Yamináwa, Sharanáwa e Amawáka possuem um fonema /u/, mas notamos que Yamináwa possui um alofone [ɨ] para este fonema. No caso das línguas Kaxinawá e Marináwa, a vogal é descrita como uma vogal posterior média não arredonda /ʌ/. Optamos por apresentar a fonemização dos dados no Apêndice e nas correspondências do capítulo 3, sempre com a vogal central alta /ɨ/.

3. CORRESPONDÊNCIAS

3.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentamos uma revisão da reconstrução fonológica do Protopáno, proposta por Shell (1975 [1965]), assim como a revisão das formas fonológicas dos itens lexicais por ela reconstruídas.¹¹⁸ A pertinência da revisão fundamenta-se na necessidade de inclusão de línguas Páno não consideradas no estudo de Shell (op. cit.), as quais revelam novas possibilidades de análise da natureza sonora de alguns dos sons reconstruídos, de reconstrução de fonemas adicionais e de conhecimento de estruturas silábicas comuns às línguas da família.

Como já ressaltamos na introdução desta tese, Shell (op. cit.) considerou como base de sua reconstrução apenas sete das 21 línguas que incluiu em seu estudo – Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kashinawá e Marináwa. Na nossa reconstrução, consideramos, além dessas 7 línguas, 5 outras línguas incluídas no estudo de Shell (op. cit.) – Marúbo, Yawanawá, Poyanáwa, Yamináwa e Mayorúna –, e outras 7 novas línguas – Katukína, Shanenawá, Kaxararí, Chanináwa, Sharanáwa, Korúbo e Matís. Desconsideramos Arazaire (Arasa), Atsawáka, Karipuna, Kulina (Kurino, Kulina), Pakaguára, Pano, Remo, Tutchináwa e Yamiaka, em decorrência da limitação de seus respectivos dados, os quais consistem apenas em pequenas listas de palavras. Ademais do trabalho de Shell (op. cit.), consideramos ainda as observações feitas por Girard (1971) e Soto (1990), em suas respectivas revisões do Protopáno.

Nas próximas seções, apresentamos a reconstrução das consoantes do Protopáno, acompanhada de comentários sobre a natureza de cada uma delas e sobre sua distribuição. A apresentação dos dados encontra-se assim organizada: descrição do som reconstruído; apresentação do ambiente em que ocorrem; correspondências através das línguas; exemplos demonstrando as correspondências e reconstrução fonológica dos itens lexicais; e números dos exemplos demonstrativos adicionais, reunidos nos anexos da presente tese.

Como o Kaxararí é importante para a reconstrução das protoformas *n e *r, pois apresenta l quando as outras línguas têm n, na ausência de dados dessa língua,

¹¹⁸ Não foi possível revisar todas as formas propostas por Shell (op. cit.), muito embora tenhamos mantido todas no Apêndice. Em alguns casos, trata-se de formas morfológicas que acreditamos necessitar de mais estudos.

utilizamos *[n] quando as outras línguas têm n ou Ñ. Utilizamos o símbolo *C_c para representar uma consoante coronal em margem direita de sílaba, quando os reflexos das línguas não nos permitiram precisar a natureza sonora exata do protofonema, mesmo havendo evidências de que havia uma consoante coronal em final de palavra. Utilizamos *C sempre que há acento na sílaba mais à direita em Kashíbo, Shípiibo-Kónibo e Kapanáwa, mas não há evidências da existência de consoante em final de palavra nas demais línguas, pois o acento mais à direita, nessas três línguas, é um reflexo de uma consoante em final de palavra na protolíngua, como se verá adiante.

É importante ressaltar que, para cada item lexical reconstruído, propomos uma glosa em função dos significados compartilhados pela maioria das línguas, as quais representam sub-ramos distintos. Em vários casos, foi possível segmentar as palavras e realçar o morfema cujo significado foi considerado na reconstrução léxico-semântica de cada protoforma. Os dados mostram com clareza os casos de especialização que o significado de uma palavra desenvolveu ao longo da história de uma língua específica ou ao longo da história de um grupo específico de línguas. Um exemplo disso é a etimologia 86:

86. *βítim ‘sopa, caldo’ : Ksh βítĩ ‘cocinar carne en agua’ : SK βítĩ ‘guiso de pescado’ : Kp βítin ‘sopa’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch βítĩmĩ ‘alimento’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φítin ‘sopa’ : Shan -- : Kat (yuntu ‘sopa de peixe’) : Poy -- : A wítĩ II ‘bebida hecha de maíz dulce’ : Kn bíĩ ‘sopa que contiene carne’ : M φítĩ ‘sopa que contiene carne’ : Yaw -- : Ko βítin ‘sopa, caldo, mingau’ : Mt bitin ‘sopa’ : My --.

Os dados também evidenciam casos de extensão semântica, como a etimologia 337, em que se reconstrói o significado comida, mas que, em Chanináwa e Sharanáwa, o significado também se estendeu para dente:

337. *piti ‘comida (coisa de comer)’ : Ksh piti : SK piti ‘alimento de carne’ : Kp piti : Mar piti [pĩĩ] ‘comida’ : Ch pití ‘alimento de animales’ : Kax -- : Yam pitifo ‘comida’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan piti ‘diente’ : Shar piti, pitin ‘diente, comida’ : Shan piti : Kat piti : Poy -- : A piti (también hiriti II) ‘alimento’ : Kn piti : M pití ‘maíz, diente, bebida’ : Yaw piti : Ko -- : Mt pete ‘comida’ : My pete ‘comida’.

Em casos de significados divergentes, mantivemos para cada língua o seu próprio significado, mas, quando os significados correspondem, a glosa compartilhada é expressa ao lado da forma reconstruída:¹¹⁹

3.2 CONSOANTES

Nesta seção, apresentamos as correspondências sonoras que fundamentam a reconstrução de 19 consoantes para o Protopáno. Em cada caso, buscamos demonstrar o ambiente de ocorrência dos sons em destaque e, em caso de mudanças divergentes, buscamos, sempre que possível, fundamentar as suas respectivas motivações.

3.2.1 Oclusivas

Shell (1975 [1965]) reconstruiu 4 consoantes oclusivas para o Protopáno. Propomos uma revisão dessa análise, de forma que: 1) algumas ocorrências de *k* que, segundo Shell (op. cit.) seriam reflexos de **k*, em nossa análise seriam diferentemente reflexos de um Protopáno **kw*, como mostram os dados das línguas Kashíbo, Mayorúna, Matís e Korúbo; 2) propomos também uma nova análise do ambiente de ocorrência das oclusivas **t* e **k*.

3.2.1.1 **p* oclusiva bilabial surda

A consoante oclusiva bilabial surda **p* tem *p* como reflexo em todas as línguas estudadas. Ocorre em margem esquerda de sílaba inicial, medial e final de palavra. Shell (op. cit.) postula uma queda de sílaba envolvendo **p* em palavras trissilábicas, entretanto, a sílaba postulada pela autora não nos parece reconstruível, pelo menos como parte da raiz, o que deverá ser discutido no capítulo 4. Em seguida, apresentamos as correspondências sonoras envolvendo os reflexos de **p*, segundo seu ambiente de ocorrência.

/ #_

Ksh *p* : SK *p* : Kp *p* : Mar *p* : Ch *p* : Kax *p* : Yam *p* : Chan *p* : Shar *p* : Shan *p* : Kat
p : Poy *p* : A *p* : Kn *p* : M *p* : Yaw *p* : Ko *p* : Mt *p* : My *p*.

326. **pi-* ‘comer’ : Ksh *pi-* ‘comer’ : SK *pi-* : Kp *pi-* : Mar **pia** [‘pĩă] (COSTA, 1992), : Ch *pi-* ‘comer’ : Kax *pi-* (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *pi-kĩ* ‘comer’ : Chan *pii, pi-* : Shar *pii, pia* ‘comer’ : Shan *pi* : Kat *pi-* :

¹¹⁹ O professor Terrence Kaufman sugeriu, durante a defesa desta tese, que todos os dados utilizados nas etimologias tivessem os seus respectivos significados expressos. Acatamos essa sugestão e pretendemos glosar todos os itens na versão desta tese que submeteremos a publicação.

Poy pi, pĩ : A pi- I ‘comer o morder carne’ : Kn pi- ‘comer’ : M pí- ‘comer, morder’ : Yaw pi : Ko pe : Mt pe : My pe.

Outros exemplos: 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348.

/V._V

Ksh p : SK p : Kp p : Mar p : Ch p : Kax p : Yam p : Chan p : Shar p : Shan p : Kat p : Poy p : A p : Kn p : M p : Yaw p : Ko p : Mt p : My p.

23. *?ipo ‘esp. de peixe (provavelmente bodó)’ : Ksh ?ipo : SK ?ipo : Kp ?ipo : Mar ipo ‘bodó’ (CESARINO, 2008) : Ch ipo ‘carancho’ (ZINGG, 1998) : Kax ipu ‘peixe cascudo’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar ipo, ipon ‘carachama (esp. de pez)’ : Shan -- : Kat ipu ‘bodó’ : Poy -- : A ?ipó ‘carachama (especie de pez)’ ipó I : Kn ipu : M ipo ‘clase de pez’ : Yaw -- : Ko ipu ‘peixe’ : Mt ipu ‘bodó’ : My --.

170. *kapa ‘quatipuru’ : Ksh kapa : SK kapa : Kp kapa : Mar kapa ‘quatipuru’ (CESARINO, 2008) : Ch kapa : Kax ka’pa [ka’pa] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar kapa, kapan ‘ardilla roja’ : Shan -- : Kat kapa : Poy -- : A kapá I : Kn kapa : M kapa : Yaw kapa ‘quatipuru’ : Ko -- : Mt kapa ‘quati puru’ : My kapa [ka’pa].

171. *kapit ‘jacaré’ : Ksh kapí : SK kapí : Kp kapí : Mar ka’pi (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ‘kapiti, ‘kapí ‘caimán, lagarto’ (ZINGG, 1998), kápiti : Kax kapí’ti : Yam kapí, kapita ‘lagarto’ (EAKEN, 2008) : Chan kapí ‘lagarto’ : Shar kapí, kapitan ‘lagarto, caimán’ : Shan kapí : Kat ka’pi : Poy kapí : A kapíi I (kápíi (HYDE, 1980)) : Kn kapí : M kápĩ : Yaw kapí : Ko -- : Mt kapid ‘jacaré’ : My --.

Outros exemplos: 37, 79, 107, 121, 122, 128, 135, 198, 219, 220, 221, 261, 315, 365, 390, 399, 431, 432, 443, 444, 453, 487, 496.

/C._V

Ksh p : SK p : Kp p : Mar p : Ch p : Kax p : Yam p : Chan p : Shar p : Shan p : Kat p : Poy p : A p : Kn p : M p : Yaw p : Ko p : Mt p : My p.

32. *ho?poş ‘esp. de carrapato’ : Ksh ?upús (SHELL, 1987), ?opós : SK hopóş, hopoşin : Kp ?o?pós ‘isango’ : Mar -- : Ch ho’piş, jo’pişi (ZINGG, 1998)

hopíʃi ‘nigua’ : Kax -- : Yam ipoʃ : Chan -- : Shar iposi : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hónpox, hónpoxón ‘isango’ (HYDE, 1980), hōpox I : Kn hūpuʃ : M ípoʃi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My oʃpos ‘garrapatilla’.

437. *taʔpas ‘tapiri, casa temporária’ : Ksh -- : SK tapás ‘anaquel colgante’ : Kp taʔpás : Mar -- : Ch tapása : Kax -- : Yam -- : Chan tapas ‘tambo (sobre la playa)’ : Shar tapasi, tapasin ‘tambo, albergue, refugio temporal’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tapas I ‘casa, techo’ : Kn tapas ‘vivienda’ : M tápasi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
465. *toʃpi ‘verruca’ : Ksh toʃpi : SK toʃpi : Kp -- : Mar -- : Ch toʃpi : Kax -- : Yam toʃpi ‘bolita, verruca’ : Chan -- : Shar toʃpi, toʃpin ‘verruca’ : Shan (tuʃpi ‘garganta’) : Kat -- : Poy -- : A toxpi I : Kn tuʃpi : M toʃpi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My toʃpi ‘verruca’.

3.2.1.2 *t oclusiva alveolar surda

A reconstrução do fonema *t se fundamenta nos reflexos regulares *t*, em todas as línguas comparadas. O Protopáno *t teria ocorrido em margem esquerda de sílaba inicial, medial e final de palavra, e no meio de palavra, seguindo vogal oral e nasal.

/ #_

Ksh t : SK t : Kp t : Mar t : Ch t : Kax t : Yam t : Chan t : Shar t : Shan t : Kat t : Poy t : A t : Kn t : M t : Yaw t : Ko t : Mt t : My t.

436. *taʔi ‘pé’ : Ksh tai (tai napaʃ ‘planta del pie’, ver Cul abajo) : SK tai : Kp taʔi : Mar tai (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch taʔi : Kax [taʔi] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam tai, taĩ (EAKEN, 2008) : Chan tai : Shar tai, tain : Shan tai ‘pé, perna, garra’ : Kat tai : Poy tay : A taʔi II : Kn tai : M tái : Yaw tai : Ko tai ‘pé’ : Mt tai ‘pé’ : My tai pie.

Outros exemplos: 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465.

/ V_V

Ksh t : SK t : Kp t : Mar t : Ch t : Kax t : Yam t : Chan t : Shar t : Shan t : Kat t : Poy t : A t : Kn t : M t : Yaw t : Ko t : Mt t : My t.

66. *βata ‘doce’ : Ksh βata : SK βata : Kp βata : Mar vata ‘doce’ : Ch βata ‘dulce’ : Kax /bata/ [β^waʔa] ~ [βata] ‘doce’ (COUTO, 2005) : Yam φata

‘dulce’ : Chan **ϕatapa** ‘dulce’ : Shar ϕata ‘dulce’ : Shan -- : Kat βata : Poy -- : A watá I : Kn bata : M ϕata : Yaw βata : Ko βata ‘doce’ : Mt βata ‘sabor (doce e salgado)’ : My ba’ta ‘dulce’.

346. *pota- ‘jogar, abandonar’ : Ksh po- : SK pota- : Kp pota- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam pota-kĩ ‘botar, abandonar’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar potai, potaa ‘botar, echar’ : Shan **putakin** : Kat -- : Poy puta ‘jogar’ : A pota-II : Kn puta- : M pótá : Yaw puta ‘jogar’ : Ko -- : Mt -- : My --.

Outros exemplos: 41, 52, 53, 66, 67, 86, 210, 244, 248, 264, 272, 337, 346, 347, 395, 401, 414, 416, 456, 457.

/Ń._

Ksh t : SK t : Kp t : Mar t : Ch t : Yam t : Chan t : Shar t : Shan t : kat t : A t : Kn t : M t : Yaw t : Ko t : Mt t : My t.

294. *[n]ōti ‘canoa’ : Ksh nōti : SK nōti : Kp nonti : Mar -- : Ch notí : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat nunti : Poy -- : Kn -- : A nōti I : M noti : Yaw -- : Ko nunte ‘canoa’ : Mt nunte ‘canoa’ : My nunte ‘canoa grande usada para hacer canoas provisionales, canoa provisional’.
301. *hoi[n]ti ‘coração’ : Ksh -- : SK hōiti : Kp hoínti : Mar ‘winti (ANNOBI; HOLBROK, 2010) : Ch hoití : Kax -- : Yam oĩti, oĩtini : Chan ointi : Shar ointi, ointinin : Shan uinti : Kat winti : Poy -- : A hōwĩti II : Kn hũiti : M õiti : Yaw ũiti : Ko winte ‘coração’ : Mt winte ‘coração’ : My uinte [win'te].

Outros exemplos: 182, 434, 497.

/s._

Ksh t : SK t : Kp t : Mar t : Ch t : Kax t : Yam t : Shar t : Shan t : kat t : A t : Kn t : M t : Yaw t : My t.

81. *βisti- ‘cortar’ : Ksh βistí : SK βistí : Kp **βisti**-kin ‘cortar el pelo en forma de flequillo’ : Mar -- : Ch βistiki- ‘cortar el pelo por la frente’ : Kax busti-atu ‘cortou’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam miṣti ‘cortar la mano’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar ϕistii, ϕistia ‘cortar el cerquillo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wistii- : Kn bisti- : M ϕisti- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My biṣte ‘cortar el racimo de una palmera’.

480. *wísti ‘um (numeral)’ : Ksh -- : SK wístora : Kp wístí ‘uno’ : Mar wístisi [wístisiʔ] ‘um’ (BOUTLE, 1964) : Ch wísti, wístita ‘solo, uno’ (ZINGG, 1998), wístita : Kax wíspi ‘um’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan ϕ ísti : Shar ϕ ísti ‘uno’ : Shan wísti ‘um’ : Kat wísti ‘um’ : Poy -- : A -stii : Kn bísti ‘solamente’, bístitja : M ϕ ísti : Yaw uísti ‘um’ : Ko -- : Mt -- : My --.

/ʃ._

Ksh t : SK t : Kp t : Shar t : Shan t : A t : Kn t.

1. *kíʃto[C] ‘grosso, espesso’ : Ksh kíʃtó : SK kíʃtó : Kp kíʃtó : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kíʃto ‘doble, grueso’ : Shan kíʃtu ‘grosso’ : Kat -- : Poy -- : A kístoo ‘duro (olla, plátanos), grueso (tela), pesado (madera)’ (HYDE, 1980) : Kn kíʃtu : M kíʃtó : Yaw -- : Ko -- : Mt-- : My --.

Apenas na língua Kapanáwa, os reflexos de *t ocorrem também seguindo a consoante oclusiva glotal ʔ.

/ʔ_

Ksh t : SK t : Kp t : Mar t Ch : t : Kax t : Yam t : Chan t : Shar t : Shan t : Kat t : A t : Kn t : M t : Yaw t : My t.

351. *raʔti- ‘ter medo, assustar-se’ : Ksh rato- : SK rati- : Kp raʔti- : Mar -- : Ch rati- : Kax (tʃakitaya [tʃakitajə] ‘ter medo’ (Lanes, 2005)) : Yam rati ‘temer’ : Chan rati- : Shar rati, ratiə ‘temer, tener miedo, asustarse’ : Shan -- : Kat raki-ti : Poy -- : A rati- I : Kn dati- : M ráti- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My dakto ‘asustar (por jaguar [tigre], víbora, trueno, alguien haciendo una broma pesada, etc.)’.
360. *riʔti- ‘matar’ : Ksh ri- ‘derribar, echar por tierra, matar’ : SK riti- : Kp riʔti- ‘matar’ : Mar riti ‘matar’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam riti ‘matar, cazar’ : Chan riti- : Shar riti, ritiə ‘matar’ : Shan riti ‘matar’ : Kat rutu- ‘matar’ : A riti- II : Kn diti- : M ríti- ‘matar’ : Yaw riti ‘matar’ : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Outros exemplos: 393, 481.

No dado 27, os reflexos em Kaxinawá, Marináwa, Shanenáwa, Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa são *tf*, e em 250 o reflexo de Katukína é *tf* e o de Mayorúna é *ts*. Esses reflexos podem ter resultado da palatalização de *s* precedido de *i* e seguido de *t*. *i . t > i/ft*, e, em algumas línguas, a sequência *f.t* teria mudado para *.tf*. Em Mayorúna, posteriormente, *tf* teria mudado pra *ts*.

/is._

Ksh t : SK t : Kp t : Yam tf : Chan tf : Shar tf : Shan tf.

27. *ʔisto- ‘correr’ : Ksh ʔistó ‘rapidamente’ : SK ʔifto- ‘rápido, veloz’ : Kp ʔifto- ‘correr, apurarse, irse apurado’ (LOOS; LOOS, 1998) ʔisto- ‘correr’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam itfo- ‘correr’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan itfoi : Shar itfoi, itfoa ‘huir, correr’ : Shan itfu ‘correr’ : Kat -- : A -- : Poy -- : Kn iftju ‘saltar’ : M itfo- ‘correr’ : Yaw itfu- : Ko -- : Mt -- : My -- :

Ch t : Kax t : Yam t : Shar t : Kat tf : A t : Kn t : M t : My ts

Dados : 250. *pistia

336. *pistia ‘pequeno’ : Ksh -- : SK : Kp (pijká ‘pequeno’) : Mar -- : Ch pistia ‘pequeno’ : Kax piste [pis'te] (COUTO, 2005) : Yam piŋta ‘pequeno, poco’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar ɸakiŋta ‘pequeno, chico’ : Shan -- : Kat piŋtŋa ‘pequeno’ : Poy -- : A piŋta II ‘pequeno’ : Kn -piŋta ‘diminutivo’ (por exemplo, bakipíŋta ‘niño pequeno’) : M ɸákíŋtá ‘niño pequeno’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My pistsik [pis.tsik] ‘pequeno, chico, poco’.

No dado 322, o reflexo da língua Mayorúna é *d*, no entanto, trata-se, ao que tudo indica, de mudança irregular, a qual consistiu na sonorização da consoante *t*, quando precedida de uma consoante nasal homorgânica.

Ksh t : SK t : A t : Kn t, d : M t : My d.

322. *pātot ‘surdo’ : Ksh pato ‘sordo’ : SK pāto ‘sin oído’ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A pāto II ‘sin oído’ (pata II ‘sordo’) : Kn pātu¹²⁰ ‘sem orelha’ (pata ‘sordo’) : M pátó ‘sin

¹²⁰ Segundo Joaquim Kaxinawá (comunicação pessoal), *pātu* significa sem orelha e não ‘sin oído’, como registrado por Shell (1975 [1965]). A palavra para surdo é *pata* em Kaxinawá. Ademais, ele não reconhece a forma *padu*, que havia sido registrada por Shell (op. cit.) como forma alternativa para *pātu*.

oído' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My pandud [pan.'dud] 'persona o animal sin oreja o sin orejas, animal sin cuernos'.

Os reflexos do morfema **-ti* confirmam também a ocorrência deste fonema em fronteira de morfemas.

/+_

Ksh t : SK t : Kp t : Mar t : Ch t : Yam t : Shar t : Shan t : Kat t : Kn t : M t : Yaw t :
 Ko t : Mt t : My t.

458. **-ti* 'nominalizador de instrumento' : Ksh -ti : SK -ti : Kp -ti 'sufijo verbal nominalizador' : Mar -ti 'nominalizador de instrumento ou objeto' (cf. COSTA, 1992) : Ch tí 'sufijo verbal nominalizador' : Kax -- : Yam -ti 'nominalizador' : Chan -- : Shar -ti 'nominalizador' : Shan -ti 'nominalizador instrumental' : Kat -ti 'sufixo classificador de objeto inanimado' : Poy -- : A -- : Kn -ti 'nominalizador, "poder"' : M -ti : Yaw -ti 'nominalizador' : Ko -te 'nominalizador de instrumento' : Mt -te 'nominalizado com função de instrumento' : My -te 'instrumet nominalizer' (FLECK, 2003).

A presença de *t* e *d*, em final de palavra, em Korúbo, Matís e Mayurúna é um dos fundamentos para a reconstrução de **t* em final de palavra (ver capítulo 4 desta tese).

/V_#

Ksh Ø : SK Ø : Kp Ø : Mar Ø : Ch Ø : Kax Ø : Yam Ø : Chan Ø : Shan Ø : A Ø : Kn Ø :
 M Ø : Yaw Ø : Ko t : Mt d : My d

52. **hatit* 'esse tanto' : Ksh **atian** 'then' (ZARIQUIEY, 2011) : SK ha'ti 'tanto' (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993), **hatíβi** : Kp **hati**?βi 'todos' : Mar aatí 'essa quantia' (KENNEL, 1978), ati ['āí] '3Pl (esses) (COSTA, 1992) : Ch ha'ti 'toditos, todo igual' (ZINGG, 1998), **hatíta** 'todo : Kax -- : Yam -tii 'todos, varios del mismo tipo, esta cantidad' (FAUST; LOOS, 2002; EAKEN, 2008) : Chan **natiφi** 'todos', datian 'ahora' : Shar **atişon** 'de este tamaño (objeto entero)' : Shan -ti 'quantificador' : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn **hatibi** 'todos esos, todos : cada uno' : M nátiφii : Yaw aui-**ti** 'quanto' : Ko

atet ‘esse tanto’ : Mt ted ‘tantos quantos’ (FERREIRA, 2005) : ‘ My ted ‘as many as’ (FLECK, 2003), tedi ‘all of’.

71. *-βit ∞ -bita[n] ‘comitativo’ : Ksh βi (comitative S), βitã (Comitative A) ‘Zariquiey, 2011) : SK -βi ~ -βitan ‘comitative’ (VALENZUELA, 2003; LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp -βi ~ -βita ‘con’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar βi ‘associativo’ (KENNEL, 1978), -βi ‘associativo pronominal’ (COSTA, 1992) : Ch βita ‘en compañía de, con (sufijo nominal)’ : Kax bi ~ bita ‘comitativo’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam φi, φita ‘con’ (EAKEN, 2008) : Chan φi, φitan ‘con’ : Shar -- : Shan fi ∞ fitan ‘comitativo’ (fi ‘comitativo com verbos intransitivos’ fitan ‘comitativo com verbos transitivos’) : Kat -- : Poy -- : A wi, witã (wi ‘con’ (HYDE, 1980)) : Kn -bi, bitã : M φi, -φitã : Yaw βi ∞ βitan ‘comitativo’ (βi ‘intransitivas’, βitan ‘transitivas’) : Ko βit, βita : Mt bid ∞ bita ∞ bitan ‘comitativo’ (bid ‘S’, bita ‘O’, bitan ‘S’) (FERREIRA, 2005) : My bid ∞ bita ∞ bitan ‘comitativo’ (bid ‘S’, bita ‘O’, bitan ‘S’) (FLECK, 2003).

Ksh ∅ : SK ∅ : Kp ∅ : Mar ∅ : Ch ∅ : Kax tV¹²¹ : Yam ∅ : Chan ∅ : Shar ∅ : Shan ∅ : Kat ∅ : Poy ∅ : A ∅ : Kn ∅ : M ∅ : Yaw ∅ : Mt d.

171. *kapit ‘jacaré’ : Ksh kapí : SK kapí : Kp kapí : Mar ka'pí (ANNOBI; HOLBROK, 2010) : Ch 'kapiti, 'kapí ‘caimán, lagarto’ (ZINGG, 1998), kápiti : Kax kapiti : Yam kapí, kapita ‘lagarto’ (EAKEN, 2008) : Chan kapí ‘lagarto’ : Shar kapí, kapitan ‘lagarto, caimán’ : Shan kapí : Kat ka'pí : Poy kapí : A kapii I (kápíi (HYDE, 1980)) : Kn kapí : M kápĩ : Yaw kapí : Ko -- : Mt kapid ‘jacaré’ : My --.
352. *raβit ‘dois’ : Ksh raβí : SK raβí : Kp raβí : Kn dabi : Mar ra'vivakĩ (ANNOBI; HOLBROK, 2010) : Ch raβi, ráβita : Kax tʃabita : Yam raφi ‘dos’ : Chan raφi : Shar raφi, raφin ‘dos’ : Kat raβi ‘dual’ : Shan rafu ‘dois’ : Poy raβu : A rawii II : M ráφi : Yaw raβi : Ko ʎaβitpa ‘dois’ : Mt dabidpa ‘número 2’ : My daid [da'íd] ‘dos’.

¹²¹ No dado em Kaxararí, há uma vogal extra após a consoante *t*, no entanto, isto deve ser um reflexo da forma longa da palavra. Este tema será abordado no capítulo 4, mas, em termos gerais, podemos dizer que a forma longa é a forma da palavra flexionada para caso.

Reforça a hipótese de um Protopáno **t* em final de palavra ou tema, a presença de um som alveolar oclusivo ou fricativo lateral em margem esquerda de sílabas finais do que tem sido considerado na literatura Páno como formas longas (mas que, como assumimos neste estudo, as consoantes nessa posição e nesse tipo de forma são resultado da ressilabificação de consoantes finais, quando um tema é ou era flexionado por morfemas casuais). Essas formas longas são observadas em Chákobo e Kaxararí, nas etimologias 171 e 352, ilustradas acima.

3.2.1.3 **k oclusiva velar surda*

A consoante oclusiva velar surda **k* tem *k* como reflexo regular em todas as línguas em margem esquerda de sílaba inicial, medial e final de palavra. No interior de palavra, ocorre após vogais orais e nasais e após consoantes.

/ #_

Ksh *k* : SK *k* : Kp *k* : Mar *k* : Ch *k* : Kax *k* : Yam *k* : Chan *k* : Shar *k* : Shan *k* : Kat *k* : Poy *k* : A *k* : Kn *k* : M *k* : Yaw *k* : Ko *k* : Mt *k* : My *k*

165. **kamar* ‘onça’ : Ksh *kamõ* ‘perro (sendo substituído pelo empréstimo SK , ?otjítí, que, por sua vez, é um empréstimo Kampa otjiti (SHELL, 1975 [1965]))’ : SK *kamá* ‘demonio, criatura parecida al tigre’ (?otjítí ‘perro’) : Kp **kaman** ?ino ‘sachaperro (esp. de perro silvestre)’ (Kp ?otjítí ‘perro’) : Mar *ka'mã* (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch *ka'mano*, *kama* ‘el tigre, el jaguar’ (ZINGG, 1998), *kamáno* ‘felino’ : Kax *kamalu* [*kama'lu*] ~ [*kẽma'lu*] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar *kaman*, *kamanon* ‘perro’ : Shan *kaman* ‘cachorro’ : Kat *ka'man* : A *kámã*, *kámanín* ‘esp. de roedor como majás’, *jínokamã* ‘perro salvaje’ : Kn *kamã* ‘perro’ : M *kámã* ‘perro’ : Yaw *kaman* ‘cachorro’ : Poy *kãma* ‘raposa’ : Ko *kamun* ‘onça’ : Mt *kamun* ‘onça’ : My *kamun* [*ka.'mun*].

171. **kapit* ‘jacaré’ : Ksh *kapí* : SK *kapí* : Kp *kapí* : Mar *ka'pi* (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch *'kapiti*, *'kapí* ‘caimán, lagarto’ (ZINGG, 1998), *kápití* : Kax *kapí'ti* : Yam *kapí*, *kapita* ‘lagarto’ (EAKEN, 2008) : Chan *kapí* ‘lagarto’ : Shar *kapí*, *kapitan* ‘lagarto, caimán’ : Shan *kapí* : Kat *ka'pi* : Poy *kapí* : A *kapíi* I (*kápií* (HYDE, 1980)) : Kn *kapí* : M *kápií* : Yaw *kapí* : Ko -- : Mt *kapid* ‘jacaré’ : My --.

Outros exemplos: 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201.

/V_V

Ksh k : SK k : Kp k : Mar k : Ch k : Yam k : Chan k : Shar k : Kat k : A k : Kn k : M k : Ko k : Mt k : My k

213. *maki ‘piranha (esp. de peixe)’ : Ksh maki (makin ‘ratón’ (SHELL, 1987) : SK maki, makin ‘piraña’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp maki : Mar ‘maki : Ch máki ‘palometa’ : Kax ‘maka ‘piranha’ (SOUSA, 2004) : Yam -- : Chan -- : Shar maki, makin ‘piraña’ : Shan maki : Kat maki [ma’ki?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A maki (makí ‘piraña’ (HYDE, 1980)) : Kn maki : M maki : Yaw maki : Ko -- : Mt -- : My maki [ma’ki] ‘piraña’.

240. *mikir ‘mão’ : Ksh mikĩ : SK mikĩ : Kp mikín : Mar -- : Ch mikíni, miki (ZINGG, 1998) : Kax miki’li (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mikĩ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan miki : Shar miki, mikin ‘mano’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mikĩ I : Kn mikĩ : M míki : Yaw -- : Ko -- : Mt mikin : My --.

468. *waka ‘água, rio’ : Ksh βaka ‘río, líquido’ : SK waka nawa ‘enjambre de peces’ (nawa ‘gente’, juego 265) : Kp waka ‘río’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar ‘waka ‘río’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax waka [wa’ka?] ‘río’ (LANES, 2005) : Yam φaka ‘água’ : Chan -- : Shar -- : Shan waka ‘rio’ : Kat waka ‘água’ : Poy uaka ‘rio’ : A waka II ‘río grande’ : Kn baka ‘pez (término genérico)’ : M φaka ‘água, río’ : Yaw uaka ‘rio’ : Ko waka ‘água, igarapé’ : Mt waka ‘água’ : My --.

Outros exemplos: 18, 35, 45, 61, 103, 104, 119, 129, 190, 191, 192, 193, 211, 212, 213, 240, 241, 249, 290, 311, 312, 333, 341, 356, 357, 385, 395, 408, 425, 426, 427, 428, 434, 468, 487, 492, 503, 505.

/Ṽ_

SK k : Kp k : Mar k : Ch k : Yam k : Shar k : Shan k : Kat k : A k : Kn k : M k : Yaw k

277. *[ñ]ika ‘escurtar, ouvir’ : Ksh -- : SK ñika- : Kp ninka- ‘oír’ : Mar ñikã (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch nika- ‘oír’ : Kax -- : Yam nika (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar nikai, nikaa : Shan ninka : Kat

ninka-tai : Poy -- : A ñika- II : Kn ñika- ‘oír, obedecer, estar vivo’ : M níka- : Yaw nika : Ko -- : Mt -- : My --.

SK k : Kp k : Shar k : Shan k : Poy k : A k : Kn k : M k : Yaw k

310. *paβíki ‘ouvido (provavelmente paβi (orelha) + n (gen.) + kini (buraco) = buraco da orelha)’ : Ksh paβí : SK paβíki, paβíkinin ‘oreja, oído’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp paβínki : Mar paβi ‘brinco tradicional’ : Ch **paβiri**- ‘mover las orejas para escuchar’, **paβiri**ʃ ‘raspar(se) las orejas’, **paβismahua** ‘mover la oreja’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar paβiki, paβikin ‘oreja’ : Shan pahinki : Kat paβi ‘brinco’ : Poy pabíki : A pãwíki II : Kn paβíki : M paβiki : Yaw pabinki hui ‘ouvido’, pahinki ‘orelha’ : Ko -- : Mt -- : My pabiate [pa.byá.te].

/s_

Ksh k : SK k : Kp k : Mar k : Ch k : Shar k : Shan k : kat k : A k : Kn k : M k : Yaw k : My k

25. *ʔisko ‘japó (esp. de pássaro)’ : Ksh ʔisko : SK ʔisko : Kp ʔisko : Mar isko ‘japó’ (CESARINO, 2008) : Ch ʔisko ‘Clase de oropéndola, paucar’ : Kax -- : Shan -- : Kat isku ‘japó’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Poy -- : A iskó I : Kn isku : M isko : Yaw isku : Ko -- : Mt -- : My isku ‘oropéndola, paucar’.
279. *[n]iska[n]- ‘suar’ : Ksh -- : SK niskã- : Kp nikã- : Mar -- : Ch niska- : Kax - - : Yam -- : Chan -- : Shar niskai, niskaa ‘sudar, transpirar’ : Shan niska : Kat -- : Poy -- : A niskã- II : Kn niskã : M nískã- : Yaw niskan : Ko -- : Mt (nitşan ‘suor’) : My (itʃak [itʃak] ‘sudor, sudar’).

/ʃ_

Ksh k : SK k : Kp k : Ch k : A k : Yaw k

248. *miʃkiti ‘anzol’ : Ksh miʃkiti : SK miʃkiti : Kp miʃkiti : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A miʃkiti II : Kn miʃkiti : M -- : Yaw miʃkiti ‘anzol’ : Ko -- : Mt -- : My --.*miʃkiti ‘anzol’ : Ksh miʃkiti : SK miʃkiti : Kp miʃkiti : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A miʃkiti II : Kn miʃkiti : M -- : Yaw miʃkiti ‘anzol’ : Ko -- : Mt -- : My --.

/ʃ_

Ksh k : SK k : Kp k : Mar k : Ch k : Kax k : Yam k : Chan k : Shar k : Shan k : Kat k : Poy A k : Kn k : M k :: Yaw k : Mt k : My k

81. *βisti- ‘cortar’ : Ksh βistí : SK βistí : Kp βisti-kin ‘cortar el pelo en forma de flequillo’ : Mar -- : Ch βistiki- ‘cortar el pelo por la frente’ : Kax busti-atu ‘cortou’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mišti ‘cortar la mano’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar φistii, φistia ‘cortar el cerquillo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wistii- : Kn bisti- : M φisti- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My bište ‘cortar el racimo de una palmera’.

109. *βoška[C_c] ‘cabeça’ : (Ksh mašká ‘head’ (ZARIQUIEY, 2011)) : SK βošká ‘en lo profundo de la cabeza’ : Kp boʃ, boʃ ‘parte superior de la cabeza’ : Mar voʃká ‘cabeça’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax buʃkaʔta (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012), [°βuʃkaʔa] ~ [buʃkaʔa] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar φoška, φoʃkan ‘cabeza’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wóxkaa, woxkapán ‘dolor de cabeza’ (HYDE, 1980), woxkaa : Kn buška : M φóška ‘cabeza’ : Yaw huška ‘dor de cabeça’ : Ko -- : Mt -- : My --.

Outros exemplos: 82, 84, 227, 230, 321, 345.

/ʔ_.

Ksh k : SK k : Kp k : Mar k : Ch k : Yam k : Shar k : Shan k : Kat k : Kn k : M k : Yaw k

57. *βaʔki[ʃ]i ‘noite, oscuro’ : Ksh βakiʃ- ‘oscurecerse’ : SK βakíʃ : Kp βaʔkíʃ ‘ayer, mañana’ : Mar vakiʃi ‘sombra’ (CESARINO, 2008) : Ch βakíʃi ‘oscuro, noche’ : Kax -- : Yam φakiʃi ‘noche’ : Chan -- : Shar φakiʃi, φakiʃin ‘obscuridad, oscuridad’ : Shan fakiʃi ‘noite’ : Kat βakiʃ ‘oscuro’ : Poy -- : A -- : Kn βakiʃ ‘oscuro, negro’ : M φákíʃi ‘oscuro’ : Yaw βakiʃi : Ko -- : Mt -- : My--.

138. *hiʔki- ‘entrar’ : Ksh -- : SK hiki- : Kp ʔiʔki- : Mar iko- ‘entrar’ (CESARINO, 2008) : Ch hiko- ‘entrar’ (ZINGG, 1998), hiki ‘entrar’ : Kax - - : Yam iki- ‘entrar’ (Faust & Loos, 2008) : Chan -- : Shar iki, ikia ‘hundirse’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hiki- : Kn hiki- : M íkí- ‘entrar’, penetrar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

452. *tiʔk[i]- ‘quebrar’ : Ksh tíkĩ- ‘romper en dos partes’ : SK tíki ‘palo de tejer que divide el hilo en dos partes para tejer’ : Kp tíʔki- : Mar -- : Ch tíki ‘quebrarse’ (ZINGG, 2008), tíka- ‘dividir en dos partes’¹²² : Kax -- : Yam tíka-kĩ ‘picar’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar tíkii, tíkia ‘quebrar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tíki- I ‘romper (p.ej. una flecha)’ : Kn tíki- ‘romper cosas duras’ : M t íki... ‘romper’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Nas etimologias 16, 222 e 327, Matís, Mayorúna e Korúbo apresentam *k* em final de palavra, o que sugere que Protopáno teria tido **k* nessa posição.

/_#

Ksh Ø : SK Ø : Kp Ø : Ch Ø : Kax kV, ʔV : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : Kat Ø : Poy Ø : A : Ø Kn Ø : M Ø : Ko k : Mt k : My k

16. *ʔiʔtsak ‘esp. de pájaro’ : Ksh ʔisá : SK ʔisá : Kp ʔiʔsá : Mar -- : Ch ʔisaka, ʔisa [‘isa] ‘el pájaro’ (ZINGG, 1998) : Kax isa’ka ‘mutum’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔítsaa, ʔítsakin ‘pájaro’ (HYDE, 1980), isaa I : Kn isa : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My wistsak ‘pájaro que vive alto’.
222. *mapok ‘barro, poeira’ : Ksh mapó ‘arcilla’ : SK mapó, mápokan ‘greda (arcilla)’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp mapó : Mar -- : Ch ‘mapo, ‘mapoka ‘barro prendoso, gredoso’ (ZINGG, 1998), mápoka : Kax mapuʔu [mapuʔu] ‘cinza’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan bapo : Shar mapo, mapon ‘greda, ceniza, polvo’ : Shan mapu : Kat -- : Poy -- : A mápoo, mápooopán ‘barro’ (HYDE, 1980), mapoo I : Kn mapu ‘ceniza, arcilla, secos’ : M mápoo : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My isisapuk ‘ceniza’.
327. *piʔak ‘sobrinho, filho da irmã’ : Ksh piaka ‘hijo(a) de la hermana de un hombre’ : SK piá ‘hijo(a) de la hermana de un hombre’ : Kp piʔaʔa ‘sobrino’ : Ch piʔáka ‘sobrino’, piʔaka, piʔa ‘sobrino, sobrina’ (ZINGG, 1998) : A piʔaa II ‘hijo de la hermana de un hombre’ : Kn -- : M piá : Mar -- : Kax -- :

¹²² “La vocal nasalizada versus la vocal oral aquí en los reflejos puede posiblemente explicarse por la circunstancia morfológica de transitividad versus intransividad; el sufijo transitivizador en el Ch puede ser /-a-/.” (SHELL, 1975 [1965])

Yam pia [pia] ‘sobrino de un hombre’ : Chan -- : Shar pia, piakan ‘sobrino de hombre’ : Shan -- : Kat pia ‘sobrinha’ : Poy **piatis** ‘sobrinha’ : Yaw -- : Ko piak ‘sobrinho’, Mt piak ‘sobrinho’, My piak ‘sobrino cruzado de hombre’.

SK ∅ : Kp ∅ : Ch ∅ : Kax ∅ : A : ∅ : Kn ∅ : Shar ∅

20. *ʔinak ‘criação, animal doméstico’ : Ksh -- : SK ʔiná ‘hombre prisionero, animal domesticado’ : Kp ʔina : Mar -- : Ch ʔinaka, ʔina (ZINGG, 1998) ‘perro’ : Kax ʔinaβi ‘animal doméstico’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar ina, inan ‘mascota, animals domésticos’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔina ‘doméstico (animal)’, ʔinaa, ʔinakín ‘empleado’ (HYDE, 1980), Iná I ‘domesticado’, inaa I ‘esclavo, siervo’ : Kn iná ‘animal favorito’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Os reflexos do morfema **-ki* mostram também que **k* teria ocorrido em fronteira de morfemas.

/+_

Ksh k : SK k : Kp k : Mar k : Ch k : Kax k : Yam k : Shar k : Shan k : kat k : A k : Kn k

184. **-ki* ‘sufixo locativo ablativo’ : Ksh -mi-**ki**, -u-**ki** ‘imprecise direction, location’ (ZARIQUIEY, 2011) : SK -ki ‘sufijo locativo no específico’ : Kp -ki ‘hacia’ : Mar -**kirí** ‘direção, via (enclítico pronominal), -ki ‘lado (enclítico adverbial)’ (KENNEL, 1978) : Ch -ki : Kax -ki ‘locativo/dativo’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -ki ‘adonde, hacia, a, complemento de oposición’ : Chan -- : Shar -- : Shan -**kiri** ‘locativo (de origen e de destino)’ : Kat -- : Poy -- : A -ki : Kn -ki ‘en, sobre’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
362. *riβo+ki ‘para frente, para cima (no rio)’ : Ksh riβomi : SK riβoki : Kp riβoki : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan (madakiri, manakiri ‘águas arriba’) : Shar riφokiri, riφokirinin ‘proa’, (manankiri ‘río arriba, arriba’) : Shan -- : Kat rivukiri [riβo kiri] ‘cabeceira (de rio)’ (CABRAL;

OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A riwoki II : Kn (mãñakiri, M mãñakírí, cf. etimologia 215) -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt **dibumi** ‘em direção à cabeceira do rio’ : My --.

3.2.1.4 **k^w* oclusiva verlar surda labializada

A maioria das línguas (Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Marúbo, Katukína, Shanenawá, Yawanawá, Poyanáwa, Kaxararí, Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa) tem *k*, enquanto Kashíbo, Korúbo, Matís e Mayorúna¹²³ tem *k^w*, o que nos levou a hipotetizar um **k^w* para o Protopáno.

/#_

Ksh *k^w* : SK *k* : Kp *k* : Mar *k* : Ch *k* : Kax *k* : Shar *k* : Shan *k* : Kat *k* : Poy *k* : A *k* : Kn *k* : M *k* : Yaw *k* : Ko *k^w* : Mt *k^w* : My *k^w*

150. **k^wiβo* ‘jacu (esp. de pássaro)’ : Ksh *k^wiβo* : SK *kiβo* : Kp *kiβo* : Mar *kivu* : Ch *kiβo* : Kax *kiwi* [ki'wi] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar *kiβon* ‘pucacunga (esp. de ave)’ : Shan *kihu* : Kat *kiβu* : Poy *kibu* : A *kiwo* II : Kn *kibu* : M *kíφó* : Yaw *kihu* : Ko *k^wiβu* ‘jacamin’ : Mt *kuibu* ‘jacu’ : My *kuibu* [kwíbu] ‘pava de Spix’.

Outros exemplos: 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 189, 241.

Ksh *k^w* : SK *k* : Kp *ko* : Ch *k* : Kax *k* : Ko *k^w* : Mt *k^w*

148. **k^wak-* ‘ouvir, escutar, entender’ : Ksh *k^wa-*, *kwá-* ‘to hear’ (ZARIQUIEY, 2011) : SK -- : (Kp **koan?**kin ‘hacer sonar’, **koan?**kin) : Mar -- : Ch *ka?* ‘saber, conocer’ : Kax *ka'hi* [ka'fi] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar (*ko?*iki, *ko?*iaka ‘ladrar’) : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko *k^wak-* ‘escutar, entender’ : Mt *kuak-* ‘escutar, entender’ : My --.

/V_V

Ksh *k^w* : SK *k* : Kp *k* : Mar *k* : Ch *k* : Yam *k* : Chan *k* : Shar *k* : Shan *k* : Kat *k* : Poy *k* : A *k* : Kn *k* : M *k* : Yaw *k* : Ko *k^w* : Mt *k^w* : My *k^w*

¹²³ Fleck (2003) analisa a sequência *ku* quando foneticamente a representa como *k^w*, diante de vogal. O mesmo faz Ferreira (2005) e Spanghero-Ferreira (2005) com respeito a alguns dados do Matsis.

254. *[n]ak^wa ‘esp. de mosquito’ : Ksh nak^wa : SK naka : Kp naka : Mar naka (CESARINO, 2008) : Ch naka : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar naka, nakan ‘mosca, mosquito’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A naká I : Kn naka : M naka : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My nakua [na'kwa] ‘nombre propio’.
355. *rak^wi- ‘temer’ : Ksh rak^wi ‘temer’ : SK rakí : Kp rakí : Mar rakia (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch raki- : Kax tʃakitaya [tʃakita'ja] ‘ter medo’ (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat raki-ti ‘medo’ : Poy -- : A raki- I : Kn daki- ‘estar asombrado, avergonzado’ : M ráki : Yaw -- : Ko lakwit ‘ter medo’ : Mt **dakud**-kin ‘ter medo’ : My dakwid ‘tener miedo, tener verguenza’.
437. *taʔpas ‘tapiri, casa temporária’ : Ksh -- : SK tapás ‘anaquel colgante’ : Kp taʔpás : Mar -- : Ch tapása : Kax -- : Yam -- : Chan tapas ‘tambo (sobre la playa)’ : Shar tapasi, tapasin ‘tambo, albergue, refugio temporal’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tapas I ‘casa, techo’ : Kn tapas ‘vivienda’ : M tápasì : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Na etimologia 157, Kashíbo tem *kw*, enquanto Matís e Mayorúna têm *ku*, o que pode ser explicado como a redução da sequência *k^wio > k^wo > ku*. Note-se que nenhuma língua Páno apresenta a sequência *k^wo* ou *k^wu*, o que favorece essa hipótese.

/ #_

Ksh k^w : SK k : Kp k : Mar k : Ch k : Shar k : A k : Kn k : M k : Mt k : My k

157. *k^wio[n]- ‘ensartar’ : Ksh k^wió : SK kió- : Kp kion-kin ‘ensartar pescado’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar kiwã ‘lâmina’ (CESARINO, 2008) : Ch kiwi ‘ensartar pescado’ : Kax : Yam -- : Chan -- : Shar kioin, kioan ‘ensartar’, kion ‘adorno para el labio’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kió- : Kn kiũ- : M k̃iĩwã : Yaw -- : Ko -- : Mt kun-kin ‘ato de passar o fio dentro de um orifício’ : My an-**kun**.

Em 60, **βak^wi*, e 186, **k^wisi*, apenas Korúbo, Matís e Mayorúna possuem *k^w*, como reflexos de Protopáno **k^w*. Muito provavelmente, Kashíbo deslabializou **k^w*, mudando-o para *k*.

/ #_

Ksh k : SK k : Kp k : Mar k : Ch k : Kax k : Yam k : Chan k : Shar k : Shan k : Kat k : Poy k : A k : Kn k : M k : Yaw k : Ko k^w : Mt k^w : My k^w

60. *βak^wi ‘filho, criança’ : Ksh βaki : SK βaki : Kp βaki : Mar vaki ‘criança, filho, menino’ (COSTA, 1992) : Ch βaki ‘niño, prole’ : Kax -- : Yam φaki ‘hijo, muchacho, niño’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φaki ‘hijo’ : Shar φaki, φakin ‘hijo, hija, niño, niña, criatura, bebé, cria’ : Shan φaki ‘filho, menino’ : Kat βaki ‘filhote de, pinto de galinha’ : Poy βaki ‘filho’ : A βaki ‘cria, hijo, niño’, waki I : Kn baki : M φaki : Yaw βaki ‘criança’ : Ko βakwi : Mt bakui : My bakwí ‘niño, muchacho, feto, cría de animal, huevo de cualquier animal’.
186. *k^wisi ‘coxa’ : Ksh kisi : SK kifji : Kp kifji : Mar 'kiʃI (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch kifji : Kax kifji [ki'fji] ‘coxa’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam kifji, kiʃĩ ‘muslo’ (EAKEN, 2008) : Chan kifji ‘muslo’ : Shar kifji, kiʃin ‘pierna’ : Shan kiʃi ‘coxa’ : Kat kiʃi [ki'ʃiʔ] ‘coxa’ (BARROS, 1987) : Poy kifji ‘coxa’ : A kifji I : Kn kifji : M kifji : Yaw kifji [ki.'fji] ‘coxa’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My **kuist**fipa [kwis'tʃipa] ‘muslo’.

Já na etimologia 187, Kashíbo teria perdido a vogal /a/, reanalizando a consoante *k^w, como uma sequência *ko*.

V_V

Ksh k : SK k : Kp k : Mar k : Ch k : Kax k : Yam k : Chan k : Shar k : Shan k : Kat k : Poy k : A k : Kn k : M k : Yaw k : Ko k^w : Mt k^w : My k^w

187. *k^waʔin ‘fumaça’ : Ksh koi, (koĩ ‘smoke’ (ZARIQUIEY, 2011)) : SK koĩ : Kp koʔín : Mar koĩ (CESARINO, 2008) : Ch koʔini, koʔi ‘el humo’ (ZINGG, 1998), koʔini : Kax kuãni [k^wa'ni] ~ [kwãñĩ] ‘fumaça’ (COUTO, 2005), kua'ni [k^wa'ni] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan koin : Shar koin, koinin ‘humo’ : Shan kuin ‘fumaça’ : Kat kuin ‘fumaça’ : Poy kũĩ ‘fumaça’ : A kũĩ II : Kn kũĩ : M kũĩ : Yaw -- : Ko kwain ‘fumaça’ : Mt kuain ‘fumaça’ : My --.

3.2.1.5 *ʔoclusiva glotal surda

A consoante oclusiva glotal surda *ʔ tem diferentes reflexos nas línguas da família, conforme seu ambiente de ocorrência. Antes de explicarmos cada um de seus reflexos, mostraremos sua distribuição. Os seus reflexos ocorrem em margem esquerda e direita de sílaba inicial e final de palavra. Em margem esquerda de meio de palavra, ocorrem precedendo consoantes. Apenas Kapanáwa apresenta glotal em margem direita de sílaba.

/ #_

Ksh ʔ : SK ʔ : Kp ʔ : Mar ∅ : Ch ʔ : Kax ∅ : Yam ∅ : Chan ∅ : Shar ∅ : Shan ∅ : Kat ∅ : Poy ∅ : A ʔ : Kn ∅ : M ∅ : Yaw ∅ : Ko ∅ : Mt ∅ : My ∅

8. *ʔawaɾ ‘anta’ : Ksh ʔəʔ : SK ʔa'wa ‘tapir’, ʔawarã piti ‘comida de tapir’ (nombre de planta) : Kp ʔa'wa; Mar awa : Ch ʔáwara ‘tapir’, awá (ZINGG, 1998) : Kax [awa'tʃa] : Yam aɸa (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar awa, **awa**-pan : Shan awa : Kat awa [aw'a] (BARROS, 1987) : Poy awa : A ʔáá (HYDE, 1980), áá I : Kn awa : M áwa : Yaw aua : Ko awat : Mt awad : My awad.
19. *ʔira- ‘subir’ : Ksh -- : SK -ina- ‘arriba y arriba (como en noyaina- ‘volar arriba y arriba’)’ : Kp ʔina- ‘subir (como a um árbol)’ : Mar -iná- ‘ação subindo’ (KENNEL, 1978) : Ch ʔina- ‘subir (como la ardilla en el árbol)’ : Kax i'lahi ‘subir’ (COUTO, 2005) : Yam ina- ‘subir’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan ida- ‘subir’ : Shar inai, inaa ‘subir, trepar’ : Shan -- : (Kat pain-ai) : Poy -- : A ʔínaa-ʔí ‘subir’ (HYDE, 1980), inaa- II ‘escalar un árbol’ : Kn ina- ‘escalar’ : M ínai : Yaw ina ‘subir’ : Ko -- : Mt **indo**-kin ‘subir puxando algo’ (FERREIRA, 2005) : My in ‘mover una cosa’.

Outros exemplos: 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42.

Como mencionado acima, os reflexos de *ʔ são diversos. Em margem esquerda de sílaba inicial de palavra, as línguas Kashíbo, Shípiibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo e Amawáka mantiveram a oclusiva glotal, mas todas as outras línguas têm ∅ como reflexo de *ʔ nessa posição. O dado Kaxararí, correspondente à etimologia 4. *ʔani, apresenta *h*, que poderia ser reflexo de Protopáno *ʔ, porém, como *h* não se encontra em início de palavra,

mas iniciando o segundo elemento de uma composição, *laki-hani*, pode não ser reflexo de *ʔ.

/ #_

Ksh ʔ : SK ʔ : Kp ʔ : Mar Ø : Ch ʔ : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : Kat Ø : Yaw Ø : Poy Ø : A ʔ : Kn Ø : M Ø : Ko Ø : Mt Ø : My Ø

4. *ʔani ‘grande’ : Ksh ʔani (ZARIQUIEY, 2011) : SK ʔani : Kp ʔani ‘grande’, wʔan ʔani ‘arroyo grande’ : Mar ani [ʔni-] ‘grande’ (COSTA, 1992) : Ch ʔani hini ‘rio grande’, ani- ‘aumentar’ (ZINGG, 1998) : Kax lakihani [lakifaɲi]¹²⁴ : Yam -- : Chan -- : Shar aniɸo, aniɸoan ‘homem velho, ancião’ : Shan anihu ‘ancião’ : Kat ani-pa ‘grande’ : Poy ãdiβu ‘homem velho’ : A -- : Kn anibu ‘anciano, viejo’ : M -- : Yaw ani-hu ‘velho’ : Ko animatsik ‘pequeno’ : Mt -- : My ania ‘pequeno, delgado’.

Kapanáwa, Chákobo e Amawáka são as únicas línguas que mantiveram ʔ intervocalicamente, como reflexo de *ʔ, enquanto que Kaxararí tem ʔ ou Ø e as demais línguas têm apenas Ø, como reflexo desse som nessa posição.

/ V_V

Ksh Ø : SK Ø : Kp ʔ : Mar Ø : Ch ʔ : Kax Ø : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : Kat Ø : Poy Ø : A ʔ : Kn Ø : M Ø : Yaw Ø : Ko Ø : Mt Ø : My Ø

436. *taʔi ‘pé’ : Ksh tai (tai napaɣ ‘planta del pie’, ver Cul abajo) : SK tai : Kp taʔi : Mar tai (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch taʔi : Kax [taʔi] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam tai, taʔ (EAKEN, 2008) : Chan tai : Shar tai, tain : Shan tai ‘pé, perna, garra’ : Kat tai : Poy tay : A taʔi II : Kn tai : M táí :: Yaw tai : Ko tai ‘pé’ : Mt tai ‘pé’ : My tai ‘pie’.

Outros exemplos: 74, 110, 113, 139, 160, 187, 204, 252, 269, 274, 286, 308, 314, 327, 338, 350, 372, 392, 405, 420, 421, 461, 500, 501, 502.

Ksh Ø : SK Ø : Kp ʔ : Mar Ø : Ch ʔ : Kax ʔ : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : Kat Ø : Poy Ø : A ʔ : Kn Ø : M Ø : Yaw Ø : Ko Ø : Mt Ø : My Ø

56. *βaʔi ‘caminho, picada’ : Ksh βai ‘camino, trocha’ : SK βai : Kp βaʔi : Mar vai [βai] ‘caminho’ : Ch βaʔi ‘camino, trocha’ : Kax βaʔi ‘caminho’ (LANES, 2005) : Yam φai ‘camino’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φai :

¹²⁴ Este dado aparece apenas em Lanes (2005), em todas as demais fontes aparece apenas a forma *laki*.

Shar ϕ ai, ϕ ã : Shan fay ‘roça, roçado’ : Kat β ai ‘estrada’ : Poy -- : A wa?i II : M ϕ ái : Kn bai ‘campo, jardín, trocha, corriente’ : Yaw -- : Ko -- : Mt bai ‘caminho’ : My bai ‘nombre de hombre’.

251. *na?a ‘ninho’ : Ksh naa, (na ‘nido’ (SHELL, 1987)) : SK naa : Kp na?a : Mar -- : Ch na?a : Kax na?a[na?a] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar naa, naan ‘nido’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A na?a II : Kn na : M ná : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
327. *pi?ak ‘sobrinho, filho da irmã’ : Ksh piaka ‘hijo(a) de la hermana de un hombre’ : SK piá ‘hijo(a) de la hermana de un hombre’ : Kp pi?aja ‘sobrino’ : Ch pi?áka ‘sobrino’, pi?aka, pi?a ‘sobrino, sobrina’ (ZINGG, 1998) : A pi?aa II ‘hijo de la hermana de un hombre’ : Kn -- : M piá : Mar -- : Kax -- : Yam pia [pia] ‘sobrino de un hombre’ : Chan -- : Shar pia, piakan ‘sobrino de hombre’ : Shan -- : Kat pia ‘sobrinha’ : Poy **piatis** ‘sobrinha’ : Yaw -- : Ko piak ‘sobrinho’, Mt piak ‘sobrinho’, My piak ‘sobrino cruzado de hombre’.

Em margem direita de sílaba, no interior de palavra, apenas Kapanáwa apresenta β como reflexo de * β , tendo todas as demais línguas o reflexo \emptyset .

/_p

SK \emptyset : Kp β : Ch \emptyset : Chan \emptyset : Shar \emptyset : A \emptyset : Kn \emptyset : M \emptyset

436. *ta?pas ‘tapiri, casa temporária’ : Ksh -- : SK tapás ‘anaquel colgante’ : Kp ta?pás : Mar -- : Ch tapása : Kax -- : Yam -- : Chan tapas ‘tambo (sobre la playa)’ : Shar tapasi, tapasin ‘tambo, albergue, refugio temporal’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tapas I ‘casa, techo’ : Kn tapas ‘vivienda’ : M tápasi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

/_t

Ksh \emptyset : SK \emptyset : Kp β : Mar \emptyset : Ch \emptyset : Kax \emptyset : Yam \emptyset : Chan \emptyset : Shar \emptyset : Kat \emptyset : Poy \emptyset : A \emptyset : Kn \emptyset : M \emptyset : Yaw \emptyset

161. *ka?ti ‘costas’ : Ksh -- : SK -- : Kp ka?ti : Mar -- : Ch kati : Kax **katapu** ‘costas’ (PICKERING, s.d.) : Yam kati ‘espalda (parte inferior)’ : Chan kato, kati ‘riñon’ : Shar kati, katin ‘espalda’ : Poy katihaw (kati ‘costas’ +

haw ‘osso’) ‘coluna vertebral’ : A katí : Kn kati : M kati : Kat -- : Shan -- :
Yaw -- : Ko -- : Mt kaşuku : -- : My --.

393. *şaʔti- ‘cortar’ : Ksh şati-ti ‘rebanar, cortar’ (SHELL, 1987) : SK şati- : Kp şaʔti- : Mar ʃati- [ʃātuʃ] (COSTA, 1992) : Ch -- : Kax -- : Yam şati ‘cortar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan ʃati : Shar şatii, şatia ‘cortar, trozar’ : Shan şati ‘cortar’ : Kat ʃati-ai ‘cortar’ : Poy -- : A xati- II : Kn şati- : M şati- : Yaw ʃati- ‘cortar’ : Ko -- : Mt -- : My --.

/_k

Ksh \emptyset : SK \emptyset : Kp ? : Mar \emptyset : Ch \emptyset : Yam \emptyset : Shar \emptyset : Kat \emptyset : Shan \emptyset : A \emptyset : Kn \emptyset :
M \emptyset : Yaw \emptyset

57. *βaʔki[ʃ]i ‘noite, oscuro’ : Ksh βakif- ‘oscurecerse’ : SK βakíʃ : Kp βaʔkíʃ
‘ayer, mañana’ : Mar vakişi ‘sombra’ (CESARINO, 2008) : Ch βakíʃi
‘oscuro, noche’ : Kax -- : Yam φakifji ‘noche’ : Chan -- : Shar φakişi, φakişin
‘obscuridad, oscuridad’ : Shan fakifji ‘noite’ : Kat βakif ‘oscuro’ : Poy -- : A
-- : Kn βakif ‘oscuro, negro’ : M φakifji ‘oscuro’ : Yaw βakifji : Ko -- : Mt --
: My--.
138. *hiʔki- ‘entrar’ : Ksh -- : SK hiki- : Kp ʔiʔki- : Mar iko- ‘entrar’
(CESARINO, 2008) : Ch **hiko-** ‘entrar’ (ZINGG, 1998), hiki ‘entrar’ : Kax -
- : Yam iki- ‘entrar’ (FAUST; LOOS, 2008) : Chan -- : Shar iki, ikia
‘hundirse’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hiki- : Kn hiki- : M íkí- ‘entrar,
penetrar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
452. *tiʔk[i]- ‘quebrar’ : Ksh tikĩ- ‘romper en dos partes’ : SK tiki ‘palo de tejer
que divide el hilo en dos partes para tejer’ : Kp tiʔki- : Mar -- : Ch tiki
‘quebrarse’ (ZINGG, 2008), tika- ‘dividir en dos partes’¹²⁵ : Kax -- : Yam
tika-kĩ ‘picar’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar tikii, tikia ‘quebrar’ : Shan --
: Kat -- : Poy -- : A tiki- I ‘romper (p.ej. una flecha)’ : Kn tiki- ‘romper cosas
duras’ : M t íki... ‘romper’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

¹²⁵ “La vocal nasalizada versus la vocal oral aquí en los reflejos puede posiblemente explicarse por la circunstancia morfológica de transitividad versus intransividad; el sufijo transitivizador en el Ch puede ser /-a-/.” (SHELL, 1975 [1965])

/_.ts

Kp ? :

Ksh Ø : SK Ø : Mar Ø : Ch Ø : Kax Ø : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : A Ø : Kn Ø : M Ø :
 Kat Ø : Shan Ø : Yaw Ø : Poy Ø : Ko Ø : Mt Ø : My Ø.

16. **ʔiʔtsak ‘esp. de pávaro’ : Ksh ʔisá : SK ʔisá : Kp ʔiʔsá : Mar -- : Ch ʔisaka, ʔisa [‘isa] ‘el pávaro’ (ZINGG, 1998) : Kax isa’ka ‘mutum’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔítsaa, ʔítsakin ‘pávaro’ (HYDE, 1980), isaa I : Kn isa : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My wistsak ‘pávaro que vive alto’.

/_.ɾ

Ksh Ø : SK Ø Kp ? : Mar Ø : Ch Ø : Kax Ø : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : Kat Ø
 : A Ø : Kn Ø : M Ø : Yaw Ø : Ko Ø : Mt Ø

99. *βoʔri[t] ‘esp. de palmeira’ : Ksh βuri ‘chonta, especie de palmera’, βorí : SK βorí : Kp βoʔrí : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φorí, φorin ‘chonta (especie de palmera y su cogollo comestible)’ : Shan φuri ‘palmeira’ : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn budi : M φórĩ : Yaw -- : Ko βoʔit ‘palmeira que utilizam para cubrir a casa (prov. Jarina)’ : Mt -- : My budid [bu’rid] ‘palmera grande’.
100. *βoʔro[Cc] ‘toco, tronco’ : Ksh βurú ‘tronco de árbol’ (SHELL, 1987), βoró : SK βoró : Kp hiwi βoʔro : Mar voro ‘tronco’ : Yam -- : Chan -- : Shar φoro, φoron ‘tocón alto’ : Ch -- : Kax -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A woroo II : Kn budu : M φóro ‘tocón de um árbol’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My mabud ‘tocón de árbol’ (pabudush ‘rama nueva, retoño que está saliendo de un tronco’).

/_.m

Ksh Ø : SK Ø : Mar Ø : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : Kat Ø : A Ø : Kp ? : Kn Ø :
 M Ø : Yaw Ø

349. *raʔma: Ksh βiráma ‘hace tiempo’ : SK rama ‘ahora’ : Kp raʔma ‘hoy’ : Mar rama ‘agora’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam rama ‘ahora’ : Chan ramaʔta ‘ahora’ : Shar rama ‘recientemente’ : Shan rama ‘agora’ : Kat rama ‘agora’ : Poy -- : A rama II ‘hoy, ahora’ : Kn dama ‘entonces, después,

imediatamente, pronto' : M ráma 'ahora mismo' : Yaw rama 'agora' : Ko -- : Mt -- : My --.

406. *ʃiʔmi- 'debulhar o milho' : Ksh ʃimi- : SK ʃimi- : Kp ʃiʔmi- : Ch -- : Mar -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Kat -- : Shan -- : Poy -- : A ximi- II : Kn ʃimi- : M ʃikitoʃimii : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

/_.n

Ksh Ø : SK Ø : Kp ? : Mar Ø : Ch Ø : Kax Ø : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : Kat Ø : A Ø : Kn Ø : M Ø : Yaw Ø : Ko Ø : Mt Ø

98. *βoʔ[n]a[n]-ti 'tipo de caixa' : Ksh βoná-ti : SK βonáti : Kp βoʔnánti : Mar -- : Ch βo'na-naʔa 'nido de la tocandera' (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat βunati 'mala' : Poy -- : A wonáti II : Kn bunáti 'baúl, caja' : M fónáti 'caja' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

/_.r

Ksh Ø : SK Ø : Kp Ø : Mar Ø : Ch Ø : Kax Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : A Ø : Kn Ø : M Ø : Kat Ø : Yaw : Ø : My Ø

72. *βiʔra[C] : Ksh βiná 'muchacho adolescente' : SK βiná : Kp βiʔná : 'nuevo' : Ch -- : A winaa I : Kn bina : M fína 'nuevo' : Mar -- : Kat βina 'novo' : Shan fina 'novo' : Yaw βina 'nova' : Poy -- : Kax habila'ki [fiaβila'ki] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan fida : Shar fina 'nuevo' : Ko -- : Mt -- : My --.

491. *yaʔra[n] 'esp. de carrapato' : Ksh jaǎ : SK yaǎ : Kp yaʔnán : Mar -- : Ch yaʔa, yaʔani 'la broquelona (clase de garrapata grande)' (ZINGG, 1998), yaʔáni : Kax ya'li [ja'lə] 'carrapato' (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar yanan, yanapan 'garrapata' : Shan -- : Kat (rianan) : Poy -- : A yanã I : Kn yanã : M yánã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My tʃanin [tʃa'nin] 'garrapata'.

/V_.tʃ

Ksh Ø : SK Ø Kp ? : Mar Ø : Ch Ø : Kax Ø : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : Kat Ø : A Ø : Kn Ø : M Ø : Yaw Ø : Ko Ø : Mt Ø

118. *tʃaʔtʃi- 'picar, dar agulhada, ferrar, injetar, furar' : Ksh tʃatʃi : SK tʃatʃi- : Kp tʃaʔtʃi- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam tʃatʃikĩ 'picar, morder, vacunar'

- (EAKEN, 2008) : Chan tʃatʃi-ti ‘lanza’ : Shar tʃatʃi, tʃatʃia ‘punzar, apunhalar, inyectar, picar (un insecto)’, tʃatʃiti ‘jeringa’ : Shan tʃatʃi ‘furar’ : Kat -- : Poy -- : A tʃatʃi- I : Kn tʃatʃi- : M tʃátʃí- : Yaw -- : Ko (tʃotkai ‘arpoar’) : Mt -- : My --.
203. *maʔtʃi ‘morro, colina’ : Ksh matʃi ‘coronilla’ : SK -- : Kp maʔtʃi ‘montaña’ : Mar matʃi ‘acima’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam matʃi ‘loma’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar matʃi, matʃin ‘cerro, loma’ : Shan matʃi ‘morro’ : Kat matʃi ‘morro’ : Poy (bafi ‘areia’) : A matʃi I ‘colina alta’ : Kn matʃi ‘colina, sistema montañoso’ : M matʃi : Yaw matʃi ‘terra’ : Ko -- : Mt (matʃi ‘farinha’) : My --.
237. *miʔtʃa- ‘molhar, molhado’ : Ksh tʃaβá- ‘estar mojado’ : SK miʔtʃá : Kp miʔtʃa : Mar **miʔtʃa**ka ‘molhado’ (COSTA, 1992) : Ch tʃaaʃ- ‘mojarse’ : Kax -- : Yam miʔtʃakai ‘invierno, tiempo de lluvia, diciembre’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan miʔtʃa, biʔtʃa ‘mojado’ : Shar miʔtʃa ‘mojado, húmedo’ : Shan mutʃia ‘molhado’ : Kat miʔtʃa-ai ‘molhar’ : Poy -- : A miʔtʃa- I ‘mojarse’, miʔtʃa II : Kn miʔtʃa ‘mojar, estar mojado’, chaa- ‘mojar algo’ : M miʔtʃa : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (miʔyan [miʔyan]).
285. *[n]oʔtʃo ‘esp. de caramujo’ : Ksh notʃo : SK notʃo : Kp noʔtʃo : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar notʃo, notʃon : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A notʃo II : Kn nutʃu : M nóʔtʃó : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Há um pequeno conjunto de dados (15. *ʔiʔβo*, 368. *riʔβi* e 391. **saʔβak*) em que Kapanáwa tem *ʔ*, Korúbo, Matís e Mayorúna têm *k*, enquanto as demais línguas têm \emptyset . Shell (1975 [1965]), com base nos dados do Kapanáwa, reconstrói um proto **ʔ*. Com os novos dados das línguas do subgrupo Mayoruna, a manutenção de um Protopáno **ʔ* exigiria que se postulasse uma mudança de **ʔ* em *k* precedendo *β*. Como não há indicações de outros casos de *k* em margem direita de sílaba em meio de palavra nas línguas Páno, a hipótese de uma mudança de Protomayurúna **ʔ > k / _+β* é a mais promissora, tendo havido uma oralização de **ʔ*. Note-se ainda que, no dado 148, **k^wa[ʔ]*, a glotal final tem como reflexo no subgrupo Mayorúna *k*.

/ V_β

Ksh ∅ : SK ∅ : Kp ? : Mar ∅ : Ch ∅ : Shar ∅ : Poy ∅ : A ∅ : Kn ∅ : M ∅ : Yaw ∅ : Ko k : Mt k : My k

15. *ʔiʔβo ‘dono’ : Ksh ʔiβo : SK ʔiβo : Kp ʔiʔβo : Mar iβo (CESARINO, 2008) : Ch ʔiβo ‘dueño’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iφo : Shan -- : Kat -- : Poy ihu : A ʔiwo (HYDE, 1980), iwó I : Kn ibu : M iφo : Yaw ihu : Ko ikβo [iʔβo] : Mt ikbo : My ikbo [i^kbo].
368. *-ʔiʔβi ~ *ʔiʔβa ‘igual, do mesmo jeito, também’ : Ksh - riβi : SK - riβi, riβa : Kp -riʔβi : Mar rivi ‘sempre’, rivi ‘somente, apenas’, sivi ‘também’ (KENNEL, 1978), rivi ‘enfático, mesmo’ (CESARINO, 2008) : Ch ri, -ri- ‘también’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -ri ‘também’, -fi ‘enfoque, enfocar’ : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat (siβi ‘também’) : Poy -- : A - riwi I : Kn -di, -dibi : M -riφi : Yaw -- : Ko aβi βiβi ‘de novo’, ated βiβi ‘igual, do mesmo tanto, empatado (uma partida de futebol)’ : Mt -- : My aucbidi ‘back.again’, adembidi ‘likewise(Tr)’, adecbidi ‘likewise(Itr)’, aocbidi ‘also’, -bi ‘like’, -di ‘emphatic’ (FLECK, 2003). (Muito provavelmente tratavam-se de dois morfemas independentes (*riʔ- e *βi-), mas que deviam coocorrer).
391. *ʂaʔβak ‘claridade’ : Ksh ʂaβá ‘despejo, claro’ : SK ʂaβá ‘ancho, espacio abierto’ : Kp ʂaʔβá ‘vacío’ : Mar ʂava ‘amanhã’ : Ch ʂaβáka ‘despejo, día’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ʂaφa, ʂaφan ‘día, luz’ : Shan ʂawa ‘día’, ʂawamasta ‘cedinho’ : Kat ʂaβa ‘lugar’, ʂaβa-ma ‘amanhã’ (CESARINO, 2008) : Poy -- : A xawã II ‘vacío, hueco’ : Kn ʂaβa ‘claro, despejo, claridad’ : M ʂaφã ‘día’ : Yaw ʂaβa ‘día’ : Ko -- : Mt -- : My (ʂaβak ‘nombre de hombre’).

/ _#

Ksh ∅ : Ch ?V : Kax hV : Ko k : Mt k

148. **k^wak- ‘ouvir, escutar, entender’ : Ksh k^wa-, kwá- ‘to hear’ (ZARIQUIEY, 2011) : SK -- : (Kp **koan**?aʔ-kin ‘hacer sonar’, **koan**?iʔ-kin) : Mar -- : Ch kaʔi- ‘saber, conocer’ : Kax ka’hi [ka’fi] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar (koʔiaki, koʔiaka ‘ladrar’) : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko k^wak- ‘escutar, entender’ : Mt kuak- ‘escutar, entender’ : My --.

3.2.2 Nasais

De acordo com Shell (1975 [1965]), o Protopáno teria possuído duas nasais **m* e **n*. Embora os resultados do nosso estudo concordem, em parte, com a reconstrução de nasais para o Protopáno, propomos a hipótese de que alguns dos dados usados por Shell (op. cit.) para reconstruir um Protopáno **n* são, na realidade, a base para reconstruir um fonema adicional para o Protopáno, o fonema **r*. Como mostramos adiante, os dados que fundamentam essa hipótese vêm do Kaxarari.

3.2.2.1 **m* nasal bilabial sonora

O Protopáno **m* apresenta *m* como reflexo regular em todas as línguas comparadas, em margem esquerda de sílaba inicial, medial e final de palavra, seguindo consoante, ou entre vogais.

/ #_

Ksh m : SK m : Kp m : Mar m : Ch m : Kax m : Yam m [m ~ b] : Chan m [m ~ b] : Shar m [m ~ b] : Shan m : Kat m : Poy m [b] : A m : Kn m : M m : Yaw m : Ko m : Mt m : My m

205. **matsi* ‘frio’ : Ksh matsi : SK matsi : Kp matsi : Mar ‘matsi [‘mātsǐ] ‘frio’ : Ch matsi : Kax -- : Yam matsi ‘frío’ (EAKEN, 2008) : Chan batsi, matsi ‘frío’ : Shar matsi ‘frío’ : Shan matsi ‘frio, gelado’ : Kat matsi ‘frio’ : Poy basi ‘frio’ : A matsi I : Kn matsi : M matsi : Yaw matsi ‘frio, gelo’ : Ko -- : Mt -- : My --.

239. **m̃tsis* ‘unha da mão’ : Ksh untsis, untsi ‘unha’ (SHELL, 1987), untsis ‘nail’ : SK m̃ntsís ‘unha del dedo’, m̃tsís : Kp m̃ntsís : Mar m̃tsisi [m̃tsisi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch ‘m̃tsis, ‘m̃tsisi ‘uña de los dedos de la mano’, m̃tsisi ‘uña del dedo de la mano’ : Kax m̃tʃisi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mitsis, mitsisi (EAKEN, 2008) : Chan bitsis (otsis) : Shar m̃tsisi, otsisi : Shan m̃tʃifi : Kat m̃tʃifi [m̃tʃifi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Poy -- : A hon'tsís ‘uña del dedo del pie’, m̃ntsís ‘uña, dedo de la mano’ (HYDE, 1980), m̃tsis I : Kn m̃tsís : M m̃tsisi : Yaw m̃tsisi : Ko (m̃tʃiun ‘unha’) : Mt m̃ntis ‘unha’ : My m̃ntsís [m̃ntsís].

Outros exemplos: 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229,

230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250.

/ V_V

Ksh m : SK m : Kp m : Mar m : Ch m : Kax m : Yam m : Chan m [m, b] : Shar m : Shan m : Kat m : Poy Vb : A m : Kn m : M m : Yaw m : Ko m, n : Mt m : My m

141. *himi ‘sangué’ : Ksh imi : SK himi : Kp himi : Mar imi [ĩ^mbi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch himi : Kax hi’mi (VALENZUELA; CABRAL, 2012) : Yam im- ‘sangre’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan ibi : Shar imi, imin ‘sangre’ : Shan imi : Kat himi : Poy ĩbi : A himi I : Kn himi : M imi : Yaw imi : Ko **inta** ‘sangué’ : Mt imi : My imi, intak.

429. *şoma ‘seios, leite’ : Ksh şoma ‘leche’ : SK şoma ‘leche, seno’ : Kp şoma ‘seno’ : Mar şoma [şu’ma] ‘peito’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch şoma ‘leche’ : Kax ju’ma ‘peito’ : Yam -- : Chan şoma fipon ‘leche materna, leche del tucho’ : Shar şoma, şoman ‘seno, teta’ : Shan şuma ‘seio feminino, mamar’ : Kat juma ‘seio’ : Poy hũba ‘seios’ : A xoma II ‘leche animal’ : Kn şuma ‘teta’ : M şómá : Yaw juma ‘peito’ : Ko şuma ‘leite, seio’ : Mt şuma ‘seio’ : My şuma ‘seno, teta, pezón, tetilla, músculos del pecho’.

Outros exemplos: 3, 46, 76, 92, 117, 139, 165, 256, 257, 258, 374, 376, 421, 439, 469, 494, 495, 506, 507, 508.

/ʔ._

Ksh m : SK m Kp m : Mar m : Ch m : Yam m : Chan m : Shar m : Shan m : Kat m : A m : Kn m : M m : Yaw m

166. **kaʔmoş ‘esp. de cobra’ : Ksh kamóş : SK kamóş : Kp kaʔmoş ‘shushupi’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch **ka'moa** ‘pucarara (esp. de culebra)’ : Kax -- : Yam kamoş : Chan -- : Shar kamoşi, kamoşin ‘shushupi (esp. de culebra venenosa)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kamox I : Kn kamuş : M kámofĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt (kanmuns ‘esp. de cobra’) : My --.

349. *raʔma: Ksh βiráma ‘hace tiempo’ : SK rama ‘ahora’ : Kp raʔma ‘hoy’ : Mar rama ‘agora’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam rama ‘ahora’ : Chan **rama**ʃta ‘ahora’ : Shar rama ‘recientemente’ : Shan rama ‘agora’ : Kat rama ‘agora’ : Poy -- : A rama II ‘hoy, ahora’ : Kn dama ‘entonces, después,

inmediatamente, pronto' : M ráma 'ahora mismo' : Yaw rama 'agora' : Ko -- : Mt -- : My --.

406. *ʃiʔmi- 'debulhar o milho' : Ksh ʃimi- : SK ʃimi- : Kp ʃiʔmi- : Ch -- : Mar -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Kat -- : Shan -- : Poy -- : A ximi- II : Kn ʃimi- : M ʃikitoʃimi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

/ʃ._

Ksh m : SK m : Kp m : Shar m : A m : Kn m : M m.

29. *ʔiʃmi[n] 'urubu rei' : Ksh ʔiʃmĩ : SK ʔiʃmĩ : Kp ʔiʃmín : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iʃmin, iʃminon 'condor blanco' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔiʃmin 'cóndor' (HYDE, 1980), iʃmĩ : Kn iʃmĩ : M iʃmĩ 'cóndor' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

/ʃ._

SK m : Kp m : Ch m : Mar m : Kat m.

476. *waʃmi[n] 'algodão' : Ksh : SK waʃmĩ : Kp waʃmín : Mar waʃmĩ (CESARINO, 2008), 'wafma (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch waʃmíni, waʃmi 'algodón' : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat wafiman : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko (wafmín 'nome de mulher') : Mt -- : My --.

As línguas Kapanáwa e Mayorúna têm *n*, respectivamente, nos exemplos 139 e 459:

Ksh m : SK m : Kp n : Ch m : Shar m : Kat m : A m : Kn m : M m : Yaw m

138. **hiʔima 'esp. de formiga' : Ksh nima (SHELL, 1987), ima : SK hima 'hormiga roja pequeña con aguijón' : Kp hiín 'hormiga negra pequeña' : Mar (i 'formiga de fogo' (CESARINO, 2008)) : Ch hiʔima, 'hiʔi (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ima, iman, 'esp. de hormiga muy pequeña' : Shan (ina 'formiga (gen.)') : Kat hima 'formiga de fogo' : Poy -- : A hima II : Kn hima : M íma : Yaw ima 'formiga' : Ko -- : Mt -- : My -- : 'clase de hormiga'.

SK m : Kp m : Ch m : Shar m : Kn m : M m : My n

459. *tima- ‘bater, golpear’ : Ksh -- : SK tima- ‘golpear, golpear la urdimbre al tejer’, βiĩ- ‘golpear en el ojo’ : Kp tima-kin ‘pegar, golpear com el puño’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch tima- ‘apiñar’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar timai, timaa ‘machacar, moler’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn tima- ‘tejer ropa, tocar con el codo, dedo o pie’ : M tímá- ‘moler alimentos’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (tin ‘machacar barbasco’, tinka ‘patear, pisar algo aplastándolo’, tinke ‘pisar fuerte’).

Ksh m : SK m : Kp m : Mar m : Ch m : Kax m : Yam m : Shar m : Kat m : Poy Ṽb : mb A m : Kn m : M m : My mb

440. *tamβo ‘bochecha’ : Ksh tamo : SK tamo : Kp tamo (LOOS; LOOS, 1998) : Mar tamo [tẽ^mbo] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) ‘bochecha’ : Ch tamo : Kax tamu [ta'mu] ‘bochecha’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam tamo, tamõ : Chan -- : Shar tamo, tamon ‘carrillo, mejilla’ : Shan -- : Kat tamu ‘bochecha’ : Poy tâbu ‘bochecha’ : A tamó I : Kn tamu : M tamo : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My **tambu** [tam'bu] ‘barba, pelos en la mejilla’ (provavelmente tam ‘mejilla’ + bu ‘pêlo’).

Na etimologia 440 acima, apenas Mayorúna apresenta a sequência *mb*, mantendo *m*, como reflexo de **m*, e *b*, como reflexo de **β*, da composição de *tam*- ‘bochecha’ + *bu* ‘pelo’ = *tambu*. As demais línguas teriam fundido o reflexo de **β* com o reflexo do **m*, resultando em *tamu* ou *tamo*.

Note-se que, nas correspondências em 37, Kaxinawá tem *ũpaș*, Kashíbo, Shípibo-Kónibo e Yaminawá têm *õpaș* e Kapanáwa tem *õmpa*, o que indica que nessas línguas houve a redução **ũma-paș*, respectivamente, para *ũpaș*, *õpaș*- e *õmpa*.

/V_V#

Ksh m : SK m : Kp m : Yam Ṽ∅ : Shar m : A m : Kn Ṽ∅ : M m : Mt m : My m

37. *ʔoma-paș ‘água fresca (lit. líquido novo)’ : Ksh ʔõpás ‘agua en recipiente’ : SK ʔõpás ‘agua en um recipiente’ : Kp ʔõmpa ‘bebida de maíz o de yuca’ : Mar 'wakapaʃa ‘água’, 'waka ‘rio’ (COSTA, 1992), paʃa ‘fresco, novo’ (CESARINO, 2008) : Ch hini paș ‘água’ : Kax -- : Yam õpaș [õ̃paș]

(LANES, 2005) : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : A -- : Kn ũpaş ‘água para ele consumo’ : M -- : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt uma ‘mingau’, paĵa ‘novo’ : My uma ‘bebida cernida’.

Ainda com relação aos reflexos de **m* intervocálicos, ressaltamos que as línguas Poyanáwa e Chanináwa desnasalizaram **m* em: 141. **himi* (Poy *ĩbi*, Chan *ibi*); 205. **matsi* (Poy *basi*, Chan *batsi*); 208. **mai* (Poy *bay*, Chan *bai*); 209. **mapo* (Poy *bapu*, Chan *bapo*); 226. **masi* (Poy *bafi*, Chan *bafi*) e 258. **rami* (Poy *nābi*, Chan *nabi*, *dami*). Em 494. **yami[t]*, Poyanáwa apresenta β (Poy *iāβu*), enquanto Chanináwa apresenta *b* (Chan *yabĭ*).

Apenas Poyanáwa apresenta o reflexo *b* e não possuímos os dados em Chanináwa, nas etimologias:

195. **koma* ‘nambu’ : Ksh *koma* : SK *koma* : Kp *koma* : Mar *koma* ‘inhambu’ (MELATTI, 1975 [2005]) : Ch *koma* : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *koma*, *koman* ‘perdiz grande’ : Shan -- : Kat *kuma* ‘inhambu’ : Poy *kũba* ‘nambu galinha’ : A *koma* I : Kn *kuma* : M *koma* : Yaw *kuma* ‘nambu’ : Ko -- : Mt *kuma* ‘nambu’ : My --.
224. **maři* ‘cutia (esp. de roedor)’ : Ksh *mari* : SK *mari* : Kp *mari* : Mar *mari* [‘māřĭ] ‘cutia’ : Ch -- : Kax *matĵahi* (SOUSA, 2004) : Yam *mari*, *mařĭ* ‘añuje’ (EAKEN, 2004) : Chan -- : Shar *mari*, *marin* ‘añuje, agutí’ : Shan *mari* ‘cutia’ : Kat *mari* ‘cutia’ : Poy *bari* ‘cutia’ : A *marí* I : Kn *madi* : M *mari* : Yaw *mari* ‘cutia’ : Ko -- : Mt *made* [‘mare] ‘cutia’ : My *made* ‘paca’.
493. **[-ya]ma* ‘sufixo negativo’ : Ksh *-ma* : SK *-yama* : Kp *yama* : Mar *-ma*, *-ama* ‘negativo’ (KENNEL JR., 1978) : Ch *-yama* : Kax *-ma*, *maĵa* (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *maa* ‘no’, *-ma* ‘negación’ (FAUST; LOOS, 2002), *-yama* ‘negativo proibitivo’ : Chan -- : Shar *-ma* ‘no’, *-yama* ‘imperativo negativo, prohibición’ : Shan *-ma* ‘negação geral’, *-yama* ‘negação de imperativo’ : Kat *yama* ‘não ter, negativo’, *ma* ‘não’ : Poy *ba* ‘assertiva negativa’ : A *-yama* : Kn *-ma*, *-yama* : M *-ma* : Yaw *-ma* ‘negação’ : Ko *-ma* ‘negação passado’, (*-men* ‘negação não passado’) : Mt -

ama ‘marca de negação passado’, (-emen ‘morfema de negação para tempo não passado’) : My --.

Já nos dados abaixo, Poyanáwa apresenta *b*, enquanto Chanináwa apresenta *m*.

429. **ṣoma* ‘seios, leite’ : Ksh *ṣoma* ‘leche’ : SK *ṣoma* ‘leche, seno’ : Kp *ṣoma* ‘seno’ : Mar *ṣoma* [ṣu'ma] ‘peito’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch *ṣoma* ‘leche’ : Kax *ṣu'ma* ‘peito’ : Yam -- : Chan *ṣoma* *ḥiḥon* ‘leche materna, leche del tucho’ : Shar *ṣoma*, *ṣoman* ‘seno, teta’ : Shan *ṣuma* ‘seio feminino, mamar’ : Kat *ṣuma* ‘seio’ : Poy *hũba* ‘seios’ : A *xoma* II ‘leche animal’ : Kn *ṣuma* ‘teta’ : M *ṣómá* : Yaw *ṣuma* ‘peito’ : Ko *ṣuma* ‘leite, seio’ : Mt *ṣuma* ‘seio’ : My *ṣuma* ‘seno, teta, pezón, tetilla, músculos del pecho’.
440. **tamḃo* ‘bochecha’ : Ksh *tamo* : SK *tamo* : Kp *tamo* (LOOS; LOOS, 1998) : Mar *tamo* [tẽ^mbo] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) ‘bochecha’ : Ch *tamo* : Kax *tamu* [ta'mu] ‘bochecha’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *tamo*, *tamõ* : Chan -- : Shar *tamo*, *tamon* ‘carrillo, mejilla’ : Shan -- : Kat *tamu* ‘bochecha’ : Poy *tãbu* ‘bochecha’ : A *tamó* I : Kn *tamu* : M *tamo* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My **tambu** [tam'bu] ‘barba, pelos en la mejilla’ (provavelmente *tam* ‘mejilla’ + *bu* ‘pêlo’).

Há, ainda, etimologias em que apenas Chanináwa apresenta *b* em variação livre com *m*, como reflexo de proto **m*:

- Ksh *m* : SK *m* : Kp *m* : Ch *m* : Kax *m* : Chan **b** ~ **m** : Shar *m* : A **m** : Kn *m* : Mt *m*
237. **miʔtja-* ‘molhar, molhado’ : Ksh **tʃaβá-** ‘estar mojado’ : SK *mitʃá* : Kp *miʔtja* : Mar **mitʃaka** ‘molhado’ (COSTA, 1992) : Ch *tʃaaṣ-* ‘mojarse’ : Kax -- : Yam *mitʃakai* ‘invierno, tiempo de lluvia, diciembre’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan *mitʃa*, *bitʃa* ‘mojado’ : Shar *mitʃa* ‘mojado, húmedo’ : Shan *mutʃia* ‘molhado’ : Kat *mitʃa-ai* ‘molhar’ : Poy -- : A *mitʃa-* I ‘mojarse’, *mitʃa* II : Kn *mitʃa* ‘mojar, estar mojado’, *chaa-* ‘mojar algo’ : M *mitʃa* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (*miyan* [mi'yan]).

Outros exemplos são 249 e 495.

Entretanto, nos exemplos 92, 126, 238 e 222, Chanináwa apresenta apenas *b*, como reflexo de **m*.¹²⁶

Reflexos de **m* são também encontrados em margem esquerda de sílaba em fronteira de morfema.

/ +_

202. **-m[a]-* ‘sufixo verbal causativo’ : Ksh -mi- : SK -ma- : Kp -ma- (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -ma ‘causativo’ (COSTA, 2000) : Ch -ma- : Kax -- : Yam -ma (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -ma- : Shan -ma : Kat -- : Poy -- : A -ma- : Kn -ma- : M -ma- : Yaw -ma : Ko -me : Mt -me : My -me.

Ver também o exemplo 493.

Embora as línguas comparadas não apresentem *m* em final de palavra, reconstruímos um **m* nessa posição, com base na ocorrência de *m* em formas longas do Chákobo, Yamináwa, Kaxararí e Sharanáwa:

86. **βitim* ‘sopa, caldo’ : Ksh βitĩ ‘cocinar carne em água’ : SK βitĩ ‘guiso de pescado’ : Kp βitin ‘sopa’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch βitĩmi ‘alimento’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φitin ‘sopa’ : Shan -- : Kat (yuntu ‘sopa de peixe’) : Poy -- : A witĩ II ‘bebida hecha de maíz dulce’ : Kn bitĩ ‘sopa que contiene carne’ : M φitĩ ‘sopa que contiene carne’ : Yaw -- : Ko βitin ‘sopa, caldo, mingau’ : Mt bitin ‘sopa’ : My --.

Ver também os exemplos 348 e 293.

A forma longa seria a forma flexionada para o caso ergativo, genitivo ou instrumentivo, como demonstraremos no capítulo 4.

A língua Amawáka apresenta *n* em final de palavra quando as demais línguas apresentam *m*, o que indica que os reflexos de **m* em final de palavra nessa língua teriam se fundido com os reflexos de **n*.

67. **βato[m]* ‘esp. de peixe’ : Ksh βató : SK βató : Kp βatón : Mar -- : Ch βatoma, βato ‘bocachica’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φato, φatopan

¹²⁶ Com base na revisão da fonologia das línguas Yamináwa e Sharanáwa apresentada no capítulo anterior, as duas línguas têm a variante [b] do fonema /m/.

‘lisa (especie de pez)’ : Shan -- : Kat βatun ‘piau’ : Poy -- : A watō II : Kn batū : M φátō ‘clase de pez’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

86. *βítim ‘sopa, caldo’ : Ksh βítĩ ‘cocinar carne en agua’ : SK βítĩ ‘guiso de pescado’ : Kp βítin ‘sopa’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch βítĩmi ‘alimento’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φítin ‘sopa’ : Shan -- : Kat (yuntu ‘sopa de peixe’) : Poy -- : A wítĩ II ‘bebida hecha de maíz dulce’ : Kn bitĩ ‘sopa que contiene carne’ : M φítĩ ‘sopa que contiene carne’ : Yaw -- : Ko βítin ‘sopa, caldo, mingau’ : Mt bitin ‘sopa’ : My --.

3.2.2.2 *n nasal alveolar sonora

Shell (1975 [1965]) reconstruiu a consoante nasal alveolar sonora *n com base nos reflexos deste som nas línguas Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá e Marináwa. Com a inclusão de dados da língua Kaxararí, constatou-se que, nessa língua, alguns reflexos de *n são n, mas outros são l. A presença de l em Kaxararí foi a base para que revisássemos a reconstrução de um *n, de Shell (op. cit.), e propuséssemos a reconstrução de dois protofonemas, *n e *r, em lugar de um só *n, o que será discutido na seção 3.2.3.2.

Quanto ao Protopáno *n, este tem como reflexo nas várias línguas n, em início de palavra, entre vogais e seguindo consoante em fronteira silábica:

/ #_

Ksh n : SK n : Kp n : Mar n : Ch n : Kax n : Yam n : Shar n : Shan n : Kat n : Poy n
[n ~ d] : A n : Kn n : M n : Yaw n : Ko n : Mt n : My n

255. *nak^waši ‘cupim’ : Ksh nak^wáš ‘comején, esp. de hormiga blanca’ (SHELL, 1987) : SK nakáš : Kp nakáš : Mar na’kaši ‘cupim’ : Ch nakaša ‘la termita, el turiro’ (ZINGG, 1998) : Kax nakaša ‘cupim’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar nakaši, nakašin ‘comején’ : Shan nakaši ‘cupim’ : Kat -- : Poy -- : A nakax I ‘comején’ (HYDE, 1980) : Kn nakaš; M nákaši : Yaw nakašin ‘cupim’ : Ko -- : Mt nakaš ‘cupim’ : My --.
258. *rami ‘carne’ : Ksh nami : SK nami : Kp nami : Mar ‘nami (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch nami ‘carne’ : Kax la’ami (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam nami, nāmi (EAKEN, 2008) : Chan nabi, dami :

Shar nami, namin : Shan nami : Kat nami : Poy nābi : A namí I : Kn nami :
M nami : Yaw nami : Ko -- : Mt nami ‘carne’ : My nami [na'mi] ‘carne’.

Outros exemplos: 251, 252, 253, 255, 257, 260, 271, 273, 282, 286.

Em único dado, Chákobo tem \emptyset , enquanto as demais línguas têm *n*:

Ksh n : SK n : Kp n : Mar n : Ch \emptyset : Yam n : Chan n : Shar n : Shan n : Kat n : A n :
M n : Yaw n : Ko n : Mt n : My n

262. *[n]as[i]- ‘banhar-se, tomar banho’ : Ksh naʃi- : SK naʃi- : Kp naʃi- : Mar
naʃi (CESARINO, 2008) : Ch aʃi- ‘bañarse’ : Kax -- : Yam naʃi (FAUST;
LOOS, 2002) : Chan daʃi, naʃi : Shar naʃi, naʃia ‘bañarse, nadar’ : Shan naʃi
: Kat naʃi : Poy -- : A naʃi- I : Kn naʃi- : M naʃi- : Yaw naʃi : Ko -- : Mt nes-
kin : My nes ‘bañarse’.

/ V_V

Csh: n : SK n : Kp n : Mar n : Ch n : Kax n : Yam n : Chan n [d ~ n] : Shar n [d ~ n]
: Shan n : Kat n : Poy n [Ṽd] : A n : Kn n : M n : Yaw n : Ko n : Mt n : My n

5. *ʔano ‘paca (esp. de roedor)’ : Ksh ʔano : SK ʔano : Kp ʔano : Mar -- : Ch
ʔano ‘jochi pintado’ (ZINGG, 1998) : Kax anawí : Yam ano, anō ‘majás’ :
Chan -- : Shar ano, anon ‘majás’ : Shan anu : Kat ano : Poy -- : A ʔanó
‘majás, roedor pequeño’ (HYDE, 1980), a'no I : Kn anu : M ano ‘paca, clase
de roedor’ : Yaw anu : Ko -- : Mt -- : My --.

77. *βini ‘marido, macho’ : Ksh βini : SK βini : Kp βini : Mar βini ‘marido’ :
Ch βini ‘marido, macho’ : Kax bi'ni [βi'ni] ‘marido’ (LANES, 2005) : Yam
φini (FAUST; LOOS, 2008) : Chan φini, φidi ‘esposo’ : Shar φini, φinin
‘marido, esposo’ : Shan fi'ni : Kat -- : Poy -- : A wini : Kn bini : M φini :
Yaw βini ‘marido’ : Ko βini : Mt bini : My bini ‘macho (animal o planta),
esposo’.

342. *pono ‘veia’ : Ksh pono : SK pono : Kp pono : Mar pono ‘artérias’
(CESARINO, 2008) : Ch pono : Kax pu'nu ‘veia’ (SOUSA, 2004) : Yam -- :
Chan podo : Shar pono, ponon ‘vena, arteria, nervio, ligamento, alambre,
hilo, cordón’ : Shan -- : Kat punu ‘veia’ : Poy pũdu ‘veia’ : A ponó I : Kn

punu : M pono : Yaw -- : Ko punu ‘veia, corda’ : Mt punu ‘veia, elástico’ : My punu ‘veia, artéria, canal de bilis’.

Outros exemplos: 20, 47, 62, 94, 142, 169¹²⁷, 302, 303, 58, 364, 387, 470.
Exemplos [n]: 22, 36, 76, 105, 120, 132, 133, 134, 152, 153, 154, 155, 156, 196, 215, 216, 217, 218, 313, 330, 378, 381, 386, 396, 397, 410, 411, 412, 413, 464, 475, 483, 484,¹²⁸ 486, 501, 502a.

No dado 21, Kaxararí tem \emptyset , enquanto as demais línguas têm *n*:

Ksh n : SK n : Kp n : Mar n : Ch n : Kax \emptyset : Yam n : Chan n : Shar n : Shan n : Kat
nn : A n : Kn n : M n

21. *ʔinar- ‘dar’ : Ksh ʔinǎ- : SK ʔinǎ- : Kp ʔinán : Mar ǎinǎ- ‘dar’ (KENNEL JR., 1978) : Ch ʔinia- ‘vender, regalar, repartir’ (ZINGG, 1998), ʔina- ‘dar’ : Kax yali ‘dar’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam inǎ- ‘dar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan inai : Shar inain, inaan ‘dar, pagar’ : Shan inan : Kat inna-ai, ɪnai ‘dar’ : Poy -- : A inǎ-, ʔinan-kín ‘dar’ (HYDE, 1980) : Kn inǎ- : M ínǎ- : Yaw -- : (Ko mene-) : (Mt mene-kin) : My (mene).

/ ʃ._V

Ksh n : SK n : Kp n : Chan n [d] : Shar n : Poy n [d] : A n : Kn n : M n : Yaw n

85. *βiʃ[n]a[n] ‘fino, raso’ : Ksh βiʃnǎ ‘no profundo y también cristalina (clara), del agua’ (βiʃbá ‘fino, delgado como el papel o la tela’) : SK βiʃnǎ : Kp βiʃnán ‘aguardiente’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φiʃnan ‘fino, delgado, flaco, aguado’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wixna II ‘fino, delgado’ (wixwa- ‘aclararse, como el cielo’, wixni- I ‘volverse no profundo’ ver War) : Kn biʃnǎ ‘transparente, claro, delgado, fino’ : M fíʃnǎ ‘no profundo y también claro, del agua, fino’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My--.
159. *k^wiʃ[n]i ‘barba’ : Ksh -- : SK kiʃni ‘bigote’ : Kp kiʃni ‘pestaña’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan kiʃdi, (kíti) ‘barba’ : Shar kiʃni, kiʃnin ‘barba’ : Shan -- : Kat -- : Poy kũhdi : A -- : Kn kiʃni : M kíʃní : Yaw kiʃni ‘bigode, barba’ : Ko-- : Mt -- : My **kuiʃ**bu ‘extremo suelto

¹²⁷ Os reflexos de *n são distintos na maioria das línguas, expressando-se somente como a nasalização da vogal, devido à queda da vogal em fronteira de morfema. No entanto, em línguas como Kaxinawá, Korúbo e Mayorúna, em que não há acréscimo de morfema, o reflexo regular /n/ ocorre como esperado.

¹²⁸ Esta forma poderia, na verdade, ser composta de apenas uma sílaba e apresentar a nasal em final de palavra, como os reflexos observados em Kaxararí, Korúbo, Matís e Mayorúna.

en el borde (por ejemplo, los flecos de una hamaca, hojas sueltas del techumbre de una casa)’.

/ʔ._V

SK n : Kp n : Mar n : Yam n : Shar n : Shan n : Kat n : A n : Kn n : M n : Yaw n :
Ko n : Mt n : My n

73. *βiʔ[n]oC_c- ‘esquecer, perder’ : Ksh -- : SK βino- : Kp βiʔno- : Mar vino
‘perder’ (cf. venomta, venomtaina) (CESARINO, 2008) : Ch βino-
‘perderse, olvidar’ : Kax -- : Yam φino ‘perder’ (FAUST; LOOS, 2002) :
Chan -- : Shar φinoi, φinoa ‘perderse’ : Kat βinu-βai ‘perder’ : Shan finu
‘esquecer’ : Poy -- : A wino- : Kn binu- : M φino : Yaw βinu ‘esquecer’ : Ko
binut, Mt binud- : My --.

98. *βoʔ[n]a[n]-ti ‘tipo de caixa’ : Ksh βonã-ti : SK βonãti : Kp βoʔnãnti : Mar -
- : Ch βo'na-naʔa ‘nido de la tocandera’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- :
Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat βunati ‘mala’ : Poy -- : A wonãti II : Kn
bunãti ‘baúl, caja’ : M φonãti ‘caja’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Os reflexos de *n em margem direita de sílaba, antes de silêncio ou em fronteira de morfema, são ∅ em Chákobo. Em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Poyanáwa, Kaxararí e Yanimáwa, os reflexos de *n, nessa posição, são ∅ ou Ṽ, e, em Kapanáwa, Katukína, Xanenáwa, Yawanawá, Xaranáwa, Korúbo, Matís e Mayorúna, são n ou ∅.

/_#

Ksh Ṽ : SK Ṽ : Mar Ṽ : Kp n : Ch ∅ : Kax Ṽ : Yam Ṽ : Shar n : Shan n : Kat n :
Poy Ṽ : A Ṽ : Kn Ṽ : M Ṽ : Yaw n : Ko n : Mt n : My n

14. *ʔian ‘lago’ : Ksh ʔiá : SK ʔiá : Kp ʔián : Mar i'an [i'ẽ] (COSTA, 1992), iã
(CESARINO, 2008) : Ch ʔiáni, iá (ZINGG, 1998) ‘lago’ : Kax iani [ia'ni]
(VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam iã, iamã : Chan -- : Shar ian :
Shan yan : Kat ian : Poy -- : A ʔiyan (<hínyan>) (HYDE, 1980), ʔiã I : Kn iã
: M iã : M -- : Yaw ian : Ko tʃan : Mt tʃan : My tʃi'na.

Embora não tenhamos tido acesso a uma forma Kaxararí com *n* final, há formas com *n* em sílaba final correspondente a *n* final de outras línguas, como na forma *yaní* ‘lago’, acima. Outros exemplos são: 9, 34, 38, 55, 300, 157, 160, 164, 188, 207, 418, 431, 444, 464, 476, 507 e 511.

Nas etimologias 3 e 29, Kaxararí, Amawáka, Kaxinawá e Marináwa têm \tilde{V} ; Shípibo-Kónibo, Marúbo e Chákobo têm \emptyset , Kapanáwa, Shananáwa, Katukina, Sharanáwa e Yawanawá têm *n*:

Ksh \tilde{V} : SK \emptyset : Kp : *n* : Ch \emptyset : Mar \emptyset : Shar *n* : Shan *n* : Kat *n* : A \tilde{V} : Kn \tilde{V} : M \tilde{V} :
Yaw *n*

3. * \tilde{V} ami[n] ‘capivara’ : Ksh \tilde{V} a $\tilde{m}\tilde{i}$: SK \tilde{V} a $\tilde{m}\tilde{i}$: Kp \tilde{V} a $\tilde{m}\tilde{i}$ n : Mar ami (MNTB-
LOOS, s.d.) : Ch amino, ami ‘la capyguara’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- :
Shar amin : Shan aman : Kat amin : Poy -- : A \tilde{V} amin (HYDE, 1980) : Kn
am \tilde{i} : M ‘am \tilde{i} : \tilde{V} amino ‘capibara’ : Yaw aman : Ko -- : Mt -- : My --.
29. * \tilde{V} ifmi[n] ‘urubu rei’ : Ksh \tilde{V} if $\tilde{m}\tilde{i}$: SK \tilde{V} if $\tilde{m}\tilde{i}$: Kp \tilde{V} if $\tilde{m}\tilde{i}$ n : Mar -- : Ch -- :
Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ifmin, ifminon ‘condor blanco’ : Shan -- :
Kat -- : Poy -- : A \tilde{V} ifmin ‘cóndor’ (HYDE, 1980), if $\tilde{m}\tilde{i}$: Kn if $\tilde{m}\tilde{i}$: M if $\tilde{m}\tilde{i}$
‘cóndor’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Observamos que a diferença entre vogais nasais e vogal mais *n*, em margem direita de sílaba, pode ser também devido às fonemizações propostas. Observamos, ainda, que os reflexos de **n* em margem direita de sílaba são bastante divergentes. Katukína apresenta uma flutuação de *n* (etimologias 103 e 454) e \emptyset (etimologia 94):

Ksh \tilde{V} : SK \emptyset : Kp *n* : Ch \emptyset : Shar \emptyset : Shan \emptyset : Kat *n* : A \tilde{V} : Kn \tilde{V} : M \tilde{V} : Mt \emptyset :
My \emptyset

103. * \tilde{V} oko[n] ‘esp. de árvore (embaúba?)’ : Ksh \tilde{V} okó : SK \tilde{V} okó : Kp \tilde{V} okón :
Mar -- : Ch \tilde{V} okóno, \tilde{V} o’ko ‘el ambaybo (planta que sirve para hacer sogas)’
(ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar \tilde{V} oko, \tilde{V} okon ‘cetico (esp.
de árbol)’ : Shan -- : Kat \tilde{V} unkun, a \tilde{V} uku : Poy -- : A wokó I : Kn bukū : M
 \tilde{V} ókó : Yaw -- : Ko -- : Mt buku [bu’ku] ‘embaúba’ : My buku [bu’ku] ‘árbol
de madera suave, cetico’.

454. *tiška[n] ‘broto’ : Ksh tiškã : SK tišká : Kp tiškán : Mar -- : Ch tiş'ka, tiş'kata ‘racimo’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tiška, tişkapan ‘racimo’ : Shan tuşka : Kat -- : Poy -- : A tişkã II : Kn tiškã : M tíşkã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh \check{V} : SK \emptyset : Kp n : Mar \check{V} : Ch \emptyset : Kax nV : Kat \emptyset : A \check{V} : Yaw n

94. *βinon ‘esp. de palmeira’ : Ksh βinó : SK βinó : Kp βinon ‘aguaje, palma real’ : Mar βinō ‘buriti’ (CESARINO, 2008) : Ch βinona, βino ‘la palma real’ : Kax binu'ni [binu'ni] ~ [b'i'nui] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat βinu [vĩno?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A winō I : Kn -- : Yaw βinun- : Ko -- : Mt -- : My --.

Nas etimologias abaixo, Shípiho-Kónibo apresenta uma variação de *n* (etimologias 319, 50, 75, 153, 316, 401, 446) e \emptyset (etimologias 94, 103 e 454)

Ksh \check{V} : SK \check{V} : Kp n : Mar \check{V} : Ch \emptyset : Kat n : Yam \emptyset : Shar \emptyset : Shan n : Poy \check{V} : A \check{V} : Kn \check{V} : M \check{V} : Yaw n : Ko n : Mt n

319. *pãjin ‘amarelo’ : Ksh pãjĩã : SK pãjĩ : Kp : Mar -- : Ch jini ‘rojo, maduro’, paʃi- ‘colorearse, pintonearse’ (ZINGG, 1998) : Kax j'ini [j'ini] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar paşi ‘pálido’ : Shan paşin ‘amarelo’ : Kat (manjin ‘amarelo’) : Poy pãjĩ ‘amarelo’ : A pãjĩ I : Kn paʃĩ ‘ictérico’ o paşinipa ‘amarillo, pálido’ : M pãjĩ: Yaw paşin ‘amarelo’ : Ko **jinte** ‘urucum’ : Mt jin ‘amarelo, laranja’ (FERREIRA, 2005) : My --; ‘amarillo’ (ver também a etimologia 305. *hojini).

Outros exemplos ilustrativos das variações nos reflexos de **n* antes de silêncio nas várias línguas são:

Ksh \check{V} : SK \check{V} : Kp n : Kax \emptyset : Yam \emptyset Shar \emptyset : Shan \emptyset : A \check{V} : Kn \emptyset M \emptyset

200. *[k]oşna ‘cedro’ : Ksh kōşá : SK kōşá : Kp koşán : Mar -- : Ch -- : Kax [akua'sa] [jak^wa'sa] (COUTO, 2005) : Yam koşa : Chan -- : Shar koşa, koşan ‘cedro’ : Shan ku'sa : Kat -- : Poy -- : A kōxã I : Kn kuşa : M koşa : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

378. *sa[n]i[n] ‘esp. de peixe’ : Ksh sanin ‘esp. de pez menudo’ (SHELL, 1987) : SK sa'nin, 'saniman ‘grupo de pececillos’ (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp -- : Mar -- : Ch sa'nino, sa'ni ‘el pez (en general)’, sani : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A sanin ‘mojarrita’ (HYDE, 1980) : Kn sanin ‘esp. de pez muy pequeño, sardina’ (MONTAG, 1981) : M sani : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh \check{V} : SK \check{V} : Kp n : Shar n : Kat \emptyset : A \check{V} : Kn \check{V} : M \check{V} : Ko n : My n

36. *ʔo[n]a[n]- ‘conhecer, aprender’ : Ksh ʔoná : SK ʔoná : Kp ʔonán- : (Mar oni-ka ‘bravo’ (COSTA, 1994), onis ‘triste, nostálgico’ (CESARINO, 2008)) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar onain, onaan ‘advinar, conocer’ : Shan -- : Kat una-mask-a-i ‘tristeza’ : Poy -- : A onã- : Kn unã- : M ónã ‘saber, aprender’ : Yaw -- : Ko unan ‘saber’ : Mt -- : My unan ‘nombre de mujer’.

344. *posi[n] ‘esp. de preguiça’ : Ksh posĩ : SK pōsĩ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan pusan [pu'sɛ̃] : Kat punsi : Poy -- : A posĩ I : Kn -- : M pósĩ : Yaw -- : Ko pusin ‘esp. de preguiça’ : Mt pusin ‘preguiça real’ : My posin ‘peresozo de dos dedos’.

Ksh \check{V} : SK \check{V} : Kn \check{V} : Ch \emptyset : Kax mV : Chan n : Shar n : A \check{V} : M \check{V} : Mt n : My n

69. *βawi[n] ‘surubim’ : Ksh βaĩ : SK βawĩ : Kp βawín : Mar -- : Ch ba'wino, bawi ‘el pintado, el surubí’ : Kax -- : Yam φαφῖ, φαφινῶ : Chan -- : Shar -- : Shan fai ‘surubim’ : Kat βain ‘surubim’, βai [βa'i?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A wãĩ II : Kn bãĩ : M fáwĩ ‘clase de pez’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

74. *βiʔo[m] ‘lágrima’ : Ksh βiῶ : SK βiῶ : Kp -- : Mar -- : Ch βiʔono, βiʔo ‘lágrima’ (ZINGG, 1998), βiʔóna ‘lágrimas’ : Kax biumi [biw'mi] ‘lágrima’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan φιον : Shar φιον, φιονpan ‘lágrima’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wĩʔō- ‘lagrimar’ : Kn bíũ ‘lágrimas’; M fíō : Yaw -- : Ko -- : Mt biun ‘lágrima’ : My biun ‘lágrima’.

Ksh \emptyset : SK \check{V} : Kp n : Ch \emptyset : Shar n : Shan n : A \check{V} : Kn \check{V} : M \check{V} : Yaw n

48. *ha[n]a[n]- ‘vomitar’ : Ksh aná- : SK -- : Kp hanán- (también kinán-) : Mar (ána orã anõma ‘vomitar não faça’ (CESARINO, 2008)) : Ch hana- ‘vomitar’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar anain : Shan anain : Kat -- : Poy -- : A hanã- : Kn hanã- : M ánã- : Yaw anan : Ko -- : Mt -- : My --.
335. *piʃi[n] ‘esteira’ : Ksh piʃí : SK piʃí : Kp piʃín : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam : Chan -- : Shar piʃin, piʃinpan ‘estera’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A piʃí II : Kn piʃí; M píʃí : Yaw piʃin ‘esteira’ : Ko -- : Mt -- : My --.
- Ksh \emptyset : SK \check{V} : Kp \emptyset : Mar \emptyset : Ch \emptyset : Kax \emptyset : Yam \check{V} : Chan \emptyset : Shar n : Shan \emptyset : Kat \emptyset : A \check{V} : Kn \check{V} : M \check{V} : Yaw n : Ko n : Mt n
76. *βimānan ‘testa, cara’ : Ksh βimána ‘cara, frente’ : SK βimanan, βimananin ‘cara, frente’ (SK βimá- ‘sostener la cara’) : Kp βimana ‘cara’ : Mar βimani [βimani ~ βimaⁿdi] ‘cara, rosto, testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch βima'na ‘frente, cara’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam φimānã, φimānãnã ‘cara, frente’ (EAKEN, 2008) : Chan φimana, φumana : Shar φimanan, φimananin ‘frente’ : Shan fumana : Kat βima'na [βimə'na] ‘testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A wimānã II ‘cara’ : Kn bimānã : M fímáná : Yaw βima'nan [βima'nẽ ~ βijmə'nẽ] ‘testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ko βimanan : Mt bimanan : My --.
305. *hofin ‘vermelho’ : Ksh -- : SK hoʃí : Kp hoʃin, hoʃini ‘rojo’ (LOOS; LOOS, 1998), hoʃini ‘rojo’ : Mar ũʃi-ga ‘vermelho’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch jini, tʃiʃini ‘rojo’, (ʃini ‘rojo’, tʃiʃi, tʃiʃini ‘la pluma roja o el plumón rojo de la cola de um ave’ (ZINGG, 1998)) : Kax puʃi [puʃi] (LANES, 2005) : Yam oʃi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oʃi, oʃi nipa : Shar oʃin : Shan uʃin (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008) : Kat ũʃi [õŋʒiʔ] (BARROS, 1987) : Poy -- : A wĩʃi I ‘rojo’ : Kn huʃí ‘rojo, maduro’ : M óʃi : Yaw uʃi : Ko jinte ‘urucum’ : Mt jin ‘amarelo’ : My jin ‘rojo’. (ver también a etimologia 319 *pãʃini)
491. **yaʔra[n] ‘esp. de carrapato’ : Ksh yaʔ : SK yaã : Kp yaʔnán : Mar -- : Ch yaʔa, yaʔani ‘la broquelona (clase de garrapata grande)’ (ZINGG, 1998), yaʔani : Kax ya'li [ja'lə] ‘carrapato’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar

yanan, yanapan ‘garrapata’ : Shan -- : Kat (rianan) : Poy -- : A yanã I : Kn yanã : M yánã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My t[anin [t[anin] ‘garrapata’.

497. *yãtan ‘tarde’ : Ksh patã : SK yãtã : Kp yantán : Mar -- : Ch yáta : Kax (liti [lɔtɔ] ‘dia’ (COUTO, 2005)) : Yam yãta ‘tarde’ : Chan -- : Shar yatan ‘tarde’ : Kat -- : Shan -- : Poy -- : A yãtã II : Kan -- : M yátã : Yaw yantan [jãtã] (SOUZA, 2013) : Ko (nitin ‘dia’) : Mt (nitin ‘dia’) : My --.

Ksh \check{V} : SK \check{V} : Kp n : Ch \emptyset : Yam \check{V} : Shar \emptyset : Kat n : A \check{V} : Kn \check{V} : M \check{V} : Yaw \emptyset : Mt n

353. *raβi[n]- ‘envergonhar-se, ter vergonha’ : Ksh rabĩ- : SK raβĩ- : Kp raβín- : Mar -- : Ch raβi- ‘tener vergüenza, avergonzado’ : Kax -- : Yam raβĩ-kĩ ‘tener vergüenza’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar raβi, raβia ‘avergonzarse, tener vergüenza’ : Shan -- : Kat **raβinnai** ‘vergonha’ : Poy -- : A rawĩtini I ‘tener pena’ : Kn dabĩ- ‘tener vergüenza, avergonzado’ : M ráβĩ- : Yaw raβi : Ko -- : Mt dabin-kin ‘sentir vergonha’ : My --.

Ksh \emptyset : Ch \emptyset : Shar \emptyset : A \emptyset : Kn \emptyset : M \emptyset : Ko n

163. *kaka[n] ‘tipo de cesto’ : Ksh kaká ‘clase de canasta’ : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch kákano, káka (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar upu **kakati** ‘canasta provisional’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kaká I : Kn kaká ‘canasta de mujer’ : M kaká : Yaw -- : Ko kakan ‘tipo de cesto’ : Mt -- : My --.

Em margem direita de sílaba em fronteira de morfema, Chákobo mantém \emptyset , enquanto as demais línguas apresentam n ou \check{V} :

/ _+

SK \check{V} : Kp \check{V} : Kp n : Mar \check{V} : Ch \emptyset : Yam \check{V} : Chan n : Shar n : Shan n : Kat n : A \check{V} : Kn \check{V} : M \check{V} : Yaw \check{V} : Ko n : Mt n : My n

301. *hoi[n]ti ‘coração’ : Ksh -- : SK hoĩti : Kp hoínti : Mar ‘winti (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch hoití : Kax -- : Yam oĩti, oĩtinĩ : Chan ointi : Shar ointi, ointinin : Shan uinti : Kat winti : Poy -- : A hōwĩti II : Kn hūĩti : M õĩti : Yaw ũiti : Ko winte ‘coração’ : Mt winte ‘coração’ : My uinte [winte].

Kaxararí	<i>tf</i>	tʃ
Korúbo	<i>ʃ</i>	[ɕ] ~ [l] ~ [ʈ] ~ [ʈ̚] ~ [l̚] ~ [r] ~ [ʎ],
Mayorúna	<i>d</i>	[r] /V_V [d̚] /_.# [s] /_s [ʃ] /_ʃ [ʂ] /_ʂ [t] /s+_, /ʃ+_, /ʂ+_, /k+_, /d+_, [d] n.d.a.
Matís	<i>d</i>	[r] /V_V [d̚] /V_.C [t̚] /V_# [t] /s+_, /ʃ+_, /ʂ+_, /k+_, /d+_, [d] n.d.a.
Shípibo Kónibo	<i>r</i>	[ɹ], [z], [dz], [dɹ], [ɻ], [ɹ]

A hipótese de um **r* ganha força com o Shípibo-Kónibo *r* (retroflexo), com o Mayorúna *d*, o qual possui um alofone que ocorre intervocalicamente e que é também retroflexo, com a fricativa lateral do Korúbo e com a africada alveopalatal *tf* do Kaxararí. Dificilmente teria ocorrido uma mudança de apenas partes do Protopáno **tf* para *r* em Kaxararí, de sorte que a mudança mais viável teria sido a de um tepe retroflexo para *r*, *ʃ* ou *tf*.

A existência de um Protopáno **r* ampliaria a simetria do sistema fonológico da protolíngua, uma vez que, entre as consoantes coronais não nasais, haveria contraste entre coronais retroflexas e suas respectivas contrapartes não retroflexas:

Simetria entre consoantes coronais não nasais e
consoantes retroflexas em Protopáno

<i>*r</i>	<i>*ɹ</i>
<i>*f</i>	<i>*ʂ</i>
<i>*tf</i>	<i>*tʂ</i>

Harmann (2003) observa que “os róticos retroflexos parecem ser propensos a um alto grau de variações, não apenas quanto ao ponto de articulação e articulador ativo,

mas também no real modo de articulação”.¹³⁰ Isso explicaria os diferentes reflexos do proto *ʄ, todos coronais, nas várias línguas da família.

As línguas Páno apresentam reflexos de *ʄ em margem esquerda de sílaba inicial e medial de palavra, nesse último caso intervocalicamente.

/ #_

Ksh r : SK r : Kp r : Mar r : Ch r : Kax tʃ : Mar r : Yam r : Chan r : Shar r : Shan r : Kat r : Poy r : A r : Kn d : M r : Yaw r : Ko ʃ : Mt d [d] : My d [d]

352. *raβit ‘dois’ : Ksh raβi : SK raβi : Kp raβi : Kn dabi : Mar **ra’vivak̄i** (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch raβi, ráβita : Kax **tʃabita** : Yam raφi ‘dos’ : Chan raφi : Shar raφi, raφin ‘dos’ : Kat raβi ‘dual’ : Shan rafu ‘dois’ : Poy raβu : A rawii II : M ráφi : Yaw raβi : Ko ʃaβitpa ‘dois’ : Mt dabidpa ‘número 2’ : My daid [da’id] ‘dos’.

Outros exemplos: 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375.

/ V_V

Ksh r : SK r : Kp r : Mar r : Ch r : Kax tʃ : Chan r : Shar r : Shan r : Kat r : Poy r : A r : Kn d : M r : Yaw r : Ko ʃ : Mt d [r] : My d [r]

63. *βari ‘sol’ : Ksh βari : SK βari : Kp βari : Mar vari [φari] ‘sol’ (BOUTLE, 1964) : Ch βari ‘sol’ : Kax batʃi ‘sol’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan φari ‘sol’ : Shar φari, φarin ‘sol’ : Shan fari ‘sol’ : Kat βari ‘sol’ : Poy βari ‘sol’ : A wari II : Kn badi : M φári : Yaw βari ‘sol’ : Ko βali ‘nom. próprio’ : Mt badi [ba’ri] ‘ano’ : My **badiad** [badyád] ‘amanecer’.

224. *maɾi ‘cutia (esp. de roedor)’ : Ksh mari : SK mari : Kp mari : Mar mari [māri] ‘cutia’ : Ch -- : Kax matʃahi (SOUSA, 2004) : Yam mari, maɾi ‘añuje’ (EAKEN, 2004) : Chan -- : Shar mari, marin ‘añuje, agutí’ : Shan mari ‘cutia’ : Kat mari ‘cutia’ : Poy bari ‘cutia’ : A marí I : Kn madi : M mari : Yaw mari ‘cutia’ : Ko -- : Mt made [mare] ‘cutia’ : My made ‘paca’.

Exemplos: 123, 131, 136, 172, 173, 179, 199, 223, 224, 242, 316, 317, 383, 445, 446, 447, 471, 509.

¹³⁰ “[...] retroflex rhotics seem to be prone to a large degree of variation, not only in the place of articulation and active articulator, but also in the actual manner of articulation.” (HARMANN, 2003)

Apenas em Kapanáwa o reflexo de ʔ ocorre em sílaba medial seguindo a consoante oclusiva glotal ʔ .

/ ʔ _ V

Ksh r : SK r : Kp r : Mar r : Shan r : Shar r : A r : Kn d : M r : Ko t : My d

99. * $\text{ʔoʔri}[t]$ ‘esp. de palmeira’ : Ksh ʔuri ‘chonta (especie de palmera)’, ʔorí : SK ʔorí : Kp ʔorí : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ʔorí , ʔorin ‘chonta (espécie de palmera y su cogollo comestible)’ : Shan ʔuri ‘palmeira’ : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn budi : M ʔóʔi : Yaw -- : Ko ʔóit ‘palmeira que utilizam para cobrir a casa (prov. Jarina)’ : Mt -- : My budi [bu'rið] ‘palmera grande’.

100. * $\text{ʔoʔro}[C_c]$ ‘toco, tronco’ : Ksh ʔurú ‘tronco de árbol’ (SHELL, 1987), ʔoró : SK ʔoró : Kp hiwi ʔoʔro : Mar voro ‘tronco’ : Yam -- : Chan -- : Shar ʔoro , ʔoron ‘tocón alto’ : Ch -- : Kax -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A woro II : Kn budu : M ʔóro ‘tocón de um árbol’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My mabud ‘tocón de árbol’ (pabudush ‘rama nueva, retoño que está saliendo de un tronco’).

Em final de palavra, os reflexos de *ʔ teriam caído em Kashíbo, Shípiibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá, Marúbo, Marináwa, Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Poyanáwa, Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa, mas teriam se mantido em Korúbo, Matís e Mayorúna, embora fundidos com os reflexos de *t , como mostram os exemplos seguintes, nas duas últimas línguas teriam se sonorizado posteriormente ($t > d$).

Já nas línguas Kaxararí e Kaxinawá, os reflexos de *ʔ em final de palavra teriam mudado, respectivamente, para $tʃ$ e d , os quais, posteriormente, teriam caído nessa posição antes de silêncio, mas teriam sido mantidos quando ao tema se acrescia um morfema casual (ver capítulo 4 desta tese).

/ _ #

Ksh \emptyset : SK \emptyset : Kp \emptyset : Mar \emptyset : Ch \emptyset : Kax tʃV : Yam \emptyset : Shar \emptyset : Shan \emptyset : Kat \emptyset : Poy \emptyset : A \emptyset : Kn \emptyset : M \emptyset : Yaw \emptyset : Ko t : Mt d : My d

8. * ʔawaʔ ‘anta’ : Ksh ʔoʔ : SK ʔa'wa ‘tapir’, ʔawarã piti ‘comida de tapir’ (nombre de planta) : Kp ʔa'wa ; Mar awa : Ch ʔáwara ‘tapir’, awá (ZINGG,

1998) : Kax [awa'tʃa] : Yam aʃa (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar awa, **awa**-pan : Shan awa : Kat awa [aw'a] (BARROS, 1987) : Poy awa : A ʔáá (HYDE, 1980), áá I : Kn awa : M áwa : Yaw aua : Ko awat : Mt awad : My awad.

230. *maʃkoɾ- ‘cortar o cabelo’ : Ksh maʃko- ‘dar un corte de pelo’ : SK maʃko- ‘cortar el pelo’, maʃkoro- ‘dar un corte de pelo, sacar todo el pelo’ : Kp -- : Mar -- : Ch maʃko- (Tr.), maʃkoro- (itr) ‘razurarse la cabeza, hacer(se) calvo’ (ZINGG, 1998), maʃkoro- ‘maʃko ‘calvo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : A maxko- I ‘afeitar la cabeza’ : Kn maʃkuru ‘coronilla, tonsura, corte de pelo’ : M máʃkó ‘sin pelo en la coronilla de la cabeza’ : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Exemplos de Kaxararí e Kaxinawá, que ilustram os antigos reflexos de *ʀ em combinação com morfologia casual, são:

Kaxinawá: *awa* ‘anta’ + *ã* ‘caso ergativo’ = *awad-ã* => *awadã*
 Kaxararí: **awatʃ* ‘anta’ + **a* ‘morfema casual’ => **awatʃa*

O exemplo do Kaxararí é hipotético, visto que, sincronicamente, não está confirmado se a alternância *awatʃa* ~ *awa* deve-se à funcionalidade da forma flexionada para caso (provavelmente ergativo ou genitivo) *versus* forma absoluta (sem flexão casual) da palavra para anta.

3.2.3.2 *ʀ tepe alveolar sonoro

Propomos a reconstrução de um tepe alveolar sonoro com base no *l* do Kaxararí e considerando a correspondência entre Prototakána **r* e Protopáno **n*, proposta por Girard (1971), que fundamentou essa correspondência no *r* do Cavineña, que corresponde a \emptyset nas outras línguas Takána. A partir da comparação do Kaxararí com as demais línguas da família Páno, notamos que parte do que foi reconstruído como Protopáno **n* por Shell (1975 [1965]) corresponde a *l* em Kaxaraxí. Com base em Kaxararí *l* e em Cavineña *r*, propomos a reconstrução de um Protopáno **r*. Os dados que reproduzimos abaixo, embora poucos, fundamentam a nossa hipótese de um Protopáno **r*.

Os reflexos do fonema **r* ocorrem nas diversas línguas em margem esquerda de sílaba, em início e meio de palavra, nesse caso intervocalicamente. Apenas em Kapanáwa, os reflexos de **r* ocorrem seguindo a oclusiva glotal ʔ. Em quase todas as línguas (Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Marúbo, Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Poyanáwa, Yamináwa, Chanináwa, Sharanáwa, Korúbo e Matís), os reflexos de **r* em margem esquerda de sílaba teriam se fundido com os reflexos de **n*. Apenas em Kaxararí, os reflexos de **r* teriam se lateralizado (*r > l*):

/ #_

Ksh n : Kp n : Mar n : Ch n : Kax l : Yam n : Chan n : Shar n : Shan n : Kat n : A n
: Kn n : M n : Yaw n : Poy n : Mt n : My n

258. **rami* ‘carne’ : Ksh nami : SK nami : Kp nami : Mar ‘nami (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch nami ‘carne’ : Kax la‘mi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam nami, nãmi (EAKEN, 2008) : Chan nabi, dami : Shar nami, namin : Shan nami : Kat nami : Poy nãbi : A namí I : Kn nami : M nami : Yaw nami : Ko -- : Mt nami ‘carne’ : My nami [na‘mi] ‘carne’.
272. **riti* ‘día’ : Ksh niti : SK niti : Kp niti : Mar -- : Ch -- : Kax li‘ti [lɔ‘tə] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A nití I : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko nitin : Mt nitin : My --.
293. **rorom* ‘pato’ : Ksh nonõ : SK nonõ : Kp nonón : Mar -- : Ch no‘noma, no‘no ‘pato’ (ZINGG, 1998), nonóma : Kax lulu‘ma : Yam -- : Chan nono : Shar nonon, nonoman : Shan nunun : Kat nunun : Poy nũũ : A nõõ I : Kn nũũ : M nõõ : Yaw nunun : Ko -- : Mt -- : My --.
375. **roro* ‘cobra’ : Ksh rono : SK rono : Kp rono : Mar runu ‘cobra’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch rono : Kax tʃu‘lu ‘cobra’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam rono, ronõ ‘culebra’ (EAKEN, 2008) : Chan rodo ‘serpiente, víbora’ : Shar rono, ronon ‘culebra, víbora’ : Shan runu ‘cobra’ : Kat runu ‘cobra’ : Poy rũdu ‘cobra grande’ : A ronó I : Kn dunu : M rono : Yaw runu ‘cobra’ : Ko -- : Mt dunu ‘cobra’ : My dunu [du.nu] ‘nombre de hombre’.

/ V_V

Ksh n : SK n : Kp n : Mar n : Ch n : Kax l : Yam n : Chan n [d ~ n] : Shar n [d ~ n]
: Shan n : Kat n : A n : Kn n : M n : Yaw n : Poy ṽd : Mt n : My n

167. *kara ‘esp. de arara’ : Ksh kana : SK kana : Kp kana : Mar kana (CESARINO, 2008) : Ch kana : Kax kala [ka'la] ‘arara azul’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar kana, kanan ‘guacamayo de color azul y amarillo’ : Shan -- : Kat kana [ka'na?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A kana I : Kn kana ‘esp. de guacamayo’ : M kana : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My kana ‘guacamayo’.
185. *kiri ‘buraco, orificio’ : Ksh kini : SK kini : Kp kini : Mar kini [k'ini] ‘buraco’ (COSTA, 1992) : Ch kini : Kax ki'li [ki'li] ‘buraco’ (COUTO, 2005) : Yam kini, kinĩ ‘hueco, cueva’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar kini, kinin ‘cueva, hueco en la tierra’ : Shan -- : Kat kini : Poy -- : A kiní I : Kn kini : M kini : Yaw kini : Ko -- : Mt kini ‘buraco ou orificio’ : My --.
293. *rorom ‘pato’ : Ksh nonõ : SK nonõ : Kp nonón : Mar -- : Ch no'noma, no'no ‘pato’ (ZINGG, 1998), nonóma : Kax lulu'ma : Yam -- : Chan nono : Shar nonon, nonoman : Shan nunun : Kat nunun : Poy nũnũ : A nõnõ I : Kn nũnũ : M nõnõ : Yaw nunun : Ko -- : Mt -- : My --.

Outros exemplos: 19, 49, 93, 168, 214, 388, 441.

Apenas em Kapanáwa os reflexos de *r ocorrem seguindo a consoante oclusiva glotal, como vemos nos dados seguintes:

/ʔ._V

Ksh n : SK n Kp n : Kax l : Chan n [d ~ n] : Shar n [d ~ n] : Shan n : Kat n : A n : Kn n : M n : Yaw n

72. *βiʔra[C]: Ksh βiná ‘muchacho adolescente’ : SK βiná : Kp βiʔná : ‘nuevo’ : Ch -- : A winaa I : Kn bina : M fína ‘nuevo’ : Mar -- : Kat βina ‘novo’ : Shan fina ‘novo’ : Yaw βina ‘nova’ : Poy -- : Kax habila'ki [fiabila'ki] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan fida : Shar fina ‘nuevo’ : Ko -- : Mt -- : My --.
491. *yaʔra[n] ‘esp. de carrapato’ : Ksh ɲáĩ : SK yaã : Kp yaʔnán : Mar -- : Ch yaʔa, yaʔani ‘la broquelona (clase de garrapata grande)’ (ZINGG, 1998),

yaʔáni : Kax ya'li [ja'lə] ‘carrapto’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar yanan, yanapan ‘garrapata’ : Shan -- : Kat (rianan) : Poy -- : A yanã I : Kn yanã : M yánã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My tʃanin [tʃa'nin] ‘garrapata’.

Em margem direita de sílaba, os reflexos de **r* ocorrem apenas em final de palavra. Nessa posição, antes de silêncio, os reflexos de **r* se nasalizaram em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Marúbo, Yamináwa, Kapanáwa, Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Chanináwa, Sharanáwa, Korúbo, Matís e Mayorúna (**r > n / _#*), tendo posteriormente caído em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Marúbo e Yamináwa, mas deixando a vogal final nasalizada (Ṽ). Em Chákobo, houve queda dos reflexos do **r*, mas sem que houvesse nasalização da vogal precedente. Note-se que, nessa língua, mesmo os reflexos de **n* finais caíram sem nasalizar a vogal precedente.¹³¹ Em Kaxararí, vários reflexos de **r* em final de palavra se mantêm, tanto antes de silêncio quanto combinado com morfemas casuais, como discutiremos com mais detalhes no capítulo 4.

/_#

Ksh Ṽ : SK Ṽ : Kp n : Mar Ṽ : Ch ∅ : Kax IV : Yam : Ṽ : Chan ∅ : Shar n : Shan n : Kat ∅ : A n : Kn Ṽ : M Ṽ

24. *ʔisir- ‘dor, doer’ : Ksh ʔisĩ o ʔisĩ- : SK ʔisĩ- : Kp ʔisín- : Mar isĩ ‘doença’ (CESARINO, 2008) : Ch ʔisi- ‘tener fiebre’ : Kax isali (COUTO, 2005; PICKERING, s.d.) : Yam -- Chan -- : Shar isin, isian ‘doler’ : Shan isin ‘doer’ : Kat isinai, isin-nai ‘dói’ : Poy -- : A ʔisin, ʔisinín ‘dor’ (HYDE, 1980), isĩ - I : Kn isinkiki ‘enfermarse’ : M isĩ- ‘sentir dolor, dolor’, isĩ : Yaw isin ‘doer’ : Ko -- : Mt -- : My --.
97. *βoir ‘esp. de picapau’ : Ksh βoĩ : SK βoĩ : Kp βoin ‘pájaro carpintero’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar voĩ ‘pica pau’ : Ch βoíno, βoí : Kax buhi'lu [buhilʊ] ~ [bui'lu] ‘pica-pau’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar φoin, φoinpan ‘pájaro carpintero’ : Shan fuin ‘pica-pau’ : Kat βuin ‘pica-pau’ : Poy -- : A wowĩ I : Kn būĩ : M φoĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

¹³¹ Nos poucos dados disponíveis, Poyanáwa também apresenta ∅ como reflexo de **r* em final de palavra, mas não há evidências definitivas para que assumamos que todos os reflexos de **r* teriam caído nessa posição.

Ksh \check{V} : SK \check{V} : Kp n : Mar \check{V} : Ch \emptyset : Kax IV : Chan \emptyset : Shar n : Shan n : Kat n : Poy \emptyset : A n : Kn \check{V} : M \check{V} : Yaw n : Ko n : Mt n : My n

145. *hisor- ‘urinar, urina’ : Ksh isó : SK hisó : Kp hisón- : Mar isō ‘urina’ (CESARINO, 2008) : Ch hiso- : Kax isulu [isu'lu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan iso, **isoín** : Shar **isoín**, **isoa** ‘orinar’ : Shan -- : Kat isun ‘urina’ : Poy -- : A hĩsō- I : Kn isũ; M ísō- : Yaw -- : Ko isun- ‘urinar’ : Mt isun- ‘urinar’ : My isun.

165. *kamar ‘onça’ : Ksh kamō ‘perro (sendo substituído pelo empréstimo SK , ?otjítí, que por sua vez é um empréstimo Kampa otjiti (SHELL, 1975 [1965]))’ : SK kamá ‘demonio, criatura parecida al tigre’ (?otjítí ‘perro’) : Kp **kaman** ?ino ‘sachaperro (esp. de perro silvestre)’ (Kp ?otjítí ‘perro’) : Mar ka'mã (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ka'mano, kama ‘el tigre, el jaguar’ (ZINGG, 1998), kamáno ‘felino’ : Kax kamalu [kama'lu] ~ [kẽma'lu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar kaman, kamanon ‘perro’ : Shan kaman ‘cachorro’ : Kat ka'man : A kámã, kámanín ‘esp. de roedor como majás’, jínokamã ‘perro salvaje’ : Kn kamã ‘perro’ : M kámã ‘perro’ : Yaw kaman ‘cachorro’ : Poy kãma ‘raposa’ : Ko kamun ‘onça’ : Mt kamun ‘onça’ : My kamun [ka.'mun].

204. *ma?i[r] ‘esp. de peixe’ : Ksh mãĩ : SK mãĩ : Mar -- : Ch -- : Kax mai'lu [mãi'lɤ] ‘peixe’ (LANES, 2005; VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar main, mainpan ‘bujurqui (esp. de pez)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mãĩ II : Kn mai : M mãĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh \check{V} : SK \check{V} : Kp n : Ch \emptyset A : Kax IV : Yam : \check{V} : Chan \emptyset : Shar \emptyset : A \check{V} : Kn \check{V} : M \emptyset : Mt n

240. **mikir ‘mão’ : Ksh mikĩ : SK mikĩ : Kp mikín : Mar -- : Ch mikíni, miki (ZINGG, 1998) : Kax miki'li (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mikĩ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan miki : Shar miki, mikín ‘mano’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mikĩ I : Kn mikĩ : M míki : Yaw -- : Ko -- : Mt mikín : My --.

SK \check{V} : Kp n : Mar \check{V} : Kax IV : Kat n : A \check{V} : Kn \check{V} : M \check{V} : My \emptyset

252. **naʔir ‘esp. de preguiça (macaco)’ : Ksh -- : SK nãĩ : Kp naʔín : Mar [nãĩ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch -- : Kax nali [na'li] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat nain : Poy -- : A nãĩ II : Kn nãĩ : M nãĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My nai [nay] ‘perezoso de dos dedos’.

Ksh \tilde{V} : SK \tilde{V} : Kp n : Mar \tilde{V} : Ch \emptyset : Kax IV : Shar n : Shan \emptyset : Kat n : Poy \emptyset : A \tilde{V} : Kn \tilde{V} : M \tilde{V} : My n

286. *noʔir ‘minhoca’ : Ksh nõi : SK noín, nóiman ‘lombriz’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp noʔín : Mar nuĩ ‘minhoca’ : Ch noʔini, noʔi ‘el bicho (parásito), la lombris, el gusano’ : Kax /n^hu'li/ [n^hu'li] ‘verme’ (COUTO, 2005), pu'li [pu'li] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar noin, noinin ‘lombriz, gusano’ : Shan nui ‘verme’, nuin ‘minhoca’ : Kat noin ‘minhoca’ : Poy nũy ‘minhoca’ : A nõi I : Kn nõi; M nõi : Yaw -- : Ko -- : Mt nowen ‘verme’ : My nuen [nwén] ‘gusano’.

Observamos que os reflexos \emptyset de *r e de *n em margem direita de sílaba podem ser, devido à instabilidade dos segmentos nessa posição, o que leva frequentemente ao seu apagamento.¹³²

3.2.4 Africadas

Shell (1975 [1965]) reconstruiu 2 consoantes africadas, *ts e *tʃ, para o sistema da protolíngua Páno, que são mantidas por nós. Nesta seção, propomos também uma terceira consoante africada retroflexa *tʂ.

3.2.4.1 *ts africada alveolar surda

O Protopáno *ts, africado alveolar surdo, tem como reflexo regular ts em todas as línguas comparadas, em margem esquerda de sílaba e entre vogais.

/ #_

¹³² Um trabalho mais detalhado, considerando-se formas sem morfologia e com morfologia, em final de palavra, talvez possa esclarecer mais sobre a natureza de alguns segmentos em margem direita de sílaba. Esse tema é discutido mais detalhadamente no capítulo 4.

Ksh ts : SK ts : Kp ts : Ch ts : Mar ts : Yam ts : Chan ts : Shar ts : Shan ts : A ts :
Kn ts : M ts : Yaw ts : Ko ts : Mt ts : My ts

110. *tʰaʔo[t]- ‘sentar (sentar-se)’ : Ksh tsoot ‘live’ (ZARIQUIEY, 2011), tʰoó :
SK **tʰaóti**, **tʰaóta** ‘ponerse de coclillas’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY,
1993) : Kp tʰaʔó- ‘sentado, asentado’ **tʰaʔo**-ti ‘sentarse’ : Mar tsao- ‘sentar’
(CESARINO, 2008) : Ch tʰaʔo- ‘sentarse’ : Kax -- : Yam tsao (FAUST;
LOOS, 2002) : Chan tsao- : Shar tʰaʔoi, tʰaʔoa ‘sentarse’ : Shan tsaw ‘sentar’ :
Kat -- : Poy -- : A tʰaʔo- II, (tʰaʔoo-ʔi ‘sentarse’ (HYDE, 1980)) : Kn tsau-
‘sentarse’, tsaua ‘sentado’ : M tʰáo- : Yaw tsau ‘sentar’ : Ko tsat : Mt tsad :
My tsad ‘sentarse’.

Outros exemplos: 111, 112, 114, 116¹³³, 117.

Em 307, apenas Kapanáwa apresenta reflexo de *ts precedido de ʔ.

/ ʔ._V

Ksh ts : SK ts : Kp ts : Ch ts : Yam ts : Shar ts : A ts : Kn ts : M ts : Yaw ts

307. *paʔtsa- ‘lavar’ : Ksh patsá : SK patsá- : Kp paʔtsá- : Mar -- : Ch patsa- :
Kax (paʔa ‘bater, dar um tapa’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012)) : Yam
patsa ‘lavar (la ropa)’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar patsain,
patsaan ‘lavar ropa’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A patsa- II : Kn patsa- : M
pátsã- : Yaw patsa ‘bater’ : Ko -- : Mt -- : My --.

/ V_V

Ksh ts : SK ts Kp ts : Mar ts : Ch ts : Chan ts : Shan ts : Kat ts : Poy ts : A ts : Kn ts
: M ts : Yaw ts : Ko ts : Mt ts

1. *ʔatsa ‘macaxeira, mandioca’ : Ksh ʔatsa : SK ʔatsa ‘yuca’ : Kp ʔatsa ‘yuca’
(LOOS; LOOS, 1998) : Mar atsa : Ch ʔatsa ‘yuca’ : Kax -- : Yam --, Chan
atsa, -- : Shar -- : Shan atsa : Kat atsa : Poy atsa : A ʔatsa (CHÁVEZ, 2012),
Atsa I : Kn atsa : M atsa (palavra usada solo por algunos de los ancianos) :
Yaw atsa : Ko Atsa ‘nome próprio’ : Mt Atsa ‘mandioca’ : My --.
206. *matso- ‘varrer’ : Ksh matsó : SK matsó- : Kp matsó- : Mar -- : Ch matso :
Kax -- : Yam mātso ‘barrer’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar
Matsoin, matsoan ‘barrer’ : Shan matsu ‘varrer’ : Kat **matsu**-ti ‘vassoura’ :

¹³³ O reflexo de Katukina é irregular, pois apresenta um /tʃ/.

- Poy -- : A matsoo- I : Kn matsu- : M mátsõ- : Yaw **matsu**-ti ‘vassoura’ : Ko -- : Mt -- : My --.
479. *wíts[a] ‘outro’ : Ksh βítsi : SK wítsa : Kp wítsa : Mar ‘wítsa (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch wítsa : Kax -- : Yam φítsa ‘otro’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar φítsa ‘otro’ : Shan -- : Kat βari-wítsan ‘outro dia’ : Poy -- : A wítsa I : Kn bitsa : M φítsa : Yaw wítsa [wítsa] (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt wítsi ‘outro’ : My utsi ‘outro’.
508. *yomítso- ‘roubar’ : Ksh -- : SK yomítso- : Kp yomítso- : Mar -- : Ch yoma- ‘robar’ : Kax -- : Yam yomítso- ‘robar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar yomítsoi, yomítsoa ‘robar, robo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn yumítso- ‘robar’ : M yómítso ‘ladrón’, yómítso- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Notamos, entretanto, que há um conjunto de palavras que tem como reflexo *tf* em várias línguas. Shell (1975 [1965]) postula uma fricativa palatal surda **f* antes de **ts* para explicar esses reflexos. No entanto, não nos parece necessário postular uma consoante a mais sem indicações de sua existência, uma vez que todas as correspondências divergentes envolvem reflexos de uma vogal **i* antecedendo ou seguindo *ts* ou *tf*, como discutido em cada caso adiante.

Em 113, Kashíbo e Kaxinawá apresentam o reflexo *tf*.

/ #_i

Ksh tf : SK ts : Ch ts : Shar ts : (Kat t) : A ts : Kn tf : M ts

113. *tsiʔo ‘cigarra’ : Ksh tfjio : SK tsió : Kp tsiʔo : Mar -- : Ch tsiʔo : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tsio, tsion ‘chicharra’ : Shan -- : Kat (tiu [te'oʔ] ‘cigarra’): Poy -- : A tsiʔo II : Kn tfi : M tsíó : ‘cigarra’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Em 17, Sharanáwa e Matís apresentam *tf* como reflexo de **ts*.

/ i_i

Ksh ts : Ch ts : Kax ts : Shar tf : A ts : Mt tf : My ts

16. *ʔitsis ‘quente, calor’ : Ksh ʔitsís, itsis (SHELL, 1987) : SK -- : Kp -- : Mar - : Ch ʔitsisa, ʔitsis- (ZINGG, 1998) ‘caliente’ : Kax itsi'si (LANES, 2005) :

Yam -- : Chan -- : Shar tʃiʃnai ‘tener calor’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A
 ʔitsis, ʔitsisín (HYDE, 1980), itsis I : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt itʃis-
 : My itsis ‘caluroso y húmedo (el tiempo), calor com humedad’.

Em 89, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Kaxinawá, Marináwa, Shanenawá, Yawanawá, Kaxararí, Chanináwa e Sharanáwa apresentam *tʃ* como reflexo de **ts*, mas em Matis e Mayorúna o reflexo de **ts* é *ts*.

/i_i

SK tʃ : Kp tʃ : Mar tʃ : Ch tʃ : Kax tʃ : Chan tʃ : Shar tʃ : Shan tʃ : Kn tʃ : M tʃ :
 Yaw tʃ : Mt ts : My ts

89. *βitsi ‘pele, couro’ : Ksh -- : SK βitʃi : Kp βitʃi : Mar vitʃi ‘escudo (feito de couro)’ (CESARINO, 2008, cf. MELATTI; MELATTI, 1975) : Ch βitʃi : Kax bitʃi ‘pele’ : Yam -- : Chan φitʃi : Shar φitʃi, φitʃin ‘cuero, piel’, iwi φitʃi ‘corteza, carapa’ : Shan fitʃi ‘pele’ : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn bitʃi : M φitʃi : Yaw βitʃi ‘pele’ : Ko -- : Mt bitsi : My bitsi ‘piel, cuero, escama, etc.’.

Em 28 e 64, apenas Kashíbo mantém o reflexo *ts*, enquanto as demais línguas comparadas apresentam *tʃ* como reflexo de **ts*.

/i_V

Ksh ts : SK tʃ : Kp tʃ : Ch tʃ : Yam : tʃ : Chan tʃ : Shar tʃ : Shan tʃ : A tʃ : Kn tʃ : M
 tʃ : Yaw tʃ : My tʃ

28. *ʔitsak ‘muito’ : Ksh ʔitsa : SK ʔitʃa : Kp ʔitʃa : Mar -- : Ch itʃa- ‘aumentar en número’ (ZINGG, 1998), **itʃ**arama ‘pequeño, poco’ (-ma negative, juego 493) : Kax -- : Yam itʃa- ‘reunir, ser muchos’ (FAUST; LOOS, 2002), itʃa-pa ‘muchos’ (ILV, 1991) : Chan **itʃ**a-pa : Shar itʃa-pa ‘mucho, bastante’ : Shan **itʃ**a-pa : Kat -- : Poy -- : A ʔitʃa (HYDE, 1980) : Kn **itʃ**apa : M **itʃ**apa ‘mucho, muchos’ : Yaw itʃa : Ko -- : Mt -- : My itʃak ‘acumular condensación de vapor’.
64. *βatsi ‘ovo’ : Ksh βatsi : SK βatʃi, βatʃĩ ‘huevo’ (LORIOT, LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp βatʃi : Mar βatʃi ‘ovo’ : Ch βatʃi ‘huevo’ : Kax batʃi :

Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan ϕ atʃi ‘ovo’ : Kat β atʃi ‘ovo’ : Poy -- : A
watʃi I : Kn batʃi : M -- : Yaw β atʃi ‘ovo’ : Ko -- : Mt -- : My --.

Em 329, apenas Matís apresenta t_s como reflexo de $*ts$, o que deve ter sido uma mudança em três fases $ts > tf > t_s$.

/ i_o

SK ts : Kp ts : Ch ts : Shar ts : Shan ts : Kat ts : A ts : Kn ts : M ts : Yaw ts : Mt t_s

329. *pitso ‘periquito’ : Ksh -- : SK pitso : Kp pitso : Ch ‘pitso ‘la cotorita (clase de lorito verde)’ : A pitsó I : Kn pitsu : M pitso : Mar -- : Kat pitsu ‘periquito’ : Shan pitsu ‘periquito’ : Yaw pitsu ‘periquito’ : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar pitso, pitson ‘pihuicho, perico’ : Ko -- : Mt pitsu ‘especie de papagaio’ : My -- : ‘perico, loro pequeño’.

Em 239. * $m\tilde{h}sis$ e 298. * $\tilde{o}tsisi$, apenas Katukína, Shanenáwa e Kaxararí apresentam tf como reflexo de $*ts$, tendo as demais línguas conservado ts .

/ +_i

Ksh ts : SK ts : Kp ts : Mar ts : Ch ts : Kax tf : Yam ts : Chan ts : Shar ts : Shan tf :
Kat tf : A ts : Kn ts : M ts : Yaw ts : (Mt t) : My ts

239. * $m\tilde{h}tsis$ ‘unha da mão’ : Ksh $untsis$, $un\tilde{t}si$ ‘unha’ (SHELL, 1987), $un\tilde{t}sis$ ‘nail’ : SK $m\tilde{h}tsis$ ‘unha del dedo’, $m\tilde{h}tsis$: Kp $m\tilde{h}tsis$: Mar $m\tilde{h}tsisi$ [$m\tilde{h}tsisi$] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch ‘ $m\tilde{h}tsis$, ‘ $m\tilde{h}tsisi$ ‘uña de los dedos de la mano’, $m\tilde{h}tsisi$ ‘uña del dedo de la mano’ : Kax $m\tilde{h}tʃisi$ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam $m\tilde{h}tsis$, $m\tilde{h}tsisi$ (EAKEN, 2008) : Chan $bitsis$ ($otsis$) : Shar $m\tilde{h}tsisi$, $otsisi$: Shan $m\tilde{h}tʃiji$: Kat $m\tilde{h}tʃiji$ [$m\tilde{h}tʃiji$] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Poy -- : A $hon\tilde{h}tsis$ ‘uña del dedo del pie’, $m\tilde{h}tsis$ ‘uña, dedo de la mano’ (HYDE, 1980), $m\tilde{h}tsis$ I : Kn $m\tilde{h}tsis$: M $m\tilde{h}tsisi$: Yaw $m\tilde{h}tsisi$: Ko ($m\tilde{h}tʃiun$ ‘unha’) : Mt $m\tilde{h}tsis$ ‘unha’ : My $m\tilde{h}tsis$ [$m\tilde{h}tsis$].

298. * $h\tilde{o}tsis$ ‘garra, unha’ : Ksh $\tilde{h}otsis$ ‘uña, garra, casco’, SK -- : Kp -- : Mar -- :
Ch ‘ $hotsisi$, ‘ $hotsis$ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam $otsis$, $otsisi$ ‘uña del dedo del pie’ : Chan $otsis$: Shar $otsisi$, $otsisin$ ‘uña del dedo del pie’ : Shan -- :
Kat -- : Poy -- : A $h\tilde{o}tsis$ I ‘uña del dedo del pie’ : Kn $h\tilde{u}tsis$ ‘uña del dedo

del pier, garra' : M ótsisi : Yaw utsisi [utsi'si] 'unha do pé' (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ko -- : Mt -- : My --.

Notamos que em todos os dados onde há mudança irregular de **ts* para *tf*, há uma vogal anterior alta não arredondada oral *i* ou antecedendo ou seguindo a vogal. No entanto, em 205, todas as línguas conservam *ts*, mesmo diante de *i*. Estes reflexos poderiam ser explicados postulando-se uma variação na protolíngua de *ts* ~ *tf* / (*i*)_(*i*), precedendo ou seguindo *i*.

/ V_ i

Ksh ts : SK ts : Kp ts : Mar ts : Ch ts : Yam ts : Chan ts : Shar ts : Shan ts : Kat ts : A ts : Kn ts : M ts : Yaw ts : Poy s

205. *matsi 'frio' : Ksh matsi : SK matsi : Kp matsi : Mar 'matsi [mãtsi] 'frio' : Ch matsi : Kax -- : Yam matsi 'frio' (EAKEN, 2008) : Chan batsi, matsi 'frio' : Shar matsi 'frio' : Shan matsi 'frio, gelado' : Kat matsi 'frio' : Poy basi 'frio' : A matsi I : Kn matsi : M matsi : Yaw matsi 'frio, gelo' : Ko -- : Mt -- : My --.

Ressaltamos que a palatalização de *ts* em contato com *i* é um fenômeno mais natural do que a mudança de *tf* para *ts*, no mesmo contexto, e que também há casos de palatalização de *s* diante de *i* nas diversas línguas, como veremos adiante. Dessa forma, reconstrói-se **ts*, nesse contexto. Destacamos ainda que Kashíbo, Matís e Mayorúna parecem ter conservado mais **ts* do que mudado **ts* em *tf*, nesse ambiente, se compararmos com as demais línguas.

Soto (1990, p. 5) também nota correspondência *ts* : *tf* / i e argumenta que a hipótese de Shell (1975 [1965]) poderia estar correta, mas que ainda deveria ser demonstrada e que deixava uma quantidade de dados sem explicação.

3.2.4.2 **tf* africada alveopalatal surda

O fonema africado alveopalatal surdo **tf* tem como reflexo *tf* em todas as línguas comparadas. Os reflexos ocorrem em margem esquerda de sílaba inicial, medial e final de palavra. Em meio de palavra podem ser precedidos de vogais ou dos reflexos das consoantes **f* ou **ʔ*.

/ #_

Ksh tf : SK tf : Kp tf : Ch tf : Yam tf : Chan tf : Shar tf : Shan tf : A tf : Kn tf : M tf : Yaw tf : My tf

123. *tʃaraʃ ‘martim pescador’ : Ksh tʃaraʃ ‘martín pescador’ : SK tʃaraʃ : Kp tʃaraʃ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn tʃadaʃ ʃinban ‘martín pescador’ (MONTAG, 1981), tʃadaʃ ‘estar erizado’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My tʃadak [tʃaʔa^k] ‘catalán, martín pescador’.
125. *tʃiʔi ‘fogo’ : Ksh tʃii : SK tʃíi (tʃíi (LORIoT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp tʃiʔi : Mar tʃi [tʃiʔ] (BOUTLE, 1964) : Ch tʃiʔi : Kax tʃiʔi [tʃiʔi] (LANES, 2005) : Yam tʃii, tʃíi (EAKEN, 2008) : Chan tʃii : Shar tʃii, tʃiin : Shan tʃi : Kat tʃii [tʃiʔ] (BARROS, 1987) : Poy -- : A tʃiʔi II : Kn tʃi : M tʃi : Yaw tʃi : Ko -- : Mt -- : My --.

Outros exemplos : 118, 119, 121, 123, 125 126, 127, 128, 129, 130, 131.

/ V_V

Ksh tf : SK tf : Kp tf : Mar tf : Yam tf : Chan tf : Shar tf : Shan tf : A tf : Kn tf : M tf : Yaw tf

75. *βitʃo[n] ‘ondas’ : Ksh βitʃó ‘olas’ : SK βitʃó : Kp βitʃo ‘ola’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φitʃo, φitʃon ‘ola del lago’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A witʃō I ‘ceño, arrugas en la frente, ola’ : Kn bitʃũ- ‘golpear, perturbar (água), salpicar’ : hinĩ bitʃũ ‘el água se mueve, como cuando el viento la agita’ : M ini φitʃõĩ ‘olas’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Outros exemplos: 58, 90, 118, 207, 504.

/ ʃ._V

Ksh tf : Kp tf : Yam tf : Shar tf : A tf : Kn tf : M tf : My tf

146. *hitʃiβi ‘esp. de árvore e também seu fruto (segundo Shell (1975 [1965]), seria o Zapote)’ : Ksh itʃiβĩ : SK -- : Kp hitʃiβin : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam itʃiφi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar itʃiφi, itʃiφin ‘zapote’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hitʃiwĩ II : Kn iʃtʃibĩ : M ítʃiφí : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My itʃibin ‘árbol con frutos comestibles’.

/ʔ._V

Ksh tʃ : Kp tʃ : Mar tʃ : Yam tʃ : Shar tʃ : Shan tʃ : Kat tʃ : A tʃ : Kn tʃ : M tʃ : Yaw tʃ

203. *maʔtʃi ‘morro, colina’ : Ksh matʃi ‘coronilla’ : SK -- : Kp maʔtʃi ‘montaña’ : Mar matʃi ‘acima’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam matʃi ‘loma’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar matʃi, matʃin ‘cerro, loma’ : Shan matʃi ‘morro’ : Kat matʃi ‘morro’ : Poy (bafi ‘areia’) : A matʃi I ‘colina alta’ : Kn matʃi ‘colina, sistema montañoso’ : M matʃi : Yaw matʃi ‘terra’ : Ko -- : Mt (matʃi ‘farinha’) : My --.

Outros exemplos são 237 e 285.

3.2.4.3 *tʃ africada retroflexa surda

Shell (1975 [1965]) reconstrói apenas duas africadas, que foram tópicos nas duas seções anteriores. No entanto, as línguas comparadas por Shell (op. cit.) não apresentavam oposição entre africada alveopalatal surda *tʃ* e africada retroflexa surda *tʃ̣*. Porém, Mátis, Mayorúna e Kaxararí apresentam uma oposição entre *tʃ* e *tʃ̣*, o que sugere que o Protopáno teria tido essa oposição. O fato de que essa oposição não se apresente nas demais línguas pode ter sido decorrência de fusão de **tʃ* e **tʃ̣*, já que não há motivação aparente para o desenvolvimento de africadas retroflexas apenas nas três línguas mencionadas. Até o presente momento, só atestamos ocorrência de *tʃ̣* em margem esquerda de sílaba, em início de palavra, sempre precedendo a vogal **a*, ambiente em que também é encontrado *tʃ*.

/#_

Ksh tʃ : SK tʃ : Kp tʃ : Mar tʃ : Ch tʃ : Kax tʃ̣ : Yam tʃ : Chan tʃ : Shar tʃ : Shan tʃ : Kat tʃ : Poy tʃ : A tʃ : Kn tʃ : M tʃ : Yaw tʃ : Mt tʃ̣ : My tʃ̣

119. *tʃ̣aka- ‘amassar, bater, golpear’ : Ksh tʃ̣aka- : SK tʃ̣aka- : Kp tʃ̣aka- : Mar -- : Ch tʃ̣aka- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat **tʃ̣aka**-ki ‘amassar’ : Poy -- : A tʃ̣aka- : Kn tʃ̣aka- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt tʃ̣oka-kin ‘pilar’ : My tʃ̣okka [tʃ̣o^k.ka] ‘agitar, haciendolo sonar’.
122. *tʃ̣ãpo ‘grilo, gafanhoto’ : Ksh tʃ̣ãpo : SK tʃ̣ãpo : Kp tʃ̣ãpo : Mar -- : Ch tʃ̣ãpo : Kax -- : Yam (tʃ̣ãpo ‘podrido, viejo’ (EAKEN, 2008)) : Chan -- : Shar tʃ̣ãpo ‘gastado, sin valor’ : Shan tʃ̣ãpu ‘gafanhoto’ : Kat tʃ̣ãpu ‘grilo

preto' : Poy -- : A tǰãpó I : Kn tǰãpu : 'grillo' : M -- : Yaw (tǰapu 'podre, estragado') : Ko -- : Mt tǰanpi 'gafanhoto' : My --.

124. *tǰašo 'esp. de veado' : Ksh tǰašo : SK tǰašo : Kp tǰašo : Ch tǰašo A tǰaxó I : Kn tǰašu : M tǰašo : Mar tǰaǰo 'veado' (CESARINO, 2008) : Kat tǰašo : Shan tǰašu : Yaw -- : Poy tǰahu 'veado' : Kax /tǰa'su/ [tǰa'su] (COUTO, 2005) : Yam tǰašo (FAUST; LOOS, 2002) : Chan tǰaǰo : Shar tǰašo, tǰašon : Ko -- : Mt tǰašu : My tǰašu.

3.2.5 Fricativas

Shell (1975 [1965]) propôs quatro fricativas para o Protopáno *β, *s, *f e *ʃ, com base nos reflexos que discutiremos mais detidamente em seguida. Notamos, entretanto, que a autora desconsidera os reflexos *h* em Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka e Kaxinawá como evidência para um proto **h*, pelo fato de que os reflexos desse som só ocorrem em margem esquerda de sílaba inicial de palavra. Soto (1990), por sua vez, argumenta em favor da possibilidade de um protofonema **h*, a partir dos reflexos *h* das línguas mencionadas e sugere que este protofonema poderia ter-se perdido em Kaxinawá e Marináwa em início de palavra e que talvez tivesse ocorrido também em interior de palavras, mas que, nessa posição, teria se perdido em todas as línguas. Considerando os dados comparados, reconstruímos 5 fricativas para o Protopáno, *β, *s, *f, *ʃ e *h, como discutiremos abaixo.

3.2.5.1 *β fricativa bilabial sonora

O fonema fricativo bilabial sonoro *β ocorre apenas em margem direita de sílaba inicial, medial e final de palavra e também em fronteira de morfema. Em meio de palavra, o fonema pode ser precedido de vogal ou de consoante.

Em início ou meio de palavra, seguido de reflexos das vogais **i*, **í* ou **a*, o seu reflexo é *b* em Kaxinawá, Matís e Mayorúna; *ϕ* em Marináwa, Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa; *f* em Shanenáwa;¹³⁴ *w* em Amawáka; e *β* em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Marúbo,¹³⁵ Katukína, Yawanawá, Poyanáwa, Kaxararí e Korúbo.

¹³⁴ /f/ pode estar relacionado a /ϕ/ de Marináwa, Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa.

¹³⁵ A fonemização proposta por Costa (2000) é /v/, mas há também o alofone /β/, segundo a autora.

/ #_

Ksh β : SK β : Kp β : Mar β : Ch β : Kax β : Yam φ : Chan φ : Shar φ : Shan f : Kat β : Poy β : A w : Kn b : M φ : Yaw β : Ko β : Mt b : My b

60. *βak^wi ‘filho, criança’ : Ksh βaki : SK βaki : Kp βaki : Mar vaki ‘criança, filho, menino’ (COSTA, 1992) : Ch βaki ‘niño, prole’ : Kax -- : Yam φaki ‘hijo, muchacho, niño’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φaki ‘hijo’ : Shar φaki, φakin ‘hijo, hija, niño, niña, criatura, bebé, cria’ : Shan φaki ‘filho, menino’ : Kat βaki ‘filhote de pinto de galinha’ : Poy βaki ‘filho’ : A βaki ‘cria, hijo, niño’, waki I : Kn baki : M φaki : Yaw βaki ‘criança’ : Ko βakwi : Mt bakui : My bakwí ‘niño, muchacho, feto, cría de animal, huevo de cualquier animal’.

Outros exemplos: 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 108.

/ V_V

Ksh β : SK β : Kp β : Mar β : Ch β : Kax β : Yam φ : Chan φ : Shar φ : Shan f : Kat β : Poy β : A w : Kn b : M φ : Yaw β : Ko β : Mt b : My b

352. *raβit ‘dois’ : Ksh raβi : SK raβi : Kp raβi : Kn dabi : Mar ra^vivakĩ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch raβi, ráβita : Kax tjabita : Yam raφi ‘dos’ : Chan raφi : Shar raφi, raφin ‘dos’ : Kat raβi ‘dual’ : Shan rafu ‘dois’ : Poy raβu : A rawi II : M ráφi : Yaw raβi : Ko laβitpa ‘dois’ : Mt dabiɖpa ‘número 2’ : My daid [da’id] ‘dos’.

Outros exemplos: 44, 51, 127, 146, 149, 238, 275, 310, 353, 354, 394, 503.

/ ?_

Ksh β : SK β : Kp β : Mar β : A w : M φ : Ko β : My b

368. *-riʔβi ~ *riʔβa ‘igual, do mesmo jeito, também’ : Ksh - riβi : SK - riβi, riβa : Kp -riʔβi : Mar riví ‘sempre’, rivi ‘somente, apenas’, sivi ‘também’ (KENNEL, 1978), rivi ‘enfático, mesmo’ (CESARINO, 2008) : Ch ri, -ri ‘también’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -ri ‘também’, -fi ‘enfoque, enfocar’ : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat (siβi ‘também’) : Poy -- : A - riwi I : Kn -di, -dibi : M -riφi : Yaw -- : Ko aβi βiɖiβi ‘de novo’, ated βiɖiβi ‘igual, do mesmo tanto, empatado (uma partida de futebol)’ : Mt -- : My aucbidi ‘back.again’, adembidi ‘likewise(Tr)’, adecbidi ‘likewise(Itr)’ aocbidi ‘also’,

-bi ‘like’, -di ‘emphatic’ (FLECK, 2003). (muito provavelmente tratavam-se de dois morfemas independentes (*ri? e *βi-), mas que deviam coocorrer).

Ksh β : SK β : Kp β : Mar β : Ch β : Shar φ : Shan w : Kat β : A w : M φ : Yaw β
 391. *şaʔβak ‘claridade’ : Ksh şaβá ‘despejo, claro’ : SK jaβá ‘ancho, espacio abierto’ : Kp şaʔβá ‘vacío’ : Mar ʔava ‘amanhã’ : Ch şaβáka ‘despejo, día’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şaφα, şaφαν ‘día, luz’ : Shan şawa ‘dia’, şawamasta ‘cedinho’ : Kat şaβa ‘lugar’, şaβa-ma ‘amanhã’ (CESARINO, 2008) : Poy -- : A xawã II ‘vacío, hueco’ : Kn şaβa ‘claro, despejo, claridad’ : M şaφã ‘día’ : Yaw jaβa ‘dia’ : Ko -- : Mt -- : My (şaβak ‘nombre de hombre’).

/ş._

Ksh β : SK β : Kp β : Shar φ : Shan f : Poy β : A w : Kn p : M φ : Yaw β
 263. *[n]aşβa ‘largo’ : Ksh naşβá ‘ancho, como la abertura de un hueco’ : SK naşβá ‘ancho y plano, como el río’ : Kp naşβá ‘ancho y plano’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar naşφα ‘ancho’ : Shan aşfua ‘boca’ : Kat -- : Yaw aşβa ‘boca’ : Poy dahβa ‘barriga’ : A naxwaa I ‘hueco, abierto’ : Kn naşpa ‘anchura’ : M náşφã ‘anchura’ : Ko -- : Mt -- : My --.

O dado 71 evidencia os mesmos reflexos listados acima em fronteira de morfema, quando β é seguido por uma vogal central alta *i*.

/+_

Ksh β : SK β : Kp β : Mar β : Ch β : Kax b : Yam φ : Chan φ : Shan f : A w : Kn b
 M φ : Yaw β : Ko β : Mt b : My b

71. *-βit ∞ -bita[n] ‘comitativo’ : Ksh βi (comitative S), βitã (comitative A) (ZARIQUIEY, 2011) : SK -βi ~ -βitan ‘comitative’ (VALENZUELA, 2003; LORIENT, LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp -βi ~ -βita ‘con’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar βi ‘associativo’ (KENNEL, 1978), -βi ‘associativo pronominal’ (COSTA, 1992) : Ch βita ‘en compañía de, con (sufijo nominal)’ : Kax bi ~ bita ‘comitativo’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam φi, φita ‘con’ (EAKEN, 2008) : Chan φi, φitan ‘con’ : Shar -- : Shan fi ∞ fitan ‘comitativo’

(fĩ ‘comitativo com verbos intransitivos’ fĩtan ‘comitativo com verbos transitivos’) : Kat -- : Poy -- : A wĩ, wĩtã (wĩĩ ‘con’ (HYDE, 1980)) : Kn -bi, bitã : M φĩ, -φĩtã : Yaw βĩ ∞ βĩtan ‘comitativo’ (βĩ ‘intransitivas’, βĩtan ‘transitivas’) : Ko βĩt, βĩta : Mt bid ∞ bita ∞ bitan ‘comitativo’ (bid ‘S’, bita ‘O’, bitan ‘S’) (FERREIRA, 2005) : My bid ∞ bita ∞ bitan ‘comitativo’ (bid ‘S’, bita ‘O’, bitan ‘S’) (FLECK, 2003).

Há ainda dúvidas sobre os reflexos de *β em início de palavra, seguido de vogal *u* em Yawanawá, pois, nos dados 106 e 109, Yawanawá apresenta *h* como reflexo de *β. No entanto, não há outras evidências dessa mudança. Notamos ainda que Shanenáwa, que também apresenta reflexos dessa mudança em alguns dados, no interior de palavra, apresenta o reflexo *f* diante de *o* nos dados 97, 99, 101, 105, 106, e 108.

/ #_

Ksh β : SK β : Kp β : Mar v : Ch β : Yam φ : Chan φ : Shar φ : Shan f : Kat β : A w : Kn b : M φ : Yaw h : Ko β : Mt b : My b

106. *βo ‘pelo, cabelo’ : Ksh βoo : SK βoo, βoo ((LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp βoo : Mar vo ‘cabelo’ (CESARINO, 2008), βu (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch βoo ‘pelo’ : Kax -- : Yam φo-, φoo (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φo, φoo, φu : Shar φo, φon : Shan fu ‘cabelo’ : Kat vuu [βo'o] (BARROS, 1987) : Poy βuh ‘cabelo’ : A wóo I : Kn bu : M φoo : Yaw [hu] : Ko βu ‘pêlo, cabelo’ : Mt bu ‘pêlo (forma genérica), My bu.

109. *βoška[C_c] ‘cabeça’ : (Ksh mašká ‘head’ (ZARIQUIEY, 2011)) : SK βošká ‘en lo profundo de la cabeza’ : Kp boʃ, boʃ ‘parte superior de la cabeza’ : Mar voʃká ‘cabeça’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax buʃka'ta (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012), [°βuʃka'ta] ~ [buʃka'ta] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar φoška, φoʃkan ‘cabeza’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wóxkaa, woxkapán ‘dolor de cabeza’ (HYDE, 1980), woxkaa : Kn buška : M φóška ‘cabeza’ : Yaw huška ‘dor de cabeça’ : Ko -- : Mt -- : My --.

No interior de palavra, quando seguido de vogal *o*, o reflexo de **β* em Shanenáwa e Yawanawá é *h*, nos seguintes exemplos:

Ksh β : SK β : Kp β : Ch β : A w : Kn b : M φ : Mar β : Kat β : Shan h : Yaw h : Poy b : Yam φ : Shar φ : Ko β : Mt b : My b

150. *k^wiβo ‘jacu (esp. de pássaro)’ : Ksh k^wiβo : SK kiβo : Kp kiβo : Mar kivu : Ch kiβo : Kax ki’wi [ki’wi] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar kiφon ‘pucacunga (esp. de ave)’ : Shan kihu : Kat kiβu : Poy kibu : A kiwo II : Kn kibu : M kíφó : Yaw kihu : Ko k^wiβu ‘jacamin’ : Mt kuibu ‘jacu’ : My kuibu [kwibu] ‘pava de Spix’.

361. *riβo ‘ponta, cabeceira do rio’ : Ksh riβo : SK riβo, (riβo ‘punta, delantera’, riβoki (riβo ‘punta’ + ki ‘a, contra’)) : Kp riβo, (riβo ‘punta, extrema, terminación, cabecera’ riβoki ‘águas arriba, río arriba’) : Mar riβo ‘ponta’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch riβo ‘el final, el punto donde se termina una cosa’, ?ani riβo : Kax -- : Yam riφotana ‘último en una fila’ : Chan -- : Shar riφo, riφon ‘punta, extremo delantero’ : Shan rihu [rihu?] ‘ponta’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Kat riβu [riβu] ‘ponta’ : Poy -- : A riwo II : Kn dibu : M ríφó : Yaw [rihu] ‘ponta’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ko -- : Mt **dibumi** ‘em direção à cabeceira do rio’ : My --.

362. *riβo+ki ‘para frente, para cima (no rio)’ : Ksh riβomi : SK riβoki : Kp riβoki : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan (madakiri, manakiri ‘águas arriba’) : Shar riφokiri, riφokirinín ‘proa’, (manankiri ‘río arriba, arriba’) : Shan -- : Kat rivukiri [riβo kiri] ‘cabeceira (de rio)’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A riwoki II : Kn (mãñãkiri, M mãñãkiri’cf. etimologia 215).-- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt **dibumi** ‘em direção à cabeceira do rio’ : My --.

Nas etimologias 15 e 424, verifica-se *h* como reflexo de **β* apenas em Poyanáwa e Yawanawá. Em 276 e 287, apenas Yawanawá apresenta *h* como reflexo de **β*.

/ ._o#

Ksh β : SK β : Kp β : Mar β : Ch β : Shar φ : Poy h : A w : Kn b : Yaw h : Ko β : Mt b : My b

15. *ʔiʔβo ‘dono’ : Ksh ʔiβo : SK ʔiβo : Kp ʔiʔβo : Mar iβo (CESARINO, 2008) : Ch ʔiβo ‘dueño’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iφo : Shan -- : Kat -- : Poy ihu : A ʔiwo (HYDE, 1980), iwó I : Kn ibu : M iφo : Yaw ihu : Ko ikβo [iʔβo] : Mt ikbo : My ikbo [i^kbo].
424. *ʂoβo ‘casa’ : Ksh ʂoβo ‘casa’ : SK ʂoβo : Kp ʂoβo : Mar ʂuvu (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ʂoβo : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat ʂuβu : Yaw ʂuhu ‘casa de antigamente’ : Poy -- : A xowo ‘cobertizo para cazar’ : Kn ʂubu ‘vivienda’ : ‘casa’ : M -- : Ko ʂuβu ‘casa temporária, tapiri’ : Mt ʂubu ‘casa comunal’ : My ʂubu ‘casa’.

/ V._o#

SK β : Kp β : Ch β : Kat β : A w : Kn b : M φ : Yaw h

276. *[n]iβo ‘lacraia, escorpião’ : Ksh (niβāta ‘escorpión’) : SK niβo : Kp niβo : Mar -- : Ch niβo ‘hormiga grande’ (niβo ‘alacrán’ (ZINGG, 1998)) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat niβu ‘lacraia’ : Poy -- : A niwo II ‘escorpión’ : Kn nibu : M níφó : Yaw nihu ‘escorpião’ : Ko -- : Mt -- : My --.
287. *[n]oβo ‘esp. de caramujo’ : Ksh noβo : SK -- : Kp -- : Mar novo (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A nowo II : Kn nubu ‘caracol grande de río’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

A etimologia 96 evidencia que a mudança de *β para *h* em Shanenáwa e Yawanawá teria ocorrido também em fronteira de morfema, quando seguido da vogal *o*.

/ +_o

Ksh β : SK β : Kp β : Ch β : Yam φ : Shar φ : Shan h : Kat β : A w : Kn b : M φ : Yaw h : Ko β : Mt b : My b

96. *-βo ‘pluralizador’ : Ksh -βo : SK -βo : Kp -βo : Mar -βo ‘genérico, plural’ (KENNEL JR., 1978) : Ch βo ‘plural del sustantivo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam φo ‘plural, varios, sujeto plural’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -φo ‘pluralizador del sujeto de un verbo intransitive, plural de verbo intransitivo’ : Shan ‘-hu’ ‘seres humanos indefinidos, plural’ : Kat βu ‘plural’ : Poy -- : A -wo : Kn -bu ‘plural’ (MONTAG, 2008) : M -φo : Yaw -

hu ‘plural’ : Ko -βo ‘plural’ : Mt -bo ‘morfema coletivizador’ : My -bo ‘plural (varios o muchos)’.

Note-se, ademais, que há também línguas que apresentam segmentos foneticamente semelhantes a *h* diante de *o*. Como vimos no capítulo anterior, Yamináwa, possui um alofone [x] no ambiente / _o. Vimos também que é provável que Sharanáwa tenha um alofone [h] diante de *o*. Esclarecemos, entretanto, que não tivemos acesso a dados fonéticos dessas duas últimas línguas.

Em 309, o reflexo de *β é *p* em Mátis e Yamináwa, mas trata-se de uma única etimologia, o que mostra ter havido uma mudança acidental.

/ V_V

Ksh β : SK β : Kp β : Ch β : Yam p : Kat β : Kn b : ko β : Mt p

309. *paβi ‘surdo’ : Ksh paβi : SK paβi : Kp paβi : Mar -- : Ch **paβi**ša, **paβi**š ‘cera del oído’ : Kax -- : Yam (papisakĩ, papisikĩ ‘perforarse la oreja’) : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat (paβi ‘brinco’, paβiʃ ‘cera do ouvido’) : Poy -- : A -- : Kn **pabidu** ‘arete hecho de una concha o un caracol, que se utilizaba en las orejas’, **pabidu** ‘agujerearse las orejas’ : M -- : Yaw -- : Ko **paβi**ʃan ‘orelha’ : Mt (**papu**ʃan ‘orelha’) : My --.

3.2.5.2 *s fricativa alveolar surda

O reflexo regular de *s em todas as línguas é *s*. Ocorre em margem esquerda e direita de sílaba inicial, medial e final de palavra. Em margem direita, ocorre no meio de palavra, precedendo consoante e também no final de palavra, antes de silêncio.

/ #_

Ksh s : SK s : Kp s : Mar s : Ch s : Yam s : Shar s : Kat s : A s : Kn s : M s : Mt s : My s

376. *sama- ‘fazer dieta, jejum’ : Ksh samá- : SK samá- ‘ayunar’ : Kp sama ‘un ayuno’, sama- ‘ayunar’ : Mar samá ‘dieta alimentar, resguardo’ : Ch sama- ‘ayunar’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam samama ‘pronto dentro de unos días’ : Chan -- : Shar samai, samaa ‘hacer dieta, ayunar, no tener apetito’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A sama- I ‘esperar, diferir’ : Kn sama- ‘ayunar’, samama (-ma negativo, etimologia 493) ‘ahora mismo’ : M samá ‘ayuno’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

377. *sa[n]á[n]- ‘levantar, suspender’ : Ksh sanã ‘apuntar, señalar’ : SK sanã- ‘sostener a la vista’ : Kp -- : Mar sana ‘exibir’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A sanã- I ‘levantar’ : Kn sãñã- ‘suspender, colgar, levantar’ : M sãñã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My sanan ‘sostener (una cosa)’.
378. *sa[n]i[n] ‘esp. de peixe’ : Ksh sanin ‘esp. de pez menudo’ (SHELL, 1987) : SK sa'nin, 'saniman ‘grupo de pececillos’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp -- : Mar -- : Ch sa'nino, sa'ni ‘el pez (en general)’, sani : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A sanin ‘mojarrita’ (HYDE, 1980) : Kn sanin ‘esp. de pez muy pequeño, sardina’ (MONTAG, 1981) : M sani : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
380. *sawîC_c- ‘vestir roupa’: Ksh (sa'i-ti ‘escondarse, andar en un solo sitio dejando pisadas’ (SHELL, 1987)) : SK sawî- : Kp sawî : Mar sawî ‘vestir’ (CESARINO, 2008) : Ch sawî ‘verstirse, ponerse ropas’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar sawîi, sawîa ‘vestir, poner ropa’ : Shan -- : Kat sawî : Poy -- : A sai- ‘ponerse ropa’ : Kn sawî- : M sãwî ‘gente que usa ropa’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My saued [sa.'wed] ‘meter varias cosas’.
381. *si[n]a: Ksh siná ‘feroz’ : SK siná ‘estar enojado, estar peleando’ : Kp siná ‘feroz, enojado’ : Mar siná ‘sério, bravo’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan sidabis ‘bravo, valiente’ : Shar sinai, sinaa, ‘enojar, estar enojado’ : Shan -- : Kat sinna, sîja ‘zangado’ : Poy -- : A sinaa- II : Kn sina ‘estar enojado, molesto’ : M sína- ‘estar enojado’ : Yaw -- : Ko -- : Mt **sinan**-kin ‘pensar’ : My sinan ‘alma, fuerza, valor’. (Ver también a etimologia 387).

/ V_V

Ksh s : SK s : Kp s : Mar s : Ch s : Kax s : Yam s : Chan s : Shar s : Shan s : Kat s : Poy : A s : Kn s : M s : Yaw : Ko s : Mt s : My s

145. *hisor- ‘urinar, urina’ : Ksh isó : SK hisó : Kp hisón- : Mar isõ ‘urina’ (CESARINO, 2008) : Ch hiso- : Kax isulu [isu'lu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan iso, **isoin** : Shar **isoin**, **isoa** ‘orinar’ :

Shan -- : Kat isun ‘urina’ : Poy -- : A hĩsõ- I : Kn isũ; M ísõ- : Yaw -- : Ko isun- ‘urinar’ : Mt isun- ‘urinar’ : My isun.

370. *r̥isiβitʃi ‘fio, corda’ : Ksh risi ‘hilo’, risi βĩntsin ‘hilo fino’ (SHELL, 1987) : SK risβí : Kp risβí : Mar -- : Ch ris'pi, ris'pitʃi ‘soga’ (ZINGG, 1998), rispítʃi : Kax -- : Yam risφitʃĩ ‘soga’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar risφi, risφin ‘soga’ : Shan -- : Kat risiβi ‘corda de amarrar rede’ : Poy risβi ‘corda’ : A riswii I : Kn dispi : M rísφi : Yaw risβin ‘corda’ : Ko -- : Mt -- : My --.
371. *r̥isis: ‘fio’ Ksh risi ‘hilo’ : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch r̥isisi, r̥isis ‘la pita, el hilo’, risísi ‘hilo’ : Kax tʃitʃĩsi [tʃitʃĩsi] ‘linha’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat risis ‘linha’ : Poy risi ‘rede’ : A risí I ‘hamaca’ : Kn disí : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
474. *wasi ‘erva’ : Ksh βasi : SK wási, wasín ‘esp. de hierba’ (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp wasi : Mar ‘wasi ‘erva, capim’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch wasi : Kax wa'sai ‘capim’ (SOUSA, 2004) : Yam φasi ‘hierba’ : Chan -- : Shar -- : Shan wasi ‘capim’ : Kat wasi ‘capim’ : Poy -- : A wasí I : M φasi : Kn basi : M -- : Yaw uasi ‘capim’ : Ko -- : Mt -- : My uasin [wa'sin] ‘pasto, hierba’, uesin [we'sin] ‘hierba, pasto (pronúncia alternativa)’.

Outros exemplos: 145, 247, 331, 332, 333, 344, 448, 472, 473, 488, 510.

/ Ǟ_V

Ksh s : SK s : Kp s : Mar s : Ch s : Yam s : Shar s : Shan s : Kat s : Poy s : A s : Kn s : M s : Mt s : My s

50. *hãsi[n] ‘mutum’ : Ksh aĩ o aĩ : SK hasĩ : Kp hasín : Mar aĩĩ (CESARINO, 2008) : Ch hasíni ‘clase de pavo silvestre’, ha'sini, ha'si (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam aĩ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar asin, asipan ‘paujil’ : Shan ašin : Kat ansin : Poy aĩĩ : A, hãĩ I, (hánsin, hánsinín ‘paujil’ (HYDE, 1980)) : Kn hasĩ : M aĩĩ : Yaw -- : (Ko koʃtin [ʔoʃtĩn] ‘mutum’) : Mt -- : My --.
108. *βõsi[m] ‘esp. de lontra’ : Ksh βõsime : SK βõšĩ : Kp hini βosi : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φosi, φosin ‘nutria’ : Shan fusi [fu'si? ~

fu'se?] 'lontra' : Kat -- : Poy βũĩĩ 'lontra' : A wõĩĩ II : Kn -- : M fõĩĩ : Yaw -
 -- : Ko -- : Mt bonsen 'lontra' : My bosen 'nutria'.

/ V_.t

SK s : Kp s : Mar s : Ch s : Kax s : Chan s : Shar s : Shan s : Kat s : Kn s : M s :
 Yaw s

114. *tsisti 'carvão, brasa' : Ksh (tsisu 'carbón' (SHELL, 1987)) : SK tsisti : Kp
 tsisti 'tizón, brasa, carbon de leña' : Mar -- : Ch tsisti 'el carbón de leña, el
 tizón' (ZINGG, 1998), tsistí : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tsisti, tsistin
 'carbón, cosas oscuras' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn tsisti 'carbón
 que queda en el extremo de la leña' (MONTAG, 1981), karu t̥jifti 'tizón,
 carbón de leña' : M tsístí 'brasa, carbón de leña' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- :
 My --.
480. *wisti 'um (numeral)' : Ksh -- : SK wistíora : Kp wistí 'uno' : Mar wistisi
 [wis'tisi?] 'um' (BOUTLE, 1964) : Ch wisti, wistita 'solo, uno' (ZINGG,
 1998), wistita : Kax wispi 'um' (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam
 -- : Chan f̥isti : Shar f̥isti 'uno' : Shan wisti 'um' : Kat wisti 'um' : Poy -- :
 A -stii : Kn bisti 'solamente', bistit̥ja : M f̥isti : Yaw uisti 'um' : Ko -- : Mt
 -- : My --.

/ _.[n]

SK s : Mar s : Ch s : A s : Kn s

475. *was[n]o[n] 'teia de aranha' : Ksh (βaskõ 'telaraña') : SK wasnõ 'telaraña' :
 Kp -- : Mar wasnõ 'aranha' (CESARINO, 2008) : Ch βasnona : Kax -- :
 Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wasnõ 'araña,
 telaraña' : Kn basñĩ 'araña', basñũ 'neblina espesa, niebla' : M-- : Yaw -- :
 Ko -- : Mt -- : My --.

/ V_.k

Ksh s : SK s : Kp s : Mar s : Ch s : Kat s : A s : Kn s : M s : Yaw s : My s

25. **ʔisko 'japó (esp. de pássaro)': Ksh ʔisko : SK ʔisko : Kp ʔisko : Mar isko
 'japó' (CESARINO, 2008) : Ch ʔisko 'Clase de oropéndola, paucar' : Kax --

: Shan -- : Kat isku ‘japó’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Poy -- : A iskó I : Kn isku : M isko : Yaw isku : Ko -- : Mt -- : My isku ‘oropéndola, paucar’.

279. *[n]iska[n]- ‘suar’ : Ksh -- : SK niskã- : Kp nikã- : Mar -- : Ch niska- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar niskai, niskaa ‘sudar, transpirar’ : Shan niska : Kat -- : Poy -- : A niskã- II : Kn niskã : M nískãĩ- : Yaw niskan : Ko -- : Mt (niṣan ‘suor’) : My (itʃak [itʃak] ‘sudor, sudar’).

/_#

Ksh s : SK s : Kp s : Ch s : Kax s : Yam s : Chan s : Shar s : Shan ʃ : Kat ʃ : A s : Kn s : M s : Ko s : Mt s : My s

239. *mĩtsis ‘unha da mão’ : Ksh untsis, un’tsi ‘unha’ (SHELL, 1987), un’tsis ‘nail’ : SK mĩntsis ‘unha del dedo’, mĩtsis : Kp mĩntsis : Mar mĩtsisi [mĩtsisi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch ‘mitsis, ‘mitsisi ‘uña de los dedos de la mano’, mĩtsisi ‘uña del dedo de la mano’ : Kax mĩtʃisi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mitsis, mitsisi (EAKEN, 2008) : Chan bitsis (otsis) : Shar mitsisi, otsisi : Shan mĩtʃifi : Kat mĩtʃifi [mĩtʃifi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Poy -- : A hon’tsis ‘uña del dedo del pie’, mĩntsis ‘uña, dedo de la mano’ (HYDE, 1980), mĩtsis I : Kn mĩtsis : M mĩtsisi : Yaw mitsisi : Ko (mĩtʃiun ‘unha’) : Mt mĩntis ‘unha’ : My mĩntsis [mĩntsis].

Outros exemplos: 143, 144, 234, 239, 298, 437, 499.

Há, entretanto, um conjunto de dados em que *s tem como reflexo / na maioria das línguas, mas que se conserva s em Korúbo, Matís, Mayorúna ou Kashíbo. Notamos que, nesse caso, s ocorre em início, meio e final de palavra, em margem esquerda e direita de sílaba. Na maioria dos casos, há uma vogal i seguindo a consoante, como vemos nos exemplos abaixo.

/_#_i

Ksh s : SK ʃ : Kp ʃ : Mar ʃ : Ch ʃ : Kax ʃ : Yam ʃ : Shar ʃ : Shan ʃ : Poy ʃ : A ʃ : M ʃ : Mt Yaw ʃ : s : My s

382. **sisi ‘quati’ : Ksh sisi : SK ʃifi : Kp ʃifi : Ch (ʃiʃa ‘el tejón’) : Mar ʃiʃi ‘quati’ : Kax ʃiʃiwa [ʃiʃiwa] ‘quati’ : Yam ʃifi ‘achuni (animal parecido al oso hormiguero)’ : Chan -- : Shar ʃiʃi ‘achuni, coatí’ : Shan ʃiʃi ‘quati’ : Kat

-- : Poy fiji 'quati' : A fíí I : Kn fiji : M fiji : Yaw fiji 'quati' : Ko -- : Mt sise 'quati, lat. *nasua nasua*' : My sise 'coati, lat. *nasua nasua*' (pronunciación alternativa de tsise).

Ksh s : SK f : Kp f : Mar f : Ch f : Kax f : Yam f : Shar f : Shan ş : Kat f : A f : Kn f : M f : Yaw f : Mt s : My s

387. **sina[n]- 'pensar' : Ksh sinã- : SK jinã- : Kp jinán- : Mar jĩnãã (ANONBY; HOLBROOK, 2010), şinã 'pensar' (CESARINO, 2008) : Ch jina- 'pensar' (ZINGG, 1998), (foma-) : Kax **jinãhi** [jinẽ'xi] 'pensar' (LANES, 2005) : Yam jinã- 'pensar' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar jinain, jinan 'pensar, lamentarse, acordarse' : Shan şinan 'imaginar, pensar' : Kat jinna-nai 'pensar' : Poy -- : A jinã I : Kn jinã- : M jĩnã- : Yaw jinan 'pensamento' : Ko -- : Mt sinankin 'pensar' : My sinan- 'alma de un chamán, habilidad de caza, puntería, fuerza y valor que puede ser pasado de un hombre a otro soplando tabaco o poniendole veneno de sapo en el brazo o pecho'.

389. *jio 'pium (esp. de mosca)' : Ksh -- : SK jio : Kp jio : Mar -- : Ch jio 'marigüi' (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar jio, jion 'mosca' : Shan şiu 'pium' : Kat jiu : Poy jiw 'pium' : A jiyó I : Kn jiu : M -- : Yaw -- : Ko -- : (Mt siwa 'pium') : My --.

390. *sipi 'macaco sagui' : (Ksh ʔipi o ʔiʔpi) : SK jipi : Kp jipi : Mar -- : Ch : Kax jipi [ʔipi] 'macaco sagui' : Yam -- : Chan -- : Shar jipi, jipin 'pichico (esp. de mono)' : Shan -- : Kat tʔipi 'macaco pequeño, suim' : Poy jipi 'macaco soim' : A jipi II : Kn jipi : M jípi : Yaw jipi 'macaco soim' : Ko -- : Mt sipi 'esp. de macaco' : My sipi 'tipo de mono pequeño'.

/V._i

Ksh s : SK f : Kp f : Mar f : Ch f : Kax f : Chan f : Shan ş : Kat f : Poy f : Kn f : Yaw f : Mat s : My s

226. *masi 'areia' : Ksh masi : SK maʃi : Kp maʃi : Mar 'maʃi (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch 'maʃi, maʃi'ni 'arena, playa' : Kax hinimaʃi [hinimaʃi] : Yam maʃi, māʃi 'arena, playa' : Chan baʃi : Shar -- : Shan maʃi

: Kat mafi [ma'fi?] (BARROS, 1987) : Poy bafi 'areia' : A -- : Kn mafi : M -- : Yaw mafi 'areia, barro de varias cores' : Ko -- : Mt masi (FERREIRA, 2005) : My masi [ma'si].

280. *[n]isi: Ksh nisi 'esp. de palmeira' : SK niŋi : Kp niŋi : Mar -- : Ch niŋi 'hamaca' : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A niŋi I : Kn niŋi : M niŋi 'parra' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh s : SK ʃ : Kp ʃ : Mar ʂ : Ch ʃ : Kax ʃ : Yam ʃ : Shar ʂ : Shan ʂ : Poy ʃ : A ʃ : M ʃ : Yaw ʃ : Mt s : My s

382. *sisi 'quati' : Ksh sisi : SK ʃiŋi : Kp ʃiŋi : Ch (ʃiŋa 'el tejón') : Mar ʂiŋi 'quati' : Kax ʃiŋiwa [ʃiŋi'wa] 'quati' : Yam ʃiŋi 'achuni (animal parecido al oso hormiguero)' : Chan -- : Shar ʂiŋi 'achuni, coati' : Shan ʂiŋi 'quati' : Kat -- : Poy ʃiŋi 'quati' : A ʃiŋi I : Kn ʃiŋi : M ʃiŋi : Yaw ʃiŋi 'quati' : Ko -- : Mt sise 'quati, lat. *nasua nasua*' : My sise 'coati, lat. *nasua nasua*' (pronunciación alternativa de tsise).

/ .Ci_#

Ksh s : SK s : Kp ʃ : Mar ʂ : Kax ʃ : Shar ʂ : Shan ʂ : Kat ʃ : Poy ʃ : A ʃ : Kn ʃ : M ʃ : Yaw ʃ : Ko s : My s

499. *yawis 'esp. de tatu' : Ksh ɲais, (ɲais, ɲais 'esp. de armadillo o carachupa' (SHELL, 1987)) : SK yawíʃ : Kp yawíʃ : Mar ya'viŋi 'tatu' (ANONBY; HOLBROOK, 2010), yawiŋ 'tatu' (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax yawa'ʃi 'tatu' : Yam -- : Chan -- : Shar yawiŋi, yawiŋinin 'armadillo, carachupa' : Shan yafiŋi 'tatu' : Kat yawiŋi 'tatu' : Poy iawiŋi 'tatu' : A yaiʃ II : Kn yaiʃ : M yáwiŋí : Yaw iawiŋi 'tatu' : Ko tsawes 'tatu' : Mt tsawes 'esp. de tatu' : My tsaues [tsa'wes] 'armadillo de Kappler'.

Em 27 e 186, não encontramos cognatos de Korúbo, Mátis ou Mayorúna, de forma que nos baseamos unicamente nos reflexos *s* de Kashíbo.

/ V_t

Ksh s : SK ʃ : Kp ʃ

27. *ʔisto- ‘correr’ : Ksh ʔistó ‘rapidamente’ : SK ʔifto- ‘rápido, veloz’ : Kp ʔifto- ‘correr, apurarse, irse apurado’ (LOOS; LOOS, 1998) ʔisto- ‘correr’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam itfo- ‘correr’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan itfoi : Shar itfoi, itfoa ‘huir, correr’ : Shan itfu ‘correr’ : Kat -- : A -- : Poy -- : Kn iftju ‘saltar’ : M itfo- ‘correr’ : Yaw itfu- : Ko -- : Mt -- : My --.

/ V_V

Ksh s : SK f : Kp f : Mar f : Ch f : Kax f : Yam f : Chan f : Shar f : Shan s : Kat s : Poy f : A f : Kn f : M f : Yaw f

186. **k^wisi ‘coxa’ : Ksh kisi : SK kifi : Kp kifi : Mar 'kiʃI (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch kifi : Kax kifi [ki'fi] ‘coxa’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam kifi, kiʃi ‘muslo’ (EAKEN, 2008) : Chan kifi ‘muslo’ : Shar kifi, kiʃin ‘pierna’ : Shan kiʃi ‘coxa’ : Kat kiʃi [kiʃiʔ] ‘coxa’ (BARROS, 1987) : Poy kifi ‘coxa’ : A kifi I : Kn kifi : M kifi : Yaw kifi [ki.'fi] ‘coxa’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My **kuist**fipa [kwis'tʃipa] ‘muslo’.

Entretanto, em 262 e 511, Kashíbo também apresenta /f/ como reflexo de *s, mas Korúbo e Mayorúna apresentam s.

/ V_V

Ksh f : SK f : Kp s : Mar s : Ch f : Yam f : Chan f : Shar s : Shan f : Kat f : A f : Kn f : M f : Yaw f : Mt s : My s

262. *[n]as[i]- ‘banhar-se, tomar banho’ : Ksh naʃi- : SK naʃi- : Kp naʃi- : Mar naʃi (CESARINO, 2008) : Ch aʃi- ‘bañarse’ : Kax -- : Yam naʃi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan daʃi, naʃi : Shar naʃi, naʃia ‘bañarse, nadar’ : Shan naʃi : Kat naʃi : Poy -- : A naʃi- I : Kn naʃi- : M naʃi- : Yaw naʃi : Ko -- : Mt **nes**-kin : My nes ‘bañarse’.

Ksh f : SK f : Kp f : Ch f : Shar s : Shan s : Poy f : A f : Kn f : M f : Yaw f : Ko s : My s

511. **yosi[n] ‘espírito’ : Ksh ɲuʃi, ɲunʃin ‘reflexión, espíritu malo’, ñoʃi ‘espíritu malo, reflexión’ : SK yoʃi ‘demonio, espíritu’ : Kp yoʃin ‘espíritu,

máscara' : Mar -- : Ch yofini, yofji 'viento, espíritu, sombra, diablór' (ZINGG, 1998), yofíni : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar yoşi, yoşin 'espíritu, alma, fantasma' : Shan yuşin 'retrato, espírito' : Kat -- : Poy iũǰĩ 'alma' : A yofĩ II 'espíritu, fantasma' : Kn yuǰĩ 'alma, fotografia, espírito' : M yóǰĩ : Yaw iunǰin 'alma' : Ko tsusin 'espíritu' : Mt tsunsin 'espíritu' : My --.

Em 26, Korúbo apresenta o reflexo *f* de **s*, enquanto todas as demais línguas apresentam *s*, o que nos parece uma inovação do Korúbo, mas motivada pela presença de *i*, na sílaba que antecede *s*.

/i_V

Ksh s : SK s : Kp s : Mar s : Ch s : Yam s : Chan s : Kat s : Poy s : A s : Kn s : M s : Yaw s : Ko f

26. *ʔiso 'macaco preto (esp. de macaco)' : Ksh -- : SK ʔiso : Kp ʔiso : Mar ʔiso [ʔisǝ] (COSTA, 1994) : Ch ʔiso 'mono maquisapa' : Kax -- : Yam iso 'maquisapa' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan iso 'maquisapa' : Shar iso 'maquisapa' : (Shan *istuku*, *ištuku* 'macaco (gen.)) : Kat isu 'macaco preto' : Poy isu 'macaco preto' : A ʔiso 'maquisapa (tipo de mono)' (HYDE, 1980), iso II : Kn isu : M ísó : Yaw isu 'macaco preto' : Ko iʃo 'esp. de macaco' : Mt -- : My --.

Shell (1975 [1965]) postula uma sequência **sʃ* para explicar a correspondência Kashíbo *s* : *f* nas demais línguas. No entanto, assim como para o caso das africadas, não nos parece necessário que se postule uma sequência **sʃ*, uma vez que todos os reflexos envolvem uma vogal anterior alta seguindo ou precedendo a consoante. O fato de tanto Kashíbo quanto as línguas Korúbo, Matís e Mayorúna conservarem *s* em início, meio e final de palavra, em margem direita e esquerda, também nos parece evidência suficiente para a reconstrução de **s*.

Notamos, mais uma vez, que, assim como no caso da africada alveolar, é possível que tivesse havido, na protolíngua, a alofonia *s* ~ *f*, sempre que precedendo ou seguindo uma vogal anterior alta.

Por fim, notamos que, em 225, Marináwa apresenta *ʃ* como reflexo de **s*. Nas etimologias 81 e 336, Yamináwa e Mayorúna apresentam *ʃ* como reflexo de **s*. Já em 38, o reflexo de Yawanawá é *f*.

V_í

Ksh s : SK s : Kp ʃ : Mar s : Shar s : A s : M ʃ : Mt s

225. *masi[n] ‘esp. de cabaça’ : Ksh mašĩ : SK mašĩ : Kp mašin : Mar mãšĩ ‘cabaça’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar masi, masin ‘calabaza’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mãšĩ : Kn -- : M máši : Yaw -- : Ko -- : Mt masin ‘tipo de flauta’ : My --.

/ í_t

Ksh s : SK s : Kp s : Ch s : Kax s : Yam ʃ : Shar s : A s : Kn s : My ʃ

81. *βisti- ‘cortar’ : Ksh βistí : SK βistí : Kp βisti-kin ‘cortar el pelo en forma de flequillo’ : Mar -- : Ch βistiki- ‘cortar el pelo por la frente’ : Kax busti-atu ‘cortou’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mišti ‘cortar la mano’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar φistii, φistia ‘cortar el cerquillo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wistii- : Kn bisti- : M φisti- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My bište ‘cortar el racimo de una palmera’.
336. *pistia ‘pequeno’ : Ksh -- : SK : Kp (pi]ká ‘pequeno’) : Mar -- : Ch pistia ‘pequeno’ : Kax piste [piste] (COUTO, 2005) : Yam pi]ta ‘pequeno, poco’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar φakišta ‘pequeno, chico’ : Shan -- : Kat pi]tja ‘pequeno’ : Poy -- : A pi]ta II ‘pequeno’ : Kn -pi]ta ‘diminutivo’ (por ejemplo, bakipí]ta ‘niño pequeno’) : M φákí]tá ‘niño pequeno’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My pistsik [pis.tsik] ‘pequeno, chico, poco’.

/ V_V

Ksh s : SK s : Kp s : Ch s : Mar s : Shar s : A s : Kn s : M s : Yaw j

38. *ʔosa[n]- ‘rir’ : Ksh ʔosá- : SK ʔosá : Kp ʔosán- : Mar [ũsẽẽ] ‘rir’ (COSTA, 1992) : Ch ʔosa ‘reirse o burlarse’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar osain, osaan ‘reir, sonreir’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A osã- I : Kn usã- : M ósã ‘reirse, sonreirse, reirse de’ : Yaw u]fan : Ko -- : Mt -- : My --.

3.2.5.3 */fricativa palatal surda

Os reflexos de */ ocorrem em margem esquerda de sílaba inicial e final de palavra e também em margem direita de sílaba no interior e no final de palavra, como se pode observar nos dados. Seu reflexo é *ʃ* em Shanenáwa e Sharanáwa, e *f* nas demais línguas.

/#_

Ksh *f* : SK *f* : Kp *f* : Mar *ʃ*, *f* : Ch *f* : Kax *f* : Yam *f* : Chan *f* : Shar *ʃ* : Shan *ʃ* : Kat *f* : A *f* : Poy *f* : Kn *f* : M *f* : Yaw *f* : Ko *f* : Mt *f* : My *f*

383. **ʃ*ara ‘bom, bonito’ : Ksh -- : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam *ʃ*ara ‘bueno, bonito, mucho’ (EAKEN, 2008) : Chan *ʃ*ara ‘bueno’ : Shar *ʃ*ara ‘bueno, lindo, bonito’ : Shan *ʃ*arakapa ‘bom, bonito’ : Kat -- : Poy -- : A *ʃ*ara I : Kn -*ʃ*ara ‘bien’, *ʃ*arabu (-bu ‘colectivo’, etimologia 96) ‘útil’ : M *ʃ*ára ‘bueno’ : Yaw *ʃ*arakapa ‘bom, bonito’ : Ko -- : Mt -- : My --.

384. **ʃ*ik ‘peito (prefixo parte do corpo)’ : Ksh *ʃ*ikan, *ʃ*i- ‘chest’ (ZARIQUIEY, 2011), *ʃ*iká : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch *ʃ*i-, *ʃ*ipa’ti ‘pecho’ (ZINGG, 1998), *ʃ*ipatí ‘pecho’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : Yaw -- : Ko *ʃ*ik-βu : Mt *ʃ*ışakete ‘pêlo peitoral’ : My *ʃ*ik-diadkid ‘pecho’.

388. **ʃ*iro ‘esp. de macaco’ : Ksh -- : SK *ʃ*ino : Kp *ʃ*ino : Mar *ʃ*ino ‘macaco prego’ (CESARINO, 2008) : Ch *ʃ*ino : Kax ***ʃ*ilua** [*ʃ*ilu'a] ‘macaco’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan *ʃ*ido ‘mono’ : Shar *ʃ*ino, *ʃ*inon ‘esp. de mono’ : Shan *ʃ*inu ‘macaco’ : Kat *ʃ*inu [*ʃ*iʎo?] ‘macaco’ (BARROS, 1987) : Poy *ʃ*idu ‘macaco prego’ A *ʃ*inó I : Kn *ʃ*inu : M *ʃ*ino : Yaw *ʃ*inu ‘macaco (genérico)’ : Ko -- : Mt -- : My --.

V_V

SK *f* : Kp *f* : Mar *f* : Ch *f* : Kax *ʃ* : Yam *f* : Chan *f* : Shar *ʃ* : Shan *ʃ* : Kat *f* : A *f* : Kn *f* : M *f* : Yaw *f* : Ko *f* : Mt *f* : My *f*

175. **kaʃ*i ‘morcego’ : Ksh *kaʃ*a, *kāʃ*a (*kaʃ*ian, *kainʃ*a, *kaia* ‘murciélagos’ (SHELL, 1987)) : SK *kaʃ*i : Kp *kaʃ*i : Mar -- : Ch *kaʃ*i I ‘murciélagos’, *kaʃ*iʔa ‘murciélagos grande’ : Kax *kaʃ*iwa [*kaʃ*iwa] (COUTO, 2005) : Yam -- :

Chan -- : Shar kaʃi, kaʃin : Shan kaʃi : Kat (kantʃi) : Poy -- : A -- : Kn kaʃi :
M kaʃi : Yaw kaʃi : Ko -- : Mt -- : My --.

305. *hoʃin ‘vermelho’ : Ksh -- : SK hoʃĩ : Kp hoʃin, hoʃini ‘rojo’ (LOOS; LOOS, 1998), hoʃini ‘rojo’ : Mar ũʃĩ-ga ‘vermelho’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ʃini, tʃiʃĩni ‘rojo’, (ʃini ‘rojo’, tʃiʃi, tʃiʃini ‘la pluma roja o el plumón rojo de la cola de um ave’ (ZINGG, 1998)) : Kax puʃi [puʃi] (LANES, 2005) : Yam oʃĩ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oʃi, oʃi nipa : Shar oʃin : Shan uʃin (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008) : Kat ũʃi [õŋʒiʔ] (BARROS, 1987) : Poy -- : A wĩʃi I ‘rojo’ : Kn huʃĩ ‘rojo, maduro’ : M óʃĩ : Yaw uʃĩ : Ko ʃinte ‘urucum’ : Mt ʃin ‘amarelo’ : My ʃin ‘rojo’ (ver también a etimologia 319. *pãʃini).
319. *pãʃin ‘amarelo’ : Ksh pãʃiã : SK pãʃĩ : Kp : Mar -- : Ch ʃini ‘rojo, maduro’, paʃi- ‘colorearse, pintonearse’ (ZINGG, 1998) : Kax ʃini [ʃini] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar paʃi ‘pálido’ : Shan paʃin ‘amarelo’ : Kat (manʃin ‘amarelo’) : Poy pãʃĩ ‘amarelo’ : A pãʃi I : Kn paʃĩ ‘ictérico’ o paʃinipa ‘amarillo, pálido’ : M pãʃi : Yaw paʃin ‘amarelo’ : Ko ʃinte ‘urucum’ : Mt ʃin ‘amarelo, laranja’ (FERREIRA, 2005) : My --; ‘amarillo’. (ver también a etimologia 305. *hoʃini).
334. *piʃa ‘bolsa pequena (?)’ : Ksh piʃa : SK piʃa : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A piʃa I : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
335. *piʃi[n] ‘esteira’ : Ksh piʃi : SK piʃĩ : Kp piʃín : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam : Chan -- : Shar piʃin, piʃinpan ‘estera’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A piʃi II : Kn piʃi; M piʃi : Yaw piʃin ‘esteira’ : Ko -- : Mt -- : My --.

/i̯.

Ksh ʃ : SK ʃ : Kp ʃ : Shar ʃ : A ʃ : Kn ʃ : M ʃ : Yaw ʃ

29. **ʔiʃmi[n] ‘urubu rei’ : Ksh ʔiʃmĩ : SK ʔiʃmĩ : Kp ʔiʃmín : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iʃmin, iʃminon ‘condor blanco’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔiʃmin ‘cóndor’ (HYDE, 1980), iʃmĩ : Kn iʃmĩ : M iʃmĩ ‘cóndor’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

248. *miʃkiti ‘anzol’ : Ksh miʃkiti : SK miʃkiti : Kp miʃkiti : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A miʃkiti II : Kn miʃkiti : M -- : Yaw miʃkiti ‘anzol’ : Ko -- : Mt -- : My --.

No dado 146, /f/ conserva-se apenas em Kashíbo e Kaxinawá.

/V_t

Ksh ʃ : Kp ∅ : Yam ∅ : Shar ∅ : A ∅ : Kn ʃ : M ∅ : My ∅

146. *hiʃtʃiβi ‘esp. de árvore e também seu fruto (segundo Shell (1975 [1965]), seria o Zapote)’ : Ksh itʃiβĩ : SK -- : Kp hitʃiβin : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam itʃiφi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar itʃiφi, itʃiφin ‘zapote’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hitʃiwĩ II : Kn iʃtʃibĩ : M ítʃiφí : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My itʃibin ‘árbol con frutos comestibles’.

Notamos que, em praticamente todos os dados, há ocorrência de uma vogal anterior alta *i*, que se realiza antecedendo ou seguindo os reflexos de /f/. Importante notar também que há algumas ocorrências de *ɣ* como reflexo de /f/, mas não nos parece sistemático e acreditamos ser necessário mais estudo sobre o assunto. Não consideramos a mudança /f> ɣ/ como uma inovação, por não ser sistemática.

3.2.5.4 *ɣ fricativa retroflexa surda

A fricativa retroflexa surda *ɣ tem como reflexo ɣ em quase todas as línguas, com exceção de Poyanáwa, que apresenta o reflexo h, e Amawáka, que apresenta o reflexo x. A língua Marúbo apresenta ʃ como reflexo, mas parece-nos bastante raro que ela possua ʃ como reflexo de *ɣ e ɣ como reflexo de ʃ. Notamos ainda que os reflexos de Chanináwa e Korúbo não podem ser considerados, pois a fonemização é provisória para as duas línguas, sendo necessário mais estudo das fricativas alveolares e retroflexas em ambas as línguas.

Os reflexos de *ɣ ocorrem em margem direita de sílaba inicial, medial e final de palavra.

/#_

Ksh ɣ : SK ɣ : Kp ɣ : Mar ʃ : Ch ɣ : Kax ɣ : Yam ɣ : Chan ʃ, ɣ : Shar ɣ : Shan ɣ : Kat ɣ : Poy h : A x : Kn ɣ : M ɣ : Yaw ɣ : Ko ʃ : Mt ɣ : My ɣ

398. *şao ‘osso’ : Ksh şəə, (şə ‘hueso’ (SHELL, 1987)) : SK şao : Kp şao : Mar jau (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şao : Kax şahu [ʃa'h^wu] (LANES, 2005) : Yam şao, şaõ (EAKEN, 2008) : Chan jau, şao : Shar şao, şaon : Shan şaw ‘osso’ : Kat jau : Poy haw ‘osso’ : A xaó I : Kn şau : M şao : Yaw jau : Ko -- : Mt -- : My --.
414. *şita ‘dente, bico (de ave)’ : Ksh şita : SK şita : Kp şita : Mar 'jita ‘dente’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şita : Kax şita ‘dente’ : Yam -- : Chan -- : Shar şita, şitan ‘diente’ : Shan şita ‘dente’ : Kat şita ‘dente’ : Poy -- : A xitá I : Kn şita : M şita : Yaw şita ‘dente’ : Ko şita ‘dente’ : Mt şita ‘dente’ : My şita ‘dieta, colmillo. C.L. *muela*. Pico de papagayo (*guacamayo*) o loro, mandíbulas de hormiga, tenaza de cangrejo, punta de flecha o lanza, mango de hacha, collar (de hombre o niño)’.
416. *şiti- ‘cheirar’ : Ksh şi- : SK şiti- : Kp şiti- : Mar 'jitia (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şita- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şitii, şitia ‘besar, oler’ : Shan şiti : Kat jiti-ai ‘cheirar’ : Poy hita : A xiti- I : Kn şiti- : M şítí : Yaw jiti : Ko -- : Mt şidkin ‘cheirar’ : My şid ‘oler’.

Outros exemplos: 391,¹³⁶ 392, 394, 395, 396, 397, 399, 400, 401, 402,¹³⁷ 403, 404, 405,¹³⁸ 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412,¹³⁹ 413, 415, 417, 420,¹⁴⁰ 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 433, 433, 434, 435, 455.

Ksh ş : SK ş : Kp ş : Mar j : Yam ş : Chan j : Shar ş : Shan ş : Kat j : A x : Kn ş : M ş : Yaw j :

393. *şatí- ‘cortar’ : Ksh şati-ti ‘rebanar, cortar’ (SHELL, 1987) : SK şati- : Kp şatí- : Mar jati- [ʃātu] (COSTA, 1992) : Ch -- : Kax -- : Yam şati ‘cortar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan jati : Shar şatii, şatia ‘cortar, trozar’ : Shan şati ‘cortar’ : Kat jati-ai ‘cortar’ : Poy -- : A xati- II : Kn şati- : M şati- : Yaw jati- ‘cortar’ : Ko -- : Mt -- : My --.

¹³⁶ Shípibo Konibo, Marúbo e Yawanawá apresentam j como reflexo.

¹³⁷ O reflexo em Kaxararí é irregular /j/.

¹³⁸ O reflexo em Matis é /j/.

¹³⁹ O reflexo em Katukina é /j/.

¹⁴⁰ O reflexo em Yawanawá é /j/.

V_V

Ksh ş : SK ş : Kp ş : Mar ş : Ch ş : Kax ş : Yam ş : Chan ş : Shar ş : Shan ş : Kat ş :
Poy h : A x : Kn ş : M ş : Yaw ş : Ko f : Mt ş : My ş

39. *ʔoş[a]- ‘dormir’ : Ksh ʔuş-ti ‘dormir’ (SHELL, 1987), ʔoş- : SK ʔoşa- : Kp ʔoşa- : Mar 'ufai ‘dormir.PRES’ (COSTA, 1992) : Ch ʔoşa- ‘dormir’ : Kax ufa (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam oşa (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oşai : Shar oşai, oşaa : Shan uşa : Kat ufa-ai : Poy a ādiuha ‘ele dorme’ : A ʔoxaʔí ‘dormir’ (HYDE, 1980), oxa- I : Kn uşa- : M óşá : Yaw ufa : Ko uf : Mt uş : My uş.

Ksh ş : SK ş : Kp ş : Mar f : Ch ş : Kax ş : Yam ş : Chan f : Shar ş : Shan ş : Kat ş :
Poy h : A x : Kn ş : M ş : Mt ş : My ş

124. *tşaşo ‘esp. de veado’ : Ksh tşaşo : SK tşaşo : Kp tşaşo : Ch tşaşo A tfaxó I :
Kn tşaşu : M tşaşo : Mar tşafo ‘veado’ (CESARINO, 2008) : Kat tşaşo :
Shan tşaşu : Yaw -- : Poy tşahu ‘veado’ : Kax /tşaʃu/ [tşaʃu] (COUTO,
2005) : Yam tşaşo (FAUST; LOOS, 2002) : Chan tşafo : Shar tşaşo, tşaşon :
Ko -- : Mt tşaşu : My tşaşu.

Ksh ş : SK ş : Kp ş : Ch ş : Shar ş : Shan ş : Kat f : A x : Kn ş : M ş : Yaw ş : Mt ş

250. *moşa ‘espinho’ : Ksh moşa : SK moşa : Kp moşa : Mar -- : Ch moşa : Kax -
- : Yam -- : Chan -- : Shar moşa, moşan ‘espina’ : Shan muşa ‘espinho’ : Kat
muşa ‘espinho’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A moxa II : Kn muşa : M móşá :
‘espina’ : Yaw muşa ‘espinho’ : Ko -- : Mt muşa ‘tipo de desenho utilizado
nas tatuagens faciais, feito com espinho’ (muşan ‘espinho’) : My --.

Ksh ş : SK ş : Kp ş : Mar f : Ch ş : Kax f : Yam ş : Shar ş : Shan ş : Kat f : Poy h :
A x : Kn ş : M ş : Yaw f : Ko f : Mt ş : My ş

40. *ʔoşí ‘lua’ : Ksh ʔoşí : SK ʔoşí ‘luna’, ʔoşní ‘luz de la luna’¹⁴¹ : Kp ʔoşní :
Mar 'oşí [ʔoşíʔ] : Ch ʔoşí ‘luna’ : Kax uşí : Yam oşí, oşĩ ‘luna, mês’ : Chan oşí
: Shar oşí : Shan uşí : Kat uşí : Poy ũhũde : A ʔóxi, ʔoxni ‘luz de la luna’,

¹⁴¹ “Según Lorient, los shipibo consideran que /ʔoşní/ se deriva de /ʔoşí/ ‘luna’, y /nití/ ‘día, país, dominio’, juego 272” (SHELL, 1975 [1965]).

(HYDE, 1980), oxí I ‘luna’ : oxní ‘luz de la luna’ : Kn uși : M oși : Yaw uși
: Ko u’fî ‘lua’ : Mt u’și ‘lua’ : My u’și ‘luna’.

Outros exemplos: 7, 201, 270.

Ksh ș : SK ș : Kp ș : Mar f : Ch ș : Kax ș : Yam ș : Chan ș : Shar ș : Shan ș : Kat ș :
Poy h : A x : Kn ș : M ș : Yaw f : My ș

137. *hiși ‘semente’ : Ksh iși, ışı ‘semilla, pupila del ojo’ : SK ?ia hiși ‘liendre’ :
Kp -- : Mar i’fî ‘semente’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ‘hiși ‘partes
íntimas de la mujer’ : Kax -- : Yam iși ‘semilla’ (FAUST; LOOS, 2002) :
Chan iși, ifi : Shar iși, ișin ‘semilla’ : Shan iși ‘semente’ : Kat hiși ‘semente’
: Poy ihi : A hixí I : Kn hiși : M iși : Yaw ifi : Ko ifi ‘olho’ : Mt iși
‘semente’ : My iși.

306. *hoșo ‘branco’ : Ksh oșo : SK hoșo : Kp hoșo : Mar ‘u’fu-ka : Ch hoșo : Kax
baku’șu [βaku’șu] (LANES, 2005) : Yam oșo (FAUST; LOOS, 2002) :
Chan o’fo-pa, oșo-pa : Shar oșo : Shan uși ‘branco’ (RIBEIRO; CÂNDIDO,
2008) : Kat ușu ‘branco’ : Poy uhu : A hoxo I : Kn hușupa : M óșópá : Yaw
ufu : Ko -- : Mt -- : My ușu [u’șu].

320. *pașa ‘novo, fresco, cru’ : Ksh pașa : SK pașa : Kp pașa : Mar pașa ‘fresco,
novo’ (CESARINO, 2008) : Ch pașa : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar pașa
‘crudo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A paxa II : Kn pașa : M páșá ‘crudo,
verde’ : Yaw pașa : Ko -- : Mt pașa ‘novo’ : My --.

Ch ș : Mar f : Yam f : Shar ș : Shan ș : Kat s : A x : Kn s : M ș

512. **yoșa ‘mulher, velha’ : Ksh -- : SK -- : Kp -- : Mar yũfa ‘mulher velha’
(ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch yoșa ‘mujer, hembra’ : Kax -- : Yam
yõfa ‘hija, niña (voc. empleado por el padre o la madre)’, yõfafo, yõfafañi
‘mujer vieja’ : Chan -- : Shar yoșafo, yoșafoan ‘vieja, anciana’ : Shan yușan
‘velha’ : Kat yusavu ‘velha’ : Poy -- : A yoxã I ‘hembra’ : Kn yusã ‘mujer
anciana, hembra de animal’ : M yõșafo : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh ş : SK ş : Kp Ø : Mar f : Ch ş : Yam ş : Kn ş : Mt f

37. *ʔoma-paşa ‘água fresca (lit. líquido novo)’ : Ksh ʔöpás ‘agua en recipiente’ : SK ʔöpás ‘agua en um recipiente’ : Kp ʔompa ‘bebida de maíz o de yuca’ : Mar ‘wakapaʃa ‘água’, ‘waka ‘rio’ (COSTA, 1992), paʃa ‘fresco, novo’ (CESARINO, 2008) : Ch hini paşa ‘água’ : Kax -- : Yam õpaş [õpaş] (LANES, 2005) : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : A -- : Kn ũpaş ‘agua para ele consumo’ : M -- : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt uma ‘mingau’, paʃa ‘novo’ : My uma ‘bebida cernida’.

Ksh : ş : SK ş : Kp ş : Mar f : Kax ş : Yam ş : Chan f : Shar ş : Shan ş : Kat ş : Poy h : A x : Kn ş : M ş : Yaw f

158. **k^wişa[n] ‘lábios’ : Ksh k^wişá ‘lábios, barbilla’ : SK kişá : Kp kişá ‘lábio, boca’ : Mar kiʃa : Ch -- : Kax kişaʔka (LANES, 2005) : Yam kişã, kişamã ‘lábio’ : Chan kiʃa, kişa ‘lábio’ : Shar kişa, kişan ‘labio, orilla, borde’ : Shan kişa : Kat kişa, kiʃa : A kixaa I ‘boca : Kn kişa ‘lábios, orilla del río’ : M kişã : Yaw kiʃa ‘rachado’ : Poy kiha ‘boca’ : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh ş : SK ş : Kp ş : Ch ş : Mar f : Chan f : Kat ş : A x : Kn ş : M ş

228. *maşi ‘Urucum (a árvore e o seu fruto)’ : Ksh maşi : SK maşi : Kp maşi : Mar maʃi ‘urucum’ (CESARINO, 2008) : Ch maşi : Kax -- : Yam -- : Chan baʃi : Shar -- : Shan -- : Kat maşi : A maxi II : Kn maşi : M máşí : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.

/ +_

Ksh ş : SK ş : Kp ş : Mar ş : Kax f : Yam ş : Shar ş : Shan ş : Kat ş : A x : Kn ş : M ş : Yaw f : Ko f : Mt ş : My ş

418. *-şo[n] ‘benefactivo’ : Ksh -şõ : SK - şõ : Kp - şon : Mar şo ~ şõ ‘beneficio’ (KENNEL, 1978) : Ch -- : Kax -- : Yam şon ‘benefactivo’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -şon- ‘benefactivo’ : Shan -şun, şuna ‘benefactivo’ : Kat -şũ (-shõ) ‘beneficio’ (MENDES, 1996) : Poy -- : A xõ : Kn -şũ : M -şõ ‘benefactivo’ : Yaw -ʃun ‘benefactivo’ : Ko -ʃun ‘benefactivo’ : Mt - şun ‘Morfema verbal benefactivo’ (FERREIRA, 2005) : My --.

419. *-şon ‘suffixo de concordancia transitiva’ : Ksh -şõ : SK -şõ : Kp -şon : Mar şo ~ şõ (KENNEL JR., 1978) : Ch şo : Kax -fu ~ fũ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -şõ : Chan -- : Shar -- : Shan -şun ‘marcador de switch reference transitivo’ : Kat şõ ‘subordinação transitiva, aspecto completo’ (MENDES, 1996) : Poy -- : A -xõ : Kn -şũ : M -- : Yaw -- : Ko şun : Mt -şun ‘morfema de concordância de transitividade’ (FERREIRA, 2005) : My -şun.

/ Ǟ._V

Ch j : Mar j : Kax ş : Yam ş : Shar ş : Shan ş : Poy h : A x : Kn ş : Yaw j : Mt ş : My ş

231. mãşo ‘chifre de animal’ : (Ksh mapuzo (ZARIQUIEY, 2011)) : SK -- : Kp -- : Mar mã'fũ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ma'fo'fo ‘ampollitas de la piel en la cabeza’ : Yam mãşo, mãşomã ‘cuerno’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar maşo, maşon : Shan maşu : Kat (mãtsũy [mãn'dzoỹ] ‘chifre’ (BARROS, 1987)) : Poy mãhũ : Kax maşa'hu [maşa'fiu] (LANES, 2005) : A máxo II : Kn maşũ : M máşo : Yaw manjun : Ko -- : Mt maşo ‘cabeça’ : My maşukud [ma'şukud] ‘caspa’.

/ ʔ._V

Ksh ş : SK ş : Kp ş : Ch ş : Yam¹⁴² j : Shar A ş : Kn ş : M ş : Yaw ş

177. *kiʔşi- ‘costurar’ : Ksh kişi- : SK kişi- : Kp kiʔşi- : Mar (no'şia (ANONBY; HOLBROOK, 2010)) : Ch kiş(a)-¹⁴³ : Kax -- : Yam kifi ‘coser’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar ikişii, ikişia ‘coser’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kişi- I : Kn kişi- : M ikişi- : Yaw şia ‘costura’ : Ko -- : Mt -- : My --.

Ocorrem também reflexos em margem esquerda de sílaba, em meio e final de palavras.

/ _p

Ksh ş : SK ş : Ch ş : Yam ş : Shar ş : A x : Kn ş : M ş : My ş

¹⁴² O reflexo /j/ de Yaminawá pode ser explicado pela mudança das vogais centrais /i/ para /i/.

¹⁴³ “Possivelmente /-a/ é um sufixo transitivizador”. Ver *Signaling of transitive and intransitive in Chacobo* (PROST, 1962, p. 113).

465. *toşpi ‘verruqa’ : Ksh toşpi : SK toşpi : Kp -- : Mar -- : Ch toşpi : Kax -- : Yam toşpi ‘bolita, verruga’ : Chan -- : Shar toşpi, toşpin ‘verruqa’ : Shan (tuşpi ‘garganta’) : Kat -- : Poy -- : A toxpi I : Kn tuşpi : M toşpi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My toşpi ‘verruqa’.

/ V_.t

Ksh ş : SK ş : Kp ş : Shar ş A s : Kn ş : M ş

181. *kişto[C] ‘grosso, espeso’ : Ksh kiştó : SK kiştó : Kp kiştó : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kişto ‘doble, grueso’ : Shan kiştu ‘grosso’ : Kat -- : Poy -- : A kístoo ‘duro (olla, plátanos), grueso (tela), pesado (madera)’ (HYDE, 1980) : Kn kiştu : M kístó : Yaw -- : Ko -- : Mt-- : My --.

/ V_.k

Ksh ş : SK ş : Ch ş : Mar f : Kax ş : Shar ş : A x : Kn ş : Yaw ş : My ş

84. *βişko ‘esp. de sapo’ : Ksh -- : SK βişko : Kp βişko ‘esp. de sapo’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch βişko ‘rana, sapo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φişko, φişkon ‘esp. de sapo’ : Shan (kuşku [kuşko]) : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M φişko ‘clase de rana’ : Yaw -- : Ko -- : Mt **boşkekid** ‘esp. de sapo’ : My boş ‘rana terrestre mediana’.
109. *βoşka[C_c] ‘cabeça’ : (Ksh maşká ‘head’ (ZARIQUIEY, 2011)) : SK βoşká ‘en lo profundo de la cabeza’ : Kp bof, boş ‘parte superior de la cabeza’ : Mar vojká ‘cabeça’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax buşka’ta (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012), [βuşka’ta] ~ [buşka’ta] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar φoşka, φoşkan ‘cabeza’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wóxkaa, woxkapán ‘dolor de cabeza’ (HYDE, 1980), woxkaa : Kn buşka : M φóşka ‘cabeza’ : Yaw huşka ‘dor de cabeça’ : Ko -- : Mt -- : My --.
321. *paşko: Ksh paşko ‘rama del árbol’ : SK paşko ‘rama pequeña que retoña de un tallo’ (LORiot; LAURIAULT; DAY, 1993), (significado parece oscuro, posiblemente ‘tributario’) : Kp -- : Mar (fãko ‘broto’ (CESARINO, 2008)) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- A paxko II : Kn paşku ‘quebrada’ : M páşkó ‘riachuelo’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

454. *tişka[n] ‘broto’ : Ksh tişkã : SK tişkã : Kp tişkán : Mar -- : Ch tiş'ka, tiş'kata ‘racimo’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tişka, tişkapan ‘racimo’ : Shan tuşka : Kat -- : Poy -- : A tişkã II : Kn tişkã : M tişkã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh ş : SK ş : Ch ş : Shar ş : A x : Kn ş : M ş : My ş

229. *maşka[t] ‘encima, cume’ : Ksh maşká ‘cabeza’ : SK maşká ‘el punto más alto, como el pico de una montaña, caballete del techo de una casa’ : Kp (maf- ‘encima de, de la cabeza’) : Mar -- : Ch maşkátja : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar **maşkanan**, **maşkananun** ‘encima’ : Shan -- : Kat -- : A máxkaa ‘al lado de, encima de’ (HYDE, 1980), maxka ‘a un nivel alto, pero colidando con algo’ : Kn maşka ‘cima, pico, punto más alto’ : M -- : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My maşkad [maş'kad] isla temporal, tierra firme (altura) plana’.
230. *maşkoř- ‘cortar o cabelo’ : Ksh maşko- ‘dar un corte de pelo’ : SK maşko- ‘cortar el pelo’, maşkoro- ‘dar un corte de pelo, sacar todo el pelo’ : Kp -- : Mar -- : Ch maşko- (Tr.), maşkoro- (itr) ‘razurarse la cabeza, hacer(se) calvo’ (ZINGG, 1998), maşkoro- ‘maşko ‘calvo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : A maxko- I ‘afeitar la cabeza’ : Kn maşkuru ‘coronilla, tonsura, corte de pelo’ : M máşkó ‘sin pelo en la coronilla de la cabeza’ : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.

/ _m

SK ş : Kp ş : Mar ş : Kat j

476. *waşmi[n] ‘algodão’ : Ksh : SK waşmĩ : Kp waşmín : Mar waşmĩ (CESARINO, 2008), ‘wafma (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch waşmĩni, waşmi ‘algodón’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat waşiman : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko (waşmín ‘nome de mulher’) : Mt -- : My --.

/ V_n

Ksh ş : SK ş : Kp ş : A x : Kn ş : M ş : Shar ş

85. *βiɣ[n]a[n] ‘fino, raso’ : Ksh βiɣná ‘no profundo y también cristalina (clara), del agua’ (βiɣbá ‘fino, delgado como el papel o la tela’) : SK βiɣná : Kp βiɣnán ‘aguardiente’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φiɣnan ‘fino, delgado, flaco, aguado’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wixna II ‘fino, delgado’ (wixwa- ‘aclararse, como el cielo’, wixni- I ‘volverse no profundo’ ver War) : Kn biɣnā ‘transparente, claro, delgado, fino’ : M φiɣnā ‘no profundo y también claro, del agua, fino’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My--.

SK ɣ : Kp ɣ : Chan ʃ : Shar ɣ : Poy h : Kn ɣ : M ɣ : Yaw ɣ : My ʃ

159. *kʷiɣ[n]i ‘barba’ : Ksh -- : SK kiɣni ‘bigote’ : Kp kiɣni ‘pestaña’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan kiʃdi, (kíti) ‘barba’ : Shar kiɣni, kiɣnin ‘barba’ : Shan -- : Kat -- : Poy kũhdi : A -- : Kn kiɣni : M kíɣní : Yaw kiɣni ‘bigode, barba’ : Ko-- : Mt -- : My **kuiʃ**bu ‘extremo suelto en el borde (por ejemplo, los flecos de una hamaca, hojas sueltas del techumbre de una casa)’.

/ _β

Ksh ɣ : SK ɣ : Kp ɣ : Shar ɣ : Shan ɣ : Poy h : A x : Kn ɣ : M ɣ : Yaw ɣ

263. *[n]aɣβa ‘largo’ : Ksh naɣβá ‘ancho, como la abertura de un hueco’ : SK naɣβá ‘ancho y plano, como el río’ : Kp naɣβá ‘ancho y plano’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar naɣfa ‘ancho’ : Shan aɣfua ‘boca’ : Kat -- : Yaw aɣβa ‘boca’ : Poy dahβa ‘barriga’ : A naxwaa I ‘hueco, abierto’ : Kn naɣpa ‘anchura’ : M náɣfã ‘anchura’ : Ko -- : Mt -- : My --.

/ _#

Ksh s : SK ɣ : Kp ɣ : Mar ɣ : Ch ɣ : Kax¹⁴⁴ ʃ : Yam ɣ : Shar ɣ : Shan ɣ : A x : Kn ɣ : M ɣ : Yaw ɣ : Mt ɣ : My s

32. *hoʔpoɣ ‘esp. de carrapato’ : Ksh ʔupús (SHELL, 1987), ʔopós : SK hopós, hopoɣin : Kp ʔoʔpós ‘isango’ : Mar -- : Ch hoʔpiɣ, joʔpiɣi (ZINGG, 1998) hopíɣi ‘nigua’ : Kax -- : Yam ipoɣ : Chan -- : Shar iposi : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hónpox, hónpoxón ‘isango’ (HYDE, 1980), hōpox I : Kn hūpuɣ : M ípoɣi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My oʔpos ‘garrapatilla’.

¹⁴⁴ O reflexo /ʃ/ em Kaxararí se dá apenas no dado 255, mas este segmento ainda necessita de mais estudo.

Ksh ξ : SK ξ : Kp ξ : Mar \int : Ch ξ : Shar ξ : A x : Kn ξ : M ξ : My ξ

61. * β ako ξ ‘espuma’ : Ksh β akó ξ : SK β akós : Kp β akós : Mar vako \int i ‘espuma’ : Ch β ako ξ , β ako ξ o ‘espuma’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ϕ ako ξ i : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wakox : Kn baku ξ : M ϕ ako ξ i ‘espuma’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My baku ξ ‘espuma (de jabón), espuma de huevos de sapo’.

Ksh ξ : SK ξ : Kp ξ : Kn \int : (My k)

123. * t fa ξ ‘martim pescador’ : Ksh t farás ‘martín pescador’ : SK t farás : Kp t farás : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn t fada \int ξ inban ‘martín pescador’ (MONTAG, 1981), t fada ξ ‘estar erizado’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My t fadak [t fa ξ ra^k] ‘catalán, martín pescador’.

SK \int : Kp \int : Shar ξ : A x : Kn s : M \int : Ko \int

131. * t fo ξ ‘duro, fuerte’ : Ksh -- : SK t fo ξ ‘duro’ : Kp t fo ξ ‘duro’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan (kiri) : Shar **t fo ξ ia** ‘tieso, rígido como papel nuevo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A (kiri ξ ‘áspero, duro, fuerte’ (HYDE, 1980)) : Kn tsidis ‘tieso, duro, rígido el cuerpo’ (MONTAG, 1981) : M t fo ξ i ‘bien seco, como ropa secada al sol’ : Yaw (kiri) : Ko t fo ξ : Mt -- : My --.

Ksh ξ : SK ξ : Kp ξ : Ch \emptyset : Shar ξ : A x : Kn ξ : M \int

166. *ka ξ mo ξ ‘esp. de cobra’ : Ksh kamós : SK kamós : Kp ka ξ mo ξ ‘shushupi’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch ka ξ moa ‘pucarara (esp. de culebra)’ : Kax -- : Yam kamo ξ : Chan -- : Shar kamo ξ i, kamo ξ in ‘shushupi (esp. de culebra venenosa)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kamox I : Kn kamu ξ : M kámo \int i : Yaw -- : Ko -- : Mt (kanmuns ‘esp. de cobra’) : My --.

Ksh \emptyset : SK ξ : Kp \emptyset : Ch ξ : Chan \emptyset : Shar ξ : A x : Kn ξ : M ξ : Yaw \emptyset : My \emptyset

179. *kiri ξ ‘duro, fuerte’ : Ksh kiri ‘duro, fuerte, ranuras juntas de la cabeza de la flecha’ : SK kiri ξ ‘tejido apretado’ : Kp kiri ‘punta de la lanza’ : Mar -- : Ch

'kiriş kato, 'kirişa 'áspero, con una superficie gruesa', (kiri, kiriki 'clase de flecha con varios ganchos') : Kax -- : Yam -- : Chan kiri : Shar kiriş, kirişi 'duro, fuerte, poderoso' : Shan : Kat -- : Poy -- : A kirix 'áspero, duro, fuerte' (HYDE, 1980) : Kn kiriş 'fuerte, duro, durable' : M kirişi : Yaw kiri Ko -- : Mt -- : My kiri 'lengüita de arpón, arpón, flecha para picar peces'.

Como observamos una grande variação nos reflexos de *s, consideramos como inovação apenas a mudança *s > x em Amawáka e a mudança *s > h em Poyanáwa. Nos demais casos, acreditamos que ainda haja necessidade de mais estudos sobre estas consoantes nas diversas línguas e de como deve ter sido o seu desenvolvimento a partir da protolíngua. De modo geral, nos baseamos nos reflexos de Amawáka e Poyanáwa para a reconstrução de *s.

3.2.5.5 *h fricativa glotal surda

Como mencionado anteriormente, a fricativa glotal surda não foi reconstruída por Shell (1975 [1965]), sendo considerada pela autora como uma inovação das línguas que tinham *h* em início de palavra. Soto (1990), em sua revisão, argumenta em favor da reconstrução de um proto **h* e observa que Shell (op. cit.) mencionava a ocorrência de *h* também no interior de palavra em algumas línguas. Girard (1971) reconstrói um Protopáno-Takána ***h*, com base nos reflexos das línguas Páno, mas mantém a reconstrução *∅ para Protopáno com base em Shell (op. cit.).

Considerando esses argumentos e a oposição entre *h* e as demais consoantes em início de sílaba, reconstruímos um proto **h* para Protopáno. Com os dados que temos até o presente, reconstruímos **h* apenas em margem esquerda de sílaba em início de palavra.

/ # _

Ksh ∅ : SK h : Kp h : Mar ∅ : Ch h : Kax h : Yam ∅ : Chan ∅ : Shar ∅ : Shan ∅ : Kat h : Poy ∅ : A h : Kn h : M ∅ Yaw ∅ : Ko ∅ : Mt ∅ : My ∅

47. *hana 'língua' : Ksh ana : SK hana : Kp hana : Mar 'ana 'boca' (CESARINO, 2008) : Ch 'hana 'la boca, la lengua' (ZINGG, 1998) : Kax ha'na (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam ana : Chan ada 'língua' : Shar ana : Shan ana 'língua' : Kat ana : Poy ãda 'língua' : A 'hana 'língua' : Kn hana : M ana : Yaw anna : Ko ana : Mt ana : My --.

Exemplos: 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53. *hato, 54, 55, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142,¹⁴⁵ 143, 144, 146, 147, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305.

Notamos, entretanto, que, em 145, o reflexo de *h em Kaxararí e Katukína é \emptyset e que, nos dados 305 e 306, em Katukína e também em Amawáka, o reflexo de *h é \emptyset .

/ #_

Ksh \emptyset : SK h : Kp h : Mar \emptyset : Ch h : Kax \emptyset : Chan \emptyset : Shar \emptyset : Kat \emptyset : A h : Kn h : M \emptyset : Ko \emptyset : Mt \emptyset : My \emptyset

145. *hisor- ‘urinar, urina’ : Ksh isó : SK hisó : Kp hisón- : Mar isõ ‘urina’ (CESARINO, 2008) : Ch hiso- : Kax isulu [isu'lu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan iso, **isoin** : Shar **isoin**, **isoa** ‘orinar’ : Shan -- : Kat isun ‘urina’ : Poy -- : A hĩsõ- I : Kn isũ; M isõ- : Yaw -- : Ko isun- ‘urinar’ : Mt isun- ‘urinar’ : My isun.

Ksh \emptyset : SK h : Kp h : Mar \emptyset : Yam \emptyset : Chan \emptyset : Shar \emptyset : Shan \emptyset : Kat \emptyset : Poy \emptyset : A \emptyset : Kn h : M \emptyset : Yaw \emptyset : My \emptyset

305. *hojin ‘vermelho’ : Ksh -- : SK hojĩ : Kp hojin, hojini ‘rojo’ (LOOS; LOOS, 1998), hojini ‘rojo’ : Mar ùjĩ-ga ‘vermelho’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch jini, tjiĩni ‘rojo’, (‘jini ‘rojo’, tjiĩ, tjiĩni ‘la pluma roja o el plumón rojo de la cola de um ave’ (ZINGG, 1998)) : Kax pu'ʂi [pu'ʂi] (LANES, 2005) : Yam oʃĩ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oʂi, oʃi nipa : Shar oʃin : Shan uʂin (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008) : Kat ũji [õŋ'zi?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A wĩjĩ I ‘rojo’ : Kn huʃĩ ‘rojo, maduro’ : M ójĩ : Yaw uʃĩ : Ko **jinte** ‘urucum’ : Mt jin ‘amarelo’ : My jin ‘rojo’ (ver também a etimologia 319. *pãjini).

306. *hoʂo ‘branco’ : Ksh oʂo : SK hoʂo : Kp hoʂo : Mar **uʃu**-ka : Ch hoʂo : Kax baku'ʂu [baku'ʂu] (LANES, 2005) : Yam oʂo (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oʂo-pa, oʂo-pa : Shar oʂo : Shan uʂi ‘branco’ (RIBEIRO; CÂNDIDO,

¹⁴⁵ Não sabemos explicar o /tʃ/ de Kaxararí, no entanto, todos os outros segmentos apresentam correspondências regulares.

2008) : Kat uʃu ‘branco’ : Poy uhu : A hoxo I : Kn huʃupa : M óʃópá : Yaw ufu : Ko -- : Mt -- : My uʃu [uʃu].

Nos exemplos 33, 398, 467 e 97, há uma consoante fricativa glotal entre vogais no meio de palavra em Kaxararí. Apesar da necessidade de mais estudos acerca deste assunto, os dados de que dispomos sugerem que este fonema também poderia ocorrer em meio de palavra na protolíngua, o que está de acordo com as observações de Soto (1990).

/ V_V

Ksh Ø : SK Ø : Kp Ø : Mar Ø : Ch Ø : Kax h : Yam Ø : Chan Ø : Shar Ø : Shan Ø : Kat Ø : Poy Ø : A Ø : M Ø : Yaw Ø : Mt Ø : My Ø

33. *ʔoi ‘chuva’ : Ksh iʃe : uʃe (SHELL, 1987), (ʔoʃe) : SK ʔoi : Kp ʔoi : Mar oi (CESARINO, 2008) : Ch ʔoi ‘lluvia’ (ZINGG, 1998), oi ‘lluvia’ : Kax uwa-hi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam oi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oi : Shar oi, oin : Shan ui : Kat ui : Poy uy : A ʔoʃwi ‘lluvia’ (HYDE, 1980), owí I : Kn ui : M oi : Yaw -- : Ko -- : Mt we : My ue [wé].
97. *ʃoir ‘esp. de picapau’ : Ksh ʃoĩ : SK ʃoĩ : Kp ʃoin ‘pájaro carpintero’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar voĩ ‘pica pau’ : Ch ʃoíno, ʃoí : Kax buhiʔlu [bʊhiʔlu] ~ [buiʔlu] ‘pica-pau’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar ʃoin, ʃoinpan ‘pájaro carpintero’ : Shan fuin ‘pica-pau’ : Kat ʃuin ‘pica-pau’ : Poy -- : A wowĩ I : Kn bũĩ : M ʃoĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
398. *ʃao ‘osso’ : Ksh ʃao, (ʃo ‘hueso’ (SHELL, 1987)) : SK ʃao : Kp ʃao : Mar ʃau (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ʃao : Kax ʃahu [ʃaʔhʷu] (LANES, 2005) : Yam ʃao, ʃao (EAKEN, 2008) : Chan ʃao, ʃao : Shar ʃao, ʃaon : Shan ʃaw ‘osso’ : Kat ʃau : Poy haw ‘osso’ : A xaó I : Kn ʃau : M ʃao : Yaw ʃau : Ko -- : Mt -- : My --.
467. *wai: Ksh -- : SK wai : Kp wai ‘chacra, jardín’ : Mar wai ‘plantação, roçado’ (CESARINO, 2008) : Ch wai ‘chacra, jardín’ : Kax waʔhi ‘roça, roçado’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan faj ‘roça’ : Kat wai ‘roça’ : Poy uay ‘roçado’ : A waí I ‘chacra, jardín’ : Kn bai ‘chacra, jardín, trocha, corriente’ : M ʃai ‘chacra, jardín, maizal’ : Yaw uai ‘roçado’ : Ko -- : Mt -- : My --.

3.2.6 Aproximantes

Shell (1975 [1965]) reconstruiu **w* e **y* como consoantes aproximantes em Protopáno. Nesse trabalho mantemos as mesmas reconstruções propostas por Shell (op. cit.), conforme apresentamos nas seções seguintes.

3.2.6.1 **w* aproximante bilabial sonora

Os reflexos de **w* ocorrem apenas em margem esquerda de sílaba inicial e medial de palavra e variam de acordo com o ambiente em que ocorrem. No início de palavra antes dos reflexos das vogais **a*, e **i*, o reflexo é *w* em Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Marúbo, Katukína, Kaxararí e Korúbo; é *β* em Kashíbo, *b* em Kaxinawá, *f* em Shanenáwa e *ϕ* em Marináwa, Yamináwa e Sharanáwa.

/ #_

Ksh *β* : SK *w* : Kp *w* : Mar *w* : Ch *w* : Kax *w* : Yam *ϕ* : Shar *ϕ* : Shan *f* : Kat *w* : A *w* : Kn *b* : M *ϕ* : Yaw *u* : Ko *w* : Mt *u* [w] : My *u* [w]

468. **waka* ‘água, rio’ : Ksh *βaka* ‘ríó, líquido’ : SK *waka nawa* ‘enjambre de peces’ (nawa ‘gente’, etimologia 265) : Kp *waka* ‘ríó’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar *waka* ‘rio’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax *waka* [wakaʔ] ‘rio’ (LANES, 2005) : Yam *ϕaka* ‘água’ : Chan -- : Shar -- : Shan *waka* ‘rio’ : Kat *waka* ‘água’ : Poy *uaka* ‘rio’ : A *waka* II ‘ríó grande’ : Kn *baka* ‘pez (término genérico)’ : M *ϕaka* ‘água, ríó’ : Yaw *uaka* ‘rio’ : Ko *waka* ‘água, igarapé’ : Mt *waka* ‘água’ : My --.

479. **wíts[a]* ‘outro’ : Ksh *βítsi* : SK *wítsa* : Kp *wítsa* : Mar *wítsa* (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch *wítsa* : Kax -- : Yam *ϕítsa* ‘otro’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar *ϕítsa* ‘otro’ : Shan -- : Kat *βari-wítsan* ‘outro dia’ : Poy -- : A *wítsa* I : Kn *bitsa* : M *ϕítsa* : Yaw *wítsa* [wítsa] (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt *wítsi* ‘outro’ : My *utsi* ‘outro’.

Outros exemplos: 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 476, 479, 480.

Em início de palavra, antes de *i*, os reflexos são: *w* em Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Amawáka, Marináwa, Chanináwa e Matís; *∅* em Kashíbo e Katukína; *b* em Kaxinawá; e *ϕ* em Marináwa, Yamináwa e Sharanáwa.

/ #_i

Ksh Ø : SK w : Kp w : Mar w : Yam φ : Chan w : Shar φ : Kat Ø : A w : Kn b : M φ :
Yaw β : Mt w

481. *wiʔtaʃi ‘canela, parte inferior da perna’ : Ksh itaş : SK witaş : Kp wiʔtaş :
Mar itaʃi [iʔtaʃi] ‘canela’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch -- : Kax -- :
Yam φitaş ‘pierna’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan witaʃ dabi ‘pantorrilla’ :
Shar φitaʃi, φitaʃin ‘espinilla, canilla’ : Shan -- : Kat itaʃ pustu ‘músculo da
perna’ : Poy -- : A witax I : Kn bitaş : M φitaʃi : Yaw βitaʃ ‘perna’ : Ko -- :
Mt -- : My --.
482. *wia ‘cheiro’ : Ksh ia ‘olor de pez’ : SK wia ‘olor gasoso de la carnes’ : Kp
wiapi ‘apestar’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- :
Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wiya : Kn bia ‘olor de pez o de
sangre’ : M φia : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
483. *wi[n]a- ‘remar’, *winati ‘remo’ : Ksh ina- ‘remar’, inati ‘canalete’ : SK
wina- ‘remar’, witi ‘remo, canalete’ : Kp wina- ‘remar’, winti ‘canalete’ :
Mar winati ‘remo’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam
-- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A witi I ‘remo, canalete,
paleta de madera para mezclar’ : Kn binati ‘remo, paleta para mezclar (para
cocinar)’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My **unka** [uŋka] ‘remar’.
485. *wino ‘borduna, bastão’ : Ksh ino : SK wino : Kp wino : Mar wino [wino] ~
[wĩⁿdu] ‘pau dos velhos e do pajé’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010), wino
‘cajado de pupunheira’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan
-- : Shar φino, φinon ‘macana, garrote’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wino I :
Kn binu : M φino : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
486. *wi[n]o- ‘passar’ : Ksh ino : SK wino- : Kp wino- : Mar -- : Ch wino- : Kax
-- : Yam φinōφa-kĩ ‘pasar’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar φinoan, φinoan
‘pasar una cosa o un lugar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : Yaw uinun ‘vencer’ :
A wino- II : Kn binũ- : M φĩnō- : Ko -- : Mt -- : My --.
487. *wipoko ‘pantorrilha’ : Ksh ipoko : SK wipoko : Ch wipoko ‘pantorrilla’ :
honí-wíko ‘pierna de hombre’ : Mar -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- :
Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wipoko II : Kn (bipustu) : M (φípostu) : Yaw -- :
Ko -- : Mt wipuku ‘perna’ : My --.

488. *wiso ‘negro’ : Ksh (isu ?ino ‘otorongo negro’, isu punu ‘esp. de muena caracterizada por tener una corteza negra’ (ZARIQUIEY, s.d.)) : SK wiso : Kp wiso : Mar -- : Ch wiso ‘morado, bien negro’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam φiso ‘negro’ : Chan φiso : Shar φiso ‘oscuro, oscuro, negro’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn : M φisso : Yaw -- : Ko -- : Mt wisu ‘sujo, preto’ : My --.
489. *wis... ‘estrela’ : Ksh ?ispa, ?ispa ‘estrella’ : SK wijĩ : Kp wiji : Mar ‘iji ‘estrela’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch wijtima ‘estrella’ : Kax -- : Yam ifti φiro ‘estrella’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan ifi ‘estrella’ : Shar φiji, φijin ‘estrella’ : Shan iftin, istin ‘estrela’ : Kat ifi ‘estrela’ (AGUIAR, 1994), βiji ‘estrela’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A wiji I : Kn biji : Kn -- : M φiji : Yaw iftin ‘estrela’ : Ko wispa ‘estrela’ : Mt wispa ‘estrela’ : My uispa [wis'pa].

Na etimologia 484, em que *w ocorre antes de *i, Kashíbo apresenta \emptyset como reflexo de *w, mas Yamináwa apresenta *o* e as demais línguas apresentam *w*.

Ksh \emptyset SK w : Kp w : Ch w : Kax w : Yam o : A w : Ko w : Mt w : My u [w]

484. *wi[n]-: Ksh ã- ‘llorar’ : SK wini- ‘llorar’ : Kp wini- ‘lamentarse, llevar duelo’ : Mar -- : Ch wini- ‘sollozar, el sonido de la voz del mutún’ (ZINGG, 1998) : Kax wijahi ‘chorar’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam oia (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar φini, φinia ‘llorar por un muerto, lamentarse por un muerto’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wíni?í ‘cantar (um pájaro)’ (HYDE, 1980) : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko win- ‘chorar’ : Mt win-kin ‘chorar’ : My uin [win] ‘llorar’.

Intervocalicamente, em meio de palavra, os reflexos são \emptyset em Kashíbo e Amawáka, ϕ em Yamináwa, *u* em Yawanawá e *w* nas demais línguas, sempre que a vogal precedente e a seguinte sejam diferentes de *i na protolíngua.

/ V_V

Ksh \emptyset : SK w : Kp w : Mar w : Ch w : Kax w : Yam φ : Shar w : Shan w [u, w] : Kat w : Poy w : A \emptyset : Kn w : M w : Yaw u : Ko w : Mt w : My w

8. *ʔawaɾ ‘anta’ : Ksh ʔɔ'ɔ : SK ʔa'wa ‘tapir’, ʔawarã piti ‘comida de tapir’ (nombre de planta) : Kp ʔa'wa; Mar awa : Ch ʔáwara ‘tapir’, awá (ZINGG, 1998) : Kax [awa'tʃa] : Yam aɸa (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar awa, **awa**-pan : Shan awa : Kat awa [aw'a] (BARROS, 1987) : Poy awa : A ʔáá (HYDE, 1980), áá I : Kn awa : M áwa : Yaw aua : Ko awat : Mt awad : My awad.

Na etimologia 31, o reflexo é \emptyset em Kashíbo, Amawáka, Kaxinawá, Korúbo, Matís e Mayorúna. Em Yawanawá, o reflexo de *w é β e nas demais línguas, w.

Ksh \emptyset : SK w : Kp w : Ch w : Mar w : Shar w : Kat w : A \emptyset : Kn \emptyset : M w : Yaw β : Ko \emptyset : Mt \emptyset : My \emptyset

31. *ʔiwi ‘arraia’ : Ksh ʔii, (ʔi ‘raya’ (SHELL, 1987)) : SK ʔíwi, ʔiwín (LORIOT, LAURIAULT; DAY, 1993), ʔiwi : Kp ʔiwi ‘raya’ (LOOS; LOOS, 1998) ʔiwi : Mar iwi ‘fuso, arraia’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch iwi (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iwi, iwín ‘raya, pastinaca’ : Shan -- : Kat iwi : Poy -- : A ʔíi ‘raya’ (HYDE, 1980), ii I : Kn i : M iwi ‘raya (ichth. Pestinaca) : huso’ : Yaw iβi : Ko ipek : Mt i : My i.

Na etimologia 9, verifica-se o reflexo \emptyset em Amawáka, Kaxinawá, Marúbo e Katukína e o reflexo ϕ em Yamináwa. Em todas as demais línguas para as quais há exemplos, o reflexo é w.

SK w : Kp w : Mar \emptyset : Ch w : Yam ϕ : Shan w : Kat \emptyset : Poy w : A \emptyset : Kn \emptyset : M w : Yaw u : Ko w : Mt w : My w

9. *ʔawi[n] ‘mulher, esposa’ : Ksh -- : SK a'wĩ : Kp ʔa'win : Mar aĩ (CESARINO, 2008), aĩ, aĩvɔ ‘mulher’ (COSTA, 1992) : Ch ʔa'wini ‘esposa’ (ver etimologias 3, 386 e 498), awí (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam aɸĩ, aɸinĩ ‘esposa’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -- : Shan awin : Kat ain : Poy awĩ : A ʔaín, ʔáiní (HYDE, 1980), aĩ : Kn aĩ : M 'ãwĩ : Yaw auin : Ko awin : Mt awin : My awin.

Em 147, o reflexo de *w é \emptyset em Kashíbo, Amawáka e Kaxinawá, ϕ em Yamináwa e Sharanáwa. Nas demais línguas, o reflexo é w.

Ksh \emptyset : SK w : Kp w : Ch w : A \emptyset : Kn \emptyset : M w : Mar w : Kat w : Shan w : Poy w :
Kax w : Yam ϕ : Shar ϕ : Ko w : Mt w

147. *hiwi- ‘árvore (gen.), pau (gen.)’: Ksh ii, (i ‘árbol’ (SHELL, 1987)) : SK hiwi
: Kp hiwi : Mar iwi [iwi] ‘árvore’ (COSTA, 1992; CESARINO, 2008) : Ch
hiwi : Kax hiwi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam i ϕ I (FAUST;
LOOS, 2002) : Chan -- : Shar i ϕ i, i ϕ in ‘corteza de árbol’ : Shan iwi : Kat
hiwi : Poy iwi : A hii I : Kn hi : M iwi : Yaw -- : Ko iwi ‘árvore, pau’ : Mt
iwi ‘árvore, pau’ : My --.

Na etimologia 69, o reflexo de *w é \emptyset em Kashíbo, Amawáka, Kaxinawá, Katukína e Shanenáwa. Em Yamináwa é ϕ e nas demais línguas é w.

Ksh \emptyset : SK w : Kp w : Ch w : A \emptyset : Kn \emptyset : M w : Kat \emptyset : Shan \emptyset : Yam ϕ

69. * β awi[n] ‘surubim’ : Ksh β ã : SK β awĩ : Kp β awín : Mar -- : Ch ba'wino,
bawi ‘el pintado, el surubí’ : Kax -- : Yam ϕ a ϕ ĩ, ϕ a ϕ in ϕ : Chan -- : Shar -- :
Shan fai ‘surubim’ : Kat β ain ‘surubim’, β ai [β a'i?] (BARROS, 1987) : Poy
-- : A wã II : Kn bã : M ϕ ãwĩ ‘clase de pez’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ressaltamos, por fim, que a presença de *u* e de *w* nos dados deve-se à fonemização do mesmo som por diferentes autores. Como vimos no capítulo anterior, em várias línguas o fone [w] foi analisado como realização fonética de /u/.

3.2.6.2 *y aproximante palatal sonora

A aproximante palatal sonora *y foi reconstruída por Shell (1975 [1965]) com base nos reflexos regulares *y* em Shípi-bo-Kónibo, Kapanáwa, Chácobo, Amawáka, Kaxinawá e Marináwa, e no reflexo *ɲ* em Kashíbo. Entretanto, há evidências de que há outros dialetos de Kashíbo que têm *y* como reflexo de *y (cf. ZARIQUIEY, 2011). Por esse motivo, não consideramos a mudança *y > *ɲ* como inovação da língua Kashíbo, como o faz Shell (op. cit.).

Nos dados comparados, o reflexo regular de *y em margem direita de sílaba e em início de palavra é *ɲ* em Kashíbo, *tʃ* em Korúbo, Matís e Mayorúna,¹⁴⁶ e *y* nas demais línguas.

¹⁴⁶ Veja-se também os dados 13 e 14 na seção sobre os reflexos de *i, em que se observa a mudança *i* > *tʃ*.

/ #_

Ksh ꞑ : SK y : Kp y : Mar y : Ch y : Kax y : Yam y : Shar y : Shan y : Kat y : Poy i
[y] : A y : Kn y : M y : Yaw y : Ko tʃ : Mt tʃ : My tʃ

491. *yaʔra[n] ‘esp. de carrapato’ : Ksh ꞑá : SK yaã : Kp yaʔnán : Mar -- : Ch
yaʔa, yaʔani ‘la broquelona (clase de garrapata grande)’ (ZINGG, 1998),
yaʔáni : Kax yaʔli [jaʔlə] ‘carrapato’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar
yanan, yanapan ‘garrapata’ : Shan -- : Kat (rianan) : Poy -- : A yanã I : Kn
yanã : M yánã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My tʃanin [tʃaʔnin] ‘garrapata’.

502. *yoʔo ‘calor, quente’ : Ksh -- : SK yoó ‘calentarse al fuego o al sol’ : Kp
yoʔo ‘tibido, caliente’ : Mar -- : Ch yoʔo ‘calentarse (parado alrededor del
fuego)’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar yooi, yooa
‘calentarse’ : Shan -- : Kat yuu ‘esquentar’ : Poy -- : A yoʔo- II : Kn yu-
‘entibiar, calentar’ (raíz neutral, transitivizada por el sufijo -a,
intransitivizada por el sufijo -i) : M yóí ‘entibiar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- :
My tʃu ‘caliente, caluroso, calor’.

Outros exemplos: 491, 492, 496, 497, 498, 500, 501, 502, 502a., 503, 504,
505, 506, 507, 508, 509, 512.

/ V_V

Ksh ꞑ : SK y : Kp y : Ch y : A y : Kn y : M y : Mar y : Kat y : Yaw i : Poy y : Kax
y : Yam y : Chan y : Shar y : Mt i

42. *ʔoyo- ‘chupar, sugar’: Ksh ʔoꞑoka- : SK ʔoyo- : Kp ʔoyo- : Mar oyo
(CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Poy -- :
Shan -- : Kat -- : A ʔóyo-kín ‘chupar’ (HYDE, 1980), oyo- : Kn uyu- : M
óyo- ‘chupar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

323. *paya- ‘abanar’: Ksh -- : SK paya- ‘abanicar’ : Kp payati ‘un abanico’ : Mar
-- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar payati, payatinin ‘abanico’ : Shan --
: Kat-- : Poy -- : A payati II : Kn paya- ‘abanicar’ : M páiyatí ‘un abanico’ :
Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

324. *payo ‘podre’ : Ksh -- : SK payo : Kp payo ‘podrido’ (LOOS; LOOS, 1998)
: Ch -- : A payo II : Kn -- : M páyókoa : Mar -- : Kat payu ‘podre’ : Shan -- :
Yaw -- : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar payokoa ‘podrido,
fermentado’ : Ko -- : Mt -- : My --.

435. *şoya ‘rato’ : Ksh şoñṣṣ ‘conejo’¹⁴⁷ : şuya ‘rata’ : SK şoya : Kp şoya ‘rata, ratón’ : Mar -- : Ch şiyapi ‘cachorro pequeño’, ‘şoya ‘ratón’ (ZINGG, 1998), şiya, şoya : Kax juyã [ʃujã] (SOUSA, 2004) : Yam şoya (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar şoya, şoyã : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xoya II : Kn şuya ‘ratón’ (MONTAG, 1998) : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt şuia ‘rato’ : My --.

Em 499, 510 e 511, os reflexos de Korúbo, Matís e Mayorúna são *ts*. Nesse caso, postulamos uma mudança em duas etapas, provavelmente $y > tʃ$, em um primeiro momento, e depois $tʃ$ mudou para *ts*. A motivação da mudança não nos parece clara, uma vez que *ts* ocorre diante de *a* e *o*, assim como nos dados acima.

Ksh ɲ : SK y : Kp y : Mar y : Kax y : Shar y : Shan y : Kat y : Poy i [y] : A y : Kn y : M y : Yaw i [y] : Ko ts : Mt ts : My ts

499. *yawis ‘esp. de tatu’ : Ksh ɲais, (ɲais, ɲais ‘esp. de armadillo o carachupa’ (SHELL, 1987)) : SK yawíʃ : Kp yawíʃ : Mar ya’viʃi ‘tatu’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010), yawiʃ ‘tatu’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax yawaʃi ‘tatu’ : Yam -- : Chan -- : Shar yawiʃi, yawiʃinin ‘armadillo, carachupa’ : Shan yafiʃi ‘tatu’ : Kat yawiʃi ‘tatu’ : Poy iawiʃi ‘tatu’ : A yaiʃ II : Kn yaiʃ : M yáwiʃí : Yaw iauiʃi ‘tatu’ : Ko tsawes ‘tatu’ : Mt tsawes ‘esp. de tatu’ : My tsaues [tsa’wes] ‘armadillo de Kappler’.
510. *yo[o]si ‘crescer’ : Ksh ɲusi ‘antecedentes’ : SK yosi : Kp yosiβo ‘viejo’ : Mar yosi ‘ensinar’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax yosi-hi [josi’hi] ‘ensinar’ (SOUSA, 2004) : Yam -- : Chan -- : Shar yosi, yosia ‘crecer’ : Shan -- : Kat yusi-ai ‘crescer’ : Poy -- : A -- : Kn yuʃi- ‘instruir, conocimiento’ : M yóosí : Yaw -- : Ko tsusiβo ‘velho’ : Mt -- : My tsusio ‘viejo, anciano, animal macho viejo’.
511. *yosi[n] ‘espírito’ : Ksh ɲuʃĩ, ɲunʃin ‘reflexión, espíritu malo’, ñoʃĩ ‘espíritu malo, reflexión’ : SK yoʃĩ ‘demonio, espíritu’ : Kp yofín ‘espíritu, máscara’ : Mar -- : Ch yofini, yofí ‘viento, espíritu, sombra, diablór’ (ZINGG, 1998), yofíni : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar yoʃi, yoʃin ‘espíritu, alma, fantasma’ : Shan yuʃin ‘retrato, espíritu’ : Kat -- : Poy iuʃĩ

¹⁴⁷ “/şonṣṣ/ viene probablemente de *şoño más el sufijo /-ɔ/ (juego 12) siguiendo el morfema formativo del radical que se constituye de la nasalización vocálica y el cambio de acento.” (SHELL, 1975 [1965])

‘alma’ : A yofí II ‘espíritu, fantasma’ : Kn yufí ‘alma, fotografía, espíritu’ :
 M yófi : Yaw iunjin ‘alma’ : Ko tsusin ‘espírito’ : Mt tsunsin ‘espírito’ : My
 --.

No dado 183, a mudança é regular na maioria das línguas, como visto nos dados acima, mas Yawanawá parece haver mudado y para \emptyset .

Ksh η : SK y : Kp y : Ch y : Yam y : Chan y A y : Kn y : M y : Yaw \emptyset .

183. *kiyo- ‘terminar, acabar’ : Ksh kijo- ‘terminar’ : SK kiyo- : Kp kiyo- : Mar
 -- : Ch kiyo- ‘terminar’ : Kax -- : Yam **kiyo-kĩ** ‘acabar, terminar, morder’
 (EAKEN, 2008) : Chan **kiyoa** : Shar **kiyoi, kiyoa** ‘terminar, acabar’ : Shan --
 : Kat -- : Poy -- : A kiyo- II ‘terminar, consumir’, kiyo II ‘todo’ : Kn kiyu-
 ‘terminar, morder’ : M kiyo- ‘morder, terminar’ : Yaw kii- ‘terminar’, kii-
 ua-ma (terminar-fazer-neg) : Ko -- : Mt -- : My --.

A etimologia 490 corrobora a mudança y > η no dialeto Kashíbo, também em fronteira de morfema, e o reflexo y nas demais línguas.

/ +_

Ksh η : SK y : Kp y : Mar y : Ch y : Yam y : Shar y : Kat y A y : Kn y : M y

490. * -ya ‘com, em posse de’ : Ksh η o, (Ksh -ño) : SK -ya : Kp -ya : Mar -ya
 ‘formativo de nomes e adjetivos’ (COSTA, 1992) : Ch ya- ‘con’ (ZINGG,
 1998) : Kax -- : Yam -ya ‘con, complemento de asociación’ : Chan -- : Shar
 -ya ‘con, por’ : Shan -- : Kat (ya ‘ter’) : Poy -- : A ya I : Kn -ya : M -ya :
 Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Em 494 parece ter ocorrido uma reanálise de y como vogal em centro de sílaba, nas línguas Kashíbo, Korúbo, Matís e Mayorúna.

/ #_.

Ksh i : SK y : Kp y : Mar y : Kax y : Yam y : Chan y : Shar y : Shan y : Kat y : Poy
 i [y] : A y : Kn y : M y : Yaw y : Ko i : Mt i

494. *yami[t] ‘escuro, noite’ : Ksh imí ‘noche’ (imíji ‘ayer, mañana’, ver At
 abajo) : SK yamí : Kp yamí : Mar ya’mi ‘noite’ (ANONBY; HOLBROOK,

2010) : Ch -- : Kax yamita [yami'ta] ~ [ya.mi'ta] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam yamia 'nocturno, pasado' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan yabi : Shar yami, yamin 'noche' : Shan yami 'noite, escurecer' : Kat yami 'noite' : Poy iãvu 'noite' : A yamii II : Kn yami : M yami 'noche' : Yaw iamí 'noite' : Ko imit 'noite, escuro' : Mt imid 'noite' : My --.

Na etimologia 235, Kashíbo apresenta o reflexo *i* entre vogais, que deve ser foneticamente [y], o que pode evidenciar que, mesmo no dialeto comparado, a mudança *y > ʝ* não foi completa.

V_V

Ksh i : SK y : Kp y : Shar y : A y : Kn y : M y

235. **maya 'torcer, girar, mover em círculos' : Ksh maia- 'ir en círculos' (posiblemente prestado) : SK maya- : Kp maya- 'rotar, voltear, ir en círculos' : Mar -- : Ch : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar mayai, mayaa 'hilar, tejer algodón' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A maya- I 'torcer, doblar' : Kn maya- 'torcer, voltear, enrollar entre palmas, trenzar' : M máyá- 'torcer, girar, enrollar entre las palmas' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

3.3 VOGAIS

Nesta seção, apresentamos as correspondências verificadas para cada uma das 8 vogais reconstruídas para o Protopáno.

3.3.1 Vogais orais

O sistema vocálico aqui proposto é o mesmo de Shell (1975 [1965]). No entanto, a inclusão de dados novos mostram novas correspondências e mudanças que não foram tratadas por Shell (op. cit.).

3.3.1.1 *i Vogal anterior alta não arredondada oral

O reflexo regular de *i nas várias línguas é *i*, tanto em sílaba inicial quanto em meio e final de palavra. Ocorrem em sílabas abertas e fechadas e também em algumas sequências vocálicas.

/ #C_.

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i :
Poy i A i : Kn i : M i :: Yaw i : Ko i : Mt i : My i

15. *ʔiʔβo ‘dono’ : Ksh ʔiβo : SK ʔiβo : Kp ʔiʔβo : Mar iβo (CESARINO, 2008)
: Ch ʔiβo ‘dueño’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iφo : Shan -- : Kat -- :
Poy ihu : A ʔiwo (HYDE, 1980), iwó I : Kn ibu : M iφo : Yaw ihu : Ko ikβo
[iʔβo] : Mt ikbo : My ikbo [i^kbo].
31. *ʔiwi ‘arraia’ : Ksh ʔii, (ʔi ‘raya’ (SHELL, 1987)) : SK ʔíwi, ʔiwín
(LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993), ʔiwi : Kp ʔiwi ‘raya’ (LOOS;
LOOS, 1998) ʔiwi : Mar iwi ‘fuso, arraia’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) :
Ch iwi (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iwi, iwín ‘raya,
pastinaca’ : Shan -- : Kat iwi : Poy -- : A ʔii ‘raya’ (HYDE, 1980), ii I : Kn i
: M iwi ‘raya (ichth. Pestinaca) : huso’ : Yaw iβi : Ko ipek : Mt i : My i.
141. *himi ‘sangue’ : Ksh imi : SK himi : Kp himi : Mar imi [ĩ^mbi] (CABRAL;
OLIVEIRA, 2012) : Ch himi : Kax hi^mmi (VALENZUELA; CABRAL,
2012) : Yam im- ‘sangre’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan ibi : Shar imi, imin
‘sangre’ : Shan imi : Kat himi : Poy ỹbi : A himi I : Kn himi : M imi : Yaw
imi : Ko **inta** ‘sangue’ : Mt imi : My imi, intak.
147. *hiwi- ‘árvore (gen.), pau (gen.)’ : Ksh ii (i ‘árbol’ (SHELL, 1987)) : SK
hiwi : Kp hiwi : Mar iwi [ĩwĩ] ‘árvore’ (COSTA, 1992; CESARINO, 2008) :
Ch hiwi : Kax hi^wwi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam iφI
(FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar iφi, iφin ‘corteza de árbol’ : Shan
iwi : Kat hiwi : Poy iwi : A hii I : Kn hi : M iwi : Yaw -- : Ko iwi ‘árvore,
pau’ : Mt iwi ‘árvore, pau’ : My --.

Outros exemplos: 16, 17,¹⁴⁸ 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30,¹⁴⁹ 89,
90, 91, 92, 93, 94, 114, 126, 127, 128, 133, 138, 139, 140, 143, 144, 145,¹⁵⁰
147, 185, 186, 247, 248, 273, 274, 275, 276, 278, 279, 280, 281,¹⁵¹ 282,
327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 368, 369, 370, 371, 381, 382,

¹⁴⁸ Neste caso, o reflexo de Sharanáwa é ∅.

¹⁴⁹ Marúbo Katukína e Yamináwa apresentam o reflexo /i/, o que pode ter ocorrido devido à assimilação da qualidade da vogal da sílaba seguinte. Shanenáwa apresenta uma aproximante /y/, o que pode ser resultante de um processo de ressilabificação de segmentos.

¹⁵⁰ O reflexo de Amawaka apresenta nasalização ỹ.

¹⁵¹ O reflexo de Mayorúna é niif e possui uma vogal central alta, que não aparece nas demais línguas.

384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 459, 481, 483, 483,¹⁵² 484, 485, 486, 487, 488, 489.

/_#

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i :
Poy i : A i : Kn i : M i : Yaw i : Ko i : Mt i : My i

4. *ʔani ‘grande’ : Ksh ʔani (ZARIQUIEY, 2011) : SK ʔani : Kp ʔani ‘grande’,
wʔan ʔani ‘arroyo grande : Mar ani [ʔni-] grande’ (COSTA, 1992) : Ch ʔani
hini ‘rio grande’, ani- ‘aumentar’ (ZINGG, 1998) : Kax laki**hani**
[lakifiaʔni]¹⁵³ : Yam -- : Chan -- : Shar aniʔo, aniʔoan ‘homem velho,
ancião’ : Shan **anihu** ‘ancião’ : Kat **ani**-pa ‘grande’ : Poy **ãdiβu** ‘homem
velho’ : A -- : Kn **anibu** ‘anciano, viejo’ : M -- : Yaw ani-hu ‘velho’ : Ko
animatsik ‘pequeno’ : Mt -- : My **ania** ‘pequeno, delgado’.

258. **rami ‘carne’ : Ksh nami : SK nami : Kp nami : Mar ‘nami (ANONBY;
HOLBROOK, 2010) : Ch nami ‘carne’ : Kax la‘mi (VALENZUELA;
OLIVEIRA, 2012) : Yam nami, nãmi (EAKEN, 2008) : Chan nabi, dami :
Shar nami, namin : Shan nami : Kat nami : Poy nãbi : A namí I : Kn nami :
M nami : Yaw nami : Ko -- : Mt nami ‘carne’ : My nami [na‘mi] ‘carne’.

Outros exemplos: 56, 58, 59, 63, 64, 89, 92, 118, 120, 138, 140, 141, 147,¹⁵⁴
159, 162, 172, 184, 185, 186, 198, 203, 205,¹⁵⁵ 217,¹⁵⁶ 220, 226, 238, 247,
248, 258, 266, 280, 289, 299, 303, 332, 338, 340, 358, 368, 390, 404,
408,¹⁵⁷ 412, 413, 420, 433, 447, 448, 465, 474, 480, 495, 500, 504, 510.

/_.nV

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i : A i : Kn i :
M i : Yaw i : Ko i : Mt i : My i

142. *hina ‘rabo’ : Ksh ina ‘cola’ : SK hina : Kp hina : Mar ‘ina ‘rabo, pênis’
(CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch hina : Kax tʃi**na** (VALENZUELA;
OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan ina : Shar ina, inapan ‘cola’ : Shan ina :
Kat hina [hiʔna] ‘rabo’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A hina I : Kn hina ‘cola,

¹⁵² Em Mayoruna o reflexo da vogal é \emptyset .

¹⁵³ Este dado aparece apenas em Lanes (2005), em todas as demais fontes aparece apenas a forma *laki*.

¹⁵⁴ Em Kashíbo, provavelmente houve a queda da aproximante /w/ e a fusão das vogais das duas sílabas.

¹⁵⁵ Marúbo apresenta nasalidade na vogal.

¹⁵⁶ Yawanawá e Poyanáwa apresentam nasalidade.

¹⁵⁷ O reflexo de Katukína é *siki*.

genitales masculinos' : M ina : Yaw ina : Ko **inkwente** 'rabo' : Mt ina 'rabo'
: My **inkwente** [inj.kwen.te].

/ .C_.

Ksh i : Kp i : Ch i : Yam i : Shar i : A i : Kn i : M i : My i

146. *hitʃiʃi 'esp. de árvore e também seu fruto (segundo Shell (1975 [1965]), seria o Zapote)' : Ksh itʃiʃĩ : SK -- : Kp hitʃiʃin : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam itʃiʃi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar itʃiʃi, itʃiʃin 'zapote' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hitʃiwĩ II : Kn iʃtʃibĩ : M ítʃiʃí : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My itʃibin 'árbol con frutos comestibles'.

149. *k^wiʃi 'borda, lábios' : Ksh k^wiʃi 'lábios, boca, borde' : SK kiʃi 'lábio inferior' : Kp : Mar -- : Ch kiʃítʃi 'lábio' : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kuʃirisika 'lleno hasta el borde' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A : Kn kibitʃi : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My kuibi [kwĩbi] 'formar el borde'.

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Shar i : Shan ∅ : Kat i : Poy i : A i : Kn i : M ∅ : Ko i : Mt i

189. *k^wi [talvez kowi] 'mandíbula' : Ksh **kui**i 'boca, lábios' (SHELL, 1987), **kui**ni 'barba, bigote' (SHELL, 1987), kwi- 'mouth, border, lip(s), chin' (ZARIQUIEY, 2011) : SK koi 'barbilla, mandíbula' : Mar kui 'queixo' (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Kp koi ʃao : Ch -- : Kax kini'ma 'queixo' (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar **kowi**ʃao, **kowi**ʃaon 'quijada' : Shan ku 'queixo' : Kat kui 'queixo' : Poy kui 'queixo' : A kowii I 'mandíbula' : Kn kui 'barbilla' : M kó(ti) : Yaw -- : Ko **kwi**ʃa, **kwi**tonko : Mt **kui**tonko 'queixo' : My --.

Ksh i : Kp i : Yam i : Shar i : A i : Kn i : M i : My i

146. *hitʃiʃi 'esp. de árvore e também seu fruto (segundo Shell (1975 [1965]), seria o Zapote)' : Ksh itʃiʃĩ : SK -- : Kp hitʃiʃin : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam itʃiʃi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar itʃiʃi, itʃiʃin 'zapote' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hitʃiwĩ II : Kn iʃtʃibĩ : M ítʃiʃí : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My itʃibin 'árbol con frutos comestibles'.

/ a_r

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i : A i : Kn i : M i : Yaw i

253. *naiɾ ‘céu’ : Ksh naí : SK naí : Kp naí : Mar ‘nai (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch naipa, nai ‘cielo’ (ZINGG, 1998), naípa : Kax naitʃi [naitʃi] (LANES, 2005) : Yam nai, naĩ ‘cielo’ (EAKEN, 2008) : Chan dai : Shar nai, nain : Shan nai : Kat nai : Poy -- : A naí I : Kn nai : M nai : Yaw nai : Ko -- : Mt -- : My --.

/ C_C#

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Shar i : Shan i : Kat i : A i : Kn i : M i : Yaw i : Mt i

17. *ʔitsis ‘quente, calor’ : Ksh ʔitsís, itsis (SHELL, 1987) : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch ʔitsisa, ʔitsis- (ZINGG, 1998) ‘caliente’ : Kax itsi'si (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar tʃiʃnai ‘tener calor’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔitsis, ʔitsisín (HYDE, 1980), itsis I : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt itʃis- : My itsis ‘caluroso y húmedo (el tiempo), calor com humedad’.
57. *βaʔki[ʃ]i ‘noite, escuro’ : Ksh βakif- ‘oscurecerse’ : SK βakíʃ : Kp βaʔkíʃ ‘ayer, mañana’ : Mar vakiʃi ‘sombra’ (CESARINO, 2008) : Ch βakíʃi ‘oscuro, noche’ : Kax -- : Yam φakíʃi ‘noche’ : Chan -- : Shar φakíʃi, φakíʃin ‘obscuridad, oscuridad’ : Shan fakíʃi ‘noite’ : Kat βakíʃ ‘escuro’ : Poy -- : A -- : Kn βakíʃ ‘oscuro, negro’ : M φákíʃi ‘oscuro’ : Yaw βakíʃi : Ko -- : Mt -- : My--.
95. *βĩpiʃ ‘goiaba (?)’ : Ksh βĩpíʃ : SK βĩpíʃ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wĩpíʃ I ‘guayabo, guayaba’ (wĩpiʃ, wĩpiʃín ‘guayaba’ (HYDE, 1980)) : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Outros exemplos: 121, 239, 371.

/ .C_.C

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Shar i : Shan i : Poy i : A i : Kn i : M i : Yaw i

248. *miɸkiti ‘anzol’ : Ksh miɸkiti : SK miɸkiti : Kp miɸkiti : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A miɸkiti II : Kn miɸkiti : M -- : Yaw miɸkiti ‘anzol’ : Ko -- : Mt -- : My --.
501. *yosi[n] ‘espírito’ : Ksh nuɸĩ, nunɸin ‘reflexión, espírito malo’, ñoɸĩ ‘espíritu malo, reflexión’ : SK yoɸĩ ‘demonio, espírito’ : Kp yoɸín ‘espíritu, máscara’ : Mar -- : Ch yoɸini, yoɸi ‘viento, espírito, sombra, diablór’ (ZINGG, 1998), yoɸíni : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar yoɸi, yoɸin ‘espíritu, alma, fantasma’ : Shan yuɸin ‘retrato, espírito’ : Kat -- : Poy iũɸĩ ‘alma’ : A yoɸĩ II ‘espíritu, fantasma’ : Kn yuɸĩ ‘alma, fotografia, espírito’ : M yóɸĩ : Yaw iunɸin ‘alma’ : Ko tsusin ‘espírito’ : Mt tsunsin ‘espírito’ : My --.

/ V_C

Ksh i : SK i : Kp i : Ch i : Kat i : A i : M i : Kn i : Yaw i : My i

102. *βoi[C_c]: Ksh βoi ‘cera de abejas’ : SK βoi ‘resina’ : Kp βoi : Ch βoiɸo, βoi ‘la cera de la miel’, βoi-tɸiki ‘la cera de la miel, mezclada con bi’ (ZINGG, 1998) : A wowí I : M φói : Kn bui ‘cera’ : Mar -- : Kat **βui**-ɸuma ‘leite’ : Shan -- : Yaw mui ɸuma ‘leite’ : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Ko -- : Mt -- : My buid [bu'id] ‘abeja sin aguijón (tipo) : ‘cera de abejas’.

Poyanáwa tem ỹ, precedendo reflexos de Protopáno *i seguido de *m, como ilustra a etimologia 141.

/ _m

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i : Poy ỹ : A i : Kn i : M i : Ko i : Mt i : My i

141. *himi ‘sangre’ : Ksh imi : SK himi : Kp himi : Mar imi [ĩ^mbi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch himi : Kax hi'mi (VALENZUELA; CABRAL, 2012) : Yam im- ‘sangre’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan ibi : Shar imi, imin ‘sangre’ : Shan imi : Kat himi : Poy ỹbi : A himi I : Kn himi : M imi : Yaw imi : Ko **inta** ‘sangre’ : Mt imi : My imi, in'tak.

Nas etimologias 33, 52, 88, 108, 210, 224, 234, 286, 301, 326, 337, 382, 458, 499 e 461, o reflexo de *i é e em Korúbo, Matís e Mayorúna e i nas demais línguas. Notemos que esta mudança ocorre em sílaba inicial e final de palavra, em ambientes orais

e nasais e seguido ou precedido de consoantes diversas. Nas etimologias 326 e 337, trata-se da mesma raiz *pi-* ‘comer’.

/ #C_

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i : Poy i : A i : Kn i : M i : Yaw i : Ko e : Mt e : My e

326. ***pi-* ‘comer’ : Ksh *pi-* ‘comer’ : SK *pi-* : Kp *pi-* : Mar **pia** [pĩã] (COSTA, 1992) : Ch *pi-* ‘comer’ : Kax *pi-* (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *pi-kĩ* ‘comer’ : Chan *pii*, *pi-* : Shar *pii*, *pia* ‘comer’ : Shan *pi* : Kat *pi-* : Poy *pi*, *pĩ* : A *pi-* I ‘comer o morder carne’ : Kn *pi-* ‘comer’ : M *pí-* ‘comer, morder’ : Yaw *pi* : Ko *pe* : Mt *pe* : My *pe*.

337. **piti* ‘comida (coisa de comer)’ : Ksh *piti* : SK *piti* ‘alimento de carne’ : Kp *piti* : Mar *piti* [pĩtĩ] ‘comida’ : Ch *pítĩ* ‘alimento de animales’ : Kax -- : Yam *pitiφo* ‘comida’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan *piti* ‘diente’ : Shar *piti*, *pitin* ‘diente, comida’ : Shan *piti* : Kat *piti* : Poy -- : A *piti* (también *hiriti* II) ‘alimento’ : Kn *piti* : M *pítĩ* ‘maíz, diente, bebida’ : Yaw *piti* : Ko -- : Mt *pete* ‘comida’ : My *pete* ‘comida’.

Em 88, 33 e 286, os reflexos de Protopáno **i* é *e*, em Matís, Mayoruna e Korúbo, e estes encontram-se precedidos de um segmento labial, mas não nos parece que este segmento seja um desencadeador da mudança.

/ #β_

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i : A i : Kn i : M i : Ko e : Mt e : My e

88. ***βiC_e-* ‘pegar’ : Ksh *βi-* : SK *βi-* : Kp *βi*, (*βiʔ-kin* ‘agarrar’ (LOOS; LOOS, 1998)) : Mar *vi* ‘pegar’ : Ch *βi-* ‘**coger**’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam *φi* ‘traer, coger’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan *φii*, *bii* ‘traer’ : Shar *φii* ‘coger’ : Shan *fi* ‘trazer’ : Kat **βi-ai** ‘comprar’ : Poy -- : A *wi-* : Kn *bi-* : M *φí-* : ‘obtener, recibir’ : Yaw -- : Ko *bet* ‘pegar’ : Mt **bed-kin** ‘pegar’ : My *bed* ‘coger, agarrar, capturar’.

/ ʔo_#

Ksh e : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax a : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i : Poy y [i] : A i : Kn i : M i : Mt e : My e

33. *ʔoi ‘chuva’ : Ksh iβe : uβe (SHELL, 1987), (ʔope) : SK ʔoi : Kp ʔoi : Mar oi (CESARINO, 2008) : Ch ʔoi ‘lluvia’ (ZINGG, 1998), oi ‘lluvia’ : Kax uwa-hi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam oi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oi : Shar oi, oin : Shan ui : Kat ui : Poy uy : A ʔo’wi ‘lluvia’ (HYDE, 1980), owí I : Kn ui : M oi : Yaw -- : Ko -- : Mt we : My ue [wé].

/ Co_r

Ksh ĩ : SK ĩ : Kp ĩ : Mar ĩ : Ch ĩ : Kax i : Shar i : Shan i : Kat i : Poy y : A ĩ : Kn ĩ : Kn ĩ : M ĩ : Mt e : My e

286. *noʔir ‘minhoca’ : Ksh nõĩ : SK noín, nóiman ‘lombriz’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp noʔín : Mar nuĩ ‘minhoca’ : Ch noʔini, noʔi ‘el bicho (parásito), la lombriz, el gusano’ : Kax /n̄u’li/ [n̄u’li] ‘verme’ (COUTO, 2005), ɲu’li [ɲo’li] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar noin, noinin ‘lombriz, gusano’ : Shan nui ‘verme, nuin ‘minhoca’ : Kat noin ‘minhoca’ : Poy nũy ‘minhoca’ : A nõĩ I : Kn nũĩ; M nõĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt nowen ‘verme’ : My nuen [nwén] ‘gusano’.

Na etimologia 108, em contexto nasal, o reflexo é *e* em Matís e Mayorúna e a sílaba anterior também possui uma vogal labial.

/ C_m

Ksh i : SK ĩ : Kp i : Shar i : Shan i : Poy ĩ : A ĩ : M ĩ : Mt e : My e

108. *βõsi[m] ‘esp. de lontra’ : Ksh βõsime : SK βõšĩ : Kp hini βosi : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φosi, φosin ‘nutria’ : Shan fusi [fu’si? ~ fu’se?] ‘lontra’ : Kat -- : Poy βũšĩ ‘lontra’ : A wõšĩ II : Kn -- : M φóšĩ : Yaw - - : Ko -- : Mt bonsen ‘lontra’ : My bosen ‘nutria’.

Em 52, 234, 499 e, provavelmente, em 98, a vogal ocorre entre consoantes na sílaba final de palavra e não há segmentos labiais precedendo ou seguindo a vogal.

/ C_C

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i : Poy i : A i : Kn i : M i : Yaw i : Ko e : Mt e : My e

52. *hatit ‘esse tanto’ : Ksh **atian** ‘then’ (ZARIQUIEY, 2011) : SK ha’ti ‘tanto’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993), **hatíβi** : Kp **hatiʔβi** ‘todos’ : Mar aatí ‘essa quantia’ (KENNEL, 1978), ati [ʔāʔi] ‘3Pl (esses)’ (COSTA, 1992) : Ch ha’ti ‘toditos, todo igual’ (ZINGG, 1998), **hatíta** ‘todo’ : Kax -- : Yam -tii ‘todos, varios del mismo tipo, esta cantidad’ (FAUST; LOOS, 2002; EAKEN, 2008) : Chan **natiφi** ‘todos’, datian ‘ahora’ : Shar **atişon** ‘de este tamaño (objeto entero)’ : Shan -ti ‘quantificador’ : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn **hatibi** ‘todos esos, todos : cada uno’ : M **nátiφii** : Yaw **aui-ti** ‘quanto’ : Ko atet ‘esse tanto’ : Mt ted ‘tantos quantos’ (FERREIRA, 2005) : ‘ My ted ‘as many as’ (FLECK, 2003), tedi ‘all of’.
234. *mawis ‘esp. de formiga’ : Ksh maís, maís : SK mawís : Kp -- : Mar -- : Ch mawiso ‘hormiga cazadora’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mais II : Kn mais : M máwisi : Yaw -- : Ko -- : Mt mawes ‘espécie de formiga bem pequena’ : My maues [ma’wes].
499. *yawis ‘esp. de tatu’ : Ksh jaís, (jaís, jaís ‘esp. de armadillo o carachupa’ (SHELL, 1987)) : SK yawíʃ : Kp yawíʃ : Mar ya’viʃi ‘tatu’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010), yawiʃ ‘tatu’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax yawaʃi ‘tatu’ : Yam -- : Chan -- : Shar yawiʃi, yawiʃinin ‘armadillo, carachupa’ : Shan yafiʃi ‘tatu’ : Kat yawiʃi ‘tatu’ : Poy iawiʃi ‘tatu’ : A yaiʃ II : Kn yaiʃ : M yáwiʃí : Yaw iauiʃi ‘tatu’ : Ko tsawes ‘tatu’ : Mt tsawes ‘esp. de tatu’ : My tsaues [tsa’wes] ‘armadillo de Kappler’.

Nas etimologias 210, 224, 301, 337, 382, 458 e 461, os reflexos de *i ocorrem em final de palavra. Com relação às etimologias 210, 301, 337, 458 e 461, trata-se do mesmo morfema *-ti*, nominalizador de instrumento.

/ C_#

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Shar i : Shan i : Kat i : Poy i : A i : Kn i : M i : Yaw i : Ko e : Mt e : My e

210. *maiti ‘faixa para a cabeça, chapéu’ : Ksh (mapoti) : SK maiti ‘corona de plumas y cuentas, sombrero’ : Kp maiti : Mar maiti ‘chapeu, cocar’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam maiti ‘corona’ : Chan -- : Shar maiti, maitinin ‘sombrero, gorra, corona’ : Shan -- : Kat mayti [mayte]

(BARROS, 1987) : Poy -- : A maiti II : Kn maiti : M máiti : Yaw maiti : Ko maʃite ‘boné, chapéu’ : Mt -- : My (mauete [ma'wete]).

224. *maɾi ‘cutia (esp. de roedor)’ : Ksh mari : SK mari : Kp mari : Mar mari [māɾi] ‘cutia’ : Ch -- : Kax matʃahi (SOUSA, 2004) : Yam mari, maɾĩ ‘añuje’ (EAKEN, 2004) : Chan -- : Shar mari, marin ‘añuje, agutí’ : Shan mari ‘cutia’ : Kat mari ‘cutia’ : Poy bari ‘cutia’ : A marí I : Kn madi : M mari : Yaw mari ‘cutia’ : Ko -- : Mt made [mare] ‘cutia’ : My made ‘paca’.

Outros exemplos: 301, 337, 382, 458, 461.

O reflexo *-ti*, em 98, é o morfema nominalizador de instrumento, que ocorre também em 458 **-ti*, por isso incluímos como parte dos reflexos de **i > e*, apesar de não termos os reflexos em Korúbo, Matís e Mayorúna.

Ksh i : SK i : Kp i : Kat i : A i : Kn i : M i

98. *βoʔ[n]a[n]-ti ‘tipo de caixa’ : Ksh βoná-ti : SK βonáti : Kp βoʔnáti : Mar -- : Ch βo'na-naʔa ‘nido de la tocandera’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat βunati ‘mala’ : Poy -- : A wonáti II : Kn bunáti ‘baúl, caja’ : M fónáti ‘caja’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Nas etimologias 31, 57, 125, 126, 139 e 333, ocorre a queda da vogal *i* em meio e final de palavra. Já nas etimologias de 31, 139, 125 e 126, ocorreu primeiro a queda da consoante e depois a fusão das vogais homorgânicas em algumas línguas.

/ .C_.

Ksh ∅ : SK ∅ : Kp i : Kat ∅ : Ch i : Shar ∅¹⁵⁸ : A ∅ : Kn ∅ : M ∅ : Yaw ∅

139. *βoʔ[n]a[n]-ti ‘tipo de caixa’ : Ksh βoná-ti : SK βonáti : Kp βoʔnáti : Mar -- : Ch βo'na-naʔa ‘nido de la tocandera’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat βunati ‘mala’ : Poy -- : A wonáti II : Kn bunáti ‘baúl, caja’ : M fónáti ‘caja’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh i : SK i ? : Kp i : Mar ∅ : Ch i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan ∅ : Kat ∅
A i : Kn ∅ : M ∅ : Yaw ∅

¹⁵⁸ Aparentemente, a maioria das línguas perdeu a consoante oclusiva e fundiu as duas vogais.

125. *tʃiʔi ‘fogo’ : Ksh tʃii : SK tʃií (tʃí (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp tʃiʔi : Mar tʃi [tʃiʔ] (BOUTLE, 1964) : Ch tʃiʔi : Kax tʃiʔi [tʃiʔi] (LANES, 2005) : Yam tʃii, tʃií (EAKEN, 2008) : Chan tʃii : Shar tʃii, tʃiin : Shan tʃi : Kat tʃii [tʃiʔ] (BARROS, 1987) : Poy -- : A tʃiʔi II : Kn tʃi : M tʃi : Yaw tʃi : Ko -- : Mt -- : My --.
126. *tʃiʔi mapo ‘cinza (lit. pó (poeira) de fogo)’ : Ksh tʃimapo : SK tʃií mapó (tʃí mapo (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp tʃiʔi mápo : Mar -- : Ch -- : Kax mapuʔu [mapuʔu] (LANES, 2005), [mapuʔu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan bapo : Shar mapo, mapon : Shan mapu : Kat -- : Poy -- : A tʃiʔi mapo I : Kn tʃimapu : M tʃimapõ, mápo ‘ceniza’ : Yaw -- : Ko -- : Mt tʃi**mapuk** : My --.

Ksh Ø : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Shar i : Kat i : A i : Kn i : M i : Yaw i : Ko Ø : Mt Ø : My Ø

31. *ʔiwi ‘arraia’ : Ksh ʔii (ʔi ‘raya’ (SHELL, 1987)) : SK ʔíwi, ʔiwín (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993), ʔiwi : Kp ʔiwi ‘raya’ (LOOS; LOOS, 1998) ʔiwi : Mar ‘iwi ‘fuso, arraia’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch iwi (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iwi, iwin ‘raya, pastinaca’ : Shan -- : Kat iwi : Poy -- : A ʔí ‘raya’ (HYDE, 1980), ii I : Kn i : M iwi ‘raya (ichth. Pestinaca) : huso’ : Yaw iʔi : Ko ipek : Mt i : My i.

Nas etimologias 57 e 333, houve a queda da vogal.

/C_#

Ksh Ø : SK Ø : Kp Ø : Mar i : Ch i : Yam i : Shar i Shan i : Kat Ø : Kn Ø : M i : Yaw i

57. *βaʔki[ʃ]i ‘noite, escuro’ : Ksh βakiʃ- ‘oscurecerse’ : SK βakíʃ : Kp βaʔkíʃ ‘ayer, mañana’ : Mar vakiʃi ‘sombra’ (CESARINO, 2008) : Ch βakíʃi ‘oscuro, noche’ : Kax -- : Yam φakiʃi ‘noche’ : Chan -- : Shar φakiʃi, φakiʃin ‘obscuridad, oscuridad’ : Shan fakiʃi ‘noite’ : Kat βakiʃ ‘escuro’ : Poy -- : A -- : Kn βakíʃ ‘oscuro, negro’ : M φákíʃi ‘oscuro’ : Yaw βakíʃi : Ko -- : Mt -- : My--.

Sch Ø : SK Ø : Kp Ø : Poy Ø : Kn i : M Ø : Mt Ø

333. *pisika ‘esp. de cobra’ : Ksh piská : SK piská : Kp piska ‘afaninga (esp. de culebra)’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy piskã ‘marimbondo, caba’ : A -- : Kn pisika (pisi- ‘silbar (como la serpiente)’)) : M pískã : Yaw -- : Ko -- : Mt piskaden ‘colar de coquinho’, piskaden boiunwate ‘esp. de lacraia’ : My --.

Na etimologia 282, o reflexo *i* em Katukína justifica a reconstrução de **i*, uma vez que é mais provável a mudança de *i* > *í*, considerando-se que a sílaba seguinte também apresenta uma vogal *í*, ou seja, a mudança se deu por assimilação da vogal da sílaba seguinte. O mesmo raciocínio é utilizado para a reconstrução de *i* na sílaba final nas etimologias 83 e 182, mas, neste caso, há mais reflexos *i* do que *í*. Por fim, na etimologia 131, a reconstrução de **i* se deu pelo maior número de reflexos *i*.

/ C_#

Ksh \tilde{i} : SK *i* : Kp *i* : Shar *i* : Shan *u* : Kat *i* : A *i* : Kn *i* : M *i* : Yaw *i*

282. *[n]iwi ‘vento’ : Ksh niĩ ‘temblor’ (soño ‘viento’) : SK niwi : Kp niwi ‘viento’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar niwi, niwin ‘viento’ : Shan nifu ‘vento’ : Kat niwi ‘vento’ : Poy -- : A niyi II ‘viento’ : Kn niwi ‘viento’, niwi ‘soplar’ : M niwi- ‘soplar (el viento)’, níwi ‘viento’ : Yaw niui ‘vento’ : Ko -- : Mt -- : My --.

/ C_C

SK *i* : Kp *i* : Ch *i* : Chan *i* : Shar *i* : Shan *i* : A *i* : Kn *i* : Yaw *i*

83. *βiʃpi ‘sobrancelhas’ : Ksh -- : SK βiʃpi ‘com ojo hundidos’ : Kp βiʃpi ‘yema, retoño’ : Mar -- : Ch βiʃpi ‘pestaña’ (ZINGG, 1998), wiʃpi ‘pestaña’ : Kax -- : Yam -- : Chan fiʃpi, fiʃpi ‘ceja’ : Shar fiʃpi, fiʃpin ‘ceja’ : Shan huʃpi : Kat -- : Poy -- : A wiʃpi I : Kn biʃpi : M fiʃpi ‘ceja’ : Yaw βiʃpi ‘sobrancelha’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ko -- : Mt -- : My -- : SK βiʃni ‘ceja’, pestaña’, βiʃro karani ‘ceja’, βiʃro kiʃni ‘pestaña’ : Ksh βini : Kn βiʃmi : A wiʃmi I : M fiʃmi (fiʃrokiʃimi, un ejemplo M, ‘pestaña’).

¹⁵⁹ “Probablemente de **niwi* más el morfema instrumental de nasalización vocálica y cambio de acento, ver juego 209 y nota 69.” (SHELL, 1975 [1965])

C_C#

Ksh i : SK i : Chan i : Shar i : Shan i : A i : Kn i : M i : Yaw i

182. *kĩti[C] ‘tipo de panela’ : Ksh manĩ kĩti ‘olla de metal para cocinar’ : SK kĩtĩ : Kp kintĩ ‘olla para cocinar’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan kiti, kiti : Shar kitin, kitinin ‘olla de barro’ : Shan kiti : Kat -- : Poy -- : A kĩtii I ‘vasija’, yami kĩtii ‘olla de metal para cocinar’ : Kn kĩti ‘olla’ (MONTAG, 1981), kĩti ‘olla para cocinar’ : M kiti Yaw kiti : Ko -- : Mt -- : My --.

SK i : Kp i : Shar i : Kn i : M i : Ko i

131. *tʃorĩf ‘duro, forte’ : Ksh -- : SK tʃorĩf ‘duro’ : Kp tʃorĩf ‘duro’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan (kiri) : Shar tʃorĩsia ‘tieso, rígado como papel nuevo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A (kirix ‘áspero, duro, fuerte’ (HYDE, 1980)) : Kn tsidis ‘tieso, duro, rígado el cuerpo’ (MONTAG, 1981) : M tʃorĩfi ‘bien seco, como ropa secada al sol’ : Yaw (kiri) : Ko tʃĩĩf : Mt -- : My --.

Nas etimologias 13 e 14, o reflexo de *i é *tf* em Korúbo, Matís e Mayorúna. Esta mudança deve ter ocorrido após a queda da consoante oclusiva glotal *ʔ. Em um segundo momento, teria havido então a assilabificação da vogal *i* > *y* e, finalmente, a mudança para *tf*. Podemos resumir a mudança da seguinte forma: *i* > *y* > *tf*. Como vimos na seção 2.3.6.2, a mudança **y* > *tf* em início de palavra é regular em Korúbo, Matís e Mayorúna.

/ʔ_a

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i : Poy i : A iy : Kn i : M i : Yaw i : Ko tʃ : Mt tʃ : My tʃi

13. *ʔia ‘piolho’ : Ksh ʔia ‘piojo’ : SK ʔia ‘piojo’ : Kp ʔia ‘pulga’ : Mar ‘ia ‘piolho (COSTA, 1992) : Ch ʔia ‘piojo’ : Kax i’ya (LANES, 2005; COUTO, 2005) : Yam -- : Chan ia : Shar ia : Shan ia : Kat ia : Poy ia : A ʔíya (HYDE, 1980), iyá I ‘piojo’ : Kn ia ‘piojo, pulga’ : M ia ‘piojo, pulga’ : Yaw ia : Ko -- : Mt tʃa ‘piolho’ : My --.
14. *ʔian ‘lago’ : Ksh ʔiá : SK ʔiá : Kp ʔián : Mar i’an [ĩẽ] (COSTA, 1992), iã (CESARINO, 2008) : Ch ʔiáni, iá (ZINGG, 1998) ‘lago’ : Kax iani [ia’ni]

(VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam iã, iamã : Chan -- : Shar ian : Shan yan : Kat ian : Poy -- : A ʔiyan (<hínyan>) (HYDE, 1980), ʔiã I : Kn iã : M iã : M -- : Yaw ian : Ko tʃan : Mt tʃan : My tʃi'na.

/ C_m#

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : A i : Kn i : Kat i : Mt i : My i

470. *wani[m] ‘pupunha’ : Ksh βañ : SK wañ : Kp wanín : Mar wañ ‘pupunha’ : Ch wani, wa'nima ‘chima, chonta fina, chonta de loro’ : Kax wanima [wani'ma] ‘pupunha’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat wanin ‘pupunha’ : Poy -- : A wañ I : Kn bañ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt wanin ‘pupunha, Lat. *Bactris gasipaes*’ : My uanin ‘palmera espinosa cultivada’.

Na etimologia 191, Matís apresenta *u* como reflexo de **i*, esta mudança também poderia ser explicada por assimilação da vogal da sílaba precedente. Notemos que o reflexo de **o* em Matís é *u*.

C_C

Ksh i : SK i : Kp i : Ch i : Shar o : Kn i : Mt u

191. *koki[f] ‘vaga-lume’ : Ksh koki ‘luciérnaga, linterna’ : SK kōkíf ‘luciérnaga’ : Kp koʔkif : Mar -- : Ch koki'na, koki ‘curucusi’, koki : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kokoş, kokoşin ‘luciérnaga’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn kukif : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt kukuş ‘tipo de pássaro’ : My --.

Na etimologia 127, Chácobo apresenta *o* como reflexo de **i*, mas não parece estar relacionado à vogal da sílaba seguinte, como é o caso no dado 191, em Matís. No entanto, a contiguidade com uma consoante labial *β* poderia ser a fonte da mudança.

Ksh i : SK i : Kp i : Ch o : A i : Kn i

127. *tʃiβi- ‘guiar (uma canoa) por trás’ : Ksh tʃiβí- : SK tʃiβí : Kp tʃiβi : Mar -- : Ch tʃiβoo- ‘mover el leme o la cola del motor de la embarcación’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tʃiwii- II : Kn tʃibi ‘quitar, coger, obtener de la parte trasera’ : M (tʃía) : Yaw -- : Ko -- : Mt : My --.

Na etimologia 175, Kashíbo, Kapanáwa e Chákobo apresentam *a* como reflexo de proto **i*. Nesse caso também seria possível a ocorrência de mudança por assimilação da vogal da sílaba precedente *a*.

Ksh *a* : SK *i* : Kp *i* : Ch *i* : Kax *i* : Shar *i* : Shan *i* : A *i* : Kn *i* : M *i* : Yaw *i*

175. **kafi* ‘morcego’ : Ksh *kaʃa*, *kãʃa* (*kaʃian*, *kainʃa*, *kaia* ‘murciélagos’ (SHELL, 1987)) : SK *kafi* : Kp *kafi* : Mar -- : Ch *kafi* I ‘murciélagos’, *kafiʔa* ‘murciélagos grandes’ : Kax *kafiʔwa* [*kaʃiʔwa*] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar *kaʃi*, *kaʃin* : Shan *kaʃi* : Kat (*kantʃi*) : Poy -- : A -- : Kn *kafi* : M *kafi* : Yaw *kafi* : Ko -- : Mt -- : My --.

Em contexto nasal, em final de palavra, Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Marúbo, Yawanawá, Poyanáwa, Kaxararí e Yamináwa apresentam uma vogal nasal *ĩ* como reflexo de **i*. Kapanáwa, Katukína, Yawanawá, Chanináwa e Sharanáwa apresentam *i* como reflexo, mas mantêm a consoante final *n*. Chácobo apresenta *i* como reflexo, sem preservar a consoante final e sem nasalidade na vogal.

/ V_n

Ksh *ĩ* : SK *ĩ* : Kp *in* : Mar *ĩ* : Ch *i* : Kax *ĩ* : Yam *ĩ* : Chan *in* : Shar *in* : Shan *in* : Kat *in* : A *ĩ* : Kn *ĩ* : M *ĩ* : Yaw *in*

34. **ʔoi[n]*- ‘olhar’ : Ksh -- : SK *ʔoĩ*- : Kp -- : Mar *oĩ* (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam *oĩ-kĩ* (EAKEN, 2008) : Chan *oin* : Shar *oin*, *oian* ‘ver, mirar’ : A (*A ʔiĩ*-) (*ʔiĩn-ʔi* (HYDE, 1980)) : Kn *ũĩ*- : M *oĩ* ‘ver’ : Kat *uin-nai* ‘ver’ : Shan *uin* ‘olhar’ : Yaw *uian*, *uin* : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.
160. **kaʔi[n]* ‘esp. de arara’ : Ksh *kãĩ* : SK *Kãĩ* : Kp -- : Mar *kãĩ* ‘esp. de arara’ (MELATTI, 1975) : Ch *kaʔíni*, *kaʔi* (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam *kãĩ*, *kainõ* (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar *kain*, *kainpan* ‘guacamayo de color rojo y azul’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *kãʔĩ* II : Kn *kãĩ* : M *kãĩ* : Yaw : Ko -- : (Mt *kuenad* ‘arara’ (FERREIRA, 2005)) : My --.
300. **hoin* ‘respirar’ : Ksh *oĩ*- ‘respirar’ : SK *hoĩ*- ‘respirar, expeler aire’ : Kp *hoín* ‘soplar, respirar’ : Mar -- : Ch *hoi*- ‘querer descansar en vez de continuar (haciendo algo)’ : Kax *huĩweʔhi* [*ʃuĩweʔhi*] ‘respirar’ (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *hõwĩ*-

‘descansar’ : Kn hũĩdukũ- ‘descansar’, hũĩĩ- ‘respirar’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

335. *piʃi[n] ‘esteira’ : Ksh piʃí : SK piʃĩ : Kp piʃín : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam : Chan -- : Shar piʃin, piʃinpan ‘estera’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A piʃĩ II : Kn piʃĩ; M piʃĩ : Yaw piʃin ‘esteira’ : Ko -- : Mt -- : My --.

Na etimologia 378, não possuímos os dados das demais línguas, somente de Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá e Marináwa.

Ksh ĩ : SK ĩ : Ch i : A ĩ : Kn ĩ : M i

378. *sa[n]i[n] ‘esp. de peixe’ : Ksh sanin ‘esp. de pez menudo’ (SHELL, 1987) : SK sa'nin, ‘saniman ‘grupo de pececillos’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp -- : Mar -- : Ch sa'nino, sa'ni ‘el pez (en general)’, sani : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A sanin ‘mojarrita’ (HYDE, 1980) : Kn sanin ‘esp. de pez muy pequeño, sardina’ (MONTAG, 1981) : M sani : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Nas etimologias 29, 187, 188, 305 e 353, os reflexos são regulares na maioria das línguas, como no conjunto anterior. No entanto, Kaxararí não apresenta nasalidade na vogal.

Ksh ĩ : SK ĩ : Kp in : Mar ĩ : Ch i : Kax i : Yam ĩ : Chan in : Shar in : Shan in : Kat in : Poy ĩ : A ĩ : Kn ĩ : M ĩ : Yaw ĩ : Ko in : Mt in

187. *k^waʔin ‘fumaça’ : Ksh koi, (koĩ ‘smoke’ (ZARIQUIEY, 2011)) : SK koĩ : Kp koʔín : Mar koĩ (CESARINO, 2008) : Ch koʔini, koʔi ‘el humo’ (ZINGG, 1998), koʔini : Kax kuãni [k^waʔni] ~ [kwãĩ] ‘fumaça’ (COUTO, 2005), kuaʔni [k^waʔni] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan koin : Shar koin, koinin ‘humo’ : Shan kuin ‘fumaça’ : Kat kuin ‘fumaça’ : Poy kũĩ ‘fumaça’ : A kũĩ II : Kn kũĩ : M kõi : Yaw -- : Ko kwain ‘fumaça’ : Mt kuain ‘fumaça’ : My --.

Na etimologia 511, Sharanáwa não preserva a consoante final e apresenta a vogal *i* sem nasalidade.

Kshĩ : SKĩ : Kp in : Ch i : Shar i : Shan in : Poyĩ : Aĩ : Knĩ : Mĩ : Yawĩ : Ko in : Mt in

511. *yosi[n] ‘espírito’ : Ksh ɲuʃĩ, ɲunʃin ‘reflexión, espíritu malo’, ñoʃĩ ‘espíritu malo, reflexión’ : SK yoʃĩ ‘demonio, espíritu’ : Kp yoʃin ‘espíritu, máscara’ : Mar -- : Ch yoʃini, yoʃi ‘viento, espíritu, sombra, diablór’ (ZINGG, 1998), yoʃini : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar yoʃi, yoʃin ‘espíritu, alma, fantasma’ : Shan yuʃin ‘retrato, espíritu’ : Kat -- : Poy iũʃĩ ‘alma’ : A yoʃĩ II ‘espíritu, fantasma’ : Kn yuʃĩ ‘alma, fotografía, espíritu’ : M yóʃĩ : Yaw iunʃin ‘alma’ : Ko tsusin ‘espírito’ : Mt tsunsin ‘espírito’ : My --.

Na etimologia 353, além de Sharanáwa, Yawanawá também não apresenta nasalidade na vogal nem preserva a consoante nasal em final de palavra.

Kshĩ : SKĩ : Kp in : Ch i : Shar i : Kat in : Aĩ : Knĩ : Mĩ : Yaw i : Yamĩ : Mtĩ

353. *raβi[n]- ‘envergonhar-se, ter vergonha’ : Ksh rabĩ- : SK raβĩ- : Kp raβin- : Mar -- : Ch raβi- ‘tener vergüenza, avergonzado’ : Kax -- : Yam raβĩ-kĩ ‘tener vergüenza’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar raβi, raβia ‘avergonzarse, tener vergüenza’ : Shan -- : Kat **raβinnai** ‘vergonha’ : Poy -- : A rawĩtini I ‘tener pena’ : Kn dabĩ- ‘tener vergüenza, avergonzado’ : M ráβĩ- : Yaw raβi : Ko -- : Mt dabin-kin ‘sentir vergonha’ : My --.

Na etimologia 305, Katukína e Chanináwa apresentam a vogal *i* sem nasalidade e não preservam a consoante nasal em final de palavra. Já Kaxararí apresenta *ɨ* como reflexo *i*.

SKĩ : Kp in : Marĩ : Ch i : Kax ɨ : Yamĩ : Chan i : Shar in : Shan in : Kat i : Aĩ : Knĩ : Mĩ : Yawĩ : Ko in : Mt in : My in

305. *hofin ‘vermelho’ : Ksh -- : SK hoʃĩ : Kp hofin, hofini ‘rojo’ (LOOS; LOOS, 1998), hofini ‘rojo’ : Mar ũʃĩ-ga ‘vermelho’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ʃini, tʃiʃini ‘rojo’, (ʃini ‘rojo’, tʃiʃi, tʃiʃini ‘la pluma roja o el plumón rojo de la cola de um ave’ (ZINGG, 1998)) : Kax puʃi [puʃi] (LANES, 2005) : Yam oʃi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oʃi, oʃi nipa : Shar oʃin : Shan uʃin (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008) : Kat ũʃi

[õŋʒiʔ] (BARROS, 1987) : Poy -- : A wĩfĩ I ‘rojo’ : Kn huŋĩ ‘rojo, maduro’ : M ófĩ : Yaw uŋĩ : Ko **f**inte ‘urucum’ : Mt fin ‘amarelo’ : My fin ‘rojo’ (ver também a etimologia 319. *pãfjini).

Na etimologia 319, Kaxararí e Sharanáwa apresentam vogal não nasal e não preservam a consoante nasal em final de palavra.

Ksh ĩ̃ : SK ĩ̃ : Ch i : Kax i : Shar i : Shan in : Poy ĩ̃ : A ĩ̃ : Kn ĩ̃ : M ĩ̃ : Yaw in : Ko in : Mt in

319. *pãfjin ‘amarelo’ : Ksh pãfĩã : SK pãfĩ : Kp : Mar -- : Ch jini ‘rojo, maduro’, paji- ‘colorearse, pintonearse’ (ZINGG, 1998) : Kax j’ini [j’ini] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar paŋi ‘pálido’ : Shan paŋin ‘amarelo’ : Kat (manfin ‘amarelo’) : Poy pãfĩ ‘amarelo’ : A pãfĩ I : Kn pãfĩ ‘ictérico’ o paŋinipa ‘amarillo, pálido’ : M pãfĩ : Yaw paŋin ‘amarelo’ : Ko **f**inte ‘urucum’ : Mt fin ‘amarelo, laranja’ (FERREIRA, 2005) : My --; ‘amarillo’ (ver também a etimologia 305. *hoŋjini).

Nos dados acima, analisamos os reflexos de *i, sempre considerando também a preservação ou não da nasal. Isto se deve ao fato de a ocorrência de vogais nasais em final de palavra ter sido analisada como uma sequência *Vn* em várias línguas.

Outro caso em que há reflexos de vogais nasais nas várias línguas é quando teria havido uma consoante *r em Protopáno em final de palavra. Como vimos anteriormente, *n* e *Ń* são reflexos regulares de *r em final de palavra. Em Kaxararí, há reflexos *il* ou *li*, discutiremos melhor esses detalhes no capítulo 4.

/ C_r

Ksh ĩ̃ : SK ĩ̃ : Kp in : Mar ĩ̃ : Ch i : Kax il, li : Shar in : Shan in : Kat in : A ĩ̃ : Kn ĩ̃ : M ĩ̃ : Yaw in : My i¹⁶⁰

24. *ĩ̃sir- ‘dor, doer’ : Ksh ʔisĩ̃ o ʔĩ̃sĩ̃- : SK ʔisĩ̃- : Kp ʔisín- : Mar isĩ̃ ‘doença’ (CESARINO, 2008) : Ch ʔisi- tener fiebre’ : Kax isali (COUTO, 2005; PICKERING, s.d.) : Yam -- Chan -- : Shar isin, isian ‘doler’ : Shan isin ‘doer’ : Kat isinai, isin-nai ‘dói’ : Poy -- : A ʔísin, ʔísinín ‘dor’ (HYDE,

¹⁶⁰ O reflexo só foi observado na etimologia 252.

- 1980), isĩ - I : Kn isinkiki ‘enfermemarse’ : M ísĩ- ‘sentir dolor, dolor’, isĩ : Yaw isin ‘doer’ : Ko -- : Mt -- : My --.
97. *boir ‘esp. de picapau’ : Ksh boĩ : SK boĩ : Kp boin ‘pájaro carpintero’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar voĩ ‘pica pau’ : Ch boíno, boí : Kax buhi’lu [bohi’lu] ~ [bui’lu] ‘pica-pau’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar foín, foínpan ‘pájaro carpintero’ : Shan fuin ‘pica-pau’ : Kat buin ‘pica-pau’ : Poy -- : A wowĩ I : Kn būĩ : M fôĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
204. *maʔi[r] ‘esp. de peixe’ : Ksh maĩ : SK maĩ : Mar -- : Ch -- : Kax mai’lu [maĩ’lu] ‘peixe’ (LANES, 2005; VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar main, mainpan ‘bujurqui (esp. de pez)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mãĩ II : Kn mai : M mâĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
252. *naʔir ‘esp. de preguiça (macaco)’ : Ksh -- : SK nãĩ : Kp naʔín : Mar [nãĩ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch -- : Kax nali [na’li] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat nain : Poy -- : A nãĩ II : Kn nãĩ : M nãĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My nai [nay] ‘perezoso de dos dedos’.

3.3.1.2 *i vogal central alta não arredondada oral

Os reflexos regulares da vogal central alta não arredondada oral *i é i em todas as línguas estudadas. Os reflexos ocorrem em sílaba inicial, medial e final de palavra. Ocorrem em sílabas abertas e fechadas.

/ #C_.

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Kat i : A i : Kn i : M i : Yaw i : Poy i : ko i : Mt i : My i

70. *βi- ‘trazer, buscar’ : Ksh βi : SK βi- : Kp βi- : Mar -- : Ch βi- ‘traer’ : Kax bi ‘traer’ : Yam φi ‘traer’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φi- : Shar φi-i, φi-a ‘traer’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A βi-kin ‘traer’, wi- : Kn bi : M φi- : Yaw βi ‘traer’ : Ko βi : Mt βi : My bi ‘traer’.
77. *βini ‘marido, macho’ : Ksh βini : SK βini : Kp βini : Mar βini ‘marido’ : Ch βini ‘marido, macho’ : Kax bi’ni [βi’ni] ‘marido’ (LANES, 2005) : Yam φini (FAUST; LOOS, 2008) : Chan φini, φidi ‘esposo’ : Shar φini, φinín ‘marido, esposo’ : Shan fini : Kat -- : Poy -- : A wini : Kn bini : M φini :

Yaw βini ‘marido’ : Ko βini : Mt bini : My bini ‘macho (animal o planta), esposo’.

415. *ṣiti ‘urubu’ : Ksh ṣiti : SK ṣiti : Kp ṣiti : Mar jiti ‘urubu’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat jiti ‘urubu’ : Poy -- : A xiti II : Kn ṣiti : M ṣítí : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My ṣiti ‘buitre’.

Outros exemplos: 73, 74, 78, 79, 80, 86, 87, 112, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 150,¹⁶¹ 151, 152, 153, 154, 156, 157,¹⁶² 158, 177,¹⁶³ 179, 180, 181, 183, 236, 237, 238, 240, 242, 243, 244, 245,¹⁶⁴ 268, 269, 270, 271, 272, 325, 360, 361,¹⁶⁵ 362, 364, 365, 366, 367, 405,¹⁶⁶ 406, 407, 408, 409,¹⁶⁷ 410, 411, 412, 413, 414, 416, 417, 452, 453, 454,¹⁶⁸ 455, 456, 457, 458, 480.

/ #C_?.

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Kax i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i A i : Kn i : M i : Yaw i : Ko i : Mt i

72. *βiʔra[C] : Ksh βiná ‘muchacho adolescente’ : SK βiná : Kp βiʔná : ‘nuevo’ : Ch -- : A winaa I : Kn bina : M fína ‘nuevo’ : Mar -- : Kat βina ‘novo’ : Shan fina ‘novo’ : Yaw βina ‘nova’ : Poy -- : Kax habila'ki [fiaβila'ki] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan fida : Shar fina ‘nuevo’ : Ko -- : Mt -- : My --.

/ C_t#

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Shar i : Shan i : Kat i : A i : Kn i : M i : Yaw i : Poy i : Ko i : Mat i : My i

99. *βoʔri[t] ‘esp. de palmeira’ : Ksh βuri ‘chonta (especie de palmera’, βorí : SK βorí : Kp βoʔrí : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φori, φorin ‘chonta (espécie de palmera y su cogollo comestible)’ : Shan φuri ‘palmeira’ : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn budi : M φórĩ : Yaw -- : Ko βoʔit

¹⁶¹ O reflexo em Kaxararí é *i*.

¹⁶² Em Matis e Mayorúna houve a queda da vogal *i* e, conseqüentemente, a perda da fase labial da consoante.

¹⁶³ Yaminawá apresenta como reflexo *i*.

¹⁶⁴ Marináwa apresenta como reflexo *i*.

¹⁶⁵ O reflexo em Shanenawá é *i*.

¹⁶⁶ Em Katukína e Shanenáwa o reflexo é *i* e em Matis é *e*.

¹⁶⁷ O reflexo em Katukína é *siki*.

¹⁶⁸ O reflexo em Shanenáwa é *u*.

- ‘palmeira que utilizam para cobrir a casa (prov. Jarina)’ : Mt -- : My budid [bu'rid] ‘palmera grande’.
134. *hi[n]iC_c- ‘deixar, largar’ : Ksh hĩ : SK hini- : Kp hini : Mar ini pakii ‘chegar, descer (CESARINO, 2008) : Ch hini- ‘largar algo, dejar caer algo’ : Kax -- : Yam ini ‘dejar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar inii inia ‘dejar, terminar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hini- ‘soltar’ : Kn hini- ‘dejar, abandonar’ : M íní- ‘dejar, abandonar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt inid-me-kin ‘desligar aparelho’ : My inid ‘parar (de hacer una acción intransitiva), callarse’.
171. *kapit ‘jacaré’ : Ksh kapí : SK kapí : Kp kapí : Mar kapí (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch 'kapiti, 'kapí ‘caimán, lagarto’ (ZINGG, 1998), kápiti : Kax kapí'ti : Yam kapí, kapita ‘lagarto’ (EAKEN, 2008) : Chan kapí ‘lagarto’ : Shar kapí, kapitan ‘lagarto, caimán’ : Shan kapí : Kat kapí : Poy kapí : A kapii I (kápíi (HYDE, 1980)) : Kn kapí : M kápĩ : Yaw kapí : Ko -- : Mt kapid ‘jacaré’ : My --.
312. *pakit- ‘cair’ : Ksh nipakit ‘fall’ (ZARIQUIEY, 2011) nipat ‘throw down’ (ZARIQUIEY, 2011), nipá- ‘dejar caer’, nipaki ‘caer’ : SK paki- ‘caer’ : Kp : Ch paki- : Mar pa'kia, pakika'wã (ANONBY; HOLBROOK, 2010), pakia [păkuã] ‘cair’ (COSTA, 1992) : Kax -- : Yam páki ‘caer(se), páki ‘hacer caer a outro’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar pakii, pakia ‘caer’ : Shan paki ‘cair, derrubar, empurrar’ : Kat paki-ai ‘derrubar’, paki-tai ‘cair’ : Poy -- : A pakii- I : Kn paki- : M páki- : Yaw paki ‘cair’ : Ko pakit ‘cair’ : Mt pakid- ‘cair do alto’ (FERREIRA, 2005) pak- ‘cair de algum lugar estando acima do chão’(FERREIRA, 2005) : My pa'id ‘caerse’.
352. *raβit ‘dois’ : Ksh raβí : SK raβí : Kp raβí : Kn dabi : Mar ra'vivakĩ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch raβi, ráβita : Kax tʃabita : Yam raβi ‘dos’ : Chan raβi : Shar raβi, raβin ‘dos’ : Kat raβi ‘dual’ : Shan rafu ‘dois’ : Poy raβu : A rawii II : M ráβi : Yaw raβi : Ko laβitpa ‘dois’ : Mt dabiɖpa ‘número 2’ : My daid [da'id] ‘dos’.
408. *şikic_c ‘esp. de lagartixa’ : Ksh šikí : SK šikí : Kp šikí : Mar -- : Ch šiki, šikipa ‘el peni (clase de lagarto)’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam šiki, šikipa

‘lagartija’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xiki I : Kn siki : M şiki : Yaw -- : Ko -- : Mt şikid kapid wasa ‘tipo de lagarto’ : My şikid [şikid] ‘lagartija terrestre’.

494. *yami[t] ‘escuro, noite’ : Ksh imí ‘noche’ (imiiji ‘ayer, mañana’, ver At abajo) : SK yamí : Kp yamí : Mar ya‘mi ‘noite’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax yamita [yamí‘ta] ~ [ya.mi‘ta] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam yamia ‘nocturno, pasado’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan yabi : Shar yami, yamin ‘noche’ : Shan yami ‘noite, escurecer’ : Kat yami ‘noite’ : Poy iãvu ‘noite’ : A yamii II : Kn yami : M yámi ‘noche’ : Yaw iamí ‘noite’ : Ko imit ‘noite, escuro’ : Mt imid ‘noite’ : My --.

/_#

Ksh i : SK i : Kp i : A i : M i : Mar i : Kax i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan i : Kat i : Poy i : Yaw i : Ko i : Mt i : My i

49. *hari ‘nome’ : Ksh ani : SK hani : Kp hani : Mar ani (CESARINO, 2008) : Ch hani- ‘nombrar’ : Kax ha‘li [ha‘lə] (COUTO, 2005), ha‘li [fi‘li] (LANES, 2005) : Yam ani (FAUST; LOOS, 2002) : Chan adi : Shar ani, anin : Shan ani : Kat -- : Poy ãdi : A ‘hani (HYDE, 1980), hani I : Kn -- : M ani ‘nombre’ : Yaw ani : Ko ani ‘nome’ : Mt ani ‘nome’ : My --.
60. **βak^wi ‘filho, criança’ : Ksh βaki : SK βaki : Kp βaki : Mar vaki ‘criança, filho, menino’ (COSTA, 1992) : Ch βaki ‘niño, prole’ : Kax -- : Yam φaki ‘hijo, muchacho, niño’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φaki ‘hijo’ : Shar φaki, φakin ‘hijo, hija, niño, niña, criatura, bebé, cria’ : Shan φaki ‘filho, menino’ : Kat βaki ‘filhote de, pinto de galinha’ : Poy βaki ‘filho’ : A βakí ‘cria, hijo, niño’, waki I : Kn baki : M φaki : Yaw βaki ‘criança’ : Ko βakwi : Mt bakui : My bakwí ‘niño, muchacho, feto, cría de animal, huevo de cualquier animal’.

Outros exemplos: 77, 114, 132, 133, 135, 136, 137, 154, 161¹⁶⁹, 180,¹⁷⁰ 213, 216, 219, 228,¹⁷¹ 245, 250, 267,¹⁷² 272, 288,¹⁷³ 309, 355,¹⁷⁴ 360, 364, 367, 373, 374, 392,¹⁷⁵ 393,¹⁷⁶ 403, 406, 415, 416, 426, 436, 452, 456, 469, 477.

¹⁶⁹ Notamos, entretanto, que o reflexo em Kaxarí apresenta *a*, o que pode ser assimilação da qualidade da vogal da sílaba precedente.

¹⁷⁰ É possível que tenha havido a queda da vogal final de palavra em Shípiibo-Konibo e Kashinawá, e que se trate de compostos.

Em alguns casos, os reflexos de *i podem ser *u* ou *o*, nas línguas comparadas. No dado 149 e 159, o reflexo de *i é *u* em Sharanáwa e no dado 159 é *ũ* em Poyanáwa.

Ksh i : SK i : Kp i Ch i : Chan i : Shar u : Poy ã : Kn i : Yaw i : My i

149. *k^wiβi ‘borda, lábios’ : Ksh k^wibí ‘lábios, boca, borde’ : SK kiβí ‘lábio inferior’ : Kp : Mar -- : Ch kiβítji ‘lábio’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kuφirisika ‘lleno hasta el borde’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A : Kn kibitji : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My kuibi [kw’ibi] ‘formar el borde’.
159. *k^wiṣ[n]i ‘barba’ : Ksh -- : SK kiṣni ‘bigote’ : Kp kiṣni ‘pestaña’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan kiḷdi, (kíti) ‘barba’ : Shar kiṣni, kiṣnin ‘barba’ : Shan -- : Kat -- : Poy kũhdi : A -- : Kn kiṣni : M kíṣní : Yaw kiṣni ‘bigode, barba’ : Ko-- : Mt -- : My **kuij**bu ‘extremo suelto en el borde (por ejemplo, los flecos de una hamaca, hojas sueltas del techumbre de una casa)’.

Nas etimologias 76 e 83, apenas Shanenáwa apresenta *u* como reflexo *i.

/ C_C

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Yam i : Chan i : Shar i : Shan u : Kat i : A i : Kn i : M i : Yaw i : Ko i : Mt i

76. *βimānan ‘testa, cara’ : Ksh βimána ‘cara, frente’ : SK βimanan, βimananin ‘cara, frente’ (SK βimá- ‘sostener la cara’) : Kp βimana ‘cara’ : Mar βimani [βimani ~ βiⁿmaⁿdi] ‘cara, rosto, testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch βima’na ‘frente, cara’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam φimānã, φimānãnã ‘cara, frente’ (EAKEN, 2008) : Chan φimana, φumana : Shar φimanan, φimananin ‘frente’ : Shan fumana : Kat βima’na [βimə’na] ‘testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A wimānã II ‘cara’ : Kn bimānã : M fímánã : Yaw βima’nan [βima’nẽ ~ βijmə’nẽ] ‘testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ko βimanan : Mt bimanan : My --.

¹⁷¹ O reflexo de *i é *i* em Katukina.

¹⁷² O reflexo em Kashíbo apresenta nasalidade.

¹⁷³ O reflexo em Chákobo é *a*.

¹⁷⁴ Em Matís o reflexo é \emptyset .

¹⁷⁵ O reflexo em Poyanáwa é *y*.

¹⁷⁶ O reflexo em Katukína é *i*.

¹⁷⁷ Este reflexo aparece apenas na etimologia 159.

/ #C_ç

SK i : Kp i : Ch i : Chan i : Shar i : Shan u : A i : Kn i : M i : Yaw i : My i

83. *βiçpi ‘sobrancelhas’ : Ksh -- : SK βiçpi ‘com ojo hundidos’ : Kp βiçpi ‘yema, retoño’ : Mar -- : Ch βiçpi ‘pestaña’ (ZINGG, 1998), ‘wiçpi ‘pestaña’ : Kax -- : Yam -- : Chan fiçpi, fiçpi ‘ceja’ : Shar fiçpi, fiçpin ‘ceja’ : Shan huçpi : Kat -- : Poy -- : A wiçpi I : Kn biçpi : M fiçpi ‘ceja’ : Yaw βiçpi ‘sobrancelha’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ko -- : Mt -- : My -- (SK βiçni ‘ceja’, pestaña’, βiɾo karani ‘ceja’, βiɾo kiçni ‘pestaña’ : Ksh βini : Kn βiçmi : A wiçmi I : M fiçmi (fiɾokiçimi, un ejemplo M, ‘pestaña’).

Já em 84, o reflexo em Shanenáwa é **u* e em Matís e Mayorúna é *o*, e em 351, o reflexo é *o* em Mayorúna e em Kashíbo, mas não encontramos o dado em Shanenáwa. Notamos também que as línguas Kashíbo, Matís e Mayorúna possuem um sistema de 6 vogais com oposição entre /o/ e /u/, diferentemente das demais línguas que apresentam um sistema de 4 vogais.

SK i : Kp i : Ch i : Shar i : Shan u : M i : Mt o : My o

84. *βiçko ‘esp. de sapo’ : Ksh -- : SK βiçko : Kp βiçko ‘esp. de sapo’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch βiçko ‘rana, sapo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar fiçko, fiçkon ‘esp. de sapo’ : Shan (kuçku [kuçko]) : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M fiçko ‘clase de rana’ : Yaw -- : Ko -- : Mt boçkekid ‘esp. de sapo’ : My boç ‘rana terrestre mediana’.

Ksh o : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Kax i : Yam i : Shar i : Kat i : A i : Kn i : M i : My o

351. *ɾaʔti- ‘ter medo, assustar-se’ : Ksh rato- : SK rati- : Kp raʔti- : Mar -- : Ch rati- : Kax (tʃakitaya [tʃakitaʃa] ‘ter medo’ (LANES, 2005)) : Yam rati ‘temer’ : Chan rati- : Shar ratii, ratia ‘temer, tener miedo, asustarse’ : Shan -- : Kat raki-ti : Poy -- : A rati- I : Kn dati- : M ráti- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My dakto ‘asustar (por jaguar [tigre], víbora, trueno, alguien haciendo una broma pesada, etc.)’.

Na etimologia 65, o reflexo de **i* em Kashinawá é *i* e nas demais línguas *í*.

/ .C_ C

Ksh i : SK i : Kp i : Mar i : Ch i : Yam i : Shar i : A i : Kn i : M i

65. **baʃiʃi*- ‘cochichar’ : Ksh *baʃiʃ*- : SK *baʃiʃ* : Kp *baʃiʃi* ‘cuchichear’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch *baʃiʃ*- ‘chuchichear’ : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar *faʃiʃii*, *faʃiʃia* : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *βāxix*-ʔi ‘cuchichear’, *wāxix*- II : Kn *baʃiʃ*- : M *faʃiʃi* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Nas etimologias 65, 255, e 313, há reflexos que envolvem a queda da vogal **i* em algumas línguas. Em 65, o reflexo é \emptyset em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Chákobo, Amawáka e Kaxináwa, é *i* em Kapanáwa e *ɨ* em Marináwa e Sharanáwa.

/ _#

Ksh \emptyset : SK \emptyset : Kp i : Ch \emptyset : Shar i : A \emptyset : Kn \emptyset : M i

65. **baʃiʃi*- ‘cochichar’ : Ksh *baʃiʃ*- : SK *baʃiʃ* : Kp *baʃiʃi* ‘cuchichear’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch *baʃiʃ*- ‘chuchichear’ : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar *faʃiʃii*, *faʃiʃia* : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *βāxix*-ʔi ‘cuchichear’, *wāxix*- II : Kn *baʃiʃ*- : M *faʃiʃi* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Em 255, apenas Marináwa, Marúbo, Yawanawá e Sharanáwa apresentam o reflexo *ɨ*; em Kaxararí e Chákobo o reflexo de **i* é *a* e em Shanenáwa o reflexo é *i*, nas demais línguas o reflexo de **i* é \emptyset .

Ksh \emptyset : SK \emptyset : Kp \emptyset : Mar i : Ch a : Kax a : Shar i : Shan i : A \emptyset : Kn \emptyset : M i : Yaw i : Mt \emptyset

255. **nak^waʃi* ‘cupim’ : Ksh *nak^waʃ* ‘comején, esp. de hormiga blanca’ (SHELL, 1987) : SK *nakáʃ* : Kp *nakáʃ* : Mar *na'kaʃi* ‘cupim’ : Ch *nakaʃa* ‘la termita, el turiro’ (ZINGG, 1998) : Kax *nakaʃa* ‘cupim’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar *nakaʃi*, *nakaʃin* ‘comején’ : Shan *nakaʃi* ‘cupim’ : Kat -- : Poy -- : A *nakax* I ‘comején’ (HYDE, 1980) : Kn *nakaʃ*; M *nakaʃi* : Yaw *nakaʃin* ‘cupim’ : Ko -- : Mt *nakaʃ* ‘cupim’ : My --.

Na etimologia 313, a reconstrução de *ɨ* é feita a partir do reflexo de Kashíbo e houve queda da vogal nas demais línguas. A vogal ocorre nasalizada em Kashíbo, mas provavelmente ocorreu primeiro a queda a vogal final. Em um segundo momento, teria

ocorrido a queda da consoante nasal, que deixou como vestígio a nasalidade da vogal. Esta queda de consoante nasal em margem direita é bastante regular, como visto anteriormente.

/ CV_.n

Ksh ỹ : SK ̃ : Mar ̃ : A ̃ : Yam ̃ : Kat ̃ : Kn ̃ : M ̃ : Yaw ̃ : My ̃

313. *pai[n]o ‘esp. de tatu’ : Ksh paĩ : SK pano : Kp -- : Mar pano yoĩ ‘espectro do tatu canastra’ (yoĩ ‘espectro, fantasma’) : Ch -- : Kax -- : Yam panoφã ‘esp. de armadillo’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat panu ‘tatu canastra’ : Poy -- : Yaw panu ‘tatu canastra’ : A pano I : Kn panu yaij : M pano : Ko -- : Mt -- : My panu [pa'nu] ‘armadillo gigante’.

Apenas na etimologia 363, os reflexos de **ĩ* ocorrem em fronteira de morfema. Nesse caso, o reflexo de **ĩ* é *ĩ* em quase todas as línguas, mas é *u* em Shanenáwa e *ã* em Poyanáwa.

/ #C_+

Ksh ĩ : SK ĩ : Kp ĩ : Mar ĩ : Ch ĩ : Kax ĩ : Yam ĩ : Chan ĩ : Shar ĩ : Shan u : Kat ĩ : Poy ã : A ĩ : Kn ĩ : M ĩ : Yaw ĩ : Ko ĩ : Mt ĩ : My ĩ

363. **ĩ*+kini ‘buraco do nariz, narina’ : Ksh rĩkĩ̃ : SK rĩkĩ̃ : Kp rĩkín : Mar rĩkĩ̃ [rĩkĩ̃] ‘nariz’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch rĩşakí ‘nariz’, rĩkĩni ‘fosa nasal’ : Kax [tʃĩkəni] ‘nariz’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam (rĩtʃoko, rĩtʃokonõ ‘nariz’) : Chan (rĩtʃoko) : Shar (rĩtʃoko, rĩtʃokonin ‘nariz’) : Shan rĩkin ‘nariz’ : Kat rĩkin [rĩkĩ̃] ‘nariz’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy rĩkĩ̃ ‘nariz’ : A rĩkĩ̃ I : Kn dĩkĩ̃ ‘nariz’ (dĩtʃuku ‘hócico’) : M (rĩtʃoko ‘nariz’) : Yaw rĩkin ‘nariz’ : Ko (ĩios ‘nariz’) : Mt dĩşin ‘nariz’, dĩşin kini ‘narina’ : My (dĩbiate ‘nariz, pico (de ave), punta, extremo’).

Os reflexos de **ĩ* em sílaba final de palavra, quando seguido de uma consoante nasal são bastante diversos. De modo geral, o reflexo é *ĩ̃* ou *ĩn*, mas é *ĩ*, sem nasalidade, em Chácobo. Como os reflexos são muito diversos, notamos apenas que há alguns poucos reflexos *an* em Yawanawá, Shanenáwa e Katukína, e também o reflexo *in* ou *i* em Katukína, em dois exemplos.

/ ._n#

Ksh ɿ̃ : SK ɿ̃ : Kp in : Mar i : Ch i : Yam i : Shar in : Shan an : Kat in : A ɿ̃ : Kn ɿ̃ : M ɿ̃ : Yaw an

3. *ʔami[n] ‘capivara’ : Ksh ʔa'mĩ̃ : SK ʔa'mĩ̃ : Kp ʔa'min : Mar ami (MNTB-LOOS, s.d.) : Ch amino, ami ‘la capyguara’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar amin : Shan aman : Kat amin : Poy -- : A ʔamin (HYDE, 1980) : Kn amĩ̃ : M 'amĩ̃ : ʔamino ‘capibara’ : Yaw aman : Ko -- : Mt -- : My -.

SK ɿ̃ : Kp in : Mar ɿ̃ : Ch i : Kat an

476. *waşmi[n] ‘algodão’: Ksh : SK waşmĩ̃ : Kp waşmín : Mar waşmĩ̃ (CESARINO, 2008), ‘wafma (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch waşmíni, waşmi ‘algodón’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat wafiman : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko (wafmin ‘nome de mulher’) : Mt -- : My --.

Ksh ɿ̃ : SK ɿ̃ : Kp in : Ch i : Yam i : Shar i : Kat in : A ɿ̃ : Kn ɿ̃ : M ɿ̃ : My i

308. *paʔin- ‘embebedar-se, bêbado, embriagado’: Ksh pãĩ̃ : SK pãĩ̃- : Kp paʔin- : Mar pai ‘droga, veneno’ : Ch paʔi- : Kax -- : Yam pai ‘venenosa’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar pai, pain ‘dolor, gripe’, paian ‘borracho’ : Shan -- : Kat pain-ki ‘gripe’ : Poy -- : A pãĩ̃- II : Kn pai-inkiki (pãĩ̃) ‘emborracharse, estar borracho por haber tomado ayahuasca’ (MONTAG, 1981), pai ‘veneno, venenoso, borracho’ (MONTAG, 1981), pãĩ̃- : M pãĩ̃- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My pai [paĩ̃] ‘fuerte (por ejemplo, picante, fermentado, contenido con mucho alcohol), potente (tabaco que hace marear, veneno mortal, animal muy venenoso), doloroso, fermentarse’.

Ksh ɿ̃ : SK ɿ̃ : Shan an : Kat i : A ɿ̃ : M ɿ̃ : Ko in : Mt in : My in

344. *posi[n] ‘esp. de preguiça’ : Ksh poşĩ̃ : SK pōşĩ̃ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan pusan [pu'sɿ̃] : Kat punsi : Poy -- : A poşĩ̃ I : Kn -- : M pōşĩ̃ : Yaw -- : Ko pusin ‘esp. de preguiça’ : Mt pusin ‘preguiça real’ : My posin ‘peresozo de dos dedos’.

Ksh ɿ̃ : SK ɿ̃ : Kp in : Ch i : A ɿ̃ : Kn Ø : M ɿ̃

151. *k^wĩĩ- ‘desejar’ : Ksh k^wĩĩ ‘desear’ : SK kĩĩ : Kp kĩĩn- : Mar -- : Ch kii- ‘desear’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy - : A kĩĩ- I : Kn kĩĩ- ‘agradar, complacer’, ki wa ‘alabar’, kimu ‘codiciar, desear’ : M kĩĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh ĩĩ : SK ĩĩ Kp in : Mar ĩĩ : Shar ĩ : A ĩĩ : M ĩ : Mt in

225. *masi[n] ‘esp. de cabaça’ : Ksh masĩ : SK masĩ : Kp maşin : Mar mã’sĩ ‘cabaça’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar masi, masin ‘calabaza’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mã’sĩ : Kn -- : M má’si : Yaw -- : Ko -- : Mt masin ‘tipo de flauta’ : My --.

As etimologias 240 e 86 apresentam reflexos de *ĩ em sílaba fechada final de palavra, cuja consoante em margem direita de sílaba era *r e *m, respectivamente, na protolíngua.

/_r#

Ksh ĩĩ : SK ĩĩ : Kp in : Ch ĩ : Kax ĩ : Yam ĩĩ : Chan ĩ : Shar ĩ : A ĩĩ : Kn ĩĩ : M ĩ : Mt in

240. *mikir ‘mão’ : Ksh mikĩ : SK mikĩ : Kp mikĩn : Mar -- : Ch mikĩni, miki (ZINGG, 1998) : Kax miki’li (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mikĩ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan miki : Shar miki, mikin ‘mano’ : Shan - : Kat -- : Poy -- : A mikĩ I : Kn mikĩ : M míki : Yaw -- : Ko -- : Mt mikin : My --.

/_m#

Ksh ĩĩ : SK ĩĩ : Kp in : Ch ĩ : A ĩĩ : Kn ĩĩ : M ĩĩ : Shar in : Ko in : Mt in

86. *βitĩm ‘sopa, caldo’ : Ksh βitĩ ‘cocinar carne en agua’ : SK βitĩ ‘guiso de pescado’ : Kp βitĩn ‘sopa’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch βitĩmi ‘alimento’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φitĩn ‘sopa’ : Shan -- : Kat (yuntu ‘sopa de peixe’) : Poy -- : A witĩ II ‘bebida hecha de maíz dulce’ : Kn bitĩ ‘sopa que contiene carne’ : M φitĩ ‘sopa que contiene carne’ : Yaw -- : Ko βitĩn ‘sopa, caldo, mingau’ : Mt bitĩn ‘sopa’ : My --.

Por fim, nas etimologias 275, 81 e 380, há *e* como reflexo de **í* em Mayorúna. Na etimologia 275, postulamos um proto **í* por nos parecer mais natural a mudança **í > u*, que explica o reflexo em Shanenáwa. Nas etimologias 81 e 380, todas as demais línguas apresentam *í* e apenas Mayorúna apresenta *e* como reflexo.

Ksh *i* : SK *i* : Kn *i* : Ch *i* : Shar *i* : Shan *u* : Kat *i* : A *ĩ* : Kn *i* : M *ĩ* : Yaw *i* : My *e*

275. **[n]iβiC_c* ‘brisa’ : Ksh *niβí* : SK *niβí* : Kn *nibi* : Mar -- : Ch *ni'bi*, *ni'bitʃi* ‘rocío’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *niwi*, *niwin* ‘viento’ : Shan *nifu* ‘vento’ : Kat *niwi* ‘vento’ : Poy -- : A *niwĩ I* : Kn *niwi* ‘viento, aire, brisa’ (MONTAG, 1981) : M *níϕĩ* : Yaw *niui* ‘vento’ : Ko -- : Mt -- : My *nibed* [*ni'bed*].

Ksh *i* : SK *i* : Kp *i* : Mar *i* : Ch *i* : Kax *i* : Yam *i* : Shar *i* : A *i* : Kn *i* : M *i* : Kat *i* : My *e*

81. ***βisti-* ‘cortar’ : Ksh *βistí* : SK *βistí* : Kp *βisti*-kin ‘cortar el pelo en forma de flequillo’ : Mar -- : Ch *βistikí-* ‘cortar el pelo por la frente’ : Kax *bustiatu* ‘cortou’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *miṣti* ‘cortar la mano’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar *ϕistii*, *ϕistia* ‘cortar el cerquillo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *wistii-* : Kn *bisti-* : M *ϕisti-* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My *biṣte* ‘cortar el racimo de una palmera’.

380. **sawíC_c-* ‘vestir roupa’: Ksh (*saí-ti* ‘esconderse, andar en un solo sitio dejando pisadas’ (SHELL, 1987)) : SK *sawí-* : Kp *sawí* : Mar *sawí* ‘vestir’ (CESARINO, 2008) : Ch *sawí* ‘vestir, ponerse ropas’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *sawii*, *sawia* ‘vestir, poner ropa’ : Shan -- : Kat *sawí* : Poy -- : A *saí-* ‘ponerse ropa’ : Kn *sawí-* : M *sáwí* ‘gente que usa ropa’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My *saued* [*sa.'wed*] ‘meter varias cosas’.

3.3.1.3 **a* vogal central baixa não arredondada oral

O reflexo regular da vogal central baixa não arredondada oral **a*, em todas as línguas, é *a*. Os reflexos ocorrem em sílaba inicial, medial e final de palavra, em sílabas abertas e fechadas e também em sequências vocálicas.

/ #C_

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Kax a : Yam a : Chan a : Shar a : Shan a : Kat a : Poy a : A a : Kn a : M a : Yaw a : ko a : Mt a : My a

2. *ʔatsa ‘macaxeira, mandioca’ : Ksh ʔatsa : SK ʔatsa ‘yuca’ : Kp ʔatsa ‘yuca’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar atsa : Ch ʔatsa ‘yuca’ : Kax -- : Yam --, Chan atsa, -- : Shar -- : Shan atsa : Kat atsa : Poy atsa : A ʔatsa (CHÁVEZ, 2012), Atsa I : Kn atsa : M atsa (palabra usada solo por algunos de los ancianos) : Yaw atsa : Ko Atsa ‘nome próprio’ : Mt Atsa ‘mandioca’ : My --.
55. *hawin ‘seu, sua, dele, dela’ : Ksh (Ksh aĩ) : SK hawĩ : Kp hawín : Mar awi rikĩ ‘seu nariz’, awã ʂoβo [awã ʂofu] ‘sua casa’ (KENNEL JR., 1978) : Ch hawi ‘su (sing.)’ : Kax hawa ‘dele, é dele’ : Yam aϕĩ su (de él, de ella) : Chan -- : Shar awin ‘pronome possessivo: su, de él, de ella’ : Shan awin ‘dele, dela’ : Kat hawin ‘sua, possessivo’ : Poy -- : A -- : Kn hawĩ : ‘su, de él de ella, de ello’ : M -- : Yaw auan ‘3ª pessoa singular possessivo’ : Ko awin ‘dele’ : Mt awin ‘dele’ : My --.

Outros exemplos: 1, 2, 3, 7, 9, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 111, 118, 120, 123, 124, 148,¹⁷⁸ 161,¹⁷⁹ 162,¹⁸⁰ 163, 165,¹⁸¹ 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 203, 204,¹⁸² 205,¹⁸³ 206,¹⁸⁴ 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 232,¹⁸⁵ 233, 234, 235, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 267, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 323, 324, 349, 350,¹⁸⁶ 351, 352, 353, 355, 356, 357, 376, 377, 378, 380, 383, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 492, 494,¹⁸⁷ 495, 496,¹⁸⁸ 499.

¹⁷⁸ Os reflexos de Amawáka, Kaxinawá e Marináwa são nasalizados, possivelmente, pela consoante nasal em final de palavra.

¹⁷⁹ O cognato de Matis, de fato, só se refere a *ka-*.

¹⁸⁰ As formas que indicamos como possíveis cognatos de Mayoruna, Matis e Korúbo nos fazem pensar que poderia haver um *n* em meio de palavra, mas que se perdeu na maioria das línguas. Outro fato em favor é o reflexo de Kashibo, que poderia ser *e*, caso as vogais estivessem contíguas.

¹⁸¹ Há nasalidade no reflexo de Kaxararí, o que se deve a contiguidade da consoante nasal.

¹⁸² Em Amawáka e Marináwa os reflexos de **a* são nasalizados devido ao reflexo nasalizado da vogal contígua.

¹⁸³ Marúbo apresenta nasalidade na vogal.

¹⁸⁴ Yamináwa apresenta nasalidade na vogal.

¹⁸⁵ Apenas a sílaba mais à esquerda é comparada nestes exemplos.

¹⁸⁶ O reflexo de Kashibo é \emptyset .

¹⁸⁷ Em Korúbo e Matis, a vogal **a* foi apagada e a aproximante ressilabificada.

¹⁸⁸ O cognato em Kashibo parece se constituído de mais de um morfema.

/_#

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Kax a : Yam a : Chan a : Shan a : Kat a : Poy a
A a : Kn a : M a : Yaw a : Ko a : Mt a : My a

2. **?atsa ‘macaxeira, mandioca’ : Ksh ?atsa : SK ?atsa ‘yuca’ : Kp ?atsa ‘yuca’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar atsa : Ch ?atsa ‘yuca’ : Kax -- : Yam --, Chan atsa, -- : Shar -- : Shan atsa : Kat atsa : Poy atsa : A ?atsa (CHÁVEZ, 2012), Atsa I : Kn atsa : M atsa (palabra usada solo por algunos de los ancianos) : Yaw atsa : Ko Atsa ‘nome próprio’ : Mt Atsa ‘mandioca’ : My --.
47. *hana ‘língua’ : Ksh ana : SK hana : Kp hana : Mar ‘ana ‘boca’ (CESARINO, 2008) : Ch ‘hana ‘la boca, la lengua’ (ZINGG, 1998) : Kax ha’na (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam ana : Chan ada ‘lengua’ : Shar ana : Shan ana ‘língua’ : Kat ana : Poy ãda ‘língua’ : A ‘hana ‘lengua’ : Kn hana : M ana : Yaw ana : Ko ana : Mt ana : My --.

Outros exemplos: 2, 16, 19, 41, 45, 47, 62, 66, 93, 105, 107, 111, 119, 130, 139, 142,¹⁸⁹ 167, 170,¹⁹⁰ 190, 195, 214, 233, 235, 237, 242, 249, 250, 254, 256, 263, 265, 266, 269, 277, 290, 295, 297, 307, 311, 320, 323, 331, 333, 334, 339, 346, 349, 356, 357, 376, 381,¹⁹¹ 383, 394, 396, 405, 410, 414, 417, 422, 425, 429, 435, 438, 439, 445, 450, 451, 459, 463, 468, 472, 482, 483, 492, 496,¹⁹² 501, 505, 506, 509, 512.

/+_

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Kax a : Yam a : Shar a : Shan a : Kat a : Poy a :
A a : Kn a : M a : Yaw a : Ko a : Mt a

493. **[-ya]ma ‘sufixo negativo’ : Ksh -ma : SK -yama : Kp yama : Mar -ma, -ama ‘negativo’ (KENNEL JR., 1978) : Ch -yama : Kax -ma, ma?a (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam maa ‘no’, -ma ‘negación’ (FAUST; LOOS, 2002), -yama ‘negativo prohibitivo’ : Chan -- : Shar -ma ‘no’, -yama ‘imperativo negativo, prohibición’ : Shan -ma ‘negação geral’, -yama ‘negação de imperativo’ : Kat yama ‘não ter, negativo’, ma ‘não’ : Poy ba ‘assertiva negativa’ : A -yama : Kn -ma, -yama : M -ma : Yaw -ma ‘negação’ : Ko -ma ‘negação passado’ (-men ‘negação não passado’) : Mt -

¹⁸⁹ Os dados de Korúbo e Mayorúna podem ser resultantes de *ina+kwente*, o que explicaria a queda de *a*.

¹⁹⁰ O reflexo de Amawaka é nasalizado.

¹⁹¹ Em Mayorúna e Matís, há uma consoante nasal final que não ocorre nas demais línguas.

¹⁹² A correspondência irregular em Kashíbo justifica-se por um acréscimo de morfema no final da palavra.

ama ‘marca de negação passado’ (-emen ‘morfema de negação para tempo não passado’) : My --.

/ C_C#

Ksh a : SK a : Kp a : Ch a : Kax a : Yam a : Chan a : Shar a : Shan a : Kat a : A a : Kn a : M a : Yaw a : My a

*ʔisto- ‘correr’ : Ksh ʔistó ‘rapidamente’ : SK ʔifto- ‘rápido, veloz’ : Kp ʔifto- ‘correr, apurarse, irse apurado’ (LOOS; LOOS, 1998) ʔisto- ‘correr’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam itfo- ‘correr’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan itfoi : Shar itfoi, itfoa ‘huir, correr’ : Shan itfu ‘correr’ : Kat -- : A -- : Poy -- : Kn iftju ‘saltar’ : M itfo- ‘correr’ : Yaw itfu- : Ko -- : Mt -- : My --.

Outros exemplos: 16, 20, 44, 46, 72, 109, 123, 168, 223, 227, 229, 327, 391, 395, 437.

As etimologias 255, 461 e 434 ilustram os reflexos de **a* em sílaba medial de palavra. Em 434, Marináwa, Yamináwa e Sharanáwa têm *o* como reflexo de **a*, enquanto as demais línguas apresentam o reflexo *a*.

/ .C_.CV

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Kax a : Yam a : Shar a : Shan a : Ch a : A a : Kn a : M a : Yaw a : Mt a

255. *nak^waʃi ‘cupim’ : Ksh nak^wáʃ ‘comején, esp. de hormiga blanca’ (SHELL, 1987) : SK nakáʃ : Kp nakáʃ : Mar na'kaʃi ‘cupim’ : Ch nakaʃa ‘la termita, el turiro’ (ZINGG, 1998) : Kax nakaʃa ‘cupim’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar nakaʃi, nakaʃin ‘comején’ : Shan nakaʃi ‘cupim’ : Kat -- : Poy -- : A nakax I ‘comején’ (HYDE, 1980) : Kn nakaʃ; M nákaʃi : Yaw nakaʃin ‘cupim’ : Ko -- : Mt nakaʃ ‘cupim’ : My --.

461. *toʔati ‘coador’ : Ksh toati : SK toati : Kp toʔati : Mar -- : Ch toʔatí : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar toati, toatin ‘cedazo, tamiz’ : Shan tuanti ‘remo’ : Kat -- : Poy -- : A toʔati II : Kn tati : M -- : Yaw tuati ‘coador’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh a : SK a : Kp a : Ch a : Yam o : Shar o : Shan a : A a : Kn a : M o : Yaw a
 434. *şõtako ‘menina, moça’ : Ksh şõtako : SK şõtako : Kp şontako : Mar -- : Ch şotako ‘la muchacha’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam şotoφaki, şotoφakĩ, şotokoφaki, şotokoφakĩ ‘mujer’ : Chan -- : Shar şotokoφaki, şotokoφakin ‘niña’ : Shan şutaki faki ‘moça’ : Kat -- : Poy -- : A xõtako II ‘mujer joven’ : Kn (şuta ‘tocayo’ (MONTAG, 1980)) : M şótoko : Yaw futaku βaki ‘menina’ : Ko -- : Mt (buntak ‘jovem, rapaz’) : My (buntak [bun.tak] ‘mujer joven’).

A etimologia 268 apresenta os reflexos de **a*, seguindo vogal em final de palavra.

/ CV_

Ksh a : SK a : Kp a : Ch a : Mar a : Shar a : Kat a : A a : Kn a : M a : Yaw a : Mt a
 268. *[n]ia ‘jacamim (esp. de pássaro)’ : Ksh nia : SK nia : Kp nia : Mar nia ‘jacamim’ (CESARINO, 2008) : Ch ‘nia ‘yacamí’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar nia, nian ‘trompetero (esp. de ave)’ : Shan -- : Kat nia [ne’a?] ‘jacamim’ : Poy -- : A nia I : Kn nia : M nia : Yaw nia [n̄’a] (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt nia ‘tipo de pássaro’ : My --.

Na etimologia 119, Kashíbo, Kapanáwa, Amawáka, Kaxinawá e Katukína têm *a* como reflexo de **a* e Matís e Mayorúna têm o reflexo *o*. Não há motivação aparente para a mudança. Notamos, contudo, que Matís e Mayorúna apresentam um sistema de 6 vogais e há oposição entre /o/ e /u/.

Ksh a : SK a : Kp a : Kat a : A a : Kn a : Mt o : My o

119. *tşaka- ‘amassar, bater, golpear’ : Ksh tşaka- : SK tşaka- : Kp tşaka- : Mar -- : Ch tşaka- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat tşaka-ki ‘amassar’ : Poy -- : A tşaka- : Kn tşaka- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt tşokakin ‘pilar’ : My tşokka [tşo^k.ka] ‘agitar, haciendolo sonar’.

Em 110, o reflexo de **a* em Kashíbo é *ɔ* e houve uma mudança das vogais **o* e **a* após a queda da consoante oclusiva glotal. Observamos, segundo Shell (1975 [1965]), que Kashíbo possui oposição entre /ɔ/ e /o/.¹⁹³ Na etimologia 490, o reflexo também é *ɔ*, mas não há uma motivação aparente para a mudança.

¹⁹³ Segundo Zariquiey, a oposição seria /o/ : /u/.

/_ʔo

Ksh ɔ : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Yam a : Chan a : Shar a : Shan a : A a : Kn a :
M a : Yaw a : Ko a : Mt a : My a

110. **tsaʔo[t]- ‘sentar (sentar-se)’ : Ksh tsoot ‘live’ (ZARIQUIEY, 2011), tsɔɔ :
SK **tsaóti**, **tsaóta** ‘ponerse de coclillas’ (LORIENT; LAURIAULT; DAY,
1993) : Kp tsaʔó- ‘sentado, asentado’ **tsaʔo**-ti ‘sentarse’ : Mar tsao- ‘sentar’
(CESARINO, 2008) : Ch tsaʔo- ‘sentarse’ : Kax -- : Yam tsao (FAUST;
LOOS, 2002) : Chan tsao- : Shar tsaoui, tsaóa ‘sentarse’ : Shan tsaw ‘sentar’ :
Kat -- : Poy -- : A tsaʔo- II, (tsaʔoo-ʔi ‘sentarse’ (HYDE, 1980)) : Kn tsau-
‘sentarse’, tsaua ‘sentado’ : M tsáo- : Yaw tsau ‘sentar’ : Ko tsat : Mt tsad :
My tsad ‘sentarse’.

490. *-ya ‘com, em posse de’: Ksh ɲo, (Ksh -ño) : SK -ya : Kp -ya : Mar -ya
‘formativo de nomes e adjetivos’ (COSTA, 1992) : Ch ya- ‘con’ (ZINGG,
1998) : Kax -- : Yam -ya ‘con, complemento de asociación’ : Chan -- : Shar
-ya ‘con, por’ : Shan -- : Kat (ya ‘ter’) : Poy -- : A ya I : Kn -ya : M -ya :
Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Nas etimologias 8, 68, 265, 266, 402, 451 e 498, o reflexo de Kashíbo é ɔ. Nesses casos, tanto a vogal que precedia quanto a vogal que seguia *w teriam se mudado em ɔ (cf. SHELL, 1975 [1965]). Postulamos que *a possuía um alofone mais alto e mais posterior, quando seguido ou precedido de *w e, em alguns casos também, de *o, na protolíngua. Após a queda de w, em meio de palavra, esses alofones se mantiveram e criaram contraste com outros segmentos da língua. Shell (1975 [1965]) sugere que a mudança *a > ɔ ocorreu após a queda da consoante glotal entre vogais, o que nos parece correto, uma vez que, na etimologia 110, *tsaʔot, é possível que tenha ocorrido a seguinte mudança: *tsaʔot > tsaot > tsɔɔt. A mudança *a > ɔ também ocorreu na etimologia 398. *sao. Notemos também que a vogal posterior poderia ser alta na protolíngua e é descrita como alta em Kashíbo. Ademais, do ponto de vista fonético, uma aproximante bilabial [w] e uma vogal posterior alta [u] são bastante semelhantes.

/_.w

Ksh ɔ : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Kax a : Yam a : Shar a : Shan a : Kat a : Poy a :
A a : Kn a : M a : Yaw a : Ko a : Mt a : My a

8. *ʔawaɾ ‘anta’ : Ksh ʔɔ'ɔ : SK ʔa'wa ‘tapir’, ʔawarã piti ‘comida de tapir’ (nombre de planta) : Kp ʔa'wa; Mar awa : Ch ʔáwara ‘tapir’, awá (ZINGG, 1998) : Kax [awa'tʃa] : Yam aɸa (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar awa, **awa**-pan : Shan awa : Kat awa [aw'a] (BARROS, 1987) : Poy awa : A ʔáá (HYDE, 1980), áá I : Kn awa : M áwa : Yaw aua : Ko awat : Mt awad : My awad.
68. *βawa ‘papagaio’ : Ksh βɔɔ : SK βawa : Kp βawa : Mar vawa ‘papagaio’ : Ch βawa ‘clase de loro’ : Kax ba'wa : Shan fafa : Kat βawa ‘papagaio’ : Yam ɸaɸa : Chan -- : Shar ɸawa, ɸawan ‘loro’ : Poy βawa : A βáá, waa II : Kn bawa : M ɸáwá : Yaw -- : Ko βawa : Mt bawa ‘papagaio’ : My --.
265. *[n]awa ‘estrangeiro’ : Ksh nɔɔ ‘enemigo, extraño’ : SK nawa ‘forastero, bárbaro, extranjero’ : Kp nawa ‘extranjero, salvaje’ : Mar nawa ‘estrangeiro’ (CESARINO, 2008) : Ch : Kax -- : Yam -- : Chan dawa ‘mestizo’ : Shar nawa ‘extranjero, mestizo’ : Shan nawa ‘homem branco’ : Kat -- : Poy dawa ‘estrangeiro, civilizado’ : A naa I ‘gente que usa ropa’ : Kn nawa ‘gente, extranjero, extraño’ : M nawa : Yaw naua ‘branco’, nawa ‘povo’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt nawa ‘não índio’ : My -- : ‘gente que no es aborigen’.
402. *ɕawar ‘esp. de arara’ : Ksh ɕɔ̃ (ɕón ‘guacamayo’ (SHELL, 1987)) : SK ɕawã : Kp ɕawán : Mar 'jawã ‘arara’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ɕawáni : Kax jawali [jawa'li] ‘arara vermelha e canindé’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat jawan ‘arara’ : Poy -- : A xãã II : Kn ɕawã : M ɕãwã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
451. *tawa ‘taboca utilizada para fazer flechas’ : Ksh tɔɔ (to ‘caña brava’ (SHELL, 1987)) : SK tawa : Kp tawa : Mar tawa ‘flecha’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch tawa ‘mango de flecha’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tawa, tawan ‘caña de azúcar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A táá I : Kn tawa : M ɸakátáwa ‘clase de caña o bambú’ : Yaw -- : Ko tawa ‘flecha, taboca usada para fazer flecha’ : Mt tawa ‘taboca, flecha’ : My taua ‘tipo de caña usada para hacer flechas (palabra antigua). C.L. *caña brava*. Lat. *Gyneryum sagittatum* (Fam. Graminae)’.

498. *yawa ‘esp. de queixada (porco do mato)’ : Ksh ñɔɔ (no ‘huangana, pecarí’ (SHELL, 1987)) : SK yawa : Kp yawa : Mar ‘yawa ‘queixada’ : Ch yawa : Kax -- : Yam -- : Chan yawa ‘chancho’ : Shar yawa, yawan ‘huangana, jabalí’ : Shan -- : Kat yawa ‘queixada’ : Poy iawa : A yaa II : Kn yawa : M yáwá : Yaw iaua [ja.wa] ‘queixada’ : Ko -- : Mt tɟawa ‘queixada, bando de queixada’ : My --.

Outra possível inovação em Kashíbo considerada por Shell (1975 [1965]) é a mudança *ai, *ay > e. Shell (op. cit.) considera os dados abaixo:

Ksh e : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Kax a : Yam a : Chan a : Shar a : Shan a : Kat a : Yaw A a : Kn a : M a : a : Poy a

10. *ʔaya-: Ksh ʔee- ‘tragar’, ʔe-ti ‘tragar’ (SHELL, 1987) : SK -- : Kp ʔaʔ-kin ‘tomar, beber’ (LOOS; LOOS, 1998) : Ch a-kaina (ZINGG, 1998) : A ʔáya-kin ‘tomar, beber’ (HYDE, 1980), aya- II : Kn aya- ‘beber mucho’ : M áyá- ‘beber, tragar’ : Mar a-kĩ (CESARINO, 2008) : (Kat akai ‘tomar’) : Shan aya : Yaw aia : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan **aya-i** : Shar **aya-i** : (Ko ak-) : (Mt **ak**-kin ‘beber’) : (My ak ‘beber’).
208. *mai ‘terra’ : Ksh mee (me ‘earth’ (ZARIQUIEY, 2011)) : SK mai : Kp mai : Mar Mai ‘terra’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch mai : Kax maʔwi ‘terra’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mai ‘tierra’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan bai : Shar mai, main ‘país, región, terreno, tierra’ : Shan mai ‘terra’ : Kat mai ‘terra’ : Poy bay ‘terra’ : A maí I : Kn mai : M mai : Yaw mai ‘terra’ : Ko -- : Mt -- : My --.
209. *mai[n] ‘na terra, por terra’ : Ksh meé : SK maĩ¹⁹⁴ : Kp maín : Mar maĩ [maĩ] ‘na terra, no chão’ (COSTA, 1992) : Ch mai ‘por tierra’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A maĩ : Kn maĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
241. *míkiri k^waya ‘mão direita’ : Ksh míkĩk^we o mĩk^we : SK¹⁹⁵ mĩkayao : Kp **mĩkaya**ʔo ‘a la derecha, a la mano derecha, en el lado derecho’ : Mar -- : Ch

¹⁹⁴ “Aquí la parte signicante es el morfema de nasalización para ‘medio o instrumento’ (también para Referencia Transitiva, ver el Capítulo 4).” (SHELL, op. cit.)

¹⁹⁵ “/-o/ del SC sufijo locativo ‘hacia’ [...]” (SHELL, op. cit.)

minikaya : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A --
 : Kn kayatapia ‘derecha, mano derecha’ : M káyakaφi ‘derecha, mano
 derecha, correcto’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Shell (op. cit.) nota, entretanto, que esta mudança só ocorreria quando as duas vogais estivessem na mesma sílaba, uma vez que há também sequências **ai* que não resultaram em *e*, como vemos nas etimologias 59 e 253.

/_i

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Kax a : Yam a : Chan a : Shar a : Shan a : Kat a
 : A a : Kn a : M a : Yaw a : Ko a

59. ****βai**[C] ‘roçado’ : Ksh βai ‘corriente’ : SK βai ‘trocha, carretera, corriente’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993), βai : Kp -- : Mar vai [βai] ‘caminho’, wai ‘roçado, plantação’ : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A βai ‘chacra’ (HYDE, 1980) : Kn bai ‘campo, jardín, trocha, corriente’ : M φai ‘creciente del río’ : Yaw -- : Ko **βain** : Mt -- : My --.
253. ***naiɾ** ‘céu’ : Ksh nai : SK nai : Kp nai : Mar ‘nai (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch naipa, nai ‘cielo’ (ZINGG, 1998), naípa : Kax naitʃi [naiʔʃi] (LANES, 2005) : Yam nai, naĩ ‘cielo’ (EAKEN, 2008) : Chan dai : Shar nai, nain : Shan nai : Kat nai : Poy -- : A nai I : Kn nai : M nai : Yaw nai : Ko -- : Mt -- : My --.

Note-se também que a mudança **ai* > *e* teria ocorrido antes da queda da consoante oclusiva glotal ʔ e da queda da consoante aproximante bilabial [w], pois, em Kashíbo, mesmo com a queda das duas consoantes, mantém-se a sequência *ai*.

/_i_

Ch a : Kax e : Yam a : Shar a : Kat a : A a : Kn a : M a

336. ***pistia** ‘pequeno’ : Ksh -- : SK : Kp (piʃká ‘pequeño’) : Mar -- : Ch pistia ‘pequeño’ : Kax piste [pistɛ] (COUTO, 2005) : Yam piʃta ‘pequeño, poco’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar φakiʃta ‘pequeño, chico’ : Shan -- : Kat piʃtʃa ‘pequeno’ : Poy -- : A piʃta II ‘pequeño’ : Kn -piʃta ‘diminutivo’ (por

ejemplo, bakipíjta ‘niño pequeño’ : M fákijtá ‘niño pequeño’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My pistsik [‘pis.tsik] ‘pequeno, chico, poco’.

Em 336 acima, Kaxararí apresenta um reflexo *e*, mas que ocorre como reflexo da sequência *ia*. Couto (2005) descreve uma regra fonológica em que algumas sequências /ia/ e /ai/ em Kaxararí teriam resultado em [e]. Da mesma forma, Fleck (2003) descreve alofonias sincrônicas entre *ai* e *ε*, como vimos no capítulo anterior.

Nas etimologias 13 e 328, notamos que a vogal **a* antecedida de *i* tem *a* como reflexo em todas as línguas.

/i_

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Kax a : Chan a : Shar a : Shan a : Kat a : Poy a : A a : Kn a : M a : Yaw a : Ko a : Mt a : My a

13. *ʔia ‘piolho’ : Ksh ʔia ‘piojo’ : SK ʔia ‘piojo’ : Kp ʔia ‘pulga’ : Mar ‘ia ‘piolho’ (COSTA, 1992) : Ch ʔia ‘piojo’ : Kax iʔya (LANES, 2005; COUTO, 2005) : Yam -- : Chan ia : Shar ia : Shan ia : Kat ia : Poy ia : A ʔíya (HYDE, 1980), iyá I ‘piojo’ : Kn ia ‘piojo, pulga’ : M ia ‘piojo, pulga’ : Yaw ia : Ko -- : Mt tʃa ‘piolho’ : My --.
328. *pia ‘flecha’ : Ksh pia ‘flecha’ : SK pia ‘flecha’ : Kp piʔa ‘arco’ (posiblemente de *pia ‘flecha’ + *ʔa- ‘hacer’, juego 1) : Mar -- : Ch pia ‘flecha’ : Kax piʔya [piʔja] ‘flecha’ (LANES, 2005) : Yam pia, piã ‘flecha’ : Chan pia : Shar pia, pian ‘flecha’ : Shan pia ‘flecha’ : Kat pia ‘flecha’ : Poy -- : A piya I : Kn pia ‘flecha’ (haji ‘lanza, arpón, lanza’) : M pia (también káφiti) : Yaw pia ‘flecha’ : Ko pia ‘arco’, Mt pia ‘arco’, My pia ‘caña cultivada por los Matsés utilizada para harcer flechas’.

Na etimologia 202, a vogal é reconstruída como provavelmente **[a]*, pois o reflexo na maioria das línguas comparadas por Shell (1975 [1965]) é *a*, mas em Kashíbo o reflexo é *i*. Ao inserir novos dados, notamos que Korúbo, Matís e Mayorúna apresentam *e*, correspondendo ao *i* do Kashíbo e ao *a* das demais línguas.

/ m_

Ksh i : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Yam a : Shar a : Shan a : A a : Kn a : M a : Yaw a : Ko e : Mt e : My e

202. *-m[a]- ‘sufixo verbal causativo’ : Ksh -mi- : SK -ma- : Kp -ma- (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -ma ‘causativo’ (COSTA, 2000) : Ch -ma- : Kax -- : Yam -ma (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -ma- : Shan -ma : Kat -- : Poy -- : A -ma- : Kn -ma- : M -ma- : Yaw -ma : Ko -me : Mt -me : My -me.

Em 262, Matís e Mayorúna apresentam como reflexo *e*, mas todas as demais línguas apresentam *a*.

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Yam a : Chan a : Shar a : Shan a : Kat a : A a : Kn a : M a : Yaw a : Mt e : My e

262. *[n]as[i]- ‘banhar-se, tomar banho’ : Ksh naʃi- : SK naʃi- : Kp naʃi- : Mar naʃi (CESARINO, 2008) : Ch aʃi- ‘bañarse’ : Kax -- : Yam naʃi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan daʃi, naʃi : Shar naʃi, naʃia ‘bañarse, nadar’ : Shan naʃi : Kat naʃi : Poy -- : A naʃi- I : Kn naʃi- : M naʃi- : Yaw naʃi : Ko -- : Mt nes-kin : My nes ‘bañarse’.

Ressaltamos que, em 108, Kashíbo apresenta uma vogal final *e*, mas as demais línguas não apresentam esta terceira sílaba. Notamos, entretanto, que Matís e Mayorúna apresentam *e* como reflexo. Neste caso, consideramos os reflexos de Matís e Mayorúna como reflexos de **i*.

108. *βōsi[m] ‘esp. de lontra’ : Ksh βōsime : SK βōšĩ : Kp hini βosi : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φosi, φosin ‘nutria’ : Shan fusi [fu'si? ~ fu'se?] ‘lontra’ : Kat -- : Poy βũšĩ ‘lontra’ : A wōšĩ II : Kn -- : M φóšĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt bosen ‘lontra’ : My bosen ‘nutria’.

Por fim, notamos ainda que, nas etimologias 117 e 479, há também correspondência entre *i* e *a*. Na etimologia 117, Chákobo tem como reflexo *i* e Shípibo-Kónibo tem como reflexo *a*. Já na etimologia 479, o reflexo de **a* é *i* em Kashíbo, Matís e Mayorúna e é *a* em todas as demais línguas.

SK a : Ch i : Shar a

117. *tsoma- ‘pegar, agarrar com a mão’ : Ksh -- : SK tsoma- ‘coger, asir’, mitso ‘coger con la mano’ : Kp -- : Mar -- : Ch tsomi ‘apretar, pelliscar’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tsomai, tsomaa, ‘agarrar, tomar en la mano’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn tsuma- ‘agarrar, coger, asir’ : M tsoma ‘agarrar’ : ‘coger, asir’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh i : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Yam a : Shar a : Kat a : A a : Kn a : M a : Yaw a : Mt i : My i

479. *wits[a] ‘outro’ : Ksh βitsi : SK witsa : Kp witsa : Mar witsa (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch witsa : Kax -- : Yam φitsa ‘otro’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar φitsa ‘otro’ : Shan -- : Kat βari-witsan ‘outro dia’ : Poy -- : A witsa I : Kn bitsa : M φitsa : Yaw witsa [witsa] (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt witsi ‘outro’ : My utsi ‘outro’.

Na etimologia 187, postulamos a queda da vogal **a*, devido aos reflexos de Korúbo e Mafís, que apresentam *a*, enquanto as demais línguas apresentam \emptyset .

Ksh \emptyset : SK \emptyset : Mar \emptyset : Ch \emptyset : Kax a : Chan \emptyset : Shar \emptyset : Shan \emptyset : Kat \emptyset : Poy \emptyset : A \emptyset : Kn \emptyset : M \emptyset : Ko a : Mt a

187. *k^waʔin ‘fumaça’ : Ksh koi, (koĩ ‘smoke’ (ZARIQUIEY, 2011)) : SK koĩ : Kp koʔín : Mar koĩ (CESARINO, 2008) : Ch koʔini, koʔi ‘el humo’ (ZINGG, 1998), koʔini : Kax kuãni [k^waʔni] ~ [kwãñi] ‘fumaça’ (COUTO, 2005), kuaʔni [k^waʔni] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan koin : Shar koin, koinin ‘humo’ : Shan kuin ‘fumaça’ : Kat kuin ‘fumaça’ : Poy kũĩ ‘fumaça’ : A kōĩ II : Kn kũĩ : M kōĩ : Yaw -- : Ko kwain ‘fumaça’ : Mt kuain ‘fumaça’ : My --.

Nas etimologias 4 e 217, observamos que o reflexo de **a* em Poyanáwa é nasalizado, o que se deve à desnasalização da consoante seguinte **n*, que é foneticamente [d] em Poyanáwa, mas que ocorre sempre precedida de uma vogal nasal.

/_.n

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Kax a : Yam a : Chan a : Shar a : Shan a : Kat a : Poyã : A a : Kn a : M a : Yaw a : Ko a : My a

4. *ʔani ‘grande’ : Ksh ʔani (ZARIQUIEY, 2011) : SK ʔani : Kp ʔani ‘grande’, wʔan ʔani ‘arroyo grande’ : Mar ani [ʔni-] ‘grande’ (COSTA, 1992) : Ch ʔani hini ‘rio grande’, ani- ‘aumentar’ (ZINGG, 1998) : Kax lakihani [lakifiaʔni]¹⁹⁶ : Yam -- : Chan -- : Shar aniφo, aniφoan ‘homem velho, ancião’ : Shan anihu ‘ancião’ : Kat ani-pa ‘grande’ : Poy ãdiβu ‘homem velho’ : A -- : Kn anibu ‘anciano, viejo’ : M -- : Yaw ani-hu ‘velho’ : Ko animatsik ‘pequeno’ : Mt -- : My ania ‘pequeno, delgado’.
217. *ma[n]i ‘banana’ : Ksh -- : SK mani ‘bujao (planta parecida a la de plátano)’, mani ɲi ‘hoja de plátano’ : Kp mani : Mar mani ‘bananeira, folha’ (CESARINO, 2008), mani ‘banana’ (MELATTI, 1975[2005]) : Ch mani ‘hoja de plátano’ : Kax -- : Yam mani ‘plátano’ : Chan mania : Shar mani, manin ‘hoja grande de plátano’, manian, manianin ‘plátano (nombre genérico)’ : Shan -- : Kat mani : Poy mãđi ‘folha’ : A mãñá I : Kn mani : M mãñã : Yaw mãña ‘banana’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My mani [ma'ni] ‘plátano’.

Também em 49, o reflexo de *a é nasalizado em Poyanáwa. Considerando-se que o reflexo de *r é, na maioria das línguas, n, acreditamos que Poyanáwa passou por uma mudança *r > n e só depois houve a desnasalização, tendo *r e *n os mesmos reflexos d em Poyanáwa, deixando a vogal antecedente nasalizada.

/_.r

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Kax a : Yam a : Chan a : Shar a : Shan a : Poyã : A a : M a : Yaw a : Ko a : Mt a

49. *hari ‘nome’ : Ksh ani : SK hani : Kp hani : Mar ani (CESARINO, 2008) : Ch hani- ‘nombrar’ : Kax ha'li [ha'lə] (COUTO, 2005), ha'li [fia'li] (LANES, 2005) : Yam ani (FAUST; LOOS, 2002) : Chan adi : Shar ani, anin : Shan ani : Kat -- : Poy ãdi : A 'hani (HYDE, 1980), hani I : Kn -- : M ani ‘nombre’ : Yaw ani : Ko ani ‘nome’ : Mt ani ‘nome’ : My --.

¹⁹⁶ Este dado aparece apenas em Lanes (2005), em todas as demais fontes aparece apenas a forma *laki*.

Na etimologia 178, o reflexo em Sharanáwa apresenta uma consoante nasal que não aparece nas demais línguas. Notamos também que, nas demais línguas, não há nasalização da vogal.

Ksh a : SK a : Kp a : Shar an : A a : Kn a : M a.

178. *kĩtʃa[C] ‘vasilha, prato’ : Ksh kĩtʃá : SK kĩtʃá : Kp kintʃá : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kítʃan, kítʃanpan ‘tazón, tazón de barro’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kítʃa I : Kn kítʃa : M kítʃã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Os reflexos da vogal *a variam em sílaba fechada por consoante nasal, em final de palavra, assim como ocorre nas demais vogais nesse ambiente. Abaixo, apresentamos os diversos reflexos observados.

/_n#

Ksh a : SK ã : Kp an : Mar ã : Ch a : Kax ã : Yam ã : Chan ã : Shar an : Shan an : Kat an : A ã : Kn ã : M ã : Yaw an : Ko an : Mt an : My an

14. *ʔian ‘lago’ : Ksh ʔiá : SK ʔiá : Kp ʔián : Mar i'an [ĩẽ] (COSTA, 1992), iã (CESARINO, 2008) : Ch ʔiáni, iá (ZINGG, 1998) ‘lago’ : Kax iani [ia'ni] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam iã, iamã : Chan -- : Shar ian : Shan yan : Kat ian : Poy -- : A ʔiyan (<hínyan>) (HYDE, 1980), ʔiã I : Kn iã : M iã : M -- : Yaw ian : Ko tʃan : Mt tʃan : My tʃi'na.

Outros exemplos: 14, 38, 48, 279.¹⁹⁷

Ksh ã : SK ã : Kp an : Ch a : Yam a : Shar a : A ã : M ã : Yaw an

497. *yãtan ‘tarde’ : Ksh jatã : SK yãtã : Kp yantán : Mar -- : Ch yáta : Kax (liti [lɔ'tɔ] ‘dia’ (COUTO, 2005)) : Yam yãta ‘tarde’ : Chan -- : Shar yatan ‘tarde’ : Kat -- : Shan -- : Poy -- : A yãtã II : Kan -- : M yátã : Yaw yantan [jãtã] (SOUZA, 2013) : Ko (nitin ‘dia’) : Mt (nitin ‘dia’) : My --.

Ksh ã : SK ã : Yam an : Shar an : Shan an : Kn ã : M ã

464. *to[n]a[n] ‘azul escuro’ : Ksh tonã ‘negro’ : SK tonã ‘un cardenal o moretón’ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam nana ‘azul’ : Chan -- : Shar tonan

¹⁹⁷ Os reflexos de Shananáwa não possuem nasalidade associada a vogal.

‘azul’ : Shan (şinan ‘verde, azul’ (AMARANTE RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008)) : Kat (punan ‘azul’) : Poy -- : A -- : Kn tunã ‘planta cuya corteza macerada tiñe el tejido de azul’ : M tóñã ‘azul’ : Yaw (şunan ‘azul ou roxo’) : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh ã : SK a : Kp an : Ch a : Shar a : Shan a : A ã : Kn ã : M ã

454. *tişka[n] ‘broto’ : Ksh tişkã : SK tişkã : Kp tişkán : Mar -- : Ch tişka, tişkata ‘racimo’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tişka, tişkapan ‘racimo’ : Shan tuşka : Kat -- : Poy -- : A tişkã II : Kn tişkã : M tişkã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Na etimologia 446, é possível que haja um morfema transitivizador *-n* no final de palavra e que algumas línguas apresentem a palavra sem o morfema.

Ksh ã : SK ã : Kp an : Yam a : Shar a : A ã : Kn ã : M ã : My an

446. *tarã[n]- ‘rodar’ : Ksh tarã : SK tarã- : Kp tarán : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam tara (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar tarai, taraa ‘revolcar’, tarain, taraan ‘hacer girar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tarã- I : Kn tadã- : M tárã- ‘rodar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My tadanka ‘hacer resbalar’

Ksh ã : SK ã : Yam a : Shar a : Shan a : Kat a : A ã : Kn ã : M a : Yaw a

431. *şopa[n] ‘mamão’ : Ksh şopã : SK şopã : Kp şopán : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam şopa ‘papaya’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar şopa, şopan ‘papaya’ : Shan supa ‘mamão’ : Kat şũpa [şũm'ba] ‘mamão’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A xopã II ‘clase de calabaza comestible’ : Kn şupã : M şopa : Yaw şupa ‘mamão’ : Ko -- : Mt -- : My --.

SK ã : Kp ã : Ch a : Shar a : Shan a : A ã : Kn ã : M ã : Yaw an

279. *[n]iska[n]- ‘suar’ : Ksh -- : SK niskã- : Kp nikã- : Mar -- : Ch niska- : Kax - : Yam -- : Chan -- : Shar niskai, niskaa ‘sudar, transpirar’ : Shan niska : Kat -- : Poy -- : A niskã- II : Kn niskã : M nískã- : Yaw niskan : Ko -- : Mt (nitşan ‘suor’) : My (itʃak [itʃak] ‘sudor, sudar’).

SK ã : Kp an : Mar ã : Ch a : Shar Ø : A ã : Kn ã : M ã

316. *para[n]- ‘enganar’: Ksh parã- : SK parã- : Kp parán- : Mar parã ‘enganar’ (CESARINO, 2008) : Ch para- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar parai, paran ‘engañar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A pãrã- II : Kn padã : M párá : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh ã : SK ã : Kp an : Mar a : Shar an : Kat a : A ã : Kn ã : M ã

411. **şî[n]a[n] ‘esp. de árvore’ : Ksh şinã : SK şinã : Kp şinán : Mar şina ‘ingá’ : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şinan, şinapan ‘guaba, chimbillo’ : Shan -- : Kat şina ‘ingá’ : Poy -- : A xinã II : Kn şinã : M şinã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh ã : SK ã : Kp a : Mar ã : Ch a : Kax ã : Yam ã : Shar an : Shan an : Kat a : A ã : Kn ã : M ã : Yaw an : Mt an : My an

387. *sina[n]- ‘pensar’ : Ksh sinã- : SK jinã- : Kp jinán- : Mar jínã (ANONBY; HOLBROOK, 2010), şinã ‘pensar’ (CESARINO, 2008) : Ch jina- ‘pensar’ (ZINGG, 1998), (joma-) : Kax **jínãhi** [jinẽ’xi] ‘pensar’ (LANES, 2005) : Yam jinã- ‘pensar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar jinain, jinan ‘pensar, lamentarse, acordarse’ : Shan şinan ‘imaginar, pensar’ : Kat jinna-nai ‘pensar’ : Poy -- : A jinã I : Kn jinã- : M jínã- : Yaw jinan ‘pensamento’ : Ko -- : Mt sinankin ‘pensar’ : My sinan- ‘alma de un chamán, habilidad de caza, puntería, fuerza y valor que puede ser pasado de un hombre a otro soplando tabaco o poniendole venado de sapo en el brazo o pecho’.

Ksh a : SK ã : Kp a : Mar ì : Ch a : Yam ã : Chan a : Shar an : Shan a : Kat a : A ã : Kn ã : Yaw an : Ko an : Mt an

76. *βimãnan ‘testa, cara’ : Ksh βimána ‘cara, frente’ : SK βimanan, βimananin ‘cara, frente’ (SK βimã- ‘sostener la cara’) : Kp βimana ‘cara’ : Mar βimani [βimani ~ βimaⁿdi] ‘cara, rosto, testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch βima’na ‘frente, cara’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam φimãná, φimãnãná ‘cara, frente’ (EAKEN, 2008) : Chan φimana, φumana : Shar φimanan, φimananin ‘frente’ : Shan fumana : Kat βima’na [βimə’na] ‘testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A wimãná II ‘cara’ : Kn bimãná : M fímánã :

Yaw β̥ima'n̄an [β̥ima'n̄ẽ ~ β̥ijm̄e'n̄ẽ] ‘testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) :
Ko β̥imanan : Mt b̥imanan : My --.

Ksh ã : SK ã : Kp an : Shar an : A a : Kn ã : M ã

85. *β̥iʃ[n]a[n] ‘fino, raso’ : Ksh β̥iʃn̄á ‘no profundo y también cristalina (clara), del agua’ (β̥iʃbá ‘fino, delgado como el papel o la tela’) : SK β̥iʃn̄á : Kp β̥iʃn̄án ‘aguardiente’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φ̥iʃnan ‘fino, delgado, flaco, aguado’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wixna II ‘fino, delgado’ (wixwa- ‘aclararse, como el cielo’, wixni- I ‘volverse no profundo’ ver War) : Kn biʃn̄á ‘transparente, claro, delgado, fino’ : M φ̥iʃn̄á ‘no profundo y también claro, del agua, fino’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My--.

Ksh ã : SK ã : Kp an : Ch a : Mar ã : Yam ã : Chan a : Shar a : Shan a : A ã : Kn ã : M ã : My an

153. **k^wi[n]a[n] ‘tipo de banco’ : Ksh k^wiñá : SK kin̄á : Kp kinan ‘bombo caspi (esp. de árbol)’ : Mar kinã ‘banco’ : Ch k̥i'nani, k̥i'na ‘silla chácobo, echa de palma real’ : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar k̥ina, kinan ‘banco típico’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kinã I : Kn kinã : M k̥iñá : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
215. *ma[n]a[n] ‘sobre, encima, acima’ : Ksh maná ‘encima, arriba’ : SK maná : Mar manã ‘terra’ : Kp manán ‘colina, montaña’ : Ch mana : Kax -- : Yam manaõ ‘arriba de algo’, manã, m̄ãñãñĩ ‘loma’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar mananun ‘encima’, manaon ‘encima, arriba, más alto, más arriba’ : Shan manaun ‘em cima’ : Kat -- : Poy -- : A manã- II ‘encima, espacio desmontado’ : Kn m̄ãñã ‘colina’ : M m̄ãñãkírĩ ‘aguas arriba’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My mannan ‘cima, cumbre’.

Ksh : a : SK a : Mar a : Kp a : Kax a : Yam ã : Chan a : Shar a : Shan a : Kat a : A a : Kn a : M ã : Yaw a : Poy a

158. *k^wiʃa[n] ‘lábios’ : Ksh k^wiʃá ‘lábios, barbilla’ : SK kiʃá : Kp kiʃá ‘lábio, boca’ : Mar k̥i'ʃa : Ch -- : Kax kiʃa'ka (LANES, 2005) : Yam kiʃã, kiʃamã ‘lábio’ : Chan k̥i'ʃa, kiʃa ‘lábio’ : Shar kiʃa, kiʃan ‘labio, orilla, borde’ : Shan

kĩša : Kat kĩa, kĩa : A kixaa I ‘boca : Kn kĩa ‘lábios, orilla del río’ : M
kĩšã : Yaw kĩa ‘rachado’ : Poy kiha ‘boca’ : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh a : Ch a : Shar a : A a : Kn a : M a : ko na

163. *kaka[n] ‘tipo de cesto’ : Ksh kaká ‘clase de canasta’ : SK -- : Kp -- : Mar --
: Ch kákano, káka (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar upu
kakati ‘canasta provisional’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kaká I : Kn kaká
‘canasta de mujer’ : M kaká : Yaw -- : Ko kakan ‘tipo de cesto’ : Mt -- : My
--.

Ksh ã : SK ã : A ã : Kn ã : M ã : Mar a : My an

377. *sa[n]á[n]- ‘levantar, suspender’ : Ksh sanã ‘apuntar, señalar’ : SK sanã-
‘sostener a la vista’ : Kp -- : Mar sana ‘exibir’ (CESARINO, 2008) : Ch -- :
Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A sanã- I
‘levantar’ : Kn sãnã- ‘suspender, colgar, levantar’ : M sãnã : Yaw -- : Ko -- :
Mt -- : My sanan ‘sostener (una cosa)’.

SK ã : Kp an : Ch a : Shar a : A ã : M a : Yaw a

401. **șata[n] ‘esp. de cabaça’ : Ksh -- : SK șatán, șátaman ‘cabeza rapada’ : Kp
șatan ‘calabaza’ : Mar -- : Ch șa’ta, șa’tano ‘mate’, șatáno : Kax -- : Yam -- :
Chan -- : Shar șata, șatan ‘tutuma’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xatã : Kn -- :
M șata : Yaw șata ‘tingui do mato’ : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh ỹ : SK ã : Kp a : Ch a : Kax i : Shar an : A ã : Kn ã : M ã : My in

491. *ya?ra[n] ‘esp. de carrapato’ : Ksh ỹã : SK yaã : Kp ya?nán : Mar -- : Ch
ya?a, ya?ani ‘la broquelona (clase de garrapata grande)’ (ZINGG, 1998),
ya?áni : Kax ya’li [ja’le] ‘carrapato’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar
yanan, yanapan ‘garrapata’ : Shan -- : Kat (rianan) : Poy -- : A yanã I : Kn
yanã : M yãnã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My t[anin] [t’a’nin] ‘garrapata’.

/_n+

Ksh ã : SK ã : Kp an : Ch a : Kax ã : Chan a : Shar a : Shan a : Poy ã : A ã : Kn ã :
M a : Yaw a : Ko a : Mt an : My an

359. *ra[n]toko- ‘joelho’ : Ksh rātũ-ti ‘estar cojo, estar mal de las rodillas y no poder andar bien’ : SK rātōko ‘rótula’, tai patōko ‘tobillo’ (taʔi ‘pie’, etimologia 436) : Kp ranton ‘tarso (lo que sería la rodilla)’ : Mar -- : Ch (rapotó ‘rodilla, rótula’, hopotó ‘tobillo’, ver etimologia 345) : Kax tʃāburu [tʃēburu] : Yam -- : Chan ratoko : Shar ratoko, ratokonin : Shan ratunku : Kat -- : Poy rātuhku : A rātōko II : Kn dātũku : M rátoko : Yaw ratunku : Ko ɫaniɟ ‘joelho’ : Mt danbidu ‘joelho’ : My dannɪʒ ‘joelho’.

/_m#

SK ã : Kp an : Mar ã : Ch a : Yam a : Chan an : Shar an : Kat an : Poy ã : A ã : Kn ã : M ã : Yaw a : Ko a : Mt a : My a

348. *poyam ‘braço’ : Ksh (Ksh piñã ‘brazo’) : SK poyã o pōyã : Kp poyán : Mar puyã [puʎẽ] ~ [pu'yẽ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch poyámi ‘brazo’ : Kax -- : Yam pōya, pōyamã (EAKEN, 2008) : Chan póyan : Shar poyan, poyanpan : Shan -- : Kat puyan, puyã [pu'yẽ] ~ [pu'jẽ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy puyã ‘braços’ : A pōyã I : Kn pũyã : M pōyã ‘brazo (pítão ‘ala’, píya ‘pájaro)’ : Yaw puia-uma ‘sem braço, cobra’ : Ko -- : Mt -- : My --.
471. *waɾa[m] ‘esp. de abóbora’ : Ksh βarã : SK warã : Kp warán : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φaran, φaraman ‘zapallo, calabaza’ : Shan wara : Kat waran ‘gerimun’ : Poy -- : A wãrã II : Kn barã : M φárã : Yaw -- : Ko waɫa ‘mamão’ : Mt wata ‘mamão’ : My wada ‘papaya (palabra antigua), Lat. *Carica papaya* (Fam. caricaceae)’.

Nos dados abaixo, apresentamos os reflexos de *a, em sílaba fechada final de palavra, antes dos reflexos de *r. Como houve a mudança *r > n, em várias línguas com exceção de Kaxararí, notamos também a relação dos reflexos com a consoante nasal ou nasalidade da vogal.

/C_r

Ksh ã : SK ã : Kp a : Mar ã : Ch a : Kax a : Yam an : Chan a : Shar a : Shan an : Kat a : A ã : Kn ã : M ã : My a

21. *ʔinar- ‘dar’ : Ksh ʔinã- : SK ʔinã- : Kp ʔinán : Mar ʔinã- ‘dar’ (KENNEL JR., 1978) : Ch ʔinia- ‘vender, regalar, repartir’ (ZINGG, 1998), ʔina- ‘dar’ : Kax yali ‘dar’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam inã- ‘dar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan inai : Shar inain, inaan ‘dar, pagar’ : Shan inan : Kat inna-ai, ipai ‘dar’ : Poy -- : A inã-, ʔinan-kín ‘dar’ (HYDE, 1980) : Kn inã- : M ínã- : Yaw -- : (Ko mene-) : (Mt mene-kin) : My (mene).

Ksh õ : SK ã : Kp an : Mar ã : Ch a : Kax a : Shar an : Shan an : Kat an : Poy a : A ã : Kn ã : M ã : Yaw an : Ko un : Mt un : My un

165. *kamar ‘onça’ : Ksh kamõ ‘perro (sendo substituído pelo empréstimo SK, ʔotʃíti, que, por sua vez, é um empréstimo Kampa otʃiti (SHELL, 1975 [1965]))’ : SK kamá ‘demonio, criatura parecida al tigre’ (ʔotʃíti ‘perro’) : Kp **kaman** ʔino ‘sachaperro (esp. de perro silvestre)’ (Kp ʔotʃíti ‘perro’) : Mar ka’mã (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ka’mano, kama ‘el tigre, el jaguar’ (ZINGG, 1998), kamáno ‘felino’ : Kax kamalu [kama’lu] ~ [kẽma’lu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar kaman, kamanon ‘perro’ : Shan kaman ‘cachorro’ : Kat ka’mán : A kámã, kámanín ‘esp. de roedor como majás’, ʃinokamã ‘perro salvaje’ : Kn kamã ‘perro’ : M kámã ‘perro’ : Yaw kaman ‘cachorro’ : Poy kãma ‘raposa’ : Ko kamun ‘onça’ : Mt kamun ‘onça’ : My kamun [ka.’mun].

Ksh õ : SK ã : Kp an : Mar ã : Ch a : Kax a : Kat an : A ã : Kn ã : M ã

402. *ʃawar ‘esp. de arara’ : Ksh ʃõõ (ʃón ‘guacamayo’ (SHELL, 1987)) : SK ʃawã : Kp ʃawán : Mar ʃawã ‘arara’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ʃawáni : Kax ʃawali [ʃawa’li] ‘arara vermelha e canindé’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat ʃawan ‘arara’ : Poy -- : A xãã II : Kn ʃawã : M ʃãwã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

3.3.1.4 *o vogal posterior alta arredondada oral

Os reflexos da vogal *o, posterior alta arredondada oral, ocorrem em sílaba inicial, medial ou final de palavra. Podem ocorrer em sílabas abertas ou fechadas e em sequências vocálicas. O reflexo regular de *o é o em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Marináwa, Chaniáwa e Sharanáwa. Nas línguas Kaxinawá,

Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Poyanáwa, Korúbo, Matís e Mayorúna, o reflexo de *o é u.

Ressaltamos que a vogal posterior reconstruída por Shell (1975 [1965]) como *o poderia ser *u, considerando-se que os reflexos de *o em Katukína, Shanenáwa, Poyanáwa, Korúbo, Matís e Mayorúna são u e que, na maioria das línguas em que o fonema é o, há também uma flutuação entre [o] e [u] ou entre [o] e [ʊ]. Consideremos, ainda, que o que Shell (op. cit.) havia fonemizado como /o/, Zariquiey (2011) fonemiza como /u/. Logo, ainda que em Korúbo, Matís e Mayorúna haja oposição entre os fonemas /u/ e /o/, o primeiro é o reflexo mais regular de *o.

/ #C_

Ksh o : SK o : Kp o : Mar o : Ch o : Chan o : Shar o : Shan u : Kat u : Poy : A o : Kn u : M o : Yaw u : u : Ko u : Mt u : My u

39. **ʔoʃ[a]- ‘dormir’ : Ksh ʔuʃ-ti ‘dormir’ (SHELL, 1987), ʔoʃ- : SK ʔoʃa- : Kp ʔoʃa- : Mar ‘uʃai ‘dormir.PRES’ (COSTA, 1992) : Ch ʔoʃa- ‘dormir’ : Kax uʃa (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam oʃa (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oʃai : Shar oʃai, oʃaa : Shan uʃa : Kat uʃa-ai : Poy a **ãdiuha** ‘ele dorme’ : A ʔoxaʔí ‘dormir’ (HYDE, 1980), oxa- I : Kn uʃa- : M óʃá : Yaw uʃa : Ko uʃ : Mt uʃ : My uʃ.

Outros exemplos: 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 98, 99, 100, 103, 105, 106, 109, 116, 117, 124, 129, 130, 131,¹⁹⁸ 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 201, 249, 250, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 295, 296, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 338, 339, 340, 341, 343, 345, 346, 372, 373, 374, 375, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 435, 460, 661, 462, 463, 465, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512.

/ .C_#

Ksh o : SK o : Kp o : Mar o : Ch o : Kax u : Yam o : Chan o : Shar o : Shan u : Kat u : Poy u : A o : Kn u : M o : Yaw u : Ko u : Mt u : My u

150. *k^wiβo ‘jacu (esp. de pássaro)’ : Ksh k^wiβo : SK kiβo : Kp kiβo : Mar kiβu : Ch kiβo : Kax kiwi [kiwi] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar kiβon ‘pucacunga (esp. de ave)’ : Shan kiβu : Kat kiβu : Poy kiβu : A kiwo II : Kn kiβu : M k^wiβó : Yaw kiβu : Ko k^wiβu ‘jacamin’ : Mt kiβu ‘jacu’ : My kiβu [kw^wiβu] ‘pava de Spix’.

¹⁹⁸ Korúbo apresenta o reflexo /i/, veja-se também Amawaka.

206. *matso- ‘varrer’ : Ksh matsó : SK matsó- : Kp matsó- : Mar -- : Ch matso : Kax -- : Yam mătso ‘barrer’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar Matsoin, matsoan ‘barrer’ : Shan matsu ‘varrer’ : Kat **matsu**-ti ‘vassoura’ : Poy -- : A matsoo- I : Kn matsu- : M mátsõ- : Yaw **matsu**-ti ‘vassoura’ : Ko -- : Mt -- : My --.
342. *pono ‘veia’ : Ksh pono : SK pono : Kp pono : Mar pono ‘artérias’ (CESARINO, 2008) : Ch pono : Kax pu'nu ‘veia’ (SOUSA, 2004) : Yam -- : Chan podo : Shar pono, ponon ‘vena, arteria, nervio, ligamento, alambre, hilo, cordón’ : Shan -- : Kat punu ‘veia’ : Poy pũdu ‘veia’ : A ponó I : Kn punu : M pono : Yaw -- : Ko punu ‘veia, corda’ : Mt punu ‘veia, elástico’ : My punu ‘veia, artéria, canal de bilis’.

Outros exemplos: 22, 23, 25, 27, 42, 78, 90, 112, 113, 133, 173, 181, 183,¹⁹⁹ 192, 196, 199, 201, 206, 221, 231,²⁰⁰ 243, 276, 285, 287, 304, 306, 313, 321, 324, 329, 330, 341, 342, 343, 345, 347, 361, 362, 375, 388, 397, 399, 400, 424, 427, 434, 440, 443, 485, 486, 487, 488, 508.

/ C_V

Ksh o : SK o : Kp o : Mar o : Ch o : Kax u : Yam o : Chan o : Shar o : Shan u : kat u : A o : Kn u : M o : Yaw u

34. *ʔoi[n]- ‘olhar’ : Ksh -- : SK ʔoĩ- : Kp -- : Mar oĩ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam oĩ-kĩ (EAKEN, 2008) : Chan oin : Shar oin, oian ‘ver, mirar’ : A (A ỹĩ-) (ʔiin-ʔí (HYDE, 1980)) : Kn ũĩ- : M ôĩ ‘ver’ : Kat uin-nai ‘ver’ : Shan uin ‘olhar’ : Yaw uian, uin : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.
97. *βoir ‘esp. de picapau’ : Ksh βoĩ : SK βoĩ : Kp βoin ‘pájaro carpintero’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar voĩ ‘pica pau’ : Ch βoíno, βoí : Kax buhi'lu [buhilʊ] ~ [bui'lu] ‘pica-pau’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar φoin, φoinpan ‘pájaro carpintero’ : Shan fuin ‘pica-pau’ : Kat βuin ‘pica-pau’ : Poy -- : A wowĩ I : Kn būĩ : M φoĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

/ C_V

Ksh o : Kp o : Ch o : Kat u : A o : M o : Kn u : Yaw u : My u

¹⁹⁹ Yawanawá não apresenta a vogal final /o/.

²⁰⁰ O reflexo em Matis é /o/, mas em Mayoruna é u.

102. *βoi[C_c]: Ksh βoi ‘cera de abejas’ : SK βoi ‘resina’ : Kp βoi : Ch βoitfo, βoi ‘la cera de la miel’, βoi-tfiki ‘la cera de la miel, mezclada con bi’ (ZINGG, 1998) : A wowí I : M φói : Kn bui ‘cera’ : Mar -- : Kat **βui**-fuma ‘leite’ : Shan -- : Yaw mui fuma ‘leite’ : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Ko -- : Mt -- : My buid [bu'id] ‘abeja sin aguijón (tipo) : cera de abejas’.

/ #C_n

Ksh o : SK o : Mar o : Ch o : Kax u : Chan o : Shar o : Kat u : Poy ù : A o : Kp o : Kn u : M o : Ko u : Mt u : My u

342. *pono ‘veia’ : Ksh pono : SK pono : Kp pono : Mar pono ‘artérias’ (CESARINO, 2008) : Ch pono : Kax pu'nu ‘veia’ (SOUSA, 2004) : Yam -- : Chan podo : Shar pono, ponon ‘vena, arteria, nervio, ligamento, alambre, hilo, cordón’ : Shan -- : Kat punu ‘veia’ : Poy pũdu ‘veia’ : A ponó I : Kn punu : M pono : Yaw -- : Ko punu ‘veia, corda’ : Mt punu ‘veia, elástico’ : My punu ‘veia, artéria, canal de bilis’.

/ #C_m

Ksh o : SK o : Kp o : Ch o : Mar o : Shar o : Poy ù : Kat u : A o : Kn u : M o : Yaw u : Mt u

195. *koma ‘nambu’ : Ksh koma : SK koma : Kp koma : Mar koma ‘inhambu’ (MELATTI, 1975 [2005]) : Ch koma : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar koma, koman ‘perdiz grande’ : Shan -- : Kat kuma ‘inhambu’ : Poy kũba ‘nambu galinha’ : A koma I : Kn kuma : M koma : Yaw kuma ‘nambu’ : Ko -- : Mt kuma ‘nambu’ : My --.

/ .C_.C

Ksh o : SK o : Kp o : Ch o : Chan o : Shar o : Shan ì : A ò : Kn u : M o : Yaw u : My u

244. *mitoti ‘dedo’ : Ksh mitoti : SK mitoti : Kp mitoti : Mar -- : Ch mitotí : Kax -- : Yam -- : Chan mitoti : Shar mitoti, mitotinin ‘dedo de la mano’ : Shan mititi ‘dedo’ : Kat -- : Poy -- : A mitōti : Kn mituti : M mitótí : Yaw mituti ‘dedo’ : Ko -- : Mt -- : My --.

487. *wipoko ‘pantorrilha’ : Ksh ipoko : SK wipoko : Ch wipoko ‘pantorrilla’ : honí-wíko ‘pierna de hombre’ : Mar -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wipoko II : Kn (bipustu) : M (φίπoστο) : Yaw -- : Ko -- : Mt wipuku ‘perna’ : My --.

C_C#

Ksh o : SK o : Kp o : Mar o : Ch o : Shar o : A o : Kn u : M o : My u

61. *bakos ‘espuma’ : Ksh bakós : SK bakós : Kp bakós : Mar vakoʃi ‘espuma’ : Ch bakos, bakoso ‘espuma’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar fakos̄i : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wakox : Kn bakuş : M fákos̄i ‘espuma’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My ba’kuş ‘espuma (de jabón), espuma de huevos de sapo’.
166. *kaʔmos ‘esp. de cobra’ : Ksh kamós : SK kamós : Kp kaʔmos ‘shushupi’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch ka'moa ‘pucarara (esp. de culebra)’ : Kax -- : Yam kamos̄ : Chan -- : Shar kamos̄i, kamos̄in ‘shushupi (esp. de culebra venenosa)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kamox I : Kn kamuş : M kámoʃi : Yaw -- : Ko -- : Mt (kanmuns ‘esp. de cobra’) : My --.
421. *şoʔomos̄ ‘agulha’ : Ksh şomós : SK şomós : Kp şoʔmós : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şomoş̄i, şomoş̄in ‘aguja, punzón’ : Shan (muş̄a ‘espinho’) : Kat şumuş̄ ‘agulha’ : Poy -- : A xomox I : Kn şumuş̄ : M şómoş̄i : Yaw şumuş̄i ‘agulha’ : Ko -- : Mt (muş̄an ‘espinho’) : My şomoş̄ [şo'moş̄] ‘aguja’.

/ CV_

Ksh o : SK o : Kp o : Mar u : Ch o : Kax u : Yam o : Chan o : Shar o : Kat u : A o : Kn u : M o : Yaw u : Poy w

398. *şao ‘osso’ : Ksh şao, (şo ‘hueso’ (SHELL, 1987)) : SK şao : Kp şao : Mar jau (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şao : Kax şahu [şah^wu] (LANES, 2005) : Yam şao, şaō (EAKEN, 2008) : Chan jau, şao : Shar şao, şaon : Shan şaw ‘osso’ : Kat jau : Poy haw ‘osso’ : A xaó I : Kn şau : M şao : Yaw jau : Ko -- : Mt -- : My --.

Assim como ocorre com as demais vogais, há também um conjunto de dados em que há correspondências divergentes entre os reflexos de *o.

Na etimologia 442, os reflexos de *o são w, em Korúbo e Matís. Na realidade, formas em Kashíbo *tɔɔ* e em Shípibo-Kónibo *taó* são formas reduzidas destas línguas. Comparemos, por exemplo, essas formas com a palavra cognata em Matís e Mayorúna *tawad*.

Ksh o : SK o : Kp o : Ch w : Yam o : Shar o : Kat u : A o : M o : Yaw u : Ko w :
Mt w

442. *taoaC_c ‘esp. de palmeira’ : Ksh *tóó* (tó ‘pona (esp. de palmera)’) (SHELL, 1987) : SK *taó* : Kp *tao* : Mar -- : Ch *ta'wawa* ‘esp. de chuchío’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam *tao*, *taõ* ‘pona (esp. de palmera)’ : Chan -- : Shar *tao*, *taon* ‘pona’ : Shan -- : Kat *tau* ‘ipaxiuba’ : Poy -- : A *tao I* : Kn *tau* : M *tao* : Yaw *tau* [‘taw] ‘paxiúba’ (SOUZA, 2013) : Ko *tawad* ‘esp. de palmeira’ : Mt *tawad* ‘paxiúba’ : My --.

Em 110, o reflexo de *o em Kashíbo é *ɔ*, enquanto que em Korúbo, Matís e Mayorúna é *∅* e em Shanenáwa o reflexo é w.

Ksh *ɔ* : SK o : Kp o : Mar o : Ch o : Yam o : Chan o : Shar o : Shan w : A o : Kn u :
M o : Yaw u : Ko *∅* : Mt *∅* : My *∅*

110. *tsaʔo[t]- ‘sentar (sentar-se)’ : Ksh *tsoot* ‘live’ (ZARIQUIEY, 2011), *tsóó* : SK *tsaóti*, *tsaóta* ‘ponerse de coclillas’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp *tsaʔó-* ‘sentado, asentado’ *tsaʔo-*ti ‘sentarse’ : Mar *tsao-* ‘sentar’ (CESARINO, 2008) : Ch *tsaʔo-* ‘sentarse’ : Kax -- : Yam *tsao* (FAUST; LOOS, 2002) : Chan *tsao-* : Shar *tsaoi*, *tsaoa* ‘sentarse’ : Shan *tsaw* ‘sentar’ : Kat -- : Poy -- : A *tsaʔo-* II, (*tsaʔoo-ʔi* ‘sentarse’ (HYDE, 1980)) : Kn *tsau-* ‘sentarse’, *tsaua* ‘sentado’ : M *tsáo-* : Yaw *tsau* ‘sentar’ : Ko *tsat* : Mt *tsad* : My *tsad* ‘sentarse’.

Nas etimologias seguintes, os reflexos de *o em Korúbo e Matís são o. É importante observar que o reflexo mais comum nessas línguas é u e que elas possuem a oposição entre /o/ e /u/.

/ C_#

Ksh o : SK o : Kp o : Mar o : Ch o : Kax u : Yam o : Chan o : Shar o : Shan u : Kat u : Poy u : A o : Kn u : M o : Yaw u : Ko o : My o

15. **ʔiʔβo ‘dono’ : Ksh ʔiβo : SK ʔiβo : Kp ʔiʔβo : Mar iβo (CESARINO, 2008) : Ch ʔiβo ‘dueño’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iφo : Shan -- : Kat -- : Poy ihu : A ʔíwo (HYDE, 1980), iwó I : Kn ibu : M iφo : Yaw ihu : Ko ikβo [iʔβo] : Mt ikbo : My ikbo [i^kbo].
26. **ʔiso ‘macaco preto (esp. de macaco)’ : Ksh -- : SK ʔiso : Kp ʔiso : Mar ʔiso [ʔisõ] (COSTA, 1994) : Ch ʔiso ‘mono maquisapa’ : Kax -- : Yam iso ‘maquisapa’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan iso ‘maquisapa’ : Shar iso ‘maquisapa’ : (Shan *istuku*, *ištuku* ‘macaco (gen.)’) : Kat isu ‘macaco preto’ : Poy isu ‘macaco preto’ : A ʔiso ‘maquisapa (tipo de mono)’ (HYDE, 1980), iso II : Kn isu : M ísó : Yaw isu ‘macaco preto’ : Ko iʃo ‘esp. de macaco’ : Mt -- : My --.

Outros exemplos: 53, 80,²⁰¹ 96, 156, 455.

/ C_ç

Ksh o : SK o : Kp o : Ch i : Yam o : Shar o : A o : Kn u : M o : My o

32. **hoʔpoç ‘esp. de carrapato’ : Ksh ʔupús (SHELL, 1987), ʔopós : SK hopós, hopoşin : Kp ʔoʔpós ‘isango’ : Mar -- : Ch ho'piç, jo'piçi (ZINGG, 1998) hopíçi ‘nigua’ : Kax -- : Yam ipoç : Chan -- : Shar iposi : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hónpox, hónpoxón ‘isango’ (HYDE, 1980), hõpox I : Kn hūpuç : M ípoçi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My o'pos ‘garrapatilla’.

Na etimologia 348, o reflexo de *o é nasalizado em Kaxinawá (ũ), Marináwa, Yamináwa e Amawáka (õ), cuja nasalidade deve-se a uma consoante nasal em final de palavra. Já Kashíbo apresenta o reflexo *í*.

/ #C_

Ksh i : SK o : Kp o ~ õ : Mar u : Ch o : Yam õ : Chan o : Shar o : Kat u : Poy u : A õ : Kn ã : M õ : Yaw u

348. *poyam ‘braço’ : Ksh (Ksh piñã ‘brazo’) : SK poyã o põyã : Kp poyán : Mar puyã [pu'ɲẽ] ~ [pu'yẽ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch poyámi ‘brazo :

²⁰¹ O reflexo de Kaxararí não é claro.

Kax -- : Yam pōya, pōyamã (EAKEN, 2008) : Chan póyan : Shar poyan, poyanpan : Shan -- : Kat puyan, puyã [pu'yẽ] ~ [pu'pẽ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy puyã 'braços' : A pōyã I : Kn pũyã : M pōyã 'brazo (pítão 'ala', píya 'pájaro)' : Yaw puia-uma 'sem braço, cobra' : Ko -- : Mt -- : My --.

No conjunto de etimologias abaixo, Marináwa apresenta vogal nasalizada *õ* como reflexo de **o*, mas as demais línguas apresentam *o* ou *u*.

/ C_C#

Ksh o : SK o : Kp o : Ch o : Kax u : Yam o : Chan o : Shar o : Shan u : A o : Kn u : M õ : Ko u : Mt u : My u

18. *ʔikok- 'abraçar, segurar nos braços' : Ksh ʔiko- : SK ʔiko : Kp ʔiko : Ch ʔiko- 'llevar en los brazos, abrazar' : A ʔíkoo-kín 'abrazar' (HYDE, 1980), iko- : Kn iku- : M íkõ- : Mar -- : Kat -- : Shan -- : Yaw -- : Poy -- : Kax -- : Yam iko- : Chan -- : Shar -- : Ko ikuk- : Mt ikuk- 'segurar no colo' : My ikuk 'abrazar echado o sentado'.
314. *pa[ʔ]o[t] 'enfeite de orelha, brinco' : Ksh -- : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch paʔokí 'oído, arete, hueco en el lóbulo de la oreja' : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A pao 'hueco en el lóbulo de la oreja' (páoo, páopán 'hueco que se hace en el lóbulo de la oreja' (HYDE, 1980)) : Kn pau 'adorno de la oreja' : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt paud 'enfeite utilizado nas orelhas' : My paud 'caracol acuático grande, adorno de las orejas'.

Outros exemplos, 18, 100, 218, 230, 314, 322, 428, 432.

Em 101, o reflexo de **o* é *a* em Shanenáwa.

/ #C_

Ksh o : SK o : Kp o : Ch o : Shan a : Kat u : A o : Kn u : Mt u

101. *βoi 'esp. de peixe (surubim?)' : Ksh βui 'fish esp.' (ZARIQUIEY, 2011) : SK βoi : Kp βowi : Mar -- : Ch βoi : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan φαi : Kat βai, βui 'surubim' : Poy -- : A wowi I : Kn bui : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt bui 'tipo de peixe amazônico' : My --.

Na etimologia 84, apenas Matís tem *e* como reflexo de **o*, enquanto as demais línguas têm *o* ou *u*.

SK o : Kp o : Ch o : Shar o : Shan u : M o : Mt e :

84. *βiṣko ‘esp. de sapo’ : Ksh -- : SK βiṣko : Kp βiṣko ‘esp. de sapo’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch βiṣko ‘rana, sapo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φiṣko, φiṣkon ‘esp. de sapo’ : Shan (kuṣku [kuṣ'ko]) : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M φiṣko ‘clase de rana’ : Yaw -- : Ko -- : Mt boṣkekid ‘esp. de sapo’ : My boṣ ‘rana terrestre mediana’.

Na etimologia 122, Matís tem *i* e, na 261, Mayorúna tem *i* como reflexo de Protopáno **o*, enquanto as demais línguas têm *o* ou *u*.

Ksh o : SK o : Kp o : Ch o : Yam o : Shar o : Shan u : Kat u : A o : Kn u : Yaw u : Mt i

122. *tṣāpo ‘grilo, gafanhoto’ : Ksh tṣāpo : SK tṣāpo : Kp tṣampo : Mar -- : Ch tṣapo : Kax -- : Yam (tṣapo ‘podrido, viejo’ (EAKEN, 2008)) : Chan -- : Shar tṣapo ‘gastado, sin valor’ : Shan tṣapu ‘gafanhoto’ : Kat tṣanpu ‘grilo preto’ : Poy -- : A tṣápó I : Kn tṣāpu : ‘grillo’ : M -- : Yaw (tṣapu ‘podre, estragado’) : Ko -- : Mt tṣanpi ‘gafanhoto’ : My --.

Ksh o : SK o : Kp o : Yam o : Shar o : Poy u : A i : Kn u : My i

261. *[n]apo ‘dentro, no centro’ : Ksh napo : SK napo ‘médula, dentro de’ : Kp napo ‘Centro’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar naki ‘em, dentro’ : Ch -- : Kax -- : Yam na-, napo ‘centro’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar napo, napon ‘tuétano, médula’ : Shan -- : Kat -- : Poy dapu ‘tutano’ : A na- de naki, napiḥ ‘en, en el centro’ : Kn napu ‘centro, meollo, médula’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My napi [na'pi] ‘centro de una cosa, corazón de un objeto, cristalino (del ojo)’.

Na etimologia 350, o reflexo de **o* em Korúbo, Matís e Mayorúna é *w*, mas acompanhado de uma vogal central alta *i*. Em Katukína a vogal é nasalizada e nas demais línguas o reflexo é *o* ou *u*.

Ksh o : SK o : Kp o : Mar o : Yam o : Shar o : Shan w : Kat ũ̃ : A o : Kn u : M o :
 Yaw u : Ko wĩ : Mt wĩ : My wĩ

350. *raʔo ‘remédio, medicina tradicional’: Ksh rɔɔ ‘planta, medicina’, (ro ‘hierba, medicina’ (SHELL, 1987)) : SK rao ‘medicina (vegetal)’ : Kp raʔo ‘medicina’ : Mar rao ‘remédio’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam rao, raõ ‘medicina, remedio, vacuna’ : Chan -- : Shar rao, raon ‘veneno, medicina del chamán, pastillas’ : Shan raw ‘veneno, remédio’ : Kat raʔũti ‘remédio’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A raʔo II ‘medicina, veneno’ : Kn dau ‘remédio, medicina, veneno’ : M ráo ‘una maldición’ : Yaw rau ‘remédio’ : Ko lawĩ ‘remédio do mato’ : Mt dawĩ ‘remédio do mato’ : My dawĩ ‘término general para plantas que se consideran venenosas, o plantas que sirven para preparar medicinas’.

Em sílaba final, quando na protolíngua ocorria uma consoante nasal antecedendo *o, os reflexos são geralmente nasalizados: ð em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Amawáka, Marináwa, Marúbo e Yamináwa. Em Kashinawá e Poyanáwa, os reflexos tendem a ser ũ̃. Em Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Kaxararí, Korúbo, Matís e Mayorúna, os reflexos são, em sua maioria, uma vogal u seguida de consoante nasal. Já em Kapanáwa, Chanináwa e Sharanáwa, os reflexos tendem a ser a vogal o, seguida de consoante nasal.

/ C_n#

Ksh ð : SK ð : Kp on : Mar ð : Ch o : Kax un/m : Yam o : Chan on : Shar on : Shan
 u : Kat u : A ð : Kn ũ̃ : M ð : Yaw u : Mt un : My un

74. *βiʔo[m] ‘lágrima’ : Ksh βiǒ : SK βiǒ : Kp -- : Mar -- : Ch βiʔono, βiʔo ‘lágrima’ (ZINGG, 1998), βiʔóna ‘lágrimas’ : Kax biumi [biw'mi] ‘lágrima’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan φion : Shar φion, φionpan ‘lágrima’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wĩʔõ- ‘lagrimar’ : Kn bíũ ‘lágrimas’; M fíõ : Yaw -- : Ko -- : Mt biun ‘lágrima’ : My biun ‘lágrima’.
94. *βinon ‘esp. de palmeira’ : Ksh βinǒ : SK βinó : Kp βinon ‘aguaje, palma real’ : Mar βinõ ‘buriti’ (CESARINO, 2008) : Ch βinona, βino ‘la palma real’ : Kax binu'ni [binu'ni] ~ [b'ɪnui] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- :

Shar -- : Shan -- : Kat βinu [vĩno?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A winõ I : Kn -- : Yaw βinun- : Ko -- : Mt -- : My --.

475. *was[n]o[n] ‘teia de aranha’ : Ksh (βaskõ ‘telaraña’) : SK wasnõ ‘telaraña’ : Kp -- : Mar wasnõ ‘aranha’ (CESARINO, 2008) : Ch βasnona : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wasnõ ‘araña, telaraña’ : Kn basñĩ ‘araña’, basñũ ‘neblina espesa, niebla’ : M-- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh õ : SK õ : Kp on : Ch o : Mar o : Shar o : A õ : Kn ù : M õ : Ko un : Mt un

457. *tito[n] ‘pomo de adão’ : Ksh titõ : SK titõ : Kp titón : Mar tĩto [tẽto] ~ [tẽtu] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch tito ‘manzana de Adán’ : Kax (tĩburu [tĩbu’ru] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar titoko, titokon ‘nuez de la garganta, manzana de Adán’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A titõ II ‘esófago’, tĩjpi : Kn titũku ‘manzana de adán’ : M tĩstõ : Yaw -- : Ko tiktun ‘pescoço’ : Mt titun ‘pescoço’ : My (tĩon ‘manzana de Adán’).

Ksh õ : SK õ Kp on : Mar õ : Ch o : Chan on : Shar on : Shan u : A õ : Kn ù : M o : Yaw un : Mt un : My un

444. *tapon ‘raiz’ : Ksh tapõ : SK tapõ : Kp tapón : Mar tapun : Ch tapóno : Kax (tjipunu [tjipu’nu] (LANES, 2005)) : Yam -- : Chan tapon : Shar tapon, taponpan : Shan tapu : Kat -- : Poy -- : A tapõ II : Kn tapũ : M tápo : Yaw tapun : Ko -- : Mt tapun ‘raiz’ : My tapun ‘raiz (de cualquier planta o árbol)’.

Ksh õ : SK õ : Mar õ : Kp on : Ch o : Kax ù : Yam on : Shar on : Shan un : Kat ù : A õ : Kn ù : M õ : Yaw un : Ko un : Mt un : My un

418. *-šo[n] ‘benefactivo’ : Ksh -şõ : SK - şõ : Kp - şon : Mar şo ~ şõ ‘beneficio’ (KENNEL JR., 1978) : Ch -- : Kax -- : Yam şon ‘benefactivo’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -şon- ‘benefactivo’ : Shan -şun, şuna ‘benefactivo’ : Kat -şũ (-shõ) ‘beneficio’ (MENDES, 1996) : Poy -- : A xõ : Kn -şũ : M -şõ ‘benefactivo’ : Yaw -jun ‘benefactivo’ : Ko -jun

‘benefactivo’ : Mt - şun ‘Morfema verbal benefactivo’ (FERREIRA, 2005) : My --.

419. *-şon ‘sufixo de concordancia transitiva’ : Ksh -şõ : SK -şõ : Kp -şon : Mar şo ~ şõ (KENNEL JR., 1978) : Ch şo : Kax -fu ~ fũ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -şõ : Chan -- : Shar -- : Shan -şun ‘marcador de switch reference transitivo’ : Kat şõ ‘subordinação transitiva, aspecto completo’ (MENDES, 1996) : Poy -- : A -xõ : Kn -şũ : M -- : Yaw -- : Ko şun : Mt -şun ‘morfema de concordância de transitividade’ (FERREIRA, 2005) : My -şun.

Ksh : õ : SK o : Kp on : Ch o : Shar o : Kat un : A õ : Kn ã : M õ : Mt u : My u

103. *βoko[n] ‘esp. de árvore (embaúba?)’ : Ksh βokó : SK βokó : Kp βokón : Mar -- : Ch βokóno, βo’ko ‘el ambaybo (planta que sirve para hacer sogas)’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φoko, φokon ‘cetico (esp. de árbol)’ : Shan -- : Kat βunkun, aβuku : Poy -- : A wokõ I : Kn bukũ : M φókõ : Yaw -- : Ko -- : Mt buku [bu’ku] ‘embaúba’ : My buku [bu’ku] ‘árbol de madera suave, cetico’.

Ksh õ : SK õ : Kp o : A õ : Kn ã : M õ :

75. *βitʃo[n] ‘ondas’ : Ksh βitʃó ‘olas’ : SK βitʃó : Kp βitʃo ‘ola’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φitʃo, φitʃon ‘ola del lago’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A witʃõ I ‘ceño, arrugas en la frente, ola’ : Kn bitʃũ- ‘golpear, perturbar (água), salpicar’ : hini bitʃũ ‘el água se mueve, como cuando el viento la agita’ : M ini φitʃõĩ ‘olas’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh õ : SK õ : Kp o : Mar ã : Ch i : Shar o : A õ : Kn ã : M ã : Mt u : My u

157. *k^wio[n]- ‘ensartar’ : Ksh k^wió : SK kió- : Kp kion-kin ‘ensartar pescado’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar kiwã ‘lámina’ (CESARINO, 2008) : Ch kiwi ‘ensartar pescado’ : Kax : Yam -- : Chan -- : Shar kioin, kioan ‘ensartar’, kion ‘adorno para el labio’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kiõ- : Kn kiũ- : M kïiwã : Yaw -- : Ko -- : Mt kun-kin ‘ato de passar o fio dentro de um orificio’ : My an-kun.

Ksh i : SK ð : Kp o : Shar o : A ð : Kn ù : M ð : Yaw u : My i

407. *ʃiβo[n] ‘esp. de palmeira’ : Ksh ʃiβin ‘esp. de palmera’ (SHELL, 1987) : SK ʃiβð : Kp ʃiβón : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Poy -- : Yam -- : Chan -- : Shar ʃiφo, ʃiφon ‘shapaja (esp. de árbol)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A x̃wð : Kn ʃibũ : M ʃiφð : Yaw ʃihu ‘ouricuri’ : Ko -- : Mt -- : My ʃibin [ʃiβin] ‘palmera grande, shapaja’.

/_m

Ksh ð : SK ð : Kp on : Ch o : Kax u : Shar o : Shan u : Kat un : Poy ù : A ð : Kn ù : M ð : Yaw u

67. *βato[m] ‘esp. de peixe’ : Ksh βató : SK βató : Kp βatón : Mar -- : Ch βatoma, βato ‘bocachica’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φato, φatopan ‘lisa (especie de pez)’ : Shan -- : Kat βatun ‘piau’ : Poy -- : A watð II : Kn batũ : M φátð ‘clase de pez’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
293. *rorom ‘pato’ : Ksh nonð : SK nonð : Kp nonón : Mar -- : Ch no'noma, no'no ‘pato’ (ZINGG, 1998), nonóma : Kax lulu'ma : Yam -- : Chan nono : Shar nonon, nonoman : Shan nunun : Kat nunun : Poy nũnũ : A nõnõ I : Kn nũnũ : M nõnõ : Yaw nunun : Ko -- : Mt -- : My --.

Na etimologia 145, observamos os reflexos de *o antes de consoante final, em ambiente onde ocorrem os reflexos de *r.

/_r#

Ksh ð : SK ð : Kp on : Mar ð : Ch o : Kax u²⁰² : Chan o : Shar o : Kat un : A ð : Kn ù : M ð : Ko un : Mt un : My un

145. *hisor- ‘urinar, urina’ : Ksh isó : SK hisó : Kp hisón- : Mar isð ‘urina’ (CESARINO, 2008) : Ch hiso- : Kax isulu [isu'lu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan iso, **isoin** : Shar **isoin**, **isoa** ‘orinar’ : Shan -- : Kat isun ‘urina’ : Poy -- : A h̃sð- I : Kn isũ; M ísð- : Yaw -- : Ko isun- ‘urinar’ : Mt isun- ‘urinar’ : My isun.

²⁰² Em Kaxararí *isulu*.

3.3.2 Vogais nasais

Como mencionado anteriormente, Shell (1975 [1965]) reconstruiu 4 vogais nasais para Protopáno. Entretanto, as vogais nasais que teriam ocorrido em final de palavra foram analisadas por nós como sequências de vogal mais consoante (VC), sendo a consoante **n*, **m* ou **r*. No meio de palavra, notamos apenas que, como visto no capítulo anterior, alguns autores optaram por fonemizar vogais foneticamente nasais (\tilde{V}), como uma sequência de vogal oral mais consoante nasal (VN). Contudo, não temos evidência de que em todos os casos onde há fonemização *VN* haja, de fato, uma consoante nasal.

Nesta seção, apresentamos as correspondências envolvendo vogais nasais em meio de palavra.

3.3.2.1 $*\tilde{i}$ vogal anterior alta não arredondada nasal

Os reflexos da vogal anterior alta nasal não arredondada ocorrem em apenas duas etimologias. Em 277, os reflexos são \tilde{i} em Shípibo-Kónibo, Amawáka, Kaxinawá e Marúbo. Em Chákobo, Marináwa, Yawanawá, Yamináwa e Sharanáwa, os reflexos são *i*. Em Kapanáwa, Katukína e Shanenáwa, os reflexos são *i*, seguido de uma consoante nasal *n*.

SK \tilde{i} : Kp in : Mar \tilde{i} : Ch *i* : Yam *i* : Shar *i* : Shan in : Kat in : A \tilde{i} : Kn \tilde{i} : M *i* : Yaw *i*

277. $*[n\tilde{i}ka$ ‘escurtar, ouvir’ : Ksh -- : SK $\tilde{n}ika$ - : Kp ninka- ‘oír’ : Mar $\tilde{n}ikãã$ (ANONBY; HOLBROOK, 2002) : Ch nika- ‘oír’ : Kax -- : Yam nika (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar nikai, nika : Shan ninka : Kat ninka-tai : Poy -- : A $\tilde{n}ika$ - II : Kn $\tilde{n}ika$ - ‘oír, obedecer, estar vivo’ : M $\tilde{n}ika$ - : Yaw nika : Ko -- : Mt -- : My --.

Na etimologia 195, os reflexos são \tilde{i} em Kashíbo, Shípibo-Kónibo e Amawáka.

/ #C_

Ksh \tilde{i} : SK \tilde{i} : A \tilde{i}

95. $*\tilde{\beta}ipif$ ‘goiaba (?)’ : Ksh $\tilde{\beta}ipif$: SK $\tilde{\beta}ipif$: Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A $\tilde{w}ipif$ I ‘guayabo, guayaba’, ($\tilde{w}ipif$, $\tilde{w}ipifin$ ‘guayaba’ (HYDE, 1980)) : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My -- .

3.3.2.2 *ĩ̃ vogal central alta não arredondada nasal

Há reflexos da vogal central alta não arredondada nasal em apenas 3 etimologias. Apesar dos poucos dados, os reflexos são divergentes. Em 78, o reflexo de *ĩ̃* em Kashíbo é *í*, e, em 178 e 182, é *ĩ̃*. Yamináwa e Chanináwa têm *i* como reflexo de **ĩ̃* em 239. Chanináwa tem *í*, em 178 e 182.

SK *ĩ̃* : Kp *in* : Mar *ĩ̃* : Ch *í* : Kax *í* : Yam *i* : Chan *i* : Shar *í* : Shan *í* : Kat *ĩ̃* : A *ĩ̃* : Kn *ĩ̃* : M *ĩ̃* : Yaw *í* : Mt *in* : My *in*

239. **mĩ̃tsis* ‘unha da mão’ : Ksh *untsis*, *un'tsi* ‘unha’ (SHELL, 19987), *untsis* ‘nail’ : SK *mĩ̃tsís* ‘unha del dedo’, *mĩ̃tsís* : Kp *mĩ̃tsís* : Mar *mĩ̃tsisi* [*mĩ̃tsisi*] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch *'mĩ̃tsis*, *'mĩ̃tsisi* ‘uña de los dedos de la mano’, *mĩ̃tsisi* ‘uña del dedo de la mano’ : Kax *mĩ̃tʃi'si* (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *mitsis*, *mitsisi* (EAKEN, 2008) : Chan *bitsis* (*otsis*) : Shar *mĩ̃tsisi*, *otsisi* : Shan *mĩ̃tʃi'ji* : Kat *mĩ̃tʃi'ji* [*mĩ̃tʃi'ji*] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Poy -- : A *hon'tsís* ‘uña del dedo del pie’, *mĩ̃tsís* ‘uña, dedo de la mano’ (HYDE, 1980), *mĩ̃tsis* I : Kn *mĩ̃tsís* : M *mĩ̃tsisi* : Yaw *mitsisi* : Ko (*mĩ̃tʃiun* ‘unha’) : Mt *mĩ̃tis* ‘unha’ : My *mĩ̃tsis* [*mĩ̃tsis*].

/ #C_.

Ksh *í* : SK *ĩ̃* : Kp *in*

78. **βĩ̃βo* (provavelmente **βĩ̃ni* + *-βo*, etimologia 77 e 96) : Ksh *βiβo* ‘varón’ : SK *βĩ̃βoo/βiβo* : Kp *βiβo* : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh *ĩ̃* : SK *ĩ̃* : Kp *í* : Chan *í* : Shar *í* : Shan *í* : A *ĩ̃* : Kn *ĩ̃* : M *í*

178. **kĩ̃tʃa*[C] ‘vasilha, prato’ : Ksh *kĩ̃tʃá* : SK *kĩ̃tʃá* : Kp *kĩ̃tʃá* : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *kĩ̃tʃan*, *kĩ̃tʃanpan* ‘tazón, tazón de barro’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *kĩ̃tʃa* I : Kn *kĩ̃tʃa* : M *kĩ̃tʃã* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

182. **kĩ̃ti*[C] ‘tipo de panela’ : Ksh *mani kĩ̃ti* ‘olla de metal para cocinar’ : SK *kĩ̃tí* : Kp *kĩ̃tí* ‘olla para cocinar’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan *kĩ̃ti*, *kĩ̃ti* : Shar *kĩ̃tin*, *kĩ̃tinin* ‘olla de barro’ : Shan *kĩ̃ti* : Kat -- : Poy -- : A *kĩ̃tii* I

‘vasija’, yami k̄iti ‘olla de metal para cocinar’ : Kn k̄iti ‘olla’ (MONTAG, 1981), k̄iti ‘olla para cocinar’ : M k̄iti Yaw k̄iti : Ko -- : Mt -- : My --.

3.3.2.3 *ã vogal central baixa não arredondada nasal

Os reflexos da vogal central baixa não arredondada oral não se mantêm de forma consistente nas línguas comparadas. A reconstrução é feita com base na nasalidade da vogal ou na sequência *a* mais a vogal nasal *n*.

/ C_.s

Ksh ã : SK a : Kp a : Mar ã : Ch a : Yam ã : Shar a : Kat an : Poy ã : A ã : Kn a : M a

50. *hãsi[n] ‘mutum’ : Ksh aṣi o aṣi : SK haṣi : Kp hasín : Mar aṣi (CESARINO, 2008) : Ch hasíni ‘clase de pavo silvestre’, ha’sini, ha’si (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam aṣi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar asin, asipan ‘paujil’ : Shan aṣin : Kat ansin : Poy aṣi : A, hãṣi I (hánsin, hánsinín ‘paujil’ (HYDE, 1980)) : Kn haṣi : M aṣi : Yaw -- : (Ko koftin [ʔoʃt̪in] ‘mutum’) : Mt -- : My --.

/ C_ṣ.

Mar ã : Ch a : Kax a : Yam ã : Shar a : Shan a : Poy ã : A a : Kn a : M a : Yaw an : Mt a : My a

231. *mãṣo ‘chifre de animal’ : (Ksh mapuzo (ZARIQUIEY, 2011)) : SK -- : Kp -- : Mar mãʃũ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch maʃoʃo ‘ampollitas de la piel en la cabeza’ : Yam mãṣo, mãṣomã ‘cuerno’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar maṣo, maṣon : Shan maṣu : Kat (mãtsũy [mɛn'dzoʃ] ‘chifre’ (BARROS, 1987)) : Poy mãhũ : Kax maṣa’hu [maṣa’fiu] (LANES, 2005) : A máxo II : Kn maṣũ : M mãṣo : Yaw manʃun : Ko -- : Mt maṣo ‘cabeça’ : My maṣukud [maʃukud] ‘caspa’.

Ksh ã : SK ã : Ch a : Shar a : Shan a : Poy ã : A ã : Kn a : M ã : Yaw a

319. *pãʃin ‘amarelo’ : Ksh pãʃiã : SK pãʃi : Kp : Mar -- : Ch ʃini ‘rojo, maduro’, paʃi- ‘colorearse, pintonearse’ (ZINGG, 1998) : Kax ʃini [ʃini] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar paṣi ‘pálido’ : Shan paṣin ‘amarelo’ : Kat (manʃin ‘amarelo’) : Poy pãʃi ‘amarelo’ : A pãʃi I : Kn paʃi ‘ictérico’ o

paʃinipa ‘amarillo, pálido’ : M pãʃi: Yaw paʃin ‘amarelo’ : Ko ʃinte ‘urucum’ : Mt ʃin ‘amarelo, laranja’ (FERREIRA, 2005) : My --; ‘amarillo’ (ver também a etimologia 305. *hoʃini).

/ C_.t

Ksh a : SK ã : A ã : Kn ã : M a : My an

322. *pãtot ‘surdo’ : Ksh pato ‘sordo’ : SK pãto ‘sin oído’ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A pãto II ‘sin oído’ (pata II ‘sordo’) : Kn pãtu²⁰³ ‘sem orelha’ (pata ‘sordo’) : M pátó ‘sin oído’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My pandud [pan.ˈdud] ‘persona o animal sin oreja o sin orejas, animal sin cuernos’.

/ C_.tʃ

SK ã : Kp an : A a : Yaw a

207. *mãtʃa[n] : (Csh matuʃka) : SC mãtʃá : Cp mantʃán : Ch -- : A matʃã : Cn -- : M -- : (Mar mãʃũ (ANONBY; HOLBROOK, 2010)) : Kat (mãtsũy [mãnˈdzoʃ] (BARROS, 1987)) : (Shan maʃu) : Yaw matʃan ‘pereba’ : Poy -- : (Kax maʃaˈhu [maʃaˈfiu] ‘chifre’) : Yam -- : Chan -- : Shar-- : Ko -- : (Mt maʃo ‘cabeça’) : (My maʃukud [maʃukud] ‘caspa’) : ‘cuerno de animal’.

/ m_.n

Ksh a : SK a : Kp a : Mar a : Ch a : Yam ã : Chan a : Shar a : Kat a : Shan a : A ã : Kn ã : M ã : Yaw a : Ko a : Mt a

76. *βimãnan ‘testa, cara’ : Ksh βimána ‘cara, frente’ : SK βimanan, βimananin ‘cara, frente’ (SK βimã- ‘sostener la cara’) : Kp βimana ‘cara’ : Mar βimani [βimani ~ βimaˈni] ‘cara, rosto, testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch βimaˈna ‘frente, cara’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam φimãná, φimãnána ‘cara, frente’ (EAKEN, 2008) : Chan φimana, φumana : Shar φimanan, φimananin ‘frente’ : Shan fumana : Kat βimaˈna [βiməˈna] ‘testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A wimãná II ‘cara’ : Kn bimãná : M φimãná :

²⁰³ Segundo Joaquim Kaxinawá (comunicação pessoal), *pãtu* significa sem orelha e não ‘sin oído’, como registrado por Shell. A palavra para surdo é *pata* em Kaxinawá. Ademais, ele não reconhece a forma *padu*, que havia sido registrada por Shell como forma alternativa para *pãtu*.

Yaw βima'nan [βima'nẽ ~ βijmẽ'nẽ] 'testa' (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) :
Ko βimanan : Mt bimanan : My --.

/ #C_C

Ksh ã : SK ã : Kp an : Ch a : Shar a : A ã : Kn ã : M a : Yaw an

121. *tʃãpiʃ 'esp. de molusco' : Ksh tʃãpiʃ : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax --
: Yam -- : Chan -- : Shar (tʃapiʃi, tʃapiʃin 'concha (esp. de pássaro)') : Shan
-- : Kat -- : Poy -- : A tʃanpiʃ 'almeja' : Kn tʃãpiʃ : M -- : Yaw tʃapiʃi : Ko --
: Mt -- : My --.

497. *yãtan 'tarde' : Ksh patã : SK yãtã : Kp yantán : Mar -- : Ch yáta : Kax (liti
[lɔtɔ] 'dia' (COUTO, 2005)) : Yam yãta 'tarde' : Chan -- : Shar yatan
'tarde' : Kat -- : Shan -- : Poy -- : A yãtã II : Kan -- : M yátã : Yaw yantan
[jãtã] (SOUZA, 2013) : Ko (nitin 'dia') : Mt (nitin 'dia') : My --.

Ksh ã : SK ã : Mar a : Kax ã : Kat a : A a

354. *rãβoʃo[ko] 'rótula, joelho' : Ksh rãβoʃo 'rodilla' : SK rãβoʃo : Kp raβoʃo :
Mar 'ravuʃi : Kax tʃãburu [tʃẽbu'ru] : Ch -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan
-- : Kat raβiʃo [raβiʃo?] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A rawoxko
II : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

3.3.2.4 *õ vogal posterior alta arredondada nasal

Assim como no caso das demais vogais nasais, reconstruímos õ com base nos reflexos de vogal nasal ou da sequência vogal o mais vogal nasal (oN) em um conjunto de línguas. Notamos também variação entre os reflexos de *õ.

Ksh õ : SK õ : Kp om : Mar õ : Ch o : A õ : M o : Ko om

107. *βõpa: Ksh βõpa 'clase de escarabajo' : SK bõpa : Kp βompa : Kax -- : Ch
βopa 'diversas clases de insecto, el piojo grande' (ZINGG, 1998), βopa
'clase de escarabajo' : Kax : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- :
Poy -- : A wõpá I 'clase de avispa' : M φopa : (Mar võpa 'nome próprio') :
Yaw -- : (Ko βompa 'nome próprio') : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh õ : SK õ : Kp o : Shar o : Shan u : Poy ã : M o : Mt on : My on

108. *βõsi[m] ‘esp. de lontra’ : Ksh βõsime : SK βõsĩ : Kp hĩni βosi : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φosi, φosin ‘nutria’ : Shan fusi [fu’si? ~ fu’sẽ?] ‘lontra’ : Kat -- : Poy βũsĩ ‘lontra’ : A wõsĩ II : Kn -- : M φósĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt bosen ‘lontra’ : My bosen ‘nutria’.

Chs õ : Ch o : Yam o : Chan o : Shar o : A õ : Kn ã : M o : Yaw u

298. *hõtsis ‘garra, unha’ : Ksh ʔõtsĩs ‘uña, garra, casco’, SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch ‘hotsisi, ‘hotsis (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam otsis, otsisi ‘uña del dedo del pie’ : Chan otsis : Shar otsisi, otsisin ‘uña del dedo del pie’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hõtsis I ‘uña del dedo del pie’ : Kn hũtsis ‘uña del dedo del pier, garra’ : M ótsisi : Yaw utsisi [utsi’si] ‘unha do pé’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ko -- : Mt -- : My --.

Ksh o : SK õ : Shan u : Kat un : A o : M o :: Ko u : Mt u : My o.

344. *posi[n] ‘esp. de preguiça’ : Ksh pošĩ : SK põsĩ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan pusan [pu’sã] : Kat punsi : Poy -- : A pošĩ I : Kn -- : M pósĩ : Yaw -- : Ko pusin ‘esp. de preguiça’ : Mt pusin ‘preguiça real’ : My posin ‘peresozo de dos dedos’.

Ksh õ : SK õ : Kp on : Ch o : Yam o : Shar o : Shan u : M o : Yaw u

434. *şõtako ‘menina, moça’ : Ksh şõtako : SK şõtako : Kp şontako : Mar -- : Ch şotako ‘la muchacha’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam şotoφakĩ, şotoφakĩ, şotokoφakĩ, şotokoφakĩ ‘mujer’ : Chan -- : Shar şotokoφakĩ, şotokoφakĩn ‘niña’ : Shan şutakĩ fakĩ ‘moça’ : Kat -- : Poy -- : A xõtako II ‘mujer joven’ : Kn (şuta ‘tocayo’ (Montag, 1980)) : M şótoko : Yaw şutaku βakĩ ‘menina’ : Ko -- : Mt (buntak ‘jovem, rapaz’) : My (buntak [bun.tak] ‘mujer joven’).

3.3.2.5 Fronteira de morfema

Ademais dos dados apresentados acima, há duas etimologias (98 e 301) em que a vogal nasal reconstruída por Shell (1975 [1965]) ocorre em fronteira de morfemas. Nesse

caso, reconstruímos uma consoante nasal, pois, do contrário, teríamos 2 formas para uma mesma raiz.

98. *βoʔ[n]a[n]-ti ‘tipo de caixa’ : Ksh βoná-ti : SK βonáti : Kp βoʔnánti : Mar -- : Ch βo'na-naʔa ‘nido de la tocandera’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat βunati ‘mala’ : Poy -- : A wonáti II : Kn bunáti ‘baúl, caja’ : M fónáti ‘caja’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
301. *hoi[n]ti ‘coração’ : Ksh -- : SK hoĩti : Kp hoínti : Mar ‘winti (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch hoití : Kax -- : Yam oĩti, oĩtinĩ : Chan ointi : Shar ointi, ointinin : Shan uinti : Kat winti : Poy -- : A hōwĩti II : Kn hũiti : M õiti : Yaw ũiti : Ko winte ‘coração’ : Mt winte ‘coração’ : My uinte [winte].

3.4 SISTEMA FONOLÓGICO RECONSTRUÍDO

Com base nas correspondências entre as línguas comparadas e em outras evidências apresentadas e discutidas ao longo deste capítulo, chegamos a um sistema fonológico para a língua Protopáno com 19 consoantes, 4 vogais orais e 4 vogais nasais, conforme está configurado nos quadros a seguir.

QUADRO 50 – SISTEMA CONSONANTAL PROPOSTO PARA PROTOPÁNO

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	*p	*t			*k *k ^w	*ʔ
Nasal	*m	*n				
Tepe		*r		*ɽ		
Africada		*ts	*tʃ	*tʂ		
Fricativa	*β	*s	*ʃ	*ʂ		*h
Aproximante	*w		*y			

QUADRO 51 – SISTEMA VOCÁLICO PROPOSTO PARA PROTOPÁNO

	Anterior	Central	Posterior
Alta	*i *ĩ	*ɨ *ĩ	*o *õ
Baixa		*a *ã	

Observamos que há diferenças entre a presente proposta reconstrutiva e a proposta de Shell (1975 [1965]). No que diz respeito às consoantes, reconstruímos 3 fonemas adicionais, *ɽ, *tʂ e *h, além de concordarmos com a reconstrução dos outros fonemas inicialmente propostos por Shell (op. cit.). Na presente proposta reconstrutiva, o tepe alveolar sonoro *r tem como reflexos o l em Kaxararí e o n nas demais línguas. O proto *r, proposto por Shell (op. cit.), tem como reflexos o que consideramos ser reflexos de Protopáno *ɽ. A presença de h em Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá e Katukína serviu de base para a reconstrução de um fonema *h em Protopáno, mas com ocorrência restrita ao início de palavra.

Quanto ao sistema vocálico, propomos um sistema praticamente similar ao proposto por Shell (op. cit.), com uma única diferença: ao invés da reconstrução de uma vogal posterior alta não arredondada fechada *u, como proposto pela autora, fundamentamos a reconstrução de uma vogal central alta não arredondada *ɨ*.

4. CONSOANTES EM FINAL DE PALAVRA EM PROTOPÁNO

4.1 INTRODUÇÃO

No presente capítulo, discutimos a reconstrução de consoantes oclusivas em margem direita de sílaba final de palavra em Protopáno. Presentemente, os dados disponíveis fundamentam a reconstrução de consoantes finais nessa posição da palavra. Há línguas como Korúbo, Matís e Mayorúna que apresentam as consoantes oclusivas *t/d*, *k* e *n* em margem direita de sílaba no interior de palavra. Entretanto, por precaução, decidimos não considerar esses dados como fundamentos para a reconstrução de consoantes oclusivas nessa última posição, mas não excluimos a possibilidade de que, em algum estágio anterior da família Páno, consoantes oclusivas seguissem as mesmas orientações fonotáticas das demais consoantes. Pelas razões expostas, nos restringimos, nesta tese, a reconstruir consoantes oclusivas em margem direita de sílaba final de palavra, para o que consideramos as fortes evidências disponíveis em línguas de diferentes sub-ramos da família.

Este capítulo está assim organizado: na seção 4.2, fazemos algumas considerações sobre a análise de Shell (1975 [1965]) para as formas trissilábicas da família Páno, e sobre as observações de Girard (1971) acerca desse tópico; na seção 4.3, discutimos a existência de formas longas e curtas na família Páno e propomos uma definição para estes termos, que foram usadas até aqui de uma forma bastante livre; na seção 4.3.1, apresentamos a nossa proposta de reconstrução de consoantes finais para a protolíngua e as evidências que fundamentam essa hipótese; em 4.3.2, discutimos a natureza sonora dos segmentos que teriam ocorrido em posição final de palavra; e em 4.4, discutimos brevemente os reflexos dessas consoantes em Kaxararí.

4.2 FORMAS TRISSILÁBICAS RECONSTRUÍDAS POR SHELL (1975)

Teria existido em Protopáno, segundo Shell (1975 [1965], p. 93), nomes e verbos monomorfêmicos monossilábicos, bissilábicos e trissilábicos. No caso de palavras trissilábicas, os nomes e os verbos teriam tido desenvolvimentos distintos nas diversas línguas. Interessa-nos, neste capítulo, principalmente, as formas nominais trissilábicas reconstruídas por Shell (op. cit.) para a protolíngua e seus reflexos nas línguas contemporâneas.

A terceira sílaba das formas nominais reconstruídas por Shell (1975 [1965]) é, talvez, a única característica do “Páno-Reconstruído” que, segundo a autora, apresenta relação com todos os níveis linguísticos analisados por ela e a sua reconstrução em nomes teria implicações para a fonologia segmental, suprasegmental e mesmo para o “traço de referência transitiva”. A terceira sílaba Páno, proposta por Shell, tem influenciado várias análises de diferentes aspectos de línguas da família (cf., por exemplo, COSTA, 2000; VALENZUELA, 2003; CÓRDOBA; VALENZUELA; VILLAR, 2011).

O principal fundamento para a reconstrução de uma terceira sílaba Páno por Shell (1975 [1965]) é o “conservantismo e resistência à redução silábica”, em Chákobo, conforme observado por Girard (1971, p. 150). Esse “conservantismo” consiste na existência, em Chákobo, de uma sílaba a mais em palavras que, em outras, seria inexistente, como podemos ver nas seguintes reconstruções de Shell (op. cit.):

TABELA 11 – FORMAS TRISSILÁBICAS, SEGUNDO SHELL (1975)

	Protopáno	Ksh	SK	Cp	Ch	A	Kn	M
3.	*ʔamino	ʔa'mĩ;	ʔa'mi;	ʔa'min;	ʔámino	amĩ	amĩ	amĩ
8.	*ʔawara	ʔo'ɔ	ʔa'wa	ʔa'wa	ʔáwara	áá	awa	áwa
9.	*ʔawini	--	a'wĩ	a'win	ʔa'wini	ãĩ	ãĩ	'ãwĩ
14.	*ʔiani	ʔiá	ʔiá	ʔián	ʔiáni	ĩyã	ĩã	ĩã
15.	*ʔiʔsaka	ʔisá	ʔisá	ʔiʔsá	ʔisaka	isaa	isa	--
17.	*ʔitsisa	ʔitsís	--	--	ʔitsisa	itsis	--	--
20.	*ʔinak	--	ʔiná	ʔinaa	ʔinaka	iná	iná	--
32.	*[ʔ]oʔposʃi	--	hopóʃ	ʔoʔpós	hopíʃi	hōpox	hūpuʃ	ípoʃi
50.	*ás[t]ini	aʃĩ	hasĩ	hasín	hasíni	hãʃĩ	hasĩ	ásĩ
57.	*βaʔkíʃi	βakíʃ-	βakíʃ	βaʔkíʃ	bakíʃi	--	bakíʃ	φákíʃi
74.	*βiʔona	βiō	βiō	--	βiʔóna	wĩʔō-	--	φiō
86.	*βítimi	βitĩ	βitĩ	--	βítimi	witĩ	bitĩ	φítĩ
103.	*βokono	βokō	βokó	βokón	βokóno	wokō	buku	φókō
165.	*kamano	kamō	kamá	--	kamáno	ʃinokamã	kamã	kamá
168.	*kanapa	kaná	kaná	kaná	kanápa	kanáa	kana	kanã
171.	*kapiti	kapí	kapí	kapí	kápiti	kapii	kapi	kápĩ
234.	*mawisi	maís	mawís	--	--	mais	mais	máwisi
239.	*mĩtsis[t]i	--	mĩtsis	mĩntsís	mĩtsisi	mĩtsis	mĩtsis	mĩtsisi

240.	*mikini	mikĩ	mikĩ	mikín	mikini	mikĩ	mikĩ	míki
253.	*naipa	naí	naí	naí	naipa	naí	nai	nai
255.	*nak ^w aʃi	nak ^w aʃ	nakáʃ	nakáʃ	--	nakax	nakaʃ	nákaʃi
293.	*nonoma	nonõ	nonõ	nonõ	nonóma	nõnõ	nũnũ	nõnõ
327.	*piʔaka	piaka	piá	piʔaʃa	piʔaka	piʔaa	--	pía
348.	*poyami	piɲã	poyã	poyán	poyámi	põyã	pũyã	põyã
352.	*raβita	raβi	raβi	raβi	ráβita	rawii	dabi	ráβi
395.	*ʃakata	ʃaká	ʃaká	ʃaka	ʃakáta	xakaa	ʃaka	ʃakã
401.	*ʃatano	--	--	--	ʃatáno	xatã	--	ʃáta
402.	*ʃawani	ʃoʔ	ʃawã	ʃawán	ʃawáni	xãã	ʃawã	ʃãwã
475.	*[w]asnona	--	wanõ	--	βasnona	wasnõ	basnũ	--
476.	*waʃmini	--	waʃmĩ	waʃmín	waʃmíni	--	--	--
491.	*yaʔnani	ɲã	yaã	yaʔnán	yaʔáni	yanã	yanã	yánã
499.	*yawisʃi	ɲaí	yawíʃ	yawíʃ	--	yaiʃ	yaiʃ	yáwiʃí
503.	*yoβika	--	yoβi	yoβi	yóβika	yowii	--	yóφĩ
511.	*yofini	ɲuʃĩ	yoʃĩ	yoʃín	yoʃíni	yoʃĩ	yuʃĩ	yóʃĩ

Além de considerar os reflexos em Chákobo, Shell (1975 [1965]) também considera o acento na última sílaba à direita de palavras bissilábicas das línguas Kashíbo, Shípibo-Kónibo e Kapanáwa, correspondendo à penúltima sílaba das palavras de trissilábicas Chákobo, como indicações de que teria existido uma terceira sílaba nessas línguas. Ela observa que o acento nessas três línguas ocorre, geralmente, na sílaba mais à esquerda em palavras bissilábicas, mas, nos reflexos acima, ocorre sempre na sílaba mais à direita.

Nos casos em que, nas três línguas, além do acento, há reflexo nasal na última vogal, Shell (1975 [1965]) considerou que a consoante da sílaba final teria sido **n* ou **m*, representando esta sílaba como *n/mV*.

TABELA 12 – PALAVRAS TRISSILÁBICAS RECONSTRUÍDAS POR SHELL (1975), CUJA TERCEIRA SÍLABA INICIAVA-SE EM CONSOANTE NASAL, MAS SEM ESPECIFICAÇÃO DA REALIZAÇÃO FONÉTICA DA SÍLABA NA PROTOLÍNGUA

	Protopáno	Ksh	SK	Cp	Ch	A	Kn	M
29.	*ʔiʃmi[n/mV]	ʔiʃmĩ	ʔiʃmĩ	ʔiʃmín	--	iʃmĩ	iʃmĩ	iʃmĩ
69.	*βawi[n/mV]	βã	βawĩ	βawín	--	wã	bã	φãwĩ

75.	*βitfo[n/mV]	βitfō	βitfó	βitfo	--	witfō	bitfũ-	ini φitfōĩ
79.	*βipo[n/mV]	βipĩ	βipõ	βipón	--	wipõ	bĩpũ	φípo
85.	*βiřna[n/mV]	βiřnã	βiřná	βiřnán	--	wixna	biřnã	φířnã
94.	*βino[n/mV]	βinõ	βinó	--	--	winõ	--	--
108.	*βõsi[n/mV]	βõsime	βõsi	hini βosi	--	wõsĩ	--	φósi
200.	*kõřa[n/mV]	kõřã	kõřã	kõřã	--	koxã	kuřa	kořa
204.	*maʔi[n/mV]	maĩ	maĩ	--	--	mãʔĩ	mai	mãĩ
207.	*mãtfa[n/mV]	--	mãtřã	mantfán	--	matřã	--	--
212.	*maka[n/mV]	--	makã	mánkan	--	makã	mãkã	makantřiu
225.	*ma[s]i[n/mV]	mařĩ	mařĩ	mařín	--	mãřĩ	--	mãři
252.	*naʔi[n/mV]	--	naĩ	naʔín	--	nãʔĩ	nãĩ	nãĩ
286.	*noʔi[n/mV]	noĩ	--	noʔín	--	nõʔĩ	nũĩ	nõĩ
335.	*piři[n/mV]	piří	piřĩ	piřín	--	piřĩ	piřĩ	pířĩ
344.	*p[õ]si[n/mV]	pořĩ	põřĩ	--	--	pořĩ	--	póřĩ
379.	*sani[n/mV]	saĩ	--	--	--	saĩ	saĩ	sãĩ
385.	*řiko[n/mV]	řikõ	--	--	--	řikõ	řikũ	--
411.	*řina[n/mV]	řinã	řinã	řinán	--	xinã	řinã	řinã
431.	*řopa[n/mV]	řopã	řopã	řopán	--	xopã	řupã	řopa
454.	*tiřka[n/mV]	tiřkã	tiřká	tiřkán	--	tixkã	tiřkã	tiřkã
464.	*tona[n/mV]	tonã	tonã	--	--	--	tunã	tónã
470.	*wani[n/mV]	baĩ	wãĩ	wanín	--	wãĩ	baĩ	--
417.	*wara[n/mV]	barã	warã	warán	--	wãrã	barã	φára
470.	*wani[n/mV]	baĩ	wãĩ	wanín	--	wãĩ	baĩ	--
471.	*wara[n/mV]	barã	warã	warán	--	wãrã	barã	φarã
507.	*yom[a][n/mV]	řomã	yomã	yomĩ	--	yomã	yomĩ	yómĩ

Nos casos em que Shell (op. cit.) não possuía o cognato em Chákobo, ela, com base na observação das línguas Kashíbo, Shípibo-Kónibo e Kapanáwa, que tinham acento na sílaba mais à direita e na qual não havia nasalidade, reconstruiu uma sílaba a mais, representando-a por [CV].

TABELA 13 – PALAVRAS TRISSILÁBICAS RECONSTRUÍDAS POR SHELL (1975), CUJA TERCEIRA SÍLABA INICIAVA-SE EM CONSOANTE NASAL, MAS SEM ESPECIFICAÇÃO DA REALIZAÇÃO FONÉTICA DA SÍLABA NA PROTOLÍNGUA

	Protopáno	Ksh	SK	Cp	Ch	A	Kn	M
72.	*βiʔna[CV]	βiná	βiná	βiʔná	--	winaa	bina	φina
99.	*βoʔri[CV]	βurí	βorí	βoʔri	--	--	budi	φórĩ
100.	*βoʔro[CV]	--	βoró	hiwi βoʔro	--	woroo	budu	φóro
181.	*kiʂto[CV]	kiʂtó	kiʂtó	kiʂtó	--	--	kiʂtu	kiʂtó
182.	*kĩti[CV]	kĩti	kĩtí	kintí	--	kĩti	kĩti	kiĩ
275.	*niβi[CV]	niβí	niβí	--		niwĩ	nibi	níφĩ
423.	*ʂoa[CV]	--	ʂoa	ʂoa	ʂoa	--	ʂua	ʂóa
432.	*ʂopo[CV]	ʂopó	ʂopó	ʂopó	--	xopo	--	ʂópo
442.	*tao[pa]	tóó	taó	taó	--	tao	tau	tao
456.	*titi[CV]	títĩ	títĩ	--	títĩpa	títĩ	títĩ	títĩ
494.	*yami[CV]	imí	yamí	yamí	--	yamii	yami	yámi

Notamos que há um caso em que a autora reconstrói uma terceira sílaba, considerando apenas os reflexos em Kashíbo, Shípibo-Kónibo e Kapanáwa, pois a forma em Chákobo não apresenta 3 sílabas.

TABELA 14 – PALAVRA TRISSILÁBICA RECONSTRUÍDA PARA PROTOPÁNO SEM REFLEXO TRISSILÁBICO EM CHÁKOBO

	Protopáno	Ksh	SK	Cp	Ch	A	Kn	M
457.	*títõ[CV]	títõ	títõ	títón	tító	títõ	títũku	tístõ

Girard (1971) traz importantes contribuições para a discussão sobre formas nominais trissilábicas reconstruídas por Shell (1975 [1965]). Primeiramente, Girard (op. cit., p. 150) observa que Shell (op. cit.) “listou em seu conjunto de cognatos apenas as formas objetivas, exceto para o Chácobo onde aparentemente a forma ergativa é a forma de citação”. Quanto às formas de marcação, o autor também observou que “a presença ou ausência dessa sílaba final pode bem sinalizar nas línguas contemporâneas a diferença entre ergativo e objetivo” (GIRARD, 1971).²⁰⁴

²⁰⁴ “[...] the presence or absence of this final syllable may well in the contemporary languages signal the difference between ergative and objective [...]” (GIRARD, op. cit.)

A partir das observações de Girard (1971), passamos a considerar que todas as línguas da família Páno apresentam formas longas e curtas para alguns nomes, o que discutiremos na próxima seção. Notamos que o uso dos termos ‘formas longas e formas curtas’ pode ser mais neutro do que ‘formas ergativas e objetivas’, uma vez que formas longas também podem ocorrer quando à raiz nominal se ajuntam outros sufixos casuais.

4.3 FORMAS LONGAS E CURTAS EM LÍNGUAS PÁNO

É importante ressaltar que foi Loos (1978, p. 135)²⁰⁵ o primeiro a estabelecer a diferença entre formas longas e curtas²⁰⁶ na família Páno, considerando que, nas línguas dessa família,

[...] um substantivo em função de sujeito tem uma forma fonológica mais longa que a forma do mesmo substantivo em função de complemento direto, e a forma longa e, à primeira vista, a forma curta fusionada com o alomorfe de um sufixo marcador do sujeito.²⁰⁷

Esta diferenciação é uma generalização descritiva que explica a alternância de formas como as que observamos nos dados da língua Kaxinawá,²⁰⁸ abaixo, em que as palavras para ‘jacaré’, ‘anta’ e ‘onça’ ocorrem ora com duas sílabas e ora com três sílabas.

1. kapi huni ka-ĩ-shu-ki
jacaré.ABS fugir/esconder ir-?-PAS-?
‘O jacaré fugiu’
2. kapitã huni kiyu-shu-ki
jacaré.ERG homem morder-PAS-?
‘O jacaré mordeu o homem’
3. awa huni ka-ĩ-shu-ki
anta.ABS fugir/esconder ir-?-PAS-?
‘A anta fugiu’

²⁰⁵ O leitor poderá perceber uma aparente incongruência nas datas das publicações de Loos. No entanto, ao compararmos o texto que citamos como “Loos (1978)” com o texto que citaremos como “Loos (1973)”, vemos que o texto publicado em 1978 está citado como publicado no texto de 1973. Esse fato nos levou a considerar o texto de 1978 como o primeiro cronologicamente, além de constituir indicação de que o material a que tivemos acesso deve tratar-se de republicação do texto original.

²⁰⁶ No original, “formas largas” e “formas cortas” (cf. LOOS, 1978).

²⁰⁷ “[...] un substantivo en función de suxeto tiene una forma fonológica más larga que la forma del mismo substantivo en función de complemento directo, y la forma larga es, a primera vista, la forma corta fusionada con el alomorfo de un sufijo marcador del suxeto” (LOOS, 1978). O autor observa ainda que “en algunos de estos idiomas el suxeto intransitivo también lleva una marca, diferente del suxeto transitivo” (LOOS, op. cit.).

²⁰⁸ Agradeço a Joaquim Maná de Lima por, gentilmente, ceder-nos estes dados.

4. awadĩn huni kiyu-shu-ki
 anta.ERG homem morder-PAS-?
 ‘A anta mordeu o homem’
5. hunĩ kamã uĩ-shu-ki
 homem.ERG cachorro.ABS ver-PAS-?
 ‘O homem viu o cachorro’
6. kamã huni ka-ĩ-shu-ki
 cachorro. ABS fugir/esconder ir-?-PAS-?
 ‘O cachorro fugiu’
7. kamanĩ huni kiyu-shu-ki
 cachorro.ERG homem morder-PAS-?
 ‘O cachorro mordeu o homem’

Loos (1978) estende o uso dos termos “formas longas” e “formas curtas” também às formas que não apresentam alternância no número de sílabas segundo a função sintática que desempenham. Nesse caso, a forma *huni* ‘homem (ERG.)’, acima, seria a forma longa de *huni* ‘homem’. Para nós, seria mais adequado, no caso dos nomes das línguas Páno, reservar os termos formas longas e formas curtas apenas para as formas que apresentam alternância CVCV ∞ CVCVCV.

A alternância entre formas longas e curtas, entretanto, ocorre também em alguns morfemas gramaticais de línguas Páno. Observe-se, por exemplo, o morfema comitativo *-βĩ* ∞ *-βĩtan*, nos dados de Yawanawá, extraídos de Paula (2004, p. 204).

8. *nani* *βĩtan kuni-n* *atsa-∅* *pi-a*
 nome.próprio COM nome.próprio macaxeira-ABS comer-PAS
 ‘Nani e Kuni comeram macaxeira’
9. *audi-∅-hin* *auin-βakĩ-βĩ* *fu fu-pai-tiru*
 Aldir-ABS-FOC mulher-criança-COM brincar-DES-AF
 ‘Aldir só quer brincar com sua filha’

Assim, como vimos nos nomes em Kaxinawá (exemplos de 1 a 8), o morfema comitativo em Yawanawá também apresenta duas formas, uma quando ocorre em sintagma nominal em função de A e outra quando ocorre em sintagma nominal em função de Sa (cf. PAULA, 2004).

Na etimologia 71, os reflexos deste morfema apresentam duas formas em praticamente todas as línguas, com exceção de Chákobo e Marúbo. Apenas em Korúbo, Matís e Mayorúna há reflexos de uma consoante final Ko $\beta\acute{h}$, Mt *bíd* e My *bíd*.

71. * $-\beta\acute{it} \infty -\beta\acute{ita}[n]$: Csh $\beta\acute{i}$ (comitative S), $\beta\acute{it}\acute{a}$ (Comitative A) (ZARIQUIEY, 2011) : SC $-\beta\acute{i} \sim -\beta\acute{itan}$ ‘comitative’ (VALENZUELA, 2003; LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Cp $-\beta\acute{i} \sim -\beta\acute{ita}$ ‘con’ (LOOS; LOOS, 1998) : Ch $\beta\acute{ita}$ ‘con’ (ZINGG, 1998), $\beta\acute{ita}$ ‘en compañía de, con (sufijo nominal)’ : A $w\acute{i}$, $w\acute{it}\acute{a}$: Cn $-\beta\acute{i}$, $\beta\acute{it}\acute{a}$: M $\phi\acute{i}$, $-\phi\acute{it}\acute{a}$: Mar $\beta\acute{i}$ ‘associativo’ (KENNEL, 1978), $-\beta\acute{i}$ ‘associativo pronominal’ (COSTA, 1992) : Kat -- : Shan $f\acute{i} \infty f\acute{itan}$ ‘comitativo’ ($f\acute{i}$ ‘comitativo com verbos intransitivos’ $f\acute{itan}$ ‘comitativo com verbos transitivos’) : Yaw $\beta\acute{i} \infty \beta\acute{itan}$ ‘comitativo’ ($\beta\acute{i}$ ‘intransitivas’, $\beta\acute{itan}$ ‘transitivas’) : Poy -- : Kax $\beta\acute{i} \sim \beta\acute{ita}$ ‘comitativo’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam $\phi\acute{i}$, $\phi\acute{it}\acute{a}$ ‘con’ (EAKEN, 2008) : Chan $\phi\acute{i}$, $\phi\acute{it}\acute{an}$ ‘con’ : Shar :Ko $\beta\acute{it}$, $\beta\acute{ita}$: Mt $\beta\acute{id} \infty \beta\acute{ita} \infty \beta\acute{itan}$ ‘comitativo’ ($\beta\acute{id}$ ‘S’, $\beta\acute{ita}$ ‘O’, $\beta\acute{itan}$ ‘S’) (FERREIRA, 2005) : My $\beta\acute{id} \infty \beta\acute{ita} \infty \beta\acute{itan}$ ‘comitativo’ ($\beta\acute{id}$ ‘S’, $\beta\acute{ita}$ ‘O’, $\beta\acute{itan}$ ‘S’) (FLECK, 2003).

Concluimos, portanto, que também morfemas gramaticais apresentam formas longas e curtas e que esta alternância se relaciona diretamente com a função sintática dos sintagmas, paralelamente ao que ocorre nos nomes.

Dessa forma, redefinimos formas longas como a maior forma de um nome ou de um morfema gramatical que apresenta duas formas alternantes condicionadas pela sua função sintática; e a forma curta, por sua vez, seria a menor forma de um nome ou de um morfema gramatical que apresenta duas formas alternantes condicionadas pela sua função sintática.

Quanto aos verbos, Loos (op. cit., p. 166) afirma que:

[...] o mesmo processo de encurtamento que reduziu os substantivos de forma CVCVCV do Protopáno se aplicou a raízes verbais, mas a existência de sufixos vocais-iniciais pode ter ajudado a conservar as originais terceiras consoantes de raízes CVCVC(V).²⁰⁹

²⁰⁹ “[...] el mismo proceso de acortamiento que redujo los substantivos de forma CVCVCV del proto-pano se aplicó a raíces verbales, pero la existencia de sufijos vocales-iniciales puede haber ayudado a conservar las originales terceras consonantes de raíces CVCVC(V).”

É bastante provável que Loos (op. cit.) utilize a representação de trissilábicas em Protopáno, com base na reconstrução de Shell (1975 [1965]), que postulou formas trissilábicas em todos os casos em que os nomes em Chákobo apresentavam a forma CVCVCV, o que discutiremos mais adiante. O mais importante, entretanto, é que seria possível que o processo de alternância entre formas longas e curtas ocorresse tanto em nomes quanto em verbos nas línguas da família Páno. Ou seja, em sentido mais amplo, poderíamos dizer que verbos também possuem formas longas e curtas. No entanto, o condicionamento de ocorrência das formas longas e curtas de um verbo seria diferente do condicionamento de formas longas e curtas dos nomes e dos morfemas gramaticais. Voltaremos a este tema na próxima seção deste capítulo. Por ora, acreditamos que as definições acima são suficientes para o entendimento da discussão desenvolvida nas seções subsequentes.

4.3.1 Reconstrução de consoantes em margem direita de sílaba em Protopáno

Ao discutir o sistema de marcação de caso nos nomes, Córdoba, Valenzuela e Villar (op. cit., p. 13) observam que há em Chákobo uma alternância entre formas longas e formas curtas, parcialmente condicionada pela função sintática do nome e também pela sua posição na oração. As formas curtas ocorrem apenas em função de objeto (O) ou de sujeito de intransitiva (S) e em posição pré-verbal, enquanto as formas longas ocorrem em posição de O, de A e de S, em posição pré e pós-verbal. Córdoba, Valenzuela e Villar (op. cit., p. 21) observam também que “sólo las [formas] trissilábicas ocurren como formas de citación”²¹⁰.

Os dados seguintes, extraídos de Córdoba, Valenzuela e Villar, (op. cit., p. 21), ilustram o comportamento dessas formas em Chácobo. A análise é a mesma apresentada no artigo original.

- | | | | | |
|------|-----------------------------|-------------------------|------------------------|---|
| 10. | kamanó
jaguar:ERG | honi
hombre:ABS | tsaya-ki
mirar-CMPL | A |
| | ‘El jaguar miró al hombre’. | | | |
| 11a. | kamáno
jaguar:ABS | habá-ki.
correr-CMPL | | S |
| | ‘El jaguar escapó’ | | | |

²¹⁰ Loos (1978) também havia observado a presença de formas longas e curtas em Chákobo.

11b.	kamá	habá-ki		S
	jaguar:ABS	correr-CMPL		
	'El jaguar escapó'			
12a.	honí	kamáno	tsaya-ki	O
	hombre:ERG	jaguar:ABS	mirar-CMPL	
	'El hombre miró al jaguar'			
12b.	honí	kamá	tsaya-ki	O
	hombre:ERG	jaguar:ABS	mirar-CMPL	
	'El hombre miró al jaguar'			
13	habá-ki	kamáno		O
	correr-CMPL	Jaguar.ABS		
	'El hombre miró al jaguar'			

A partir da observação de formas longas e curtas, em línguas da família Páno e, principalmente, em Chákobo, postulamos que a protolíngua também teria formas longas e curtas e que as formas trissilábicas reconstruídas por Shell (1975 [1965]) são, na verdade, formas flexionadas para caso.

No caso da língua Chákobo, diferentemente das outras línguas, haveria uma mudança em curso, em que as formas longas deixaram de ser interpretadas como formas flexionadas e passaram a ocorrer também na função de O e de S. No entanto, a língua Chákobo ainda mantém resquícios do sistema original, que não permitem que formas curtas ocorram na função de A (cf. também LOOS, 1978).

Dados das línguas Korúbo, Matís e Mayorúna nos dão as evidências adicionais de que as formas curtas das palavras apresentadas na tabela 11 teriam uma consoante em final de palavra na protolíngua. Na tabela abaixo, apresentamos as nossas reconstruções de palavras do Protopáno ilustradas também com os cognatos nas línguas Korúbo, Matís e Mayorúna. Ressaltamos que, na tabela seguinte, as formas da língua Chákobo são todas formas curtas.

TABELA 15 – FORMAS CURTAS COM CONSOANTE FINAL

		Ksh	SK	Cp	Ch	A	Kn	M	Ko	Mt	My
8.	*ʔawaɾ	ʔɔ'ɔ	ʔa'wa	ʔa'wa	ʔáwa	áá	awa	áwa	awat	awad	awad
9.	*ʔawin	--	a'wĩ	a'win	ʔa'wi	ãĩ	ãĩ	'ãwĩ	awin	awin	awin
14.	*ʔian	ʔiá	ʔiá	ʔián	ʔiá	ĩyã	ĩã	ĩã	tʃan	tʃan	tʃian
17.	*ʔitsis	ʔitsís	--	--	ʔitsis	itsis	--	--	--	itʃis	itsis
32.	*hoʔpoʃ	--	hopós	ʔoʔpós	hopíʃ	hōpox	hũpuʃ	ípoʃi	--	--	o'pos
86.	*βitim	βitĩ	βitĩ	--	βiti	witi	bitĩ	φítĩ	βitin	βitin	--
165.	*kamar	kamõ	kamá	--	kama	ʃinokamã	kamã	kámã	kamun	kamun	kamun
171.	*kapit	kapí	kapí	kapí	kápi	kapii	kapi	kápĩ	--	kapid	--
234.	*mawis	maís	mawís	--	--	mais	mais	máwisi	--	mawes	maues
239.	*mĩtsis	--	mĩtsis	mĩntsís	mĩtsis	mĩtsis	mĩtsis	mĩtsisi	--	mĩntsís	mĩntsís
240.	*mikir	mikĩ	mikĩ	mikín	mikíni	mikĩ	mikĩ	míkĩ	--	mikín	--
255.	*nak ^w aʃ	nak ^w áʃ	nakás	nakás	--	nakax	nakaʃ	nákaʃi	--	nakaʃ	--
327.	*piʔak	piaka	piá	piʔaʃa	piʔá	piʔaa	--	pía	piak	piak	piak
352.	*raβit	raβí	raβí	raβí	raβí	rawii	dabi	ráφi	ʔaβit-pa	dabid-pa	daid
491.	*yaʔra	ʔaĩ	yaã	yaʔnán	yaʔá	yanã	yanã	yánã	--	--	tʃanin
499.	*yawis	ʔaí	yawíʃ	yawíʃ	--	yaiʃ	yaiʃ	yáwiʃí	tsawes	tsawes	tsaues
511.	*yosin	ʔuʃĩ	yofĩ	yofín	yofí	yofĩ	yuʃĩ	yóʃĩ	tsusin	tsunsin	--

Observando a tabela 15, podemos notar que apenas Korúbo, Matís e Mayorúna mantiveram as consoantes oclusivas (incluindo *n*)²¹¹ em final de palavra nas formas curtas, enquanto as demais línguas perderam as consoantes oclusivas nessa posição. Todas as línguas mantiveram as consoantes fricativas em final de palavra.

As formas longas e curtas em Chákobo, Amawáka, Iskonáwa, Sharanáwa, Kaxinawá, Shípibo, Kashíbo, Kapanáwa e Mayorúna são analisadas por Loos (1978), a partir de uma regra de apagamento de consoantes oclusivas (incluindo *m* e *n*), a qual ele acreditava existir na protolíngua, e estabelece regras sincrônicas para as seguintes línguas:

Chákobo: “[...] se suprimem consoantes oclusivas que precedem a outra consoante ou a margem da palavra. Incluímos consoantes nasais no grupo de oclusivas. As consoantes fricativas não serão afetadas por esta regra.” (LOOS, op. cit., p. 141).²¹²

Amawáka: “[...] suprimir consoantes oclusivas (inclusive *m* e *n*), quando são finais de sílabas” (LOOS, op. cit., p. 145).²¹³

Sharanáwa: “[...] suprimir consoantes não contínuas finais de sílaba ou antes de uma junção de morfemas” (LOOS, op. cit., p. 149).²¹⁴

Shípibo: “[...] suprimir consoantes oclusivas (inclusive nasais) ao final de sílaba” (LOOS, op. cit., p. 151).²¹⁵

O autor analisa de forma semelhante as línguas Iskonáwa, Kaxinawá, Kashíbo e Mayorúna. Entretanto, notamos que, nos dados apresentados por Loos (op. cit.) para a língua Mayorúna, não há nenhuma palavra que apresente a alternância entre formas longas e curtas, o que o leva a concluir que, em Mayorúna, “as formas longas se perderam completamente” (LOOS, op. cit.). Diferentemente de Loos (1978; 1973), vemos que não só a língua Mayorúna, como também as línguas Matís e Korúbo (que são geneticamente mais próximas da primeira), apresentam uma alternância entre formas longas e curtas e também são as únicas a apresentar uma consoante em final de palavra nas formas curtas. Essas observações nos levaram a considerar não só a reconstrução dessa alternância para a protolíngua, como também uma consoante final de palavra em suas formas curtas.

²¹¹ Provavelmente o fonema *ɽ da protolíngua era mais oclusivo quando em final de palavra, o que explicaria o seu apagamento nesse contexto.

²¹² “[...] se suprimen consonantes oclusivas que preceden a otra consonante o el margen de la palabra. Incluímos consonantes nasales en el grupo de oclusivas. Las consonantes fricativas no serán afectadas por esta regla.” (op. cit., p. 141)

²¹³ “[...] suprimir consonantes oclusivas (inclusive *m* y *n*) cuando son finales de sílabas.” (op. cit., p. 145)

²¹⁴ “[...] suprimir consoantes no contínuas final de sílaba o ante una junção de morfemas.” (op. cit., p. 149)

²¹⁵ “[...] suprimir consonantes oclusivas (inclusive nasales) al final de sílaba.” (op. cit., p. 151)

Abaixo, apresentamos alguns exemplos de alternância entre formas longas e curtas na língua Matís, em que a forma curta apresenta consoante final. Apresentamos, em seguida, dados de Ferreira (2005), com algumas adaptações na segmentação e na análise para evidenciar as diferenças entre as formas longas e curtas. Escolhemos exemplos da língua Matís, por esta conservar cognatos que aparecem nos dados compartilhados por outras línguas e que ilustram melhor a discussão.

- 14 *awad̩n* *tumi* *nidikaboş*
 awad-in *tumi* *nidika-bo-ş*
 anta-ERG *nome.próprio* *correr.atrás.de-PASS.N.REC-?*
 ‘A anta correu atrás do Tumi’
- 15 *kodokakid̩n* *awad* *kodokaek*
 kodoka-kid-in *awad* *kodoka-e-k*
 cozinhar-NMLZ-ERG *anta* *cozinhar-N.PASS-?*
 ‘O cozinheiro cozinha a anta’
- 16 *kamun̩n* *unkin* *akkid*
 kamun-in *unkin* *ak-kid*
 onça-ERG *caititu* *matar-NMLZ*
 ‘A onça é a que mata caititu’
- 17 *n̩muduk* *kamun* *abi*
 n̩muduk *kamun* *abi*
 floresta *onça* *existencial*
 ‘Na floresta tem onça’
- 18 *kamun* *matses-in* *pe-kimo-esma*
 onça *Matis-ERG* *comer-INTEN-NEG.*
 ‘Os Matís nunca (mesmo) comem onça’

Em todos os exemplos em Matís, acima, a diferença entre forma longa e forma curta se deve a uma forma em função de A (longa) e uma forma em função de O ou de S (curta). No entanto, há também exemplos, nas várias línguas, em que a diferença se deve a uma forma flexionada para outros casos, como o instrumental ou o genitivo. No exemplo seguinte, a palavra *awad* ‘anta’, do Matís, aparece em sua forma longa, flexionada para caso genitivo:

- 19 inbi awadin tai isak
 inbi awad-in tai is-a-k
 ISG.ERG anta-GEN pé ver-PASS.REC-DECL
 ‘eu vi a pegada da anta’ (lit. o pé da anta)

A proposta que apresentamos nesta tese é a de que a protolíngua possuía consoantes em margem direita de sílaba nas formas curtas e que as línguas Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Poyanáwa, Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa, antes de silêncio, perderam todas elas, exceto as consoantes fricativas. As únicas línguas que preservaram consoantes oclusivas em margem direita de sílaba (incluindo nasais) antes de silêncio foram Matís, Mayorúna e Korúbo. O caso da língua Kaxararí será discutido em seção específica.

Propomos, então, que as consoantes finais de palavra em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Poyanáwa, Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa ainda fazem parte da estrutura sonora de certas formas, mas estas consoantes só se realizam fonologicamente quando um sufixo iniciado por vogal é adicionado a elas.

Consoantes oclusivas em margem direita de sílaba também são reconstruíveis para a protolíngua em morfemas gramaticais, como mostram os exemplos 52, 71, 418 e 419.

52. *hatit: Csh **atian** ‘then’ (ZARIQUIEY, 2011) : SC ha’ti ‘tanto’ (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993), **hatíβi** : Cp **hatiβi** ‘todos’ : Ch ha’ti ‘toditos, todo igual’ (ZINGG, 1998), **hatíta** ‘todo : A -- : Cn **hatibi** ‘todos esos, todos; cada uno’ : M nátiφii : Mar aati ‘essa quantia’ (KENNEL, 1978), ati [ãtĩ] ‘3Pl (esses) (COSTA, 1992) : Kat -- : Shan -ti ‘quantificador’ : Yaw aui-ti ‘quanto’ : Poy -- : Kax -- : Yam -tii ‘todos, varios del mismo tipo, esta cantidad’ (FAUST; LOOS, 2002; EAKEN, 2008) : Chan natiφi ‘todos’, datian ‘ahora’ : Shar **atişon** ‘de este tamaño (objeto entero)’ : Ko atet ‘esse tanto’ : Mt ted ‘tantos quantos’ (FERREIRA, 2005) : My ted ‘as many as’ (FLECK, 2003), tedi ‘all of’ : (Csh kamaβi, ver Mar abajo).

71. *-βit ∞ -bita[n] : Csh βi (comitative S), βitã (comitative A) (ZARIQUIEY, 2011) : SC -βi ~ -βitan ‘comitative’ (VALENZUELA, 2003; LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Cp -βi ~ -βita ‘con’ (LOOS; LOOS, 1998) : Ch βita ‘con’ (ZINGG, 1998), bita ‘en compañía de, con (sufijo nominal)’ : A wiï ‘con’ (HYDE, 1980), wi, witã : Cn -bi, bitã : M φi, -φitã : Mar βi ‘associativo’ (KENNEL, 1978), -βi ‘associativo pronominal’ (COSTA, 1992) : Kat -- : Shan fi ∞ fitan ‘comitativo’ (fi ‘comitativo com verbos intransitivos’ fitan ‘comitativo com verbos transitivos’) : Yaw βi ∞ βitan ‘comitativo’ (βi ‘intransitivas’, βitan ‘transitivas’) : Poy -- : Kax bi ~ bita ‘comitativo’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam φi, φita ‘con’ (EAKEN, 2008) : Chan φi, φitan ‘con’ : Shar -- : Ko βit, βita : Mt bid ∞ bita ∞ bitan ‘comitativo’ (bid ‘S’, bita ‘O’, bitan ‘S’) (FERREIRA, 2005) : My bid ∞ bita ∞ bitan ‘comitativo’ (bid ‘S’, bita ‘O’, bitan ‘S’) (FLECK, 2003).
418. *-şo[n]: Csh şun ‘benefactive applicative’ (ZARIQUIEY, 2011), -şõ : SC -şõ : Cp -şon : Ch -- : A xõ : Cn -şũ : M -şõ ‘benefactivo’ : Mar şo ~ şõ ‘beneficio’ (KENNEL, 1978) : Kat -şũ (-shõ) ‘beneficio’ (MENDES, 1998) : Shan -şun, şuna ‘benefactivo’ : Yaw -şun ‘benefactivo’ : Poy -- : Kax -- : Yam şon ‘benefactivo’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -şon- ‘benefactivo’ : Ko -şun ‘benefactivo’ : Mt - şun ‘Morfema verbal benefactivo’ (FERREIRA, 2005) : (Ch -şi ‘benefactivo futuro’).
419. *-şon : Csh -şun (ZARIQUIEY, 2011), -şõ : SC -şõ : Cp -şon : Ch şo : A - xõ : Cn - şũ : M -- : Mar şo ~ şõ (KENNEL, 1978) : Kat şõ ‘subordinação transitiva, aspecto completo’ (MENDES, 1998) : Shan -şun ‘marcador de switch reference transitivo’ : Yaw -- : Poy -- : Kax -şu ~ şun (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -şõ : Chan -- : Shar -- : Ko şun : Mt - şun ‘morfema de concordância de transitividade’ (FERREIRA, 2005) : My -şun : ‘sufijo de concordância transitiva’.

A ocorrência de consoantes em margem direita de sílaba, tanto em palavras quanto em morfemas gramaticais, sugere que a perda de consoantes oclusivas em margem direita de sílaba – em Kashíbo, Shípiho-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka,

Kaxinawá, Marináwa, Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Poyanáwa, Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa – deve ser resultado de uma reestruturação dos padrões silábicos, nessas línguas. Nos exemplos abaixo, extraídos de Ferreira (2005), observamos que Matís, uma das línguas que manteve consoantes oclusivas em final de palavra, também apresenta essas consoantes em meio de palavra e em margem direita de sílaba.

a) /andadawid/	b) /iksamadap/	c) /ikʂak/	d) edta
andadawid	iksama-dap	ikʂak	ed-ta
‘vazio’	‘ruim-?’	‘boca’	‘Entre!’

Em Protopáno, as consoantes oclusivas teriam ocorrido em margem direita de sílabas em verbos, como ilustrado pelas etimologias 1 e 110, reproduzidas aqui:

1. *ʔak- : Csh ʔa- : SC ʔa- : Cp ʔa- : Ch ʔa- : A ʔa- (CHAVEZ, 2012) : Cn a- : M a- ‘hacer’ : Mar a : Kat -- : Shan -- : Yaw -- : Poy -- : Kax a- : Yam ak- Chan a- : Shar a- ‘hacer, matar’ : Ko ak-, Mt ak- : My ak-.
110. *tʂaʔo[t]- : Csh tʂoot ‘live’ (ZARIQUIEY, 2011), tsóti ‘sentarse’, tsónti ‘sentar’ (SHELL, 1987), tsóó : SC **tʂaóti**, **tʂaóta** ‘ponerse de coclillas’ (LORITO; LAURIAULT; DAY, 1993) : Cp tʂaʔó- ‘sentado, asentado’ **tʂaʔo**-ti ‘sentarse’ : Ch tʂaʔo- ‘sentarse’ : A tʂaʔoo-ʔi ‘sentarse’ (HYDE, 1980), tʂaʔo- II : Cn tsau- ‘sentarse’, tsaua ‘sentado’ : M tsáo- : Mar tsao- ‘sentar’ (CESARINO, 2008) : Kat -- : Shan tsaw ‘sentar’ : Yaw tsau ‘sentar’ : Poy -- : Kax -- : Yam tsao (FAUST; LOOS, 2002) : Chan tsao- : Shar tsaoi, tsaoa ‘sentarse’ : Ko tsat : Mt tsad : My tsad ‘sentarse’.

A consoante *t* final de verbos é analisada por Valenzuela (2013) como um morfema que intransitiviza verbos em Shípiho, Kashíbo e Matsés. Entretanto, é muito provável que a consoante *t* final fizesse parte da raiz e se apagasse ao receber morfemas iniciados por consoantes, manifestando-se fonologicamente com a adição de sufixos iniciados por vogais. A autora (op. cit.) apresenta os seguintes exemplos que demonstram a possível oposição entre os morfemas -t ‘intransitivizador’ e -n ‘transitivizador’ em Shípiho.

raka-t- ‘echarse’	vs.	raka-n- ‘echar algo/a alguien’
wini-t- ‘pararse’	vs.	wini-n- ‘parar algo/a alguien’
tsao-t- ‘ponerse de cuclillas’	vs.	tsao-n- ‘poner de cuclillas algo/a alguien’
yaka-t- ‘sentarse’	vs.	yasa-n- ‘sentar algo/a alguien’

Note-se que, em Shípibo, o verbo *pakí* ‘cair’, apresenta um *t* quando seguido de morfema constituído por vogal, porém, quando seguido do morfema *-kí*, o *t* não ocorre.

20. Sani=n=ra yobin tsaka-xon paki-ki.
 Sani=ERG=EV fruta:ABS golpear-PREV.SI.A hacer.caer-COMPL
 ‘Sani le dio a la fruta (con flecha, piedra o palo) y la hizo caer (del árbol)’.
21. Yaká-yaká-kin oin-a=ronki ik-á iki
 sentarse-sentarse-SIM.SI.A ver-PRTCP=REP AUX-PRTCP AUX
- wistíora bimi ani jiwimíia-x paki-t-i
 un fruta:ABS grande árbol:LOC:ABL-S dejar.caer-VM-SIM.SI.S
- jíini=nko=shaman.
 agua.corriente=LOC=INTENS
 ‘Mientras estaba sentado, vio que una fruta cayó desde un árbol grande al agua’.

Embora reconstruamos também consoantes em margem direita no final de alguns verbos, vemos a possibilidade de que, nos exemplos precedentes, o *-t* seja parte do tema, mas não necessariamente da raiz.

4.3.2 Natureza fonética das consoantes em margem direita de sílaba

Ao compararmos as consoantes finais das formas curtas das línguas Korúbo, Matís e Mayorúna, verificamos que elas se diferenciam das consoantes encontradas nas formas longas correspondentes de outras línguas. Isso nos levou a considerar que essas três línguas inovaram.

4.3.2.1 Reflexos de **t* e **ɫ* em final de palavra

Nas etimologias em 8 e 171, verificamos que os reflexos da consoante final **ɫ* e da consoante final **t* são *d* em Matís. No entanto, o reflexo de **ɫ* na forma longa em Shípibo-Kónibo e Chákobo é *r*, e na forma longa em Kaxararí é *tʃ*. Já em 171, o reflexo de

**t* na forma longa em Chákobo, Yamináwa e Kaxararí é *t*, e, embora seja também *t* em Korúbo, é *d* em Matís e Mayorúna.

8. *ʔawaʔ : Csh ʔɔʔ : SC ʔa'wa 'tapir', ʔawarã piti 'comida de tapir (nombre de planta)' : Cp ʔa'wa; Ch ʔáwara 'tapir' A ʔáá (HYDE, 1980), áá I : Cn awa : M áwa : Mar awa : Kat awa [aw'a] (BARROS, 1987) : Shan awa : Yaw aua : Poy awa : Kax [awa'tja] : Yam aʔa (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar awa, **awa**-pan : Ko awat : Mt awad : My awad.
171. *kapit : Csh kapí [ka'pi] (ZARIQUIEY, 2011),kapi : SC kapí : Cp kapí : Ch 'kapiti, 'kapi 'caimán, lagarto' (ZINGG, 1998), kápiti A kápiti (HYDE, 1980), kapii I : Cn kapi : M kápĩ : Mar ka'pi (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Kat ka'pi : Shan kapi : Yaw kapi : Poy kapi : Kax kapi'ti : Yam kapi, kapita 'lagarto' (EAKEN, 2008) : Chan kapi 'lagarto' : Shar kapi, kapitán 'lagarto, caimán' : Ko -- : Mt kapid 'jacaré' : My -- : 'lagarto'.

Como os reflexos regulares de **ɾ* é *r* em Shípibo-Kónibo e Chákobo e é *t*/*f* em Kaxararí, consideramos que a protoforma seria **ɾ* em 171, que os reflexos em Korúbo seriam *t*, e os reflexos em Matís e Mayorúna seriam *d*, nessa posição. Da mesma forma, na etimologia 171, o reflexo de proto **t* em final de palavra é também *t* em Korúbo e *d* em Matís e Mayorúna. Mas, nesse caso, reconstruímos um Protopáno **t*, com base nas formas longas do Chákobo, do Yamináwa e do Kaxararí, as quais apresentam *t*, nessa posição.

Da discussão acima, conclui-se que em final de palavra, em margem direita de sílaba, Korúbo fundiu os reflexos de **t* e **ɾ*, ambos resultando em *t*. Já em Matís e Mayorúna, os reflexos de **t* e **ɾ* também se fundiram, mas mudaram posteriormente para *d*.

Reconstruímos, dessa forma, uma consoante coronal oral, representada por *C_c*, sempre que há um reflexo *t* em Korúbo ou *d* em Matís e Mayorúna, em final de palavra, e sempre que há acento final em Kashíbo, Shípibo-Kónibo e Kapanáwa, embora não tenhamos identificado reflexos nas formas longas das demais línguas, como ilustra a etimologia 99, abaixo:

99. *βoʔriC_c: Ksh βuri ‘chonta (especie de palmera)’, βoʔí : SK βoʔí : Kp βoʔrí : Ch -- : A -- : Kn budí : M φóřĩ : Mar -- : Kat -- : Shan φuri ‘palmeira’ : Yaw -- : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φori, φorin ‘chonta (especie de palmera y su cogollo comestible)’ : Ko βoʔit ‘palmeira que utilizam para cobrir a casa (prov. Jarina)’ : Mt -- : My budid [bu'rid] ‘palmeira grande’.

Reconstruímos, também, uma consoante C, quando não possuíamos dados que evidenciassem os reflexos em Korúbo, Matís e Mayorúna, mas havia acento na última sílaba em Kashíbo, Shípibo-Kónibo e Kapanáwa.

4.3.2.2 Reflexos de **m*, **n* e **r* em final de palavra

Como vimos no capítulo 3, somente Kaxararí não fundiu os reflexos de Protopáno **r* e **n*, mantendo *l* como reflexo de **r* e *n* ou *Ń* como reflexo de **n*. A reconstrução de um proto **r* ou de um proto **n*, em margem direita de sílaba final de palavra, foi feita com base nos reflexos das formas longas do Kaxararí, como se observa nas etimologias a seguir:

165. *kamar: Csh kamõ ‘perro (siendo remplazado por el préstamo SC, ʔotʃíti, que es a su vez probablemente um préstamo del campá otʃiti)’ : SC kamá ‘demonio, criatura parecida al tigre’ (ʔotʃíti ‘perro’) : Cp **kaman** ʔino ‘sachaperro (esp. de perro silvestre)’ (Cp ʔotʃíti ‘perro’) : Ch ka'mano, kama ‘el tigre, el jaguar’ (ZINGG, 1998), kamáno ‘felino’ : A káman, kámanín ‘esp. de roedor como majás’, Jinokamã ‘perro salvaje’ : Cn kamã ‘perro’ : M kámã ‘perro’ : Mar ka'mã (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Kat ka'man : Shan kaman ‘cachorro’ : Yaw kaman ‘cachorro’ : Poy kãma ‘raposa’ : Kax kamalu [kama'lu] ~ [kẽma'lu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar kaman, kamanon ‘perro’ : Ko kamun ‘onça’ : Mt kamun ‘onça’ : My kamun [ka.'mun] ‘jaguar’.

Em 165, reconstruímos **r* considerando o reflexo *l* na forma longa da língua Kaxararí. Já as línguas Korúbo, Matís e Mayorúna possuem *n* como reflexo de **r*.

Na etimologia 9, reconstruímos uma consoante alveolar **n*, com base no reflexo *n* da forma longa em Kaxararí e Chákobo.

94. *βinon : Csh βinó : SC βinó : Cp βinon ‘aguaje, palma real’ : Ch βinona, βino ‘la palma real’ : A winō I : Cn -- : Mar βinō ‘buriti’ (CESARINO, 2008) : Kat βinu [vĩnoʔ] (BARROS, 1987) : Shan -- : Yaw βinun- : Poy -- : Kax binu'ni [binu'ni] ~ [b'nuĩ] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Ko -- : Mt -- : My -- : ‘clase de palmera’

Para a reconstrução de **m* em final de palavra, consideramos as formas longas de outras línguas, principalmente do Chákobo. Em 86, por exemplo, Chákobo apresenta *m* em sua forma longa, mas o som correspondente em Korúbo e Matís é *n*.

86. *βitīm : Ksh βitĩ ‘cocinar carne en agua’ : SK βitĩ ‘guiso de pescado’ : Kp βitĩn ‘sopa’ (LOOS; LOOS, 1998) : Ch βitĩmi ‘alimento’ : A witĩ II ‘bebida hecha de maíz dulce’ : Kn bitĩ ‘sopa que contiene carne’ : M fĩtĩ ‘sopa que contiene carne’ : Mar -- : (Kat yuntu ‘sopa de peixe’) : Shan -- : Yaw -- : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar fĩtĩn ‘sopa’ : Ko βitĩn ‘sopa, caldo, mingau’ : Mt bitĩn ‘sopa’ : My --.

A partir da análise desses casos, foi possível postular a ocorrência em Korúbo, Matís e Mayorúna de uma fusão em *n* dos reflexos de proto **m*, **n* e **r*, em margem direita de sílaba final de palavra.

Reconstruímos, assim, uma consoante nasal *[n], quando há ausência de dados do Kaxararí ou de formas longas nas demais línguas; há, todavia, apenas reflexos nasais em margem direita de sílaba final nas demais línguas.

3. ?ami[n] : Ksh ?a'mĩ : SK ?a'mĩ : Cp ?a'mĩn : Ch amino, ami ‘la capyguara’ : A ?amĩn (HYDE, 1980) : Kn amĩ : M 'amĩ : ?amĩno ‘capibara’ : Mar ami (MNTB-LOOS, s.d.) : Kat amĩn : Shan aman : Yaw aman : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar amĩn : Ko -- : Mt -- : My --.
344. *p[õ]si[n] : Ksh poĩ : SK pōĩ : Cp -- : Ch -- : A poĩ I : Kn : M póĩ : Mar -- : Kat punsi : Shan pusan [pu'sẽ] : Yaw -- : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan

-- : Shar -- : Ko pusin ‘esp. de preguiça’ : Mt pusin ‘preguiça real’ : My posin ‘peresozo de dos dedos’ : ‘clase de perezoso’.

4.3.3 As formas longas e curtas em Kaxararí

A língua Kaxararí parece não possuir mais um sistema de oposição funcional entre formas longas e curtas. Entretanto, tal como ocorre com o Chákobo, formas elucidadas em Kaxararí apresentam sempre reflexos de formas longas, como é possível ver nas etimologias, a seguir, extraídas de Valenzuela e Oliveira (2012):

Formas longas em Kaxararí

<i>Kaxararí</i>	<i>Português</i>
awatşa	‘anta’
kapiti	‘jacaré’
yawifi	‘tatu’
miki	‘mão’

Nos poucos dados que conseguimos até o presente, as formas longas da língua Kaxararí também ocorrem em função de O, como vemos, em seguida, na palavra ‘anta’, mas nossa hipótese é a de que a vogal deve ser reflexo de algum sufixo casual.

Formas longas em função de O em Kaxararí

il awatşa pitu	‘eu comi anta’
mil awatşa pitu	‘você comeu anta’
hal awatşa pitu	‘ele comeu anta’
lul awatşa pitu	‘nós comemos anta’
matul awatşa pitu	‘vocês comeram anta’
hatul awatşa pitu	‘eles comeram anta’

Couto (2005) apresenta evidências de que há também alternância entre formas longas e curtas em Kaxararí, mas que, nessa língua, a alternância não é condicionada por sua função sintática. Nesse caso, consideramos que Kaxararí teria perdido a oposição entre formas longas e curtas e reanalisado as formas longas como a forma básica da palavra.

Esse autor observa ainda que, quando a última sílaba da palavra em Kaxararí possui *l* em margem direita de sílaba, sua variante curta mantém o *l* em final de palavra. Os seguintes exemplos são extraídos de Couto (op. cit.) e ilustram a alternância entre formas longas e curtas:

Exemplos de queda de última sílaba da palavra (COUTO, 2005):

20. [ʃaba'ka] ~ [ʃa'ba] 'tipo de envreira'
 21. [awa'tʃa] ~ [a'wa∅] 'anta'

Exemplos de queda da vogal da última sílaba e manutenção de *l* em final de palavra (COUTO, 2005).

22. [pana'la] ~ [pa'nal∅] 'açai'
 23. [kuna'lə] ~ [ku'nal∅] 'seringueira'

Exemplo de queda de consoante da última sílaba (COUTO, 2005).

24. [binu'ni] ~ [bi'nu∅i] 'buriti'

Devido aos poucos dados disponíveis, não é possível saber da funcionalidade da alternância das formas longas e curtas. Não se sabe, também, o grau de perda linguística pelos Kaxaraxí, nem se há variações no uso mais ou menos conservador da língua, através das gerações. Entretanto, o que é relevante para a nossa discussão é que o Kaxararí também contribui com evidências para a hipótese de existência de consoantes finais de palavra no Protopáno.

5. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DE ALGUNS SUFIXOS CASUAIS NA FAMÍLIA PÁNO

5.1 INTRODUÇÃO

No presente capítulo, discutimos a origem e desenvolvimento de alguns sufixos casuais na família Páno, a partir dos reflexos identificados através de várias línguas do que teriam sido morfemas marcadores dos casos ergativo, locativo, genitivo e instrumental.

O presente capítulo está organizado da seguinte forma: na seção 5.2, apresentamos os sufixos casuais considerados polifuncionais em línguas da família Páno (cf. VALENZUELA, 2013); na seção 5.2.1, discutimos o sistema de marcação de caso na língua Chákobo com base em Córdoba, Valenzuela e Villar (2011); na seção 5.2.2, descrevemos alguns sufixos do sistema de marcação de caso em Kaxararí; na seção 5.3, apresentamos a nossa proposta de reconstrução das protoformas do caso ergativo por um lado, e dos casos genitivo, instrumental e locativo por outro; na seção 5.4, justificamos a nossa opção de reconstruir protoformas com segmentos vocálicos sem especificar a qualidade das vogais; por fim, na seção 5.5, apresentamos algumas observações sugestivas de que a forma ergativa de Protopáno pode estar relacionada à forma ergativa em Takána e de que a forma proposta para um morfema Protopáno ‘genitivo, instrumental e locativo’ estaria relacionada com a forma reconstruída por Girard (1971) para o Prototakána significando ‘com’.

5.2 ALGUNS SUFIXOS CASUAIS EM LÍNGUAS DA FAMÍLIA PÁNO

Nas línguas da família Páno, é comum que os casos ergativo, instrumental, genitivo e locativo sejam marcados por uma consoante nasal *-n* ou por um suprasegmento N(asal), que se realiza por meio da nasalidade da vogal precedente. Valenzuela (2013, p. 121) considera o “sincretismo ou polifuncionalidade das formas ergativa, instrumental, genitiva, locativa-direcional e outras formas oblíquas” como um dos “traços gramaticais que caracterizam as línguas da família Páno” (cf. também VALENZUELA, 2003).

Das línguas estudadas até o presente, apenas Chákobo não apresenta consoante nasal ou nasalidade como sufixo de caso. Veremos mais adiante que a língua Kaxararí apresenta nasalidade na marcação dos casos instrumental, genitivo e locativo, porém o caso ergativo é marcado por um sufixo lateral.

Nos exemplos abaixo, extraídos de Zariquiey (2011), podemos observar o sufixo *-n* da língua Kashíbo em funções sintáticas diversas.

a) *-n* em função ergativa:

1. rĕtankĕxun kaisa [...] **xanun** chaxu rakankĕshín
 rĕt-tankĕxun kaisa [...] [**xanu**]=**n** chaxu rakan-akĕ-x-ín
 kill-S/A>A(PE) NAR.REP.3P woman=ERG deer.ABS lay.down-REM.PAST-3P-PROX
 ‘Foi dito que, depois de matá-lo, [...] a mulher deitou o veado’.

b) *-n* em função genitiva:

2. anuṣun kana atu nukin papa **Diosan** bana nuiṣunin
 anu-ṣun kana atu [nukĕn papa **Dios**]=**n** bana nui-ṣun-i-n
 there-PA:A NAR.1SG 3PL.O 1PL.GEN father God=GEN word.ABS tell-BEN-IMPF-1/2P
 ‘Lá, eu disse a eles as palavras de Deus’.

c) *-n* em função instrumental:

3. anu biru nanki kaisa kwanṣun
 anu biru nan-ki kaisa kwan-ṣun
 there eye.ABS put-NMLZ NAR.REP.3P go-S/A>A(SE)

maṣaṣ atfuṣin tʃakakifín
 [**maṣaṣ atfuṣi**]=**n** tʃaka-aki-ṣ-ín
 stone one-INST beat-REM.PAST-3P-PROX
 ‘É dito que, indo ao lugar onde (o outro homem) usava deixar seus olhos, (ele) o golpeou com uma pedra’.

d) *-n* em função locativa temporal

4. ainbi birí **nitin** kananuna piananbi maruin
 ainbi [**birí niti**]=**n** kananuna pianan=bi maru-i-n
 but(DS/A/O) current day=TEMP NAR.1PL eat-DO(SE)=same sell-IMPF-1/2P

ju nun apákikama nónsi atsa ṣiki arroz akama
 ju nu=n apat-ki=kama nónsi atsa ṣiki arroz a=kama
 thing.ABS we=A PLANT-NMPL=PL banana manioc corn arroz that=PL.O
 ‘Mas, hoje em dia, comendo (outras coisas), nós vendemos as coisas que plantamos: banana, mandioca, milho, arroz, todas as coisas’.

Descrições de dados semelhantes podem ser encontradas, por exemplo, nas línguas Shípibo-Kónibo (VALENZUELA, 2003), Kapanáwa (LOOS; LOOS, 1998, p. 50-51), Amawáka (SPARING-CHÁVEZ, 2012) Kaxinawá (CAMARGO, 1991, p. 377; MONTAG, 2008), Marúbo (COSTA, 1992; COSTA 2000), Katukína (AGUIAR, 1994: 263), Shanenáwa (CÂNDIDO, 2004), Yawanawá (SOUZA, 2013), Yamináwa (FAUST; LOOS, 2002), Sharanáwa (SCOTT, 2004, p. 150), Matís (FERREIRA, 2005) e Mayorúna (FLECK, 2003).²¹⁶ De acordo com essas descrições, há diferenças quanto aos alomorfes de certos morfemas, mas também quanto às funções que cada morfema exerce em uma dada língua, que não são exatamente as mesmas das exercidas por morfemas cognatos em outras línguas. Entretanto, a partir dos dados das línguas listadas, verifica-se a existência de um único morfema *-n* com um escopo semântico que abarca as funções de caso ergativo, genitivo, locativo e instrumental.

Chákobo e Kaxararí são, contudo, as únicas línguas descritas até o presente que parecem constituir exceção quanto à polifuncionalidade do sufixo *-n*. Chákobo perdeu as nasais finais e o seu sistema de marcação atual é realizado por meio de regra de mudança de acento em associação com mudança no padrão tonal; já Kaxararí possui um morfema *-l* que marca o caso ergativo e um morfema nasal (\check{V}) que marca os casos genitivo, locativo e instrumental. Os dados do Kaxararí são, sem dúvida, de importância fundamental para uma proposta de reconstrução de dois morfemas casuais para o Protopáno e não de apenas um morfema, como demonstraremos na seção 5.3.

5.2.1 Sistema de marcação de caso em Chákobo

A marcação de caso ergativo em Chákobo é descrita por Córdoba, Valenzuela e Villar (2011) como uma estratégia suprasegmental de mudança do acento para a última sílaba, mais à direita, acompanhada de tom alto. Apesar de haver vários condicionamentos para a marcação de caso, basta-nos saber que, em palavras bissilábicas com acento na penúltima sílaba e em palavras trissilábicas, quando marcadas para o caso ergativo, o seu acento original muda para a sílaba final (cf. CÓRDOBA; VALENZUELA; VILLAR, op. cit.).

Os seguintes dados, extraídos dos autores supracitados, ilustram a marcação de caso ergativo em palavras bissilábicas da língua Chákobo. Notemos, por exemplo, que o

²¹⁶ Embora ainda não tenhamos uma descrição detalhada da língua Korúbo, podemos afirmar que há, também nessa língua, dados semelhantes.

nome *Caco* terá o seu acento mudado de acordo com a função que exerce no enunciado. No exemplo a, *Caco* ocorre em função de S; no exemplo b, em função de O; e no exemplo c, em função de A.

5. Função S notí tsi **káko** ho-ki
 canoa:INST VNC **Caco:ABS** venir-CMPL
 ‘Caco veio em Canoa’
6. Função O karainá ìnaká **káko** tişa-ki
 mestizo-GEN perro:ERG Caco:ABS morder-CMPL
 ‘O cachorro do mestiço mordeu Caco’
7. Função A piá tsi **kakó** a-ki
 flecha:INST VNC Caco:ERG aux.TR-CMPL
 ‘Caco matou caititu com a flecha’

É importante observar que as formas marcadas para o caso instrumental e para o caso genitivo, nos exemplos acima, apresentam igualmente acento na última sílaba, mais à direita.

Os exemplos seguintes, também extraídos de Córdoba, Valenzuela e Villar (2011), ilustram a ocorrência de marcação de caso em palavras denominadas trissilábicas pelos autores. As formas curtas dessas palavras sempre apresentam acento na última sílaba, porém as formas longas apresentam acento mais à esquerda somente quando em função de A.

8. Função A **kamanó** honi tsaya-ki
 jaguar:ERG hombre:ABS mirar-CMPL
 ‘El jaguar miró al hombre’.
9. Função S **kamáno** habá-ki
 jaguar:ABS correr-CMPL
 ‘El jaguar escapó’
10. Função S **kamá** habá-ki
 jaguar:ABS correr-CMPL
 ‘El jaguar escapó’
11. Função O honí **kamáno** tsaya-ki
 hombre:ERG **jaguar:ABS** mirar-CMPL
 ‘El hombre miró al jaguar’

12. Função O honí **kamá** tsaya-ki
 hombre:ERG **jaguar:ABS** mirar-CMPL
 ‘El hombre miró al jaguar’
13. Função O habá-ki **kamáno**
 correr-CMPL **jaguar.ABS**
 ‘El hombre miró al jaguar’

É provável que o deslocamento de acento em Chákobo seja uma inovação, originada, possivelmente, pelo acréscimo de um morfema sufixal, cuja forma fonológica teria sido a de uma consoante nasal. Naquele estágio da história da língua Chákobo, a combinação de um tema com esse sufixo criou sílabas fechadas, acionando o deslocamento de acento para a sílaba final. Isso corresponde, aproximadamente, ao que ocorre de modo sincrônico em Kashíbo, Shípibo-Kónibo e Kapanáwa: sempre que uma palavra apresenta uma sílaba final fechada, o acento recai nesta sílaba. É importante lembrar também que Chákobo foi a única língua que perdeu completamente as consoantes nasais em final de palavra, sem deixar vestígio de nasalidade na vogal precedente.

Ademais, a observação de Córdoba, Valenzuela e Villar (2011), de que “o mesmo mecanismo empregado para indicar ergativo codifica também as funções instrumental, locativa, temporal, vocativa e genitiva”, parece-nos uma evidência adicional para a hipótese de que o morfema marcado suprasegmentalmente do Chákobo é reflexo de um morfema nasal *n, que teria estado ativo em estágio anterior dessa língua, e que seria cognato do morfema -n descrito para as demais línguas mencionadas na seção anterior.

Para ilustrar as mudanças em Chákobo, nos fundamentamos na hipótese reconstrutiva de formas longas e curtas, apresentadas no capítulo 4, as quais eram também funcionais em estágios anteriores dessa língua.

Estágio 1:

Em um primeiro estágio, a inserção de morfologia casual levava a uma ressilabificação da consoante final da raiz e, conseqüentemente, resultava em uma palavra com uma sílaba a mais também fechada. Dessa forma, explica-se a mudança de acento. A seguir, apresentamos exemplos de formas longas com e sem morfologia casual em estágios anteriores da língua Chákobo:

Forma curta

*kapít

Morfologia casual

kapít+Vn

Forma longa

kapítín

Estágio 2:

Quando as consoantes oclusivas passaram a ser apagadas antes de silêncio, as palavras marcadas com o caso continuaram a receber acento final, de forma que o sufixo casual passa a ser um sufixo acentuado. Os seguintes exemplos demonstram a queda de consoantes finais e reanálise da morfologia casual em estágios anteriores da língua Chákobo:

<i>Forma curta</i>	<i>Morfologia casual</i>	<i>Forma longa</i>
*kapí[t]	kapit+V	kapítí

Como as consoantes finais de raízes se apagam antes de silêncio, mas ressurgem quando a essas raízes são adicionados sufixos iniciados por vogal, podemos considerar que a consoante nasal final do antigo sufixo *-Vn* ainda está presente subjacentemente na forma fonológica do sufixo, mesmo que a vogal original seja oral, pois, diferentemente de outras línguas Páno em estágio anterior da língua Chákobo, as consoantes nasais não propagavam nasalidade para vogais precedentes.

Estágio 3:

No estágio atual da língua, há uma mudança em curso: a vogal que compunha a forma do sufixo casual tem sido analisada como parte insegmentável da palavra, perdendo-se a distinção de formas longas e curtas, de sorte que formas longas são encontradas tanto em função de A quanto em função de O e de S. Notamos, entretanto, que a mudança não está completa, uma vez que formas curtas não ocorrem em posição de A.

No caso de palavras terminadas em vogal e com acento na penúltima sílaba, o acréscimo do reflexo do alomorfe *-n* do Protopáno **n* formava uma palavra com sílaba final fechada, o que explica também o deslocamento de acento nessas palavras.

Ressaltamos que a língua Chákobo possui, também, palavras que têm acento final, como observado por Córdoba, Valenzuela e Villar (2011).

5.2.2 Sistema de marcação de caso em Kaxararí

Diferentemente de todas as línguas estudadas nesse capítulo, a língua Kaxararí possui um sufixo ergativo *-l*²¹⁷ e o seu caso genitivo é marcado com a nasalidade da vogal final da palavra ou apenas com a justaposição de determinante ao determinado. Notemos

²¹⁷ Sousa (2004) analisa o mesmo morfema como um processo de lateralização que marca ergatividade.

ainda que os casos instrumental e locativo são também marcados por meio de nasalidade da vogal final de raiz ou tema.²¹⁸ Nas subseções seguintes, comentamos cada uma das formas por meio das quais os casos em Kaxararí são marcados, tendo como referência o trabalho de Valenzuela e Oliveira (2012).

5.2.2.1 O caso ergativo em Kaxararí

Em Kaxararí, nomes e pronomes geralmente recebem um sufixo *-l*, quando em função de A (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012), como ilustram os seguintes dados:

Sufixo ergativo em pronomes da língua Kaxararí

il awatʂa pitu	‘eu comi anta’
mil awatʂa pitu	‘você comeu anta’
hal awatʂa pitu	‘ele comeu anta’
lul awatʂa pitu	‘nós comemos anta’
matul awatʂa pitu	‘vocês comeram anta’
hatul awatʂa pitu	‘eles comeram anta’

Os próximos exemplos ilustram a diferença entre formas pronominais em função de A e formas pronominais em função de O:

Pronomes em função de A e de O em Kaxararí

il mi bayatu	‘eu te vi’
hal i bayatu	‘ele me viu’
mil lu bayatu	‘você nos viu’
hal mi bayatu	‘ele te viu’
matul hatu bayatu	‘vocês viram eles’

O morfema ergativo *-l* também se combina com o pronome interrogativo *tsu*, quando este se encontra na função A, como vemos nos exemplos abaixo:

tsu em função de A.

²¹⁸ Békšta (1977) foi o primeiro autor que apresentou dados com o sufixo *-l* ‘ergativo’ e com a nasalização de vogais em nomes em função genitiva ou instrumental.

14. tsul pitu maʔa?
 tsu-l pi-tu maʔa
 quem-ERG comer-CMPL NEG
 ‘Quem não comeu?’

tsu em função de S:

15. tsu kayaki ĩhĩ?
 tsu kaya-ki i-hi
 quem:ABS pular-ki AUX.INTR-INCOMPL
 ‘Quem está pulando?’

O morfema ergativo marca também nomes em geral, como ilustra exemplo 16:

16. makuripál ka i tĩhatu
 makuripá-l ka i tĩhá-tu
 makuripá-ERG ? 1P.ABS bater-CMPL
 ‘Makuripá me bateu’

Concluímos, portanto, que há um morfema ergativo *-l* em Kaxararí, que ocorre em nomes e pronomes em função de A. Adiante, veremos como a forma fonológica deste morfema é fundamental para a proposta reconstrutiva de um morfema ergativo em Protopáno, distinto do que foi proposto em Shell (1975)²¹⁹ e também em Valenzuela (2003).²²⁰

5.2.2.2 O caso genitivo em Kaxararí

O genitivo em nomes da língua Kaxararí é, geralmente, marcado pela nasalidade da vogal final de palavra, como ilustram os seguintes exemplos:

O genitivo marcado morfologicamente
 em nomes da língua Kaxararí

awatşã tʃina	‘rabo de anta’
yawaʃĩ tʃina	‘rabo de tatu’

Entretanto, nos poucos exemplos disponíveis, nomes terminados em consoante não recebem morfologia casual:

²¹⁹ Shell (op. cit.) propõe a reconstrução de um morfema **-man*, que marcaria a referência transitiva.

²²⁰ A forma do morfema ergativo em Protopáno, para Valenzuela (2003), seria *-n*.

Nomes em relação genitiva sem marca de caso
na língua Kaxararí

lucas şumĩţş	‘casa de Lucas’
tais şumĩţş	‘casa de Taís’

Quanto aos pronomes, apenas as formas plurais são marcadas com a nasalidade da vogal.²²¹

Marcação do caso genitivo em pronomes
da língua Kaxararí

i şumĩţş	‘minha casa’
mi şumĩţş	‘tua casa’
ha şumĩţş	‘casa dele’
lũ şumĩţş	‘nossa casa’
matũ şumĩţş	‘casa de vocês’
hatũ şumĩţş	‘casa deles’

Os dados acima sugerem que o Kaxararí eliminou o morfema do caso genitivo em alguns contextos, mantendo-o em outros. Já o morfema do caso genitivo que ainda se preserva nos contextos listados acima é, muito provavelmente, reflexo de um Protopáno **n*.

É importante também observar que a perda de nasais em final de palavra é bastante comum às diversas línguas da família Páno, como visto no capítulo 3.

5.2.2.3 O caso instrumental e o caso locativo em Kaxararí:

Em Kaxararí, os casos instrumental e locativo são marcados pela nasalização da vogal final de palavras, como vemos nos seguintes exemplos:

Instrumental

17.	il	malĩ	lami	ka	bustiatu
	i-l	malĩ	lami	ka	bustia-tu
	1SG-ERG	faca:INST	carne	?	cortar-CMPL
					‘eu cortei a carne com a faca’

²²¹ Os dados de Béksta (1977) apresentam a mesma cisão.

18. hal mikiĩ i tihaut
há-l mikiĩ i tiha-tu
3SG-ERG mão:INST 1:ABS bater-CMPL
‘ele me bateu com a mão’

Locativo

19. i kadeirã uşatu
i kadeirã uşa-tu
1SG.ABS cadeira:LOC dormir-CMPL
‘eu dormi na cadeira’
20. i wahi pilitu
i wahi pilĩ-tu
1SG.ABS roça:LOC pernoitar-CMPL
‘eu dormi (pernoitei) na roça’

5.3 RECONSTRUÇÃO DOS CASOS ‘ERGATIVO’ E ‘GENITIVO-LOCATIVO-INSTRUMENTAL’

Considerando os vários sistemas de marcação de caso nas várias línguas Páno, podemos concluir que várias dessas línguas apresentam *n* tanto como reflexo de Protopáno **n* quanto de Protopáno **r* (Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Katukína, Shanenáwa, Yawanáwa, Poyanáwa (possivelmente), Yamináwa, Chanináwa (possivelmente), Sharanáwa, Korúbo, Matís e Mayorúna). Essas línguas fundiram, conseqüentemente, os morfemas do caso ‘ergativo’ com o morfema que expressa o caso ‘genitivo-locativo-instrumental’. No entanto, a língua Kaxararí teria sido a única língua que manteve a oposição entre os reflexos de Protopáno **n* e de Protopáno **r*, tendo atualmente *l*, como forma fonológica do morfema do caso ‘ergativo’, e \check{V} , como forma fonológica do morfema do caso ‘genitivo-locativo-instrumental’.

Propomos, portanto, que o morfema do caso ‘ergativo’ em Protopáno teria sido *-*Vr* (*-*Vr*, seguindo temas terminados por consoante, e *-*r*, seguindo temas terminados por vogal). O Protopáno *(*V*)*r* tem como reflexos regulares -*n*²²² e *Vn*, em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Katukína, Shanenáwa,

²²² Para simplificar a discussão, não consideramos a diferença entre línguas que têm \check{V} e línguas que têm *Vn* em final de palavra.

Yawanawá, Poyanáwa, Yamináwa, Chanináwa, Sharanáwa, Matís, Korúbo e Mayorúna. Em Chákobo, o reflexo de **-r* é \emptyset em palavras bissilábicas com acento na penúltima sílaba e em palavras com acentos na última sílaba, e *-V* nas palavras que terminam em consoante. Já em Kaxararí, os reflexos de Protopáno **-r* é *-l*. Ressaltamos que, nessa língua, não foram encontradas, até hoje, palavras terminadas com outra consoante além de *l*.

Os dados considerados até o presente apontam para a hipótese de que já na protolíngua teria havido um morfema **-Vn* cuja semântica teria abrangido as funções de ‘genitivo, locativo e instrumental’. Na língua Chákobo, os reflexos de **Vn* são \emptyset , em palavras bissilábicas e em palavras acentuadas na última sílaba, e *V*, nas palavras que terminam em consoante. Em Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Poyanáwa, Yamináwa, Chanináwa, Sharanáwa, Matís, Korúbo e Mayorúna, os reflexos de **n* são *n* e os de **Vn* são *Vn*. Em Kaxararí, por mais que possamos afirmar que os reflexos de **n* são *n*, ainda não temos certeza se há reflexos do alomorfe **Vn*.

5.4 A QUALIDADE DAS VOGAIS NOS ALOMORFES **VN* E **VR*

Optamos por não especificar a qualidade das vogais dos dois morfemas, o do caso ‘ergativo’ **Vr* e o do caso ‘genitivo-locativo-instrumental’ **-Vn*, por falta de elementos, uma vez que as línguas apresentam grande variação na qualidade das vogais dos dois morfemas. Ademais, as formas longas de Chákobo também apresentam variação quanto à vogal final, comparemos, por exemplo, *kamano* ‘onça’ e *kapíi* ‘jacaré’.

Baseando-nos nas regras de harmonia vocálica, conforme descrito por Loos (1978), que se aplicam quando ocorre a sufixação dos morfemas de ergatividade em Shípibo-Kónibo, Kaxinawá, Iskonáwa e Mayorúna, há a possibilidade de que algo semelhante pudesse também ter ocorrido na protolíngua.

5.5 ALGUNS SUFIXOS CASUAIS EM TAKÁNA

Como consideramos a correspondência proposta por Girard (1971) entre Prototakána **r* e Protopáno **r*,²²³ e o reflexo *r* do Prototakána **r* em Cavineña, o qual corresponde a \emptyset nas outras línguas Takána, hipotetizamos que a forma do morfema

²²³ Girard (1971) observa a correspondência entre Prototakána **r* e Protopáno, reconstruído por Shell (1975 [1965]), **n*. No entanto, como demonstramos no capítulo 3, os reflexos de Kaxararí embasam a reconstrução de um proto **r* para Protopáno, em alguns casos em que Shell (op. cit.) reconstruiu **n*.

‘ergativo’ do Prototakána **-ra* seria cognata do Protopáno **-Vr*, do mesmo modo que a forma do morfema do caso ‘genitivo-locativo-instrumental’ do Protopáno **-Vn* seria cognato do morfema do Prototakána que Girard (1971) reconstrói como tendo a forma **n...* e o significado de ‘com’.

Embora ainda não tenhamos uma análise conclusiva sobre o desenvolvimento das formas dos morfemas dos casos ‘ergativo’ e ‘genitivo, locativo e instrumental’ do Takána, e das correspondências com as formas da família Páno, verificamos que, segundo Guillaume (2004, p. 95), “um NP na função A (sujeito de transitiva) recebe a posposição ergativa =ra ‘ERG’”, e “um pronome em função A, se independente ou preso, recebe um sufixo *-ra*”. Notemos também que Girard (1971) reconstrói um Prototakána **ra* ‘sufixo transitivizador (e instrumental), principalmente pronominal’.

5.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO

Neste capítulo, discutimos uma hipótese reconstitutiva de dois morfemas casuais para o Protopáno, um para o caso ‘ergativo’ e outro para o caso ‘genitivo-locativo-instrumental’, em lugar de um só morfema; demonstramos que os reflexos desses morfemas em Kaxararí são a base para essa hipótese e observamos similaridades sugestivas entre as protoformas reconstruídas por nós e as formas dos morfemas correspondentes do Prototakána.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos, nesta tese, uma revisão crítica das propostas de classificação da família Páno, destacando a relevância do estudo de Shell (1975 [1965]), enquanto trabalho de referência para os estudos histórico-comparativos sobre a constituição interna dessa família. Neste sentido, reavaliamos os resultados apresentados em Shell (*op. cit.*), considerando também os resultados obtidos com o presente estudo, que reuniu tanto novos estudos das línguas consideradas por Shell (*op. cit.*) quanto dados de línguas que se tornaram conhecidas apenas nas últimas duas décadas.

Neste trabalho, reunimos um conjunto revisado de aspectos dos estudos fonológicos propostos para as línguas da família Páno, de modo a garantir uma análise mais segura das correspondências sonoras entre as línguas comparadas.

Essa comparação, por sua vez, se fundamentou em dados de línguas representativas dos diferentes subgrupos de línguas, mas também em dados de línguas mais diferenciadas das demais, o que nos levou a postular um quadro fonológico do Protopáno constituído de 19 consoantes, 4 vogais orais e 4 vogais nasais, apresentadas nos quadros reproduzidos a seguir:

QUADRO 52 – SISTEMA CONSONANTAL PROPOSTO PARA PROTOPÁNO

	Bilabial	Alveolar	Alveopalatal	Retroflexa	Velar	Glotal
Oclusiva	*p	*t			*k *k ^w	*ʔ
Nasal	*m	*n				
Tepe		*r		*ɽ		
Africada		*ts	*tʃ	*tʂ		
Fricativa	*β	*s	*ʃ	*ʂ		*h
Aproximante	*w		*y			

QUADRO 53 – SISTEMA VOCÁLICO PROPOSTO PARA PROTOPÁNO

	Anterior	Central	Posterior
Alta	*i *ĩ	*ɨ *ɨ̃	*o *õ
Baixa		*a *a	

A nossa proposta reconstrutiva se diferencia da proposta de Shell (1975[1965]) principalmente nos seguintes aspectos: foram reconstruídos por nós 3 fonemas para o Protopáno, não considerados por Shell (op. cit.) – **ɫ*, **tʂ* e **h* –; o fonema **r* reconstruído por nós tem como reflexos *l* em Kaxararí, e, nas demais línguas, há *n*, na margem esquerda de sílaba, e *n* ou *Ṽ*, na margem direita de sílaba, o que diferencia a nossa proposta da de Shell (op. cit.), em que o Protopáno **r* teria como reflexos *d* em Kaxinawá e *r* nas demais línguas por ela comparadas. Quanto às vogais, propomos a existência em Protopáno de uma vogal central alta não arredondada, diferentemente de Shell (op. cit.), que reconstrói uma vogal posterior alta não arredondada.

Um dos pontos inovadores de nossa tese foi a discussão sobre a existência de formas longas e curtas na família Páno e a proposta de uma definição mais precisa para esses termos. Propomos que as formas longas das línguas Páno correspondem à maior forma de um nome ou de um morfema gramatical, os quais apresentam duas formas alternantes condicionadas pela sua função sintática: uma forma curta e uma forma longa.

Uma das principais ideias que defendemos nesta tese é a de que a protolíngua teria possuído consoantes em margem direita de sílaba nas formas curtas e que as línguas Kashíbo, Shípíbo-Kóníbo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Katukína, Shanenáwa, Yawanawá, Poyanáwa, Yamináwa, Chanináwa e Sharanáwa, antes de silêncio, perderam todas essas consoantes, exceto as fricativas. Mostramos ainda que as únicas línguas que preservaram consoantes oclusivas em margem direita de sílaba, incluindo nasais antes de silêncio, foram Matís, Mayorúna e Korúbo.

Com base nos reflexos regulares de **ɫ*, que é *r*, em formas longas de línguas como o Shípíbo-Kóníbo e o Chákobo, e nos reflexos *tʃ*, do Kaxararí, derivados do Protopáno **ɫ*, reconstruímos **ɫ* em margem de sílaba final de palavra. Tomando por base línguas como o Chákobo, o Yamináwa e o Kaxararí, reconstruímos um **t* na margem direita de sílaba final de palavra.

Mostramos, então, que Protopáno **t* e **ɫ* mudaram para *t*, em Korúbo, e para *d*, em Matís e Mayorúna, em margem direita de sílaba. Reconstruímos também uma consoante coronal oral, representada por *C*, sempre que há um reflexo *t*, em Korúbo, ou *d*, em Matís e Mayorúna, em final de palavra, e há acento final em Kashíbo, Shípíbo-Kóníbo e Kapanáwa.

Foi também possível postular a ocorrência em Korúbo, Matís e Mayorúna de uma fusão em *n* dos reflexos de proto **m*, **n* e **r*, em margem direita de sílaba final de palavra.

Considerando, dessa forma, os vários sistemas de marcação de caso nas línguas Páno, pudemos concluir que várias dessas línguas apresentam *n* tanto como reflexo de Protopáno **n* quanto de Protopáno **r* (Kashíbo, Shípibo-Kónibo, Kapanáwa, Chákobo, Amawáka, Kaxinawá, Marináwa, Katukína, Shanenáwa, Yawanáwa, Poyanáwa (possivelmente), Yamináwa, Chanináwa (possivelmente), Sharanáwa, Korúbo, Matís e Mayorúna).

Propomos, ainda, que o morfema do caso ‘ergativo’ em Protopáno teria sido **-Vr* (**-Vr*, seguindo temas terminados em consoante, e **-r*, seguindo temas terminados em vogal) e fundamentamos a hipótese de que já na protolíngua teria havido um morfema **-Vn* (**-Vn*, seguindo temas terminados em consoante, e **-n*, seguindo temas terminados em vogal), cuja semântica teria coberto as funções de ‘genitivo, locativo e instrumental’.

Finalmente, consideramos, em nosso trabalho, a correspondência proposta por Girard (1971) entre Prototakána **r* e Protopáno **r*, e o reflexo *r* do Prototakána **r* em Cavineña, o qual corresponde a \emptyset nas outras línguas Takána, e fundamentamos a hipótese de que a forma do morfema ‘ergativo’ do Prototakána **-ra* seria cognata da forma do Protopáno **-Vr*, do mesmo modo que a forma do morfema do caso ‘genitivo-locativo-instrumental’ do Protopáno **-Vn* seria cognata da forma do morfema do Prototakána, que Girard (1971) reconstrói como **n*, significando ‘com’.

As limitações da presente tese devem-se, em parte, à ausência de dados tanto lexicais quanto de descrições gramaticais mais amplas de várias das línguas consideradas e de outras línguas sobre as quais há pouco ou nenhum estudo linguístico.

Com a ampliação desses estudos será possível testar as hipóteses existentes e formular novas hipóteses de aspectos fonológicos, lexicais e morfossintáticos, acerca do que teria sido o Protopáno. Estudos dessa natureza deverão também contribuir para um maior conhecimento das direções e natureza das mudanças que têm ocorrido na história dessa família, tão diferenciada das demais famílias linguísticas faladas no Brasil. Embora limitada, esta tese de doutorado pretende ser uma contribuição ao conhecimento da pré-história linguística da família Páno.

REFERÊNCIAS

- ABA. Convenção para a grafia de nomes tribais. *Revista de Antropologia*, v. 2, n. 2, p. 150-152, 1954. São Paulo.
- AGUIAR, Maria Suelí. *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. 1994. 308f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1994.
- AMARANTE RIBEIRO, Lincoln Almir. Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. *Revista Investigações*, v. 19, n. 2, p. 157-182, 2005. (versão eletrônica)
- ANONBY, Stan; HOLBROOK, David J. *A survey of the languages of the Javari River Valley, Brazil*. [S.l.]: SIL International, 2010.
- ANÔNIMO. Seis grupos tribais já contatados na perimetral norte. *Informativo Funai*, n. 14, 1975. Brasília, DF, Ministério do Interior/FUNAI.
- BARROS, L. G. *A nasalização vocálica e fonologia introdutória à língua Katukína (Páno)*. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1987.
- BÉKSTA, Pe. Casimiro. *Kaşarari: subsídios para alfabetização na língua tribal. Situação dos falantes Kaşarari. Pesquisa fonética-fonológica. Sugestão: cartilha e leituras*. Vila Abunã, T. F. de Rondônia: Prelazia do Porto Velho, 1977.
- BRINTON, Daniel G. *The American race: a linguistic classification and ethnographic description of the native tribes of North and South America*. New York, 1891.
- CABRAL, A. S. A. C.; OLIVEIRA, S. C. S. Dados de pesquisa de campo. 2009. mimeo.
- CABRAL, A. S.; CAXINAWÁ, J.; PAULA, Aldir Santos de; RODRIGUES, A.D.; OLIVEIRA, S. C. S. de. Um caso complexo de mudanças fonéticas na família Páno. In: ENANPOLL, 25., 2009. *Comunicação...* Belo Horizonte, 2010.
- CAMPBELL, L. *American Indian Languages: the historical linguistics of native America*. New York: Oxford University Press, 1997.
- _____. *Historical linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.
- CÂNDIDO, Gláucia Vieira. *Aspectos fonológicos da língua Shanenawá (Páno)*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.
- _____. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.
- CESARINO, P. N. *Oniska: A poética da morte e do mundo entre os Marubo da Amazônia ocidental*. 2008. 469f. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- CÓRDOBA, L.; VALENZUELA, P.; VILLAR, D. *Las lenguas de los panos meridionales*. 2011. mimeo.
- CORRÊA-DA-SILVA, Beatriz Carretta. *Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní: relações linguísticas e implicações históricas*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010.

COSTA, R. G. R. *Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Páno)*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

_____. *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano): Uma visão não-linear*. 2000. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

COUTINHO JR., Walter Alves. *Branços e barbudos na Amazônia: Os Mayoruna na história*. 1993. 314f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1993.

COUTO, Alexandre. *Ortografia Kaxarari: uma proposta*. Porto Velho, 2005. (versão eletrônica)

CRÉQUI-MONTFORT, Georges de; RIVET, Paul. Les dialectes Pano de Bolivie. *Le Muséon*, v. 14, p. 19-78, 1913.

D'ANS, André-Marcel. *Estudios glotocronológicos sobre nueve hablas pano*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Centro de Investigación de Lingüística Aplicada, 1973a. Lima. (Documento de trabajo; 17)

_____. Reclasificación de las lenguas pano y datos glotocronológicos para la etnohistoria de la Amazonía peruana. *Revista del Museo Nacional*, tomo XXXIX, p. 349-369, 1973b.

_____. Étude glottochronologique de neuf langues Pano. In : CONGRES INTERNATIONAL DES AMERICANISTES, 15, 1975. *Actas...* v. 3, 1975. p. 87-97

DE LA GRASSERIE, Raoul. De la famille linguistique Pano. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 7., 1888. *Actas...* Berlin, 1890. p. 438-449. (versão eletrônica)

PAULA, Aldir Santos de. *Poyanáwa, a língua dos índios da aldeia Barão: aspectos fonológicos e morfológicos*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

_____. *A língua dos índios Yawanawa do Acre*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

EAKEN, Lucile. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Yaminahua*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2008.

ERIKSON, Philippe. Uma singular pluralidade: a etno-história Pano. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ERIKSON, Philippe; ILLIUS, Bruno; KENSINGER, Kenneth; AGUIAR, Maria Suelli de. Kirinkobaon kirika (“Gringo’s books”); an annotated Panoan bibliography. *Amerindia*, supl. 1, n. 19, 1994. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.

FABRE, Alain. Lexical similarities between Uru-Chipaya and Pano-Takana languages: genetic relationship or areal diffusion. *Opción*, v. 18, p. 45-73, 1995.

_____. Dicionário Páno-Takána. In: _____. *Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos*. 2008 [2005]. (versão eletrônica).

FAUST, N.; LOOS, E. *Gramática del Idioma Yaminahua*. Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 2002.

- FERREIRA, Rogério Vicente. *Língua Matis: aspectos descritivos da morfossintaxe*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.
- _____. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.
- FIELDS, H. Dados de pesquisa de campo. s/d. mimeo.
- FLECK, David W. *A grammar of Matses*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), Rice University, 2003.
- _____. *Diccionario Matses Castellano*. 2010. (versão eletrônica)
- _____. *Panoan languages and linguistics*. New York: American Museum of Natural History, 2013.
- FLECK, David W.; BËSO, F. S. U.; HUANÁN, D. N. J. *Diccionario Matsés-Castellano*. Editora Tierra Nueva. 2012. (versão eletrônica)
- FLECK, David W.; FERREIRA, R. V. Language in the Mayoruna subgroup of the Panoan family. 2005. mimeo.
- GIRARD, Victor James. *Proto-Takanan phonology*. Berkeley: UCPL 70, 1971.
- GREENBERG, Joseph H. The general classification of Central and South American languages. In: WALLACE, Anthony F.C. (ed.). *Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1960.
- _____. *Language in the Americas*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1987.
- GUILLAUME, A. *A Grammar of Cavineña, an Amazonian Language of Northern Bolivia*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística, Research Centre for Linguistic Typology, La Trobe University, Melbourne, Austrálie, 2004.
- ILV: Instituto Lingüístico de Verano. Dados de campo. 1991. Acervo de Loos.
- HARMANN, S. R. *The phonetics and phonology of retroflexes*. Manuscript Utrecht University, 2003.
- HYDE, S. *Diccionario Amahuaca*. Yarinacocha: Ministerio de Educación; Instituto Lingüístico de Verano, 1980.
- JAKOBSON, R.; FANT, G.; HALLE, M. *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge: MIT Press, 1952.
- JEFFERS, R. J.; LEHISTE, Ilse. *Principles and methods for historical linguistics*. Cambridge: MIT Press, 1979.
- KAUFMAN, T. Language History in South America: What we Know and how to know more. In: PAYNE, David L. (ed.). *Amazonian Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- KAXINAWÁ, Joaquim Paulo de Lima. *Confrontando registros e memórias sobre a língua e a cultura huni kuĩ: de Capistrano de Abreu aos dias atuais*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

- KENNEL JR., Gerald. Descrição fonêmica e gramatical do marubo. 1978. mimeo.
- KENSINGER, Kenneth M. The phonological hierarchy of Cashinahua (Pano). In: *Studies in Peruvian Indian languages*. Norman: Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma, 1963. V. 1. p. 207-217. (Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields; 9)
- KEY, M. R. *Comparative Tacanan phonology*. La Haya: Mouton, 1963.
- LANES, Elder José. *Aspectos da mudança lingüística em um conjunto de línguas Amazônicas: as línguas Pano*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- LOOS, Eugene E. *The phonology of Capanahua and its grammatical basis*. Norman: Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma, 1969. (Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields; 20)
- _____. *The phonology of Capanahua and its grammatical basis*. Norman: Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma, 1976.
- _____. La señal de transitividad del sustantivo en los idiomas pano. *Serie Lingüística Peruana*, n. 10, p. 133-184, 1978.
- _____. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Eds.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 227-249.
- LOOS, E.; LOOS, B. *Diccionario Capanahua Castellano*. Yarinacocha, Pucallpa: Instituto Lingüístico de Verano, 1998.
- LORIOT, J.; LAURIAULT, E.; DAY, D. *Diccionario Shipibo-Castellano*. Yarinacocha, Pucallpa: Ministerio de Educación del Perú e Instituto Lingüístico de Verano, 1993.
- LOUKOTKA, Cestmir. *Clasificación de las lenguas sudamericanas*. Praga: Tipografía Josef Bartl, 1935. (Lingüística Sudamericana; 1)
- MARTINS, Andrébio Márcio Silva. *Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o Guató e o tronco Macro-Jê*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.
- MASON, John Alden. The languages of South American Indians. In: STEWARD, Julian H. (Ed.). *Handbook of South American Indians: V. 6 - Physical Anthropology, Linguistics, and Cultural Geography of South American Indians*. Washington: Government Publishing Office, 1950. p. 157-317. (Bureau of American Ethnology; Bulletin 143)
- MATOS, Beatriz de Almeida. *Os Matsés e os outros - elementos para a etnografia de um povo indígena do Javari*. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia), PPGAS-MN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.
- McMAHON, April; McMACHON, Robert. *Language Classification by numbers*. Grã-Bretanha: Oxford University Press, 2005.
- McQUOWN, Norman A. The Indigenous Languages of Latin America. *American Anthropologist*, v. 57, n. 3, p. 501-570, jun. 1955.
- MELATTI, Júlio Cezar. *Wenía a origem mitológica da cultura Marubo*. Brasília, DF: UnB, 1986. (Série Antropologia; 48)

- MENDES, H. C. Os direcionais em Katukína. 1996. mimeo.
- MNTB: Missão Novas Tribos do Brasil. Dados de campo. s/d. Acervo de Loos.
- MONSERRAT, R.; CABRAL, A. S. *Atualização léxico-semântica de línguas indígenas Kaxarari (Rondônia) e Katukina (Acre)*. Relatório CNPq/Fundação Nacional ProMemória. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 1987. mimeo.
- MONTAG, Susan. *Diccionario Cashinahua*: Tomos I e II. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1981.
- MONTAGNER, Delvair; MELATTI, Júlio Cezar. *Relatórios sobre os índios Marúbo*. Brasília, DF: UnB, 1975. (Série Antropologia; 13)
- NAVARRO. *Vocabulario castellano-quechua-pano, con sus respectivas gramáticas quechua y pana*. Lima: Imprenta del Estado, 1903.
- OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares de. Dados de pesquisa de campo. Jul. 2007-ago. 2012.
- OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares de. *Preliminares sobre a fonética e a fonologia da língua falada pelo primeiro grupo de índios Korúbo recém-contatados*. 2009. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.
- _____. De la Grasserie (1890). *Revista Brasileira de linguística antropológica*, v. 2, n. 2, p. 330-345, dez. 2010.
- OSBORN, H. Amahuaca phonemes. *International Journal of American Linguistics*, v. 14, n. 3, 1948.
- PARKER, Steve. Coda epenthesis in Huariapano. *International Journal of American Linguistics*, v. 60, n. 2, p. 95-119, 1994.
- PICKERING, Wilburg. Vocabulário. 1962. (versão eletrônica)
- PROST, Gilbert R. Signalling of transitive and intransitive in Chacobo (Pano). *International Journal of American Linguistics*, v. 28, p. 108-118, 1962.
- _____. Phonemes of the Chácobo language. *Linguistics*, n. 35, p. 61-65, 1967.
- RIVET, Paul. Sur quelques dialectes Pano peu connus. *Journal de la Société des Américanistes*, v. 7, n. 7, p. 221-242, 1910. Disponível em : <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa_0037-9174_1910_num_7_1_3581>. Acesso em : 12jun.2012.
- RIVET, Paul; TASTEVIN, Constantin. Les dialectes Pano du haut Juruá et du haut Purus. *Anthropos*, v. 22, n. 5-6, p. 811-827, set./dez. 1927.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna As consoantes do Proto-Tupí. In: CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, A. D. (Orgs.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2007. V. 1. p. 167-203.
- SCHIMIDT, P. W. Die sprachfamilien und sprachenkreise der Erde. Heidelberg, 1926.
- SCOTT, M. *Vocabulário Sharanahua-Castellano*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2004.

SHELL, Olive Alexandra. Cashibo I: Phonemes. *International Journal of American Linguistics*, n. 16, p. 198-202, 1950.

_____. *Pano reconstruction*. 1965. 534f. Tese (Doutorado em Linguística), University of Pennsylvania, 1965.

_____. *Las lenguas pano y su reconstrucción*. Lima: ILV/MEd, 1975.

_____. *Vocabulario Cashibo Cacataibo*. Yarinacocha, Pucallpa: Instituto Lingüístico de Verano, 1987.

SOTO, Kimberly. Preliminary Pano family tree based on the reconstruction by O. A. Shell. 1990. mimeo.

SOUSA, Gladys Cavalcante. *Aspectos da fonologia da lingual Kaxarari*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

SOUZA, L. C. S. T. *Fonologia, morfologia e sintaxe das expressões nominais em Yawanawá (pano)*. 2013. 156f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SPANGHERO-FERREIRA, Vitoria Regina. *Estudo lexical da língua Matis: Subsídios para um dicionário bilingüe*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

SPARING-CHÁVEZ, M. *Aspects of Amahuaca Grammar: an endangered language of the Amazon Basin*. 2012.

SUÁREZ, Jorge A. Mosen and Pano-Tacanan. *AL*, v. 11, n. 9, p. 255-266, 1969.

_____. Macro-Pano-Tacana. *IJAL*, v. 39, n. 3, p. 137-154, 1973.

SWADESH, Morris. Salish internal relationships. *International Journal of American Linguistics*, v. 16, p. 157-167, 1950.

TESSMANN, Günter. *Die Indianer Nordost-Perus*. Hamburg, 1930.

ULLOA, Jose A. Elias. *Theoretical aspects of panoan metrical phonology: Disyllabic footing and contextual syllable weight*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística), Graduate School - New Brunswick, Rutgers, New Jersey, 2006.

VALENZUELA, P. Ergatividade escindida en wariapano, yaminawa y Shípibo-konibo. Paper presented at the 49th International Congress of Americanists. In: VOORT, Hein van der; KERKE, Simon van de (Eds.). *Indigenous languages of Lowland South America*. [Indigenous Languages of Latin America (ILLA)], n. 1, p. 111-128, 2000 [1997]. Leiden, The Netherlands: Research School of Asian, African, and Amerindian Studies, University of Leiden.

_____. Dados de trabalho de campo. 2001. mimeo.

VALENZUELA, P. M. Evidentiality in Shipibo-Konibo, with a comparative overview of the category in Panoan. In: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (Eds.). *Studies in evidentiality*. Amsterdam: John Benjamins, 2003a. p. 33-61.

_____. *Transitivity in Shipibo Konibo Grammar*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), University of Oregon, Oregon, 2003b.

_____. Pano ethnonyms and linguistic human rights. *UniverSOS, Revista de Lenguas Indígenas y Universos Culturales*, n. 5, p. 57-63, 2008.

_____. Armonía Transitiva en las Lenguas Pano y Takana. 2013. mimeo.

VALENZUELA, P.; IGGESSEN, O. El desarrollo de un marcador suprasegmental en chácobo (pano). In: ROMERO-FIGUEROA, A.; GARAY, A. F.; MORI, A. C. (Orgs.). *Lenguas indígenas de América del Sur: Estudios descriptivo-tipológicos y sus contribuciones para la lingüística teórica*. Caracas: Publicaciones Universidad Católica "Andrés Bello", 2007. p. 187-199.

VALENZUELA, P.; MARQUEZ PINEDO, L.; MADDIESON, I. Illustrations of the IPA: Shipibo. *Journal of the International Phonetic Association*, v. 31, n. 2, p. 281-285, 2001.

VALENZUELA, P.; OLIVEIRA, S. Dados de pesquisa de campo. 2012. mimeo.

ZARIQUIEY, R. *Hacia una reconstrucción del sistema personal del Proto-Pano*. Aspectos fonológicos y morfológicos. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística), Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2006.

_____. *A grammar of Kashíbo-Kakataibo*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística), La Trobe University, Bundoora, Victoria, 2011.

ZINGG, P. *Diccionario Chacobo-Castellano*. La Paz: Ministerio de Educación, Cultura y Deportes y Confederación de Pueblos Indígenas Bolivia, 1998.

APÊNDICE

Apresentamos aqui as 512 etimologias propostas inicialmente por Shell (1975), com nossas revisões e acréscimos de dados. No geral, seguimos a organização original da autora, mas diferenciamos os nossos dados, que aparecem em cor azul, dos dados incluídos por Shell (op. cit.), que aparecem em cor preta.

Utilizamos os parênteses para marcar dados que nos parecem ter semelhanças com as palavras de outras línguas, mas que não estávamos seguras se eram cognatos ou não. Nesse caso, não consideramos o dado para a reconstrução, como vemos na etimologia 19, em que o dado Katukína aparece entre parênteses.

19. *ʔira-: Ksh -- : SK -ina- ‘arriba y arriba (como en noyaina- ‘volar arriba y arriba’)’ : Kp ʔina- ‘subir (como a um árbol)’ : Ch ʔina- ‘subir (como la ardilla en el árbol)’ : A ʔinaa-ʔí ‘subir’ (HYDE, 1980), inaa- II ‘escalar un árbol’ : Kn ina- ‘escalar’ : M ínai : Mar –iná- ‘ação subindo’ (KENNEL, 1978) : (Kat pain-ai) : Shan -- : Yaw ina ‘subir’ : Poy -- : Kax i’lahi ‘subir’ (COUTO, 2005) : Yam ina- ‘subir’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan ida- ‘subir’ : Shar inai, inaa ‘subir, trepar’ : Ko -- : Mt indo-kin ‘subir puxando algo’ (FERREIRA, 2005) : My in ‘mover una cosa’.

Em todos os casos, marcamos que o cognato em determinada língua não foi encontrado com dois traços (--), mesmo quando apenas duas ou três línguas apresentam o cognato, como vemos no exemplo a seguir:

449. *tasa : Ksh tasá : SK tasá : Kp tasa : Ch -- : A tasa II : Kn -- : M -- : Mar -- : Kat -- : Shan -- : Yaw -- : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Ko -- : Mt -- : My -- : ‘clase de canasta’.

Há alguns casos em que somente uma parte da palavra é considerada, como no exemplo seguinte:

87. *βi-, *βima ‘cara, frente’, etimologia 76 + tōko (ver etimologia 359): Ksh -- : SK βitónko, βitónkonín ‘frente, parte superior del rostro’ (LOOS; LOOS, 1998) : Kp βitonko : Ch -- : A wimāko ‘frente’ : Kn βitūku : M -- : Mar -- : Kat -- : Shan -- : Yaw -- : Poy βituhku ‘punhos’ : Kax tʃitũku [tʃitũku] ‘testa’ : Yam -- : Chan ʔitoko : Shar-- : Ko -- : Mt -- : My --.

Há também casos, em que o uso de colchetes [], em uma forma reconstruída, implica em dúvida sobre a existência ou não de uma determinada parte de uma forma, como mostra a etimologia 493.

493. **[-ya]ma* : Ksh -ma : SC-yama : Kp yama : Ch -yama : A -yama : Kn -ma, -yama : M -ma : Mar -ma, -ama ‘negativo’ (KENNEL JR., 1978) : *Kat yama* ‘não ter, negativo’, *ma* ‘não’ : Shan -ma ‘negação geral’, -yama ‘negação de imperativo’ : Yaw -ma ‘negação’ : Poy ba ‘assertiva negativa’ : Kax -ma, maʔa (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam maa ‘no’, -ma ‘negación’ (FAUST; LOOS, 2002), -yama ‘negativo proibitivo’ : Chan -- : Shar -ma ‘no’, -yama ‘imperativo negativo, prohibición’ : Ko -ma ‘negação passado’, (-men ‘negação não passado’) : Mt -ama ‘marca de negação passado’, (-emen ‘morfema de negação para tempo não passado’) : My -- : ‘sufijo negativo’.

[*n] representa uma consoante nasal que, em margem esquerda de sílaba, pode ser *n ou *r e, em margem direita de sílaba, pode ser *n, *r ou *m. Esta consoante é reconstruída, em margem esquerda de sílaba, com base em reflexo nasal na maioria das línguas, mas sem o reflexo em Kaxararí. Quando em margem direita de sílaba, além de não ser possível verificar o reflexo em Kaxararí, também não possuíamos os reflexos em formas longas de línguas como Chákobo ou Shípibo-Kónibo.

*C_c representa uma consoante coronal em margem direita de sílaba, que poderia ser *ɕ ou *t. Esta reconstrução baseia-se nos reflexos *t, de Korúbo, e *d, de Matís e Mayorúna, no entanto, só é usada quando não há os reflexos em formas longas de outras línguas.

*C representa uma consoante em margem direita de sílaba final de palavra e se baseia no acento na sílaba mais à esquerda em Kashíbo, Shípibo-Kónibo e Kapanáwa; esta forma, todavia, só foi usada quando não possuíamos reflexos em outras línguas que atestassem a qualidade da vogal.

A ordem de apresentação e a numeração das etimologias seguem as mesmas propostas por Shell (1975).

1. *ʔak- ‘fazer, matar’ : Ksh ʔa- : SK ʔa- : Kp ʔa- : Mar a : Ch ʔa- : Kax a- : Yam ak- Chan a- : Shar a- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔa- (CHÁVEZ, 2012) : Kn a- : M a- : Yaw -- : Ko ak- : Mt ak- : My ak-.
2. *ʔatsa ‘macaxeira, mandioca’ : Ksh ʔatsa : SK ʔatsa ‘yuca’ : Kp ʔatsa ‘yuca’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar atsa : Ch ʔatsa : Kax -- : Yam --, Chan atsa, -- : Shar -- : Shan atsa : Kat atsa : Poy atsa : A ʔatsa (CHÁVEZ, 2012), Atsa I : Kn atsa : M atsa (palabra usada solo por algunos de los ancianos) : Yaw atsa : Ko Atsa ‘nome próprio’ : Mt Atsa ‘mandioca’ : My --.
3. *ʔami[n] ‘capivara’ : Ksh ʔa'mĩ : SK ʔa'mĩ : Kp ʔa'min : Mar ami (MNTB-LOOS, s.d.) : Ch amino, ami ‘la capyguara’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar amin : Shan aman : Kat amin : Poy -- : A ʔamin (HYDE, 1980) : Kn amĩ : M 'amĩ : ʔamino ‘capibara’ : Yaw aman : Ko -- : Mt -- : My --.
4. *ʔani ‘grande’ : Ksh ʔani (ZARIQUIEY, 2011) : SK ʔani : Kp ʔani ‘grande’, wʔan ʔani ‘arroyo grande’ : Mar ani [ẽni-] ‘grande’ (COSTA, 1992) : Ch ʔani hini ‘rio grande’, ani- ‘aumentar’ (ZINGG, 1998) : Kax laki**hani** [lakifia'i]²²⁴ : Yam -- : Chan -- : Shar aniϕo, aniϕoan ‘homem velho, ancião’ : Shan **anihu** ‘ancião’ : Kat **ani**-pa ‘grande’ : Poy **ãdiβu** ‘homem velho’ : A - : Kn **anibu** ‘anciano, viejo’ : M -- : Yaw ani-hu ‘velho’ : Ko **animatsik** ‘pequeno’ : Mt -- : My **ania** ‘pequeno, delgado’.
5. *ʔano ‘paca (*Cuniculus paca*)’ : Ksh ʔano : SK ʔano : Kp ʔano : Mar -- : Ch ʔano ‘jochi pintado’ (ZINGG, 1998) : Kax anawi : Yam ano, añ ‘majás’ : Chan -- : Shar ano, anon ‘majás’ : Shan anu : Kat ano : Poy -- : A ʔanó ‘majás, roedor pequeño’ (HYDE, 1980), a'no I : Kn anu : M ano ‘paca, clase de roedor’ : Yaw anu : Ko -- : Mt -- : My --.
6. *-ʔaʃ ‘sufixo de concordância do intransitivo’ : Ksh -aʃ : SK -aʃ : Kp -ʔaʃ : Ch -ʔaʃ : A ʔax : Kn -a : M -aʃi.
7. *ʔaʃ[an]- ‘tipo de veneno’ : Ksh ʔaʃã- ‘pescar con veneno’ : SK ʔaʃã- : Kp ʔaʃan- : Mar -- : Ch ʔaʃa- ‘pescar con veneno’ : Kax -- : Yam aʃã- (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar aʃain, aʃaan ‘pescar com huaca o barbasco’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔaxã- I : Kn aʃa- ‘veneno’, aʃã- ‘hacer, matar con

²²⁴ Este dado aparece apenas em Lanes (2005), em todas as demais fontes aparece apenas a forma laki.

- veneno' : M 'aşã- : Yaw *afan* 'pescaria' : Ko -- : Mt *aş-kin* 'ato de passar veneno na seta da zarabatana' : My --.
8. **ʔawaŋ* 'anta' (*Tapirus terrestris*) : Ksh *ʔo'ɔ* : SK *ʔa'wa* 'tapir', *ʔawarã* piti 'comida de tapir (nombre de planta)' : Kp *ʔa'wa*; Mar *awa* : Ch *ʔáwara* 'tapir', *awá* (ZINGG, 1998) : Kax [*awatʃa*] : Yam *aʔa* (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar *awa*, *awa-pan* : Shan *awa* : Kat *awa* [*aw'a*] (BARROS, 1987) : Poy *awa* : A *ʔáá* (HYDE, 1980), *áá I* : Kn *awa* : M *áwa* : Yaw *aua* : Ko *awat* : Mt *awad* : My *awad*.
9. **ʔawi[n]* 'mulher, esposa' : Ksh -- : SK *a'wĩ* : Kp *ʔa'win* : Mar *aĩ* (CESARINO, 2008), *aĩ*, *aĩvɔ* 'mulher' (COSTA, 1992) : Ch *ʔa'wini* 'esposa' (ver etimologias 3, 386, 498), *awí* (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam *aʔĩ*, *aʔinĩ* 'esposa' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -- : Shan *awin* : Kat *ain* : Poy *awĩ* : A *ʔaín*, *ʔáiní* (HYDE, 1980), *aĩ* : Kn *aĩ* : M *'áwĩ* : Yaw *auin* : Ko *awin* : Mt *awin* : My *awin*.
- 9a. **ʔawĩβo* : SK *ʔaĩβo* : Kp *aĩβo* : Kn *aĩbu* : M *aĩʔo* 'mujer'.
10. **ʔaya-* : Ksh *ʔee-* 'tragar', *ʔe-ti* 'tragar' (SHELL, 1987) : SK -- : Kp *ʔaʔ-kin* 'tomar, beber' (LOOS; LOOS, 1998) : Ch *a-kaina* (ZINGG, 1998) : A *ʔáya-kin* 'tomar, beber' (HYDE, 1980), *aya-* II : Kn *aya-* 'beber mucho' : M *áyá-* 'beber, tragar' : Mar *a-kĩ* (CESARINO, 2008) : (Kat *akai* 'tomar') : Shan *aya* : Yaw *aia* : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan *aya-i* : Shar *aya-i* : (Ko *ak-*) : (Mt *ak-kin* 'beber') : (My *ak* 'beber').
11. **ʔi* : Ksh *ʔi-* : SK *ʔi-* : Kp *ʔi-* : Ch *i* 'yo' A *i-* : Kn *i-* : M *i*
12. **ʔiwa* 'grande' : Ksh *ʔĩɔ*, *-ɔ* 'grande, importante, excessive, enorme' (-on, -an (ZARIQUIEY, 2011)) : SK *ʔiwa* : Kp *aʔwan*, *iʔwan*, *ʔwan* 'gigantesco, enorme, tremendo' (LOOS; LOOS, 1998), *-wan* : Mar *kapiti-wã* 'jacaré grande' (CESARINO, 2008), *ʔawĩ* 'jaboti', *ʔawiwẽ* 'tartaruga' (COSTA, 1992) : Ch *haʔiwa* 'grande' : Kax -- : Yam *iʔa-pa* *iʔa-panã* 'grande' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan *iwapa* 'grande' : Shar *iwapa* 'grande' : Shan *iwa-pa* 'grande' : Kat -- : Poy *iwa* 'velho' : A *-ʔa* : Kn *-wa* 'grande', *iwa* 'crecido', *iwa-pa* 'grande' : M *iwápá* 'grande, importante, excessivo, enorme' : Yaw *iua-pa* 'grande' : Ko *iwa* 'muito' : Mt -- : My --.

13. *ʔia ‘piolho’ : Ksh ʔia ‘piojo’ : SK ʔia ‘piojo’ : Kp ʔia ‘pulga’ : Mar ʔia ‘piolho’ (COSTA, 1992) : Ch ʔia ‘piojo’ : Kax ʔya (LANES, 2005; COUTO, 2005) : Yam -- : Chan ia : Shar ia : Shan ia : Kat ia : Poy ia : A ʔiya (HYDE, 1980), iyá I ‘piojo’ : Kn ia ‘piojo, pulga’ : M ia ‘piojo, pulga’ : Yaw ia : Ko -- : Mt tʃa ‘piolho’ : My --.
14. *ʔian ‘lago’ : Ksh ʔiá : SK ʔiá : Kp ʔián : Mar ʔan [ʔiẽ] (COSTA, 1992), iã (CESARINO, 2008) : Ch ʔiáni, iá (ZINGG, 1998) ‘lago’ : Kax iani [ia'ni] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam iã, iamã : Chan -- : Shar ian : Shan yan : Kat ian : Poy -- : A ʔyan (<hínyan>) (HYDE, 1980), ʔyã I : Kn iã : M iã : M -- : Yaw ian : Ko tʃan : Mt tʃan : My tʃi'na.
15. *ʔiʔbo ‘dono’ : Ksh ʔiʔo : SK ʔiʔo : Kp ʔiʔbo : Mar iʔo (CESARINO, 2008) : Ch ʔiʔo ‘dueño’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iʔo : Shan -- : Kat -- : Poy ihu : A ʔiwo (HYDE, 1980), iwó I : Kn ibu : M iʔo : Yaw ihu : Ko ikʔo [iʔʔo] : Mt ikbo : My ikbo [i'kʔo].
16. *ʔiʔtsak ‘esp. de pájaro’ : Ksh ʔisá : SK ʔisá : Kp ʔiʔsá : Mar -- : Ch ʔisaka, ʔisa [isa] ‘el pájaro’ (ZINGG, 1998) : Kax isa'ka ‘mutum’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔítsaa, ʔítsakin ‘pájaro’ (HYDE, 1980), isaa I : Kn isa : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My wistsak ‘pájaro que vive alto’.
17. *ʔitsis ‘quente, calor’ : Ksh ʔitsís, itsis (SHELL, 1987) : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch ʔitsisa, ʔitsis- (ZINGG, 1998) ‘caliente’ : Kax itsi'si (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar tʃifnai ‘tener calor’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔítsis, ʔitsisín (HYDE, 1980), itsis I : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt itʃis- : My itsis ‘caluroso y húmedo (el tiempo), calor com humedad’.
18. *ʔikok- ‘abraçar, segurar nos braços’ : Ksh ʔiko- : SK ʔiko : Kp ʔiko : Ch ʔiko- ‘llevar en los brazos, abrazar’ : A ʔíkoo-kín ‘abrazar’ (HYDE, 1980), iko- : Kn iku- : M íkõ- : Mar -- : Kat -- : Shan -- : Yaw -- : Poy -- : Kax -- : Yam iko- : Chan -- : Shar -- : Ko ikuk- : Mt ikuk- ‘segurar no colo’ : My ikuk ‘abrazar echado o sentado’.

- 18a. *ʔikoʔiko- (provavelmente uma reduplicação do verbo em 18.) : Ksh ʔikoiko- : SK ʔikoʔiko- : Kp ʔikoiko- : Ch ʔikoʔiko- ‘seguir llevando en los brazos’ : Kn ikuiku-.
- 18b. *ʔira- ‘subir’ : Ksh -- : SK -ina- ‘arriba y arriba (como en noyaina- ‘volar arriba y arriba’)’ : Kp ʔina- ‘subir (como a um árbol)’ : Mar -iná- ‘açãõ subindo’ (KENNEL, 1978) : Ch ʔina- ‘subir (como la ardilla en el árbol)’ : Kax iʔlahi ‘subir’ (COUTO, 2005) : Yam ina- ‘subir’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan ida- ‘subir’ : Shar inai, inaa ‘subir, trepar’ : Shan -- : (Kat pain-ai) : Poy -- : A ʔínaa-ʔí ‘subir’ (HYDE, 1980), inaa- II ‘escalar un árbol’ : Kn ina- ‘escalar’ : M ínai : Yaw ina ‘subir’ : Ko -- : Mt indo-kin ‘subir puxando algo’ (FERREIRA, 2005) : My in ‘mover una cosa’.
19. *ʔinak ‘criação, animal doméstico’ : Ksh -- : SK ʔiná ‘hombre prisionero, animal domesticado’ : Kp ʔiʔna : Mar -- : Ch ʔinaka, ʔina (ZINGG, 1998) ‘perro’ : Kax iʔnaβi ‘animal doméstico’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar ina, inan ‘mascota, animals domésticos’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔína ‘doméstico (animal)’, ʔínaa, ʔínakín ‘empleado’ (HYDE, 1980), Iná I ‘domesticado’, inaa I ‘esclavo, siervo’ : Kn iná ‘animal favorito’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
20. *ʔinar- ‘dar’ : Ksh ʔinǎ- : SK ʔinǎ- : Kp ʔinán : Mar ʔinǎ- ‘dar’ (KENNELL, 1978) : Ch ʔinia- ‘vender, regalar, repartir’ (ZINGG, 1998), ʔina- dar : Kax yali ‘dar’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam inǎ- ‘dar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan inai : Shar inain, inaan ‘dar, pagar’ : Shan inan : Kat inna-ai, iai ‘dar’ : Poy -- : A inǎ-, ʔinan-kín ‘dar’ (HYDE, 1980) : Kn inǎ- : M ínǎ- : Yaw -- : (Ko mene-) : (Mt mene-kin) : My (mene).
21. *ʔi[n]o ‘esp. de onça’ : Ksh ʔino : SK ʔino : Kp ʔino : Mar ino (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax (ina'wa ‘onça’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012)) : Yam ino φǎφi, ino φǎφino ‘tigre súngraro (grande)’ : Chan -- : Shar ino, inon ‘tigre grande’ : Shan inu ‘gato’ : Kat -- : Poy -- : A ʔinó, ʔinán ‘perro, tigre’, ino I ‘perro, jaguar’ : Kn inu ‘jaguar’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : (Mt inawad ‘capivara’ (FERREIRA, 2005)) : My --.

22. *ʔipo ‘esp. de peixe (esp. da fam. *Loricariidae*)’ : Ksh ʔipo : SK ʔipo : Kp ʔipo : Mar ipo ‘bodó’ (CESARINO, 2008) : Ch ipo ‘carancho’ (ZINGG, 1998) : Kax ipu ‘peixe cascudo’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar ipo, ipon ‘carachama (esp. de pez)’ : Shan -- : Kat ipu ‘bodó’ : Poy -- : A ʔipó ‘carachama (especie de pez)’ ipó I : Kn ipu : M ipo ‘clase de pez’ : Yaw -- : Ko ipu ‘peixe’ : Mt ipu ‘bodó’ : My --.
23. *ʔisir- ‘dor, doer’ : Ksh ʔisĩ o ʔisĩ- : SK ʔisĩ- : Kp ʔisín- : Mar isĩ ‘doença’ (CESARINO, 2008) : Ch ʔisi- ‘tener fiebre’ : Kax isali (COUTO, 2005; PICKERING, s.d.) : Yam -- Chan -- : Shar isin, isian ‘doler’ : Shan isin ‘doer’ : Kat isinai, isin-nai ‘dói’ : Poy -- : A ʔisin, ʔisinín ‘dor’ (HYDE, 1980), isĩ - I : Kn isinkiki ‘enfermarse’ : M ísĩ- ‘sentir dolor, dolor’, isĩ : Yaw isin ‘doer’ : Ko -- : Mt -- : My --.
24. *ʔisko ‘japu (esp. de pássaro da fam. *Icteridae*)’ : Ksh ʔisko : SK ʔisko : Kp ʔisko : Mar isko ‘japó’ (CESARINO, 2008) : Ch ʔisko ‘clase de oropéndola, paucar’ : Kax -- : Shan -- : Kat isku ‘japó’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Poy -- : A iskó I : Kn isku : M isko : Yaw isku : Ko -- : Mt -- : My isku ‘oropéndola, paucar’.
25. *ʔiso ‘macaco preto (esp. de macaco da fam *Atelidae*)’ : Ksh -- : SK ʔiso : Kp ʔiso : Mar ʔiso [ʔisõ] (COSTA, 1994) : Ch ʔiso ‘mono maquisapa’ : Kax -- : Yam iso ‘maquisapa’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan iso ‘maquisapa’ : Shar iso ‘maquisapa’ : Shan istuku, ištuku : Kat isu ‘macaco preto’ : Poy isu ‘macaco preto’ : A ʔiso ‘maquisapa’ (HYDE, 1980), iso II : Kn isu : M ísó : Yaw isu ‘macaco preto’ : Ko ifo : Mt -- : My --.
26. *ʔisto- ‘correr’ : Ksh ʔistó ‘rapidamente’ : SK ʔiʔto- ‘rápido, veloz’ : Kp ʔiʔto- ‘correr, apurarse, irse apurado’ (LOOS; LOOS, 1998) ʔisto- ‘correr’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam itʔo- ‘correr’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan itʔoi : Shar itʔoi, itʔoa ‘huir, correr’ : Shan itʔu ‘correr’ : Kat -- : A -- : Poy -- : Kn itʔu ‘saltar’ : M itʔo- ‘correr’ : Yaw itʔu- : Ko -- : Mt -- : My --.
27. *ʔitsak ‘muito’ : Ksh ʔitsa : SK ʔitʃa : Kp ʔitʃa : Mar -- : Ch itʃa- ‘aumentar en número’ (ZINGG, 1998), itʃarama ‘pequeño, poco’ (-ma negative, juego 493) : Kax -- : Yam itʃa- ‘reunir, ser muchos’ (FAUST; LOOS, 2002), itʃa-

- pa ‘muchos’ (ILV, 1991) : Chan **itʃa**-pa : Shar itʃa-pa ‘mucho, bastante’ : Shan **itʃa**-pa : Kat -- : Poy -- : A ʔitʃa (HYDE, 1980) : Kn **itʃapa** : M **itʃapa** ‘mucho, muchos’ : Yaw itʃa : Ko -- : Mt -- : My itʃak ‘acumular condensación de vapor’.
28. *ʔifmi[n] ‘urubu rei’ : Ksh ʔifmĩ : SK ʔifmĩ : Kp ʔifmín : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ifmin, ifminon ‘condor blanco’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔifmin ‘cóndor’ (HYDE, 1980), ifmĩ : Kn ifmĩ : M ifmĩ ‘cóndor’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
29. *ʔiwi ‘pesado’ : Ksh ʔii, ʔiii (SHELL, 1987) : SK ʔisi : Kp ʔiwi : Mar **iwir-ka** ‘peso’ (CESARINO, 2008) : Ch ʔiwi ‘pesado’ : Kax **naiʔwi** [naiʔwi] (LANES, 2005) : Yam iʔi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar iwi : A ʔiyí (HYDE, 1980), iyí I : Shan **juita**-pa ‘pesado’ : Kn -- : M íwi : Kat iwi ‘pesado’ : Yaw -- : Poy -- : Ko iwit : Mt iwi : My iʔui ‘pesado’.
30. *ʔiwi ‘arraia’ : Ksh ʔii, (ʔi ‘raya’ (SHELL, 1987)) : SK ʔiwi, ʔiwín (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993), ʔiwi : Kp ʔiwi ‘raya’ (LOOS; LOOS, 1998) ʔiwi : Mar iwi ‘fuso, arraia’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch iwi (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar iwi, iwin ‘raya, pastinaca’ : Shan -- : Kat iwi : Poy -- : A ʔí ‘raya’ (HYDE, 1980), ii I : Kn i : M iwi ‘raya (ichth. Pestinaca) : huso’ : Yaw iʔi : Ko ipek : Mt i : My i.
31. *hoʔpoʃ ‘esp. de carrapato’ : Ksh ʔupús (SHELL, 1987), ʔopós : SK hopós, hopoʃin : Kp ʔoʔpós ‘isango’ : Mar -- : Ch hoʔpiʃ, joʔpiʃi (ZINGG, 1998) hoʔpiʃi ‘nigua’ : Kax -- : Yam ipoʃ : Chan -- : Shar iposi : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hónpox, hónpoxón ‘isango’ (HYDE, 1980), hõpox I : Kn hũpuʃ : M ípoʃi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My oʔpos ‘garrapatilla’.
32. *ʔoi ‘chuva’ : Ksh iʔe : uʔe (SHELL, 1987), (ʔoe) : SK ʔoi : Kp ʔoi : Mar oi (CESARINO, 2008) : Ch ʔoi ‘lluvia’ (ZINGG, 1998), oi ‘lluvia’ : Kax uwa-hi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam oi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oi : Shar oi, oin : Shan ui : Kat ui : Poy uy : A ʔoʔwi ‘lluvia’ (HYDE, 1980), owí I : Kn ui : M oi : Yaw -- : Ko -- : Mt we : My ue [wé].
33. *ʔoi[n]- ‘olhar’ : Ksh -- : SK ʔoĩ- : Kp -- : Mar oĩ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam oĩ-kĩ (EAKEN, 2008) : Chan oin : Shar oin, oian ‘ver,

- mirar' : A (A ^{ĩĩ}-) (**?iĩn-?í** (HYDE, 1980)) : Kn ^{ũĩ}- : M ^{ôĩ} 'ver' : **Kat uin-nai** 'ver' : **Shan uin** 'olhar' : **Yaw uian, uin** : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.
34. *?ok[o]- 'tossir' : Ksh ?oko- : SK ?oko- : Kp ?oko- : **Mar oko** (CESARINO, 2008) : Ch ?oko- 'toser' : Kax -- : Yam -- : **Chan non okoi** 'nosotros tenemos tos' : **Shar okoi, okoa** 'toser' : Shan -- : **Kat uku-iki** 'tossir' : Poy -- : A ?óko-?í 'toser', ?óko 'tos' (HYDE, 1980), oko- II : Kn uku- : M ókó- : Yaw -- : **Ko uk** 'vomitar' : **Mt uk-kin** 'vomitar' : **My uk** 'limpiar, borrar, vomitar'.
35. *?o[n]a[n]- 'conhecer, aprender' : Ksh ?oná : SK ?oná : Kp ?onán- : (**Mar oni-ka** 'bravo' (COSTA, 1994), **onis** 'triste, nostálgico' (CESARINO, 2008)) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : **Shar onain, onaan** 'advinar, conocer' : Shan -- : **Kat una-maskai** 'tristeza' : Poy -- : A onã- : Kn unã- : M ónã 'saber, aprender' : Yaw -- : **Ko unan** 'saber' : Mt -- : **My unan** 'nombre de mujer'.
36. *?oma-paşa 'água fresca (lit. líquido novo)' : Ksh ?õpaş 'agua en recipiente' : SK ?õpaş 'agua en um recipiente' : Kp ?ompa 'bebida de maíz o de yuca' : **Mar 'wakapaşa** 'água', 'waka 'rio' (COSTA, 1992), **paşa** 'fresco, novo' (CESARINO, 2008) : Ch **hini paşa** 'água' : Kax -- : **Yam õpaş [õpaş]** (LANES, 2005) : Chan -- : **Shar --** : Shan -- : **Kat --** : A -- : Kn **ũpaş** 'agua para ele consumo' : M -- : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : **Mt uma** 'mingau', **paşa** 'novo' : **My uma** 'bebida cernida'.
37. *?osa[n]- 'rir' : Ksh ?osá- : SK ?osá : Kp ?osán- : **Mar [ũ'sẽẽ]** 'rir' (COSTA, 1992) : Ch ?osa 'reirse o burlarse' (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : **Shar osain, osaan** 'reir, sonreir' : Shan -- : **Kat --** : Poy -- : A osã- I : Kn usã- : M ósã 'reirse, sonreirse, reirse de' : **Yaw ufan** : Ko -- : Mt -- : My --.
38. *?oş[a]- 'dormir' : Ksh **?uş-ti** 'dormir' (SHELL, 1987), ?oş- : SK ?oşa- : Kp ?oşa- : **Mar 'ufai** 'dormir.PRES' (COSTA, 1992) : Ch ?oşa- 'dormir' : **Kax ufa** (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : **Yam oşa** (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oşai : **Shar oşai, oşaa** : **Shan uşa** : **Kat ufa-ai** : **Poy a ādiuha** 'ele dorme' : A ?oxa?í 'dormir' (HYDE, 1980), oxa- I : Kn uşa- : M óşá : **Yaw ufa** : **Ko uf** : **Mt uş** : **My uş**.

39. *ʔoʃi ‘lua’ : Ksh ʔoʃi : SK ʔoʃi ‘luna’, ʔoʃní ‘luz de la luna’²²⁵ : Kp ʔoʃní : Mar ‘oʃi [‘oʃi’] : Ch ʔoʃi ‘luna’ : Kax uʃi : Yam oʃi, oʃĩ ‘luna, mês’ : Chan oʃi : Shar oʃi : Shan uʃi : Kat uʃi : Poy ũhũde : A ʔóxi, ʔoxni ‘luz de la luna’, (HYDE, 1980), oxí I ‘luna’ : oxní ‘luz de la luna’ : Kn uʃi : M oʃi : Yaw uʃi : Ko uʃi ‘lua’ : Mt uʃi ‘lua’ : My uʃi ‘luna’.
40. *ʔota ‘sombra’ : Ksh ʔotanɔɔ ‘demonio del bosque’ (nɔɔ < nawa ‘gente’, juego 261) : SK ʔota : Kp ʔota ‘sombra’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar otai, otaa ‘hacer sombra’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A ʔóta ‘sombra’ (HYDE, 1980), ota I ‘sombra’ : Kn uta- ‘hacer sombra, estar en la sombra’ : M ótānitóka ‘sombra’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
41. *ʔoyo- ‘chupar, sugar’ : Ksh ʔooka- : SK ʔoyo- : Kp ʔoyo- : Mar oyo (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Poy -- : Shan -- : Kat -- : A ʔóyo-kín ‘chupar’ (HYDE, 1980), oyo- : Kn uyu- : M óyo- ‘chupar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
42. *ha[a] ‘ele, esse’ : Ksh a (SHELL, 1987) : SK ha, han (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993), haá : Kp haa : Mar a (COSTA, 1992) : Ch ha (ZINGG, 1998), haa : Kax ha ‘3ª pessoa do singular’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam a ‘él, ella’, aatō ‘él, ella, ellas, ellos’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar a ‘pron. demonstrativo esse, esa’ : ‘él, ella, ello, eso’ : Shan a ‘3ps.erg/A, atu ‘eles’ ahu ‘eles’ : Kat hatu ‘ele’, hawin ‘sua’ : Poy a ‘ele’ : A háá (HYDE, 1980), haa : Kn ha : M áa : Yaw a ‘3ª pessoa do singular’ : Ko a- : Mt a- ‘marca de 3ª pessoa’ : My a ‘él, ella, lo, la, le’.
43. *haʃa[t]- ‘correr, fugir’ : Ksh aʃá- ‘correr’ : SK haʃá- : Kp haʃá ‘huir’ : Mar -- : Ch haʃa- ‘correr’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar aʃai, aʃaa ‘fluir’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn habá- ‘navegar cerca de la orilla, descargar (sangre)’ : M -- : Yaw -- : Ko aʃat- : Mt abad-kin ‘correr, fugir’ : My --.

²²⁵ “Según Lorient, los shipibo consideran que /ʔoʃní/ se deriva de /ʔoʃi/ ‘luna’, y /nití/ ‘día, país, dominio’, juego 272.” (SHELL, 1965 [1975])

44. *haka ‘esp. de garça’ : Ksh aka ‘pumagarza’ : SK haka : Kp haka : Mar -- : Ch ‘haka ‘la garza’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar **akapora**, **akaporanin** ‘puma garza’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A haka : Kn haka : M ákápóra ‘clase de garza’ : Yaw -- : Ko -- : Mt aka ‘Socó, tipo de pássaro’ : My a’ka ‘garza’.
45. *hamak- ‘pisar’ : Ksh amá- ‘pisar’ : SK hamá : Kp hamá- : Mar -- : Ch hama- ‘pisar, golpear con el pie’ : Kax ha’mahi : Yam -- : (Chan rono piabada, rodo piamada ‘pisó en la culebra’) : (Shar paimai) : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hámaakín ‘pisar’ (HYDE, 1980), hama- I : Kn hama- ‘empujar, o golpear con el pie’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt amak ‘pisar, amassar’ : My --.
46. *hana ‘língua’ : Ksh ana : SK hana : Kp hana : Mar ‘ana ‘boca’ (CESARINO, 2008) : Ch ‘hana ‘la boca, la lengua’ (ZINGG, 1998) : Kax ha’na (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam ana : Chan ada ‘lengua’ : Shar ana : Shan ana ‘língua’ : Kat ana : Poy ãda ‘língua’ : A ‘hana ‘lengua’ : Kn hana : M ana : Yaw anna : Ko ana : Mt ana : My --.
47. *ha[n]a[n]- ‘vomitar’ : Ksh aná- : SK -- : Kp hanán- (también kinán-) : Mar (ána orã anõma ‘vomitar não faça’ (CESARINO, 2008)) : Ch hana- ‘vomitar’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar anain : Shan anain : Kat -- : Poy -- : A hanã- : Kn hanã- : M ánã- : Yaw anan : Ko -- : Mt -- : My --.
48. *hari ‘nome’ : Ksh ani : SK hani : Kp hani : Mar ani (CESARINO, 2008) : Ch hani- ‘nombrar’ : Kax ha’li [ha’lɔ](COUTO, 2005), ha’li [fi’a’li] (LANES, 2005) : Yam ani (FAUST; LOOS, 2002) : Chan adi : Shar ani, anin : Shan ani : Kat -- : Poy ãdi : A ‘hani ‘Hyde, 1980), hani I : Kn -- : M ani ‘nombre’ : Yaw ani : Ko ani ‘nome’ : Mt ani ‘nome’ : My --.
49. *hãsi[n] ‘mutum (da esp. da fam. *Cracidae*)’ : Ksh ašĩ o ãšĩ : SK hašĩ : Kp hasín : Mar ãšĩ (CESARINO, 2008) : Ch hasíni ‘clase de pavo silvestre’, ha’sini, ha’si (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam ãsi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar asin, asipan ‘paujil’ : Shan ašin : Kat ansin : Poy ãšĩ : A, hãšĩ I, (hánsin, hánsinín ‘paujil’ (HYDE, 1980)) : Kn hašĩ : M ášĩ : Yaw -- : (Ko koʃtin [ʔɔʃtĩn] ‘mutum’) : Mt -- : My --.

50. *hãşaβa ‘abertura’ : Ksh ãşaβa ‘ancho, claro, llano, sin obstrucción como de río o camino’ : SK hãşβá ‘tener la boca bien abierta’ : Kp hanşβá- ‘abrir la boca’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam aşφã (FAUST; LOOS, 2002) : Chan aşφa ‘boca’ : Shar aşφa, aşφapan ‘boca’ : Shan -- : Kat -- : A -- : Poy -- : Kn haşpa ‘abrir bien la boca’ : M áşφa ‘boca’ : Yaw aşβa ‘boca’ : Ko -- : Mt -- : My --.
51. *hatit ‘esse tanto’ : Ksh **atian** ‘then’ (ZARIQUIEY, 2011) : SK ha’ti ‘tanto’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993), **hatíβi** : Kp **hatiʔβi** ‘todos’ : Mar aatí ‘essa quantia’ (KENNEL, 1978), ati [ʔãí] ‘3Pl (esses) (COSTA, 1992) : Ch ha’ti ‘toditos, todo igual’ (ZINGG, 1998), **hatíta** ‘todo : Kax -- : Yam -tii ‘todos, varios del mismo tipo, esta cantidad’ (FAUST; LOOS, 2002 : EAKEN, 2008) : Chan **natiφi** ‘todos’, **datian** ‘ahora’ : Shar **atişon** ‘de este tamaño (objeto entero)’ : Shan -ti ‘quantificador’ : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn **hatibi** ‘todos esos, todos : cada uno’ : M nátiφii : Yaw **aui-ti** ‘quanto’ : Ko **atet** ‘esse tanto’ : Mt **ted** ‘tantos quantos’ (FERREIRA, 2005) : ‘My **ted** ‘as many as’ (FLECK, 2003), **tedi** ‘all of’.
52. *hato ‘3ª pessoa do plural’ : Ksh ato ‘ellos, a ellos’ : SK hato ‘ellos, a ellos’ : Kp hatón ‘su, de ellos’ : Mar 'ato ‘3ª pessoa plural absoluto’ : Ch hato ‘a ellos’ : Kax hatu ‘3ª pessoa plural absoluto’ : Yam ato ‘3ª persona plural’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar ato ‘ellos, ellas, a ellos, a ellas’ : Shan atu ‘3ª pessoa plural absoluto’ : Kat hatu ‘ele’ : Poy atuh ‘eles, elas’ : A háto ‘le, lo, la, les, los, las, a él, a ellos, a ella, a ellas’ (HYDE, 1980), hato II : Kn hatu ‘ellos, esos’ : M ato : Yaw atu ‘3ª pessoa plural absoluto’ : Ko aton ‘deles’ : Mt aton ‘deles’ : My aton ‘su, sus, de él, de ellos, de ella, de ellas’.
53. *haw[í/a] ‘que, o que’ : Ksh -- : SK hawi : Kp hawa : Mar awi ‘coisa (CESARINO, 2008), awi ‘que interrogativo’ (KENNELL, 1978) : Ch hawi ‘qué?’ : Kax /ha'wã/ [fia'wã] ‘o quê?’, /hawii'jũ/ [hawî'jũ] ‘por quê?’ : Yam aφi, aφaa ‘qué’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar awa ‘qué?, cuál?’ : Shan awi ‘por quê?’ : Kat hawi-ra ‘o que’ : Poy -- : A hai : Kn hawa : M awáφi/awámî : Yaw aui-a ‘o quê’, aui-tian ‘quando’, aui-sa ‘como’, aui-ti ‘quantos’ : Ko awi- : Mt awi- : My --.

54. *hawin ‘seu, sua, dele, dela’ : Ksh (Ksh aĩ) : SK hawĩ : Kp hawín : Mar awi ‘rikĩ ‘seu nariz’, awã şoşo [awã şofu] ‘sua casa’ (KENNELL, 1978) : Ch hawi ‘su (sing.)’ : Kax hawa ‘dele, é dele’ : Yam aphi ‘su (de él, de ella)’ : Chan -- : Shar awin ‘pronome possessivo : su, de él, de ella’ : Shan awin ‘dele, dela’ : Kat hawin ‘sua, possessivo’ : Poy -- : A -- : Kn hawĩ : ‘su, de él de ella, de ello’ : M -- : Yaw auan ‘3ª pessoa singular possessivo’ : Ko awin ‘dele’ : Mt awin ‘dele’ : My --.
55. *baʔi ‘caminho, picada’ : Ksh bai ‘camino, trocha’ : SK bai : Kp baʔi : Mar vai [bai] ‘caminho’ : Ch baʔi ‘camino, trocha’ : Kax baʔi ‘caminho’ (LANES, 2005) : Yam fai ‘camino’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan fai : Shar fai, faiĩ : Shan fay ‘roça, roçado’ : Kat bai ‘estrada’ : Poy -- : A waʔi II : M fáí : Kn bai ‘campo, jardín, trocha, corriente’ : Yaw -- : Ko -- : Mt bai ‘caminho’ : My bai ‘nombre de hombre’.
56. *baʔki[[j]i ‘noite, escuro’ : Ksh bakiʃ- ‘oscurecerse’ : SK bakiʃ : Kp baʔkiʃ ‘ayer, mañana’ : Mar vakişi ‘sombra’ (CESARINO, 2008) : Ch bakiʃi ‘oscuro, noche’ : Kax -- : Yam fakiʃi ‘noche’ : Chan -- : Shar fakişi, fakişin ‘obscuridad, oscuridad’ : Shan fakişi ‘noite’ : Kat bakiş ‘escuro’ : Poy -- : A -- : Kn bakiʃ ‘oscuro, negro’ : M fákiʃi ‘oscuro’ : Yaw bakiʃi : Ko -- : Mt -- : My --.
57. *batʃi ‘tela’ : Ksh batʃi ‘mosquitero’ : SK batʃi ‘mosquitero’ : Kp batʃi ‘cama’ : Mar batʃi ‘saia’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A watʃí I ‘falda, tela’ : Kn batʃi ‘falda’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
58. *bai[C] ‘roçado’ : Ksh baí ‘corriente’ : SK bai ‘trocha, carretera, corriente’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993), baí : Kp -- : Mar vai [bai] ‘caminho’, wai ‘roçado, plantação’ : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A bai ‘chacra’ (HYDE, 1980) : Kn bai ‘campo, jardín, trocha, corriente’ : M fáí ‘creciente del río’ : Yaw -- : Ko bain : Mt -- : My --.
59. *bak^wi ‘filho, criança’ : Ksh baki : SK baki : Kp baki : Mar vaki ‘criança, filho, menino’ (COSTA, 1992) : Ch baki ‘niño, prole’ : Kax -- : Yam faki

- ‘hijo, muchacho, niño’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φακι ‘hijo’ : Shar φακι, φακίν ‘hijo, hija, niño, niña, criatura, bebé, cria’ : Shan φακι ‘filho, menino’ : Kat βακι ‘filhote de, pinto de galinha’ : Poy βακι ‘filho’ : A βακι ‘cria, hijo, niño’, waki I : Kn baki : M φακι : Yaw βακι ‘criança’ : Ko βακwi : Mt bakui : My bakwí ‘niño, muchacho, feto, cría de animal, huevo de cualquier animal’.
60. *βακος ‘espuma’ : Ksh βακός : SK βακός : Kp βακός : Mar vakofj ‘espuma’ : Ch βακος, βακοσο ‘espuma’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φακοσι : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wakox : Kn bakuş : M φάκοσι ‘espuma’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My ba’kuş ‘espuma (de jabón), espuma de huevos de sapo’.
61. *βανα- ‘plantar’ : Ksh -- : SK βανα- : Kp βανα- ‘plantar’ : Mar vaná ‘plantada’, vanativo ‘plantaram’ : Ch βανα- ‘sembrar’ : Kax bana ‘plantar’ : Yam φανα-κĩ ‘sembrar, plantar’ : Chan φadaki, φadai ‘sembrar’ : Shar φanai, φanaa ‘sembrar, plantar’ : Shan fana ‘plantar’ : Kat banai ‘plantar’ : Poy -- : A βána ‘planta sembrada’, βánakín ‘sembrar’ (HYDE, 1980), wana- : Kn bana- : M φana- ‘plantar’ : Yaw βana ‘plantar’ : Ko -- : Mt -- : My --.
62. *βαρι ‘sol’ : Ksh βari : SK βari : Kp βari : Mar vari [φari] ‘sol’ (BOUTLE, 1964) : Ch βari ‘sol’ : Kax batfji ‘sol’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan φari ‘sol’ : Shar φari, φarin ‘sol’ : Shan fari ‘sol’ : Kat βari ‘sol’ : Poy βari ‘sol’ : A wari II : Kn badi : M φάρι : Yaw βari ‘sol’ : Ko βali ‘nom. próprio’ : Mt badi [ba’ri] ‘ano’ : My badiad [badyád] ‘amanecer’.
63. *βατσι ‘ovo’ : Ksh βatsi : SK βatfji, βatǰi ‘huevo’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp βatfji : Mar βatfji ‘ovo’ : Ch βatfji ‘huevo’ : Kax batfji : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan φatfji ‘ovo’ : Kat βatfji ‘ovo’ : Poy -- : A watfj I : Kn batfji : M -- : Yaw βatfji ‘ovo’ : Ko -- : Mt -- : My --.
64. *βασισι- ‘cochichar’ : Ksh βασις- : SK βασις : Kp βασισι ‘cuchichar’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch βασις- ‘cuchichar’ : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar φασισι, φασισια : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A βāxix-ʔi ‘cuchichar’, wāxix- II : Kn βασις- : M φάσισι : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

65. *βata ‘doce’ : Ksh βata : SK βata : Kp βata : Mar vata ‘doce’ : Ch βata ‘dulce’ : Kax /ba'ta/ [β^wa'ta] ~ [βata] ‘doce’ (COUTO, 2005) : Yam φata ‘dulce’ : Chan φatapa ‘dulce’ : Shar φata ‘dulce’ : Shan -- : Kat βata : Poy -- : A watá I : Kn bata : M φata : Yaw βata : Ko βata ‘doce’ : Mt βata ‘sabor (doce e salgado)’ : My ba'ta ‘dulce’.
66. *βato[m] ‘esp. de peixe’ : Ksh βató : SK βató : Kp βatón : Mar -- : Ch βatoma, βato ‘bocachica’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φato, φatopan ‘lisa (especie de pez)’ : Shan -- : Kat βatun ‘piau’ : Poy -- : A watō II : Kn batū : M φátō ‘clase de pez’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
67. *βawa ‘papagaio (esp. da fam. *Psittacidae*)’ : Ksh βωω : SK βawa : Kp βawa : Mar vawa ‘papagaio’ : Ch βawa ‘clase de loro’ : Kax ba'wa : Shan fafa : Kat βawa ‘papagaio’ : Yam φαφα : Chan -- : Shar φawa, φawan ‘loro’ : Poy βawa : A βάά, waa II : Kn bawa : M φάwá : Yaw -- : Ko βawa : Mt bawa ‘papagaio’ : My --.
68. *βawi[n] ‘surubim (*Pseudoplatyatoma coruscans*)’ : Ksh βαι̃ : SK βawĩ : Kp βawín : Mar -- : Ch ba'wino, bawi ‘el pintado, el surubí’ : Kax -- : Yam φαφĩ, φαφινō : Chan -- : Shar -- : Shan fai ‘surubim’ : Kat βain ‘surubim’, βai [βa'i?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A wãĩ II : Kn bãĩ : M φάwĩ ‘clase de pez’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
69. *βi- ‘trazer, buscar’ : Ksh βi : SK βi- : Kp βi- : Mar -- : Ch βi- ‘traer’ : Kax bi ‘traer’ : Yam φi ‘traer’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φi- : Shar φi-i, φi-a ‘traer’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A βi-kin ‘traer’, wi- : Kn bi : M φi- : Yaw βi ‘traer’ : Ko βi : Mt βi : My bi ‘traer’.
70. *-βit ∞ -bita[n] ‘comitativo’ : Ksh βi (comitative S), βitã (comitative A) (ZARIQUIEY, 2011) : SK -βi ~ -βitan ‘comitative’ (VALENZUELA, 2003; LOROT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp -βi ~ -βita ‘con’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar βi ‘associativo’ (KENNEL, 1978), -βi ‘associativo pronominal’ (COSTA, 1992) : Ch βita ‘en compañía de, con (sufijo nominal)’ : Kax bi ~ bita ‘comitativo’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam φi, φita ‘con’ (EAKEN, 2008) : Chan φi, φitan ‘con’ : Shar -- : Shan fi ∞ fitan ‘comitativo’ (fi ‘comitativo com verbos intransitivos’ fitan ‘comitativo com verbos

- transitivos’) : Kat -- : Poy -- : A wi, witã (wi ‘con’ (HYDE, 1980)) : Kn -bi, bitã : M phi, -fitã : Yaw bi ∞ bitan ‘comitativo’ (bi ‘intransitivas’, bitan ‘transitivas’) : Ko bit, bita : Mt bid ∞ bita ∞ bitan ‘comitativo’ (bid ‘S’, bita ‘O’, bitan ‘S’) (FERREIRA, 2005) : My bid ∞ bita ∞ bitan ‘comitativo’ (bid ‘S’, bita ‘O’, bitan ‘S’) (FLECK, 2003).
71. *βiʔra[C] : Ksh βiná ‘muchacho adolescente’ : SK βiná : Kp βiʔná : ‘nuevo’ : Ch -- : A winaa I : Kn bina : M fína ‘nuevo’ : Mar -- : Kat βina ‘novo’ : Shan fina ‘novo’ : Yaw βina ‘nova’ : Poy -- : Kax habila’ki [fiabɪla’ki] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan fida : Shar fina ‘nuevo’ : Ko -- : Mt -- : My --.
72. *βiʔ[n]oC_c- ‘esquecer, perder’ : Ksh -- : SK βino- : Kp βiʔno- : Mar vino ‘perder’ (cf. venomta, venomtaina) (CESARINO, 2008) : Ch βino- ‘perderse, olvidar’ : Kax -- : Yam fino ‘perder’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar finoi, finoa ‘perderse’ : Kat βinu-βai ‘perder’ : Shan finu ‘esquecer’ : Poy -- : A wino- : Kn binu- : M fíno : Yaw βinu ‘esquecer’ : Ko binut, Mt binud- : My --.
73. *βiʔo[m] ‘lágrima’ : Ksh βiǒ : SK βiǒ : Kp -- : Mar -- : Ch βiʔono, βiʔo ‘lágrima’ (ZINGG, 1998), βiʔóna ‘lágrimas’ : Kax biumi [biw’mi] ‘lágrima’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan fion : Shar fion, fionpan ‘lágrima’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wĩʔõ- ‘lagrimar’ : Kn bíũ ‘lágrimas’ : M fíõ : Yaw -- : Ko -- : Mt biun ‘lágrima’ : My biun ‘lágrima’.
74. *βitʃo[n] ‘ondas’ : Ksh βitʃó ‘olas’ : SK βitʃó : Kp βitʃo ‘ola’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar fitʃo, fitʃon ‘ola del lago’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A witʃõ I ‘ceño, arrugas en la frente, ola’ : Kn bitʃũ- ‘golpear, perturbar (água), salpicar’ : hini bitʃũ ‘el água se mueve, como cuando el viento la agita’ : M ini fitʃõĩ ‘olas’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
75. *βimānan ‘testa, cara’ : Ksh βimána ‘cara, frente’ : SK βimanan, βimananin ‘cara, frente’ (SK βimá- ‘sostener la cara’) : Kp βimana ‘cara’ : Mar βimani [βi’mani ~ βi’maⁿdi] ‘cara, rosto, testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch βima’na ‘frente, cara’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam fimānã, fimānãnã ‘cara, frente’ (EAKEN, 2008) : Chan fimana, fumana : Shar fimanan,

- φίμανανιν ‘frente’ : Shan fumana : Kat βίμα'na [βίμə'na] ‘testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A wimānā II ‘cara’ : Kn bimānā : M φίμάνά : Yaw βίμα'nan [βίμα'nẽ ~ βίjmə'nẽ] ‘testa’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ko βίμαναν : Mt bίμαναν : My --.
76. *βίini ‘marido, macho’ : Ksh βίini : SK βίini : Kp βίini : Mar βίini ‘marido’ : Ch βίini ‘marido, macho’ : Kax bi'ni [βi'ni] ‘marido’ (LANES, 2005) : Yam φίini (FAUST; LOOS, 2008) : Chan φίini, φίδi ‘esposo’ : Shar φίini, φίνin ‘marido, esposo’ : Shan fíini : Kat -- : Poy -- : A wini : Kn bini : M φíini : Yaw βίini ‘marido’ : Ko βίini : Mt bini : My bini ‘macho (animal o planta), esposo’.
77. *βίβo, (probablemente *βίini + -βo, juego 77 y 96) : Ksh βίβo ‘varón’ : SK βίβoo/βίβo : Kp βίβo : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
78. *βίp[on] ‘esp. de árvore (segundo SHELL (1975 [1965]) *Savia Pegajosa*) (da fam. *Phyllanthaceae*)’ : Ksh βίpĩ ‘savia pegajosa : SK βίpó (βίpon, βίpomán ‘resina’ (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp βίpón : Mar - : Ch -- : Kax -- : Yam φίpoi, φίpoini caimitillo ‘esp. de árbol y su fruto’ : Chan φίpo, φίpon ‘secreción’, iwi φίpo ‘savia’ : Shar -- : Shan -- : Kat βίpui(n) ‘esperma’ : Poy -- : A wípō II ‘resina’ : Kn bĩpũ ‘árbol de fruto dulce’ : M φίpo ‘savia’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My bĩpin ‘veneno de sapo, resina lechosa o pegajosa’.
79. *βίro ‘olho’ : Ksh βίru ‘ojo, semilla’ (SHELL, 1987), βίro : SK βίro : Kp βίro : Mar viro [βi'ro] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch βίro ‘el ojo’ (ZINGG, 1998), biro/wiro ‘ojo’ : Kax bit'j'wi ‘olho’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam φίro, φίromã ‘ojo’ (EAKEN, 2008) : Chan φίro ‘ojo’ : Shar φίro, φíron ‘ojo’ : Shan fíru ‘olho, semente’ : Kat βίru [βi'ro] ‘olho’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy βίru ‘olho’ : A wíro II : Kn bídu : M φίró : Yaw βίru ‘olho’ : Ko -- : Mt bídu : My --.
80. *βίsti- ‘cortar’ : Ksh βίστί : SK βίστί : Kp βίsti-kin ‘cortar el pelo en forma de flequillo’ : Mar -- : Ch βístiki- ‘cortar el pelo por la frente’ : Kax busti-atu ‘cortou’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mišti ‘cortar la mano’

- (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar ϕ istii, ϕ istia ‘cortar el cerquillo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wistii- : Kn bistii- : M ϕ isti- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My bište ‘cortar el racimo de una palmera’.
81. * β iško ‘sobrancelhas (?)’ : Ksh β iško : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch β iško ‘cejas’ (ZINGG, 1998), wiško ‘ceja’ : Kax-- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My bušku ‘pedazo de una cosa larga’.
82. * β išpi ‘sobrancelhas’ : Ksh-- : SK β išpi ‘com ojo hundidos’ : Kp β išpi ‘yema, retoño’ : Mar -- : Ch β išpi ‘pestaña’ (ZINGG, 1998), ‘wišpi ‘pestaña’ : Kax -- : Yam -- : Chan ϕ išpi, ϕ išpi ‘ceja’ : Shar ϕ išpi, ϕ išpin ‘ceja’ : Shan hušpi : Kat -- : Poy -- : A wišpi I : Kn bišpi ‘parte do osso frontal onde estão localizadas as sobrancelhas’ : M ϕ išpi ‘ceja’ : Yaw β išpi ‘sobrancelha’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ko -- : Mt -- : My -- (SK β išni ‘ceja, pestaña’, β iro karani ‘ceja’, β iro kišni ‘pestaña’ : Ksh β ini : Kn β išmi : A wixmí I : M ϕ išmi (ϕ irokišimi, un ejemplo M, ‘pestaña’).
83. * β iško ‘esp. de sapo’ : Ksh -- : SK β iško : Kp β iško ‘esp. de sapo’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch β iško ‘rana, sapo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ϕ iško, ϕ iškon ‘esp. de sapo’ : Shan (kušku [kuško]) : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M ϕ iško ‘clase de rana’ : Yaw -- : Ko -- : Mt β oškekid ‘esp. de sapo’ : My β oš ‘rana terrestre mediana’.
84. * β iš[n]a[n] ‘fino, raso’ : Ksh β išná ‘no profundo y también cristalina (clara), del agua’ (β išbá ‘fino, delgado como el papel o la tela’) : SK β išná : Kp β išnán ‘aguardiente’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ϕ išnan ‘fino, delgado, flaco, aguado’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wixna II ‘fino, delgado’ (wixwa- ‘aclararse, como el cielo’, wixni- I ‘volverse no profundo’ ver War) : Kn bišnã ‘transparente, claro, delgado, fino’ : M ϕ išnã ‘no profundo y también claro, del agua, fino’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My--.
85. * β itim ‘sopa, caldo’ : Ksh β iĩ ‘cocinar carne en agua’ : SK β iĩ ‘guiso de pescado’ : Kp β itín ‘sopa’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch β itími ‘alimento’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ϕ itín ‘sopa’ : Shan -- : Kat (yuntu ‘sopa de peixe’) : Poy -- : A wiĩ II ‘bebida hecha de maíz dulce’ : Kn

- bitĩ ‘sopa que contiene carne’ : M fĩĩĩ ‘sopa que contiene carne’ : Yaw -- :
 Ko bitĩn ‘sopa, caldo, mingau’ : Mt bitĩn ‘sopa’ : My --.
86. *βi- ‘rosto, cara (prefixo parte do corpo)’ : Ksh -- : SK βi-tónko, βitónkonín
 ‘frente, parte superior del rostro’ (LOOS; LOOS, 1998) : Kp βi-tonko : Mar
 -- : Ch -- : Kax (tʃi-tũku [tʃitũku] ‘testa’) : Yam -- : Chan φi-toko : Shar-- :
 Shan -- : Kat -- : Poy βi-tuhku ‘punhos’ : A wi-māko ‘frente’ : Kn bi-tũku :
 M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
87. *βiC_c- ‘pegar’ : Ksh βi- : SK βi- : Kp βi, (βiʔ-kin ‘agarrar’ (LOOS; LOOS,
 1998)) : Mar vi ‘pegar’ : Ch βi- ‘coger’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam φi
 ‘traer, coger’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φii, bii ‘traer’ : Shar φii ‘coger’
 : Shan fi ‘trazer’ : Kat βi-ai ‘comprar’ : Poy -- : A wi- : Kn bi- : M φi- :
 ‘obtener, recibir’ : Yaw -- : Ko bet ‘pegar’ : Mt bed-kin ‘pegar’ : My bed
 ‘coger, agarrar, capturar’.
88. *βitsi ‘pele, couro’ : Ksh -- : SK βitʃi : Kp βitʃI : Mar vitʃi ‘escudo (feito de
 couro)’ (CESARINO, 2008, cf. MELATTI; MELATTI, 1975) : Ch βitʃi :
 Kax bitʃi ‘pele’ : Yam -- : Chan φitʃi : Shar φitʃi, φitʃin ‘cuero, piel’, iwi
 φitʃi ‘corteza, carapa’ : Shan fitʃi ‘pele’ : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn bitʃi : M
 φitʃI : Yaw βitʃi ‘pele’ : Ko -- : Mt bitsi : My bitsi ‘piel, cuero, escama, etc’.
89. *βitʃo ‘esp. de garça’ : Ksh βitʃo : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- :
 Yam -- : Chan -- : Shar φitʃo, φitʃon ‘garza’ : Shan fitʃu ‘garça’ : Kat -- :
 Poy -- : A witʃo I : Kn bitʃu : M φitʃo ‘garza’ : Yaw βitʃu ‘garça’ : Ko -- :
 Mt -- : My --.
90. βi ‘carapanã’ : Ksh βii, (βi ‘zancudo’ (SHELL, 1987)) : SK βií, (βí ‘zancudo’
 (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp βii. Ch βii ‘zancudo’ : A wí I :
 Kn bi : M fĩĩ : Mar vi ‘carapanã’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Kat βii
 ‘carapanã’ : Shan -- : Yaw βi ‘carapanã’ : Poy βi ‘carapanã’ : Kax -- : Yam
 φĩĩ ‘zancudo ergativo’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar φiin, φiinman
 ‘zancudo’ : Ko -- : Mt biuʃ ‘mosquito, carapanã’ : My biuʃ ‘mosquito,
 zancudo’.
91. *βimi ‘fruto’ : Ksh βimi : SK βimi : Kp βimi : Mar vimi [ˈvimi ~ ˈvĩm̃bi]
 ‘fruta’ : Ch βimi ‘fruto’ : Kax biʔmi : Yam φimi ‘fruto’ (FAUST; LOOS,

- 2002) : Chan ϕ ibi, huibi ‘fruta’ : Shar ϕ imi, ϕ imin ‘fruto’ : Shan fimi : Kat β imi : Poy -- : A wimi : Kn bimi I : M ϕ imi : Yaw β imi : Ko -- : Mt -- : My --.
92. * β ira ‘marimondo, caba’ : Ksh β ina : SK β ina : Kp β ina : Mar vina ‘vespa, marimondo’ (CESARINO, 2008) : Ch β ina : Kax /bi'la/ [bi'la] ‘abelha’ (COUTO, 2005) : Yam ϕ ina ‘avispa’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar ϕ ina, ϕ inan ‘avispa’ : Shan -- : Kat β inna [β ia] ‘caba’ : Poy -- : A wina I : Kn bina : M ϕ ina ‘avispa, abeja’ : Yaw -- : Ko -- : Mt bina ‘nome próprio’ (FERREIRA, 2005) : My bi'na ‘nombre de hombre’.
93. * β inon ‘buriti (*Mauritia vinifera* Mart.)’ : Ksh β inõ : SK β inó : Kp β inon ‘aguaje, palma real’ : Mar β inõ ‘buriti’ (CESARINO, 2008) : Ch β inona, β ino ‘la palma real’ : Kax binu'ni [binu'ni] ~ [bi'nui] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat β inu [vĩõ?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A winõ I : Kn -- : Yaw β inun- : Ko -- : Mt -- : My --.
94. * β ĩpij ‘goiaba (?)’ : Ksh β ĩpij : SK β ĩpij : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wĩpij I ‘guayabo, guayaba’, (wĩpij, wĩpijín ‘guayaba’ (HYDE, 1980)) : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
95. *- β o ‘pluralizador’ : Ksh - β o : SK - β o : Kp - β o : Mar - β o ‘genérico, plural’ (KENNELL, 1978) : Ch β o ‘plural del sustantivo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam ϕ o ‘plural, varios, sujeto plural’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar - ϕ o ‘pluralizador del sujeto de un verbo intransitive, plural de verbo intransitivo’ : Shan ‘-hu’ ‘seres humanos indefinidos, plural’ : Kat β u ‘plural’ : Poy -- : A -wo : Kn -bu ‘plural’ (MONTAG, 2008) : M - ϕ o : Yaw -hu ‘plural’ : Ko - β o ‘plural’ : Mt -bo ‘morfema coletivizador’ : My -bo ‘plural (varios o muchos)’.
96. * β oir ‘esp. de picapau (da fam. *Picidae*)’ : Ksh β õĩ : SK β õĩ : Kp β oin ‘pájaro carpintero’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar võĩ ‘pica-pau’ : Ch β oíno, β oí : Kax buhi'lu [buhilʊ] ~ [bui'lu] ‘pica-pau’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar ϕ oin, ϕ oinpan ‘pájaro carpintero’ : Shan fuin ‘pica-pau’ : Kat

- βuin ‘pica-pau’ : Poy -- : A wowĩ I : Kn būĩ : M φóĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
97. *βoʔ[n]a[n]-ti ‘tipo de caixa’ : Ksh βoná-ti : SK βonáti : Kp βoʔnánti : Mar -- : Ch βo'na-naʔa ‘nido de la tocandera’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat βunati ‘mala’ : Poy -- : A wonáti II : Kn bunáti ‘baúl, caja’ : M φónáti ‘caja’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
98. *βoʔri[t] ‘esp. de palmeira’ : Ksh βuri ‘chonta (especie de palmera)’, βorí : SK βorí : Kp βoʔrí : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φorí, φorin ‘chonta, (especie de palmera y su cogollo comestible)’ : Shan φuri ‘palmeira’ : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn budí : M φórĩ : Yaw -- : Ko βohit ‘palmeira que utilizam para cubrir a casa (prov. Jarina)’ : Mt -- : My budid [bu'rid] ‘palmera grande’.
99. *βoʔro[Cc] ‘toco, tronco’ : Ksh βurú ‘tronco de árbol’ (SHELL, 1987), βoró : SK βoró : Kp hiwi βoʔro : Mar voro ‘tronco’ : Yam -- : Chan -- : Shar φoro, φoron ‘tocón alto’ : Ch -- : Kax -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A woroo II : Kn budu : M φóro ‘tocón de um árbol’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My mabud ‘tocón de árbol (pabudush ‘rama nueva, retoño que está saliendo de un tronco’)’.
100. *βoi ‘esp. de peixe (da fam. *Pimelodidae*)’ : Ksh βui ‘fish esp.’ (ZARIQUIEY, 2011) : SK βoi : Kp βowi : Mar -- : Ch βoi : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan φαi : Kat βai, βui ‘surubim’ : Poy -- : A wowĩ I : Kn bui : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt bui ‘tipo de peixe amazónico’ : My --.
101. *βoi[Cc] : Ksh βoi ‘cera de abejas’ : SK βoi ‘resina’ : Kp βoi : Ch βoítfo, βoi ‘la cera de la miel’, βoi-tʃiki ‘la cera de la miel, mezclada con bi’ (ZINGG, 1998) : A wowĩ I : M φói : Kn bui ‘cera’ : Mar -- : Kat βui-juma ‘leite’ : Shan -- : Yaw mui juma ‘leite’ : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Ko -- : Mt -- : My buid [bu'id] ‘abeja sin aguijón (tipo), cera de abejas’.
102. *βoko[n] ‘esp. de árvore (embaúba?)’ : Ksh βokó : SK βokó : Kp βokón : Mar -- : Ch βokóno, βo'ko ‘el ambaybo (planta que sirve para hacer sogas)’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φoko, φokon ‘cetico (esp. de árbol)’ : Shan -- : Kat βunkun, aβuku : Poy -- : A wokó I : Kn bukū : M

- φókō : Yaw -- : Ko -- : Mt buku [bu'ku] 'embaúba' : My buku [bu'ku] 'árbol de madera suave, cetico'.
103. *βoko : Ksh βoko 'um árbol pequeño cuya corteza se usa para hacer sogas'.
104. βo[n]a 'esp. de abelha' : Ksh βona : SK βona : Kp βona : Mar vona 'marimondo, abelha' : Ch βona : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φona, φonan 'miel de abejas' : Shan funa 'mel' : Kat niβuna 'abelha' : Poy -- : A wona I 'abeja, isula', woná 'isula (una hormiga feroz)' : Kn buna 'clase de hormiga grande' : M φona 'clase de hormiga grande' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
105. *βo 'pelo, cabelo' : Ksh βoo : SK βoó, βóo (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp βoo : Mar vo 'cabelo' (CESARINO, 2008), βo (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch βoo 'pelo' : Kax -- : Yam φo-, φoo (FAUST; LOOS, 2002) : Chan φo, φoo, φu : Shar φo, φon : Shan fu 'cabelo' : Kat vuu [βo'o] (BARROS, 1987) : Poy βuh 'cabelo' : A wóo I : Kn bu : M φóo : Yaw [hu] : Ko βu 'pêlo, cabelo' : Mt bu 'pêlo (forma genérica)' : My bu.
106. *βōpa : Ksh βōpa 'clase de escarabajo' : SK bōpa : Kp βompa : Kax -- : Ch βopa 'diversas clases de insecto, el piojo grande' (ZINGG, 1998), βopa 'clase de escarabajo' : Kax : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wōpá I 'clase de avispa' : M φopa : (Mar vōpa 'nome próprio') : Yaw -- : (Ko βompa 'nome próprio') Ko -- : Mt -- : My --.
107. *βōsi[m] 'esp. de lontra' : Ksh βōsime : SK βōšĩ : Kp hĩni βosi : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φosi, φosin 'nutria' : Shan fusi [fu'si? ~ fu'se?] 'lontra' : Kat -- : Poy βũšĩ 'lontra' : A wōšĩ II : Kn -- : M φóšĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt bonsen 'lontra' : My bosen 'nutria'.
108. *βoška[C_c] 'cabeça' : (Ksh mašká 'head' (ZARIQUIEY, 2011)) : SK βošká 'en lo profundo de la cabeza' : Kp bof, boš 'parte superior de la cabeza' : Mar vojká 'cabeça' (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax bu[ka'ta (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012), [βuška'ta] ~ [buška'ta] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar φoška, φoškan 'cabeza' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wóxkaa, woxkapán 'dolor de cabeza' (HYDE, 1980), woxkaa :

- Kn buška : M φόσκα ‘cabeza’ : Yaw huška ‘dor de cabeça’ : Ko -- : Mt -- : My --.
109. *tσαῖo[t]- ‘sentar (sentar-se)’ : Ksh tsoot ‘live’ (ZARIQUIEY, 2011), tsṵó : SK tsaóti, tsaóta ‘ponerse de coclillas’ (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp tsaῖó- ‘sentado, asentado’ tsaῖo-ti ‘sentarse’ : Mar tsao- ‘sentar’ (CESARINO, 2008) : Ch tsaῖo- ‘sentarse’ : Kax -- : Yam tsao (FAUST; LOOS, 2002) : Chan tsao- : Shar tsaoui, tsaova ‘sentarse’ : Shan tsaw ‘sentar’ : Kat -- : Poy -- : A tsaῖo- II, (tσαῖoo-ῖi ‘sentarse’ (HYDE, 1980)) : Kn tsau- ‘sentarse’, tsaua ‘sentado’ : M tsáo- : Yaw tsau ‘sentar’ : Ko tsat : Mt tsad : My tsad ‘sentarse’.
110. *tsatsa ‘esp. de peixe’ : Ksh tsatsa ‘boquichico’ (SHELL, 1987) : SK tsátsa, tsatsán ‘pez’ (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993), maṣo tsatsa ‘clase de pez’ : Kp tsatsa ‘pez’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat tsatsa ‘peixe’ : Poy -- : A ṣaṣṣṣtsatsa II ‘clase de pez grande’ : Kn tsatsa ‘clase de pez’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
111. *tsiko- ‘solução, soluçar’ : Ksh tsikó : SK -- : Kp tsiῖkoῖi ‘tener hipo, eructar’ : Mar -- : Ch tsiko- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tsikoi, tsikoa ‘tener hipo, hipar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tsiko- II : Kn tsiku- : M tsíkó- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
112. *tsiῖo ‘cigarra’ : Ksh tῖio : SK tsió : Kp tsiῖo : Mar -- : Ch tsiῖo : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tsio, tsion ‘chicharra’ : Shan -- : Kat (tiu [te'o?]) ‘cigarra’) : Poy -- : A tsiῖo II : Kn tῖi : M tsíó : ‘cigarra’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
113. *tsisti ‘carvão, brasa’ : Ksh (tsisu ‘carbón’ (SHELL, 1987)) : SK tsisti : Kp tsisti ‘tizón, brasa, carbon de leña’ : Mar -- : Ch tsisti ‘el carbón de leña, el tizón’ (ZINGG, 1998), tsistí : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tsisti, tsistin ‘carbón, cosas oscuras’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn tsisti ‘carbón que queda en el extremo de la leña’ (MONTAG, 1981), karu tῖifti ‘tizón, carbón de leña’ : M tsistí ‘brasa, carbón de leña’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

114. [ts]is[t]o : Ksh tsiso ‘brasa, carbón de leña’ : Ch tsisto : My tsisu ~ sisu.
115. *tso[a] ‘quem’ : Ksh -- : SK tso- ‘Who’ (VALENZUELA, 2003), tsoa : Kp tso?- ‘pron. quien, nadie’ (LOOS; LOOS, 1998), tsoa : Mar -- : Ch tsowi ‘quien(es), quién(es)’ tso?o : Kax tsu- ‘quem’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam tso- ‘quien’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar tsoa ‘quién’ : Shan tsuan ‘quem’ : Kat tʃua-ra : Poy -- : A tsowa (tsówa ‘quién’ (HYDE, 1980)) : Kn tsu- ‘alguien, nadie’ (MONTAG, 1981), tsua : M tsóamĩ : ‘quién?’ : Yaw tsua : Ko tsu- : Mt tsu- : My tsu- ‘quien’.
116. *tsoma- ‘pegar, agarrar com a mão’ : Ksh -- : SK tsoma- ‘coger, asir’, mitso ‘coger con la mano’ : Kp -- : Mar -- : Ch tsomi ‘apretar, pelliscar’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tsomai, tsomaa, ‘agarrar, tomar en la mano’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn tsuma- ‘agarrar, coger, asir’ : M tsoma ‘agarrar’ : ‘coger, asir’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
117. *tʃaʔtʃi- ‘picar, dar agulhada, ferrar, injetar, furar’ : Ksh tʃatʃi : SK tʃatʃi- : Kp tʃaʔtʃi- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam tʃatʃikĩ ‘picar, morder, vacunar’ (EAKEN, 2008) : Chan tʃatʃi-ti ‘lanza’ : Shar tʃatʃi, tʃatʃia ‘punzar, apunhalar, inyectar, picar (un insecto)’, tʃatʃiti ‘jeringa’ : Shan tʃatʃi ‘furar’ : Kat -- : Poy -- : A tʃatʃi- I : Kn tʃatʃi- : M tʃátʃí- : Yaw -- : Ko (tʃotkai ‘arpoar’) : Mt -- : My --.
118. *tʃaka- ‘amassar, bater, golpear’ : Ksh tʃaka- : SK tʃaka- : Kp tʃaka- : Mar -- : Ch tʃaka- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat tʃaka-ki ‘amassar’ : Poy -- : A tʃaka- : Kn tʃaka- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt tʃokakin ‘pilar’ : My tʃokka [tʃo^k.ka] ‘agitar, haciendolo sonar’.
119. *tʃa[n]i- ‘mentir’ : Ksh -- : SK tʃani- ‘llamar a una fiesta por medio de hablar’ : Mar -- : Ch tʃani- ‘hablar’ : Kax -- : Yam tʃani-kĩ ‘mentir, hablar mintiendo’ (EAKEN, 2008) : Chan tʃani ‘mentiroso’ : Shar tʃani, tʃania ‘mentir’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tʃanii- ‘culpar, acusar’ : Kn tʃani- ‘mentir, llamar a una fiesta, infomar de’ : M tʃání ‘mentira, falso’ : Yaw tʃani ‘mentira’ : Ko -- : Mt -- : My --.
120. *tʃäpif ‘esp. de molusco’ : Ksh tʃäpif : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar (tʃapifi, tʃapijin ‘concha (esp. de pássaro)’) : Shan

- : Kat -- : Poy -- : A tʃanpíʃ ‘almeja’ : Kn tʃãpiʃ : M -- : Yaw tʃapíʃi : Ko -- : Mt -- : My --.
121. *tʃãpo ‘grilo, gafanhoto’ : Ksh tʃãpo : SK tʃãpo : Kp tʃampo : Mar -- : Ch tʃapo : Kax -- : Yam (tʃapo ‘podrido, viejo’ (EAKEN, 2008)) : Chan -- : Shar tʃapo ‘gastado, sin valor’ : Shan tʃapu ‘gafanhoto’ : Kat tʃanpu ‘grilo preto’ : Poy -- : A tʃãpó I : Kn tʃãpu : ‘grillo’ : M -- : Yaw (tʃapu ‘podre, estragado’) : Ko -- : Mt tʃanpi ‘gafanhoto’ : My --.
122. *tʃarãʃ ‘martim pescador’ : Ksh tʃarãʃ ‘martín pescador’ : SK tʃarãʃ : Kp tʃarãʃ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn tʃadaʃ ʃinban ‘martín pescador’ (MONTAG, 1981), tʃadaʃ ‘estar erizado’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My tʃadak [tʃaˈra^k] ‘catalán, martín pescador’.
123. *tʃaʃo ‘esp. de veado’ : Ksh tʃaʃo : SK tʃaʃo : Kp tʃaʃo : Ch tʃaʃo A tʃaxó I : Kn tʃaʃu : M tʃaʃo : Mar tʃaʃo ‘veado’ (CESARINO, 2008) : Kat tʃaʃo : Shan tʃaʃu : Yaw -- : Poy tʃahu ‘veado’ : Kax /tʃaʃu/ [tʃaʃu] (COUTO, 2005) : Yam tʃaʃo (FAUST; LOOS, 2002) : Chan tʃaʃo : Shar tʃaʃo, tʃaʃon : Ko -- : Mt tʃaʃu : My tʃaʃu.
124. *tʃiʔi ‘fogo’ : Ksh tʃii : SK tʃíi (tʃíi (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp tʃiʔi : Mar tʃi [tʃiʔ] (BOUTLE, 1964) : Ch tʃiʔi : Kax tʃiʔi [tʃiʔi] (LANES, 2005) : Yam tʃíi, tʃíi (EAKEN, 2008) : Chan tʃii : Shar tʃíi, tʃiin : Shan tʃi : Kat tʃii [tʃiʔi] (BARROS, 1987) : Poy -- : A tʃiʔi II : Kn tʃi : M tʃi : Yaw tʃi : Ko -- : Mt -- : My --.
125. *tʃiʔi mapo ‘cinza (lit. pó (poeira) de fogo)’ : Ksh tʃimapo : SK tʃíi mapó (tʃíi mapo (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp tʃiʔi mápo : Mar -- : Ch -- : Kax mapuʔu [mapuʔu] (LANES, 2005), [mapuʔu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan bapo : Shar mapo, mapon : Shan mapu : Kat -- : Poy -- : A tʃiʔi mapo I : Kn tʃimapu : M tʃímapõ, mápo ‘ceniza’ : Yaw -- : Ko -- : Mt tʃismapuk : My --.
126. *tʃiʃi- ‘guiar (una canoa) por trás’ : Ksh tʃiʃi- : SK tʃiʃi- : Kp tʃiʃi : Mar -- : Ch tʃiʃoo- ‘mover el leme o la cola del motor de la embarcación’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A

- tjiwii- II : Kn tjiibi ‘quitar, coger, obtener de la parte trasera’ : M (tjía) : Yaw -- : Ko -- : Mt : My --.
127. *tjipo ‘parte posterior’ : Ksh tjipómi²²⁶ ‘águas abajo’ : SK tjipóki ‘águas abajo’ (hacia el extremo grande) ‘en las partes traseras (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp tjipónki : Mar tjipo ‘depois’ (CESARINO, 2008) : Ch tjípo ‘el lado más ancho de una cosa’ (ZINGG, 1998), anitjipo ‘águas abajo’ : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar tjipo ‘después’ : Shan -- : Kat tjipu ‘depois’ : Poy -- : A tjípo ‘depués’ (ZINGG, 1980), taʔi tjipõ ‘talón del pie’, tjipo ‘más tarde, detrás’ : Kn tjipu ‘más tarde’, ‘luego, en seguida’ (MONTAG, 1981) : M tjipo ‘más tarde’ : Yaw -- : Ko -- : Mt (tjitjin ‘depois’) : My --.
128. *tjoka- ‘lavar, lavar-se’ : Ksh tjoka- : SK tjoka- : Kp tjoka, tjoká- (LOOS; LOOS, 1998) : Mar tjoaʔaka ‘lavar’ (COSTA, 1992) : Ch tjoko- : Kax -- : Yam choka ‘lavar’, choki ‘lavarse’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan tjokai ‘lava’ : Shar tjokai, tjokaa ‘lavar platôs o manos’ : Shan tjuka ‘lavar’ : Kat tjua-kin ‘lavar’ : Poy -- : A tjoka- : Kn tjuka- : M tjóká- : Yaw tjuka : Ko la-tjuk- ‘tomar banho, banhar-se’ : Mt -- : My --.
129. *tjopa ‘tela, roupa’ : Ksh tjopa ‘tela, ropa’ : SK tjopa ‘tela, ropa’ : Kp tjopa ‘tela, falda’ : Mar -- : Ch -- : Kax (jubalu) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tjopá I ‘ropa’ : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
130. *tjorij ‘duro, forte’ : Ksh -- : SK tjorij ‘duro’ : Kp tjoríf ‘duro’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan (kirí) : Shar tjoríʂia ‘tieso, rígido como papel nuevo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A (kirix ‘áspero, duro, fuerte’ (HYDE, 1980)) : Kn tsidís ‘tieso, duro, rígido el cuerpo’ (MONTAG, 1981) : M tjóriji ‘bien seco, como ropa secada al sol’ : Yaw (kirí) : Ko tjíʂif : Mt -- : My --.
131. *hi[n]i ‘líquido, água’ : Ksh ni- ‘liquid’ (ZARIQUIEY, 2011) : SK hini : Kp hini ‘líquido, água en ambiente natural, jugo’ : Mar ini ‘caldo, água,’ (CESARINO, 2008) : Ch hini ‘el agua’ (ZINGG, 1998), hini paşa ‘agua’ :

²²⁶ “/-ki/ del SC y Cp, y /-mi/ del Csh son sufijos, ‘a, hacia’, ver juego 184.” (SHELL, 1965 [1975])

- Kax -- : Yam *ini* [idi] ‘água’, *ni-* ‘líquido, agua’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan *ini* : Shar *ini*, *inin* ‘río’ : Shan *ini* : Kat *hini* ‘líquido’ : Poy -- : A *hini* I : Kn *hini* : M *ini* ‘agua como del río’ : Yaw -- : Ko *ini* ‘caldo’ : Mt *ini* ‘clara de ovo, líquido amniótico’ : My *ini* ‘líquido (pero no água pura), caldo, leche’.
132. **hi[n]i* ?ino : Ksh *βakáino* (‘tigre del río’) : SK *'niino*, *hi'nin ino*, (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993), *niino* : Kp *'niin?no*, *ni?ino* ‘lobo del río, lobo marino’ (LOOS; LOOS, 1998) : Ch *'hini?ino* ‘la londra’ (ZINGG, 1998), *hiníino* : A *hini?no* II : Kn *hini inu* ‘nutria’ (MONTAG, 1981), *hiniinu* : M *ini* *másáró* : Mar *ini kamã* ‘ariranha’ : Kat -- : Shan -- : Yaw -- : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Ko -- : Mt *ininowa* ‘ariranha’ : My *o'nina* ‘nutria gigante’ ‘tigre de agua, nutria’.
133. **hi[n]iC_c*- ‘deixar, largar’ : Ksh *ĩ* : SK *hini-* : Kp *hini* : Mar *ini pakii* ‘chegar, descender’ (CESARINO, 2008) : Ch *hini-* ‘largar algo, dejar caer algo’ : Kax -- : Yam *ini* ‘dejar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar *inii inia* ‘dejar, terminar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *hini-* ‘soltar’ : Kn *hini-* ‘dejar, abandonar’ : M *íni-* ‘dejar, abandonar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt *inid-me-kin* ‘desligar aparelho’ : My *inid* ‘parar (de hacer una acción intransitiva), callarse’.
134. **hipi* ‘esp. de palmeira’ : Ksh *ipi* : SK *hipi* : Kp *hipi* : Mar *ipi* ‘jarina (esp. de palmeira)’ : Ch *hipi-itsa* ‘majillo (clase de palma)’ : Kax -- : Yam *ipi* ‘Yarina (esp. de palmeira)’ : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat *hipi* ‘palha’ : Poy -- : A *hipi* II : Kn *hipi* : M *ipi* ‘clase de palma’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (*ipi* ‘nombre de hombre’).
135. **hiři-* ‘bilhar, queimar’ : Ksh *iri-* ‘alumbrar’ : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch *'hiri* ‘nombre propio’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *iri*, *iripan* ‘chipa’, *irii*, *iria* ‘arder’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *hiri-* : Kn *hidi* ‘llama, llamarada’ : M *iri-* ‘quemar’, *irii* ‘llama’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My *nidinca* ‘quemar, incendiar’ (é possível que o prefixo *ni-* esteja afixado).
136. **hiři* ‘semente’ : Ksh *iři*, *ĩři* ‘semilla, pupila del ojo’ : SK *?ia hiři* ‘liendre’ : Kp -- : Mar *iři* ‘semente’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch *hiři* ‘partes

- íntimas de la mujer’ : Kax -- : Yam işi ‘semilla’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan işi, işi : Shar işi, işin ‘semilla’ : Shan işi ‘semente’ : Kat hişi ‘semente’ : Poy ihi : A hişá I : Kn hişi : M işi : Yaw işi : Ko işi ‘olho’ : Mt işi ‘semente’ : My işi.
137. *hiʔki- ‘entrar’ : Ksh -- : SK hiki- : Kp ʔiʔki- : Mar iko- ‘entrar’ (CESARINO, 2008) : Ch hiko- ‘entrar’ (ZINGG, 1998), hiki ‘entrar’ : Kax -- : Yam iki- ‘entrar’ (FAUST; LOOS, 2008) : Chan -- : Shar iki, ikia ‘hundirse’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hiki- : Kn hiki- : M íkí- ‘entrar, penetrar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
138. *hiʔima ‘esp. de formiga’ : Ksh nima (SHELL, 1987), ima : SK hima ‘hormiga roja pequeña con agujón’ : Kp hiín ‘hormiga negra pequeña’ : Mar (i ‘formiga de fogo’ (CESARINO, 2008)) : Ch hiʔima, ‘hiʔi (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ima, iman, ‘esp. de hormiga muy pequeña’ : Shan (ina ‘formiga (gen.)’) : Kat hima ‘formiga de fogo’ : Poy -- : A hima II : Kn hima : M ímá : Yaw ima ‘formiga’ : Ko -- : Mt -- : My -- : ‘clase de hormiga’.
139. *hi[ts]i : Ksh itsi : SK -- : Kp hisis ‘hormiga’ : Mar -- : Ch hisisa, hisis ‘clase de hormiga’ : Kax -- : Yam isis, isisa ‘esp. de hormiga que pica’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar isisi, isisin ‘esp. de hormiga’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn hisis ‘especie de hormiga grande que pica’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My i’sipátʃi ik’ ‘hormiga pequeña que vive en la epífita llamada itininga’ (Ver a etimologia 143 abaixo).
140. *himi ‘sangué’ : Ksh imi : SK himi : Kp himi : Mar imi [i̯m̩bi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch himi : Kax hi’mi (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Yam im- ‘sangre’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan ibi : Shar imi, imin ‘sangre’ : Shan imi : Kat himi : Poy ʔibi : A himi I : Kn himi : M imi : Yaw imi : Ko inta ‘sangué’ : Mt imi : My imi, in’tak.
141. *hina ‘rabo’ : Ksh ina ‘cola’ : SK hina : Kp hina : Mar ‘ina ‘rabo, pênis’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch hina : Kax tʃi’na (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan ina : Shar ina, inapan ‘cola’ : Shan ina : Kat hina [hi’a] ‘rabo’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A hina I : Kn hina ‘cola,

genitales masculinos’ : M ina : Yaw ina : Ko **inkwente** ‘rabo’ : Mt ina ‘rabo’ : My **inkwente** [iŋ.kwen.te].

142. *his- ‘ver, olhar’ : Ksh is- ‘ver’ : SK his- ‘vislumbrar’ : Kp his- : Mar -- : Ch hisná ‘ve!’, his-ma ‘mostrar’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -is- ‘ver (acompañado de prefijo)’ : M ismai ‘mostrar [probablemente ‘causar ver’, -ma- ‘causativo’, juego 202]’ : Yaw -- : Ko is- ‘ver’ : Mt is- ‘ver’, My is.
143. *hisis : Ksh itsi : SK hisís : Kp hisís : Kn hisis : Mar -- : Ch 'hisisa, hisis ‘clase de hormiga’ : Kax -- : Yam isis, isisa ‘esp. de hormiga que pica’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar isisi, isisin ‘esp. de hormiga’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hĩsis : M ísisi ‘clase de hormiga’ Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (i’sipat’ji ik ‘hormiga pequeña que vive en la epífita llamada itininga’). (Ver a etimología 140 acima).
144. *hisor- ‘urinar, urina’ : Ksh isó : SK hisó : Kp hisón- : Mar isõ ‘urina’ (CESARINO, 2008) : Ch hiso- : Kax isulu [isu’lu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan iso, isoin : Shar isoin, isoa ‘orinar’ : Shan -- : Kat isun ‘urina’ : Poy -- : A hĩsõ- I : Kn isũ; M isõ- : Yaw -- : Ko isun- ‘urinar’ : Mt isun- ‘urinar’ : My isun.
145. *hit’fjifi ‘esp. de árvore e também seu fruto (segundo SHELL (1975 [1965]), seria o Zapote)’ : Ksh it’fjifi : SK -- : Kp hit’fjifin : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam it’fjifi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar it’fjifi, it’fjifin ‘zapote’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hit’fjifi II : Kn ift’fjifi : M it’fjifi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My it’fifin ‘árbol con frutos comestibles’.
146. *hiwi- ‘árvore (gen.), pau (gen.)’ : Ksh ii, (i ‘árbol’ (SHELL, 1987)) : SK hiwi : Kp hiwi : Mar iwi [i’wi] ‘árvore’ (COSTA, 1992; CESARINO, 2008) : Ch hiwi : Kax hi’wi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam i’fi (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar i’fi, i’fin ‘corteza de árbol’ : Shan iwi : Kat hiwi : Poy iwi : A hii I : Kn hi : M iwi : Yaw -- : Ko iwi ‘árvore, pau’ : Mt iwi ‘árvore, pau’ : My --.
147. *k^wak- ‘ouvir, escutar, entender’ : Ksh k^wa-, kwá- ‘to hear’ (ZARIQUIEY, 2011) : SK -- : (Kp koan’a?-kin ‘hacer sonar’, koan’i?-kin) : Mar -- : Ch

- kaʔi- ‘saber, conocer’ : Kax kaʔi [kaʔi] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar (koʔiaki, koʔiaka ‘ladrar’) : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko k^wak- ‘escutar, entender’ : Mt kuak- ‘escutar, entender’ : My --.
148. *k^wiβi ‘borda, lábios’ : Ksh k^wibí ‘lábios, boca, borde’ : SK kiβí ‘lábio inferior’ : Kp : Mar -- : Ch kiβítʃi ‘lábio’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kuφirisika ‘lleno hasta el borde’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A : Kn kibitʃi : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My kuibi [kwiʔbi] ‘formar el borde’.
149. *k^wiβo ‘jacu (esp. de pássaro)’ : Ksh k^wiβo : SK kiβo : Kp kiβo : Mar kivu : Ch kiβo : Kax kiʔwi [kiʔwi] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar kiφon ‘pucacunga (esp. de ave)’ : Shan kihu : Kat kiβu : Poy kibu : A kiwo II : Kn kibu : M kíφó : Yaw kihu : Ko k^wiβu ‘jacamin’ : Mt kuibu ‘jacu’ : My kuibu [kwiʔbu] ‘pava de Spix’.
150. *k^wiĩ- ‘desejar’ : Ksh k^wiĩ ‘desejar’ : SK kiĩ : Kp kíĩ- : Mar -- : Ch kiĩ- ‘desejar’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kiĩ- I : Kn kiĩ- ‘agradar, complacer’, ki wa ‘alabar’, kimu ‘codiciar, desear’ : M kiĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
151. *k^wi[n]a- ‘chamar’ : Ksh kwĩ- ‘llamar (a alguien)’ : SK kina- : ‘convocar, llamar’ : Kp kina- : Mar kina ‘chamar’ (CESARINO, 2008) : Ch kina- ‘llamar’ : Kax -- : Yam kina-kin ‘llamar’ : Chan -- : Shar kinai, kinaa ‘llamar’ : Shan kina ‘chama (no sentido de nomear)’ : Kat -- : Poy -- : A kina- : Kn kinã- ‘llamar (a alguien), nombrar’ : M kina- ‘llamar (a alguien)’ : Yaw kina- ‘chamar’ : Ko kwĩn ‘nomear’ : Mt kuĩn ‘chamar, convidar’ : My kuĩn [kwĩn] ‘llamar desde lejos, nombrar’.
152. *k^wi[n]a[n] ‘tipo de banco’ : Ksh k^winã : SK kiná : Kp kinan ‘bombo caspi (esp. de árbol)’ : Mar kinã ‘banco’ : Ch kiʔnani, kiʔna ‘silla chácobo, echa de palma real’ : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar kina, kinan ‘banco típico’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kinã I : Kn kinã : M kinã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
153. *k^wi[n]i- ‘desenhar, pintar’ : Ksh k^wini ‘dibujo, marcas’ : SK kiní ‘dibujo’ : Kp kini- ‘hacer dibujos en tinaja o en la cara’ : Mar kini ‘desenho’

- (CESARINO, 2008) : Ch 'kini 'una línea en zigzag' (ZINGG, 1998), papi kini- 'escribir' : Kax -- : Yam kini-kĩ 'escribir' (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar kini, kini 'escrito, carta, diseño' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kini- 'escribir, hacer dibujos, pintura' : Kn kini 'dibujo, escritura' : M kîní : Yaw kini : Ko -- : Mt -- : My --.
154. *k^wi[n]i 'barba' : Ksh kwîni : SK kini 'barba, bigote' : Kp kini : Mar kini [kini] ~ [kîⁿdi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch kini 'barba' : Kax -- : Yam : Chan (kîşdi, kîti) : Shar (kîşni, kîşnin) : Shan -- : Kat kini : Poy -- : A kini II : Kn kui 'barbilla, quijada', (kîfni 'barba') : M -- : Yaw (kîfni) : Ko (k^wişu 'barba') : Mt kuini 'nome próprio, barba' : My kuibu [kwîbu].
155. *k^wi[n]o- 'ponta, extremo' : Ksh kwîno- 'afilado', kwîno 'borde afilado' : SK kîno- 'meter una aguja en la cadera' : Kp : Mar -- : Ch kîno : Kax -- : Yam kîno, kînopa 'machete' (EAKEN, 2008) : Chan kîdoti, kîdoti : Shar kîno 'afilado, filoso, fierro, metal' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kîno- 'afilado', kîno I : Kn kînu 'afilado', kînu 'borde cortante, afilado' : M kîno 'afilado', kînoti 'cuchillo', ãõkîno 'hierro' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My kuino [kuîno] 'afilado', kuinma [kuin'ma] 'sin filo, sin punta'.
156. *k^wio[n]- 'ensartar' : Ksh k^wió : SK kîó- : Kp kîon-kin 'ensartar pescado' (LOOS; LOOS, 1998) : Mar kiwã 'lámina' (CESARINO, 2008) : Ch kiwi 'ensartar pescado' : Kax : Yam -- : Chan -- : Shar kîoin, kîoan 'ensartar', kîon 'adorno para el labio' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kîó- : Kn kîũ- : M kîwã : Yaw -- : Ko -- : Mt kun-kin 'ato de passar o fio dentro de um orificio' : My an-kun.
157. *k^wiş[n] 'lábios' : Ksh k^wişá 'lábios, barbilla' : SK kîşá : Kp kîşá 'lábio, boca' : Mar kî'fa : Ch -- : Kax kîşa'ka (LANES, 2005) : Yam kîşã, kîşamã 'lábio' : Chan kîfa, kîşa 'lábio' : Shar kîşa, kîşan 'labio, orilla, borde' : Shan kîşa : Kat kîşa, kîsa : A kîxaa I 'boca' : Kn kîşa 'lábios, orilla del río' : M kîşã : Yaw kîfa 'rachado' : Poy kîha 'boca' : Ko -- : Mt -- : My --.
158. *k^wiş[n]i 'barba' : Ksh -- : SK kîşni 'bigote' : Kp kîşni 'pestaña' (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan kîşdi, (kîti) 'barba' : Shar kîşni, kîşnin 'barba' : Shan -- : Kat -- : Poy kîşdi : A -- : Kn kîşni : M

- kíşní : Yaw kíşni ‘bigode, barba’ : Ko-- : Mt -- : My **kuiŋbu** ‘extremo suelto en el borde (por ejemplo, los flecos de una hamaca, hojas sueltas del techumbre de una casa)’.
159. *kaʔi[n] ‘esp. de arara’ : Ksh kaĩ : SK Kaĩ : Kp -- : Mar kaĩ ‘esp. de arara’ (MELATTI, 1975) : Ch kaʔíni, kaʔi (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam kaĩ, kainō (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar kain, kainpan ‘guacamayo de color rojo y azul’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kãĩ II : Kn kãĩ : M kãĩ : Yaw : Ko -- : (Mt **kuenad** ‘arara’ (FERREIRA, 2005)) : My --.
160. *kaʔti ‘costas’ : Ksh -- : SK -- : Kp kaʔti : Mar -- : Ch kati : Kax **katapu** ‘costas’ (PICKERING, s.d.) : Yam kati ‘espalda (parte inferior)’ : Chan kato, kati ‘riñon’ : Shar kati, katin ‘espalda’ : Poy katihaw (kati ‘costas’ + haw ‘osso’) ‘coluna vertebral’ : A katí : Kn kati : M kati : Kat -- : Shan -- : Yaw -- : Ko -- : Mt kaşuku : -- : My --.
161. *ka[n]ji ‘parente’ : Ksh kaiβo : SK kaĩbo : Kp kaiβo : Mar -- : Ch kai ‘madre’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kaiφo, kaiφoan ‘paisano’ : Shan -- : Kat -- : A kaiwo : M káiφó ‘hombre de la tribu, pariente’ : Kn kaĩ ‘dar a luz, nacer, venir, salir (intransitivo)’ : Yaw -- Poy -- : Ko **kaniwa** ‘cunhado’ : Mt kaniwa ‘cuñado’ : My kani [ka'ni] ‘abuelo del esposo’, kaniua [ka'niua] ‘primo cruzado menor de hombre’.
162. *kaka[n] ‘tipo de cesto’ : Ksh kaká ‘clase de canasta’ : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch kákano, káka (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar **upu kakati** ‘canasta provisional’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kaká I : Kn kaká ‘canasta de mujer’ : M kaká : Yaw -- : Ko **kakan** ‘tipo de cesto’ : Mt -- : My --.
163. *ka[n] ‘abacaxi’ : Ksh kãká o kãká : SK kãká (kankán, kánkaman ‘piña’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp kankán : Mar -- : Ch kákama, káka ‘piña’ (ZINGG, 1998), kákama : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan kakan : Kat kankan : Poy -- : A kãkã I : Kn kãkã : M -- : Yaw -- : Ko **kantji** : Mt **kantji** : My **kantji**.
164. *kamar ‘onça’ : Ksh kamō ‘perro (sendo substituído pelo empréstimo SK, ʔotjítí, que por sua vez é um empréstimo Kampa otjiti (SHELL, 1975

- [1965]))' : SK kamá 'demonio, criatura parecida al tigre' (?ot[íti 'perro') : Kp **kaman** ?ino 'sachapero (esp. de perro silvestre)' (Kp ?ot[íti 'perro') : Mar ka'mã (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ka'mano, kama 'el tigre, el jaguar' (ZINGG, 1998), kamáno 'felino' : Kax kamalu [kama'lu] ~ [kẽma'lu] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar kaman, kamanon 'perro' : Shan kaman 'cachorro' : Kat ka'man : A kãmã, kãmãín 'esp. de roedor como majás', jinokamã 'perro salvaje' : Kn kamã 'perro' : M kãmã 'perro' : Yaw kaman 'cachorro' : Poy kãma 'raposa' : Ko kamun 'onça' : Mt kamun 'onça' : My kamun [ka.'mun].
165. *ka?moş 'esp. de cobra' : Ksh kamóş : SK kamóş : Kp ka?moş 'shushupí' (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch **ka'moa** 'pucarara (esp. de culebra)' : Kax -- : Yam kamoş : Chan -- : Shar kamoşi, kamoşin 'shushupí (esp. de culebra venenosa)' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kamox I : Kn kamuş : M kámofî : Yaw -- : Ko -- : Mt (kanmuns 'esp. de cobra') : My --.
166. *kara 'esp. de arara' : Ksh kana : SK kana : Kp kana : Mar kana (CESARINO, 2008) : Ch kana : Kax kala [ka'la] 'arara azul' (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar kana, kanan 'guacamayo de color azul y amarillo' : Shan -- : Kat kana [ka'na?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A kana I : Kn kana 'esp. de guacamayo' : M kana : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My kana 'guacamayo'.
167. *karak 'relâmpago' : Ksh kaná : SK kaná : Kp kaná : Mar ka'na (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch kanápa : Kax 'kalaka (PICKERING, s.d.) : Yam kana piu 'relâmpago ligero' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar kana, kanapan 'relâmpago' : Shan -- : Kat kana 'relâmpago' : Poy -- : A kanáa I : Kn kana : M Kanã fakaiki : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
168. *kano- 'arco' : Ksh kãti : SK kanóti : Kp -- : Mar kãti 'flecha' (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch kanatí : Kax kanata'hi [kənata'fi] 'arco' (LANES, 2005) : Yam kati 'arco' (FAUST; LOOS, 2002; EAKEN, 2008) : Chan kati : Shar kati, katin 'arco' : Shan kanati 'arco' : Kat kanti : Poy -- : A piyakãti II : Kn kanũ : M kátí (pía kati) : Yaw piakaniti 'arco' : Ko kano 'zarabatana' : Mt -- : My kano [ka'no] 'árbol (tipo)'.

169. *kapa ‘quatipuru’ : Ksh kapa : SK kapa : Kp kapa : Mar kapa ‘quatipuru’ (CESARINO, 2008) : Ch kapa : Kax ka’pa [ka’pa] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar kapa, kapan ‘ardilla roja’ : Shan -- : Kat kapa : Poy -- : A kapá I : Kn kapa : M kapa : Yaw kapa ‘quatipuru’ : Ko -- : Mt kapa ‘quati puru’ : My kapa [ka’pa].
170. *kapit ‘jacaré’ : Ksh kapí : SK kapí : Kp kapí : Mar kapí (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ‘kapiti, ‘kapí ‘caimán, lagarto’ (ZINGG, 1998), kápiti : Kax kapí’ti : Yam kapí, kapita ‘lagarto’ (EAKEN, 2008) : Chan kapí ‘lagarto’ : Shar kapí, kapitan ‘lagarto, caimán’ : Shan kapí : Kat ka’pi : Poy kapí : A kapii I (kápíi (HYDE, 1980)) : Kn kapí : M kápĩ : Yaw kapí : Ko -- : Mt kapid ‘jacaré’ : My --.
171. *kari ‘cará’ : Ksh kari : SK kari : Kp kari : Mar ‘kari ‘batata’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ‘kari ‘camote dulce’ (ZINGG, 1998) : Kax katji ‘batata’ (PICKERING, s.d.) : Yam kari (FAUST; LOOS, 2002) : Chan kari ‘camote’ : Shar kari, karin ‘camote’ : Shan kari ‘batata’ : Kat kari ‘batata’ : Poy -- : A kari II : Kn kadi : M kárí : Yaw kari ‘batata’ : Ko -- : Mt -- : My kadi [ka’ri].
172. *karo ‘lenha’ : Ksh karo : SK karo : Kp kaaro : Ch karo : Kax -- : Yam -- : Chan karo : Shar karo, karon ‘leña’ : Shan -- : Kat karu : Poy -- : A karo II : Kn kadu : M káró : Mar ‘karo (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
173. *katsi ∞ *-kas ‘querer’ : Ksh -kas-, katsi (-kas, -kats (ZARIQUIEY, 2011)) : SK -kas : Kp -katsi?-, -katsi?ki- ‘comenzar, querer, estar por, tener intenciones’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -katsi ‘desiderativo’, katsi, katsia ‘futuro interrogativo’ (KENNEL, 1978), katsa ‘futuro - hoje e depois de hoje’, katsiki ‘querer, futuro iminente (estar para, estar querendo)’ (COSTA, 1992) : Ch -kas- ‘querer, sufijo verbal desiderativo’ : Kax -katsa ‘desiderativo’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam kasma ‘no querer’, kaspá ‘desiderativo negativo’, katsa ‘tener tendencia de’ : Chan -- : Shar -kas-mai ‘no querer’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -katsi ‘futuro indefinido, sufijo verbal’ : Kn -kas-, katsi ‘querer, sufijo verbal desiderativo’

- : M -kátsi, -kas- : Yaw -- : Ko uʃkas- ‘ter sono’ : Mt uʃkas-kin ‘ter sono’, pekás-kin ‘sentir fome’, -kas ‘desiderativo sincrónico’ : My uʃkas [uʃ.kas] ‘tener sueño’, piás [pyás] ‘tener hambre para carne’, uccas ‘be nauseous’ (FLECK, 2003).
174. *kafi ‘morcego’ : Ksh kafa, kãfa (kafian, kainfa, kaia ‘murciélago’ (SHELL, 1987)) : SK kafi : Kp kafi : Mar -- : Ch kafi I ‘murciélago’, kafiʔa ‘murciélago grande’ : Kax kafíwa [kafíwa] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar kaʃi, kaʃin : Shan kaʃi : Kat (kantʃi) : Poy -- : A -- : Kn kafi : M kafi : Yaw kafi : Ko -- : Mt -- : My --.
175. *ka- ‘costas (prefixo parte do corpo)’ : Ksh ka-ʃo ‘espalda’ : SK ka-ʃo, kaʃaʃão ‘columna vertebral’ : Kp -- : Mar kafo ‘coluna’ (CESARINO, 2008) : Ch ‘ka-ʃo ‘la cadera’ : Poy kahku ‘rim’ : Kax kaʃaʔho (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar ka-ti-ʃao ‘columna vertebral’ : Shan -- : Kat ka-fu : A ká-ti-xáo ‘vertebra’ : Kn ka-ʃasu, kati ‘espalda’ (MONTAG, 1981) : M ká-ʃásó : Yaw -- : Ko -- : Mt ka-ʃuku ‘costas’ ʃuku ‘músculos’ : My ka-ʃu [kaʃu] ‘músculos de la espalda inferior’.
176. *kiʔʃi- ‘costurar’ : Ksh kiʃi- : SK kiʃi- : Kp kiʔʃi- : Mar (noʃia (ANONBY; HOLBROOK, 2010)) : Ch kiʃ(a)-²²⁷ : Kax -- : Yam kifi ‘coser’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar ikiʃii, ikiʃia ‘coser’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kiʃi- I : Kn kiʃi- : M ikiʃi : Yaw ʃiua ‘costura’ : Ko -- : Mt -- : My --.
177. *kĩtʃa[C] ‘vasilha, prato’ : Ksh kĩtʃá : SK kĩtʃá : Kp kintʃá : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kítʃan, kítʃanpan ‘tazón, tazón de barro’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kĩtʃa I : Kn kĩtʃa : M kítʃã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
178. *kiriʃ ‘duro, forte’ : Ksh kiri ‘duro, fuerte, ranuras juntas de la cabeza de la flecha’ : SK kiríʃ ‘tejido apretado’ : Kp kiri ‘punta de la lanza’ : Mar -- : Ch ‘kiriʃ kato, ‘kiriʃa ‘áspero, con una superficie gruesa’, (kiri, kiriki ‘clase de flecha con varios ganchos’) : Kax -- : Yam -- : Chan kiri : Shar kiriʃ, kiriʃi ‘duro, fuerte, poderoso’ : Shan : Kat -- : Poy -- : A kirix ‘áspero, duro,

²²⁷ “Possivelmente /-a/ é um sufixo transitivizador”. Ver *Signaling of transitive and intransitive in Chacobo* (PROST, 1962, p. 113).

- fuerte' (HYDE, 1980) : Kn *kiriş* 'fuerte, duro, durable' : M *kirişi* : Yaw *kiri*
Ko -- : Mt -- : My *kiri* 'lengüita de arpón, arpón, flecha para picar peces'.
179. **kişi* 'pedaço, caco' : Ksh *kişi* : SK *kĩkĩş* 'tiesto, casco', *pakiş* 'pieza rota, que no sea de cerámica', (*kĩkĩş*, 'kinkışin (*kini* 'cerâmica' + *kifá* canto) 'pedazo roto o tiesto de cerámica') : Kp *kişi* 'pedazo, parte, porción' : Mar -- : Ch *'kişi* 'astilla, migaja, pequeños pedazos', *paití kişi* : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *pákix* 'pedazo' (HYDE, 1980) : Kn *pakiş* 'casco, pedazo pequeño de cerámica' (MONTAG, 1981) : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
180. **kişto*[C] 'grosso, espesso' : Ksh *kiştó* : SK *kiştó* : Kp *kiştó* : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *kiştó* 'doble, grueso' : Shan *kiştu* 'grosso' : Kat -- : Poy -- : A *kístoo* 'duro (olla, plátanos), grueso (tela), pesado (madera)' (HYDE, 1980): Kn *kiştu* : M *kíştó* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
181. **kĩti*[C] 'tipo de panela' : Ksh *mani kiti* 'olla de metal para cocinar' : SK *kĩti* : Kp *kintí* 'olla para cocinar' : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan *kiti*, *kiti* : Shar *kitin*, *kitinin* 'olla de barro' : Shan *kiti* : Kat -- : Poy -- : A *kĩtii I* 'vasija', *yami kítii* 'olla de metal para cocinar' : Kn *kiti* 'olla' (MONTAG, 1981), *kĩti* 'olla para cocinar' : M *kíti* Yaw *kiti* : Ko -- : Mt -- : My --.
182. **kiyo-* 'terminar, acabar' : Ksh *kio-* 'terminar' : SK *kiyo-* : Kp *kiyo-* : Mar -- : Ch *kiyo-* 'terminar' : Kax -- : Yam *kiyo-kĩ* 'acabar, terminar, morder' (EAKEN, 2008) : Chan *kiyoo* : Shar *kiyoi*, *kiyoo* 'terminar, acabar' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *kiyo-* II 'terminar, consumir', *kiyoo II* 'todo' : Kn *kiyu-* 'terminar, morder' : M *kiyo-* 'morder, terminar' : Yaw *kii-* 'terminar', *kii-ua-ma* (terminar-fazer-neg) : Ko -- : Mt -- : My --.
183. *-*ki* 'sufijo locativo ablativo' : Ksh *-mi-ki*, *-u-ki* 'imprecise direction, location' (ZARIQUIEY, 2011) : SK *-ki* 'sufijo locativo no específico' : Kp *-ki* 'hacia' : Mar *-kiri* 'direção, via (enclítico pronominal)', *-ki* 'lado (enclítico adverbial)' (KENNEL, 1978) : Ch *-ki* : Kax *-ki* 'locativo/dativo' (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *-ki* 'adonde, hacia, a, complemento de oposición' : Chan -- : Shar -- : Shan *-kiri* 'locativo (de

origen e de destino) : Kat -- : Poy -- : A -ki : Kn -ki 'en, sobre' : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

184. *kiri 'buraco, orificio' : Ksh kini : SK kini : Kp kini : Mar kini [k'ini] 'buraco' (COSTA, 1992) : Ch kini : Kax ki'li [ki'li] 'buraco' (COUTO, 2005) : Yam kini, kiniñ 'hueco, cueva' (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar kini, kinin 'cueva, hueco en la tierra' : Shan -- : Kat kini : Poy -- : A kiní I : Kn kini : M kini : Yaw kini : Ko -- : Mt kini 'buraco ou orificio' : My --.
185. *k^wisi 'coxa' : Ksh kisi : SK kiji : Kp kiji : Mar 'ki'I (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch kiji : Kax kiji [ki'ji] 'coxa' (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam kiji, kiñi 'muslo' (EAKEN, 2008) : Chan kiji 'muslo' : Shar kiji, kijin 'pierna' : Shan kiši 'coxa' : Kat kiši [ki'ši?] 'coxa' (BARROS, 1987) : Poy kiji 'coxa' : A kiji I : Kn kiji : M kiji : Yaw kiji [ki.'ji] 'coxa' (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My **kuistjipa** [kwis'tjipa] 'muslo'.
186. *k^waʔin 'fumaça' : Ksh koi, (koñi 'smoke' (ZARIQUIEY, 2011)) : SK koñi : Kp koʔin : Mar koñi (CESARINO, 2008) : Ch koʔini, koʔi 'el humo' (ZINGG, 1998), koʔini : Kax kuãni [k^wa'ni] ~ [kwãni] 'fumaça' (COUTO, 2005), kuãni [k^wa'i] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan koin : Shar koin, koinin 'humo' : Shan kuin 'fumaça' : Kat kuin 'fumaça' : Poy kũi 'fumaça' : A kōʔi II : Kn kũi : M kōi : Yaw -- : Ko kwain 'fumaça' : Mt kuain 'fumaça' : My --.
187. *koβi[n]- 'ferver' : Ksh koβi 'hervir' : SK koβi 'hervir (comida en agua)' : Kp koβin- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar koβin, koβian 'hervir' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kōwĩ I hervir' : Kn kubĩ 'tibio, templado' : M Kofi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
188. *k^wi [talvez kowi] 'mandíbula' : Ksh **kuibi** 'boca, lábios' (SHELL, 1987), **kuini** 'barba, bigote' (SHELL, 1987), kwi- 'mouth, border, lip(s), chin' (ZARIQUIEY, 2011) : SK koi 'barbilla, mandíbula' : Mar kui 'queixo' (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Kp koi şao : Ch -- : Kax kini'ma 'queixo' (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar **kowişao**, **kowişao** 'quijada' : Shan ku 'queixo' : Kat kui 'queixo' : Poy kui 'queixo' :

- A kowii I ‘mandíbula’ : Kn kui ‘barbilla’ : M kó(ti) : Yaw -- : **Ko kwija, kwitonko** : **Mt kuitonko** ‘queixo’ : My --.
189. *koka ‘irmão da mãe’ : Ksh -- : SK koka ‘hermano de la madre, padre de la esposa’ : Kp koka ‘tío’ : **Mar koka ‘tio materno**’ (CESARINO, 2008; CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam koka, kokã ‘tío materno’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : **Shar koka, kokan ‘tío materno, sobrino**’ : **Shan kuka ‘tío**’ : **Kat kuka ‘tío**’ : **Poy kuka ‘titio**’ : A koka II ‘tío materno, padre (hablante femenino)’ : Kn kuka ‘tío, Hermano de la madre, suegro’ : M kóká ‘tío’ : **Yaw kuka ‘tío**’ : Ko -- : Mt -- : My --.
190. *koki[j] ‘vaga-lume’ : Ksh koki ‘luciérnaga, linterna’ : SK kókíj ‘luciérnaga’ : Kp koʔkíj : Mar -- : **Ch koki'na, koki ‘curucusi**’, koki : Kax -- : Yam -- : Chan -- : **Shar kokoş, kokoşin ‘luciérnaga**’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn kukij : M -- : Yaw -- : Ko -- : **Mt kukuş ‘tipo de pássaro**’ : My --.
191. *koko ‘irmão da mãe’ : Ksh koko ‘papá de su esposo, papá de sua esposa’ : SK koko ‘sobrino, hijo de la hermana de una mujer’ : Kp -- : Mar -- : Ch koko ‘tío’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Poy -- : **Ko kuku ‘irmão da mãe, tio**’ : **Mt kuku ‘irmão da mãe, tio**’ : My kuku [ku.ku] ‘tío cruzado, hermano de la madre, primo paralelo de la madre’.
192. *koko- ‘ingerir alimentos moles’ : Ksh ko- ‘comer fruta cruda’ : SK kókoti, kókoa ‘comer’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp koko-kin ‘chupar’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kokoi, kokoa ‘retener en la boca’ : **Shan kuku ‘chupar**’ : **Kat kuku-ai ‘chupar**’ : **Poy kuku ‘chupar**’ : A kókokín ‘comer una fruta’ (HYDE, 1980) : Kn kuku- ‘comer o chupar, como fruta o caramelo’ : M -- : Yaw kuku- ‘chupar’ : **Ko kutkai ‘comer elementos sólidos**’ : Mt : My kuk ‘chupar la piel’.
193. {*koko[j]s}i : A kokos I : M kókoji ‘luciérnaga’} (Ver etimologia 192).
194. *koma ‘nambu’ : Ksh koma : SK koma : Kp koma : **Mar koma ‘inhambu**’ (MELATTI, 1975 [2005]) : Ch koma : Kax -- : Yam -- : Chan -- : **Shar koma, koman ‘perdiz grande**’ : Shan -- : **Kat kuma ‘inhambu**’ : Poy kũba

- ‘nambu galinha’ : A koma I : Kn kuma : M koma : Yaw kuma ‘nambu’ : Ko -- : Mt kuma ‘nambu’ : My --.
195. *ko[n]o ‘esp. de fungo’ : Ksh kunu ‘hongo’, kono : SK kono : Kp kono ‘callampa, hongo’ : Mar -- : Ch kono : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar kono, konon ‘hongo’ : Shan -- : Kat -- : A kono I ‘hongo, moho’ : Kn kunu ‘seta, hongo’ : M konoa ‘hongo’ : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My (makun ‘moho, hongo’) : ‘clase de hongos’.
196. *ko ‘pus’ : Ksh koo (ku ‘pus’ (SHELL, 1987)) : SK koó ‘pus’ : Kp koo ‘pus, savia’ : Mar ko (CESARINO, 2008) : Ch koo : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar koo, koon ‘pus, materia’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A koó I : Kn ku : M ko : ‘pus’ : Yaw -- : Ko ku ‘pus’ : Mt ku ‘pus’ : My ku ‘pus’.
197. *kopi ‘valor’ : Ksh kopí ‘caro’, kopí- ‘pagar’ : SK kopí- ‘vengarse, vengarse en brujería’ : Kp kopí ‘precio’, kopía- ‘pagar’ : Mar -- : Ch kopi ‘comprar, pagar’ : Kax -- : Yam kopi-kĩ ‘costar, vengarse’ : Chan -- : Shar kopi, kopia ‘vengar, retribuir’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A kopi II ‘precio, caro’, kopi- II ‘pagar, restituir, vengarse’ : Kn kupi- ‘pagar, restituir’ : M kopi- : Yaw kupi- ‘pagar’ : Ko -- : Mt -- : My --.
198. *koꞵo ‘cinza, acinzentado’ : Ksh k^weẽkoro, nĩtĩ koro ‘neblina’, korokĩ ‘moho’ : SK koro ‘color ceniciento, arcilla, moho’ : Kp koro ‘gris, color de ceniza’ : Mar koro ‘cinza’ : Ch koro ‘neblina’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat kuru ‘roxo’ : Poy -- : A koro II ‘gris’ : Kn kudu ‘gris, sin pintura o color, llegar a ser o ponerse gris, mohoso’ : M kóró : Yaw kuru ‘escuro’ : Ko -- : Mt kudu [kuru] ‘marrom, pardo, seco’ : My kudu [ku'ru] ‘gris’.
199. *[k]oʃna ‘cedro’ : Ksh kōʃá : SK kōʃá : Kp koʃán : Mar -- : Ch -- : Kax [akuaʃa] [jak^waʃa] (COUTO, 2005) : Yam koʃa : Chan -- : Shar koʃa, koʃan ‘cedro’ : Shan kuʃa : Kat -- : Poy -- : A kōxã I : Kn kuʃa : M koʃa : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
200. *koʃo ‘cujubim’ : Ksh koʃo : SK koʃo : Kp koʃo : Mar koʃo : Ch koʃo : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar koʃo, koʃon ‘pava del monte’ : Shan -- : Kat kuʃu

- : Poy -- : A koxo I : Kn kuşu : M koşo : Yaw kuşu : Ko kuşu ‘cujubim’ : Mt kuşu ‘jacubim’ : My kuşu [kuşu] ‘Pava garantiazul’.
201. *-m[a]- ‘sufixo verbal causativo’ : Ksh -mi- : SK -ma- : Kp -ma- (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -ma ‘causativo’ (COSTA, 2000) : Ch -ma- : Kax -- : Yam -ma (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -ma- : Shan -ma : Kat -- : Poy -- : A -ma- : Kn -ma- : M -ma- : Yaw -ma : Ko -me : Mt -me : My -me.
202. *maʔtʃi ‘morro, colina’ : Ksh matʃi ‘coronilla’ : SK -- : Kp maʔtʃi ‘montaña’ : Mar matʃi ‘acima’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam matʃi ‘loma’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar matʃi, matʃin ‘cerro, loma’ : Shan matʃi ‘morro’ : Kat matʃi ‘morro’ : Poy (bafi ‘areia’) : A matʃi I ‘colina alta’ : Kn matʃi ‘colina, sistema montañoso’ : M matʃi : Yaw matʃi ‘terra’ : Ko -- : Mt (matʃi ‘farinha’) : My --.
203. *maʔi[r] ‘esp. de peixe’ : Ksh maĩ : SK maĩ : Mar -- : Ch -- : Kax maiʔlu [maĩʔlʷ] ‘peixe’ (LANES, 2005; VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar main, mainpan ‘bujurqui (esp. de pez)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A maĩ II : Kn mai : M maĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
204. *matsi ‘frio’ : Ksh matsi : SK matsi : Kp matsi : Mar ‘matsi [mātsĩ] ‘frio’ : Ch matsi : Kax -- : Yam matsi ‘frío’ (EAKEN, 2008) : Chan batsi, matsi ‘frío’ : Shar matsi ‘frío’ : Shan matsi ‘frio, gelado’ : Kat matsi ‘frio’ : Poy basi ‘frio’ : A matsi I : Kn matsi : M matsi : Yaw matsi ‘frio, gelo’ : Ko -- : Mt -- : My --.
205. *matso- ‘varrer’ : Ksh matsó : SK matsó- : Kp matsó- : Mar -- : Ch matso : Kax -- : Yam mātso ‘barrer’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar Matsoin, matsoan ‘barrer’ : Shan matsu ‘varrer’ : Kat matsu-ti ‘vassoura’ : Poy -- : A matsoo- I : Kn matsu- : M mátsõ- : Yaw matsu-ti ‘vassoura’ : Ko -- : Mt -- : My --.
206. *mãtʃa[n] ‘chifre de animal’ : Ksh (matuška) : SK mãtʃã : Kp mantʃán : Mar (mãʃũ (ANONBY; HOLBROOK, 2010)) : Ch -- : Kax (maşaʔhu [maşaʔɦu] ‘chifre’) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan (maşu) : Kat (mãtsũy [mãnʔdzoŷ] (BARROS, 1987)) : Poy -- : A matʃã : Kn -- : M -- : Yaw matʃan ‘pereba’ : Ko -- : Mt (maşo ‘cabeça’) : My (maşukud [maşukud] ‘caspa’).

207. *mai ‘terra’ : Ksh mee (me ‘earth’ (ZARIQUIEY, 2011)) : SK mai : Kp mai : Mar Mai ‘terra’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch mai : Kax ma’wi ‘terra’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mai ‘tierra’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan bai : Shar mai, main ‘país, región, terreno, tierra’ : Shan mai ‘terra’ : Kat mai ‘terra’ : Poy bay ‘terra’ : A maí I : Kn mai : M mai : Yaw mai ‘terra’ : Ko -- : Mt -- : My --.
208. *mai[n] ‘na terra, por terra’ : Ksh meé : SK maĩ²²⁸ : Kp maín : Mar maĩ [maĩ] ‘na terra, no chão’ (COSTA, 1992) : Ch mai ‘por tierra’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A maĩ : Kn maĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
- 209a *mai[n]-, maiwa- ‘enterrar’ : Ksh maĩ- : SK miĩ- ‘enterrar’ : Kp maín ma?pó- ‘cubrir com tierra’ : Ch mai- ‘enterrar (intr.)’, maiwa- ‘enterrar (tr.)’ (ZINGG, 1998), maiwa- ‘enterrar’ : A mai- : Kn maiwa- : M maiwa-.
209. *maiti ‘faixa para a cabeça, chapéu’ : Ksh (maoti) : SK maiti ‘corona de plumas y cuentas, sombrero’ : Kp maiti : Mar maiti ‘chapeu, cocar’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam maiti ‘corona’ : Chan -- : Shar maiti, maitinin ‘sombrero, gorra, corona’ : Shan -- : Kat mayti [mayte] (BARROS, 1987) : Poy -- : A maiti II : Kn maiti : M máiti : Yaw maiti : Ko mafite ‘boné, chapéu’ : Mt -- : My (mauete [ma’wete]).
210. *maka ‘rato’ : Ksh makó ‘rata, ratón’ : SK maka soya ‘rata del bosque’ : Kp maka : Mar ‘maka (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan maka ‘rato’ : Kat maka ‘rato’ : Poy baka : A maka I : Kn maka ‘ratón’ : M maka : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My maka tanu [ma’ka ta’nun] ‘rata que los matsés comen’.
211. *maka ‘pedra, rocha’ : Ksh -- : SK maká, (máka, makã ‘diente, muela’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp máncan ‘piedra dura, roca’, makán : Mar makant’jiu ‘cumeira’ : Ch ma’kana, ma’ka ‘cierro, la montaña’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Poy -- : A makã I : Kn mākã : Kat -- :

²²⁸ “Aquí la parte signicante es el morfema de nasalización para ‘medio o instrumento’ (también para Referencia Transitiva, ver el Capítulo 4).” (SHELL, 1965 [1975])

- Shan -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (makano [ma'kano] ‘cumbreira’ : ‘piedra para moler’).
212. *maki ‘piranha (esp. de peixe)’ : Ksh maki (makin ‘ratón’ (SHELL, 1987) : SK maki, makin ‘piraña’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp maki : Mar ‘maki’ : Ch máki ‘palometa’ : Kax ‘maka’ ‘piranha’ (SOUSA, 2004) : Yam -- : Chan -- : Shar maki, makin ‘piraña’ : Shan maki : Kat maki [ma'ki?] (BARROS, 1987) : Poy -- : A maki (makí ‘piraña’ (HYDE, 1980)) : Kn maki : M maki : Yaw maki : Ko -- : Mt -- : My maki [ma'ki] ‘piraña’.
213. *mara- ‘esperar’ : Ksh -- : SK maná : Kp maná- : Mar -- : Ch mana- : Kax mala'hi [mələ'hi] ‘esperar’ (COUTO, 2005) : Yam mana- ‘esperar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar manai, manaa ‘esperar’ : Shan -- : Kat mana-ai ‘esperar’ : Poy -- : A mana- II : Kn mana- : M maná- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
214. *ma[n]a[n] ‘sobre, encima, acima’ : Ksh maná ‘encima, arriba’ : SK maná : Mar manã ‘terra’ : Kp manán ‘colina, montaña’ : Ch mana : Kax -- : Yam manaõ ‘arriba de algo’, manã, mǎnãñĩ ‘loma’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar mananun ‘encima, manaon, encima, arriba, más alto, más arriba’ : Shan manaun ‘em cima’ : Kat -- : Poy -- : A manã- II ‘encima, espacio desmontado’ : Kn mǎnã ‘colina’ : M mǎnãkírĩ ‘aguas arriba’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My mannan ‘cima, cumbre’.
215. *ma[n]i ‘metal’ : Ksh mani ‘hacha, metal, cosas de origen extranjero’ : SK -- : Kp -- : Mar mani ‘ferro’ (CESARINO, 2008) : Ch mani ‘cuchillo’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Yaw -- : Poy -- : A -- : Kn mani ‘cuentas, metal, cosas de origen extranjero’ : Shan -- : Kat -- : Ko -- : Mt -- : My --.
216. *ma[n]i ‘banana’ : Ksh -- : SK mani ‘bujao (planta parecida a la de plátano)’, mani p̃ii ‘hoja de plátano’ : Kp mani : Mar mani ‘bananeira, folha’ (CESARINO, 2008), mani ‘banana’ (MELATTI, 1975[2005]) : Ch mani ‘hoja de plátano’ : Kax -- : Yam mani ‘plátano’ : Chan mania : Shar mani, manin ‘hoja grande de plátano’, manian, manianin ‘plátano (nombre genérico)’ : Shan -- : Kat mani : Poy mǎđĩ ‘folha’ : A manĩ?á I : Kn mani :

- M máñiã : Yaw mañiã ‘banana’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My mani [ma'ni] ‘plátano’.
217. *[ma][n]o[t]- ‘sentir saudade’ : Ksh mano- ‘olvidar’ : SK (βino ‘olvidarse’) : Kp (βi?no ‘olvidar’) : Mar -- : Ch (βino ‘desaparecer, olvidar, perder’) : Kax -- : Yam (φinokĩ ‘errar, perderse’) : Chan -- : Shar manoi, manoa ‘gritar, gemir, lamentarse’, φinoi, φinoa ‘perderse’ : Shan (φinu ‘perder’) : Kat (βinu-βai ‘perder’) : Poy -- : A (winoʔi ‘perderse’, winokín ‘perder’) : Kn manu- : Yaw (βinu ‘esquecer’) : Ko (βinut ‘perder, esquecer’) : Mt (binud ‘perder’) : My (bidnu [bid'nu] ‘perder’).
218. *mapi- ‘subir (um morro)’ : Ksh mápirakí- ‘subir un cerro’ : SK mapí ‘subir’ : Kp mapí : Mar -- : Ch mapí ‘destapar, abrir, destapar la cabeza’ : Kax -- : Yam mapí, mapĩ ‘subir’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mapi- II : Kn mapi- : M mápi- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
219. *mapí ‘camarão’ : Ksh -- : SK mapí : Mar mapí (CESARINO, 2008) : Kp mapí : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar mapí, mapin : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mapí I : Kn mapí : M mapí : Yaw mapí : Ko -- : Mt mapişo ‘camarão’ : My --.
220. *mapo ‘cabeça’ : Ksh mapoʃoʃ (también maʃká, juego 229) ‘cabeza’ : SK mapo : Kp mapo : Mar mapo [mapo] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch mápo : Kax -- : Yam mapo, mǎpo (EAKEN, 2008) : Chan bapo, mapo : Shar mapo, mapon : Shan mapu : Kat mapu : Poy bapu ‘miolos da cabeça’ : A mapo II : Kn mapu ‘ceniza, arcilla, sesos de cérebro’ : M mápó : ‘cabeza’ : Yaw mapu : Ko -- : Mt -- : My --.
221. *mapok ‘barro, poeira’ : Ksh mapó ‘arcilla’ : SK mapó, mápokan ‘greda (arcilla)’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp mapó : Mar -- : Ch ‘mapo, ‘mapoka ‘barro prendoso, gredoso’ (ZINGG, 1998), mápoka : Kax mapuʔu [mapuʔu] ‘cinza’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan bapo : Shar mapo, mapon ‘greda, ceniza, polvo’ : Shan mapu : Kat -- : Poy -- : A mápoo, mápoopán ‘barro’ (HYDE, 1980), mapoo I : Kn mapu

- ‘ceniza, arcilla, secos’ : M mápo : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : **My isisapuk** ‘ceniza’.
222. *maçaş ‘esp. de planta’ : Ksh maráš : SK maráš : Kp maráš : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : **My madaështe** ‘árbol frutero cultivado’.
223. *maři ‘cutia (esp. de roedor)’ : Ksh mari : SK mari : Kp mari : **Mar mari** [māři] ‘cutia’ : Ch -- : **Kax matfahi** (SOUSA, 2004) : **Yam mari, maři** ‘añuje’ (EAKEN, 2004) : Chan -- : Shar mari, marin ‘añuje, agutí’ : **Shan mari** ‘cutia’ : **Kat mari** ‘cutia’ : **Poy bari** ‘cutia’ : A marí I : Kn madi : M mari : **Yaw mari** ‘cutia’ : Ko -- : **Mt made** [mare] ‘cutia’ : **My made** ‘paca’.
224. *masi[n] ‘esp. de cabaça’ : Ksh masî : SK masî : Kp maşin : **Mar māsî** ‘cabaça’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : **Shar masî, masin** ‘calabaza’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A māsî : Kn -- : M máşî : Yaw -- : Ko -- : **Mt masin** ‘tipo de flauta’ : My --.
225. *masi ‘areia’ : Ksh masi : SK maři : Kp maři : **Mar** ‘maři (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch ‘maři, maři’ni ‘arena, playa’ : **Kax hinimaři** [hinimaři] : **Yam maři, mări** ‘arena, playa’ : **Chan baři** : Shar -- : **Shan maři** : **Kat maři** [maři?] (BARROS, 1987) : **Poy baři** ‘areia’ : A -- : Kn maři : M -- : **Yaw maři** ‘areia, barro de varias cores’ : Ko -- : **Mt masi** (FERREIRA, 2005) : **My masi** [ma’si].
226. *maşaş ‘pedra’ : Ksh maşáš : SK maşáš : Kp -- : Mar -- : Ch maşáša : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A maxax : Kn maşaş : M máşášî : **Yaw maşášî** : Ko -- : **Mt maşaş** ‘pedra utilizada para amolar’ : My --.
227. *maşi ‘urucum (a árvore e o seu fruto)’ : Ksh maşi : SK maşi : Kp maşi : **Mar maři** ‘urucum’ (CESARINO, 2008) : Ch maşi : Kax -- : Yam -- : Chan baři : Shar -- : Shan -- : **Kat maşi** : A maxi II : Kn maşi : M máşî : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.
228. *maşka[t] ‘encima, cume’ : Ksh maşká ‘cabeza’ : SK maşká ‘el punto más alto, como el pico de una montaña, caballete del techo de una casa’ : **Kp** (maf- ‘encima de, de la cabeza’) : Mar -- : Ch maşkátja : Kax -- : Yam -- :

- Chan -- : Shar **maşkanan**, **maşkananun** ‘encima’ : Shan -- : Kat -- : A **máxkaa** ‘al lado de, encima de’ (HYDE, 1980), **maxka** ‘a un nivel alto, pero colidando con algo’ : Kn **maşka** ‘cima, pico, punto más alto’ : M -- : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My **maşkad** [maş'kad] **isla temporal, tierra firme (altura) plana**’.
229. ***maşkoř-** ‘cortar o cabelo’ : Ksh **maşko-** ‘dar un corte de pelo’ : SK **maşko-** ‘cortar el pelo’, **maşkoro-** ‘dar un corte de pelo, sacar todo el pelo’ : Kp -- : Mar -- : Ch **maşko-** (Tr.), **maşkoro-** (itr) ‘razurarse la cabeza, hacer(se) calvo’ (ZINGG, 1998), **maşkoro-** ‘maşko ‘calvo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : A **maxko-** I ‘afeitar la cabeza’ : Kn **maşkuru** ‘coronilla, tonsura, corte de pelo’ : M **máşkó** ‘sin pelo en la coronilla de la cabeza’ : Yaw -- : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.
230. ***mãşo** ‘chifre de animal’ : (Ksh **mapuzo** (ZARIQUIEY, 2011)) : SK -- : Kp -- : Mar **mã'fũ** (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch **mařo'fo** ‘ampollitas de la piel en la cabeza’ : Yam **mãşo**, **mãşomã** ‘cuerno’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar **maşo**, **maşon** : Shan **maşu** : Kat (**mãtsũy** [mãn'dzoř] ‘chifre’ (BARROS, 1987)) : Poy **mãhũ** : Kax **maşa'hu** [maşa'fiu] (LANES, 2005) : A **máxo** II : Kn **maşũ** : M **máşo** : Yaw **manşun** : Ko -- : Mt **maşo** ‘cabeça’ : My **maşukud** [ma'şukud] ‘caspa’.
231. ***matas** ‘golpear a cabeça’ : Ksh **matás-** ‘clavar (con martillo)’ : SK **matás-** ‘machacar o meter (como clavo o poste en el suelo)’, **tas** ‘ruido al gopear’, **tasa-** ‘clavar juntos’ : Kp **matas-kin** ‘golpear la cabeza, pegar en la cabeza’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch **mataxkin** ‘golpear a otro en, tirar algo contra la cabeza’ (MONTAG, 1981) : Kax -- : Yam **ma-taş** ‘cabeza-golpear’ (FAUST; LOOS, 1998) : Chan -- : Shar -- : Shan-- : Kat -- : Poy -- : A **matas-** II : Kn **matas ak** ‘golpear dos piedras sobre la cabeza de los niños para que sean valientes y tengan corazones fuertes’ (HYDE, 1980) : M -- : Yaw -- : Ko **matif-**ante ‘tesoura’ : Mt -- : My **matas** [ma'tas] ‘cortar cabello’.
232. ***mawa-** ‘morrer’ : Ksh -- : SK **mawa-** : Kp **mawa-** : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn **mawa-** : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

233. *mawis ‘esp. de formiga’ : Ksh maís, maís : SK mawís : Kp -- : Mar -- : Ch mawiso ‘hormiga cazadora’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mais II : Kn mais : M máwisi : Yaw -- : Ko -- : Mt mawes ‘espécie de formiga bem pequena’ : My maues [ma’wes].
234. *maya- ‘torcer, girar, mover em círculos’ : Ksh maia- ‘ir en círculos’ (posiblemente prestado) : SK maya- : Kp maya- ‘rotar, voltear, ir en círculos’ : Mar -- : Ch : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar mayai, mayaa ‘hilar, tejer algodón’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A maya- I ‘torcer, doblar’ : Kn maya- ‘torcer, voltear, enrollar entre palmas, trenzar’ : M máyá- ‘torcer, girar, enrollar entre las palmas’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
235. *miʔ[i]- ‘tocar, mexer com a mão, tatear’ : Ksh mi̯i- : SK mi̯i- ‘tocar con toda la mano’ : Kp miʔi- : Mar -- : Ch mami- ‘palpar, tocar algo’ : Kax -- : Yam mi, mi̯a ‘tocar’ (FAUST; LOOS, 2012) : Chan -- : Shar mi̯i, mi̯a ‘saborear, probar, comprobar, verificar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A miʔi- II ‘golpear, pelear, romper’ : Kn mi- : M mí- ‘tocar, sentir, probar tocando o gustando’ : Yaw mi- ‘mexer’ (SOUZA, 2013) : Ko mik- ‘cuidar’ : Mt mike- ‘cuidar, segurar nos braços’ : My -- : ‘tocar, sentir, mover, molestar, sostener, probar, examinar, tantear’.
236. *miʔtʃa- ‘molhar, molhado’ : Ksh tʃaβá- ‘estar mojado’ : SK miʔtʃá : Kp miʔtʃa : Mar miʔtʃaka ‘molhado’ (COSTA, 1992) : Ch tʃaaʃ- ‘mojarse’ : Kax -- : Yam miʔtʃakai ‘invierno, tiempo de lluvia, diciembre’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan miʔtʃa, biʔtʃa ‘mojado’ : Shar miʔtʃa ‘mojado, húmedo’ : Shan mutʃia ‘molhado’ : Kat miʔtʃa-ai ‘molhar’ : Poy -- : A miʔtʃa- I ‘mojarse’, miʔtʃa II : Kn miʔtʃa ‘mojar, estar mojado’, chaa- ‘mojar algo’ : M miʔtʃa : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (miyan [miʔyan]).
237. *miβi ‘mão’ : Ksh -- : SK miβi ‘ramas pequeñas, patas de insecto’ : Kp -- : Mar miβi (CABRAL; RODRIGUES, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam miβi ‘mão’ : Chan biβi : Shar miβi, miβin : Shan miβi : Kat miβi : Poy -- : A miwi II ‘mano, manga’ : Kn miβi ‘brazo, pulsera, rama, rama de árbol’ : M miβi : Yaw mihi : Ko -- : Mt -- : My --.

238. *mĩtsis ‘unha da mão’ : Ksh untsis, untsi ‘unha’ (SHELL, 1987), untsis ‘nail’ : SK mĩntsís ‘unha del dedo’, mĩtsís : Kp mĩntsís : Mar mĩtsisi [mĩtsisi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch ‘mĩtsis, ‘mĩtsisi ‘uña de los dedos de la mano’, mĩtsisi ‘uña del dedo de la mano’ : Kax mĩtʃisi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mitsis, mitsisi (EAKEN, 2008) : Chan bitsis (otsis) : Shar mĩtsisi, otsisi : Shan mĩtʃifi : Kat mĩtʃifi [mĩtʃifi] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Poy -- : A hon'tsís ‘uña del dedo del pie’, mĩntsís ‘uña, dedo de la mano’ (HYDE, 1980), mĩtsis I : Kn mĩtsís : M mĩtsisi : Yaw mĩtsisi : Ko (mĩtʃiun ‘unha’) : Mt mĩntis ‘unha’ : My mĩntsís [mĩntsís].
239. *mĩkĩr ‘mão’ : Ksh mĩkĩ : SK mĩkĩ : Kp mĩkĩn : Mar -- : Ch mĩkĩni, mĩki (ZINGG, 1998) : Kax mĩki'li (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam mĩkĩ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan mĩki : Shar mĩki, mĩkin ‘mano’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mĩkĩ I : Kn mĩkĩ : M mĩki : Yaw -- : Ko -- : Mt mĩkin : My --.
240. *mĩkĩri k^waya ‘mão direita’ : Ksh mĩkĩk^we o mĩk^we : SK²²⁹ mĩkayao : Kp mĩkaya?o ‘a la derecha, a la mano derecha, en el lado derecho’ : Mar -- : Ch mĩnikaya : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn kayatapia ‘derecha, mano derecha’ : M káyakaφi ‘derecha, mano derecha, correcto’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
241. *mĩra- ‘encontrar, procurar’ : Ksh mĩra- SK mĩra- : Kp mĩra- : ‘hallar’ : Mar mĩra ‘surgir, aparecer’ (CESARINO, 2008) : Ch mĩra- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My -- : ‘buscar’.
242. *mĩšo ‘engatinhar’ : Ksh mĩšo- : SK mĩšo- : Kp mĩšo- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar mĩšoi, mĩšoa ‘gatear’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mĩšo- I : Kn mĩšo- : M mĩšo- : Yaw -- : Ko -- : Mt mĩškin ‘engatinhar’ : My --.
243. *mĩtoti ‘dedo’ : Ksh mĩtoti : SK mĩtoti : Kp mĩtoti : Mar -- : Ch mĩtotí : Kax -- : Yam -- : Chan mĩtoti : Shar mĩtoti, mĩtotinin ‘dedo de la mano’ : Shan

²²⁹ “/-o/ del SC sufijo locativo.” (SHELL (1975 [1965]))

- mititi ‘dedo’** : Kat -- : Poy -- : A mitōti : Kn mituti : M mítótí : **Yaw mituti ‘dedo’** : Ko -- : Mt -- : My --.
244. ***miwi ‘barreiro, canamã’** : Ksh mĩ ‘charco en el barro, hueco de agua donde se bañan y juegan los animales’ : SK miwi : Kp miwi ‘charco de animales’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A mĩ ‘cierta clase de arcilla, probablemente que contiene sal, comido por pájaros y animales’ : Kn miwi ‘arcilla salitrosa, lugar salado usado por los animales’ : M miwi ‘charco de animales’ : Yaw -- : Ko miwi ‘barreiro’ : **Mt miwi ‘tipo de capim próprio para alimentação da anta’** : My --.
245. ***mi ‘tu, você’** : Ksh mii : SK mia : Kp mia : Ch mia ‘te, ti (forma de objeto del pronombre de segunda persona, singular)’ : A miya II : Kn mia : M mia : Ko mi- (mimpi, miβi, min) : Mt mi- (minbi, mibi, min) : My mi- (minbi, mibi, min).
- 246a. ***mato ‘vocês, vós’** : Ksh (mitso) : SK mato : Kp mato : Ch mato ‘ustedes (forma de objeto)’ : A mã, mato : Kn mã, mato : M mã, mato ‘ustedes, vosotros’.
247. ***misi ‘pamonha’** : Ksh misi ‘humita’ : SK misi ‘humita (alimento feculoso hervido en hojas)’ : Kp -- : Mar -- : Ch misi ‘humita’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : **Shar misi, misin ‘pan, humita, tamal’** : **Shan misi ‘pão’** : Kat -- : Poy -- : A misi II ‘humita’ : Kn misi ‘clase de torta pan’ : M mísí ‘clase de pan’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
248. ***miŋkiti ‘anzol’** : Ksh miŋkiti : SK miŋkiti : Kp miŋkiti : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A miŋkiti II : Kn miŋkiti : M -- : **Yaw miŋkiti ‘anzol’** : Ko -- : Mt -- : My --.
249. ***moka ‘veneno, amargo’** : Ksh moka ‘veneno, amargo’ : SK moka ‘venenoso, amargo, filudo, desagradable (por ejemplo, el calor solar, bebida demasiado fermentada, aguijón de pez raya, abeja, escorpión, mordedura de culebra)’ : Kp moka : **Mar moka ‘amargo’ (CESARINO, 2008)** : Ch moka : Kax -- : Yam -- : **Chan boka ‘amargo’** : Shar moka : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A moka I ‘amargo’ : Kn muka ‘clase de árbol (amargo, no comestible),

- maldición por hechicería o fetiche’ : M moka ‘ácido’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
250. *moşa ‘*espinho*’ : Ksh moşa : SK moşa : Kp moşa : Mar -- : Ch moşa : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar moşa, moşan ‘*espina*’ : Shan muşa ‘*espinho*’ : Kat muşa ‘*espinho*’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A moxa II : Kn muşa : M móşá : ‘*espina*’ : Yaw muşa ‘*espinho*’ : Ko -- : Mt muşa ‘*tipo de desenho utilizado nas tatuagens faciais, feito com espinho*’, (muşan ‘*espinho*’) : My --.
251. *naʔa ‘*ninho*’ : Ksh naa, (na ‘*nido*’ (SHELL, 1987)) : SK naa : Kp naʔa : Mar -- : Ch naʔa : Kax naʔa[naʔa] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar naa, naan ‘*nido*’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A naʔa II : Kn na : M ná : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
252. *naʔir ‘*esp. de preguiça (macaco)*’ : Ksh -- : SK nãĩ : Kp naʔín : Mar [nãĩ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch -- : Kax nali [na'li] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat nain : Poy -- : A nãĩ II : Kn nãĩ : M nãĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My nai [nay] ‘*perezoso de dos dedos*’.
253. *naiʔ ‘*céu*’ : Ksh naí : SK naí : Kp naí : Mar 'nai (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch naipa, nai ‘*cielo*’ (ZINGG, 1998), naípa : Kax naitʃi [naitʃi] (LANES, 2005) : Yam nai, nãĩ ‘*cielo*’ (EAKEN, 2008) : Chan dai : Shar nai, nain : Shan nai : Kat nai : Poy -- : A naí I : Kn nai : M nai : Yaw nai : Ko -- : Mt -- : My --.
254. *[n]ak^wa ‘*esp. de mosquito*’ : Ksh nak^wa : SK naka : Kp naka : Mar naka (CESARINO, 2008) : Ch naka : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar naka, nakan ‘*mosca, mosquito*’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A naká I : Kn naka : M naka : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My nakua [nakwa] ‘*nombre propio*’.
255. *nak^waʃi ‘*cupim*’ : Ksh nak^waʃ ‘*comején, esp. de hormiga blanca*’ (SHELL, 1987) : SK nakáʃ : Kp nakáʃ : Mar na'kaʃi ‘*cupim*’ : Ch nakaʃa ‘*la termita, el turiro*’ (ZINGG, 1998) : Kax nakafa ‘*cupim*’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar nakaʃi, nakaʃin ‘*comején*’ : Shan nakaʃi ‘*cupim*’ : Kat -- : Poy -- : A nakax I ‘*comején*’ (HYDE, 1980) :

- Kn nakaş; M nákaşî : Yaw nakaşin ‘cupim’ : Ko -- : Mt nakaş ‘cupim’ : My --.
256. *[n]ama- : Ksh nama- : SK nama- : Kp nama- : Mar na'ma (CESARINO, 2008) : Ch nama- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar namai, namaa ‘soñar’ : Shan nama : Kat nama ‘sonhar’ : Poy -- : A namaa- I : Kn nama- : M náma- : Yaw nama ‘sonho’ : Ko namak ‘sonhar’ : Mt namaka-kin ‘sonhar’ : My -- : ‘soñar’.
257. *nama ‘abaixo, embaixo, sob’ : Ksh namã, (na'mi ‘interior, inside’ (ZARIQUIEY, 2011; SHELL, 1987)) : SK namã ‘abajo, debajo de’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp namán : Mar -namã ‘lugar de’ (KENNEL, 1978), namã ‘lugar, locativo’ (COSTA, 1992) : Ch nama, (na'má ‘bajo de, debajo de, en el suelo’ (ZINGG, 1998)) : Kax (nima'nu [ni'ma] ~ [nima'nu] ‘embaixo’ (COUTO, 2005)) : Yam namã ‘abajo’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar naman ‘abajo, debajo, bajo, suelo, piso’ : Shan naman ‘embaixo’ : Kat -- : Poy -- : A nãmã : Kn namã : M nãmã : Yaw **nimiri** ‘embaixo’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My --.
258. *rami ‘carne’ : Ksh nami : SK nami : Kp nami : Mar 'nami (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch nami ‘carne’ : Kax la'mi (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam nami, nãmi (EAKEN, 2008) : Chan nabi, dami : Shar nami, namin : Shan nami : Kat nami : Poy nãbi : A namí I : Kn nami : M nami : Yaw nami : Ko -- : Mt nami ‘carne’ : My nami [na'mi] ‘carne’.
259. *[n]a[n]i ‘jenipapo’ : Ksh nani : SK nani : Kp nani : Mar nani (CESARINO, 2008) : Ch 'nani ‘el bi (fruta que da uma pintura negra)’ : Kax -- : Yam -- : Chan dadî : Shar nani, nanin ‘huito (espécie de árbol)’ : Shan -- : Kat nani : Poy -- : A nani I : Kn nani : M nani : Yaw nani : Ko nani ‘nome próprio’ : Mt -- : My --.
260. *nan[i]- ‘colocar dentro, submergir’ : Ksh nani- ‘sumergir’ : SK nani- ‘ir o meter dentro de algo’ : Mar nani ‘dentro, colocar’ : Kp nani- ‘embarcar, poner en la canoa’ : Ch nani- ‘poner adentro’ (ZINGG, 1998) : Kax nami ‘dentro’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam nánî ‘poner en, meter’, nánî ‘subir a, meterse’ (FAUST; LOOS, 2012) : Chan -- : Shar naniî, nania

- ‘cargar, poner cosas en una canoa, un baúl o un cartón, etc., empreñar’ : Shan nani ‘levantar’ : Kat nani ‘por dentro’ : Poy -- : A nani- II ‘meter’ : Kn nani- ‘poner en el interior, poner en el fuego o al fuego’ : M nání : Yaw -- : Ko ninan ‘afogarse, submergir em água’ : Mt -- : My nan ‘poner, colocar, echar (algo)’, ninan ‘poner en líquido, poner en candela’.
261. *[n]apo ‘dentro, no centro’ : Ksh napo : SK napo ‘médula, dentro de’ : Kp napo ‘centro’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar naki ‘em, dentro’ : Ch -- : Kax -- : Yam na-, napo ‘centro’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar napo, napon ‘tuétano, médula’ : Shan -- : Kat -- : Poy dapu ‘tutano’ : A na- de naki, napiñ ‘en, en el centro’ : Kn napu ‘centro, meollo, médula’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My napi [n’api] ‘centro de una cosa, corazón de un objeto, cristalino (del ojo)’.
262. *[n]as[i]- ‘banhar-se, tomar banho’ : Ksh naji- : SK naji- : Kp naši- : Mar naši (CESARINO, 2008) : Ch aji- ‘bañarse’ : Kax -- : Yam naji (FAUST; LOOS, 2002) : Chan daji, naji : Shar naši, našia ‘bañarse, nadar’ : Shan naji : Kat naji : Poy -- : A naji- I : Kn naji- : M naji- : Yaw naji : Ko -- : Mt nes-kin : My nes ‘bañarse’.
263. *[n]aşβa ‘largo’ : Ksh našβá ‘ancho, como la abertura de un hueco’ : SK našβá ‘ancho y plano, como el río’ : Kp našβá ‘ancho y plano’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar našφa ‘ancho’ : Shan aşfua ‘boca’ : Kat -- : Yaw aşβa ‘boca’ : Poy dahβa ‘barriga’ : A naxwaa I ‘hueco, abierto’ : Kn našpa ‘anchura’ : M náşφã ‘anchura’ : Ko -- : Mt -- : My --.
264. *[n]atiş- ‘morder’ : Ksh natíš- : SK natíš- : Kp -- : Mar -- : Ch tişa- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A natix- I : Kn natíš- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
265. *[n]awa ‘estrangeiro’ : Ksh nɔɔ ‘enemigo, extraño’ : SK nawa ‘forastero, bárbaro, extranjero’ : Kp nawa ‘extranjero, salvaje’ : Mar nawa ‘estrangeiro’ (CESARINO, 2008) : Ch : Kax -- : Yam -- : Chan dawa ‘mestizo’ : Shar nawa ‘extranjero, mestizo’ : Shan nawa ‘homem branco’ : Kat -- : Poy dawa ‘estrangeiro, civilizado’ : A naa I ‘gente que usa ropa’ : Kn nawa ‘gente,

- extranjero, extraño’ : M nawa : [Yaw naua ‘branco’, nawa ‘povo’ \(SOUZA, 2013\)](#) : Ko -- : [Mt nawa ‘não índio’](#) : My -- : ‘gente que no es aborigen’.
266. *[\[n\]awa βaʔi ‘arco íris’](#) : Ksh [nɔ̃βai o nɔ̃βai](#) : SK [nawá βai ‘arco iris’](#) : Kp [nawa βaʔi](#) : [Mar na'wāvai \(ANONBY; HOLBROOK, 2010\)](#) : [Ch nawa βaʔi \(ZINGG, 1998\)](#) : Kax -- : Yam -- : [Chan nawa φai](#) : [Shar nawan φai](#) : Shan -- : Kat -- : Poy -- : [A nāā waʔi II](#) : Kn [nawā bai](#) : M [nāwa φai ‘arco iris’](#) : Yaw -- : Ko -- : [Mt nawa ‘não índio’ bai ‘caminho’](#) : My -- : ‘arco iris’.
267. *[\[n\]awi ‘capoeira, roça abandonada’](#) : Ksh [nāĩ ‘huerto o campo en actual uso’](#) : SK [náwi, nawi ‘purma’ \(LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993\), nawĩ](#); Kp [nawi ‘huerto abandonado o campo en su segundo cultivo’](#) : Mar -- : [Ch nawi ‘monte limpio’ \(ZINGG, 1998\)](#) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : [Shar nawi ‘denso, tupido \(vegetación de una chacra abandonada\)’](#) : Shan -- : Kat -- : Poy -- : [A nai I ‘hierbas malas, huerto o campo abandonado’](#) : Kn [nawi- ‘limpiar el área alrededor de las casas’](#) : M [nawi ‘huerto o campo viejo abandonado’](#) : [Yaw nauĩ ‘fumo’](#) : Ko -- : [Mt nawi ‘mato’](#) : My --.
268. *[\[n\]ia ‘jacamim \(esp. de pássaro\)’](#) : Ksh [nia](#) : SK [nia](#) : Kp [nia](#) : [Mar nia ‘jacamim’ \(CESARINO, 2008\)](#) : [Ch 'nia ‘yacamí’ \(ZINGG, 1998\)](#) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : [Shar nia, nian ‘trompetero \(esp. de ave\)’](#) : Shan -- : [Kat nia \[ne'aʔ\] ‘jacamim’](#) : Poy -- : [A nia I](#) : Kn [nia](#) : M [nia](#) : [Yaw nia \[ni'a\] \(SOUZA, 2013\)](#) : Ko -- : [Mt nia ‘tipo de pássaro’](#) : My --.
269. *[\[n\]iʔa- ‘unir, juntar’](#) : Ksh [nia-](#) : SK [nia-](#) : Mar -- : [Ch niʔa-](#) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : [Shar niai, niaa ‘pegar, unir, amarrar’](#) : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn [nia-](#) : M [níá](#) : Yaw -- : Ko -- : [Mt ni-kin ‘segurar, sustentar’](#) : My --.
270. *[\[n\]iʂa- ‘amarrar’](#) : Ksh -- : SK [niʂa-](#) : Kp [niʂa](#) : [Mar 'niʂa \(ANONBY; HOLBROOK, 2010\)](#) : [Ch niʂa-](#) : Kax -- : [Yam niʂi \(FAUST; LOOS, 2002\)](#) : Chan -- : [Shar niʂai, niʂaa](#) : [Shan niʂa](#) : [Kat niʂa-ai](#) : Poy -- : [A niʂa- II](#) : Kn [niʂa-](#) : M [níʂa-](#) : Yaw -- : [Ko niʂ-](#) ‘amarrar’ : [Mt niʂkin ‘amarrar, prender’](#) : [My niʂ ‘atar’](#).
271. *[\[n\]iʂ\[n\]iʂ ‘esp. de pássaro \(Shell \(1975 \[1965\] o describe como shansho\)’](#) : Ksh [niʂiʂ](#) : SK [niʂníʂ](#); Kp [niʂníʂ](#) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam [niʂiʂĩ](#) ‘Shansho(ERG.)’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : [Shar niʂiʂi, niʂiʂinin](#)

- ‘shansho (esp. de ave)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A nixix I : Kn nişış : M nişışi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : **My nişambo** ‘shansho’.
272. *riti ‘día’ : Ksh niti : SK niti : Kp niti : Mar -- : Ch -- : **Kax liti** [lɔ̃tə] (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A niti I : Kn -- : M -- : Yaw -- : **Ko nitin** : **Mt nitin** : My --.
273. *niC_c- ‘ficar em pé’ : Ksh ni-, (nits- ‘to stand up’, nirú-ti ‘stand, pararse’ (ZARIQUIEY, 2011)) : SK nií- : Kp ni- ‘caminar’ : **Mar niya** (ANONBY; HOLBROOK, 2002) : Ch ni- ‘ponerse de pie’, nii- ‘pararse’ (ZINGG, 1998) : **Kax nitfihi** (SOUSA, 2004) : **Yam ni-kĩ** ‘pararse’ (EAKEN, 2008) : Chan dii : **Shar nii, nia** ‘estar de pie, vivir’ : **Shan nia** [ni.'a] (SOUZA, 2013) : **Kat ni-ai** ‘estar em pé’ : Poy -- : A ni- I ‘ponerse de pie (sing.)’ : Kn ni- ‘ponerse de pie, caminar’ : M nii- : Yaw -- : **Ko nid-** ‘estar em pé’ : **Mt nid-kin** ‘estar em pé’ : **My nid** ‘estar parado (persona o animal), estar (en un lugar), ir, irse’.
274. *[n]iʔi ‘mata, floresta’ : Ksh nii, (ni ‘monte, bosque’ (SHELL, 1987)) : SK nii : Kp niʔi : **Mar nii** (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch niʔi : **Kax --** : **Yam nii** : Chan di mīran, ni mīran, dii mīran : **Shar nii, niin** ‘arbol’ : **Shan ni** : **Kat nii** : **Poy di** : A niʔi II : Kn ni : M ní : **Yaw ni** : **Ko --** : **Mt ni** ‘conjunto de árboles’ : **My ni** ‘planta venenosa (general)’, **nimēduc** ‘bosque primario’.
275. *[n]iβiC_c ‘brisa’ : Ksh niβí : SK niβí : Kn nibi : Mar -- : **Ch niʔbi, niʔbitfi** ‘rocío’ : **Kax --** : **Yam --** : Chan -- : **Shar niwi, niwin** ‘viento’ : **Shan nifu** ‘viento’ : **Kat niwi** ‘viento’ : Poy -- : A niwĩ I : **Kn niwi** ‘viento, aire, brisa’ (MONTAG, 1981) : M nífi : **Yaw niui** ‘viento’ : **Ko --** : **Mt --** : **My nibed** [niʔbed].
276. *[n]iβo ‘lacraia, escorpião’ : Ksh (niβāta ‘escorpión’) : SK niβo : Kp niβo : Mar -- : Ch niβo ‘hormiga grande’ (niβo ‘alacrán’ (ZINGG, 1998)) : **Kax --** : **Yam --** : Chan -- : Shar -- : Shan -- : **Kat niβu** ‘lacraia’ : Poy -- : A niwo II ‘escorpión’ : Kn nibu : M nífo : **Yaw nihu** ‘escorpião’ : **Ko --** : **Mt --** : **My --**.
277. *[n]ĩka ‘escurtar, ouvir’ : Ksh -- : SK nĩka- : Kp ninka- ‘oír’ : **Mar nĩkãã** (ANONBY; HOLBROOK, 2002) : Ch nika- ‘oír’ : **Kax --** : **Yam nika** (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : **Shar nikai, nika** : **Shan ninka** : **Kat**

- ninka-tai : Poy -- : A ñika- II : Kn ñika- ‘oír, obedecer, estar vivo’ : M níka- : Yaw nika : Ko -- : Mt -- : My --.
278. *[n]i[n]- ‘arrastar’ : Ksh ñĩ ‘halar’; SK nini- : Kp nini- : Mar -- : Ch nini- ‘jalar’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar nini, ninia ‘jalar, estirar’ : Shan nini ‘puxar’ : Kat -- : Poy -- : A niñi- I ‘quitarle a alguien’ : Kn nini- ‘arrastrar, halar, tirar flecha’ : M níni- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My nin ‘llevar arrastrando’.
279. *[n]iska[n]- ‘suar’ : Ksh -- : SK niskã- : Kp nikã- : Mar -- : Ch niska- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar niskai, niskaa ‘sudar, transpirar’ : Shan niska : Kat -- : Poy -- : A niskã- II : Kn niskã : M nískãĩ- : Yaw niskan : Ko -- : Mt (niṭṣan ‘suor’) : My (itʃak [itʃak] ‘sudor, sudar’).
280. *[n]isi : Ksh nisi ‘esp. de palmeira’ : SK niʃi : Kp niʃi : Mar -- : Ch niʃi ‘hamaca’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A niʃi I : Kn niʃi : M niʃi ‘parra’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
281. *[n]iʃ- ‘aborrecer-se’ : Ksh niʃ- ‘estar enojado’ : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar niṣmai, niṣmaa ‘calmarse’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A niʃmaa- II ‘estar quieto’ (-ma negativo, juego 493) : Kn : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My niʃ [niʃ] ‘enojarse, molestarse’.
282. *[n]iwi ‘vento’ : Ksh ñĩ²³⁰ ‘temblor’ (soño ‘viento’) : SK niwi : Kp niwi ‘viento’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar niwi, niwin ‘viento’ : Shan nifu ‘vento’ : Kat niwi ‘vento’ : Poy -- : A niyi II ‘viento’ : Kn niwi ‘viento’, niwi ‘soplar’ : M niwi- ‘soplar (el viento)’, níwi ‘viento’ : Yaw niui ‘vento’ : Ko -- : Mt -- : My --.
283. *no[-] ‘nós, nos’ : Ksh no- : SK no- : Kp no- : Ch no, no- ‘nosotros’ A no- : Kn nu- : M no-, noko : Ko nukmi ‘nós, nosso’ : Mt nuki ‘nós, nosso’.
284. *[n]oa- ‘profundo’ : Ksh -- : SK noa- ‘taladrar horizontalmente’, (nóa ‘punzar con algo pontiagudo’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993)) : Kp noa ‘pozo (hondura en la vuelta de un río)’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam noa ‘profundo’ (EAKEN, 2008) : Chan doa ‘profundo,

²³⁰ “Probablemente de *niwi más el morfema instrumental de nasalización vocálica y cambio de acento, ver juego 209 y nota 69.” (SHELL, 1975 [1965])

- hondo' : Shar noa 'profundo, hondo' : Shan -- : Kat nua 'rio' : Poy du 'furar' : A -- : Kn nua- 'insertar, profundo' : M -- : Yaw nua 'fundo' : Ko nua 'grande' : Mt -- : My nua [nwá] 'grande, ancho, grueso, gordo, mucho' : 'insertar, profundo'.
285. *[n]oʔtʃo 'esp. de caramujo' : Ksh notʃo : SK notʃo : Kp noʔtʃo : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar notʃo, notʃon : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A notʃo II : Kn nutʃu : M nóʃó : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
286. *noʔir 'minhoca' : Ksh nõĩ : SK noín, nóiman 'lombriz' (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp noʔín : Mar nuĩ 'minhoca' : Ch noʔini, noʔi 'el bicho (parásito), la lombriz, el gusano' : Kax /nʰu'li/ [nʰu'li] 'verme' (COUTO, 2005), u'li [o'li] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar noin, noinin 'lombriz, gusano' : Shan nui 'verme, nuin 'minhoca' : Kat noin 'minhoca' : Poy nõy 'minhoca' : A nõĩ I : Kn nõĩ; M nõi : Yaw -- : Ko -- : Mt nowen 'verme' : My nuen [nwén] 'gusano'.
287. *[n]oβo 'esp. de caramujo' : Ksh noβo : SK -- : Kp -- : Mar novo (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A nowo II : Kn nubu 'caracol grande de río' : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
288. *[n]o[i] 'gostoso, delicioso' : Ksh -- : SK noi : Kp nowi : Mar noi 'cheiro' : Ch noa 'delicioso' : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat-- : Poy -- : A nowi II 'sabroso, de frutas, nueces' : Kn nui 'delicioso' : M -- : Yaw -- : Ko nui 'gostoso, saboroso' : Mt -- : My nui 'delicioso'.
289. [n]oi- 'amar, gostar' : Ksh noi- 'amar, seguir' : SK noi- 'amar' : Kp noi-kin 'amar, querer' (LOOS; LOOS, 1998) : Mar ñ noi favo 'minha esposa amada' : Ch noi 'amar' : Kax -- : Yam noi-kĩ 'amar' (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar noi, noia : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A nowi 'ser amigable' : Kn nui- 'tener simpatía a alguien' : M noikásmá- 'enemigo', nói : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
290. *[n]oka- 'apagar' : Ksh -- : SK noka- : Kp nokaʔi 'apagarse' (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch noka- 'apagarse (el fuego)', nokawa- 'apagar (el fuego)' : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar nokai, nokaa 'apagar luz (fuego o vela)' :

- Shan nuka ‘apagar’ : Kat -- : Poy -- : A noka- II : Kn nuka- : M nóká ‘apagar el fuego o la luz’ : Yaw nuka ‘apagado’ : Ko -- : Mt -- : My --.
291. *[n]on[a]- ‘nadar’ : Ksh nun-ti ‘canoa’ (SHELL, 1987) : SK nono : Kp nona- : Mar ‘nuna ‘nadar’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch nono- ‘nadar, flotar’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam nono ‘flotar’ : Chan -- : Shar nonoi, nonoa ‘flotar, estar flojo’ : Shan nunu ‘boiar’ : Kat nuna-ai ‘nadar’ : Poy -- : A nónti ‘canoa’ (HYDE, 1980) : Kn nuna- : M -- : Yaw nunu [nu'nu] ‘boiar’ (SOUZA, 2013) : Ko nun- ‘nadar’ : Mt nunkin ‘nadar’ : My (nuad ‘flotar’). (A forma nuna de Kn não aparece no dicionário de Montag, apenas nono).
292. *nono- : Ksh (miño- ‘nadar’) : SK nono- ‘nadar’ : Ch nono- ‘nadar’ Kn nono- : M nóno ‘flotar’.
293. *rorom ‘pato’ : Ksh nonõ : SK nonõ : Kp nonón : Mar -- : Ch no'noma, no'no ‘pato’ (ZINGG, 1998), nonóma : Kax lulu'ma : Yam -- : Chan nono : Shar nonon, nonoman : Shan nunun : Kat nunun : Poy nũnũ : A nõnõ I : Kn nũnũ : M nõnõ : Yaw nunun : Ko -- : Mt -- : My --.
294. *[n]õti ‘canoa’ : Ksh nõti : SK nõti : Kp nonti : Mar -- : Ch notí : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat nunti : Poy -- : Kn -- : A nõti I : M noti : Yaw -- : Ko nunte ‘canoa’ : Mt nunte ‘canoa’ : My nunte ‘canoa grande usada para hacer canoas provisionales, canoa provisional’.
295. *[n]o[ya]- ‘voar’ : Ksh noã : SK noya- : Kp noya- : Mar ‘nuya : Ch noya- : Kax -- : Yam yoya (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar noyai, noyaa : Shan nuya : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn nuya- : M noya- : Yaw nuia : Ko -- : Mt -- : My --.
296. *ho- ‘vir, chegar’ : Ksh o- : SK ho- : Kp ho- : Mar ũă (COSTA, 1992) : Ch ho- : Kax hu- (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam o-kĩ ‘venir’ (EAKEN, 2008) : Chan oi : Shar oi, oa : Shan u- ‘vir, chegar’ : Kat hu-ai ‘chegar’ : Poy -- : A ho- : Kn hu- : M ó- : Yaw u- ‘vir’ : Ko (tfo ‘vir’) : Mt (tfo ‘vir’) : My (tfo ‘venir’).
297. *hoa ‘flor’ : Ksh oa : SK hoa : Kp hoa : Mar ‘vimi ‘ua (ANONBY; HOLBROOK, 2010), owa (CESARINO, 2008) : Ch hoa ‘flor’ (LOOS;

- LOOS, 1998), niʔi hoa : **Kax hihu'wa [hifu'wa]** (LANES, 2005) : Yam -- : Chan oa : Shar oa, oan : Shan -- : **Kat hua [hu'aʔ]** (BARROS, 1987) : Poy -- : A howa I : Kn hua : M oa : Yaw ua : Ko -- : Mt -- : My --.
298. *hōtsis ‘garra, unha’ : Ksh ʔōtsís ‘uña, garra, casco’, SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch 'hotsisi, 'hotsis (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam otsis, otsisi ‘uña del dedo del pie’ : Chan otsis : Shar otsisi, otsisin ‘uña del dedo del pie’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hōtsis I ‘uña del dedo del pie’ : Kn hũtsis ‘uña del dedo del pier, garra’ : M ótsisi : **Yaw utsisi [utsi'si]** ‘unha do pé’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ko -- : Mt -- : My --.
299. *hoi ‘fala, voz, palavra’ : Ksh -- : SK hoi ‘mensaje, expresión, palabra’ : Kp hoi ‘habla, voz, palabra’ : Mar -- : Ch hoy : **Kax huya-hi [ɦuɟa'ɦi]** ‘dizer, falar’ (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar oi, oin ‘voz’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A howi ‘palabra, habla’ : Kn hui : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
300. *hoin ‘respirar’ : Ksh oĩ- ‘respirar’ : SK hoĩ- ‘respirar, expeler aire’ : Kp hoín ‘soplar, respirar’ : Mar -- : Ch hoi- ‘querer descansar en vez de continuar (haciendo algo)’ : **Kax huĩwe'hi [ɦuĩwe'ɦi]** ‘respirar’ (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A hōwĩ- ‘descansar’ : Kn hũidukũ- ‘descansar’, hũĩsĩ- ‘respirar’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
301. *hoi[n]ti ‘coração’ : Ksh -- : SK hoĩti : Kp hoínti : Mar 'winti (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch hoití : **Kax -- : Yam oĩti, oĩtiñĩ** : Chan ointi : Shar ointi, ointinin : Shan uinti : **Kat winti** : Poy -- : A hōwĩti II : Kn hũiti : M oĩti : **Yaw ũiti** : **Ko winte ‘coração’** : **Mt winte ‘coração’** : **My uinte [win'te]**.
302. *hon[ɨ]- ‘esconder’ : Ksh oni- : SK honi- : Kp honi- : Mar -- : Ch honi- : **Kax hona-hi ‘esconder’** (SOUSA, 2004) : Yam -- : Chan -- : Shar oni, onia ‘robar, esconder’ : Shan oni ‘robar’ : **Kat huni-ti** : Poy -- : A honi- I : Kn huni- : M óni- : Yaw -- : **Ko ompo ‘robar, esconder’** : **Mt onpo-kin ‘robar, esconder’** : **My ompo [om.'po]** ‘esconder’.
303. *honi ‘homem, humano’ : Ksh oni : SK honi : Kp honi : Mar oni ‘homem’ (CESARINO, 2008) : Ch honi : **Kax huni ‘homem’** (VALENZUELA;

- OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar **onikoin**, **onikoinin** ‘Sharanahua (gente verdadeira)’ : Shan -- : Kat huni ‘homem’ : Poy ũdi ‘gente’ : A honi I : Kn huni : M oni : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
304. *ho[n]o ‘esp. de queixada (porco do mato)’ : Ksh õkĩ : SK hono : Kp hono : Mar ‘unu (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch hono : Kax (jibu’lu ‘queixada’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012)) : Yam -- : Chan -- : Shar ono, onon ‘sajino’ : Shan unu ‘porco’ : Kat hunu [hu'no?] ~ [xu'no?] ‘porco’ (BARROS, 1987) : Poy ũdu ‘caititu, porquinho’ : A hono II : Kn hunu yawa : M óno : Yaw unu ‘bicho de caça’ : Ko **unkin** : Mt **unkin** ‘caititu’ : My **unkin** [uŋ.'kin] ‘jabalí menor, sajino’.
305. *hofin ‘vermelho’ : Ksh -- : SK hofĩ : Kp hofin, hofini ‘rojo’ (LOOS; LOOS, 1998), hofini ‘rojo’ : Mar ũjĩ-ga ‘vermelho’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch jini, tʃifĩni ‘rojo’, (jini ‘rojo’, tʃifi, tʃifini ‘la pluma roja o el plumón rojo de la cola de um ave’ (ZINGG, 1998)) : Kax puʃi [puʃi] (LANES, 2005) : Yam ofĩ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oʃi, ofi nipa : Shar ofin : Shan uʃin (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008) : Kat ũji [õŋʒiʔ] (BARROS, 1987) : Poy -- : A wĩfĩ I ‘rojo’ : Kn huʃĩ ‘rojo, maduro’ : M ófĩ : Yaw uʃĩ : Ko **jinte** ‘urucum’ : Mt jin ‘amarelo’ : My jin ‘rojo’. (Ver também a etimologia 319. *pãjini).
306. *hoʃo ‘branco’ : Ksh oʃo : SK hoʃo : Kp hoʃo : Mar **uʃu**-ka : Ch hoʃo : Kax bakuʃu [βakuʃu] (LANES, 2005) : Yam oʃo (FAUST; LOOS, 2002) : Chan oʃo-pa, oʃo-pa : Shar oʃo : Shan uʃi ‘branco’ (RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008) : Kat uʃu ‘branco’ : Poy uhu : A hoxo I : Kn huʃupa : M óʃópá : Yaw uʃu : Ko -- : Mt -- : My uʃu [uʃu].
307. *paʔtsa- ‘lavar’ : Ksh patsá : SK patsá- : Kp paʔtsá- : Mar -- : Ch patsa- : Kax (paʃa ‘bater, dar um tapa’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012)) : Yam patsa ‘lavar (la ropa)’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar patsain, patsaan ‘lavar ropa’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A patsa- II : Kn patsa- : M pátsã- : Yaw patsa ‘bater’ : Ko -- : Mt -- : My --.
308. *paʔin- ‘embebedar-se, bêbado, embriagado’ : Ksh pãĩ : SK pãĩ- : Kp paʔin- : Mar pai ‘droga, veneno’ : Ch paʔi- : Kax -- : Yam pai ‘venenosa’ (FAUST;

- LOOS, 2002) : Chan -- : Shar *paì*, *paìn* ‘dolor, gripe’, *paian* ‘borracho’ : Shan -- : *Kat pain-ki* ‘gripe’ : Poy -- : A *pãĩ-* II : *Kn paì-inkiki* (*paì*) ‘emborracharse, estar borracho por haber tomado ayahuasca’ (MONTAG, 1981), *paì* ‘veneno, venenoso, borracho’ (MONTAG, 1981), *pãĩ-* : M *pãĩ-* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My *paì* [*paì*] ‘fuerte (por ejemplo, picante, fermentado, contenido con mucho alcohol), potente (tabaco que hace marear, veneno mortal, animal muy venenoso), doloroso, fermentarse’.
309. **paβì* ‘surdo’ : Ksh *paβì* : SK *paβì* : Kp *paβì* : Mar -- : Ch *paβiṣa*, *paβiṣ* ‘cera del oído’ : Kax -- : Yam (*papisakiñ*, *papisikiñ* ‘perforarse la oreja’) : Chan -- : Shar -- : Shan -- : *Kat* (*paβì* ‘brinco’, *paβiṣ* ‘cera do ouvido’) : Poy -- : A -- : *Kn pabidu* ‘arete hecho de una concha o un caracol, que se utilizaba en las orejas’, *pabidu* ‘agujerearse las orejas’ : M -- : Yaw -- : Ko *paβiṣan* ‘orelha’ : Mt (*papuṣan* ‘orelha’) : My --.
310. **paβĩki* ‘ouvido (provavelmente *paβì* (orelha) + n (gen.) + *kini* (buraco) = buraco da orelha)’ : Ksh *paβí* : SK *paβĩki*, *paβĩkinin* ‘oreja, oído’ (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp *paβĩnki* : Mar *paβì* ‘brinco tradicional’ : Ch *paβiri-* ‘mover las orejas para escuchar’, *paβiriṣ* ‘raspar(se) las orejas’, *paβismahua* ‘mover la oreja’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *paβiki*, *paβikin* ‘oreja’ : Shan *paβĩnki* : *Kat* *paβì* ‘brinco’ : Poy *paβĩki* : A *pãwĩki* II : *Kn paβĩki* : M *paβiki* : Yaw *paβĩnki* hui ‘ouvido’, *paβĩnki* ‘orelha’ : Ko -- : Mt -- : My *paβiate* [*pa.byá.te*].
311. **paka* ‘esp. de taboca (bambu)’ : Ksh *paka* : SK *paka* : Kp *paka* ‘bambú, marona (esp. de bambú muy espinhoso)’ : Mar *paka* ‘arpão’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch *paka* : Kax *pa'ka* [*pa'ka*] ‘taboca’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan *paka* ‘taboca’ : *Kat* *paka* ‘espada, lança’ : Poy -- : A *paka* I : *Kn paka* : M *paka* : Yaw *pakamaiti* ‘chapéu feito de taboca’ : Ko -- : Mt *paka* ‘lança’ : My --.
312. **pakit-* ‘cair’ : Ksh *nipakit* ‘fall’ (ZARIQUIEY, 2011) *nipat* ‘throw down’ (ZARIQUIEY, 2011), *nipá-* ‘dejar caer’, *nipaki* ‘caer’ : SK *paki-* ‘caer’ : Kp : Ch *paki-* : Mar *pa'kia*, *pa'kika'wā* (ANONBY; HOLBROOK, 2010), *pa'kia* [*pa'küā*] ‘cair’ (COSTA, 1992) : Kax -- : Yam *páki* ‘caer(se), *pákí* ‘hacer

- caer a outro' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar pakii, pakia 'caer' : Shan paki 'cair, derrubar, empujar' : Kat paki-ai 'derrubar', paki-tai 'cair' : Poy -- : A pakii- I : Kn paki- : M páki- : Yaw paki 'cair' : Ko pakit 'cair' : Mt pakid- 'cair do alto' (FERREIRA, 2005) pak- 'cair de algum lugar estando acima do chão' (FERREIRA, 2005) : My pa'id 'caerse'.
313. *pai[n]o 'esp. de tatu' : Ksh paĩ : SK pano : Kp -- : Mar pano yoĩ 'espectro do tatu canastra' (yoĩ 'espectro, fantasma') : Ch -- : Kax -- : Yam panoḟã 'esp. de armadillo' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat panu 'tatu canastra' : Poy -- : Yaw panu 'tatu canastra' : A pano I : Kn panu yaij : M pano : Ko -- : Mt -- : My panu [pa'nu] 'armadillo gigante'.
314. *pa[ʔ]o[t] 'enfeite de orelha, brinco' : Ksh -- : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch paʔokí 'oído, arete, hueco en el lóbulo de la oreja' : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A pao 'hueco en el lóbulo de la oreja', (páoo, páopán 'hueco que se hace en el lóbulo de la oreja' (HYDE, 1980)) : Kn pau 'adorno de la oreja' : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt paud 'enfeite utilizado nas orelhas' : My paud 'caracol acuático grande, adorno de las orejas'.
315. *papa 'pai' : Ksh papa 'padre' : SK papa : Kp papa : Mar 'papa (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch pápa, ipa, ipa 'padre' : Kax ipa [i'pa] (COUTO, 2005), i+ipa [i'pa] (LANES, 2005), pa (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam ipa, ipã 'papá, tío paterno' : Chan ipa : Shar ipa, ipan 'mi papá, mi tío paterno, mi hijo (voc. Utilizado por el padre o el tío paterno)' : Shan ipa : Kat papa : Poy ipa 'pai' : A papa II 'tío paterno, título de respeto, padre del hablante masculino', ipa : Kn ipa 'padre, también término de respeto para los hombres ancianos' : M ípá : Yaw apa (De Paula, 2004), a-pa 'pai dele', nukĩ ipa 'nosso pai', min ipa 'seu pai' (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My papa [pa'pa], pa 'padre'.
316. *para[n]- 'enganar' : Ksh parã- : SK parã- : Kp parán- : Mar parã 'enganar' (CESARINO, 2008) : Ch para- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar parai, paran 'engañar' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A pãrã- II : Kn padã : M párã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

317. *paṛo ‘rio’ : Ksh parōpapa ‘río grande, mar’ : SK paro ‘río’ : Kp paro ‘Ucayali’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A paro I : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt (padu poṣo ‘Choari’ (Rio Coari?)) : My padu [paʻru] ‘río grande’ : ‘río’.
318. *pa- ‘ouvido (prefixo parte do corpo)’ *rono- ‘pedurar’ : Ksh -- : SK paronoti ‘arete’ : Kp paronoʔti ‘aretes, algo que cuelga de la oreja’ : Mar ronō ‘pendurado’ (CESARINO, 2008) : Ch parota ‘colar una cosas a la oreja de otra persona’, parotamiti ‘el arete en las orejas’ : Kax -- : Yam rotā ‘colgar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar parotamiti, parotamitinin ‘arete’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A parorōti I ‘arete’ : Kn dunu- ‘colgar de’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
319. *pājin ‘amarelo’ : Ksh pājĩã : SK pājĩ : Kp : Mar -- : Ch jini ‘rojo, maduro’, paʃi- ‘colorearse, pintonearse’ (ZINGG, 1998) : Kax jini [jʻini] (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar paṣi ‘pálido’ : Shan paṣin ‘amarelo’ : Kat (manʃin ‘amarelo’) : Poy pājĩ ‘amarelo’ : A pājĩ I : Kn paʃĩ ‘ictérico’ o paʃinipa ‘amarillo, pálido’ : M pājĩ : Yaw paʃin ‘amarelo’ : Ko jinte ‘urucum’ : Mt jin ‘amarelo, laranja’ (FERREIRA, 2005) : My --; ‘amarillo’. (Ver también a etimología 305. *hoʃini).
320. *paṣa ‘novo, fresco, cru’ : Ksh paṣa : SK paṣa : Kp paṣa : Mar paṣa ‘fresco, novo’ (CESARINO, 2008) : Ch paṣa : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar paṣa ‘crudo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A paxa II : Kn paṣa : M páśá ‘crudo, verde’ : Yaw paʃa : Ko -- : Mt paṣa ‘novo’ : My --.
321. *paṣko : Ksh paṣko ‘rama del árbol’ : SK paṣko ‘rama pequeña que retoña de un tallo’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993), (significado parece oscuro, posiblemente ‘tributario’) : Kp -- : Mar (jãko ‘broto’ (CESARINO, 2008)) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A paxko II : Kn paṣku ‘quebrada’ : M páśkó ‘riachuelo’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
322. *pātot ‘surdo’ : Ksh pato ‘sordo’ : SK pāto ‘sin oído’ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A pāto II ‘sin

- oído' (pata II 'sordo') : Kn *pātu*²³¹ 'sem orelha' (pata 'sordo') : M *pátó* 'sin oído' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : *My pandud* [pan.'dud] 'persona o animal sin oreja o sin orejas, animal sin cuernos'.
323. *paya- 'abandar' : Ksh -- : SK *paya-* 'abanicar' : Kp *payati* 'un abanico' : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan : *Shar payati, payatinin* 'abanico' : Shan -- : Kat-- : Poy -- : A *payati II* : Kn *paya-* 'abanicar' : M *páiyatí* 'un abanico' : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
324. *payo 'podre' : Ksh -- : SK *payo* : *Kp payo* 'podrido' (LOOS; LOOS, 1998) : Ch -- : A *payo II* : Kn -- : M *páyókoa* : Mar -- : Kat *payu* 'podre' : Shan -- : Yaw -- : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : *Shar payokoa* 'podrido, fermentado' : Ko -- : Mt -- : My --.
325. *piʔi 'asa, pena' : Ksh *pii* (también *pítʃi*) : SK *pii* 'hoja, pluma' (*pítʃi-* 'dar la espalda a, asolearse') : Kp *piʔi* : Mar *pii* (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch *piʔi* 'ala, pluma, hoja' : Kax *piʔi* [piʔi] (COUTO, 2005; LANES, 2005) : Yam *pii, pĩ* 'pluma' (EAKEN, 2008) : Chan *pii* : *Shar pii, pĩn* 'hoja, pluma' : Shan *pij* 'folha, pena' : Kat *pii* 'folha' : Poy *puy* 'pena' : A *piʔi II* : Kn *pii* : M *pií* : Yaw *pii* [pi.'i] 'folha' : Ko -- : Mt *pii* 'asa, folha' : My *pi-* 'brazo, pluma, rama, hoja'.
326. *pi- 'comer' : Ksh *pi-* 'comer' : SK *pi-* : Kp *pi-* : Mar *pia* [pĩă] (COSTA, 1992) : Ch *pi-* 'comer' : Kax *pi-* (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *pi-kĩ* 'comer' : Chan *pii, pi-* : *Shar pii, pia* 'comer' : Shan *pi* : Kat *pi-* : Poy *pi, pĩ* : A *pi-* I 'comer o moder carne' : Kn *pi-* 'comer' : M *pi-* 'comer, morder' : Yaw *pi* : Ko *pe* : Mt *pe* : My *pe*.
327. *piʔak 'sobrinho, filho da irmã' : Ksh *piaka* 'hijo(a) de la hermana de un hombre' : SK *piá* 'hijo(a) de la hermana de un hombre' : Kp *piʔafa* 'sobrino' : Ch *piʔáka* 'sobrino', *piʔaka, piʔa* 'sobrino, sobrina' (ZINGG, 1998) : A *piʔaa II* 'hijo de la hermana de un hombre' : Kn -- : M *piá* : Mar -- : Kax -- : Yam *pia* [pia] 'sobrino de un hombre' : Chan -- : *Shar pia, piakan* 'sobrino de hombre' : Shan -- : Kat *pia* 'sobrinha' : Poy *piatis* 'sobrinha' : Yaw -- :

²³¹ Segundo Joaquim Kaxinawá (comunicación pessoal) *pātu* significa sem orelha e não 'sin oído', como registrado por SHELL (op. cit.). A palavra para surdo é *pata* em Kaxinawá. Ademais, ele não reconhece a forma *padu*, que havia sido registrada por SHELL (op. cit.) como forma alternativa para *pātu*.

- Ko piak ‘sobrinho’, Mt piak ‘sobrinho’, My piak ‘sobrino cruzado de hombre’.
328. *pia ‘flecha’ : Ksh pia ‘flecha’ : SK pia ‘flecha’ : Kp piʔa ‘arco’ (posiblemente de *pia ‘flecha’ + *ʔa- hacer’, juego 1) : Mar -- : Ch pia ‘flecha’ : Kax piʔya [piʔja] ‘flecha’ (LANES, 2005) : Yam pia, piã ‘flecha’ : Chan pia : Shar pia, pian ‘flecha’ : Shan pia ‘flecha’ : Kat pia ‘flecha’ : Poy -- : A piya I : Kn pia ‘flecha’ (haji ‘lanza, arpón, lanza’) : M pia (también káʔiti) : Yaw pia ‘flecha’ : Ko pia ‘arco’, Mt pia ‘arco’, My pia ‘caña cultivada por los Matsés utilizada para harcer flechas’.
329. *pitso ‘periquito’ : Ksh -- : SK pitso : Kp pitso : Ch pitso ‘la cotorita (clase de lorito verde)’ : A pitsó I : Kn pitsu : M pitso : Mar -- : Kat pitsu ‘periquito’ : Shan pitsu ‘periquito’ : Yaw pitsu ‘periquito’ : Poy -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar pitso, pitson ‘pihuicho, perico’ : Ko -- : Mt pitʂu ‘espécie de papagaio’ : My -- : ‘perico, loro pequeño’.
330. *pi[n]o ‘beija-flor’ : Ksh pino : SK pino : Kp pino : Mar pinu (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch pino : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar pino, pinon ‘picaflor’ : Shan pinu : Kat piñu [piʔoʔ] (BARROS, 1987) : Poy -- : A pino II : Kn pinu : M pínó : Yaw pinu : Ko -- : Mt pinu ‘beija-flor’ : My pinu ‘colibrí’.
331. *pisa ‘esp. de tucano’ : Ksh pisa : SK pisa : Kp pisa ‘tabaquero (esp. de tucán)’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax pisa ‘tucano pequeno’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar pisa, pisan ‘pinsha, tucán’ : Shan -- : Kat -- : Poy pisa ‘araçari’ : A pisá I : Kn pisa : M pisa : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
332. *pisi ‘fedido, fedor’ : Ksh pisi : SK pisi : Kp pisi ‘hediondo, podrido’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar pisia (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch pisi : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar pisi, pisia ‘heder, apestar’ : Shan -- : Kat pisi-ai ‘feder’ : Poy -- : A pisí I : Kn pisi : M pisi : Yaw -- : Ko pisaʔale ‘cheiro, fedor’ : Mt pisi ‘coisa podre, fedor’ : My pisi ‘mal olor, algo apestoso’.

333. *pisika ‘esp. de cobra’ : Ksh piská : SK piská : Kp piska ‘afaninga (esp. de culebra)’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy piskã ‘marimbondo, caba’ : A -- : Kn pisika (pisi- ‘silbar (como la serpiente)’): M pískã : Yaw -- : Ko -- : Mt piskaden ‘colar de coquinho’, piskaden boiunwate ‘esp. de lacraia’ : My --.
334. *piĵa ‘bolsa pequena (?)’ : Ksh piĵa : SK piĵa : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A piĵa I : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
335. *piĵi[n] ‘esteira’ : Ksh piĵí : SK piĵí : Kp piĵín : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam : Chan -- : Shar pişin, pişinpan ‘estera’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A piĵí II : Kn piĵí; M píĵí : Yaw piĵin ‘esteira’ : Ko -- : Mt -- : My --.
336. *pistia ‘pequeno’ : Ksh -- : SK : Kp (piĵká ‘pequeno’) : Mar -- : Ch pistia ‘pequeno’ : Kax piste [pistɛ] (COUTO, 2005) : Yam piĵta ‘pequeno, poco’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar fakişta ‘pequeno, chico’ : Shan -- : Kat piĵtĵa ‘pequeno’ : Poy -- : A piĵta II ‘pequeno’ : Kn -piĵta ‘diminutivo’ (por ejemplo, bakipíĵta ‘niño pequeno’) : M fákíĵtá ‘niño pequeno’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My pistsik [pis.tsik] ‘pequeno, chico, poco’.
337. *piti ‘comida (coisa de comer)’ : Ksh piti : SK piti ‘alimento de carne’ : Kp piti : Mar piti [pĩtĩ] ‘comida’ : Ch pití ‘alimento de animales’ : Kax -- : Yam pitiĵo ‘comida’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan piti ‘diente’ : Shar piti, pitin ‘diente, comida’ : Shan piti : Kat piti : Poy -- : A piti (también hiriti II) ‘alimento’ : Kn piti : M pití ‘maíz, diente, bebida’ : Yaw piti : Ko -- : Mt pete ‘comida’ : My pete ‘comida’.
338. *poʔi- ‘fezes’ : Ksh poi- : SK poi ‘heces’ : Kp poʔi- : Mar poi ‘fezes’ (CESARINO, 2008) : Ch poʔi- ‘defecar’ : Kax puĩ kili [puĩkiʔli] ‘ânus’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan poi ‘excremento, caca’ : Shar poi, poia ‘defecar’ : Shan -- : Kat pui ‘excremento’ : Poy -- : A poʔi- II ‘defecar’ : Kn pui- : M pói ‘heces’ : Yaw puinki [puĩki] (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ko -- : Mt pui ‘fezes’ : My puikon [pwí.kon].
339. *poa ‘esp. de tubérculo (inhame?)’ : Ksh poa : SK poa : Kp poa : Mar ‘pua ‘cará’ : Ch poa : Kax pua [pu'a] ‘cará’ : Yam -- : Chan -- : Shar poa, poan

- ‘papa, sachapapa’ : Shan -- : Kat pua ‘inhome’ : Poy -- : A powa II : Kn pua : M poa : Yaw -- : Ko -- : Mt poa ‘tipo de batata’ : My -- : ‘papa, tubérculo parecido a la papa’.
340. *poi ‘irmã ou irmão do sexo oposto’ : Ksh poi : SK poi : Kp poi : Ch poi ‘hermano, hermana mayor de sexo diferente’ : A powí I : Kn pui : M poi : Mar -- : Kax -- : Yam poi, põi ‘hermano de mujer, hermana de hombre’ : Chan -- : Shar poi, poin ‘su hermano (de ella), su hermana (de él)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
341. *poko ‘intestino, barriga’ : Ksh poko : SK poko : Kp poko : Mar poko ‘intestino delgado’ (CESARINO, 2008) : Ch poko : Kax -- : Yam -- : Chan poko ‘tripa’ : Shar poko, pokon ‘intestino, tripas’ : Shan puku ‘intestino’ : Kat puku ‘tripa’ : Poy -- : A poko II : Kn puku : M pókó : Yaw puku ‘tripas’ : Ko -- : Mt puku ‘barriga’ : My puku ‘panza, tripas (estómago e intestinos)’.
342. *pono ‘veia’ : Ksh pono : SK pono : Kp pono : Mar pono ‘artérias’ (CESARINO, 2008) : Ch pono : Kax pu’nu ‘veia’ (SOUSA, 2004) : Yam -- : Chan podo : Shar pono, ponon ‘vena, arteria, nervio, ligamento, alambre, hilo, cordón’ : Shan -- : Kat punu ‘veia’ : Poy pũdu ‘veia’ : A ponó I : Kn punu : M pono : Yaw -- : Ko punu ‘veia, corda’ : Mt punu ‘veia, elástico’ : My punu ‘veia, artéria, canal de bilis’.
343. *popo ‘esp. de coruja’ : Ksh popo : SK popo : Kp popo : Mar pupu ‘coruja’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch popo : Kax ‘pupu (SOUSA, 2004) : Yam -- : Chan -- : Shar popo, popon ‘lechuza’ : Shan -- : Kat pupu ‘coruja’ : Poy -- : A popó I : Kn pupu : M popo : Yaw pupu [pu’pu] ‘coruja’ (SOUZA, 2013) : Ko pupu : Mt pupu ‘coruja’ : My pupu ‘palabra general para lechuzas medianas y pequeñas’.
344. *posi[n] ‘esp. de preguiça’ : Ksh pošĩ : SK põĩ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan pusan [pu’sẽ] : Kat punsi : Poy -- : A pošĩ I : Kn -- : M pósĩ : Yaw -- : Ko pusin ‘esp. de preguiça’ : Mt pusin ‘preguiça real’ : My posin ‘peresozo de dos dedos’.
345. *poşko ‘tornozelo’ : Ksh -- : SK -- : Kp tapo]ko : Mar tapuşi [ta’puşi] ‘tornozelo’ (CABRAL; RODRIGUES, 2010) : Ch (hopotó) : Kax -- : Yam

- opoşko, opoşkono ‘tobillo’ (EAKEN, 2008) : Chan opoşko : Shar opoşko : Shan -- : Kat tapuşku ‘osso do tornozelo, tornozelo’ : Poy -- : A hopoşko II : Kn hupúfku : M ópoşko, rápoşko : Yaw upuŋku [upuŋku] ‘tornozelo’ : Ko -- : Mt -- : My --.
346. *pota- ‘jogar, abandonar’ : Ksh po- : SK pota- : Kp pota- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam pota-ki ‘botar, abandonar’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar potai, potaa ‘botar, echar’ : Shan putakin : Kat -- : Poy puta ‘jogar’ : A pota- II : Kn puta- : M pótá : Yaw puta ‘jogar’ : Ko -- : Mt -- : My --.
347. *poto ‘poeira’ : Ksh putu ‘montón de granulos como de tierra al lado del hueco de un insecto, migajas de pán’ (SHELL, 1987), mee poto : SK póto, potón ‘polvo de cualquier clase’ (LORIENT; LAURIAULT; DAY, 1993), mai poto : Kp poto : Mar poto ‘pó’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan putu ‘poeia’ : Kat putu ‘pó, seco’ : Poy -- : A poto II : Kn putu : M -- : Yaw putu ‘pó’ : Ko -- : Mt -- : My putu [pu’tu] ‘polvo, aserrín, migas’.
348. *poyam ‘braço’ : Ksh (Ksh piñã ‘brazo’) : SK poyã o põyã : Kp poyán : Mar puyã [pu’yẽ] ~ [pu’yẽ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch poyámi ‘brazo’ : Kax -- : Yam põya, põyamã (EAKEN, 2008) : Chan póyan : Shar poyan, poyanpan : Shan -- : Kat puyan, puyã [pu’yẽ] ~ [pu’yẽ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy puyã ‘braços’ : A põyã I : Kn pũyã : M põyã ‘brazo (pítao ‘ala’, píya ‘pájaro)’ : Yaw puia-uma ‘sem braço, cobra’ : Ko -- : Mt -- : My --.
349. *raʔma : Ksh βiráma ‘hace tiempo’ : SK rama ‘ahora’ : Kp raʔma ‘hoy’ : Mar rama ‘agora’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam rama ‘ahora’ : Chan ramaʔta ‘ahora’ : Shar rama ‘recientemente’ : Shan rama ‘agora’ : Kat rama ‘agora’ : Poy -- : A rama II ‘hoy, ahora’ : Kn dama ‘entonces, después, inmediatamente, pronto’ : M ramá ‘ahora mismo’ : Yaw rama ‘agora’ : Ko -- : Mt -- : My --.
350. *raʔo ‘remédio, medicina tradicional’ : Ksh rɔɔ ‘planta, medicina’, (ro ‘hierba, medicina’ (SHELL, 1987)) : SK rao ‘medicina (vegetal)’ : Kp raʔo ‘medicina’ : Mar rao ‘remédio’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam

rao, raõ ‘medicina, remedio, vacuna’ : Chan -- : Shar rao, raon ‘veneno, medicina del chamán, pastillas’ : Shan raw ‘veneno, remédio’ : Kat raʔüti ‘remédio’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A raʔo II ‘medicina, veneno’ : Kn dau ‘remédio, medicina, veneno’ : M ráó ‘una maldición’ : Yaw rau ‘remédio’ : Ko ławi ‘remédio do mato’ : Mt dawí ‘remédio do mato’ : My dawí ‘término general para plantas que se consideran venenosas, o plantas que sirven para preparar medicinas’.

351. *raʔti- ‘ter medo, assustar-se’ : Ksh rato- : SK rati- : Kp raʔti- : Mar -- : Ch rati- : Kax (tʃakitaya [tʃakitaʃa] ‘ter medo’ (LANES, 2005)) : Yam rati ‘temer’ : Chan rati- : Shar ratií, ratia ‘temer, tener miedo, asustarse’ : Shan -- : Kat raki-ti : Poy -- : A rati- I : Kn dati- : M ráti- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My dakto ‘asustar (por jaguar [tigre], víbora, trueno, alguien haciendo una broma pesada, etc.)’.
352. *raβit ‘dois’ : Ksh raβí : SK raβí : Kp raβí : Kn dabi : Mar raʋivakĩ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch raβi, ráβita : Kax tʃabita : Yam raφi ‘dos’ : Chan raφi : Shar raφi, raφin ‘dos’ : Kat raβi ‘dual’ : Shan rafu ‘dois’ : Poy raβu : A rawii II : M ráφi : Yaw raβi : Ko łabítpa ‘dois’ : Mt dabidpa ‘número 2’ : My daid [daʔid] ‘dos’.
353. *raβi[n]- ‘envergonhar-se, ter vergonha’ : Ksh rabĩ- : SK raβĩ- : Kp raβín- : Mar -- : Ch raβi- ‘tener vergüenza, avergonzado’ : Kax -- : Yam raφĩ-kĩ ‘tener vergüenza’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar raφi, raφia ‘avergonzarse, tener vergüenza’ : Shan -- : Kat raβinnai ‘vergonha’ : Poy -- : A rawĩtini I ‘tener pena’ : Kn dabiĩ- ‘tener vergüenza, avergonzado’ : M ráφĩ- : Yaw raβi : Ko -- : Mt dabin-kin ‘sentir vergonha’ : My --.
354. *rãβoʃo[ko] ‘rótula, joelho’ : Ksh rãβoʃo ‘rodilla’ : SK rãβoʃo : Kp raβoʃo : Mar ʋavufi : Kax tʃãburu [tʃãbuʋru] : Ch -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat raβiʃo [raβiʃoʔ] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A rawoxko II : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
355. *rakʷi- ‘temer’ : Ksh rakʷi ‘temer’ : SK rakí : Kp rakí : Mar rakia (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch raki- : Kax tʃakitaya [tʃakitaʃa] ‘ter medo’ (LANES, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat raki-ti

- ‘medo’ : Poy -- : A raki- I : Kn daki- ‘estar asombrado, avergonzado’ : M ráki : Yaw -- : Ko łakwit ‘ter medo’ : Mt **dakud**-kin ‘ter medo’ : My dakwid ‘tener miedo, tener verguenza’.
356. *raka- ‘deitar-se’ : Ksh raka : SK raka- : Kp raka- : Mar ra'kaa (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch raka- : Kax -- : Yam rakakĩ ‘echarse’ (EAKEN, 2008) : Chan raka- : Shar rakai, rakan ‘echarse, acostarse’ : Shan raka ‘deitar’ : Kat rakata ‘deitado’, raka-ta-ai ‘deitar’ : Poy -- : A raka- II : Kn daka : M ráka : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
357. *rako- ‘cobrir, envolver’ : Ksh rakú-ti ‘ponerse camisa, cubrirse’ (SHELL, 1987) : SK rako- : Kp raʔko-kin ‘envolver’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch rakoi- envolver(se) en, vendarse o taparse con una cosa’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar rakoti, rakotinin ‘frazada, colcha’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A rako- II : Kn daku- : M ráko- : Yaw -- : Ko łakute ‘toalha’ : Mt -- : My --.
358. *rani ‘pelo do corpo’ : Ksh rani : SK rani : Kp rani : Mar [rani] ~ [rɛⁿdi] ‘pêlo’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch rani : Kax tʃaniʔi [tʃɛⁿiʔi] ‘pêlo’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar rani ‘vello del cuerpo’ : Shan -- : Kat rani [raⁿi] ‘pêlo’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A raní I : Kn dani : M rani : Yaw rani [rani] ‘pêlo’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ko jani ‘pêlo pubiano’ : Mt -- : My --.
359. *ra[n]toko- ‘joelho’ : Ksh rãtũ-ti ‘estar cojo, estar mal de las rodillas y no poder andar bien’ : SK rãtõko ‘rótula’, tai patõko ‘tobillo’ (taʔi ‘pie’, etimologia 436) : Kp ranton ‘tarso (lo que sería la rodilla)’ : Mar -- : Ch (rapotó ‘rodilla, rótula’, hopotó ‘tobillo’, ver etimologia 345) : Kax tʃãburu [tʃẽbu^uru] : Yam -- : Chan ratoko : Shar ratoko, ratokonin : Shan ratunku : Kat -- : Poy rãtuhku : A rãtõko II : Kn dãtũku : M rátoko : Yaw ratunku : Ko łaniʃ ‘joelho’ : Mt danbidu ‘joelho’ : My danniş ‘joelho’.
360. *riʔti- ‘matar’ : Ksh ri- ‘derribar, echar por tierra, matar’ : SK riʔi- : Kp riʔti- ‘matar’ : Mar riʔi ‘matar’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam riʔi ‘matar, cazar’ : Chan riʔi- : Shar riʔii, riʔia ‘matar’ : Shan riʔi ‘matar’ : Kat rutu- ‘matar’ : A riʔi- II : Kn diʔi- : M riʔi- ‘matar’ : Yaw riʔi ‘matar’ : Poy -- : Ko -- : Mt -- : My --.

361. *riβo ‘ponta, cabeceira do rio’ : Ksh riβo : SK riβo, (riβo ‘punta, delantera’, riβoki (riβo ‘punta’ + ki ‘a, contra’)) : Kp riβo, (riβo ‘punta, extrema, terminación, cabecera’ riβoki ‘águas arriba, río arriba’) : Mar riβo ‘ponta’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch riβo ‘el final, el punto donde se termina una cosa’, ʔani riβo : Kax -- : Yam riβotana ‘último en una fila’ : Chan -- : Shar riβo, riβon ‘punta, extremo delantero’ : Shan rihu [riʔhuʔ] ‘ponta’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Kat riβu [riβu] ‘ponta’ : Poy -- : A riwo II : Kn dibu : M ríβó : Yaw [riʔu] ‘ponta’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ko -- : Mt **dibumi** ‘em direção à cabeceira do rio’ : My --.
362. *riβo+ki ‘para frente, para cima (no rio)’ : Ksh riβomi : SK riβoki : Kp riβoki : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan (madakiri, manakiri ‘águas arriba’) : Shar riβokiri,riβokirinín ‘proa’, (manankiri ‘río arriba, arriba’) : Shan -- : Kat rivukiri [riβo kiri] ‘cabeceira (de rio)’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy -- : A riwoki II : Kn (mãñakiri, M mãñakírí, cf. etimologia 215) -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt **dibumi** ‘em direção à cabeceira do rio’ : My --.
363. *ri+kini ‘buraco do nariz, narina’ : Ksh rikĩ : SK rikĩ : Kp rikín : Mar rikĩ [rikĩ] ‘nariz’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch rişakí ‘nariz’, rikíni ‘fosa nasal’ : Kax [tʃikɛni] ‘nariz’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam (ritʃoko, ritʃokonõ ‘nariz’) : Chan (ritʃoko) : Shar (ritʃoko, ritʃokonin ‘nariz’) : Shan rugin ‘nariz’ : Kat rikin [rikĩ] ‘nariz’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Poy rākĩ ‘nariz’ : A rikĩ I : Kn dikĩ ‘nariz’(ditʃuku ‘hocico’) : M (ritʃoko ‘nariz’) : Yaw rikin ‘nariz’ : Ko (ʃios ‘nariz’) : Mt dişin ‘nariz’, dişin kini ‘narina’ : My (dibiante ‘nariz, pico (de ave), punta, extremo’).
364. *riñi- ‘moer’ : Ksh riñ- : SK riñi- : Kp riñi- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar riñi, riñia ‘moler, machacar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A riñi- I : Kn diñi- : M riñi- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
365. *ripaC ‘septo nasal’ : Ksh ripá ‘hocico largo’ : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch ripa’ra ‘el ala nasal’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Yaw (ritʃa) : Poy -- : A ripá I ‘septo’ : Kn dipa ‘punta

- ancha, restos de la punta' : M rípa : -- : Ko -- : Mt : My **di-pun** [dìpun] 'septo de la nariz'.
366. *rĩ- 'tombar' : Ksh rĩ- : SK rĩra- : Kp rĩra- : Mar rĩra 'derrubar, cortar' (CESARINO, 2008) : Ch rĩra- 'tumar algo' (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam rĩra-kĩ 'tumar' (EAKEN, 2008) : Chan **rĩrai** 'tumar' : Shar rĩrai, rĩraa 'derribar con hacha, tumbar con hacha' : Shan -- : Kat rĩra-ai 'cortar' : Yaw -- : Poy -- : A rĩra- II : Kn dida- : M rĩrá- 'derribar' : Ko did 'derrubar (árvore)' : Mt did-kin 'cortar (com machado, com dente de queixada)' : My did- 'cortar con hacha (un árbol, leña, una persona, etc.), tumbar árbol (con hacha o machete)'.
367. *rĩwi 'instrumento musical' : Ksh rĩi : SK rĩwi : Kp rĩwi : Mar 'rĩwi 'taboca, cana brava' (ANONBY; HOLBROOK, 2010), rĩwi 'flauta, inalador de rapé, caniço' (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat rĩwi 'violão' : Poy -- : A rĩi I 'flauta' : Kn tipĩ dĩwi, dĩwi : M máporĩwi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
368. *-rĩʔβi ~ *rĩʔβa 'igual, do mesmo jeito, também' : Ksh -rĩβi : SK -rĩβi, rĩβa : Kp -rĩβi : Mar rĩví 'sempre', rĩvi 'samente, apenas', sĩví 'también' (KENNEL, 1978), rĩvi 'enfático, mesmo' (CESARINO, 2008) : Ch rĩ, -rĩ 'también' (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -rĩ 'también', -fĩ 'enfocar, enfocar' : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat (sĩβi 'también') : Poy -- : A -rĩwi I : Kn -dĩ, -dĩbi : M -rĩfĩ : Yaw -- : Ko aβi **βĩβĩ** 'de novo', ated **βĩβĩ** 'igual, do mesmo tanto, empatado (uma partida de futebol)' : Mt -- : My aucbidi 'back.again', adembidi 'likewise(Tr)', adecbidi 'likewise(Itr)' aocbidi 'also', -bi 'like', -dĩ 'emphatic' (FLECK, 2003). (Muito provavelmente tratavam-se de dois morfemas independentes (*rĩʔ- e *βi-) mas que deviam coocorrer).
369. *rĩro 'esp. de macaco' : Ksh rĩri : SK rĩro : Kp rĩro : Mar -- : Ch 'rĩro 'mono cuatro ojos' : Kax -- : Yam rĩro 'musmuque (esp. de mono)' (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar rĩro, rĩron 'musmuque (esp. de mono nocturno)' : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A rĩro II : Kn nidu : M rĩró : Yaw rĩru 'macaco da noite' : Ko -- : Mt -- : My dide 'mono nocturno, musmuqui'.

370. *rɪsɪβɪtʃi ‘fio, corda’ : Ksh risi ‘hilo’, risi βɪntsin ‘hilo fino’ (SHELL, 1987) : SK risβí : Kp risβí : Mar -- : Ch ris'pi, ris'pitʃi ‘soga’ (ZINGG, 1998), rispítʃi : Kax -- : Yam risφitʃĩ ‘soga’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar risφi, risφin ‘soga’ : Shan -- : Kat risiβi ‘corda de amarrar rede’ : Poy risβi ‘corda’ : A riswii I : Kn dispi : M rísφi : Yaw risβin ‘corda’ : Ko -- : Mt -- : My --.
371. *rɪsɪs : ‘fio’ Ksh risi ‘hilo’ : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch rɪ'sisi, rɪ'sis ‘la pita, el hilo’, risísi ‘hilo’ : Kax tʃitʃĩsɪ [tʃitʃĩsɪ] ‘linha’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat risis ‘linha’ : Poy risi ‘rede’ : A risí I ‘hamaca’ : Kn disí : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
372. *rɔʔo ‘guariba (esp. de macaco)’ : Ksh roo, (ru ‘coto (esp. de mono)’ (SHELL, 1987)) : SK roó : Kp roʔo : Mar ru ‘guariba’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch roʔo : Kax tʃʰĩʔĩ ‘guariba’ (PICKERING, s.d.) : Yam roo, roõ ‘mono coto’ : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat ruku [ru'kuʔ] ‘macaco capelão’ : Poy ru ‘guariba’ : A roʔo II : Kn du : M ró : Yaw ru ‘capelão (macaco)’ : Ko (tion ‘macaco guariba’) : Mt du ‘guariba’ : My -- : ‘mono aullador’.
373. *rɔi ‘machado’ : Ksh roi ‘hacha de piedra’ : SK roi : Kp rowi : Mar rui ‘machado’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan rui ‘machado’ : Kat rui ‘machado’ : Poy rui ‘pedra’ : A rowi I : Kn dui ‘hacha’ : M rowi : Yaw rui [ru'i] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ko -- : Mt dui ‘faca’ : My dui ‘hacha (palabra antigua)’ : My --.
374. *romi ‘tabaco’ : Ksh romi : SK romi : Kp romi : Mar rumbi ‘tabaco’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010), romi ‘tabaco’ (CESARINO, 2008), romi [rũmũ] ‘fumo’ (COSTA, 1992) : Ch romi : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar romi, romin ‘tabaco’ : Shan -- : Kat rumi ‘fumo’ : Poy -- : A romi II : Kn dumí : M romi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My -- : ‘tabaco’.
375. *rɔro ‘cobra’ : Ksh rono : SK rono : Kp rono : Mar runu ‘cobra’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch rono : Kax tʃu'lu ‘cobra’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam rono, ronõ ‘culebra’ (EAKEN, 2008) : Chan rodo ‘serpiente, víbora’ : Shar rono, ronon ‘culebra, víbora’ :

- Shan runu ‘cobra’ : Kat runu ‘cobra’ : Poy rũdu ‘cobra grande’ : A ronó I : Kn dunu : M rono : Yaw runu ‘cobra’ : Ko -- : Mt dunu ‘cobra’ : My dunu [du.nu] ‘nombre de hombre’.
376. *sama- ‘fazer dieta, jejum’ : Ksh samá- : SK samá- ‘ayunar’ : Kp sama ‘un ayuno’, sama- ‘ayunar’ : Mar samá ‘dieta alimentar, resguardo’ : Ch sama- ‘ayunar’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam samama ‘pronto dentro de unos días’ : Chan -- : Shar samai, samaa ‘hacer dieta, ayunar, no tener apetito’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A sama- I ‘esperar, diferir’ : Kn sama- ‘ayunar’, samama (-ma negativo, etimologia 493) ‘ahora mismo’ : M samá ‘ayuno’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
377. *sa[n]á[n]- ‘levantar, suspender’ : Ksh sanã ‘apuntar, señalar’ : SK sanã- ‘sostener a la vista’ : Kp -- : Mar sana ‘exibir’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A sanã- I ‘levantar’ : Kn sãnã- ‘suspender, colgar, levantar’ : M sãnã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My sanan ‘sostener (una cosa)’.
378. *sa[n]i[n] ‘esp. de peixe’ : Ksh sanin ‘esp. de pez menudo’ (SHELL, 1987) : SK sa'nin, 'saniman ‘grupo de pececillos’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp -- : Mar -- : Ch sa'nino, sa'ni ‘el pez (en general)’, sani : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A sanin ‘mojarrita’ (HYDE, 1980) : Kn sanin ‘esp. de pez muy pequeño, sardina’ (MONTAG, 1981) : M sani : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
379. *sani[n] : Ksh sanĩ : A sanĩ I : Kn sanĩ : M sãnĩ ‘clase de pez pequeño’.
380. *sawĩC_c- ‘vestir roupa’ : Ksh (sa'i-ti ‘escondese, andar en un solo sitio dejando pisadas’ (SHELL, 1987)) : SK sawi- : Kp sawi : Mar sawi ‘vestir’ (CESARINO, 2008) : Ch sawi ‘verstirse, ponerse ropas’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar sawii, sawia ‘vestir, poner ropa’ : Shan -- : Kat sawi : Poy -- : A sai- ‘ponerse ropa’ : Kn sawi- : M sáwĩ ‘gente que usa ropa’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My saued [sa.wed] ‘meter varias cosas’.
381. *si[n]a : Ksh siná ‘feroz’ : SK siná ‘estar enojado, estar peleando’ : Kp siná ‘feroz, enojado’ : Mar siná ‘sério, bravo’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan sidabis ‘bravo, valiente’ : Shar sinai, sinaa, ‘enojar, estar

- enojado’ : Shan -- : Kat sinna, sia ‘zangado’ : Poy -- : A sinaa- II : Kn sina ‘estar enojado, molesto’ : M sína- ‘estar enojado’ : Yaw -- : Ko -- : Mt **sinan**-kin ‘pensar’ : My sinan ‘alma, fuerza, valor’. (Ver también a etimología 387).
382. *sisi ‘quati’ : Ksh sisi : SK jifi : Kp jifi : Ch (jifa ‘el tejón’) : Mar šişi ‘quati’ : Kax **jifiwa** [jifi’wa] ‘quati’ : Yam jifi ‘achuni (animal parecido al oso hormiguero)’ : Chan -- : Shar šişi ‘achuni, coatí’ : Shan šişi ‘quati’ : Kat -- : Poy jifi ‘quati’ : A jifí I : Kn jifi : M jifi : Yaw jifi ‘quati’ : Ko -- : Mt sise ‘quati, lat. *nasua nasua*’ : My sise ‘coati, lat. *nasua nasua*’ (pronunciación alternativa de tsise).
383. *jara ‘bom, bonito’ : Ksh -- : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam fara ‘bueno, bonito, mucho’ (EAKEN, 2008) : Chan fara ‘bueno’ : Shar fara ‘bueno, lindo, bonito’ : Shan şarakapa ‘bom, bonito’ : Kat -- : Poy -- : A fara I : Kn -fara ‘bien’, farabu (-bu ‘colectivo’, juego 96) ‘útil’ : M şára ‘bueno’ : Yaw farakapa ‘bom, bonito’ : Ko -- : Mt -- : My --.
384. *jik ‘peito (prefixo parte do corpo)’ : Ksh jikan, ji- ‘chest’ (ZARIQUIEY, 2011), jiká : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch ji-, jipa’ti ‘pecho’ (ZINGG, 1998), jipatí ‘pecho’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn -- : Yaw -- : Ko jik-βu : Mt fişakete ‘pêlo peitoral’ : My jik-diadkid ‘pecho’.
385. *jiko[n] ‘esp. de planta’ : Ksh jíkõ ‘plátano dulce’ : SK -- : Kp jinkon ‘plátano común’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A jíkõ I : Kn jíkũ : Yaw -- : Ko -- : Mt (sinkuin ‘banana’) : My (sinkuin ‘variedad de plátano’).
386. *ji[n]ja ‘esp. de aranha’ : Ksh -- : SK jinakoşo : Kp jinakofo : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şinaniφo, şinaniφoan ‘araña’ : Shan şina ‘lagartixa, verme’ : Kat -- : Poy -- : A jinaxoko : Kn jinafuku : M jínaniφo : Yaw jina ‘aranha’ : Ko -- : Mt -- : My --.
387. *sina[n]- ‘pensar’ : Ksh sinã- : SK jinã- : Kp jinán- : Mar j’inãã (ANONBY; HOLBROOK, 2010), şinã ‘pensar’ (CESARINO, 2008) : Ch jina- ‘pensar’ (ZINGG, 1998), (joma-) : Kax **jinañhi** [jinẽ’xi] ‘pensar’ (LANES, 2005) :

- Yam jinã- ‘pensar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar jinain, jinan ‘pensar, lamentarse, acordarse’ : Shan şinan ‘imaginar, pensar’ : Kat jinna-nai ‘pensar’ : Poy -- : A jinã I : Kn jinã- : M jínã- : Yaw jinan ‘pensamento’ : Ko -- : Mt sinankin ‘pensar’ : My sinan- ‘alma de un chamán, habilidad de caza, puntería, fuerza y valor que puede ser pasado de un hombre a otro soplando tabaco o poniendole veneno de sapo en el brazo o pecho’.
388. *jiro ‘esp. de macaco’ : Ksh -- : SK jino : Kp jino : Mar şino ‘macaco prego’ (CESARINO, 2008) : Ch jino : Kax **jilua** [jilu'a] ‘macaco’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan jido ‘mono’ : Shar jino, jinon ‘esp. de mono’ : Shan şinu ‘macaco’ : Kat jinu [jʔoʔ] ‘macaco’ (BARROS, 1987) : Poy j̃idu ‘macaco prego’ A jinó I : Kn jinu : M jino : Yaw jinu ‘macaco (genérico)’ : Ko -- : Mt -- : My --.
389. *jio ‘pium (esp. de mosca)’ : Ksh -- : SK jio : Kp jio : Mar -- : Ch jio ‘marigüi’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar jio, jion ‘mosca’ : Shan şiu ‘pium’ : Kat jiu : Poy jiw ‘pium’ : A jiyó I : Kn jiu : M -- : Yaw -- : Ko -- : (Mt siwa ‘pium’) : My --.
390. *sipi ‘macaco sagui’ : (Ksh ʔipi o ʔiʔpi) : SK jipi : Kp jipi : Mar -- : Ch : Kax jipi [jʔipi] ‘macaco sagui’ : Yam -- : Chan -- : Shar jipi, jipin ‘pichico (esp. de mono)’ : Shan -- : Kat tʔipi ‘macaco pequeño, suim’ : Poy jipi ‘macaco soim’ : A jipi II : Kn jipi : M jípí : Yaw jipi ‘macaco soim’ : Ko -- : Mt sipi ‘esp. de macaco’ : My sipi ‘tipo de mono pequeño’.
391. *şaʔβak ‘claridade’ : Ksh şaβá ‘despejo, claro’ : SK jaβá ‘ancho, espacio abierto’ : Kp şaʔβá ‘vacío’ : Mar ʔava ‘amanhã’ : Ch şaβáka ‘despejo, día’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şaφa, şaφan ‘día, luz’ : Shan şawa ‘día’, şawamasta ‘cedinho’ : Kat şaβa ‘lugar’, şaβa-ma ‘amanhã’ (CESARINO, 2008) : Poy -- : A xawã II ‘vacío, hueco’ : Kn şaβa ‘claro, despejo, claridad’ : M şaφã ‘día’ : Yaw jaβa ‘dia’ : Ko -- : Mt -- : My (şaβak ‘nombre de hombre’).
392. *şaʔi ‘tamanduá’ : Ksh şaĩ̃̃ (ver etimología 403) : SK şai : Kp şaʔi : Mar jai ‘tamanduá’ : Ch şaʔi : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şai, şain ‘oso hormiguero’ : Shan sai ‘tamanduá’ : Kat şai : A xaʔi II : Kn şai : M şái : Poy

- hay ‘tatu bandeira’ : Yaw şai [şa’i] ‘tamanduá-bandeira’ (SOUZA, 2013) : Ko fai ‘tamanduá’ : Mt şai ‘tamanduá’ : Ko şai ‘tamanduá’ : My şai ‘gran oso hormiguero’.
393. *şaʔti- ‘cortar’ : Ksh şati-ti ‘rebanar, cortar’ (SHELL, 1987) : SK şati- : Kp şaʔti- : Mar jati- [jātuʔ] (COSTA, 1992) : Ch -- : Kax -- : Yam şati ‘cortar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan jati : Shar şatii, şatia ‘cortar, trozar’ : Shan şati ‘cortar’ : Kat jati-ai ‘cortar’ : Poy -- : A xati- II : Kn şati- : M şati- : Yaw jati- ‘cortar’ : Ko -- : Mt -- : My --.
394. *şaβa- ‘bocejar’ : Ksh şaβa- : SK şaβa- : Kp şaβa- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan --- : Shar şaφain, şaφaan ‘bostezar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xawa- II : Kn şaβa : şáφá : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
395. *şakaC_c ‘casca de árvore, pele’ : Ksh şaká : SK şaká : Kp şaka : Mar ‘iwifaka ‘casca de árvore’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010), jaka ‘couro, carcaça’ (CESARINO, 2008) : Ch şakáta ‘piel, corteza, cáscara’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şaka, şakan ‘cáscara’ : Shan şaka ‘casca’ : Kat şaka ‘vazio’ : Poy haka ‘casca’ : A xakaa I ‘piel, corteza, cáscara’ : Kn şaka : M şákã ‘vacío’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
396. *şa[n]a ‘quente’ : Ksh şana- ‘secarse, marchitarse’ : SK şana ‘caliente, calor’ : Kp şana ‘caliente, templado’ : Mar ‘jana-ka ‘quente’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010), ‘jěňă- ‘quente’ (COSTA, 1992) : Ch -- : Kax -- : Yam şana ‘caliente’ : Chan jada ‘caliente’ : Shar şana ‘caliente’ : Shan şana ‘quente’ : Kat şana [şa’na?] ‘quente’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A xanaa II ‘seco, listo para quemarse’ : Kn jana ‘seco, caliente’ : M şáná ‘caliente’ : Yaw şana ‘quente’ : Ko -- : Mt şana-dap ‘seco’ : My --.
397. *şa[n]o ‘cunhada, esposa, prima cruzada’ : Ksh şano ‘esposa, mujer’ : SK şano ‘mujer anciana’ : Kp -- : Mar -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xano II ‘mujer’ : Kn şanu ‘abuela paterna, esposa del hermano mayor’ : M şánó ‘abuela (paterna)’ : Yaw -- : Ko şanu ‘esposa, prima cruzada de homem’ : Mt şanu ‘cunhada mais velha’ : My şanu ‘prima cruzada de hombre’.

398. *şao ‘osso’ : Ksh şəə, (şə ‘hueso’ (SHELL, 1987)) : SK şao : Kp şao : Mar jau (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şao : Kax şahu [ʃa'h^wu] (LANES, 2005) : Yam şao, şaõ (EAKEN, 2008) : Chan jau, şao : Shar şao, şaon : Shan şaw ‘osso’ : Kat jau : Poy haw ‘osso’ : A xaó I : Kn şau : M şao : Yaw jau : Ko -- : Mt -- : My --.
399. *şapo ‘algodão’ : Ksh şapo : SK şapo ‘kapok, ligero, mullido’ : Kp şapo ‘árbol de algodón vegetal’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar - - : Shan şapu ‘algodão’ : Kat -- : Poy -- : A xapó I : Kn şapu : M şapo ‘algodón’ : Yaw şapu ‘algodão’ : Ko şapu ‘algodão’ : Mt şapu ‘algodão, utilizado para confecção de bolsas e como parte do mete (suporte de caça da zarabatana)’ : My şapu ‘tipo de arbol, cuyas fibras, que parecen con algodón, eran usadas hace varias generaciones para preparar dardos de cerbatana (*pucuna*)’.
400. *şaşo ‘pilão, pedra’ : Ksh şaşo ‘pedra’ : SK şaşo : Kp şaşo ‘bandeja de madera usada para moler’ : Mar 'jafu ‘pedra’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010), şaşo ‘pedra, pilão de moer milho’ : Ch şaşo ‘artesa para moler’ : Kax şaşu [ʃaʃu] ‘pedra’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan jafə ‘canoa’ : Shar şaşo, şaşon ‘canoa’ : Shan şaşu ‘canoa’ : Kat şaşu [ʃaʃo?] ‘pilão de pamonha’ : Poy -- : A xaxo I ‘tronco ahuecado usado para moler maíz’ : Kn şaşu ‘canoa, mortero de madera chato’ : M şaşo ‘canoa’ : Yaw şaşu ‘canoa’, maşışı ‘pedra’ : Ko şafkin ‘pedra, lima’ : Mt maşış ‘pedra’ : My --. (Ver también a etimologia 227).
401. *şata[n] ‘esp. de cabaça’ : Ksh -- : SK şatán, şátaman ‘cabeza rapada’ : Kp şatan ‘calabaza’ : Mar -- : Ch şa'ta, şa'tano ‘mate’, şatáno : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şata, şatan ‘tutuma’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xatã : Kn -- : M şáta : Yaw şata ‘tingui do mato’ : Ko -- : Mt -- : My --.
402. *şawar ‘esp. de arara’ : Ksh şəw (şón ‘guacamayo’ (SHELL, 1987)) : SK şawã : Kp şawán : Mar 'jawã ‘arara’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şawáni : Kax jawali [jawa'li] ‘arara vermelha e canindé’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat jawan ‘arara’ : Poy -- : A xãã II : Kn şawã : M şãwã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

403. *şawi ‘jabuti’ : Ksh şai : SK şawi : Kp şawi : Mar fa’wi ‘tartaruga, jabuti’ : Ch -- : Kax jawi [fa’wi] ‘jabuti’ : Yam -- : Chan -- : Shar şawi, şawin ‘motelo (esp. de tortuga terrestre)’ : Shan şawi ‘jabuti’ : Kat waka-şawi ‘tartaruga’ : Poy hauh ‘jabuti’ : Kn şawi : A xaí I : M şawi ‘clase de tortuga’ : Yaw şauí ‘jabuti’ : Ko -- : Mt şawi ‘jabuti’ : My şowi ‘tortuga terrestre’.
404. *şawi ‘cana de açúcar (?)’ : Ksh şai : SK şawi : Kp şawi : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat-- : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My şawi [şa’wi] ‘árbol usado para construcción, tipo de cano, cerbatana’.
405. *şî?a- : Ksh şia- ‘beber’ (posiblemente perdido y más tarde prestado del SC) : SK şia- ‘beber, tragar’ : Kp şî?a- ‘beber’ : Mar fia ‘engolir’ (CESARINO, 2008) : Ch şî?a ‘tragar’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam şia-kĩ ‘tomar, chupar’ : Chan -- : Shar şiai, şiaa ‘tragar’ : Shan şia ‘engolir’ : Kat fia-ai ‘engolir’ : Poy -- : A xi?a I ‘tragar’ : Kn şia- ‘tragar, beber’ : M şia ‘tragar’, şíatí ‘medicina’ : Yaw fi ‘engolir’ : Ko -- : Mt fema-kin ‘ter sede’ : My şima [şíma] ‘tener sed’.
406. *şî?mi- ‘debulhar o milho’ : Ksh şimi- : SK şimi- : Kp şî?mi- : Ch -- : Mar -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Kat -- : Shan -- : Poy -- : A ximi- II : Kn şimi- : M şikitoşimii : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
407. *şî?o[n] ‘esp. de palmeira’ : Ksh şî?in ‘esp. de palmera’ (SHELL, 1987) : SK şî?õ : Kp şî?ón : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Poy -- : Yam -- : Chan -- : Shar şî?o, şî?on ‘shapaja (esp. de árbol)’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xîwõ : Kn şibũ : M şî?õ : Yaw şihu ‘ouricuri’ : Ko -- : Mt -- : My şîbin [şîbin] ‘palmera grande, shapaja’.
408. *şikiC_c ‘esp. de lagartixa’ : Ksh şikí : SK şikí : Kp şikí : Mar -- : Ch şíki, şíkípa ‘el peni (clase de lagarto)’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam şiki, şíkípa ‘lagartija’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy - - : A xikii I : Kn siki : M şiki : Yaw -- : Ko -- : Mt şikid kapid wasa ‘tipo de lagarto’ : My şikid [şíkí] ‘lagartija terrestre’.
409. *şiki : Ksh şiki : SK şiki : Kp şiki : Mar ‘jiki (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şiki : Kax jiki : Yam şiki, şikĩ (EAKEN, 2008) : Chan jiki : Shar

- şiki, şikin : Shan şiki : Kat şiki ‘milho’ : Poy hiki ‘milho’ : A xikí I : Kn şiki : M şiki : Yaw şiki : Ko (jikfu ‘milho’) : Mt -- : My (şikşu ‘maíz’).
410. *şi[n]a ‘esp. de lagarta’ : Ksh şina : SK şina : Kp şina : Mar jina ‘lagarto de samaúma’ (CESARINO, 2008) : Ch şina : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şina, şinan ‘gusano’ : Shan şina ‘lagartixa, verme’ : Kat -- : Poy -- : A xiná I : Kn şina : M şina : Yaw şina ‘lagarta’ : Ko -- : Mt -- : My --.
411. *şi[n]a[n] ‘esp. de árvore’ : Ksh şinã : SK şinã : Kp şinán : Mar jina ‘ingá’ : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şinan, şinapan ‘guaba, chimbillo’ : Shan -- : Kat jina ‘ingá’ : Poy -- : A xinã II : Kn şinã : M şinã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
412. *şi[n]i ‘gordura, óleo’ : Ksh şini : SK şini : Kp şini : Mar jini ‘gordura’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şini : Kax -- : Yam şini, şinĩ ‘aceite’ (EAKEN, 2008) : Chan jidi, jidi, şidi : Shar şini ‘gordo’ : Shan şini ‘gordura’ : Kat jini ‘gordo’ : Poy hãdi ‘banha’ : A xiní I : Kn şini : M şini : Yaw şini ‘óleo’ : Ko jini ‘banha, tripas, gordo’ : Mt şini ‘gordo’ : My --.
413. *şi[n]i ‘velho’ : Ksh şini ‘viejo’ : SK -- : Kp şini : Mar jini- [jũñĩ], jini-ya ‘velho, envelhecido’ (COSTA, 1992) : Ch şini ‘el tocayo, el homónimo mayor de edad’ : Kax -- : Yam şini, şinĩ ‘viejo’ (EAKEN, 2008) : Chan jidi, jidi ‘viejo’ : Shar şini ‘viejo’ : Shan -- : Kat şini-a ‘velho’ : Poy -- : A xini II : Kn şini ‘viejo, muy’ : M şiní : Yaw şini ‘velho’ : Ko şini ‘velho, homónimo mais velho’ : Mt şini ‘velho’ : My şini ‘viejo (cosa), (cosa) que ya no vale, cosa vieja, tocayo mayor’.
414. *şita ‘dente, bico (de ave)’ : Ksh şita : SK şita : Kp şita : Mar jita ‘dente’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şita : Kax şita ‘dente’ : Yam -- : Chan -- : Shar şita, şitan ‘diente’ : Shan şita ‘dente’ : Kat şita ‘dente’ : Poy -- : A xitá I : Kn şita : M şita : Yaw şita ‘dente’ : Ko şita ‘dente’ : Mt şita ‘dente’ : My şita ‘diete, colmillo. C.L. *muela*. Pico de papagayo (*guacamayo*) o loro, mandíbulas de hormiga, tenaza de cangrejo, punta de flecha o lanza, mango de hacha, collar (de hombre o niño)’.
415. *şiti ‘urubu’ : Ksh şiti : SK şiti : Kp şiti : Mar jiti ‘urubu’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- :

- Kat *jiti* ‘urubu’ : Poy -- : A *xiti* II : Kn *ṣiti* : M *ṣítí* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My *ṣítí* ‘buitre’.
416. **ṣiti-* ‘cheirar’ : Ksh *ṣi-* : SK *ṣiti-* : Kp *ṣiti-* : Mar *ʃitia* (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch *ṣita-* : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *ṣitii, ṣitia* ‘besar, oler’ : Shan *ṣiti* : Kat *jiti-ai* ‘cheirar’ : Poy *hita* : A *xiti-* I : Kn *ṣiti-* : M *ṣítí* : Yaw *jiti* : Ko -- : Mt *ṣidkin* ‘cheirar’ : My *ṣid* ‘oler’.
417. **ṣiwa-* ‘teto (feito de palha)’ : Ksh *ṣiɔ-* : SK *ṣiwa-* : Kp *ṣiwa-* : Mar -- : Ch *ṣiwa* ‘techar con ojas’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *ṣiwai, ṣiwaa* ‘tejer hamacas u hojas para techo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn *ṣiwa-* ‘tejer, techar con paja u hojas’ : M *ṣíwa* ‘hamaca’, *píṣíṣiwa* : Yaw *ṣiw-*, *ṣiwa* ‘tecer’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My --.
418. **-ṣo[n]* ‘benefactivo’ : Ksh *-ṣõ* : SK *-ṣõ* : Kp *-ṣon* : Mar *ṣo ~ ṣõ* ‘beneficio’ (KENNEL, 1978) : Ch -- : Kax -- : Yam *ṣon* ‘benefactivo’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar *-ṣon-* ‘benefactivo’ : Shan *-ṣun, ṣuna* ‘benefactivo’ : Kat *-ṣũ (-shõ)* ‘beneficio’ (MENDES, 1998) : Poy -- : A *xõ* : Kn *-ṣũ* : M *-ṣõ* ‘benefactivo’ : Yaw *-ṣun* ‘benefactivo’ : Ko *-ṣun* ‘benefactivo’ : Mt *-ṣun* ‘Morfema verbal benefactivo’ (FERREIRA, 2005) : My --.
419. **-ṣon* ‘sufixo de concordancia transitiva’ : Ksh *-ṣõ* : SK *-ṣõ* : Kp *-ṣon* : Mar *ṣo ~ ṣõ* (KENNEL, 1978) : Ch *ṣo* : Kax *-ṣu ~ ṣũ* (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *-ṣõ* : Chan -- : Shar -- : Shan *-ṣun* ‘marcador de switch reference transitivo’ : Kat *ṣõ* ‘subordinação transitiva, aspecto completo’ (MENDES, 1998) : Poy -- : A *-xõ* : Kn *-ṣũ* : M -- : Yaw -- : Ko *ṣun* : Mt *-ṣun* ‘morfema de concordância de transitividade’ (FERREIRA, 2005) : My *-ṣun*.
420. **ṣoʔi-* ‘assar’ : Ksh *ṣoi-* : SK *ṣoi-* : Kp *ṣoʔi-* : Mar -- : Ch *ṣoʔi-* : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *ṣoi, ṣoia* ‘asar’ : Shan *ṣui* ‘assar’ : Kat *ṣoi-ai* ‘assar’ : Poy -- : A *soʔi-* II : Kn *ṣui-* : M *ṣóí-* : Yaw *jui* ‘assar’ : Ko *jui* ‘assar’ : Mt -- : My *ṣui* [ʃu'i] ‘asar’.
421. **ṣoʔomoṣ* ‘agulha’ : Ksh *ṣomóṣ* : SK *ṣomóṣ* : Kp *ṣoʔmós* : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar *ṣomoṣi, ṣomoṣin* ‘aguja, punzón’ : Shan (muṣa ‘espinho’) : Kat *ṣumuṣ* ‘agulha’ : Poy -- : A *xomox* I : Kn *ṣumuṣ* : M

- şómoşî : Yaw şumuşî ‘agulha’ : Ko -- : Mt (muşan ‘espinho’) : My şomoş [şo'moş] ‘aguja’.
422. *şoa- ‘coçar, coceira’ : Ksh şoa- : SK şoa- : Kp şoa- : Mar Jua ‘coceira’ (CESARINO, 2008) : Ch şoa ‘picazón, comezón’ (ZINGG, 1998), şoaşini : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şoai, şoa ‘rascar’ : Shan şua ‘coçar’ : Kat Jua-nati ‘coçar’ : Poy -- : A xowa- II : Kn şua- : M şóá- : Yaw şua ‘coceira’ : Ko -- : Mt -- : My şuan ‘rascar’.
423. *şoaC- ‘gordo’ : Ksh -- : SK şoa : Kp şoa : Mar -- : Ch şoa ‘gordo’ : Kax -- : Yam şoa, şoaşini ‘gordo’ : Chan -- : Shar şoa ‘gordo’ : Shan şua ‘gordo, forte’ : Kat -- : Poy -- : A xówaa, xówaapán ‘gordo’ (HYDE, 1980) : Kn şua : M şoa : Yaw şua ‘ser gordo’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My --.
424. *şoβo ‘casa’ : Ksh şoβo ‘casa’ : SK şoβo : Kp şoβo : Mar Juvu (ANONBY; HOLBROOK, 2008) : Ch şoβo : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat şuβu : Yaw şuhu ‘casa de antigamente’ : Poy -- : A xowo ‘cobertizo para cazar’ : Kn şubu ‘vivienda’ : ‘casa’ : M -- : Ko şuβu ‘casa temporária, tapiri’ : Mt şubu ‘casa comunal’ : My şubu ‘casa’.
425. *şoka- ‘descascar’ : Ksh şoka- : SK şoka- : Kp şoka- : Mar -- : Ch -- : Kax Juka- ‘descascar’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xoka- I : Kn şuka- : M şóká ‘cáscara’ : Yaw -- : Ko -- : Mt şuka-kin ‘descascar’, şuke-kin ‘descascar’ : My bi-fuk [bi.'fuk] ‘pelar’).
426. *şoki ‘esp. de tucano grande’ : Ksh şoki : SK şoki : Kp şoki : Mar Juki ‘tucano’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch şoki : Kax şuki (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan -- : Shar şoki, şokin ‘tucán’ : Shan şiki : Kat şuki : Poy huki : A xoki II : Kn şuki : M şóki : Yaw şuki : Ko -- : Mt -- : My --.
427. *şoko ‘pequeno’ : Ksh (-Juku ‘diminutivo’ (provável empréstimo Shipibo) (ZARIQUIEY, 2011)) : SK maşko ‘pequeño, inmaduro, no completamente desarrollado, redrojo’ : Kp (Joko ris ‘un poquito’ (LOOS; LOOS, 1998)) : Mar İpa-şko ‘filho do irmão, pertence a uma geração mais nova’, İpa ‘pai’ (cf. MELATTI, 1975 [2005]) : Ch maşko ‘hermano o hermana’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şoko ‘verde, no maduro’ : Shan -- : Kat -- : Poy

- hukũba ‘grande, grosso, largo’ (prov. huku ‘pequeno’ + ba ‘negação’) : A maxko II ‘nene’ : Kn şuku ‘joven’ : M şoko ‘joven’ : Yaw şuku ‘fruta verde’ : Ko maşko ‘irmão mais novo’ : Mt maşku ‘irmão mais novo’ : My maşku ‘hermano menor de hombre’.
428. *şokoC- ‘pelar-se, mudar de pele’ : Ksh şokó- : SK şokó- : Kp şokó- : Mar -- : Ch şokoko ‘una cosa con cáscara se pela, salir de la cáscara’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şokoi, şokoa ‘salir de la piel, salir del capullo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xoko- I : Kn şuku- : M şóko- ‘pelar, mudar la piela’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My şukud ‘pelarse’.
429. *şoma ‘seios, leite’ : Ksh şoma ‘leche’ : SK şoma ‘leche, seno’ : Kp şoma ‘seno’ : Mar şoma [şu'ma] ‘peito’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch şoma ‘leche’ : Kax fu'ma ‘peito’ : Yam -- : Chan şoma fipon ‘leche materna, leche del tucho’ : Shar şoma, şoman ‘seno, teta’ : Shan şuma ‘seio feminino, mamar’ : Kat fuma ‘seio’ : Poy hũba ‘seios’ : A xoma II ‘leche animal’ : Kn şuma ‘teta’ : M şómá : Yaw fuma ‘peito’ : Ko şuma ‘leite, seio’ : Mt şuma ‘seio’ : My şuma ‘seno, teta, pezón, tetilla, músculos del pecho’.
430. *şoo ‘verde, não maduro’ : Ksh şoo : SK şoo : Kp şoo : Mar -- : Ch şoo : Kax -- : Yam -- : Chan şoo, şoo ‘verde’ : Shar şo ‘verde, inmaduro’ : Shan şu : Kat (şau) : Poy -- : A xoo I : Kn şu : M şo : Yaw -- : Ko -- : Mt şu ‘maduro’ : My şu ‘verde (no-maduro)’.
431. *şopa[n] ‘mamão’ : Ksh şopã : SK şopã : Kp şopán : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam şopa ‘papaya’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar şopa, şopan ‘papaya’ : Shan şupa ‘mamão’ : Kat şũpa [şũm'ba] ‘mamão’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A xopã II ‘clase de calabaza comestible’ : Kn şupã : M şopa : Yaw şupa ‘mamão’ : Ko -- : Mt -- : My --.
432. *şopoC_c : Ksh şopó ‘plumón’ : SK şopó ‘plumas suaves’ : Kp şopó ‘kapok’ : Mar -- : Ch şopo ‘plumón de pato’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar şopo, şopon ‘vello, pelo del cuerpo de un animal’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A xopo II ‘pelos pequenos, pelusa en la parte posterior de la hoja’ : Kn şupu ‘vello, pelusa de la cabeza de un recién nacido’ (MONTAG, 1981)

- : M *şópo* ‘piel, vello corporal’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (*şupud* [*şu'pud*] ‘bolsa de corteza para guardar isana, plumas, algodón u otras cosas’).
433. **şotsi* ‘peito’ : Ksh *şotsi* ‘pecho de ave’ : SK *şotfi* : Kp *şotfi* ‘pecho’ : Mar *şutfi* (CABRAL; OLIVEIRA, 2012) : Ch -- : Kax -- : Yam *şotfi* : Chan *şotfi*, *şotfi* : Shar *şotfi*, *şotfin* : Shan *şutfi* : Kat *şutfi* : Poy -- : A *xotfi* II : Kn *şutfi* ‘pecho, buche de ave’ : M *şotfi* : Yaw *şutfi* : Ko -- : Mat -- : My --.
434. **şõtako* ‘menina, moça’ : Ksh *şõtako* : SK *şõtako* : Kp *şontako* : Mar -- : Ch *şotako* ‘la muchacha’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam *şotoφaki*, *şotoφakĩ*, *şotokoφaki*, *şotokoφakĩ* ‘mujer’ : Chan -- : Shar *şotokoφaki*, *şotokoφakin* ‘niña’ : Shan *şutaki faki* ‘moça’ : Kat -- : Poy -- : A *xõtako* II ‘mujer joven’ : Kn (*şuta* ‘tocayo’ (MONTAG, 1980)) : M *şótoko* : Yaw *şutaku βaki* ‘menina’ : Ko -- : Mt (*buntak* ‘jovem, rapaz’) : My (*buntak* [*bun.tak*] ‘mujer joven’).
435. **şoya* ‘rato’ : Ksh *şon̄õõ* ‘conejo’²³² : *şuya* ‘rata’ : SK *şoya* : Kp *şoya* ‘rata, ratón’ : Mar -- : Ch *şiyapi* ‘cachorro pequeño’, *şoya* ‘ratón’ (ZINGG, 1998), *şiya*, *şoya* : Kax *şujã* [*şujã*] (SOUSA, 2004) : Yam *şoya* (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar *şoya*, *şoyã* : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *xoya* II : Kn *şuya* ‘ratón’ (MONTAG, 1998) : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt *şuia* ‘rato’ : My --.
436. **taʔi* ‘pé’ : Ksh *taí* (*taí napaş* ‘planta del pie’, ver Cul abajo) : SK *taí* : Kp *taʔi* : Mar *taí* (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch *taʔi* : Kax [*taʔi*] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam *taí*, *taĩ* (EAKEN, 2008) : Chan *taí* : Shar *taí*, *taín* : Shan *taí* ‘pé, perna, garra’ : Kat *taí* : Poy *tay* : A *taʔi* II : Kn *taí* : M *táí* : Yaw *taí* : Ko *taí* ‘pé’ : Mt *taí* ‘pé’ : My *taí* pie.
437. **taʔpas* ‘tapiri, casa temporária’ : Ksh -- : SK *tapás* ‘anaquel colgante’ : Kp *taʔpás* : Mar -- : Ch *tapása* : Kax -- : Yam -- : Chan *tapas* ‘tambo (sobre la playa)’ : Shar *tapasi*, *tapasin* ‘tambo, albergue, refugio temporal’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A *tapas* I ‘casa, techo’ : Kn *tapas* ‘vivienda’ : M *tápas* : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

²³² “/şon̄õõ/ viene probablemente de *şoño más el sufijo /-ɔ/ (juego 12) siguiendo el morfema formativo del radical que se constituye de la nasalización vocálica y el cambio de acento.” (SHELL, 1965 [1975])

438. *tak^wa ‘figado’ : Ksh tak^wa : SK taka : Kp taka : Mar ‘taka (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch táka : Kax ta’ka (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan taka : Shar taka, takan : Shan taka : Kat taka : Poy taka : A taká I : Kn taka : M taka : Yaw taka : Ko tak^wa ‘figado’ : Mt takua ‘figado’ : My takua [ta’k^wa] ‘hígado’.
439. *tama ‘amendoim’ : Ksh tama : SK tama : Kp taama : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam tama (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar tama, taman : Shan tama ‘amendoim’ : Kat tama ‘amendoim’ : Poy -- : A tamá I : Kn tama : M tama : Yaw tama ‘amendoim’ : Ko -- : Mt -- : My --.
440. *tamβo ‘bochecha’ : Ksh tamo : SK tamo : Kp tamo (LOOS; LOOS, 1998) : Mar tamo [tẽ^mbo] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) ‘bochecha’ : Ch tamo : Kax tamu [ta’mu] ‘bochecha’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam tamo, tamõ : Chan -- : Shar tamo, tamon ‘carrillo, mejilla’ : Shan -- : Kat tamu ‘bochecha’ : Poy tãbu ‘bochecha’ : A tamó I : Kn tamu : M tamo : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My tambu [tam’bu] ‘barba, pelos en la mejilla’ (provavelmente tam ‘mejilla’ + bu ‘pêlo’).
441. *tara- : Ksh tâ- ‘probar, catar’ : SK tana- ‘probar, examinar, catar’, natã- ‘probar el centro’ : Kp tana- ‘probar, examinar, catar’ : Mar (tana- ‘entender, saber’) : Ch tana- ‘catar, probar, examinar’ : Kax talahi [ta’lahi] ~ [tələ’hi] ‘experimentar’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar tanai, tanaa ‘seguir, imitar, atender’ : Shan -- : Kat tana ‘saber’ : Poy -- : A tana- II ‘probar, catar, medir, seguir, imitar’ : Kn tana- ‘medir, copiar, seguir’ : M tánã- ‘medir’ : Yaw -- : Ko tan- ‘brincar, experimentar, imitar’ : Mt tankin ‘experimentar’ : My tan ‘probar, contar, medir, pesar, imitar, remedar, rastrear, seguir un río o un riachuelo’.
442. *taoaC_e ‘esp. de palmeira’ : Ksh tós (tó ‘pona (esp. de palmera)’) (SHELL, 1987) : SK taó : Kp tao : Mar -- : Ch ta’wawa ‘esp. de chuchío’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam tao, taõ ‘pona (esp. de palmera)’ : Chan -- : Shar tao, taon ‘pona’ : Shan -- : Kat tau ‘ipaxiuba’ : Poy -- : A tao I : Kn tau : M tao : Yaw tau [taw] ‘paxiúba’ (SOUZA, 2013) : Ko tawad ‘esp. de palmeira’ : Mt tawad ‘paxiúba’ : My --.

443. *tapo ‘ponte, plataforma’ : Ksh tapo ‘plataforma’ : SK tapo ‘anaquel, piso levantado’ : Kp tapo ‘plataforma de corteza de palmera’ : Mar tapo ‘casa (elevada?)’ : Ch ‘tapo ‘la chapapa (para asar carnes)’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tapo, tapon ‘puente, barbacoa, plataforma que se hace en un árbol para esperar animales’ : Shan -- : Kat tapu ‘jirau’ : Poy -- : A tapo I ‘anaquel’ : Kn tapu ‘mesa’, puente, anaquel’ : M tapo ‘puente’ : Yaw tapu ‘ponte’ : Ko -- : Mt -- : My tapu ‘barbacoa (para ahumar carne), plataforma para esperar animales, plataforma para cortar árboles arriba de sus aletas, puente’.
444. *tapon ‘raíz’ : Ksh tapõ : SK tapõ : Kp tapón : Mar tapun : Ch tapóno : Kax (tʃipunu [tʃipuu'nu] (LANES, 2005)) : Yam -- : Chan tapon : Shar tapon, taponpan : Shan tapu : Kat -- : Poy -- : A tapõ II : Kn tapũ : M tápo : Yaw tapun : Ko -- : Mt tapun ‘raíz’ : My tapun ‘raíz (de cualquier planta o árbol)’.
445. *taɾa ‘pau velho, pau podre’ : Ksh tara ‘tronco, flotante, tronco podrido’ : SK -- : Kp tara ‘palo podrido, palo viejo’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch tara ‘palo seco sin gajos y sin cáscara, árbol seco y parado, corazón de palo’ (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tara, taran ‘palizada’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tara II ‘árbol caído’ : Kn tada ‘palizada’ (MONTAG, 1981) : M tárã ‘tronco flotante, rama o tronco parcialmente sumergido’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
446. *taɾá[n]- ‘rodar’ : Ksh tarã : SK tarã- : Kp tarán : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam tara (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar tarai, taraa ‘revolcar’, tarain, taraan ‘hacer girar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tarã- I : Kn tadã- : M tárã- ‘rodar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My tadanka ‘hacer resbalar’.
447. *taɾi ‘roupa’ : (Ksh tari, posiblemente perdido y más tarde prestado del SC) : SK tari : Kp tari ‘túnica’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan tari : Kat tari : Poy -- : A tarí I ‘túnica’ : Kn tadi ‘ropa en general’ : M tari ‘túnica’ : Yaw tari : Ko -- : Mt -- : My --.

448. *tasa ‘tipo de cesto’ : Ksh tasá : SK tasá : Kp tasa : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tasa II : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
449. *tafi ‘sal’ : Ksh tafi : SK tafi : Kp tafi : Ch -- : A tafi I : Kn tafi (también tiwi, disu) : M tafi.
450. *taşa ‘pauzada (amontado de tronco que desce no rio)’ : Ksh -- : SK taşa ‘tronco flotante, árboles parcialmente sumergido’ : Kp taşa ‘amontonamiento de troncos en el río’ : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A taxa II ‘montón de troncos o palo’ : Kn taxa ‘troncos o palos’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
451. *tawa ‘taboca utilizada para fazer flechas’ : Ksh tɔɔ (to ‘caña brava’ (SHELL, 1987)) : SK tawa : Kp tawa : Mar ‘tawa ‘flecha’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch tawa ‘mango de flecha’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tawa, tawan ‘caña de azúcar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A táa I : Kn tawa : M φakátáwa ‘clase de caña o bambú’ : Yaw -- : Ko tawa ‘flecha, taboca usada para fazer flecha’ : Mt tawa ‘taboca, flecha’ : My taua ‘tipo de caña usada para hacer flechas (palabra antigua). C.L. caña brava. Lat. *Gyneryum sagittatum* (Fam. Graminae)’.
452. *tiʔk[i]- ‘quebrar’ : Ksh tiḱi- ‘romper en dos partes’ : SK tiki ‘palo de tejer que divide el hilo en dos partes para tejer’ : Kp tiʔki- : Mar -- : Ch tiki ‘quebrarse’ (ZINGG, 2008), tika- ‘dividir en dos partes’²³³ : Kax -- : Yam tika-ḱi ‘picar’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar tiki, tikia ‘quebrar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tiki- I ‘romper (p.ej. una flecha)’ : Kn tiki- ‘romper cosas duras’ : M t iḱi... ‘romper’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
453. *tipi ‘zarabatana’ : Ksh -- : SK tipi ‘cerbatana’ : Kp -- : Mar ‘moka tipi [‘muka təpi] ‘zarabatana’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan : Shar tipi, tipin ‘cerbatana’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A tipi II : Kn tipi ‘instrumento para succionar tabaco por la nariz’ : Kn : M tipi ‘cerbatana’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

²³³ “La vocal nasalizada versus la vocal oral aquí en los reflejos puede posiblemente explicarse por la circunstancia morfológica de transitividad versus intransividad; el sufijo transitivizador en el Ch puede ser /-a-/: ver nota 67.” (SHELL, 1975 [1965])

454. *tiška[n] ‘broto’ : Ksh tiškã : SK tišká : Kp tiškán : Mar -- : Ch tiş'ka, tiş'kata ‘racimo’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar tişka, tişkapan ‘racimo’ : Shan tuşka : Kat -- : Poy -- : A tişkã II : Kn tişkã : M tíşkã : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
455. *tişo ‘pescoço’ : Ksh (Ksh tişá ‘nuca, tiro ‘garganta’) : SK tişo : Kp tişo : Mar (tipō [tʰipũ] ‘pescoço’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010)) : Ch tişo ‘nuca’(tiroşá ‘tumor en el cuello’, tipoko ‘garganta’) : Kax (tiyiwi ‘pescoço’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012)) : Yam tişo, tişō ‘cuello’ : Chan tişo ‘nuca’ : Shar tişo, tişon ‘cuello, cerviz’ : Shan tişu ‘pescoço’ : Kat tişu ‘nuca’ : Poy tişu ‘pescoço, cangote’ : A tişo II : Kn tişu : M tíşó ‘cuello’ : Yaw tişu ‘pescoço’ : Ko (tikun ‘pescoço’) : Mt (titun ‘pescoço’, tişodo ‘ombro’) : My tişokko [tʰiʂo^kko] ‘bolsa del cuello de rana, papada de largatija, piel del cuello de pava’.
456. *titiC ‘esp. de gavião’ : Ksh tití : SK tití : Kp tití ‘gavilán negro’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar titi ‘hárpia, gavião real’ (CESARINO, 2008) : Ch titípa : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar titin, titinpan ‘halcón, gavilán’ : Shan titi ‘gavião’ : Kat titi ‘gavião’ : Poy -- : A titi I : Kn titi : M títi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (tʰiki tek tek).
457. *tito[n] ‘pomo de adão’ : Ksh titō : SK titō : Kp titón : Mar t̃ito [t̃ito] ~ [t̃it̃o] (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch tito ‘manzana de Adán’ : Kax (tiburu [tibu'ru] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012)) : Yam -- : Chan -- : Shar titoko, titokon ‘nuez de la garganta, manzana de Adán’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A titō II ‘esófago’, típí : Kn titũku ‘manzana de adán’ : M tístō : Yaw -- : Ko tikun ‘pescoço’ : Mt titun ‘pescoço’ : My (t̃ion ‘manzana de Adán’).
458. *-ti ‘nominalizador de instrumento’ : Ksh -ti : SK -ti : Kp -ti ‘sufijo verbal nominalizador’ : Mar -ti ‘nominalizador de instrumento ou objeto’ (cf. COSTA, 1992) : Ch tí ‘sufijo verbal nominalizador’ : Kax -- : Yam -ti ‘nominalizador’ : Chan -- : Shar -ti ‘nominalizador’ : Shan -ti ‘nominalizador instrumental’ : Kat -ti ‘sufijo clasificador de objeto inanimado’ : Poy -- : A -- : Kn -ti ‘nominalizador, “poder”’ : M -ti : Yaw -ti

- ‘nominalizador’ : Ko -te ‘nominalizador de instrumento’ : Mt -te ‘nominalizado com função de instrumento’ : My -te ‘instrumet nominalizer’ (FLECK, 2003).
459. *tima- ‘bater, golpear’ : Ksh -- : SK tima- ‘golpear, golpear la urdimbre al tejer’, βiĩ- ‘golpear en el ojo’ : Kp tima-kin ‘pegar, golpear com el puño’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch tima- ‘apiñar’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar timai, timaa ‘machacar, moler’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn tima- ‘tejer ropa, tocar con el codo, dedo o pie’ : M tímá- ‘moler alimentos’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My (tin ‘machacar barbasco’, tinka ‘patear, pisar algo aplastándolo’, tinke ‘pisar fuerte’).
460. *to... ‘espingarda’ : Ksh -- : SK tóoati ‘escopeta (LORIoT; LAURIAULT; DAY, 1993), to?ati ‘escopeta, la explosión de un arma de fuego’ : Kp too?a?ti ‘escopeta’ (LOOS; LOOS, 1998), to?ati : Mar -- : Ch tootí ‘escopeta’ : Kax -- : Yam too-ak-i ‘dispara a escopeta’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan (tikiti, tikití) : Shar towiti, towitinin : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A too?áti II, tóo?ti : Kn -- : M tówití : Yaw -- : Ko -- : Mt tonkate ‘espingarda’ : My tonka ‘disparar escopeta, palmotear’. (A raiz parece onomatopaica e pode ser uma coincidência, mesmo porque to, too, ton parece com o barulho da arma, note as diferenças nos formativos intermediários entre a raiz e o instrumental).
461. *to?ati ‘coador’ : Ksh toati : SK toati : Kp to?ati : Mar -- : Ch to?atí : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar toati, toatin ‘cedazo, tamiz’ : Shan tuanti ‘remo’ : Kat -- : Poy -- : A to?ati II : Kn tati : M -- : Yaw tuati ‘coador’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt -- : My --.
462. *to[?o]- ‘engravidar, dar a luz’ : Ksh toa- ‘estar preñado, llevar fruto’, toá ‘hijo(a) de la madre’ : SK toó- : Kp to?o- ‘estar preñado’ : Mar toya ‘grávida’ (CESARINO, 2008) : Ch to?oyá ‘estar preñado’ : Kax -- : Yam too, toõ ‘huevo’, too φακῖ ‘poner huevo’ : Chan too ‘huevo’ : Shar to, ton ‘huevo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A to?o- II : Kn tuya- : M tó- ‘estar preñado’, tó ‘huevo’ : Yaw -- : Ko -- : Mt tu ‘ovo’ : My --.

463. *toa ‘esp. de rã ou sapo’ : Ksh toa : SK toa : Kp toa : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A towa I : Kn tua : M toa : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
464. *to[n]a[n] ‘azul escuro’ : Ksh tonã ‘negro’ : SK tonã ‘un cardenal o moretón’ : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam nana ‘azul’ : Chan -- : Shar tonan ‘azul’ : Shan (şinan ‘verde, azul’ (AMARANTE RIBEIRO; CÂNDIDO, 2008)) : Kat (punan ‘azul’) : Poy -- : A -- : Kn tunã ‘planta cuya corteza macerada tiñe el tejido de azul : M tónã ‘azul’ : Yaw (şunan ‘azul ou roxo’) : Ko -- : Mt -- : My.
465. *toşpi ‘verruca’ : Ksh toşpi : SK toşpi : Kp -- : Mar -- : Ch toşpi : Kax -- : Yam toşpi ‘bolita, verruga’ : Chan -- : Shar toşpi, toşpin ‘verruca’ : Shan (tuşpi ‘garganta’) : Kat -- : Poy -- : A toşpi I : Kn tuşpi : M toşpi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My toşpi ‘verruca’.
466. *-wa ‘fazer’ : Ksh -ɔ : SK -- : Kp -- : Ch -wa : A -- : Kn wa-, -wa : M -.
467. *wai : Ksh -- : SK wai : Kp wai ‘chacra, jardín’ : Mar wai ‘plantação, roçado’ (CESARINO, 2008) : Ch wai ‘chacra, jardín’ : Kax wa’hi ‘roça, roçado’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan faj ‘roça’ : Kat wai ‘roça’ : Poy uay ‘roçado’ : A waí I ‘chacra, jardín’ : Kn bai ‘chacra, jardín, trocha, corriente’ : M ɸai ‘chacra, jardín, maizal’ : Yaw uai ‘roçado’ : Ko -- : Mt -- : My --.
468. *waka ‘água, rio’ : Ksh βaka ‘río, líquido’ : SK waka nawa ‘enjambre de peces’ (nawa ‘gente’, juego 265) : Kp waka ‘río’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar ‘waka ‘río’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax waka [wakaʔ] ‘río’ (LANES, 2005) : Yam ɸaka ‘água’ : Chan -- : Shar -- : Shan waka ‘río’ : Kat waka ‘água’ : Poy uaka ‘río’ : A waka II ‘río grande’ : Kn baka ‘pez (término genérico)’ : M ɸaka ‘água, río’ : Yaw uaka ‘río’ : Ko waka ‘água, igarapé’ : Mt waka ‘água’ : My --.
469. *wami ‘esp. de peixe’ : Ksh βami : SK wami : Kp wami : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar (ɸama, ɸaman ‘lagarto, cocrotilo, caimán’) : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wami : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

470. *wani[m] ‘pupunha’ : Ksh βañĩ : SK wañĩ : Kp wanín : Mar wañĩ ‘pupunha’ : Ch wani, wa'nima ‘chima, chonta fina, chonta de loro’ : Kax wanima [wani'ma] ‘pupunha’ : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat wanin ‘pupunha’ : Poy -- : A wañĩ I : Kn bañĩ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt wanin ‘pupunha, Lat. *Bactris gasipaes*’ : My uanin ‘palmera espinosa cultivada’.
471. *waɾa[m] ‘esp. de abóbora’ : Ksh βarã : SK warã : Kp warán : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φaran, φaraman ‘zapallo, calabaza’ : Shan wara : Kat waran ‘gerimun’ : Poy -- : A wãrã II : Kn barã : M φárã : Yaw -- : Ko waɾa ‘mamão’ : Mt wata ‘mamão’ : My wada ‘papaya (palabra antigua), Lat. *Carica papaya* (Fam. *caricaceae*)’.
472. *wasa ‘esp. de macaco’ : Ksh βasa : SK wasa : Kp wasa : Mar -- : Ch wasa ‘el chichilo (esp. de mono)’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar φasa ‘esp. de mono’ : Shan -- : Kat (wara ‘macaco de cheiro’) : Poy -- : A wasa I : Kn basa : M φasa : Yaw wasa ‘macaco de cheiro’ : Ko -- : Mt -- : My --.
473. *was ‘varrer, ciscar’ : Ksh βasã- ‘rascar como lo hace la gallina’ : SK wasã- ‘frotar’ : Kp wasa-kin ‘barrer, limpiar’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch (wasia ‘barrer’ (ZINGG, 1998)) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wasa- II ‘suavizar (la tierra), rastrillar’ : Kn basã- ‘hozar, como lo hace el cerdo : escarbar, como lo hace el perro’ : M φásã- : Yaw -- : Ko βeska ‘varrer’ : Mt beska-kin ‘varrer’ : My beska [bes'ka] ‘barrer’.
474. *wasi ‘erva’ : Ksh βasi : SK wási, wasín ‘esp. de hierba’ (LORIOT; LAURIAULT; DAY, 1993) : Kp wasi : Mar 'wasi ‘erva, capim’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch wasi : Kax wa'sai ‘capim’ (SOUSA, 2004) : Yam φasi ‘hierba’ : Chan -- : Shar -- : Shan wasi ‘capim’ : Kat wasi ‘capim’ : Poy -- : A wasí I : M φasi : Kn basi : M -- : Yaw uasi ‘capim’ : Ko -- : Mt -- : My uasin [wa'sin] ‘pasto, hierba’, uesin [we'sin] ‘hierba, pasto (pronúncia alternativa)’.
475. *was[n]o[n] ‘teia de aranha’ : Ksh (βaskõ ‘telaraña’) : SK wasnõ ‘telaraña’ : Kp -- : Mar wasnõ ‘aranha’ (CESARINO, 2008) : Ch βasnona : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wasnõ ‘araña,

- telaraña' : Kn basñĩ 'araña', basñũ 'neblina espesa, niebla' : M-- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
476. *waşmi[n] 'algodão' : Ksh : SK waşmĩ : Kp waşmín : Mar waşmĩ (CESARINO, 2008), 'wafma (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch waşmíni, waşmi 'algodón' : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat wafiman : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko (wafmín 'nome de mulher') : Mt -- : My --.
477. *-wi 'sufixo verbal imperativo' : Ksh (Ksh -i, usado en las citas de historias antiguas) : SK -wi : Kp -wi : Mar -wi 'modo imperativo' (KENNEL JR., 1978) : Ch -wi : Kax wi 'imperativo (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -fi 'imperativo' : Chan -- : Shar -wi, win 'imperativo' : Shan -wi 'imperativo' : Kat wi ~ wĩ 'imperativo' (MENDES, 1998) : Poy -- : A -- : Kn -wi : M -wi : Yaw -wi 'imperativo' : Ko -- : Mt -- : My --.
478. *wia 'igarapé (?)' : Ksh -- : SK wiã 'riachuelo' : Kp wián ?ani 'riachuelo grande' : Mar (tiã 'igarapé (CABRAL; OLIVEIRA, 2010)) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat (tinan anipa 'igarapé grande') : Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
479. *wits[a] 'outro' : Ksh bitsi : SK witsa : Kp witsa : Mar 'witsa (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch witsa : Kax -- : Yam fiitsa 'otro' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar fiitsa 'otro' : Shan -- : Kat ßari-witsan 'outro dia' : Poy -- : A witsa I : Kn bitsa : M fiitsa : Yaw witsa [witsa] (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt witsi 'outro' : My utsi 'outro'.
480. *wisti 'um (numeral)' : Ksh -- : SK wistíora : Kp wistí 'uno' : Mar wistisi [wis'tisi?] 'um' (BOUTLE, 1964) : Ch wisti, wistita 'solo, uno' (ZINGG, 1998), wistita : Kax wispi 'um' (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam -- : Chan fiisti : Shar fiisti 'uno' : Shan wisti 'um' : Kat wisti 'um' : Poy -- : A -stii : Kn bisti 'solamente', bistitja : M fiisti : Yaw uisti 'um' : Ko -- : Mt -- : My --.
481. *wiřtaşi 'canela, parte inferior da perna' : Ksh itaş : SK witaş : Kp wiřtaş : Mar itaşi [iřtaşi] 'canela' (CABRAL; OLIVEIRA, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam fiitaş 'pierna' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan witaş dabi 'pantorrilla' :

- Shar ϕ ita ϕ i, ϕ ita ϕ in ‘espinilla, canilla’ : Shan -- : Kat itaf pustu ‘músculo da perna’ : Poy -- : A witax I : Kn bita ϕ : M ϕ ita ϕ i : Yaw β itaf ‘perna’ : Ko -- : Mt -- : My --.
482. *wia ‘cheiro’ : Ksh ia ‘olor de pez’ : SK wia ‘olor gasoso de la carnes’ : Kp **wiapi** ‘apestar’ (LOOS; LOOS, 1998) : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wiya : Kn bia ‘olor de pez o de sangre’ : M ϕ ia : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
483. *wi[n]a- ‘remar’, *winati ‘remo’ : Ksh ina- ‘remar’, inati ‘canalete’ : SK wina- ‘remar’, witi ‘remo, canalete’ : Kp wina- ‘remar’, winti ‘canalete’ : Mar winati ‘remo’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A witi I ‘remo, canalete, paleta de madera para mezclar’ : Kn binati ‘remo, paleta para mezclar (para cocinar)’ : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My **unka** [uŋ'ka] ‘remar’.
484. *wi[n]- : Ksh \tilde{i} - ‘llorar’ : SK wini- ‘llorar’ : Kp wini- ‘lamentarse, llevar duelo’ : Mar -- : Ch wini- ‘sollozar, el sonido de la voz del mutún’ (ZINGG, 1998) : Kax wi ϕ ahi ‘chorar’ (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam oia (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar ϕ ini, ϕ inia ‘llorar por un muerto, lamentarse por un muerto’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wini ϕ i ‘cantar (um pájaro)’ (HYDE, 1980) : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko win- ‘chorar’ : Mt win-kin ‘chorar’ : My uin [win] ‘llorar’.
485. *wino ‘borduna, bastão’ : Ksh ino : SK wino : Kp wino : Mar wino [wino] ~ [wĩ \tilde{n} du] ‘pau dos velhos e do pajé’ (CABRAL; OLIVEIRA, 2010), wino ‘cajado de pupunheira’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar ϕ ino, ϕ inon ‘macana, garrote’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wino I : Kn binu : M ϕ ino : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
486. *wi[n]o- ‘passar’ : Ksh ino : SK wino- : Kp wino- : Mar -- : Ch wino- : Kax -- : Yam ϕ in \tilde{o} ϕ a-kĩ ‘pasar’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : Shar ϕ inoin, ϕ inoan ‘pasar una cosa o un lugar’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : Yaw uinun ‘vencer’ : A wino- II : Kn binũ- : M ϕ ĩn \tilde{o} - : Ko -- : Mt -- : My --.
487. *wipoko ‘pantorrilha’ : Ksh ipoko : SK wipoko : Ch wipoko ‘pantorrilla’ : honí-wíko ‘pierna de hombre’ : Mar -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- :

- Shan -- : Kat -- : Poy -- : A wipoko II : Kn (bipustu) : M (φίποστο) : Yaw -- :
Ko -- : Mt wipuku ‘perna’ : My --.
488. *wiso ‘negro’ : Ksh (isu ?ino ‘otorongo negro’, isu unu ‘esp. de muena
caracterizada por tener una corteza negra’ (ZARIQUIEY, s.d.)) : SK wiso :
Kp wiso : Mar -- : Ch wiso ‘morado, bien negro’ (ZINGG, 1998) : Kax -- :
Yam φiso ‘negro’ : Chan φiso : Shar φiso ‘oscuro, oscuro, negro’ : Shan -- :
Kat -- : Poy -- : A -- : Kn : M φisso : Yaw -- : Ko -- : Mt wisu ‘sujo, preto’ :
My --.
489. *wis... ‘estrela’ : Ksh ?ispa, ?ispa ‘estrella’ : SK wijǎ : Kp wiǎi : Mar ‘iǎi
‘estrela’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch wijtima ‘estrella’ : Kax -- :
Yam iǎti φiro ‘estrella’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan iǎi ‘estrella’ : Shar
φiǎi, φiǎin ‘estrella’ : Shan iǎtin, iǎtin ‘estrela’ : Kat iǎi ‘estrela’ (AGUIAR,
1994), βiǎi ‘estrela’ (BARROS, 1987) : Poy -- : A wiǎi I : Kn biǎi : Kn -- : M
φiǎi : Yaw iǎtin ‘estrela’ : Ko wispa ‘estrela’ : Mt wispa ‘estrela’ : My uispa
[wis'pa].
490. *-ya ‘com, em posse de’ : Ksh o, (Ksh -ño) : SK -ya : Kp -ya : Mar -ya
‘formativo de nomes e adjetivos’ (COSTA, 1992) : Ch ya- ‘con’ (ZINGG,
1998) : Kax -- : Yam -ya ‘con, complemento de asociación’ : Chan -- : Shar
-ya ‘con, por’ : Shan -- : Kat (ya ‘ter’) : Poy -- : A ya I : Kn -ya : M -ya :
Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
491. *yaʔra[n] ‘esp. de carrapato’ : Ksh ǎ : SK yaǎ : Kp yaʔnán : Mar -- : Ch
yaʔa, yaʔani ‘la broquelona (clase de garrapata grande)’ (ZINGG, 1998),
yaʔáni : Kax ya'li [ja'lə] ‘carrapato’ (COUTO, 2005) : Yam -- : Chan -- : Shar
yanan, yanapan ‘garrapata’ : Shan -- : Kat (rianan) : Poy -- : A yanǎ I : Kn
yanǎ : M yǎnǎ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My tʃanin [tʃa'nin] ‘garrapata’.
492. *yakat- ‘cidade, assentamento’ : Ksh akáitsi (βitsi ‘otro’) ‘otra tierra, otra
parte, otro sitio’ (SHELL, 1987) : SK yaká- : Kp (yaʔasamiti, yaʔsamiti
‘sentarse’ (LOOS; LOOS, 1998)) : Mar -- : Ch yaʔa, yaʔata ‘pueblo,
ciudad, país’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Kat -- : Shan (nuku ika) :
Poy -- : A -- : Kn -- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

493. *[-ya]ma ‘sufixo negativo’ : Ksh -ma : SK -yama : Kp yama : Mar -ma, -ama ‘negativo’ (KENNEL JR., 1978) : Ch -yama : Kax -ma, maʔa (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam maa ‘no’, -ma ‘negación’ (FAUST; LOOS, 2002), -yama ‘negativo prohibitivo’ : Chan -- : Shar -ma ‘no’, -yama ‘imperativo negativo, prohibición’ : Shan -ma ‘negação geral’, -yama ‘negação de imperativo’ : Kat yama ‘não ter, negativo’, ma ‘não’ : Poy ba ‘assertiva negativa’ : A -yama : Kn -ma, -yama : M -ma : Yaw -ma ‘negação’ : Ko -ma ‘negação passado’, (-men ‘negação não passado’) : Mt -ama ‘marca de negação passado’, (-emen ‘morfema de negação para tempo não passado’) : My --.
494. *yami[t] ‘escuro, noite’ : Ksh imí ‘noche’ (imiíʃi ‘ayer, mañana’, ver At abajo) : SK yamí : Kp yamí : Mar ya’mi ‘noite’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch -- : Kax yamita [yamí’ta] ~ [ya.mi’ta] (VALENZUELA; OLIVEIRA, 2012) : Yam yamia ‘nocturno, pasado’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan yabi : Shar yami, yamin ‘noche’ : Shan yami ‘noite, escurecer’ : Kat yami ‘noite’ : Poy iãvu ‘noite’ : A yamii II : Kn yami : M yámi ‘noche’ : Yaw iami ‘noite’ : Ko imit ‘noite, escuro’ : Mt imid ‘noite’ : My --.
495. *yami ‘machado’ : Ksh : SK yami : Kp yami : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam yami ‘hacha’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan yami, yabi ‘hacha de metal’ : Shar yami, yamin ‘hacha’ : Shan -- : Kat -- : Poy iamĩbapu ‘panela dos brancos’ (prov. iamĩ + bapu) : A yami I ‘cuchillo grande, machete, metal’ : Kn yami ‘hacha, hierro’ : M yami ‘hacha, hacha pequena’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
496. *yapa ‘peixe’ : Ksh apʒʒ : SK yapa : Kp yapa : Mar yapa [‘yapaʔ] ‘peixe’ (BOUTLE, 1964) : Ch ‘yapa ‘pez semejante a la sardina’ : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar yapa, yapan ‘mojarra’ : Shan -- : Kat yapa ‘piaba’ : Poy -- : A yapa II : Kn yapa : M yápá ‘pez pequeño : Yaw yapa [ja’pa] ‘piaba’ (SOUZA, 2013) : Ko -- : Mt tʃapa : My --.
497. *yãtan ‘tarde’ : Ksh atã : SK yãtã : Kp yantán : Mar -- : Ch yáta : Kax (liti [lɔ’tɔ] ‘dia’ (COUTO, 2005)) : Yam yãta ‘tarde’ : Chan -- : Shar yatan

- 'tarde' : Kat -- : Shan -- : Poy -- : A yātã II : Kan -- : M yátã : Yaw yantan [jãtã] (SOUZA, 2013) : Ko (nitin 'dia') : Mt (nitin 'dia') : My --.
498. *yawa 'esp. de queixada (porco do mato)' : Ksh ñɔɔ, (o 'huangana, pecarí' (SHELL, 1987)) : SK yawa : Kp yawa : Mar 'yawa 'queixada' : Ch yawa : Kax -- : Yam -- : Chan yawa 'chancho' : Shar yawa, yawan 'huangana, jabalí' : Shan -- : Kat yawa 'queixada' : Poy iawa : A yaa II : Kn yawa : M yáwá : Yaw iaua [ja.wa] 'queixada' : Ko -- : Mt tɟawa 'queixada, bando de queixada' : My --.
499. *yawis 'esp. de tatu' : Ksh aís, (ais, ais 'esp. de armadillo o carachupa' (SHELL, 1987)) : SK yawíɟ : Kp yawíɟ : Mar ya'viɟi 'tatu' (ANONBY; HOLBROOK, 2010), yawiʂ 'tatu' (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax yawa'ɟi 'tatu' : Yam -- : Chan -- : Shar yawiʂi, yawiʂinin 'armadillo, carachupa' : Shan yafiʂi 'tatu' : Kat yawiɟi 'tatu' : Poy iawiɟi 'tatu' : A yaiɟ II : Kn yaiɟ : M yáwiɟí : Yaw iauiɟi 'tatu' : Ko tsawes 'tatu' : Mt tsawes 'esp. de tatu' : My tsaues [tsa'wes] 'armadillo de Kappler'.
500. *yoʔi- 'dizer, falar' : Ksh ñɔi- : SK yoi- : Kp yoʔi- : Mar yu'wãã (ANONBY; HOLBROOK, 2010), yoi- 'dizer' (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : Yam yoi- 'decir' (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar yoi, yoia 'decir, hablar, anunciar, comunicar, avisar' : Shan yu 'dizer' : Kat -- : Poy -- : A yoʔi- I : Kn yui- : M yóí 'decir, hablar' : Yaw iui 'dizer' : Ko tɟui- 'dizer, contar' : Mt tɟuikin 'conversar' : My tɟui ~ tɟi 'contar a alguien, contar sobre alguien/algo : contar un cuento, aconsejar, consultar, preguntar'.
501. *yoʔi[n]ja 'animal' : Ksh ñoina : SK yoina : Kp yoʔina : Mar yoĩ 'animal' (CESARINO, 2008) : Ch yoʔína 'animal' : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar yoina, yoinan 'animal comestible' : Shan yuina 'pássar, animal comestível' : Kat -- : Poy iũida 'animal' : A yõĩina I : Kn yuina(ka) 'animal comestible' (MONTAG, 1981), yuina... : M yóiná : Yaw iuina 'animal' : Ko (oen 'carne') : Mt -- : My --.
502. *yoʔo 'calor, quente' : Ksh -- : SK yoó 'calentarse al fuego o al sol' : Kp yoʔo 'tibido, caliente' : Mar -- : Ch yoʔo 'calentarse (parado alrededor del fuego)' (ZINGG, 1998) : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar yooi, yooa

- ‘calentarse’ : Shan -- : **Kat yuu** ‘esquentar’ : Poy -- : A yoʔo- II : Kn yu- ‘entibiar, calentar’ (raíz neutral, transitivizada por el sufijo -a, intransitivizada por el sufijo -i) : M yóí ‘entibiar’ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : **My tʃu** ‘caliente, caluroso, calor’.
- 502a. *yo[n]a- ‘ter febre, esquentar-se’ : Ksh ñonóɔ- (= ñona- + -ɔ- ‘hacer’) ‘calentar o ahumar carne sobre el fuego’ : **SK yoná, yonákan** ‘fiebre’ : Kp yona-ti ‘estar afiebrado, tener fiebre’ : **Mar yoná** ‘malária, febre’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax -- : **Yam yona-** ‘tener fiebre’ : **Chan yoda-** ‘fiebre’ : **Shar yonai, yonaa** ‘tener fiebre’ : Shan -- : **Kat yuna-tai** ‘febre’ : Poy -- : A -- : Kn yuna- : M -- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : **My tʃuua** [tʃu.wa] ‘calentar’.
503. *yoβi[ka] ‘feiticeiro’ : Ksh -- : **SK yoβí** : Kp yoβí ‘hechicero’ : **Mar yovi** ‘espíritu’ : **Ch** ‘yoβi, yoβika ‘curandero, brujo’ (ZINGG, 1998), yóβika : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar -- : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A yowii II ‘espíritu malo’ : Kn -- : M yóφĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
504. *yotʃi ‘esp. de pimenta’ : Ksh -- : **SK yotʃi** : Kp yotʃi : **Mar yotʃi** (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch yotʃi : Kax -- : Yam -- : Chan -- : **Shar yotʃi, yotʃin** ‘aji’ : **Shan yutʃi** ‘pimenta’ : Kat -- : Poy -- : A yotʃi I : Kn yutʃi : M yotʃi : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
505. *yoka- ‘perguntar’ : Ksh ñoká- : **SK yoká-** : Kp yoká- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : **Yam yōka-kĩ** ‘preguntar’ (EAKEN, 2008) : Chan -- : **Shar yokain, yokaan** ‘pedir, preguntar, averiguar’ : **Shan yuka** ‘perguntar’ : Kat -- : Poy -- : A yokaa- I : Kn yuka- : M yókã- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
506. * yoma ‘esp. de peixe’ : Ksh oma : SK -- : Kp -- : Mar -- : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : **Shar yoma, yoman** ‘boquichico (esp. de pez)’ : Shan -- : Kat -- : **Poy iumã** ‘peixe’ : A yoma I : **Kn yuma** ‘esp. de pez’ : M yoma : **Yaw iuma** ‘peixe’ : Ko -- : Mt -- : My --.
507. *yoma[n] ‘fio, linha, corda’ : Ksh ñomã : **SK yomã** : Mar -- : Kp yomín : Ch -- : Kax -- : Yam -- : Chan -- : **Shar yomín, yomínon** ‘hilo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A yomã, yomĩ I : Kn yumĩ : M yómĩ : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.

508. *yomítso- ‘roubar’ : Ksh -- : SK yomítso- : Kp yomítso- : Mar -- : Ch yoma- ‘robar’ : Kax -- : Yam yomítso- ‘robar’ (FAUST; LOOS, 2002) : Chan -- : Shar yomítsoi, yomítsoa ‘robar, robo’ : Shan -- : Kat -- : Poy -- : A -- : Kn yumítso- ‘robar’ : M yómítso ‘ladrón’, yómítso- : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.
509. *yoṛa ‘gente, corpo humano’ : Ksh (ra- ‘body, flesh, skin’) : SK yora : Kp yora ‘cuerpo, gente’ : Mar ‘yora ‘gente’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010), yora ‘pessoa, corpo’ (CESARINO, 2008) : Ch ‘yora ‘cuerpo, persona’ : Kax -- : Yam yora, yorã ‘cuerpo, gente, persona del mismo grupo étnico’ : Chan yura, yora : Shar yora, yoran ‘cuerpo, gente, paisano’ : Shan yura ‘pessoa’ : Kat yura ‘corpo humano’ : Poy -- : A yora II : Kn yura ‘cuerpo’ : M yórá : Yaw iura ‘gente’ : Ko (ḥaḥa ‘hombre’) : Mt (dada ‘corpo, homem’) : My (dada [da’ra] ‘cuerpo, torso, hombre desconocido’).
510. *yo[o]si ‘crescer’ : Ksh usi ‘antecesores’ : SK yosi : Kp yosiḅo ‘viejo’ : Mar yosi ‘ensinar’ (CESARINO, 2008) : Ch -- : Kax yosi-hi [josi’hi] ‘ensinar’ (SOUSA, 2004) : Yam -- : Chan -- : Shar yosi, yosia ‘crecer’ : Shan -- : Kat yusi-ai ‘crescer’ : Poy -- : A -- : Kn yuṣĩ- ‘instruir, conocimiento’ : M yóosí : Yaw -- : Ko tsusiḅo ‘velho’ : Mt -- : My tsusio ‘viejo, anciano, animal macho viejo’.
511. *yosi[n] ‘espíritu’ : Ksh uḷĩ, unḷin ‘reflexión, espíritu malo’, ñoḷĩ ‘espíritu malo, reflexión’ : SK yoḷĩ ‘demonio, espíritu’ : Kp yoḷín ‘espíritu, máscara’ : Mar -- : Ch yofini, yofi ‘viento, espíritu, sombra, diablór’ (ZINGG, 1998), yoḷíni : Kax -- : Yam -- : Chan -- : Shar yoṣi, yoṣin ‘espíritu, alma, fantasma’ : Shan yuṣin ‘retrato, espíritu’ : Kat -- : Poy iũḷĩ ‘alma’ : A yoḷĩ II ‘espíritu, fantasma’ : Kn yuḷĩ ‘alma, fotografía, espíritu’ : M yóḷĩ : Yaw iunḷin ‘alma’ : Ko tsusin ‘espíritu’ : Mt tsunsin ‘espíritu’ : My --.
512. *yoṣa ‘mulher, velha’ : Ksh -- : SK -- : Kp -- : Mar yũḷja ‘mulher velha’ (ANONBY; HOLBROOK, 2010) : Ch yoṣa ‘mujer, hembra’ : Kax -- : Yam yõḷja ‘hija, niña (voc. empleado por el padre o la madre)’, yõḷjaḶo, yõḷjaḶaḶĩ ‘mujer vieja’ : Chan -- : Shar yoṣaḶo, yoṣaḶoan ‘vieja, anciana’ : Shan yuṣan

‘velha’ : Kat yusavu ‘velha’ : Poy -- : A yoxã I ‘hembra’ : Kn yusã ‘mujer
anciana, hembra de animal’ : M yóσαφο : Yaw -- : Ko -- : Mt -- : My --.